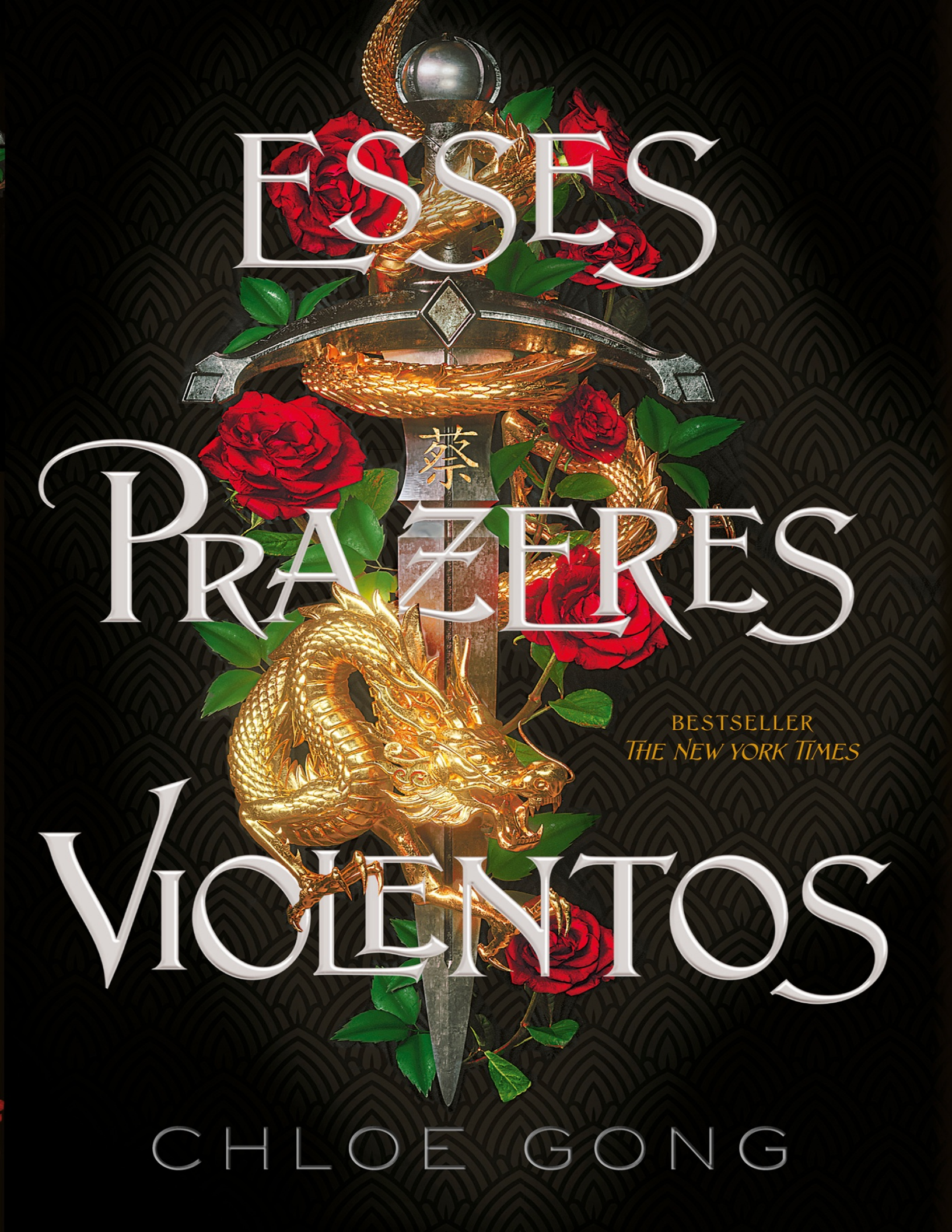
ESSES
PRAZERES
VIOLENTOS
BESTSELLER
THE NEW YORK TIMES
CHLOE GONG

Ficha Técnica

Título: Esses Prazeres Violentos

Título original: These Violent Delights

Autor: Chloe Gonge

Tradução: Sofia Ribeiro

ISBN: 9789896614096

Quinta Essência

uma editora do grupo Leya

Rua Cidade de Córdova, n.º 2

2610-038 Alfragide – Portugal

Tel. (+351) 21 427 22 00

Fax. (+351) 21 427 22 01

© 2020, Chloe Gong

Publicado por acordo com Triada US Literary Agency através de IMC, Agència Literària.

Todos os direitos reservados de acordo com a legislação em vigor.

Esta edição segue a grafia do novo acordo ortográfico.

www.quintaessencia.com.pt

www.leya.pt

Esta edição segue a grafia do novo acordo ortográfico.

Índice

Capa

Ficha Técnica

Prólogo

Capítulo 1

Capítulo 2

Capítulo 3

Capítulo 4

Capítulo 5

Capítulo 6

Capítulo 7

Capítulo 8

Capítulo 9

Capítulo 10

Capítulo 11

Capítulo 12

Capítulo 13

Capítulo 14

Capítulo 15

Capítulo 16

Capítulo 17

Capítulo 18

Capítulo 19

Capítulo 20

Capítulo 21

Capítulo 22

Capítulo 23

Capítulo 24
Capítulo 25
Capítulo 26
Capítulo 27
Capítulo 28
Capítulo 29
Capítulo 30
Capítulo 31
Capítulo 32
Capítulo 33
Capítulo 34
Capítulo 35
Capítulo 36
Capítulo 37
Capítulo 38
Epílogo
Agradecimentos
Nota da Autora

Chloe Gong

ESSES PRAZERES VIOLENTOS

Tradução

Sofia Ribeiro

PARA TI,

CARÍSSIMO LEITOR

Esses prazeres violentos têm fins violentos

E em seu triunfo morrem, como fogo e pólvora,

Que, ao beijarem-se, consomem.

Shakespeare, *Romeu e Julieta*

Prólogo

Na cintilante Xangai, um monstro desperta.

Abre bruscamente os olhos na barriga do rio Huangpu, as mandíbulas descerrando imediatamente para sentirem o sabor do sangue fétido que escorre para as águas. Deslizam linhas vermelhas pelas ruas modernas da cidade antiga: linhas que desenham teias nas pedras como redes de veias e, gota a gota, essas veias surgem nas águas, derramando a essência da vida da cidade na boca de outrem.

À medida que a noite escurece, o monstro vai-se erguendo, acabando por emergir das águas com a ociosidade de um deus esquecido. Quando levanta a cabeça, a única coisa que se vê é a Lua baixa e roliça.

Inspira. Aproxima-se furtivamente.

A sua primeira respiração torna-se uma brisa fria, projetando-se nas ruas e roçando os tornozelos dos que têm a pouca sorte de se arrastar para casa durante a hora do diabo. Este lugar entoa ao som da devassidão. Esta cidade é imunda e encontra-se num profundo estado de servidão face ao pecado perpétuo, tão saturada do beijo da decadência que o céu ameaça perseguir e esmagar todos os que vivem animadamente nela, como punição.

Não surge contudo nenhuma punição – ainda não. A década é lassa e a moral mais lassa ainda. Enquanto o Ocidente ergue os braços numa festa perpétua, enquanto o resto do Reino Médio permanece dividido entre os senhores da guerra envelhecidos e os vestígios do governo imperial, Xangai assenta na sua própria bolha de poder: *a Paris do Oriente, a Nova Iorque do Ocidente.*

Apesar da toxina que goteja de todos os becos sem saída, este lugar está tão, mas tão *vivo*. E também o monstro nasce de novo.

Sem o saberem, as pessoas desta cidade dividida seguem em frente. Dois homens saem a cambalear pelas portas abertas do seu bordel preferido, e o seu riso é penetrante e forte. O silêncio da hora tardia contrasta bruscamente com a atividade fervilhante de onde eles vêm e os seus ouvidos fazem um esforço para se ajustarem, zumbindo fortemente com a transição.

Um deles é baixo e corpulento, como se pudesse deitar-se no chão e começar a rolar pelo passeio como um berlinde; o outro é alto e desengonçado, com os membros desenhados em ângulos retos. Com os respetivos braços nos ombros do outro, vão a cambalear até à beira da água, em direção ao rio, onde os mercadores chegam com bens – dia sim, dia não.

Os dois homens conhecem bem estes portos; afinal, quando não estão a frequentar clubes de *jazz* ou a beber as mais recentes cargas de vinho, que chegam de algum país estrangeiro, transmitem aqui mensagens, vigiam aqui mercadorias, transportam aqui bens de um lado para o outro – tudo isso para o Gangue Escarlate. Conhecem este passadiço como as palmas das suas mãos, mesmo quando está em silêncio, como agora, sem as habituais mil e uma línguas berradas sob mil e uma diferentes bandeiras.

A esta hora, só se ouve a música abafada que chega dos bares ali perto e as bandeirolas da loja grande, sacudidas por cada rajada de vento.

E os cinco Flores Brancas a conversar animadamente em russo.

É culpa dos dois homens Escarlates não ouvirem antes a algazarra, mas têm o cérebro enfrascado de álcool e os sentidos a zumbir agradavelmente. Quando os Flores Brancas ficam à vista, quando os homens veem os seus rivais de pé à volta de um dos portos, a passarem uma garrafa e a sacudirem os ombros com as gargalhadas ruidosas, nenhum dos grupos pode recuar sem dar parte de fraco.

Os Flores Brancas endireitam-se, as cabeças de lado para o vento.

– Devíamos continuar a andar – sussurra o Escarlate mais baixo para o companheiro. – Sabes o que disse Lord Cai sobre uma nova rixa com os Flores Brancas.

O outro mais desengonçado limita-se a morder a parte interna das bochechas, sugando o rosto até ficar com um aspeto de demónio bêbedo e arrogante.

– Ele disse que não devíamos começar nada. Nunca disse que *não podíamos* participar numa rixa.

Os homens Escarlate falam no dialeto da sua cidade, a língua plana na boca e os sons bem comprimidos. Mesmo quando erguem a voz com a confiança de quem joga em casa, sentem-se pouco à vontade, porque agora é raro um Flor Branca não conhecer a língua – às vezes, os seus sotaques são indistinguíveis dos de um nativo de Xangai.

Um facto que se revela correto quando um dos Flores Brancas berra, a sorrir:

– Então, estão a tentar criar uma rixa?

O Escarlate mais alto faz um som grave na base da garganta e faz pontaria com um escarro para os Flores Brancas. Aterra junto do sapato do que está mais perto.

Num piscar de olhos: armas sobre armas, todos os braços erguidos e alegres e contentes no gatilho, prontos a premir. Trata-se de uma cena a que já nenhuma alma presta a mínima atenção; é uma cena mais banal na inebriante Xangai do que o fumo do ópio que se eleva de um cachimbo grosso.

– Ei! Ei!

Um apito soa no silêncio tenso. O polícia que patrulha o lugar limita-se a expressar irritação perante a inatividade diante dos seus olhos. Já viu esta mesma cena três vezes naquela semana. Levou rivais à força para celas da prisão e pediu uma limpeza quando, em vez disso, os membros se deixaram uns aos outros mortos e cravados de balas. Cansado do dia, só quer ir para casa, pôr os pés de molho em água quente e comer a refeição que a mulher terá deixado, fria, em cima da mesa. Já tem a mão a fervilhar para o cacete, a fervilhar para pôr juízo na cabeça daqueles homens, a fervilhar para os relembrar de que não têm nenhum rancor pessoal uns contra os outros. Aquilo que os alimenta é a lealdade inconsequente e infundada aos Cai e aos Montagov, e isso seria a sua ruína.

– Queremos acabar com isto e ir para casa? – pergunta o polícia. – Ou queremos que venham comigo e…

Para bruscamente.

Um *rosnado* ecoa, vindo das águas.

O aviso que irradia desse som não é uma sensação que possa ser negada. Não é o género de paranoia que se sente quando se acha que se está a ser seguido num cruzamento abandonado; nem é o tipo de pânico produzido quando uma tábua do soalho range numa casa que se julgava deserta. É sólido, tangível – quase exala uma humidade para o ar, um peso que pressiona a pele nua. É uma ameaça tão evidente como uma arma apontada à cara e, no entanto, dá-se um momento de inação, um momento de hesitação. O Escarlate baixo e corpulento vacila primeiro, os olhos disparando para a borda do passadiço. Baixa a cabeça, espreitando as profundezas turvas, e comprime os olhos para acompanhar os movimentos agitados e rolantes das ondinhas na água.

Está com a altura certa para que o seu companheiro grite e o derrube com uma brutal cotovelada na têmpora quando alguma coisa irrompe do rio.

Pontinhos pretos.

Quando o homem baixo cai ao chão com força, o mundo chove sobre ele em pontinhos: umas coisas estranhas que ele não consegue ver bem, porque tem a vista a andar à roda e a garganta em espasmos de vómito. Só sente umas alfinetadas aterrarem nele, picando-lhe os braços, as pernas, o pescoço; ouve o companheiro gritar, os Flores Brancas rosnarem uns para os outros de maneira indecifrável, em russo, e depois, finalmente, o polícia guinchar em inglês:

– Tirem isso! Tirem-nos!

O homem que está no chão tem um batimento cardíaco tempestuoso. Com a testa pressionada contra o passadiço, sem querer contemplar seja o que for que está a fazer estes uivos terríveis, é consumido pelo seu próprio pulso. Sobrepõe-se a todos os seus sentidos e só quando algo grosso e molhado lhe bate na perna é que se endireita atabalhoadamente, horrorizado, a esbracejar e espernear de forma tão radical que lhe salta um sapato do pé e ele nem se dá ao trabalho de o apanhar.

Não olha para trás enquanto corre. Esfrega-se para limpar os detritos que choveram sobre ele e soluça no seu desespero por inspirar, inspirar, inspirar.

Não olha para trás para verificar o que era que espreitava das águas. Não olha para trás para ver se o seu companheiro precisa de ajuda e definitivamente não olha para trás para identificar o que aterrou na sua perna provocando uma sensação tão viscosa e peganhenta. O homem limita-se a correr e correr, passando pelos sinais de néon dos teatros quando a sua última luz pisca e se desliga, passando pelos sussurros que se arrastam

debaixo da porta da rua dos bordéis, passando pelos sonhos cor-de-rosa dos mercadores que dormem com pilhas de dinheiro por baixo do colchão.

E há muito se foi quando já só há homens mortos, estendidos ao longo do porto de Xangai, de pescoço torcido e olhos fixos no céu noturno, vidrados com o reflexo da Lua.

Capítulo 1

SETEMBRO DE 1926

No coração do território do Gangue Escarlate, o lugar onde estar era um clube burlesco.

O calendário ia-se aproximando cada vez mais do fim da estação, com a página de cada data a ser destacada e a soltar-se mais depressa do que as folhas amarelecidas das árvores. O tempo apressava-se e não se apressava, simultaneamente, os dias escasseavam, arrastando-se, contudo, de mais. Os trabalhadores estavam sempre com pressa de ir a algum lado, quer tivessem ou não verdadeiramente um destino. Havia sempre um apito em pano de fundo; havia sempre a trepidação constante dos elétricos que se arrastavam por carris desgastados cravados nas ruas; havia sempre o fedor do ressentimento a empestar os bairros e a entranhar-se profundamente na roupa lavada que ondulava à janela, como bandeirolas no exterior das janelas comprimidas dos apartamentos.

Esse dia não era exceção.

O relógio fizera uma pausa no Festival da Lua – o dia vinte e dois do mês, segundo os métodos ocidentais de contagem dos dias nesse ano. Fora em tempos costume acender lanternas e sussurrar histórias de tragédias, adorar aquilo que os antepassados veneravam com o luar aninhado nas palmas das mãos. Agora estava-se numa nova era – uma era que se considerava acima dos antepassados. Independentemente do território em que estavam, a gente de Xangai animava-se com o espírito da nova celebração desde o raiar da aurora e, nesse momento, em que os sinos repicavam nove vezes a hora, as festividades apenas estavam a começar.

Juliette Cai supervisionava o clube, os seus olhos à procura dos primeiros sinais de problemas. Estava na semiobscuridade apesar da abundância de candelabros cintilantes pendurados do teto, o ambiente era escuro, fosco e húmido. Havia também um cheiro estranho, saturado, que subia até ao nariz de Juliette em ondas, mas as fracas renovações pareciam não perturbar a disposição dos que se sentavam às diversas mesas redondas espalhadas pelo clube. Ali, as pessoas mal reparavam que pingava a um canto, quando a sua atenção era antes consumida por uma atividade constante. Casais murmuravam sobre cartas de *tarot*, os homens sacudiam-se uns aos outros vigorosamente, as mulheres inclinavam a cabeça para arquejar e guinchar ao recordarem fosse qual fosse a história que estava a ser contada à luz trémula do candeeiro a gás.

– Estás com um ar tão amargurado.

Juliette não se apressou imediatamente a dar meia-volta para identificar a voz. Não era preciso. Havia pouquíssimas pessoas que a abordavam em inglês, para começar, quanto mais um inglês com os tons monocórdicos de quem tem o chinês como língua materna e a pronúncia de uma educação francesa.

– E estou. Estou eternamente cheia de amargura.

Só então é que ela inclinou o pescoço, os lábios encurvando-se para cima e os olhos semicerrados a fitar a prima.

– Não é suposto entrares em palco a seguir?

Rosalind Lang encolheu e cruzou os braços, as pulseiras de jade nos pulsos castanhos e finos batendo umas nas outras.

– Não podem começar o espetáculo sem mim – troçou Rosalind –, por isso não estou preocupada.

Juliette tornou a passar em revista a multidão, desta feita com um alvo em mente. Encontrou Kathleen, a gémea falsa de Rosalind, junto de uma mesa ao fundo do clube. A sua outra prima equilibrava pacientemente uma bandeja cheia de pratos, a olhar para um mercador britânico que tentava pedir uma bebida com gestos exagerados. Rosalind tinha contrato ali para dançar; Kathleen aparecia para servir às mesas quando se entediava e recebia um magro salário pela diversão.

Com um suspiro, Juliette sacou de um isqueiro para manter as mãos ocupadas, libertando a chama e depois extinguindo-a ao ritmo da música que deslizava pelo espaço. Abanou o pequeno retângulo prateado debaixo no nariz da prima.

– Queres?

Rosalind respondeu puxando um cigarro enfiado nas dobras da sua roupa.

– Tu nem sequer fumas – disse, quando Juliette posicionou o isqueiro mais abaixo. – Porque é que andas com essa coisa?

Juliette respondeu, de cara séria:

– Já me conheces. Ando por aí. A viver a vida. A pôr fogos.

Rosalind inalou a primeira passa, depois revirou os olhos.

– Pois.

Um mistério melhor seria onde Juliette guardava o isqueiro. A maior parte das raparigas do clube burlesco – tanto dançarinas como clientes – vestia-se como Rosalind: com o qipao cheio de estilo que se espalhava por Xangai como um incêndio. Com a escandalosa racha de lado a revelar do tornozelo até à coxa e o colarinho alto a fazer de gargantilha, o desenho era uma mescla de extravagância ocidental e raízes orientais e, numa cidade de mundos divididos, as mulheres eram metáforas andantes. Mas Juliette –

Juliette tinha sido inteiramente transformada, e as contas do seu vestido de *flapper* sem bolsos faziam ruge-ruge a cada movimento. Destacava-se ali, isso era certo. Era uma estrela brilhante e ofuscante, uma simbólica figura de proa da vitalidade do Gangue Escarlate.

Juliette e Rosalind voltaram em silêncio a atenção para o palco, onde uma mulher cantava suavemente uma canção que nenhuma delas conhecia. A voz da cantora era agradável, o seu vestido reluzia na pele escura, mas não era o tipo de espetáculo por que aquele tipo de cabaré fosse conhecido e ninguém estava a ouvir, além das duas raparigas ao fundo.

– Não me disseste que ias estar aqui esta noite – disse Rosalind passado algum tempo, o fumo escapando-se-lhe da boca num fio veloz. Havia traição na sua voz, como se a omissão de informação fosse inesperada.

A Juliette que regressara na semana anterior não era a mesma a quem as primas acenaram adeus quatro anos antes, mas as mudanças eram mútuas. Aquando do regresso de Juliette, antes ainda de ter posto os pés em casa, ela ouvira dizer que Rosalind era uma mulher de falas mansas e de classe inata. Depois de quatro anos ausente, as memórias que Juliette tinha das pessoas que deixara ficar para trás já não se alinhavam com as pessoas em quem se tinham tornado. Nada na sua memória passara o teste do tempo. A cidade ganhara nova forma e todos tinham seguido em frente sem ela, especialmente Rosalind.

– Foi uma coisa de última hora.

Ao fundo do clube, o mercador britânico tinha começado uma pantomima para Kathleen. Juliette gesticulou com o queixo para a cena.

– O Bàba está a ficar farto que um mercador chamado Walter Dexter insista num encontro, por isso vou ouvir o que ele quer.

– Parece entediante – entoou Rosalind. As palavras da prima tinham sempre um forte efeito, mesmo quando falava com a mais seca das entoações.

Um sorrisinho assentou nos lábios de Juliette. Embora Rosalind parecesse uma desconhecida – mas familiar –, pelo menos soaria sempre da mesma forma. Juliette podia fechar os olhos e fingir que eram outra vez pequenas, a lançar tiradas uma à outra sobre os temas mais ofensivos. Bufou altivamente, fingindo ofensa.

– Não podemos ser todas dançarinas treinadas em Paris.

– Fazemos assim: tu ficas com a minha rotina e *eu* serei a herdeira do império clandestino desta cidade.

Uma gargalhada divertida irrompeu em Juliette, breve e forte. A prima estava diferente. Tudo estava diferente. Mas Juliette aprendia depressa. Com um suave suspiro, afastou-se da parede a que se encostava.

– Muito bem – disse ela, os olhos presos em Kathleen. – O dever chama. Encontramo-nos em casa.

Rosalind deixou-a ir com um aceno de mão, deitou o cigarro ao chão e esmagou-o com o sapato de salto alto. Juliette devia mesmo ter-lhe ralhado por isso, mas era impossível o chão ficar mais sujo do que já estava agora, portanto, de que servia? Desde que pusera os pés naquele lugar, provavelmente sujara as solas com cinco tipos diferentes de ópio. A única coisa que podia fazer era abrir caminho pelo clube o mais cautelosamente possível, com a esperança de que as criadas não lhe estragassem a pele dos sapatos quando lhos esfregassem mais tarde.

– Continuo a partir de agora.

Kathleen ergueu bruscamente o queixo, num gesto de surpresa, com o pingente de jade no pescoço a reluzir à luz. Rosalind costumava dizer-lhe que alguém haveria de lhe arrancar uma pedra tão preciosa se ela a usasse de maneira tão óbvia, mas Kathleen gostava de a ter ali. Dizia que, já que as pessoas iam olhar para o seu pescoço, preferia que fosse pelo pingente do que pelo alto da maçã de Adão por baixo dele.

A sua expressão espantada depressa suavizou num sorriso, ao dar-se conta de que Juliette deslizava para o assento em frente ao mercador britânico.

– Avise-me se houver alguma coisa que possa trazer-lhe – disse Kathleen com doçura, num inglês perfeito com pronúncia francesa.

Enquanto ela se afastava, Walter Dexter ficou de queixo caído.

– Ela percebeu o que eu dizia durante todo este tempo?

– O senhor há de aprender, Mr. Dexter – começou Juliette, puxando a vela do centro da mesa e cheirando a cera perfumada – que, quando parte logo do princípio de que uma pessoa não sabe falar inglês, ela tem tendência a fazer pouco de si.

Walter pestanejou para ela, depois inclinou a cabeça. Inteirou-se do vestido, do sotaque americano e do facto de ela saber o seu nome.

– Juliette Cai – conclui. – Estava à espera do seu pai.

O Gangue Escarlate autointitulava-se um negócio de família, mas não ficava por aí. Os Cai eram o coração do gangue, mas este era uma rede de gângsteres, contrabandistas, mercadores e intermediários de todo o tipo, cada um dos quais reportava a Lord Cai. Algum estrangeiro menos efusivo chamaria aos Escarlates uma sociedade secreta.

– O meu pai não tem tempo para mercadores sem uma história credível – respondeu Juliette. – Se for importante, eu transmito a mensagem.

Infelizmente, parecia que Walter Dexter estava muito mais interessado em conversa de circunstância do que propriamente em negócios.

– Da última vez que tive notícias, tinha-se ido embora para se tornar uma nova-iorquina.

Juliette colocou a vela de novo na mesa. A chama tremeluziu, projetando sombras fantasmagóricas no mercador de meia-idade. A luz serviu apenas para aprofundar os vincos na testa perpetuamente enrugada.

– Infelizmente, só me mandaram para o Ocidente por razões académicas – disse Juliette, recostando-se no sofá curvo. – Agora já tenho idade para dar o meu contributo ao negócio da família e tudo o mais, por isso arrastaram-me de volta para aqui a esbracejar e espernear.

O mercador não se riu com a piada, como fora intenção de Juliette. Em vez disso, bateu com os dedos na têmpora, desalinhando o cabelo com retalhos grisalhos.

– Não regressou também há uns anos durante um breve período?

Juliette ficou rígida, de sorriso vacilante. Atrás dela, uma mesa de clientes irrompeu em gargalhadas ruidosas, que acabaram em jovialidade por causa de algum comentário feito entre eles. O som provocou-lhe um arrepio no pescoço, banhando-lhe a pele com um suor quente. Esperou que o barulho acalmasse, usando a interrupção para pensar depressa e sair da situação.

– Só uma vez – respondeu cuidadosamente Juliette. – A cidade de Nova Iorque não era muito segura durante a Grande Guerra. A minha família ficou preocupada.

Mesmo assim, o mercador não deixou cair o assunto. Fez um som de quem pondera sobre uma questão.

– A guerra acabou há oito anos. Estava aqui há uns meros quatro.

O sorriso de Juliette esmoreceu por completo. Puxou o cabelo pelo queixo para trás.

– Mr. Dexter, veio aqui para discutir o seu amplo conhecimento da minha vida pessoal ou esta reunião tem de facto algum propósito?

Walter empalideceu.

– Peço desculpa, Miss Cai. O meu filho é da sua idade, por isso acontece que sei… – Interrompeu-se ao reparar no olhar fulminante de Juliette. Pigarreou. – Pedi uma reunião com o seu pai por causa de um novo *produto*.

Imediatamente, apesar da vaga escolha de palavras, era bastante claro a que se referia Walter Dexter. O Gangue Escarlate era, antes de tudo o mais, uma rede de gângsteres, e raros foram os tempos em que os gângsteres não estiveram extremamente envolvidos no mercado negro. Se os Escarlates dominavam Xangai, não era de admirar que dominassem também o mercado negro – que decidissem as idas e vindas, os homens que tinham permissão para vingar e os que tinham de cair mortos. Nas partes da cidade que ainda pertenciam aos chineses, o Gangue Escarlate não só estava acima da lei, como era a própria lei. Sem os gângsteres, os mercadores ficavam desprotegidos. Sem os mercadores, os gângsteres teriam pouca razão de ser ou trabalho. Era uma parceria ideal – e que estava continuamente ameaçada pelo crescente poder dos Flores Brancas, o outro gangue em Xangai que tinha efetivamente possibilidade de derrotar os Escarlates no monopólio do mercado negro. Afinal, trabalhavam nesse sentido há gerações.

– Um produto, hein? – repetiu Juliette. Virou os olhos para cima, distraída.

Os artistas tinham mudado, os holofotes enfraquecendo quando começaram as notas de abertura de um saxofone. Adornada com um fato brilhante novo, Rosalind fez-se visível bamboleando-se.

– Lembra-se do que aconteceu da última vez que os britânicos quiseram introduzir *um novo produto* em Xangai?

Walter franziu o sobrolho.

– Refere-se às Guerras do Ópio?

Juliette examinou as unhas.

– Refiro?

– Não pode com certeza responsabilizar-me por uma coisa que foi culpa do meu país.

– Ah, não é assim que funciona?

Foi a vez de Walter de não se mostrar impressionado. Entrelaçou as mãos enquanto roçagavam saias e se via pele desnuda no palco atrás dele.

– Mesmo assim, peço a ajuda do Gangue Escarlate. Tenho *lernicrom* a granel para despachar e é certo que será o próximo opiáceo mais desejado do mercado. – Walter aclarou a garganta. – Creio que, neste momento, procuram uma posição de vantagem.

Juliette inclinou-se para a frente. Nesse movimento súbito, as contas do seu vestido bateram umas nas outras freneticamente, chocando com o *jazz* em fundo.

– E acha mesmo que nos pode dar uma posição de vantagem?

A luta constante entre o Gangue Escarlate e os Flores Brancas não era segredo. Longe disso, na verdade, o conflito não era algo que deflagrasse apenas entre os que tinham Cai e Montagov no nome. Era uma causa que membros comuns, leais a qualquer uma das fações, levava a peito, com um fervor que quase poderia ser sobrenatural.

Os estrangeiros que chegavam a Xangai pela primeira vez para fazerem negócio recebiam um aviso antes de tomarem conhecimento de qualquer outra coisa: escolhe um lado, e escolhe depressa. Se negociassem uma vez com o Gangue Escarlate, tornavam-se inteiramente Escarlates. Seriam acolhidos em território dos Escarlate e assassinados caso se aventurassem em áreas onde reinavam os Flores Brancas.

– Eu acho que o Gangue Escarlate está a perder o controlo da sua própria cidade – disse Walter baixinho.

Juliette recostou-se. Por baixo da mesa, apertou mais os punhos, até a pele dos nós dos dedos ficar sem pinga de sangue. Quatro anos antes, ela olhara para Xangai com um brilho nos olhos, piscando-os ao Gangue Escarlate com esperança. Não tinha compreendido que Xangai era uma cidade estrangeira no seu próprio país. Agora compreendia. Os britânicos governavam um pedaço. Os franceses governavam um pedaço. Os Flores Brancas russos estavam a tomar para si as únicas partes que permaneciam tecnicamente debaixo do governo chinês. Esta perda de controlo estava para chegar há muito – mas Juliette mais depressa trincaria a própria língua do que o admitiria livremente a um mercador que não percebia nada de nada.

– Iremos contactá-lo relativamente ao seu produto, Mr. Dexter – disse ela passado um longo momento, abrindo um sorriso fácil. Expirou de forma impercetível, libertando a tensão que lhe apertara o estômago ao ponto de doer. – Agora, se me dá licença...

Todo o clube se calou e, de repente, Juliette estava a falar alto de mais. Walter esbugalhou os olhos, prendendo-os a uma visão sobre o ombro de Juliette.

– Macacos me… – observou. – Se não é um dos bolcheviques.

Ao ouvir as palavras do mercador, Juliette sentiu enregelar o sangue. Devagar, muitíssimo devagar, deu meia-volta para procurar a linha de visão de Walter Dexter, perscrutando o fumo e as sombras que bailavam na entrada do clube burlesco.

Por favor, que não seja, implorou. *Um qualquer, menos…*

A sua visão tornou-se turva. Durante um aterrador segundo, o mundo inclinou-se no seu eixo e Juliette esteve prestes a tombar. Depois, o chão endireitou-se e Juliette conseguiu respirar de novo. Endireitou-se e aclarou a garganta, concentrando todas as suas forças em mostrar-se o mais entediada possível ao dizer:

– Os Montagov emigraram muito antes da Revolução Bolchevique, Mr. Dexter.

Antes que alguém pudesse reparar nela, Juliette esgueirou-se para a sombra, onde as paredes escuras ofuscaram o brilho do seu vestido e as tábuas frouxas do soalho abafaram o barulho dos saltos altos. As suas precauções eram desnecessárias. Todos tinham o olhar firmemente preso a Roma Montagov, que traçava o seu caminho pelo clube. Por uma vez na vida, Rosalind fazia uma atuação a que alma nenhuma prestava atenção.

À primeira vista, poderia ter parecido que o choque que emanava das mesas redondas se devia ao facto de ter entrado um estrangeiro. Mas aquele clube tinha muitos estrangeiros espalhados pela multidão e Roma, com o seu cabelo escuro, olhos escuros e pele pálida podia ter passado

despercebido entre os chineses com a naturalidade de uma rosa branca pintada de vermelho entre papoilas. Não era por Roma Montagov ser estrangeiro. Era por o herdeiro dos Flores Brancas ser completamente reconhecido como um inimigo em território do Gangue Escarlate. Pelo canto do olho, Juliette já captava movimento: armas sacadas de bolsos e adagas apontadas para fora, corpos que se mexiam com animosidade.

Juliette saiu da sombra e ergueu uma mão para a mesa mais próxima. O gesto era simples: *esperar*.

Os gângsteres imobilizaram-se, cada grupo observando os que estavam perto. Esperaram, fingindo continuar com a conversa enquanto Roma Montagov passava por mesa atrás de mesa, os olhos semicerrados de concentração.

Juliette começou a aproximar-se furtivamente. Pressionou o pescoço com a mão, obrigou o nó que tinha na garganta a descer, obrigou a respiração a ficar regular até já não estar à beira do pânico, até conseguir esboçar um sorriso estonteante. Outrora, Roma teria sido capaz de a desvendar com o seu olhar. Mas já tinham passado quatro anos. Ele tinha mudado. E ela também.

Juliette estendeu o braço e tocou na parte de trás do casaco do fato dele.

– Olá, desconhecido.

Roma deu meia-volta. Por um instante, foi como se não tivesse registado a visão que tinha à frente. Fitou, o olhar vazio como vidro transparente, uma total falta de compreensão.

Depois, a visão da herdeira dos Escarlate foi como um balde de gelo. Roma entreabriu os lábios com uma pequena baforada de ar.

Da última vez que a viu, tinham quinze anos.

– Juliette – exclamou automaticamente, mas já não tinham familiaridade suficiente para usarem o nome próprio um do outro. Há muito que não a tinham. Roma pigarreou. – Miss Cai. Quando voltou a Xangai?

Nunca parti, queria Juliette dizer, mas isso não era verdade. A sua mente ficara ali – os seus pensamentos tinham andado constantemente à volta do caos, da injustiça e da fúria ardente que fervilhava naquelas ruas –, mas o seu corpo físico tinha cruzado uma segunda vez o oceano, por uma questão de segurança. Tinha detestado, detestara tão intensamente que sentia a sua força queimar em febre todas as noites, quando saía de festas e *speakeasies*. O peso de Xangai era uma coroa de aço pregada à sua cabeça. Num outro mundo, caso lhe tivesse sido dada escolha, talvez se tivesse ido embora, rejeitando-se enquanto herdeira de um império de mafiosos e mercadores. Mas nunca teve escolha. A sua vida era esta, a sua cidade era esta, a sua gente era esta e, como os amava, jurara a si mesma, há muito, que faria um excelente trabalho a ser quem era, porque não podia ser mais ninguém.

A culpa é toda tua, queria dizer. *Foi por tua causa que fui obrigada a abandonar a minha cidade. A minha gente. O meu sangue*.

– Regressei há já algum tempo – mentiu Juliette facilmente, testando a mesa vazia à esquerda com a anca. – Mr. Montagov, vai ter de me desculpar a pergunta, mas o que faz *aqui*?

Viu Roma mexer muito ligeiramente a mão e supôs que estivesse a verificar a presença das armas escondidas. Viu-o interiorizar a presença dela, lento na formulação de palavras. Juliette teve tempo de se preparar – sete dias e sete noites para entrar na cidade e limpar da mente tudo o que aconteceu entre eles. Mas, fosse o que fosse que Roma esperara encontrar no clube quando nele entrou nessa noite, seguramente não era *Juliette*.

– Tenho de falar com Lord Cai – disse por fim Roma, colocando as mãos atrás das costas. – É importante.

Juliette avançou um passo. Os seus dedos encontraram de novo o isqueiro que trazia nas dobras do vestido, e rodou a roda da chama com o polegar enquanto murmurava, pensativa. Roma disse *Cai* como um mercador estrangeiro, de boca bem aberta. Os chineses e os russos partilhavam o mesmo som para Cai: *tsai*, como o som de um fósforo a riscar. A falha dele era intencional, uma observância da situação. Ela era fluente em russo, ele era fluente no dialeto único de Xangai e, no entanto, ali estavam eles, ambos a falar inglês como um par casual de mercadores. Passar para a língua materna seria como tomar um partido, de modo que se decidiram por um terreno neutro.

– Imagino que seja importante, para que tenha feito todo o caminho até aqui. – Juliette encolheu os ombros, soltando o isqueiro. – Fale antes comigo e eu transmito a mensagem. De herdeiro para herdeiro, Mr. Montagov. Pode confiar em mim, não pode?

Era uma pergunta risível. As palavras dela diziam uma coisa, mas o seu olhar frio e inexpressivo dizia outra: *Um passo em falso enquanto estás no meu território e dou cabo de ti com as minhas próprias mãos*. Ela era a última pessoa em quem ele confiaria e vice-versa.

Mas fosse o que fosse que Roma precisava, devia ser sério. Não ripostou.

– Podemos…?

Fez um gesto para o lado, para a sombra e os cantos na semiobscuridade, onde haveria menos assistência a olhar para eles como se estivessem num espetáculo secundário, à espera do momento em que Juliette se afastasse para atacarem. Em vez disso, Juliette comprimiu os lábios, girou no lugar e

acenou-lhe para que fosse até às traseiras do clube. Ele seguiu-a depressa, aproximando-se tanto que as contas do vestido de Juliette chocaram umas nas outras, zangadas. Não sabia porque se dava àquele trabalho. Devia tê-lo atirado aos Escarlate, eles que tratassem dele.

Não, decidiu ela. *Ele é meu, eu é que trato dele. É meu, para o destruir.*

Juliette parou. Agora era só ela e Roma Montagov na sombra, os outros sons abafados e as outras vistas turvas. Esfregou os punhos, exigindo à pulsação que abrandasse, como se isso estivesse no seu controlo.

– Então, força – disse ela.

Roma olhou em volta. Pôs a cabeça para baixo antes de falar, baixando a voz até Juliette ter de fazer um esforço para o ouvir. E fez efetivamente um esforço – recusou encostar-se mais a ele do que o necessário.

– Ontem à noite, cinco Flores Brancas morreram nos portos. As suas gargantas tinham sido arrancadas.

Juliette pestanejou.

– E?

Não era sua intenção ser cruel, mas todas as semanas membros de ambos os gangues se matavam uns aos outros. A própria Juliette já contribuíra para o número de mortos. Se ele ia pôr as culpas nos Escarlate, estava a perder tempo.

– *E* – disse Roma, tenso, claramente a reprimir um «se me deixares acabar de falar» – um dos vossos. Assim como um polícia municipal. Britânico.

Juliette franziu então um pouco o sobrolho, tentando lembrar-se se tinha ouvido alguém em casa na véspera à noite falar à boca pequena da morte de

um Escarlate. Era estranho para *ambos* os gangues terem vítimas em cena, uma vez que as matanças maiores geralmente aconteciam em emboscadas, e mais estranho ainda ter sido também abatido um polícia, mas ela não iria ao ponto de dizer que era bizarro. Ergueu apenas uma sobrancelha para Roma, desinteressada.

Até que, continuando, ele disse:

– Todos os ferimentos foram autoinfligidos. Não foi uma disputa territorial.

Juliette sacudiu a cabeça repetidas vezes para um lado, certificando-se de que não tinha ouvido mal. Quando teve a certeza de que não tinha nada dentro do ouvido, exclamou:

– Sete cadáveres com ferimentos *autoinfligidos*?

Roma anuiu. Lançou um olhar por cima do ombro, como se estar de olho nos gângsteres às mesas bastasse para os impedir de o atacarem. Ou, se calhar, não se dava sequer ao trabalho de os manter debaixo de olho. Talvez tentasse evitar olhar diretamente para Juliette.

– Estou aqui para encontrar uma explicação. O seu pai sabe alguma coisa sobre isto?

Juliette bufou, um ruído profundo e ressentido. Ele estava a querer dizer-lhe que cinco Flores Brancas, um Escarlate e um polícia se encontraram nos portos e depois arrancaram a própria garganta? Parecia a estrutura de uma piada péssima, sem remate.

– Não podemos ajudá-lo – afirmou Juliette.

– Qualquer informação poderia ser crucial para descobrir o que aconteceu, Miss Cai – insistiu Roma.

Aparecia-lhe sempre uma ruga entre as sobrancelhas, como um crescente, sempre que estava irritado. Estava presente agora. Havia mais sobre aquelas mortes do que ele estava a dizer; não ficaria tão exaltado por causa de uma vulgar emboscada.

– Uma das mortes era vossa…

– Não vamos cooperar com os Flores Brancas – interrompeu Juliette. Qualquer falso divertimento que tivesse havido no rosto dela desaparecera há muito. – Permita-me que deixe isto bem claro antes de continuarmos. Independentemente de o meu pai saber ou não alguma coisa sobre as mortes de ontem, não o partilharemos com vocês e não daremos seguimento a nenhum contacto que possa pôr em risco os nossos esforços comerciais. E agora, tenha um *bom dia*, senhor.

Roma tinha claramente sido despachado, no entanto, permanecia onde estava, fulminando Juliette com o olhar, como se tivesse um amargo de boca. Ela já dera meia-volta, preparando-se para fazer a sua saída, quando ouviu Roma sussurrar maldosamente:

– O que é que te *aconteceu*?

Ela podia ter dito qualquer coisa em resposta. Podia ter escolhido as palavras com o veneno mortal que adquirira nos anos que passou longe e cuspido tudo cá para fora. Podia ter-lhe recordado o que ele fizera quatro anos antes, enterrando a lâmina da culpa até ele sangrar. Mas antes que pudesse abrir a boca, um grito rasgou o ar no clube, interrompendo todos os outros ruídos, como se operasse numa outra frequência.

As dançarinas no palco imobilizaram-se; a música parou.

– O que se passa? – murmurou Juliette.

No preciso instante em que ela se moveu para ir investigar, Roma sibilou fortemente e agarrou-a pelo cotovelo.

– Não, Juliette.

O toque dele cauterizou-lhe a pele, como uma queimadura dolorosa. Juliette sacudiu o braço mais depressa do que se tivesse mesmo sido queimada, de olhos fulminantes. Ele não tinha o direito. Perdera o direito de fingir que alguma vez quisera protegê-la.

Juliette avançou para a outra extremidade do clube, ignorando Roma, que a seguia. Os ruídos de pânico iam-se tornando cada vez mais fortes, embora ela só compreendesse o que incitava tal reação quando apartou com um safanão assertivo a multidão que se agrupava.

Foi então que viu o homem com espasmos no chão, a cravar os próprios dedos no pescoço grosso.

– O que é que ele está a fazer? – guinchou Juliette, lançando-se para diante. – Alguém o faça parar!

Mas ele já tinha a maior parte das unhas enterradas bem fundo no músculo. O homem escavava com uma intensidade animalesca – como se ali houvesse alguma coisa, algo que mais ninguém visse a rastejar sob a sua pele. Cada vez mais e mais fundo, até ter os dedos completamente enterrados e se pôr a puxar tendões, veias e artérias.

No instante a seguir, o clube caiu no silêncio total. Não havia nada audível, exceto a respiração esforçada do homem atarracado que se estatelou no chão, a garganta despedaçada e as mãos a pingar sangue.

Capítulo 2

O silêncio fez-se gritos, os gritos fizeram-se caos e Juliette arregaçou as mangas brilhantes, com os lábios finos e o sobrolho carregado.

– Mr. Montagov – disse ela, sobrepondo a voz ao som do tumulto –, tem de se ir embora.

Juliette caminhou em frente, acenando para dois Escarlates perto de si, para que se aproximassem. Eles obedeceram, mas não sem uma expressão estranha, com a qual Juliette quase se ofendeu, até que – volvidos dois instantes – ela pestanejou e olhou por cima do ombro, descobrindo Roma ainda ali especado, ostensivamente sem ir embora. Em vez disso, apareceu a passar por ela, com ar de quem era dono de tudo, para depois se agachar perto do moribundo, semicerrando os olhos para nem mais nem menos do que os *sapatos* do homem.

– Mas que caraças – sussurrou Juliette. Indicou Roma aos dois Escarlates. – Acompanhem-no à saída.

Era aquilo por que esperavam. Um dos Escarlates puxou imediata e bruscamente o herdeiro dos Flores Brancas, que se pôs em pé com um sibilo, para que não fosse cair no raio do chão.

– Eu disse *acompanhem-no* – disse Juliette bruscamente ao Escarlate. – É o Festival da Lua. Não sejas *bruto*.

– Mas, Miss Cai…

– Não estás a ver? – interrompeu Roma com frieza, apontando com um dedo para o moribundo. Virou-se para olhar Juliette, o maxilar tenso, os olhos ao nível dos dela, e apenas dos dela. Comportava-se como se não estivesse mais ninguém presente na sua linha de visão, exceto Juliette, como se os dois homens não o olhassem com uma expressão cortante como

uma adaga, como se todo o clube não gritasse de forma caótica, a correr em círculos pela poça crescente de sangue. – Foi exatamente isto que aconteceu ontem à noite. Não é um acontecimento fortuito; é *loucura.*…

Juliette suspirou, acenando um pulso frouxo. Os dois Escarlates seguraram Roma como deve ser pelos ombros, e este engoliu as suas palavras com um audível bater do maxilar. Não ia fazer uma cena em território dos Escarlates. Já estava com sorte por se ir embora sem uma bala nas costas. Sabia isso. Era essa a única razão para tolerar ser agarrado por homens que ele poderia ter matado nas ruas.

– Obrigada por ser tão compreensivo – disse ela, com um sorriso afetado.

Roma não disse nada ao ser levado no ar para longe da vista dela. Juliette ficou a observá-lo, de olhos semicerrados, e só quando teve a certeza de que ele tinha sido empurrado para fora do clube burlesco se concentrou na confusão que estava diante dos seus olhos, dando um passo em frente com um suspiro e ajoelhando-se cautelosamente ao lado do moribundo.

Não havia salvação possível, com um ferimento daqueles. Continuava a esguichar sangue, fazendo pulsar poças vermelhas para o chão. Era certo que o sangue ensopava o tecido do vestido dela, mas Juliette mal dava por isso. O homem tentava dizer alguma coisa. Juliette não conseguia ouvir o quê.

– O melhor seria acabar com o sofrimento dele.

Walter Dexter conseguira aproximar-se da cena e espreitava agora por cima do ombro de Juliette com uma expressão de quase perplexidade. Permaneceu imóvel mesmo quando as empregadas de mesa começaram a empurrar a multidão e a cercar a área, gritando aos curiosos para que se espalhassem. O mais irritante foi que ninguém se deu ao trabalho de afastar

Walter – ele tinha uma expressão que passava a ideia de que tinha de estar ali. Juliette conhecera muitos homens como ele na América: homens que partiam do princípio de que tinham o direito de ir onde quisessem, porque o mundo fora criado para favorecer a sua etiqueta *civilizada*. Esse tipo de autoconfiança não tinha limites.

– Chiu – disse bruscamente Juliette, aproximando a orelha do moribundo. Se ele tinha umas últimas palavras, merecia ser ouvido…

– Eu já vi isto; é a demência do viciado. Talvez metanfetaminas ou…

– *Chiu!*

Juliette concentrou-se até conseguir ouvir os sons que saíam da boca do moribundo, concentrou-se até que a histeria à sua volta esmorecesse ao ponto de não passar de ruído de fundo.

– Guài. Guài. Guài.

Guài?

Com a cabeça a andar à roda, Juliette passou em revista toda e qualquer palavra que se assemelhasse ao que o homem entoava. A única que fazia sentido era…

– *Monstro*? – perguntou-lhe, apertando-lhe o ombro. – É isso que queres dizer?

O homem imobilizou-se. O seu olhar fez-se espantosamente nítido pelo mais breve dos segundos. E então, numa algaraviada rápida, ele disse:

– Huò bù dān xíng.

Depois dessa respiração, desse sopro, desse aviso, o seu olhar tornou-se vítreo.

Juliette estendeu o braço, como que anestesiada, e desceu-lhe suavemente as pálpebras. Antes que conseguisse registar as palavras do morto, já Kathleen avançara para o cobrir com uma toalha de mesa. Apenas os pés estavam de fora, naqueles sapatos esfarrapados que Roma fitara.

Estão desirmanados, reparou Juliette de repente. Um dos sapatos era delgado e lustroso, ainda a brilhar da última engraxadela; o outro era pequeno de mais e de uma cor completamente diferente, o tecido unido por um pedaço de fio fino enrolado três vezes à volta dos dedos.

Que estranho.

– O que foi aquilo? O que é que ele disse?

Walter continuava à espreita, junto do cotovelo dela. Parecia não compreender que aquilo era a sua deixa para ir embora. Parecia não querer saber que Juliette olhasse de olhos fixos em frente, num estado de estupefação, a pensar como teria Roma programado a sua visita para que coincidisse com aquela morte.

– As desgraças costumam vir juntas – traduziu Juliette quando regressou finalmente, com um solavanco, ao frenesim da situação.

Walter Dexter limitou-se a mirá-la de olhar vazio, tentando compreender por que razão um moribundo diria algo tão rebuscado. Não compreendia os chineses, nem a sua paixão por provérbios. Estava a abrir a boca, provavelmente para dar mais um sermão sobre o seu vasto conhecimento do mundo das drogas, para publicitar os perigos de se comprar produtos aos que considerava indignos de confiança, mas Juliette espetou um dedo para o fazer parar. Se havia coisa de que ela tinha a certeza, era que aquelas não eram as últimas palavras de um homem que consumia demasiadas drogas.

Aquele era o derradeiro aviso de um homem que tinha visto algo que não devia.

– Permita-me que me corrija. Os britânicos já têm uma tradução adequada: «Um mal nunca vem só.»

*

Bem acima dos canos gotejantes e das alcatifas bafientas da casa dos Flores Brancas, Alisa Montagova estava empoleirada numa viga de madeira do teto, o queixo pressionando os joelhos planos, enquanto estava à escuta do que se dizia na reunião lá em baixo.

Os Montagov não residiam numa casa grande e glamorosa, como os seus sacos de dinheiro lhes permitia. Preferiam ficar no coração de tudo, em pé de igualdade com as caras sujas que apanhavam o lixo das ruas. Visto de fora, o espaço onde viviam parecia idêntico à fileira de apartamentos ao longo desta rua urbana a fervilhar de vida. Por dentro, tinham transformado o que fora um complexo de apartamentos num grande *puzzle* de quartos, escritórios e escadarias, fazendo a manutenção não com criados ou criadas, mas com hierarquia. Não eram só os Montagov que viviam lá, mas todos os Flores Brancas que detinham algum papel no gangue e, no sortido de gente que saía e entrava naquela casa, no interior das paredes e fora delas, havia uma ordem. Lord Montagov reinava no topo e Roma – pelo menos em nome – vinha em segundo, mas abaixo os papéis estavam sempre a mudar, mais determinados pela vontade do que pelo sangue. Da mesma maneira que o Gangue Escarlate dependia de relações – nas quais a família recuava no tempo até antes da ruína deste país e do seu trono imperial –, os Flores Brancas operavam no caos, no movimento constante. Mas a subida ao poder era uma questão de escolha e os que ficavam numa posição inferior no gangue faziam-no por vontade própria. O propósito de se tornar um Flor

Branca não tinha que ver com poder nem riquezas. Era saber que se podia virar costas quando não se gostava das ordens dadas pelos Montagov. Era um punho no peito, os olhos presos nos de outrem, um aceno de compreensão – assim, os refugiados russos que entravam em Xangai fariam qualquer coisa para se juntarem às fileiras dos Flores Brancas, qualquer coisa para se reunirem à sensação de pertença que tinham deixado para trás quando os bolcheviques bateram à porta.

Pelo menos, para os homens. As mulheres russas com a pouca sorte de não terem nascido nos Flores Brancas agarravam trabalho como dançarinas e amantes. Ainda na semana anterior, Alisa tinha ouvido uma britânica chorar por causa de um estado de emergência no Colonato Internacional: famílias a serem despedaçadas por caras bonitas da Sibéria que não tinham sorte, apenas rosto e figura e vontade de viver. Os refugiados tinham de fazer o que era preciso. A bitola moral não significava nada perante a fome.

Alisa sobressaltou-se. O homem que ela estivera a escutar tinha começado a sussurrar de repente. A mudança de volume chamou de novo a sua atenção para a reunião lá em baixo.

– As fações políticas fizeram demasiados comentários insidiosos – resmungou uma voz rouca. – É quase certo que os políticos estejam a arquitetar a loucura, mas, neste momento, é difícil dizer se os responsáveis são os do Kuomintang ou os comunistas. Muitas fontes dizem que é o Zhang Gutai, embora… bem, *eu* hesito em acreditar.

Outra voz acrescentou com ironia:

– Por favor, o Zhang Gutai é tão mau como secretário-geral do Partido Comunista que escreveu a data errada num dos seus cartazes de reunião.

Pela rede fina que revestia o espaço do teto, Alisa via três homens sentados em frente do seu pai. Sem arriscar uma queda das vigas, não conseguia ver bem as suas feições, mas o russo com sotaque deixava escapar o bastante. Era espiões chineses.

– O que sabemos dos métodos deles? Como é que esta loucura se espalha?

Agora fora o seu pai, a voz lenta distinta como pregos num quadro de giz. Lord Montagov tinha uma maneira de falar de comando e parecia um pecado recusar-lhe total atenção.

Um dos chineses aclarou a garganta. Contorcia as mãos na camisa de forma tão agressiva que Alisa se inclinou para a frente nas vigas, semicerrando os olhos diante da rede para ver se estava a interpretar mal o gesto.

– Um monstro.

Alisa quase caiu dali a baixo. As suas mãos desceram sobre a viga mesmo a tempo de se endireitar, soltando um pequeno sopro de alívio.

– Como disse?

– Não conseguimos confirmar nada relativamente à fonte da loucura, com exceção de uma coisa – disse o terceiro e último homem. – Está relacionada com avistamentos de um monstro. Eu próprio o vi. Vi olhos prateados no Huangpu, a pestanejar de uma maneira que seria impossível a um homem…

– Basta, basta – interrompeu Lord Montagov. O seu tom era áspero, impaciente com a reviravolta no rumo daquela reunião de troca de informações. – Não tenho interesse nenhum em ouvir disparates sobre monstros. Se está tudo, fico na expectativa da nossa próxima reunião.

De sobrolho carregado, Alisa escapuliu-se ao longo das vigas, seguindo os homens à medida que eles saíam. Já tinha doze anos, mas era franzina, sempre a sair disparada de uma sombra para outra, à maneira de algum roedor selvagem. Quando a porta se fechou lá em baixo, saltou de viga em viga até ficar espalmada, de barriga para baixo, diretamente acima dos homens.

– Parecia estar com medo – observou um, baixinho.

O homem que estava ao meio mandou-o calar, só que as palavras já tinham sido ditas, nascendo para o mundo, tornando-se setas aguçadas que rasgavam a sala sem alvo em vista, apenas destruição. Os homens apertaram bem os respetivos casacos no corpo e deixaram ficar para trás a confusão caótica e fervilhante da casa Montagov. Alisa, porém, deixou-se ficar no seu recanto no teto.

Medo. Ora aí estava uma coisa que ela julgava que o seu pai já não conseguia sentir. Medo era um conceito para homens sem armas. O medo estava reservado a pessoas como Alisa, pequenas, esguias e sempre a olhar por cima do ombro.

Se Lord Montagov tinha medo, as regras estavam a mudar.

Alisa saltou do teto e desatou a correr.

Capítulo 3

No momento em que Juliette voou para o corredor, a espetar o último gancho no cabelo, já sabia que estava atrasada.

Foi em parte culpa da criada, por não a ter acordado quando devia, e em parte culpa sua, por não se levantar com o Sol, como tentava fazer desde a sua chegada a Xangai. Aqueles escassos momentos em que o céu se iluminava – e antes que o resto da casa regressasse à vida – eram os minutos mais tranquilos que se conseguiam obter naquela casa. Os dias em que começava cedo o bastante para apanhar uma lufada de ar fresco e respirar num silêncio total e absoluto na sua varanda eram os seus preferidos. Conseguia andar pela casa sem ninguém para a aborrecer, entrava a saltar na cozinha e arrancava o que quisesse às cozinheiras, tomando depois o lugar que lhe apetecesse à mesa de jantar deserta. Dependendo da rapidez com que mastigava, podia até ter algum tempo para passar na sala de estar, com as janelas abertas para deixar entrar as melodias dos pássaros madrugadores. Por outro lado, nos dias em que não era capaz de sair de baixo das cobertas suficientemente depressa traduziam-se em ficar sentada, de mau humor, à hora da refeição matinal com o resto das pessoas da casa.

Juliette parou então à porta do escritório do pai, praguejando em voz baixa. Nesse dia, não se tratara apenas de evitar os seus parentes afastados. Quisera meter o nariz numa das reuniões de Lord Cai.

A porta abriu-se de repente. Juliette recuou um passo, tentando dar um ar natural. *Tarde de mais, definitivamente*.

– Juliette. – Lord Cai mirou-a, de sobrolho carregado. – É tão cedo. Porque estás a pé?

Juliette colocou as mãos sob o queixo, a personificação da inocência.

– Ouvi dizer que tínhamos um estimado visitante. Achei que devia vir cumprimentá-lo.

O dito visitante ergueu uma sobrancelha com sarcasmo. Era nacionalista, mas quanto a ser ou não verdadeiramente estimado era difícil de determinar quando estava vestido meramente com um fato ocidental, desprovido das decorações que o seu uniforme militar Kuomintang podia ter no colarinho. O Gangue Escarlate dava-se bem com os nacionalistas – Kuomintang – desde a sua fundação como partido político. Ultimamente, as relações tinham-se tornado ainda mais afáveis para combater a ascensão dos seus «aliados» comunistas. Juliette estava em casa apenas há uma semana e já vira o pai ter pelo menos cinco reuniões com os nacionalistas acossados, que queriam apoio dos gângsteres. De todas as vezes ela chegara tarde de mais para poder entrar sub-repticiamente sem causar embaraço e contentou-se em ficar antes à porta, ociosamente, para apanhar todos os bocadinhos que conseguisse.

Os nacionalistas estavam com medo, até aí ela sabia. O Partido Comunista da China, em pleno desabrochar, incentivava os seus membros a juntarem-se ao Kuomintang num espetáculo de cooperação com os nacionalistas, só que, em vez de demonstrarem cooperação, a crescente influência de números comunistas no seio do Kuomintang começava a ameaçar os nacionalistas. Esse escândalo era o tema das conversas no país, mas sobretudo em Xangai, um lugar sem lei onde os governos nasciam e morriam.

– É muito amável da tua parte, Juliette, mas Mr. Qiao está com pressa porque tem outra reunião.

Lord Cai gesticulou a um criado para que levasse o nacionalista à porta. Mr. Qiao tocou no chapéu com cortesia e Juliette fez um sorriso tenso, engolindo o suspiro.

– Não fazia mal deixares-me estar presente numa reunião, Bàba – disse ela logo que Mr. Qiao saiu de vista. – Supostamente, estás a ensinar-me.

– Posso ensinar-te devagar – respondeu Lord Cai, abanando a cabeça. – Ainda é cedo para te meteres na política. É uma atividade entediante.

Mas era uma atividade relevante, especialmente quando o Gangue Escarlate passava tanto tempo a conviver com estas fações. Especialmente quando Lord Cai mal pestanejara na véspera à noite quando Juliette lhe disse que o herdeiro dos Flores Brancas se pavoneara no clube burlesco deles mais central, dizendo-lhe que já tinha sido informado e que falariam disso pela manhã.

– Vamos até à mesa do pequeno-almoço, sim? – disse o pai. Pousou a mão no pescoço de Juliette, conduzindo-a escadas abaixo, como se ela estivesse em risco de fugir. – Também podemos falar sobre a noite passada.

– O pequeno-almoço vai ser maravilhoso – murmurou Juliette.

Na verdade, o clamor das refeições matinais dava-lhe dores de cabeça. Havia qualquer coisa nas manhãs daquela casa em particular que deixava Juliette pouco à vontade. Fosse o que fosse que os familiares dela discutiam, por mais mundano que fosse – como a especulação sobre os preços do arroz –, as suas palavras transbordavam de maquinação e incessante sagacidade. Tudo o que discutiam parecia mais adequado para a noite alta, quando as criadas se retiravam para os seus quartos e a escuridão se arrastava nos soalhos polidos.

– Juliette, querida – cacarejou uma tia no instante em que ela e o pai se aproximaram da mesa. – Dormiste bem?

– Sim, Ā yí – respondeu Juliette, tensa, sentando-se. – Dormi muito bem…

– Cortaste outra vez o cabelo? Deves ter cortado. Não me lembro de ele ser tão curto.

Como se os seus familiares não fossem irritantes o suficiente, havia tantos a entrar e a sair da casa Cai que Juliette não se *importava* muito com nenhum deles. Rosalind e Kathleen eram as primas mais chegadas e as suas únicas amigas, e não precisava de mais nada. Todos os outros eram meros nomes e relações de que ela tinha de se lembrar, para o caso de um dia vir a precisar de alguma coisa. Esta tia que lhe tagarelava ao ouvido agora estava demasiado afastada para vir a ser-lhe útil em determinado momento no futuro, tão distante que Juliette teve de parar por um segundo para se perguntar porque estava sequer à mesa do pequeno-almoço.

– Dà jiě, por amor de Deus, deixe a miúda respirar.

Juliette fez um gesto brusco com a cabeça para cima, sorrindo para a voz que tinha soado da extremidade da mesa. Pensando melhor, havia apenas uma exceção para a sua apatia: Mr. Li, o seu tio preferido.

Xiè xiè, disse ela só com os lábios.

Mr. Li limitou-se a erguer a chávena de chá aos agradecimentos dela, de brilhozinho nos olhos.

A tia bufou, desdenhosa, mas parou de falar. Juliette virou-se para o pai.

– Então, Bàba, ontem à noite – começou ela. – A acreditar no que se diz, um dos nossos homens encontrou-se com cinco Flores Brancas nos portos e depois arrancou a própria garganta. O que dizes disto?

Lord Cai, sentado à cabeceira da comprida mesa retangular, mostrou-se pensativo e depois esfregou a ponta do nariz, com um suspiro profundo. Juliette perguntou-se quando teria sido a última vez que o seu pai dormiu uma noite inteira, sem ser interrompido por preocupações e reuniões. A sua exaustão era invisível para qualquer outra pessoa, mas Juliette sabia. Juliette sabia sempre.

Ou talvez ele estivesse apenas cansado por ter de se sentar à cabeceira desta mesa, a ouvir os mexericos de toda a gente logo de manhã. Antes da partida de Juliette, a mesa das refeições era redonda, como devem de ser as mesas chinesas. Ela desconfiava de que a tinham trocado apenas para agradarem às visitas ocidentais que iam à casa Cai para reuniões, mas o resultado era uma confusão: familiares que não conseguiam falar com quem queriam, como fariam se todos estivessem sentados em círculo.

– Bàba – começou Juliette, embora soubesse que ele ainda estava a pensar.

Na verdade, o seu pai era um homem de poucas palavras e Juliette, uma rapariga que não suportava o silêncio. Mesmo quando tudo à volta deles estava em polvorosa, com os empregados a entrar e sair da cozinha, uma refeição a ser preparada e a mesa a abrigar várias conversas em volumes oscilantes, ela não suportava que o pai deixasse a sua pergunta no ar, em vez de lhe responder imediatamente.

A questão era que, mesmo que Lord Cai lhe fizesse a vontade agora, ele estava apenas a fingir-se preocupado com a alegada loucura. Juliette reconhecia – aquilo era uma brincadeira de crianças comparado com a monstruosa lista de coisas que atormentava a atenção do pai. Afinal de contas, quem queria saber de rumores sobre *criaturas* estranhas que se

erguiam das águas desta cidade quando os nacionalistas e os comunistas também se erguiam, de armas em riste e prontos a marchar?

– E foi só isso que o Roma Montagov revelou? – perguntou por fim Lord Cai.

Juliette estremeceu. Não pôde evitar. Tinha passado quatro anos a encolher-se só de pensar em Roma, por isso ouvir o nome dele em voz alta – dito, nada mais nada menos do que pelo seu pai – pareceu-lhe algo impróprio.

– Foi.

O pai tamborilou devagar os dedos na mesa.

– Desconfio de que ele sabe mais – continuou Juliette –, mas foi cauteloso.

Lord Cai mergulhou novamente no silêncio, deixando que o ruído à sua volta embalasse, retomasse e esmorecesse. Juliette perguntou-se se, naquele momento, ele teria a cabeça noutro lugar. Afinal, mostrara-se terrivelmente *blasé* perante a notícia de o herdeiro dos Flores Brancas aparecer no território deles. Tendo em conta a importância da vendeta para o Gangue Escarlate, o facto de Lord Cai mal prestar atenção à infração de Roma Montagov só mostrava que a política se tornara muito mais importante.

No entanto, antes que o pai tivesse oportunidade de recomeçar a falar, as portas oscilantes da cozinha abriram-se bruscamente, o som fazendo um ricochete tão forte que a tia, sentada ao lado de Juliette, entornou a chávena de chá.

– Se desconfiamos de que os Flores Brancas têm mais informações do que nós, o que estamos aqui a fazer, sentados a *discutir* o assunto?

Juliette cerrou os dentes, esfregando o vestido para limpar o chá. Era só Tyler Cai a entrar, o mais irritante dos primos direitos. Apesar de terem a mesma idade, era como se ele não tivesse crescido de todo durante os quatro anos que ela estivera fora. Continuava a fazer piadas rudes e a esperar que os outros se ajoelhassem à sua frente. Se ele pudesse, exigiria que a Terra girasse na outra direção simplesmente por achar que era a maneira mais eficaz de girar, por mais irrealista que fosse.

– Tens por hábito ficar a ouvir às portas, em vez de entrares? – disse, desdenhosa, Juliette, mas o seu comentário mordaz foi ignorado.

Os seus familiares puseram-se em pé de um salto ao verem Tyler, foram a correr buscar uma cadeira, mais chá, mais um prato – provavelmente gravado a ouro e com cristais incrustados. Apesar da posição de Juliette enquanto herdeira do Gangue Escarlate, eles nunca andariam atrás dela a desfazer-se em sorrisos, daquela maneira. Era uma rapariga. Aos olhos deles, por mais legítima que fosse, nunca seria suficientemente boa.

– A mim, parece-me simples – continuou Tyler. Sentou-se, recostando-se como se estivesse num trono. – Chegou a hora de mostrarmos aos Flores Brancas quem tem realmente o poder nesta cidade. Vamos exigir que contem o que sabem.

– Temos os números, temos as armas – introduziu um tio obscuro, a acenar e a afagar a barba.

– Os políticos vão ficar do nosso lado – acrescentou a tia sentada ao lado de Juliette. – Têm de ficar. Não suportam os Flores Brancas.

– Não é sensato fazer-se uma guerra de territórios…

Finalmente, pensou Juliette, e virou-se para o segundo primo mais velho, que falara, *uma voz sensata a esta mesa.*

– … mas, com a tua perícia, Tyler, sabe-se lá até onde poderíamos empurrar a linha do nosso território.

Juliette cerrou os punhos. *Deixa lá.*

– O que nós devíamos fazer era o seguinte – começou Tyler, entusiasmado.

Juliette lançou um olhar ao pai, mas ele parecia satisfeito em simplesmente consumir a comida. Desde o seu regresso, Tyler aproveitava todas as oportunidades para a ofuscar, quer em conversa, quer em apartes. Mas Lord Cai intervia sempre para o calar, para relembrar a estes tios e tias, com o mínimo possível de palavras, quem era a verdadeira herdeira, para lhes relembrar que o favoritismo que demonstravam por Tyler não os levava a lado nenhum.

Só que, desta vez, Lord Cai ficou em silêncio. Juliette não sabia se ele se abstinha de comentar por achar as táticas do sobrinho ridículas, ou por estar a levar Tyler a sério. Sentiu um aperto no estômago, o ácido em ebulição só de pensar nisso.

– … e os poderes estrangeiros não podem propriamente queixar-se – dizia Tyler. – Se estas mortes tiverem sido autoinfligidas, é uma matéria que pode afetar qualquer pessoa. É uma matéria sobre o *nosso* povo, que requer a *nossa* ajuda para se defender. Se não agirmos agora e não recuperarmos a cidade por eles, então para que é que servimos? Teremos de aguentar mais um século de humilhação?

As vozes à volta da mesa fizeram ouvir a sua concordância. Elogios grunhidos; polegares enrugados, com cicatrizes, espetados no ar; palmadas de estima no ombro de Tyler. Só Mr. Li e o pai dela estavam em silêncio, de

rosto neutro, mas isso não era suficiente. Juliette deixou cair os talheres, partindo os pauzinhos de porcelana fina em quatro cacos.

– Queres entregar-te em território dos Flores Brancas? – Pôs-se em pé e alisou o vestido. – À vontade. Vou mandar uma criada desemaranhar-te as entranhas quando as mandarem para nós numa caixa.

Com os familiares demasiado chocados para protestar, Juliette saiu rapidamente da cozinha. O seu coração martelava, apesar dos modos calmos, receosa de, desta vez, ter mesmo esticado de mais a corda. Mal chegou ao corredor, fez uma pausa e olhou por cima do ombro, ficando a ver as portas da cozinha pararem. A madeira daquelas portas importadas de algum país distante tinha caligrafia tradicional chinesa gravada: poemas que Juliette tinha decorado há muito. Aquela casa era o espelho da cidade. Era uma fusão entre Oriente e Ocidente, incapaz de se libertar do antigo, mas desesperada por imitar o novo e, tal como a cidade, a arquitetura da casa não se conjugava bem consigo própria.

As portas da cozinha, bonitas, mas mal ajustadas, abriram-se de novo. Juliette mal se mexeu. Estava à espera daquilo.

– Juliette. Uma palavrinha.

Era Tyler, que a tinha seguido para fora da cozinha, de sobrolho franzido. Tinha o mesmo queixo pontiagudo que Juliette, a mesma covinha no canto inferior esquerdo da boca, que aparecia em momentos de desassossego. Que fossem tão parecidos era algo que a ultrapassava. Em todos os retratos de família, Juliette e Tyler eram sempre colocados juntos, falavam com eles como se fossem gémeos, e não primos. Mas Juliette e Tyler nunca se deram bem. Nem sequer na cama em pequenos, quando brincavam com armas a

fingir, em vez das outras a sério, e Tyler nunca falhava uma bala de madeira atirada à cabeça de Juliette.

– O que foi?

Tyler parou. Cruzou os braços.

– Qual é o teu problema?

Juliette revirou os olhos.

– O meu problema?

– Sim, o *teu* problema. Não é muito agradável que ponhas de parte todas as minhas ideias…

– Tu não és estúpido, Tyler, portanto não ajas como tal – interrompeu Juliette. – Eu detesto os Montagov tanto como tu. Todos detestamos, tanto que sangramos. Mas agora não é o momento para começar uma guerra territorial. Agora que temos a cidade trinchada pelos estrangeiros.

Passou um instante.

– Estúpido?

Tyler não tinha percebido a questão, no entanto estava ofendido. O primo era um rapaz de pele de aço e coração de vidro. Desde que perdeu os pais cedo de mais, tornou-se aquele falso anarquista Escarlate, pretensioso porque sim, selvagem no gangue por nenhuma razão e, como uma pessoa atrai outras iguais, os seus únicos amigos eram os que se davam com ele na esperança de um atalho para uma ligação com os Cai. Andava toda a gente com pezinhos de lã à volta dele, contentes por darem socos coreografados e o deixarem crer-se poderoso quando cada golpe falhava, mas se lhe dessem um pontapé entre as pernas, ficava arrasado.

– Não acho que defender a nossa subsistência seja estúpido – continuou Tyler. – Não acho que reivindicar o nosso país àqueles *russos.*…

O problema era que Tyler considerava que a sua maneira de fazer as coisas era a única que estava certa. Ela desejava encontrar em si essa convicção, para não o culpar. Afinal, Tyler era exatamente como ela; queria o melhor para o Gangue Escarlate. Só que, na cabeça do primo, *ele* era o que de melhor havia para o Gangue Escarlate.

Juliette não queria continuar a ouvir. Deu meia-volta e começou a afastar-se. Até que o primo a agarrou pelo pulso.

– Que espécie de herdeira *és* tu?

Rápido como um *flash*, Tyler atirou-a contra a parede. Manteve uma mão fechada contra a manga esquerda de Juliette e o resto do braço estendido sobre a sua clavícula, empurrando apenas o suficiente para fazer uma ameaça.

– Larga-me – sibilou Juliette, estrebuchando. – Já.

Tyler não o fez.

– O Gangue Escarlate deve ser a tua primeira prioridade. A nossa gente deve ser a tua primeira prioridade.

– Vê lá…

– Sabes o que eu acho? – Tyler inspirou, as narinas dilatadas, com rugas profundas a desfigurar-lhe o rosto numa expressão de total repugnância. – Eu ouvi os rumores. Acho que não odeias nada os Montagov. Acho que estás a tentar proteger o Roma Montagov.

Juliette ficou completamente imóvel. Não foi o medo que a dominou, nem nenhuma espécie de intimidação que Tyler procurava incitar. Foi

indignação, seguida de uma raiva a ferver. Preferia despedaçar Roma Montagov a protegê-lo de novo.

A mão direita de Juliette fez um gesto brusco para cima – punho cerrado, pulso duro, nós dos dedos preparados – e fez um contacto centrado e perfeito com a face do primo. Houve um instante em que ele não conseguiu reagir. Um instante em que Tyler ficou apenas a pestanejar, com as linhas do seu rosto pálido em choque. Depois cambaleou, soltando Juliette e virando bruscamente a cabeça para a enfrentar, de ódio estampado nas covas dos olhos. Um corte vermelho marcou a linha da sua maçã do rosto, consequência do anel brilhante de Juliette, que lhe arranhou a pele.

Não foi suficiente.

– Proteger o Roma Montagov? – repetiu ela.

Tyler ficou imóvel. Não teve oportunidade de se mexer, quase nem teve tempo de dar um pequeno passo atrás, antes de Juliette sacar de uma faca do bolso. Pressionou-a contra o arranhão e sibilou:

– Já não somos miúdos, Tyler. E, se me vieres ameaçar com acusações ultrajantes, vais ter de responder por elas.

Uma gargalhada suave.

– Como assim? – disse Tyler com um som áspero. – Matas-me aqui mesmo, no corredor? A dez passos da mesa do pequeno-almoço?

Juliette pressionou a faca com mais força. Um fio de sangue correu pela face do primo, traçando o seu caminho nas linhas da palma da sua mão, escorrendo-lhe pelo braço.

Tyler tinha deixado de se rir.

– Sou a herdeira do Gangue Escarlate – disse Juliette. A sua voz tornara-se acutilante como a arma. – E, acredita, tángdì, que te mato antes que me consigas tirar isso.

Empurrou então Tyler para longe da sua faca, cujo metal brilhava, vermelho. Ele não disse mais nada, não deu outra resposta a não ser um olhar vazio.

Juliette virou-se, com os sapatos de salto a deixar marcas na alcatifa, e afastou-se.

Capítulo 4

– Não há aqui nada.

Irritado, Roma Montagov continuou a sua busca, passando os dedos pelas fendas ao longo do passadiço.

– Cala-te. Continua à procura.

Tinham ainda de encontrar alguma coisa digna de nota, isso era verdade, mas o Sol ainda ia alto no céu. Os raios brancos e quentes refletiam-se nas ondas que batiam suavemente no passadiço, encandeando qualquer pessoa que ficasse a olhar durante muito tempo. Roma ficou de costas para as águas turvas, amarelo-esverdeadas. Embora fosse fácil manter o sol forte fora do seu campo de visão, era muito mais difícil afastar a voz irritante e incessante que tagarelava atrás de si.

– Roma. Roma-*a*. Roma…

– Por Deus, mudak. O quê? O que foi?

Ainda faltavam muitas horas para aquele dia terminar e Roma não estava particularmente inclinado a voltar a casa sem ter encontrado alguma coisa para o pai. Estremeceu perante essa ideia, imaginando a tempestuosa desilusão que haveria de marcar toda e qualquer palavra do pai.

– Podes tratar disto, não podes? – perguntara Lord Montagov nessa manhã, batendo com a mão no ombro de Roma. Para um observador fortuito, poderia parecer que Lord Montagov usara um gesto paternal de encorajamento. Na verdade, a palmada fora tão forte que Roma ainda tinha a marca vermelha no ombro.

– Não me deixes ficar mal desta vez, *filho* – murmurou Lord Montagov.

Era sempre aquela palavra. *Filho*. Como se tivesse algum significado. Como se Roma não tivesse sido substituído por Dimitri Voronin – não em nome, mas em favoritismo –, relegado para os papéis que Dimitri estava demasiado ocupado para aceitar. Roma não recebera aquela tarefa por o pai confiar particularmente nele. Recebera-a porque o Gangue Escarlate já não era o único problema a importunar o negócio deles, porque os estrangeiros em Xangai estavam a tentar tomar o lugar dos Flores Brancas como nova força contra os Escarlates, porque os comunistas estavam a ser um incómodo constante, tentando recrutar nas fileiras dos Flores Brancas. Enquanto Roma esquadrinhava o chão à procura de umas gotas de sangue, Lord Montagov e Dimitri estavam ocupados a negociar com políticos. Estavam a rebater os incansáveis britânicos, americanos e franceses, todos eles a babarem-se por uma fatia do bolo que era o Reino Médio – famintos de Xangai, a cidade acima do mar.

Quando fora a última vez que o pai o mandara aproximar-se do Gangue Escarlate como na noite anterior, como um genuíno herdeiro que devia conhecer o inimigo? Não era por Lord Montagov o querer proteger de uma represália. Isso já passara há muito. Era porque o pai não tinha a mínima confiança nele. Dar aquela tarefa a Roma tinha sido um caso de último recurso.

Um resmungo longo e irritado trouxe de volta a atenção de Roma ao presente.

– Sabes – disse bruscamente, virando-se para trás e protegendo os olhos da luz que se refletia do rio –, tu *escolheste* vir hoje.

Marshall Seo limitou-se a sorrir abertamente, finalmente satisfeito, agora que tinha conseguido a atenção de Roma. Em vez de disparar um gracejo, Marshall enfiou as mãos nos bolsos das calças bem passadas e mudou

casualmente de assunto, passando de russo para um coreano rápido e vociferante.

Roma conseguiu apanhar algumas palavras: «sangue», «desagradável» e «polícia», mas o resto perdeu-se, à deriva no vazio de aulas a que ele faltara quando era mais novo.

– Mars – interrompeu Roma. – Vais ter de mudar de língua. Hoje, não tenho cabeça para traduzir.

Em resposta, Marshall continuou simplesmente com a sua tirada. As suas mãos gesticulavam com o vigor habitual, movendo-se ao mesmo ritmo com que falava, sílaba sobre sílaba até Roma não ter a certeza se Marshall continuava a usar a sua língua materna, ou se estava apenas a fazer ruídos para exprimir a sua frustração.

– A ideia do general é que aqui cheira a esturro – disse, suspirando, uma terceira voz, mais serena, a alguns passos de distância –, mas nem queiras saber o tipo de analogias que ele inventa para fazer essa comparação.

A tradução chegou de Benedikt Montagov, primo de Roma e a terceira pessoa a completar o trio no seio dos Flores Brancas. A sua cabeça loura podia geralmente ser vista inclinada para a cabeça escura de Marshall, um par harmonioso conspirando algum passo para ajudar na próxima tarefa de Roma. Nesse momento, estava inclinada para baixo, a sua atenção focada em examinar uma pilha de caixotes que tinha a altura dele. Estava tão concentrado que não se mexia, só os olhos perscrutavam, para a esquerda e para a direita.

Roma cruzou os braços.

– Vamos estar gratos por cheirar a esturro e não a cadáveres.

O primo bufou de desdém, mas não teve outra reação. Benedikt era assim. Parecia sempre estar a ponto de explodir, mas nunca se passava nada, por mais próximo que estivesse a acontecer. Os da rua descreviam-no como uma versão diluída de Roma, e Benedikt aceitava-o de bom grado apenas porque a associação a Roma, por mais depreciativa que fosse, lhe dava poder. Os que o conheciam melhor achavam que tinha dois corações e dois cérebros. Estava sempre a sentir de mais, mas a pensar com o dobro da velocidade – uma granada modestamente carregada, que punha a sua própria cavilha sempre que alguém tentava puxá-la.

Marshall não tinha o mesmo controlo. Marshall Seo era um furioso explosivo de duas toneladas.

Pelo menos, tinha parado com as comparações com o esturro, ficando de repente agachado à beira da água. Marshall movia-se sempre daquela maneira – como se o mundo estivesse prestes a acabar e ele precisasse de juntar o máximo de movimentos possível. Desde que Marshall esteve implicado num escândalo que envolvia outro rapaz e um armário escuro, aprendeu a bater primeiro e a bater depressa, contestando os mexericos que o seguiam por toda a parte com um sorriso à gato Cheshire. Se fosse mais duro, não seria vencido. Se fosse mais mau, então ninguém poderia tecer juízos de valor sobre ele sem temer uma faca encostada ao pescoço.

– Roma.

Benedikt acenou com a mão e Roma avançou a passo largo para o primo, na esperança de que ele tivesse encontrado alguma coisa. Depois da noite anterior, os cadáveres tinham sido retirados e enviados para o hospital local, para serem armazenados, mas a cena sangrenta continuava ali. Roma, Marshall e Benedikt precisavam de juntar as peças do porquê de cinco dos seus homens, um Escarlate e um polícia britânico terem rasgado as

respetivas gargantas, só que a cena do crime tinha uma tal escassez de pistas que encontrar resposta lhes parecia uma causa perdida.

– O que foi? – perguntou Roma. – Encontraram alguma coisa?

Benedikt ergueu os olhos.

– Não.

Roma desanimou.

– É a segunda vez que vasculhamos a cena, de uma ponta à outra – prosseguiu Benedikt. – Acho que já fizemos tudo o que podíamos… não nos pode ter escapado nada.

Mas, além de examinarem a cena do crime, o que mais podiam fazer para compreender aquela loucura? Não havia ninguém a quem fazer perguntas, nem testemunhas para interrogar, nem histórias de fundo com peças para juntar. Quando não havia perpetrador de crime, quando as vítimas tinham feito uma coisa tão terrível *a si mesmas*, como se haveria de encontrar respostas?

À beira da água, Marshall suspirou de forma audível, exasperado, pousando o cotovelo no joelho e a cabeça no punho.

– Ouviste falar de um alegado segundo incidente ontem à noite? – perguntou, passando agora para chinês. – Fala-se à boca pequena, mas não obtive nada de conclusivo.

Roma fingiu encontrar algo de interesse nas fendas ao longo do chão. Não pôde conter o sorriso ao comentar:

– Os rumores são verdadeiros. Acontece que eu estava lá.

– Oh, isso é excelente! – Marshall sentou-se muito direito, batendo palmas. – Bem, não muito excelente para a vítima, mas excelente! Vamos

antes procurar na nova cena e esperar que tenha mais informações do que este fedorento…

– Não podemos – interrompeu Roma. – Ocorreu em território Escarlate.

Marshall parou de bater com os punhos, desanimado. Benedikt, por outro lado, observava o primo com curiosidade.

– E como é que *aconteceu estares* em território Escarlate? – perguntou. *Ainda por cima sem nos levares,* ia preso ao fim da pergunta, sem ser adicionado audivelmente.

– O meu pai mandou-me para obter respostas dos Escarlates – respondeu Roma. Era uma meia-verdade. Lord Montagov tinha de facto enviado Roma com a ordem de determinar o que os Escarlates sabiam. Ir até ao clube burlesco tinha sido obra do próprio Roma.

Benedikt arqueou uma sobrancelha.

– E obtiveste respostas?

– Não. – O olhar de Roma desviou-se. – A Juliette não sabia de nada.

Uma súbita pancada produziu um eco forte na relativa calma da margem do rio. Benedikt tinha batido acidentalmente com o cotovelo nos caixotes, incrédulo, mandando o que estava em cima ao chão, desfazendo-se em dezenas de tábuas de madeira.

– A Juliette? – exclamou Benedikt.

– A Juliette voltou? – disse Marshall.

Roma permaneceu em silêncio, de olhos ainda a perscrutar a margem do rio.

Uma dor ia aumentando na sua cabeça, uma tenção aguçada que pulsava sempre que ele sondava as suas memórias. Só dizer o nome dela já lhe era

custoso. *Juliette*.

Foi ali que a conheceu. Enquanto os trabalhadores se atarefavam de um lado para o outro com trapos imundos enfiados nos bolsos, tirados de vez em quando para limpar a fuligem que se alojava nos dedos, dois herdeiros escondiam-se ali à luz do dia quase todos os dias, a rir diante de um vulgar jogo de berlindes.

Roma afastou as imagens. Os seus dois amigos não sabiam o que tinha acontecido, mas sabiam que *alguma coisa* acontecera. Sabiam que, num dia, Roma tinha toda a confiança do seu pai, como se esperava de um filho, e no outro olhava-o com desconfiança, como se Roma fosse o inimigo. Roma lembrava-se de ter os olhos postos em si, dos olhares trocados entre observadores quando Lord Montagov falava por cima dele, o insultava, lhe batia na cabeça pela mínima infração. Todos os Flores Brancas sentiam a diferença, embora não houvesse uma única alma que ousasse dizê-lo em voz alta. Tornou-se algo que se aceitava em silêncio, algo que dava que pensar, mas de que nunca se falava. Roma também nunca levantava a questão. Ele tinha de aceitar esta nova tensão, ou arriscar piorar ainda mais as coisas com um confronto. Tinham passado quatro anos numa corda bamba cuidadosa. Desde que não corresse mais depressa do que lhe era pedido, não perderia o equilíbrio por cima dos restantes Flores Brancas.

– A Juliette voltou – confirmou, baixinho, Roma.

Cerrou os punhos. Sentiu a garganta embargada. Inspirou, mal sendo capaz de expirar com aquele estremecimento que lhe consumia o peito.

Todas as histórias abomináveis que ouvira, todas as histórias que caíam sobre Xangai como um pesado nevoeiro de terror injetado diretamente no coração dos que se encontravam fora da proteção dos Escarlates – tivera a

esperança de que todas as histórias fossem mentiras, de que não passassem de propaganda que procurava envenenar a força de vontade de homens que estavam dispostos a fazer mal a Juliette Cai. Mas ele enfrentara-a na noite anterior pela primeira vez em quatro anos. Olhara Juliette nos olhos e, nesse instante, sentiu a verdade dessas histórias como se um poder mais elevado lhe tivesse aberto a cabeça e depositado meticulosamente os pensamentos na mente.

Assassina. Violenta. Implacável. Tudo isso e muito mais – era quem ela era agora.

E ficou de luto por ela. Não queria, mas aconteceu – doía-lhe saber que a suavidade da juventude deles tinha desaparecido para sempre, que a Juliette de que ele se lembrava estava morta há muito. Doía-lhe ainda mais pensar que, embora tivesse sido ele a dar o golpe fatal, continuara a sonhar com ela nesses quatro anos, com a Juliette cuja gargalhada percorrera a beira-rio. Era uma assombração. Ele enterrara Juliette como um cadáver debaixo das tábuas do soalho, satisfeito em viver com os fantasmas que lhe murmuravam durante o sono. Vê-la de novo era como descobrir que o cadáver debaixo das tábuas não só tinha ressuscitado como lhe apontava uma arma à cabeça.

– Então, o que é isto?

Benedikt deu uma cotovelada a um caixote que se tinha partido e apanhou alguma coisa do chão com as mãos em concha. Levantou as mãos até ao nariz e deu uma olhadela, depois gritou de repugnância, sacudindo-as de uma substância que parecia pó. Atento, Roma agachou-se e Marshall aproximou-se, os dois examinando o que Benedikt encontrara, extremamente confusos. Passou-se um minuto até que alguém falasse.

– Isso são… insetos mortos? – perguntou Marshall. Coçou o queixo, sem ser capaz de explicar a presença daquelas criaturas tão pequenas espalhadas no caixote. Não se pareciam com nenhuns insetos que os três rapazes já tivessem visto. Cada criatura tinha seguramente três segmentos no corpo e seis patas, mas eram estranhamente deformadas – com o tamanho de uma unha de criança e pretas como o carvão.

– Mars, verifica os outros caixotes – exigiu Roma. – Benedikt, dá-me o teu saco.

Com uma careta, Benedikt entregou o saco e ficou a ver, repugnado, Roma pegar nuns quantos insetos e colocá-los junto dos seus cadernos e lápis. Não havia alternativa: Roma precisava de os levar para uma melhor inspeção.

– Aqui não há nada – relatou Marshall, depois de ter partido a tampa do segundo caixote.

Ficaram a vê-lo dedicar-se aos restantes. Cada caixote foi minuciosamente sacudido e batido algumas vezes, mas não havia mais insetos.

Roma olhou na direção do céu.

– Aquele caixote no topo – disse ele. – Estava aberto antes de lhe tocares, não estava?

Benedikt franziu o sobrolho.

– Acho que sim – respondeu. – Os insetos podiam ter entrado…

Uma súbita explosão de vozes chinesas chegou então da esquina, espantando Roma o suficiente para que ele deixasse cair o saco de Benedikt. Deu meia-volta e viu os olhos esbugalhados do primo, depois olhou para a expressão combativa que logo apareceu em Marshall.

– Escarlates? – perguntou Marshall.

– Não temos de ficar aqui para confirmar – disse imediatamente Benedikt. Antes que Marshall pudesse reagir, deu-lhe um empurrão forte. Foi apenas a surpresa que fez com que Marshall se desequilibrasse e fosse a cambalear até à borda do passadiço, acabando por cair à água com um sereno *chape*! Roma não foi capaz de proferir uma única palavra de protesto antes que o primo carregasse também sobre *ele*, atirando-os aos dois ao rio Huangpu antes que as vozes alegres dobrassem a esquina e entrassem no passadiço.

A escuridão turva e a luz solar líquida fecharam-se em redor de Roma.

Ele descera em silêncio para a água com a orientação de Benedikt, mas agora estava tão ruidoso como o furioso pulsar do seu coração, a esbracejar loucamente na sua pressa por se orientar entre as ondas. Estava a afundar-se mais ou a erguer-se até à superfície? Estava direito ou de pernas para o ar, a nadar mais perto do solo até ter o corpo inteiro enterrado no rio, para nunca mais ser visto?

Uma mão socou-lhe a cara. Roma abriu os olhos.

Benedikt pairava diante dele, os caracóis do cabelo a esvoaçar em redor do seu rosto. Pressionou um dedo furioso nos lábios, arrastando depois Roma pelo braço, e nadaram até ficarem debaixo do passadiço.

Marshall já ali estava a flutuar, tendo conseguido colocar a cabeça nos poucos centímetros de espaço respirável entre o lado de baixo do passadiço e o rio crespado. Roma e Benedikt fizeram o mesmo, inalando o mais silenciosamente possível para recobrarem o fôlego, para depois colocarem os ouvidos perto dos painéis do passadiço. Ouviam as vozes dos Escarlates lá em cima, a falar de um Flor Branca que tinham acabado de surrar quase

até à morte, fugindo apenas porque um grupo de polícias aparecera. Os Escarlates não pararam nem repararam no saco que Roma deixara cair. Estavam demasiado cativos da sua adrenalina, apanhados nos efeitos da sede de sangue. As suas vozes tornaram-se terrivelmente fortes antes de esmorecerem de novo, avançando sem tomarem conhecimento dos três Flores Brancas que se escondiam na água debaixo deles.

Mal se foram embora, Marshall estendeu o braço e bateu na cabeça de Benedikt.

– Não era preciso *empurrares-me* – resmungou Marshall, zangado. – Ouviste o que eles estavam a dizer? Podíamos ter lutado com eles. Agora estou ensopado em lugares que um homem nunca devia deixar ensopar.

Enquanto Benedikt e Marshall encetavam uma discussão, os olhos de Roma vagueavam, examinando o lado de baixo do passadiço. Com o sol a brilhar intensamente pelas fendas da plataforma, a luz revelava toda a espécie de bolores e sujidade que se acumulara em montinhos debaixo do espaço. E também orientava imediatamente o olhar de Roma para… aquilo que parecia ser um sapato, a flutuar na água e a bater no lado de baixo do passadiço.

Roma reconheceu-o.

– Por Deus – exclamou Roma. Nadou até ao sapato e tirou-o da água, segurando-o no ar como um troféu. – Sabem o que isto quer dizer?

Marshall fitou o sapato, dirigindo a Roma um olhar que era de alguma forma vocal, mas sem proferir uma palavra.

– Que o rio Huangpu está a ficar cada vez mais poluído?

Por essa altura, Benedikt estava a ficar farto de flutuar naquela imundície debaixo do passadiço e saiu dali a nadar. Marshall depressa o seguiu, e

Roma – lembrando-se, com um sobressalto, que era de facto seguro ir para a superfície – apressou-se a fazer o mesmo, batendo com as mãos no lado seco do passadiço flutuante e sacudindo a água das calças quando se voltou a pôr em pé.

– Isto – disse Roma, gesticulando para o sapato – pertenceu ao homem que morreu em território Escarlate. Também esteve *aqui*. – Roma agarrou no saco de Benedikt e enfiou o sapato lá dentro. – Vamos. Eu sei onde…

– Ei – disse Marshall. Ainda a pingar, semicerrou os olhos ao olhar para a água. – Vocês…? Viram aquilo?

Quando Roma olhou para o rio, a única coisa que viu foi o sol ofuscante.

– Hã… – disse ele. – Estás a tentar ser engraçado?

Marshall virou-se para o encarar. Havia algo na sua expressão seríssima que travou o comentário provocador de Roma, que o imobilizou com um travo amargo na língua.

– Pareceu-me ver olhos na água.

A amargura espalhou-se. Todo o ar à volta deles se tornou de repente acobreado, de apreensão, e Roma agarrou o saco do primo, até estar praticamente a abraçá-lo.

– Onde? – perguntou.

– Foi só um vislumbre – disse Marshall, esfregando as mãos no cabelo, numa tentativa de escorrer a água. – Sinceramente, pode ter sido apenas o sol no rio.

– Parecia que tinhas a certeza relativamente aos *olhos*.

– Mas porque é que haveria *olhos*.…

Benedikt pigarreou, tendo acabado de sacudir a água das calças. Roma e Marshall viraram-se para ele.

– Ouviste o que se diz por aí, não?

A resposta deles foi imediata.

«Goe-mul», murmurou Marshall, ao mesmo tempo que Roma entoou: «Chudovishche.»

Benedikt fez um som afirmativo. Foi isso que arrancou finalmente Roma do seu estupor, e acenou para que os amigos se despachassem a afastar-se da água.

– Oh, por favor, não engulam essa conversa de monstro que circula pela cidade – disse ele. – Venham comigo e pronto.

Roma apressou-se. Saiu disparado pelas ruas da cidade, a cirandar pelas bancas do mercado quase sem olhar duas vezes para os vendedores ambulantes que passavam por ele, mesmo quando estendiam o braço para agarrar o dele, na esperança de publicitar algum fruto novo e estranho, vindo de barco de um outro mundo. Benedikt e Marshall arfaram e bufaram para manter o passo dele, trocando de vez em quando sobrolhos franzidos e perguntando-se onde os levaria tão fervorosamente Roma, com um saco cheio de insetos mortos apertado ao peito.

– Pronto – declarou finalmente Roma, derrapando até parar à frente dos laboratórios dos Flores Brancas, a arquejar pesadamente enquanto recobrava o fôlego.

Benedikt e Marshall chocaram um com o outro atrás dele, quase caindo os dois na pressa de pararem quando Roma parou. Por essa altura, estavam praticamente secos do mergulho no rio.

– Au – queixou-se Marshall.

– Desculpa – disse Benedikt. – Quase escorreguei nisto.

Levantou o pé e resgatou um pedaço fino de papel, um cartaz que tinha caído de um poste. Geralmente, publicitavam serviços de transporte ou vagas em apartamentos, mas aquele tinha um texto gigantesco ao cimo, anunciando EVITE A LOUCURA. VACINE-SE!

– Dá-me isso – exigiu Roma. Benedikt entregou-lhe o papel e Roma dobrou-o, enfiando o pequeno quadrado no bolso para posterior exame. – Sigam-me.

Roma irrompeu no edifício e seguiu pelo corredor comprido e sinuoso, entrando no laboratório sem bater à porta. Devia usar uma bata sempre que entrava no edifício, mas nunca ninguém se atreveu a mandá-lo embora e os vários cientistas jovens que os Flores Brancas empregavam naqueles postos de trabalho mal levantavam os olhos quando Roma os visitava, uma vez por mês. Estavam suficientemente familiarizados com a presença dele para o deixarem estar e o chefe dos cientistas, Lourens, estava suficientemente familiarizado com ele para não dizer nada relativamente à sua má conduta. Além disso, quem haveria de se dar ao trabalho de protestar contra o comportamento do herdeiro dos Flores Brancas? No que tocava àqueles cientistas, Roma era praticamente a pessoa que distribuía o salário deles.

– Lourens? – chamou Roma, perscrutando o laboratório. – Lourens, onde está?

– Aqui em cima. – A voz profunda de Lourens soou em russo com sotaque, a mão acenando do segundo piso.

Roma subiu os degraus de dois em dois, com Marshall e Benedikt atrás, como cachorrinhos ávidos.

Lourens levantou os olhos quando eles chegaram junto de si, depois franziu as fartas sobrancelhas grisalhas. Não estava habituado a ter visitas. Quando Roma visitava o laboratório fazia-o tendencialmente sozinho, com a cabeça afundada entre os ombros. Roma esgueirava-se sempre para o interior do laboratório como se o ato físico de se encolher pudesse funcionar como escudo contra a natureza obscura do seu negócio clandestino. Talvez se não caminhasse com a sua habitual boa postura se conseguisse absolver da culpa quando fosse pedir relatórios mensais sobre os progressos dos produtos que entravam e saíam daquele laboratório.

Aquele lugar era supostamente um laboratório de investigação dos Flores Brancas, na linha da frente dos avanços farmacológicos, aperfeiçoando medicamentos modernos para os hospitais em funcionamento no território deles. Pelo menos era essa a fachada que mantinham. Na verdade, as mesas ao fundo estavam sujas de ópio e tinham um cheiro pesado a alcatrão, enquanto os cientistas adicionavam as suas toxinas singulares à mistura, até as drogas ficarem perfeitamente modificadas para serem viciantes.

Os Flores Brancas enviavam-nas de novo para a rua, ficavam com o dinheiro e a vida continuava. Não era uma iniciativa humanitária. Era um negócio que tornava a vida dos pobres mais pobre ainda e que permitia aos ricos rebentar pelas costuras.

– Não o esperava hoje – disse Lourens, afagando a barba desgrenhada. Estava encostado ao corrimão para olhar para o primeiro andar, mas a sua corcunda fazia o gesto parecer terrivelmente perigoso. – Ainda não acabámos esta leva.

Roma estremeceu. Mais cedo ou mais tarde haveria de se habituar aos modos *blasé* com que as pessoas ali tratavam o seu trabalho. Afinal de contas, trabalho era trabalho.

– Não estou aqui por causa das drogas. Preciso da sua mestria.

Enquanto Roma se apressava para a mesa de trabalho de Lourens e afastava os papéis para libertar espaço, Marshall saltou para a frente, aproveitando a oportunidade para fazer uma apresentação extravagante. Todo o seu rosto se iluminou, como acontecia sempre que conseguia acrescentar um nome à lista eternamente comprida de pessoas com quem se dava.

– Marshall Seo, muito prazer em conhecê-lo. – Marshall estendeu a mão, fazendo uma pequena vénia.

Lourens, cujas articulações eram lentas e rangiam, apertou os dedos estendidos de Marshall com cautela. Em seguida olhou para Benedikt com expectativa e este, com um suspiro impercetível, também estendeu a mão, com o pulso frouxo.

– Benedikt Ivanovich Montagov – disse ele.

Se a impaciência não transparecia já no seu discurso, seguramente os olhos errantes demonstravam onde se focava a sua atenção: nos insetos que Roma espalhava em cima da mesa de trabalho de Lourens. Roma tinha o rosto trancado num esgar enquanto usava a manga para cobrir os dedos e separar das outras cada uma das pequenas criaturas.

Lourens ficou pensativo. Apontou o dedo a Roma.

– O *seu* patronímico não é Ivanovich?

Roma virou costas às criaturas. Semicerrou os olhos para o cientista.

– Lourens, o *meu* pai não se chama Ivan. Tu sabes isso.

– Pela minha saúde, a minha memória piora com a idade se não me lembro do seu – disse Lourens entre dentes. – Nikolaevich? Sergeyevich?

Mik…

– Podemos antes dar uma vista de olhos a isto? – interrompeu Roma.

– Ah. – Lourens virou-se para a sua mesa de trabalho. Sem querer saber da crucial questão de higiene, estendeu os dedos e tocou nos insetos, os olhos cansados a pestanejar de confusão. – Para o que estou a olhar?

– Encontrámo-los na cena de um crime. – Roma cruzou os braços, enfiando os dedos a tremer no tecido do casaco do fato. – Onde sete homens perderam a cabeça e rasgaram a própria garganta.

Lourens não reagiu ao agravamento daquela afirmação. Limitou-se a puxar a barba mais algumas vezes, unindo as sobrancelhas até se tornarem uma forma comprida e farfalhuda na testa.

– Dá-se o caso de julgar que estes insetos fizeram com que os homens rasgassem a própria garganta?

Roma trocou um olhar com Benedikt e Marshall. Eles encolheram os ombros.

– Não sei – admitiu Roma. – Estava com esperança de que me soubesse dizer. Confesso que não consigo imaginar por que outra razão encontraríamos *insetos* na cena do crime. A única outra teoria é que um monstro tenha emergido do rio Huangpu e induzido a loucura.

Lourens suspirou. Vindo de qualquer outra pessoa, Roma podia ter sentido um fervilhar de irritação, por ser uma indicação de que não estava a ser levado a sério apesar da gravidade do seu pedido. Mas Lourens suspirava quando fazia o chá e suspirava quando abria as cartas. Roma testemunhara o suficiente do temperamento de Lourens Van Dijk para saber que aquilo era meramente o seu estado normal.

Lourens tocou novamente num inseto. Desta vez, tirou o dedo depressa.

– Ah… *oh*. Isso é interessante.

– O quê? – exigiu Roma saber. – O que é interessante?

Lourens foi-se embora sem responder, os pés arrastando-se pelo chão. Perscrutou a prateleira e depois murmurou qualquer coisa em neerlandês. Só quando pegou num isqueiro, uma coisa pequena de cor vermelha, respondeu:

– Eu mostro-lhes.

Benedikt fez uma careta, agitando em silêncio um braço no ar.

Porque é que ele é assim?, disse só com os lábios.

Deixa-o divertir-se, respondeu Marshall só com os lábios.

Lourens voltou a coxear. Tirou uma placa de petri de uma gaveta sob a mesa de trabalho e pegou delicadamente em três insetos mortos, pousando-os, um a um, na placa.

– Provavelmente, devia usar luvas – disse Benedikt.

– Chiu – disse Lourens. – Não repararam, pois não?

Benedikt fez outra careta; desta vez parecendo que estava a chupar um limão. Roma suprimiu a mais leve sugestão de sorriso, que lhe ameaçou os lábios, e levou rapidamente a mão ao cotovelo do primo, em sinal de aviso.

– Reparar em quê? – perguntou, quando teve a certeza de que Benedikt ficaria sossegado.

Lourens afastou-se da mesa de trabalho, caminhando até estar pelo menos a dez passos dela.

– Venham cá.

Roma, Benedikt e Marshall seguiram-no. Ficaram a ver Lourens libertar uma chama do isqueiro, aproximá-la do inseto ao centro da placa de petri,

manter a luz amarela ardente no inseto até ele começar a encolher, com o seu exoesqueleto a reagir ao estímulo mesmo depois da morte.

Mas estava a acontecer a mais estranha das coisas: os *outros* dois insetos, de cada lado do inseto a arder, também ardiam, encolhendo e brilhando com o calor. À medida que o inseto do meio encaracolava cada vez mais, queimando com o fogo, os que estavam ao seu lado fizeram exatamente o mesmo.

– Que isqueiro forte você tem – comentou Marshall.

Lourens cortou a chama. Seguiu rapidamente para a mesa de trabalho, coisa que Roma não o achava capaz de fazer e ficou com a placa de petri suspensa acima das outras dúzias de insetos que permaneciam na superfície de madeira.

– Não é obra do isqueiro, meu caro rapaz.

Premiu de novo o isqueiro. Desta vez, quando o inseto sob a chama se tornou de um vermelho ígneo e encaracolou para dentro, todos os insetos pousados na mesa fizeram o mesmo – súbita e violentamente, de uma maneira que quase assustou Roma, levando-o a pensar que teriam ganhado vida.

Benedikt recuou um passo. Marshall fez pressão na boca com a mão.

– Como pode ser isso? – exigiu saber Roma. – Como é que isto é possível?

– A distância é determinante aqui – disse Lourens. – Até na morte, a ação de um inseto é determinada pelos outros que estão perto. É possível que não tenham mente própria. É possível que ajam como um só… cada um destes insetos que continua vivo.

– O que é que isso quer dizer? – pressionou Roma. – São responsáveis pelos mortos?

– Talvez, mas é difícil dizer.

Lourens pousou a placa de petri, depois esfregou os olhos. Pareceu hesitar, algo terrivelmente inesperado, e, fosse por que razão fosse, começou a abrir-se um buraco no estômago de Roma. Desde que conhecia o velho cientista, Lourens dizia sempre o que lhe vinha à cabeça, sem se preocupar com o decoro.

– Desembuche – instou Benedikt.

Um suspiro enorme.

– Estas criaturas não são orgânicas – disse Lourens. – Sejam o que forem estas coisas, não foram feitas por Deus.

E, quando Lourens se benzeu, Roma deu-se finalmente conta do caráter sobrenatural daquilo com que estavam a lidar.

Capítulo 5

O sol do meio-dia entrou pela janela do quarto de Juliette. Apesar do seu brilho, o dia estava fresco, aquele tipo de frio que empertiga um pouco as rosas, como se não se pudessem dar ao luxo de perder um único segundo do calor que as nuvens filtravam.

– Dá para acreditar no Tyler? – Juliette espumava, enquanto andava de um lado para o outro do quarto. – Quem é que ele acha que é? Tem andado por aí como um *bully* durante os últimos quatro anos?

Rosalind e Kathleen fizeram uma careta, em cima da cama de Juliette, onde Rosalind fazia tranças no cabelo de Kathleen. Aquela expressão era o mesmo que uma confirmação.

– Sabes que o Tyler não tem influência nenhuma neste gangue – tentou Kathleen. – Não te preocupes… *au*, Rosalind!

– Deixa de te mexer e talvez eu não tenha de puxar com tanta força – respondeu Rosalind com um tom de voz monótono. – Queres duas tranças iguais ou tortas?

Kathleen cruzou os braços, bufando. Fossem quais fossem os argumentos que queriam apresentar a Juliette, pareciam ter sido completamente esquecidos.

– Espera só até eu aprender a fazer tranças a mim própria. Vais deixar de ter poder sobre mim.

– Estás a deixar crescer o cabelo há cinco anos, mèimei. Admite simplesmente que achas as minhas tranças superiores.

Ouviu-se então um punhado de sons do lado de fora da porta de Juliette. Esta franziu o sobrolho, à escuta enquanto Kathleen e Rosalind continuavam, sem darem qualquer sinal de terem ouvido o mesmo barulho.

– Claro que as tuas tranças são superiores. Enquanto *tu* estavas a aprender a arranjares-te e a ser uma senhora, *eu* estava a aprender a brandir um taco de golfe e a dar apertos de mãos agressivos.

– Eu *sei* que os tutores eram uns parvalhões preconceituosos quanto à tua educação. Agora só estou a dizer para parares de te *mexer*…

– Olha, olha, chiu… – murmurou Juliette depressa, levando um dedo aos lábios. Tinham sido passos. Passos que pararam, provavelmente na esperança de apanharem no ar algum mexerico.

Embora a maior parte das mansões dos manda-chuvas ficassem ao longo de Bubbling Well Road, no centro da cidade, a casa dos Cai situava-se tranquilamente no limiar de Xangai; era uma tentativa de evitar os olhares atentos dos estrangeiros que governavam a cidade, no entanto, apesar da estranha localização, era o centro nevrálgico do Gangue Escarlate. Qualquer um que fosse alguém na rede ia bater à porta quando tinha tempo livre, embora os Cai tivessem inúmeras residências mais pequenas no coração da cidade.

No silêncio, ouviu-se de novo o som dos passos, a avançar. Provavelmente, pouco importava se as criadas, as tias e os tios que estavam sempre a passar, a cada minuto, tentavam pôr-se à escuta – Juliette, Rosalind e Kathleen falavam sempre num inglês rápido quando estavam as três sozinhas e pouquíssimas pessoas naquela casa tinham conhecimentos linguísticos para escutar às portas. Mesmo assim, era irritante.

– Acho que se foram embora – disse Kathleen, passado algum tempo. – Seja como for, antes de a Rosalind *me distrair* – lançou à irmã um olhar raivoso fingido, para dar ênfase –, dizia eu que o Tyler não passa de um

chato. Ele que diga o que quiser. O Gangue Escarlate é suficientemente forte para o desviar.

Juliette suspirou profundamente.

– Mas preocupa-me. – Foi até às janelas da varanda. Quando pressionou os dedos no vidro, o calor da sua pele enevoou imediatamente a superfície, em pontinhos: cinco pontos idênticos onde deixou a sua marca. – Nós não nos damos conta, mas as mortes causadas por esta guerra continuam a aumentar. Agora, com esta estranha loucura, quanto tempo será preciso até deixarmos de ter números suficientes para estarmos operacionais?

– Isso não vai acontecer – tranquilizou-a Rosalind, terminando as tranças. – Temos Xangai na mão…

– *Tínhamos* Xangai na mão – interrompeu a irmã. Kathleen bufou e apontou para um mapa da cidade que Juliette tinha desdobrado sobre a secretária. – Agora, os franceses controlam a Concessão Francesa. Os britânicos, os americanos e os japoneses têm o Colonato Internacional. E estamos em guerra com os Flores Brancas por um domínio estável de todos os outros lugares, o que é um feito por si só, considerando que restam tão poucas zonas na posse dos chineses…

– Ah, *para*. – resmungou Rosalind, fingindo um desmaio. Juliette teve de engolir uma gargalhada quando Rosalind com uma mão na testa se deixou cair para trás na cama. – Andas a ouvir muita propaganda comunista.

Kathleen franziu a testa.

– Não ando nada.

– Pelo menos admites que tens simpatia pelos comunistas, vá.

– Eles têm razão – retorquiu Kathleen. – Esta cidade já não é chinesa.

– Quem é que *quer saber* disso. – Rosalind chutou de repente com o pé, usando o impulso para endireitar o corpo, sentando-se tão depressa que o cabelo arranjado lhe caiu para os olhos. – Todas as forças armadas desta cidade têm uma aliança ou com o Gangue Escarlate ou com os Flores Brancas. É aí que está o poder. Independentemente do quanto perdemos para os estrangeiros, os membros do gangue são a força mais poderosa desta cidade, não os brancos estrangeiros.

– Até os brancos estrangeiros começarem a trazer a sua artilharia – disse Juliette entre dentes.

Afastou-se da janela da varanda e retrocedeu até ao tocador, deixando-se ficar em pé junto do longo assento. Quase distraidamente, estendeu o braço, passando o dedo pelo rebordo do vaso de cerâmica que estava junto dos cosméticos. Costumava estar ali um vaso chinês azul e branco, mas as rosas vermelhas não combinavam com as espirais da porcelana e, portanto, fez-se a troca para um *design* ocidental.

Teria sido muito mais fácil se os Escarlates tivessem mandado embora os estrangeiros, se os tivessem perseguido com balas e ameaças no momento em que os seus navios e os seus bens sofisticados atracaram no Bund. Mesmo agora, os gângsteres podiam unir forças com os cansados trabalhadores das fábricas e os seus boicotes. Juntos, se ao menos o Gangue Escarlate o desejasse, podiam subjugar os estrangeiros… mas não o faziam. O Gangue Escarlate estava a ter muitos lucros. Precisavam deste investimento, desta economia, destes montes e montes de dinheiro que inundavam as suas fileiras e os mantinham à tona.

Era custoso a Juliette pensar nisso. No dia em que regressou, fez uma pausa no exterior do Jardim Público, viu uma tabuleta onde se lia PROIBIDA

A ENTRADA A CHINESES e desatou a rir. Quem, no seu juízo perfeito, proibiria os chineses de entrarem num espaço do seu próprio país? Só mais tarde se deu conta de que não era uma piada. Os estrangeiros julgavam-se de facto suficientemente poderosos para impor espaços que eram *reservados à Comunidade Estrangeira*, argumentando que os fundos estrangeiros que punham nos parques recém-construídos e nos antros de bebidas ilegais recém-abertos justificavam a sua posse.

Em troca de riquezas temporárias, os chineses estavam a permitir que os estrangeiros deixassem marcas permanentes na sua terra e os estrangeiros sentiam-se cada vez mais à vontade. Juliette receava que um dia a situação se invertesse de repente e o Gangue Escarlate se desse conta de que estava de fora.

– O que se passa contigo?

Juliette fez um gesto brusco ao recuperar a atenção, usando o espelho para mirar Rosalind.

– O quê?

– Parecia que estavas a planear um homicídio.

Ouviu-se alguém bater à porta do quarto de Juliette antes que ela pudesse responder, obrigando-a a virar-se como deve ser. Ali, uma das criadas, abriu a porta e entrou arrastando os pés, mas deixou-se ficar na ombreira, sem querer entrar de mais. Nenhum empregado da casa sabia como lidar com Juliette. Ela era ousada de mais, descarada de mais, ocidentalizada de mais, ao passo que eles eram demasiado jovens e inseguros, nunca se sentiam à vontade. Os empregados da casa mudavam todos os meses, por uma questão prática. Evitava que os Cai conhecessem as suas histórias, a sua vida, o seu contexto. Num abrir e fechar de olhos, o mês passava e eles

eram postos porta fora pela sua própria segurança, cortando os laços que prenderiam Lord e Lady Cai a cada vez mais pessoas.

– Xiǎojiě, tem uma visita lá em baixo – disse Ali suavemente.

Nem sempre fora assim. Em tempos, tinham tido um conjunto de empregados que durou os primeiros quinze anos da vida de Juliette. Em tempos, Juliette teve a Ama e a Ama aconchegava Juliette na cama e contava-lhe as histórias mais tristes sobre terras do deserto e florestas luxuriantes.

Juliette estendeu o braço e tirou uma rosa vermelha da jarra. No instante em que fechou as mãos no caule, os espinhos picaram-na, mas ela mal sentiu a picada, com os calos que lhe protegiam a pele, com os anos passados a eliminar qualquer parte de si que pudesse qualificar-se como *delicada*.

A princípio, Juliette não tinha compreendido. Quatro anos antes, quando estava ajoelhada nos jardins a podar as roseiras com as luvas grossas calçadas, não percebeu por que razão a temperatura à sua volta subira com tanta intensidade, porque quase parecia que todo o terreno da mansão Cai estremecia com… uma *explosão*.

Tinha um zumbido nos ouvidos – primeiro com os restos daquele som forte e horrível, depois com os gritos, o pânico, o choro que viajava pelo ar desde os fundos, onde ficava a casa dos criados. Quando correu até lá, viu entulho. Viu uma perna. Uma poça de sangue. Estava alguém na ombreira da porta quando o teto desmoronou. Alguém com um vestido que parecia do mesmo género dos que usava a Ama, com o mesmo tecido que Juliette sempre puxara em criança, porque era a única coisa a que chegava para chamar a atenção da Ama.

Havia uma única flor branca pousada no caminho que conduzia à casa dos criados. Quando Juliette se livrou das luvas e a apanhou, com os ouvidos a zumbir e toda a sua mente atordoada, os seus dedos depararam com um bilhete preso a ela, escrito em russo, em cursivo, sangrando tinta quando ela o desdobrou.

O meu filho manda cumprimentos.

Tinham levado tantos corpos para o hospital nesse dia. Cadáveres e mais cadáveres. Os Cai tinham estado a jogar limpo, tinham decidido aligeirar um ódio antigo cuja causa se esquecera no tempo – e olhe-se onde isso os levara: a morte entregue diretamente à sua porta. A partir desse incidente, o Gangue Escarlate e os Flores Brancas disparavam uns contra os outros à luz do dia, guardando e defendendo fronteiras territoriais como se a sua honra e reputação dependessem disso.

– Xiǎojiě?

Juliette fechou os olhos com força, deixando cair e rosa e passando uma mão fria pela cara até ser capaz de engolir cada memória que ameaçava emergir. Quando abriu de novo os olhos, tinha o olhar mortiço, desinteressado ao inspecionar as unhas.

– E então? – disse ela. – *Eu* não trato das visitas. Vai chamar os meus pais.

Ali pigarreou e contorceu as mãos pela bainha áspera da camisa de botões.

– Os seus pais saíram. Posso ir chamar Cai Tailei…

– Não – disse bruscamente Juliette. Arrependeu-se logo do seu tom, quando a expressão da criada se tornou de espanto. De todos os membros

do pessoal, Ali era a que tratava Juliette com menos precaução. Não merecia que ela lhe falasse assim.

Juliette experimentou um sorriso.

– Deixa estar o Tyler. Provavelmente deve ser o Walter Dexter. Eu vou.

Ali inclinou o queixo de forma respeitosa, depois afastou-se à pressa antes que o mau feitio de Juliette voltasse. Juliette deduzia que dava uma impressão errada aos empregados. Faria qualquer coisa pelo Gangue Escarlate. Preocupava-se com o seu bem-estar e com os seus princípios, com as coligações e alianças com as firmas mercantes e com os investidores.

Mas não se preocupava com homenzinhos como Walter Dexter, que se achavam muito importantes, sem terem a capacidade de fundamentar essa sua alegação. Não tinha qualquer desejo de tratar dos assuntos que o pai não queria. Isso estava muito longe do negócio bárbaro em que esperara ser acolhida quando fosse finalmente chamada de volta. Se tivesse sabido que Lord Cai a deixaria de fora da guerra, de fora do mesmo ataque paralelo que tinha lugar no palco político, talvez não tivesse corrido a fazer as malas e a despejar todo o conteúdo do seu armazenamento de álcool quando deixou Nova Iorque para trás.

Depois do ataque que matou a Ama, Juliette fora enviada para Nova Iorque, para sua segurança, obrigada a deixar fervilhar o seu ressentimento durante quatro longos anos. Não era quem ela era. Preferia ter ficado a preparar-se com os pés assentes no chão, a lutar de queixo levantado. Juliette Cai tinha aprendido a não fugir, mas os seus pais – como era costume nos pais – eram hipócritas e obrigaram-na a fugir, obrigaram-na a

sair do domínio da guerra de sangue, obrigaram-na a tornar-se alguém muito afastado do perigo.

E agora estava de volta.

Rosalind fez um ruído com a garganta quando Juliette enfiou um casaco por cima do vestido com contas.

– Ora ali está outra vez.

– O quê?

– O rosto assassino – respondeu Kathleen sem levantar os olhos da revista.

Juliette revirou os olhos.

– Acho que é apenas a minha expressão de descanso.

– Não, a tua expressão de descanso é assim. – Rosalind imitou a expressão mais desmiolada que conseguiu, olhos esbugalhados e boca aberta, a oscilar em círculos sobre a cama. Em resposta, Juliette atirou-lhe uma pantufa, produzindo gargalhadas em Kathleen.

– Xô – disse Rosalind, atirando a pantufa para o lado e reprimindo uma gargalhada. – Vai tratar das tuas tarefas.

Juliette já estava a sair, fazendo um gesto grosseiro por cima do ombro. Enquanto atravessava o corredor do segundo piso fez uma pausa em frente do escritório do pai para ajustar o sapato no pé, que nunca mais lhe assentara bem desde que ficara preso na tampa da sarjeta.

E foi então que se imobilizou, de mão no tornozelo. Ouvia vozes vindas do escritório.

– Ah, *desculpem* – berrou Juliette, abrindo a porta com o sapato de salto alto. – A criada disse que estavam os dois *fora*.

Os pais levantaram a cabeça em simultâneo, a pestanejar. A mãe estava de pé, inclinada sobre o ombro do pai, com uma mão pousada na secretária e a outra, num documento que tinham à frente.

– O pessoal diz o que nós queremos que diga, qīn'ài de – disse Lady Cai. Agitou os dedos para Juliette. – Não tens uma visita lá em baixo?

Juliette fechou de novo a porta a bufar, lançando facas com os olhos aos pais. Mal lhe prestaram atenção. Limitaram-se a voltar à sua conversa, partindo do princípio de que Juliette se iria embora.

– Já perdemos dois homens com isso e, se os rumores forem verdadeiros, mais cairão antes de conseguirmos descobrir a causa específica – disse a mãe com voz baixa quando recomeçou a falar.

Lady Cai soava sempre diferente em xangainês do que em qualquer outra língua ou dialeto. Era difícil verbalizar exatamente de que se tratava, apenas que era uma sensação de calma, mesmo quando o tema arrastava consigo uma rajada de emoção. Era isso que significava falar-se a língua materna, deduzia Juliette.

Juliette não sabia bem qual era a *sua* língua materna.

– Os comunistas estão fora de si de alegria. O Zhang Gutai já nem vai precisar de megafone para recrutar. – O pai dela era o oposto. Era rápido e acutilante. Embora os tons de xangainês viessem completamente da boca, e não da língua ou da garganta, ele conseguia, de alguma forma, fazê-los ressoar dez vezes mais dentro de si antes de libertar o som. – Com as pessoas a cair que nem moscas, os empreendimentos capitalistas param de crescer e as fábricas ficam prontas para a revolução. O desenvolvimento comercial de Xangai para abruptamente.

Juliette fez uma careta e afastou-se da porta do escritório do pai. Por mais que ele tivesse tentado através das suas cartas, Juliette nunca se interessou muito por quem estava no governo, a menos que as suas ações tivessem algum efeito direto no negócio dos Escarlates. Só queria saber do Gangue Escarlate, de quaisquer perigos e tribulações imediatos que enfrentassem no dia a dia. O que significava que, em questão de esquemas, a mente de Juliette gostava de gravitar para os Flores Brancas, não para os comunistas. Mas se os comunistas tinham de facto soltado a loucura na cidade, como parecia desconfiar o seu pai, então também eles estavam a matar a gente dela e ela tinha de ter uma conversinha com eles. Afinal, nessa manhã, o pai não estivera a favorecer a política em detrimento das mortes. Talvez fossem uma única coisa.

Faz sentido que os comunistas pudessem ser responsáveis pela loucura, pensou Juliette quando começou a descer as escadas para o primeiro andar.

Mas como poderiam eles conseguir um feito desses? A guerra civil não era novidade. O país estava mais em tumulto político do que em paz. Mas uma coisa que levava pessoas inocentes a dilacerar a própria garganta estava seguramente longe de qualquer guerra biológica que ela tivesse estudado.

Juliette saltou para o último degrau da escada.

– Olá – gritou. – Aqui estou! Pode fazer a vénia! – Entrou na sala de estar e deparou, sobressaltada, com um desconhecido empertigado, sentado num dos sofás. Não era o mercador britânico irritante, mas alguém muito parecido, só que mais novo, mais ou menos da idade dela.

– Vou abster-me da vénia, se não se importa – disse o desconhecido, com uma inclinação para cima dos cantos da boca. Pôs-se em pé e estendeu a

mão.

– Chamo-me Paul. Paul Dexter. O meu pai não pôde vir hoje, por isso mandou-me a mim.

Juliette ignorou a mão estendida. *Pouca etiqueta*, reparou ela imediatamente. Segundo as regras da sociedade britânica, uma senhora tinha sempre o privilégio de oferecer a mão. Não que ela quisesse saber da etiqueta britânica, nem como a sua alta sociedade definia o que era uma *senhora*, mas esse tipo de pormenor minúsculo apontava para uma carência de educação, por isso Juliette arquivou-o na sua cabeça.

E ele devia *mesmo* ter feito a vénia.

– Deduzo que esteja aqui ainda por causa do mesmo pedido? – perguntou Juliette, alisando as mangas para baixo.

– Efetivamente. – Paul Dexter retirou a mão sem qualquer malícia. O seu sorriso era um misto de estrela de Hollywood e palhaço desesperado. – O meu pai promete-lhe que temos mais *lernicrom* do que qualquer outro mercador que navegue até esta cidade. Não vai encontrar melhores preços noutro lugar.

Juliette suspirou quando uns primos e tios atravessaram a sala de estar, à espera de que eles passassem. Quando o grupo passou por eles, Mr. Li apertou-lhe o ombro amavelmente.

– Boa sorte, miúda.

Juliette pôs a língua de fora. Mr. Li sorriu, enrugando todo o rosto, depois estendeu uma mão com um pequeno rebuçado embrulhado para que Juliette lhe pegasse. Já não era uma ávida menina de quatro anos que comeria até ficar com dores de dentes, mas pegou nele na mesma, metendo o rebuçado na boca enquanto o tio se afastava.

– Faça o favor de se sentar, Mr. Dexter…

– Trate-me por Paul – interrompeu ele, empoleirando-se de novo no sofá comprido. – Somos uma nova geração de pessoas modernas e Mr. Dexter é o meu pai.

Juliette mal conseguiu não se engasgar. Em vez disso, trincou o rebuçado, depois deixou-se cair numa poltrona perpendicular a Paul.

– Há algum tempo que admiramos os Escarlates – continuou Paul. – O meu pai tem grandes esperanças de uma parceria.

Um visível estremecimento abalou o corpo de Juliette, perante a familiaridade que Paul tinha com o termo «Escarlates». Enquanto nome, o Gangue Escarlate soava muito melhor em chinês. Chamavam-se a si próprios hóng bāng, as duas sílabas emaranhadas numa rapidez de vogais. Tal nome enrolava-se dentro e fora da língua dos Escarlates como um chicote e os que não sabiam lidar com ele como deve ser acabavam fustigados.

Foi a chicotada de Paul Dexter.

– Vou dar-lhe a mesma resposta que demos ao seu pai – disse Juliette.

Moveu as pernas para o braço da poltrona, as camadas do vestido caindo para trás. Os olhos de Paul seguiram o movimento. Ela ficou a ver as sobrancelhas dele terem um espasmo perante o escândalo da coxa pálida e comprida de Juliette à vista.

– Não vamos aceitar novos empreendimentos. Estamos ocupados que chegue com os nossos clientes habituais.

Paul fingiu-se desiludido. Inclinou-se para a frente, como se pudesse convencê-la com um simples contacto visual. O único efeito que teve foi

mostrar a Juliette que não tinha alisado um pedaço de pomada no cabelo louro-escuro escorrido.

– Não seja assim – disse ele. – Ouvi dizer que há um vosso rival que se pode entusiasmar mais com a oferta…

– Então talvez deva tentar junto deles – sugeriu Juliette.

Endireitou-se de repente. Ele estava a tentar aliciá-la a escutá-lo sugerindo que levaria o seu negócio aos Flores Brancas, mas pouco importava. Walter Dexter era um cliente que eles *queriam* perder.

– Fico contente por termos conseguido resolver este assunto tão prontamente.

– Espere, não…

– Então adeus. – Juliette fingiu pensar. – Peter? Paris?

– Paul – disse ele, de sobrolho carregado.

Juliette conseguiu fazer um sorriso, não muito diferente daquele desmiolado que Rosalind imitara antes.

– Certo. Adeus!

Ela pôs-se em pé de um salto e atravessou a sala de estar a pavonear-se, até à entrada. Num piscar de olhos, os dedos dela estavam na maçaneta pesada e ela abria a porta, desejosa de se livrar do visitante britânico.

Diga-se em abono de Paul que ele foi rápido a recuperar. Chegou à porta e fez uma vénia. *Finalmente, boas maneiras.*

– Muito bem.

Saiu para os degraus da frente, depois virou de novo o rosto para Juliette.

– Posso fazer um pedido, Miss Cai?

– Já lhe disse…

Paul sorriu.

– Posso voltar a vê-la?

Juliette bateu a porta com força.

– Nem pensar.

Capítulo 6

Roma não estava a ter um bom dia.

Durante a sua primeira hora acordado, tinha tropeçado quando subia as escadas e partido a sua caneca preferida com a infusão de ervas preferida, e bateu com tanta força na mesa da cozinha com a anca que tinha uma nódoa negra gigantesca a formar-se. Depois tinha sido obrigado a ir inspecionar a cena de um crime. *Depois* teve de enfrentar a possibilidade de a cena do crime ser de proporções sobrenaturais.

Enquanto Roma regressava pesadamente ao centro da cidade, sob o sol do início da tarde, sentia a paciência esgotar-se-lhe. Cada apito de vapor parecia-lhe o barulho que o pai fazia quando se zangava e cada *craque* de talhante a baixar o cutelo lembrava a Roma o som de tiros.

Geralmente, ele adorava o negócio que circundava a sua casa. Seguia deliberadamente pelos caminhos mais longos para entrar e sair das bancas, olhando para os embrulhos de legumes da quinta, em pilhas mais altas do que o seu vendedor. Fazia caretas ao peixe, inspecionando as condições dos seus tanques, pequenos e sujos. Quando tinha tempo disponível, pegava em doces de todos os vendedores que os vendiam, enfiando-os na boca à medida que prosseguia, e saía do mercado com os dentes a doer e os bolsos vazios.

O mercado aberto era uma das suas maiores paixões. Mas nesse dia não passava de um agente irritante em cima de um prurido viral.

Roma baixou-se sob as cordas de roupa ao longo do beco estreito que levava ao bloco habitacional central dos Montagov. Pingava tanto água limpa como suja, formando poças no pavimento: transparentes se

estivessem debaixo de um vestido encharcado, pretas e enlameadas se estivesse debaixo de um cano semi-instalado.

Tratava-se de uma característica que se tornava mais proeminente à medida que se penetrava mais profundamente em Xangai. Era como se um artista preguiçoso tivesse sido encarregado de construir tudo – os telhados e os parapeitos das janelas curvavam-se e alongavam-se com os ângulos e as arcadas mais gloriosos, para depois terminarem abruptamente ou se atravessarem no bloco vizinho. Nunca havia *espaço* suficiente nas zonas mais pobres daquela cidade. Os recursos estavam sempre a esgotar-se antes que os construtores estivessem prontos. Os canos eram sempre um nadinha curtos de mais, os esgotos só tinham meia cobertura, os passeios pareciam cair sobre si mesmos. Se Roma o desejasse, podia estender os braços pela janela do quarto, no quarto andar, e tocar sem problema nas persianas exteriores de um quarto do prédio ao lado. Se esticasse antes as pernas, podia saltar para lá sem qualquer dificuldade, para assustar o velho que lá vivia.

Não tinham propriamente falta de espaço. Fora da cidade havia terra abundante para expansão – terra intocada pela influência do Colonato Internacional e da Concessão Francesa. Mas os aposentos dos Flores Brancas localizavam-se mesmo ao lado da Concessão Francesa e ali estavam decididos a ficar. Os Montagov estavam ali instalados desde que o avô de Roma emigrara. Os estrangeiros só tinham reclamado a terra ali perto em anos recentes, quando se tornaram mais ousados em relação aos seus poderes jurídicos. De vez em quando, os Flores Brancas tinham grandes problemas, sempre que os franceses tentavam controlar as ações do gangue, mas as circunstâncias estavam sempre a favor dos russos. Os franceses precisavam deles; eles não precisavam dos franceses. Os Flores

Brancas deixariam os estrangeiros continuar a praticar as suas leis num espaço que parecia não pertencer a nenhum deles e os mercadores pomposos, com os seus casacos às flores e os sapatos engraxados, afastavam-se quando os gângsteres andavam desvairados pelas ruas.

Era uma cedência, mas haveria de se tornar mais tensa à medida que o tempo passava. Lugares daqueles estavam já a sufocar. Não servia de nada adicionar peso à almofada que tinham pressionada contra a cara.

Roma puxou mais o saco de Benedikt no ombro. Benedikt não tinha ficado muito satisfeito por Roma lhe estar a tirar o seu material de arte, mas depois o outro fingiu que lho devolvia e ao primo bastou um olhar – para todos os insetos mortos com que Lourens não quis ficar e para o sapato do cadáver, que Roma lá enfiara – para o empurrar prontamente, pedindo a Roma que lho devolvesse depois de lhe dar uma boa lavadela.

Roma destrancou a porta da rua e entrou. Quando se dirigia vagarosamente para a sala de estar, uma porta bateu à sua direita e Dimitri Voronin também entrou.

O dia de Roma, que já estava a ser desagradável, ficou ainda pior.

– Roma! – gritou Dimitri. – Onde estiveste a manhã inteira?

Embora fosse só uns anos mais velho, Dimitri comportava-se como se estivesse legiões acima dele. Quando Roma passou por Dimitri, este dirigiu-lhe um sorriso aberto e estendeu o braço para lhe despentear o cabelo.

Roma afastou-se com um movimento brusco, e semicerrou os olhos. Tinha dezanove anos, era herdeiro de um dos dois impérios clandestinos mais poderosos da cidade, mas sempre que Dimitri estava no mesmo espaço que ele, ficava de novo reduzido a criança.

– Fora – respondeu Roma vagamente. Se ele dissesse que tinha alguma coisa que ver com o negócio dos Flores Brancas, Dimitri haveria de o torturar até ficar a saber também. Embora Dimitri não tivesse inteligência suficiente para insultar abertamente Roma, este conseguia ouvir o insulto em todas as referências à sua juventude, todos os *ts* quase de pena sempre que falava. Era por causa de Dimitri que Roma não podia ser leniente. Era por causa de Dimitri que Roma fabricara um rosto frio e brutal que detestava ver sempre que se olhava ao espelho.

– O que queres? – perguntou então Roma, servindo-se de um copo de água.

– Deixa lá. – Dimitri entrou na cozinha depois dele e agarrou numa faca que ali estava. Espetou-a num pedaço de carne cozinhada que estava num prato em cima da mesa e mastigou em redor da lâmina grossa, sem querer saber de quem deixara o prato ou há quanto tempo ali estava a comida. – Eu também ia sair.

Roma franziu o sobrolho, mas Dimitri já se afastava, levando consigo o odor forte a almíscar e fumo. Deixado sozinho, Roma soltou uma demorada expiração e virou-se para deixar o copo no lava-louça.

Mas quando se virou, deu por si a ser observado por um grande par de olhos castanhos numa carinha pequena, de duende.

Quase uivou.

– Alisa – disse Roma à irmã, sibilando, e abriu as portas do armário da cozinha.

Não percebia como é que ela o estivera a observar ali de cima sem que ele reparasse, nem como conseguira caber por entre as especiarias e os açúcares, mas já tinha aprendido a não perguntar.

– Cuidado – lamentou-se ela quando Roma a tirou do armário. Quando a pousou no chão, ela apontou para a manga que Roma prendera no punho. – Isto é novo.

Não era nada novo. Com efeito, a camisa entrançada que lhe cruzava os ombros pequeninos lembrava o tipo de roupa que os camponeses usavam antes do fim das dinastias reais na China, e estava rasgada de uma maneira que só podia resultar de entrar e sair em recantos apertados. Alisa dizia simplesmente coisas absurdas de vez em quando pela simples razão de incitar a confusão, levando as pessoas a acreditar que se movia numa ténue fronteira entre a insanidade e a imaturidade excessiva.

– Chiu – disse-lhe Roma. Alisou-lhe a gola e depois ficou imóvel, com as mãos a pararem quando tocou numa corrente que Alisa tinha posto à volta do pescoço. Era da mãe deles, uma relíquia de Moscovo. A última vez que ele a vira, estava no cadáver dela, depois de ter sido assassinada pelo Gangue Escarlate, uma corrente prateada brilhante que sobressaía no sangue que escorria do pescoço cortado.

Lady Montagova tinha ficado doente pouco depois do nascimento de Alisa. Roma via-a uma vez por mês, quando Lord Montagov o levava a um lugar secreto, uma casa segura metida nos recantos desconhecidos de Xangai. Na memória de Roma, ela estava cinzenta e macilenta, mas sempre alerta, sempre pronta a sorrir quando ele se dirigia à sua cama.

A razão da casa segura era assim Lady Montagova não precisar de guardas. Era suposto ela estar *segura.* Mas, quatro anos antes, o Gangue Escarlate descobriu-a, mesmo assim, e cortou-lhe o pescoço em resposta a um ataque ocorrido antes, nessa mesma semana, deixando uma rosa vermelha murcha entre as suas mãos. Quando enterraram o corpo, ainda tinha as mãos cravadas de espinhos.

Roma devia ter odiado o Gangue Escarlate muito antes de lhe matarem a mãe e devia tê-los odiado ainda mais – com fervorosa paixão – depois de terem matado Lady Montagova. Mas não era assim. Afinal de contas, era a *lex talionis*: olho por olho – era assim que funcionava aquele conflito. Se ele não tivesse lançado aquele primeiro ataque, eles não teriam retaliado contra a sua mãe. Não havia maneira de distribuir a culpa numa guerra de tal escala. Se havia alguém a quem culpar, era a si mesmo. Se havia alguém a odiar pela morte da sua mãe, era a si mesmo.

Alisa acenou com uma mão em frente do rosto de Roma.

– Vejo olhos, mas não vejo cérebro.

Roma regressou bruscamente ao presente. Tocou com um dedo delicado debaixo da corrente, abanando-a.

– Onde arranjaste isto? – perguntou baixinho.

– No sótão – respondeu Alisa. O seu olhar iluminou-se. – É bonita, não é?

Alisa tinha só oito anos. Não lhe falaram do homicídio, disseram-lhe apenas que Lady Montagova sucumbira por fim à doença.

– Muito bonita – disse Roma, com voz rouca. Ergueu então os olhos, ao ouvir passos no segundo andar. O pai estava no escritório. – Agora vai. Chamo-te para desceres quando for hora de jantar.

Alisa fez um sinal de continência fingido, saiu da cozinha a saltitar e subiu as escadas, com o cabelo louro e fino num rasto atrás de si. Quando Roma ouviu a porta dela fechar-se, no quarto piso, começou também a subir as escadas, indo até ao escritório do pai. Abanou com força a cabeça, para a libertar dos pensamentos, e bateu à porta.

– Entra.

Roma encheu os pulmões de ar. Abriu a porta.

– Então? – disse Lord Montagov em jeito de cumprimento. Não ergueu os olhos. A sua atenção estava centrada na carta que tinha nas mãos e passou os olhos por ela antes de a atirar para o lado e pegar na próxima do monte. – Espero que tenhas descoberto alguma coisa.

Cauteloso, Roma entrou e pousou o saco no chão. Estendeu o braço para ele, hesitando por um instante antes de tirar o sapato e de o pousar na secretária do pai. Roma susteve a respiração, apertando as mãos atrás das costas.

Lord Montagov olhou para o sapato como se Roma o tivesse presenteado com um cão raivoso. Fazia aquela expressão a Roma com bastante frequência.

– O que é isto?

– Encontrei-o onde morreram os primeiros sete homens – explicou Roma cuidadosamente –, mas pertence ao homem que morreu no clube Escarlate. Creio que ele esteve presente na cena do primeiro crime e, nesse caso, trata-se de uma questão de contágio…

Lord Montagov bateu com força com as mãos na secretária. Roma estremeceu, mas obrigou-se a não fechar os olhos, obrigou-se a olhar em frente sem vacilar.

– Contágio! Loucura! Monstros! O que é que se passa com esta cidade? – berrou Lord Montagov. – Eu peço-te que procures respostas e tu trazes-me *isto*?

– Encontrei exatamente o que me pediu – respondeu Roma, mas baixinho, quase sem se ouvir.

Passou os últimos quatro anos a fazer sempre o que lhe era pedido, quer fosse uma tarefa pequena, quer fosse uma terrível. Caso não o fizesse, teria consequências a temer e, embora odiasse ser um Flor Branca, odiava ainda mais a ideia de *deixar* de o ser. O seu título conferia-lhe poder. O poder mantinha-o em segurança. Dava-lhe autoridade, reprimia os que o ameaçavam e mantinha-o e a Alisa em segurança, permitia-lhe manter todos os amigos do seu círculo sob proteção.

– Tira-me isto da frente – ordenou Lord Montagov, acenando para o sapato.

Roma apertou os lábios, mas tirou o sapato e enfiou-o novamente no saco.

– A questão mantém-se, pai. – Sacudiu o saco, deixando que o tecido engolisse o sapato. – Oito homens perecem no porto de Xangai: sete despedaçam a própria garganta, um foge. Se esse despedaça também a própria garganta no dia seguinte, isso não lhe parece uma doença de contágio?

Lord Montagov ficou muito tempo sem responder. Em vez disso, fez girar a cadeira até ficar de frente para a pequena janela sobranceira a um beco movimentado. Roma observou o pai, viu-o apertar as mãos nos braços do cadeirão, a cabeça bem rapada crespar-se com uma levíssima sugestão de suor. O monte de cartas foi abandonado por instantes. Os nomes assinados em chinês na parte inferior de muitas delas eram seus conhecidos: Chen Duxiu, Li Dazhao, Zhang Gutai. *Comunistas*.

Depois de Moscovo ter sido varrida pela Revolução Bolchevique, a maré daquela vaga política investira ali em baixo, em Xangai. As novas fações, que ganharam vida alguns anos antes, tinham tentado persistentemente

recrutar os Flores Brancas como aliados, ignorando o facto de que a última coisa que os Flores Brancas queriam era uma *redistribuição social*. Isso depois de os Montagov terem passado gerações a subir até ao topo. E tendo em conta que a maior parte dos membros comuns do seu gangue tinham *fugido* dos bolcheviques.

Embora os comunistas vissem os Flores Brancas como potenciais aliados, os Flores Brancas viam-nos como inimigos.

Lord Montagov acabou por produzir um ruído de repugnância, afastando-se da janela.

– Não me quero envolver numa questão de *loucura* – decidiu. – Essa será uma tarefa tua a partir de agora. Vê se percebes o que se passa.

Roma anuiu devagar. Perguntou-se se a tensão na voz do pai seria sinal de que ele achava que aquela questão da loucura não estava à sua altura ou se seria por o pai ter medo de apanhar a tal loucura. Roma não tinha medo. Só tinha medo do poder dos outros. Os monstros e as coisas que andavam de noite eram *fortes*, mas não eram *poderosos*. Havia uma diferença.

– Vou descobrir tudo o que conseguir sobre este homem – decidiu Roma, referindo-se à vítima mais recente.

Lord Montagov fez recuar a cadeira dois centímetros e pôs os pés em cima da secretária.

– Não te precipites, Roma. Primeiro, tens de confirmar se este sapato pertence mesmo ao homem que morreu ontem à noite.

Roma franziu o sobrolho.

– A última vítima está num hospital dos Escarlates. Matam-me assim que me virem.

– Arranja maneira de entrar – respondeu simplesmente Lord Montagov. – Parece que quando te dei a ordem de obteres informações sobre os Escarlates, chegaste a eles com facilidade.

Roma ficou rígido. Aquilo era injusto. A única razão por que o pai o mandou para território Escarlate foi por a interação de lorde contra lorde ser demasiado grave. Se Lord Cai e o seu pai se tivessem encontrado e o encontro tivesse terminado de forma pacífica, teriam os dois ficado malvistos. Roma, por seu lado, podia submeter-se ao Gangue Escarlate sem consequências para os Flores Brancas. Era um mero herdeiro, enviado numa missão importante.

– O que está a dizer? – perguntou Roma. – Lá por eu ter tido um motivo para entrar no clube burlesco, isso não significa que me possa ir passear pelo hospital deles…

– Arranja alguém que te leve. Chegaram-me rumores de que a herdeira dos Escarlates voltou.

Instalou-se um aperto no peito de Roma. Não ousou reagir.

– Não me faça rir, pai.

Lord Montagov encolheu os ombros de modo superficial, mas havia algo no seu olhar de que Roma não gostou.

– Não é uma ideia assim tão absurda – disse o pai. – Com certeza, podes pedir um favor. Afinal, ela foi em tempos tua amante.

Capítulo 7

No intervalo de uns poucos dias, começou o falatório na cidade. Não passava de rumores: uma suspeita de que não era um inimigo, nem uma força natural que trazia aquela loucura, mas o próprio diabo, a bater à porta na calada da noite e, com um olhar, uma insanidade total chegava à vítima.

Depois começaram os avistamentos.

Donas de casa que penduravam a roupa na corda perto do cais diziam ver tentáculos afastando-se quando se aventuravam lá fora ao cair da noite para irem buscar as suas coisas. Uns quantos trabalhadores dos Escarlates que se atrasaram na chegada aos turnos assustaram-se com os grunhidos e depois com os clarões de olhos prateados que os fitavam da outra extremidade do beco. O relato mais horrendo era a história espalhada pelo proprietário de um bordel à beira-rio, que falou de uma criatura aninhada no meio dos sacos do lixo à porta do seu bordel quando ele estava a fechá-lo. Tinha descrito o seu arfar, como que de dor, como se se debatesse consigo própria, meio escondida na sombra, mas sem dúvida uma coisa estranha e não natural.

«Tem uma espinha cravada de *lâminas*», ouviu Juliette ser sussurrado diante de si nesse momento, estando a história a ser transmitida do filho para a mãe enquanto esperavam por comida ao postigo de um restaurante de serviço rápido. O menino saltava de entusiasmo, ecoando as palavras ouvidas de um colega da escola ou de um amigo do bairro. Quanto mais mortes havia – e houve várias desde o homem no clube burlesco –, mais as pessoas especulavam, como se só de falarem das possibilidades pudessem tropeçar na verdade. Mas, quanto mais as pessoas falavam, mais a verdade se escapava.

Juliette teria descartado as histórias como tratando-se de boatos, mas o medo que se imiscuía nas ruas era muitíssimo real e ela duvidava de que tal sentimento chegasse àqueles níveis sem um suporte substancial das alegações. O que era, então? Os *monstros* não existiam, por mais que as lendas chinesas tivessem em tempos sido consideradas verdadeiras. Estava-se numa nova era de ciência e evolução. O chamado monstro tinha de ser uma criatura da autoria de alguém – mas de quem?

– Chiu – tentou dizer a mãe, a enfiar nervosamente os dedos da mão esquerda por entre as contas que trazia no pulso direito. Eram contas de oração budistas, usadas para não perder o mantra, mas fosse qual fosse o mantra que a mulher agora recitava, não podia competir com o entusiasmo ilimitado do filho.

– Dizem que as garras dele são do tamanho de braços! – continuou o rapaz. – Anda de noite à caça de gângsteres e, quando lhes sente o cheiro do sangue, ataca.

– Não são só os gângsteres que morrem, qīn'ài de – disse a mãe baixinho.

Apertou a mão na parte de trás do pescoço dele, mantendo-o firme na fila vagarosa.

O menino parou. Um tremor imiscuiu-se na sua voz doce.

– Māma, *eu* vou morrer?

– O quê? – exclamou a mãe. – Mas é claro que não. Não sejas disparatado.

Ela ergueu o olhar, tendo chegado ao início da fila.

– Dois.

O empregado do restaurante passou um saco de papel pela janela e mãe e filho apressaram-se a ir embora. Juliette ficou a olhar para eles e pensou no súbito medo na voz do rapaz. Nesse breve instante, o rapaz – com pouco mais de cinco anos – compreendeu que também ele podia morrer como o resto dos cadáveres em Xangai, pois quem poderia estar a salvo da loucura?

– É por conta da casa, menina.

Juliette ergueu de repente os olhos, deparando com um saco de papel a pairar diante do seu rosto.

– Só o melhor para a princesa de Xangai – disse o velho empregado, com os cotovelos pousados no parapeito do postigo.

Juliette fez o seu sorriso mais estonteante.

– Obrigada – disse ela, e aceitou o saco.

Essa palavra singular daria ao empregado material de sobra para se gabar quando se encontrasse no dia a seguir com os amigos para o *mahjong*.

Juliette deu meia-volta e saiu da fila, metendo a mão no saco e arrancou um naco do bolinho para pôr na boca. O seu sorriso desapareceu mal ficou fora de vista. Estava a fazer-se tarde e ela era esperada em casa em breve, mas continuou a cirandar por entre as lojas e a animação de Chenghuangmiao, uma rapariga vagarosa numa multidão caótica. Não tinha muitas oportunidades para vaguear em lugares daqueles, mas nesse dia tinha. Lord Cai mandara-a ir ver um centro de distribuição de ópio, que infelizmente não era tão empolgante como ela julgara. Cheirava mal, só isso, e quando ela finalmente localizou o proprietário, com os papéis que o seu pai queria, ele entregou-lhos com um ar meio a dormir. Nem sequer a cumprimentou antes, nem confirmou a legitimidade de Juliette estar a pedir informações confidenciais sobre abastecimentos. Juliette não compreendia

como é que alguém assim podia ter a seu cargo a gestão de mais de cinquenta trabalhadores.

– Com licença – murmurou ela, empurrando um ajuntamento especialmente denso, reunido em frente de uma loja de retratos feitos a lápis.

Apesar da escuridão que se alastrava nos céus rosados, Chenghuangmiao continuava a fervilhar de visitantes – amantes que davam passeios lentos no caos, avós a comprar xiǎolóngbāo para as crianças sorverem, estrangeiros a contemplar as vistas. O nome Chenghuangmiao propriamente dito referia-se ao templo, mas, para as pessoas de Xangai, passara a englobar todos os mercados movimentados em redor e os claustros de atividade na zona. O exército britânico instalara ali o seu escritório principal quase um século antes, nos Jardins de Yuyuan, por onde Juliette passava agora. Desde então, mesmo depois da partida dos estrangeiros, eles tinham ficado a gostar daquele lugar. Estava cheio dos rostos deles, apanhados em espanto e diversão.

– Isto é o fim! Levem agora a cura! Só há uma cura!

E às vezes também estava cheio de nativos excêntricos.

Juliette fez uma careta, metendo o queixo para dentro de modo a não estabelecer contacto visual com o velho a apregoar na ponte Jiuqu. Contudo, apesar do seu esforço para passar despercebida, o velho endireitou-se ao vê-la e saiu disparado pela ponte em ziguezague – os seus passos produziam sons preocupantes numa estrutura tão velha. Derrapou até parar à frente de Juliette antes que ela conseguisse deixar uma distância suficiente entre eles.

– Salvação! – guinchou. As suas rugas ficaram mais fundas, até os olhos terem sido completamente engolidos pela pele descaída. Mal conseguia levantar as costas acima de uma perpétua corcunda, contudo, movia-se tão depressa como um roedor a correr à procura de comida. – Tem de espalhar a mensagem de salvação. O lā-gespu vai dar-nos a salvação!

Juliette pestanejou rapidamente, as sobrancelhas erguidas. Sabia que não devia dar conversa a homens a apregoar na rua, mas havia alguma coisa nele que lhe punha os pelos da nuca em pé. Apesar da sua pronúncia rural, ela tinha compreendido quase todo o xangainês rouco – todo, com exceção daquele punhado de baboseiras.

Lā-gespu? Será que o som «s» seria um mero ceceio da sua criação?

– Lā gē bō? – tentou Juliette adivinhar, corrigindo. – Um *sapo* vai dar-nos a salvação?

O velho parecia muitíssimo ofendido. Abanou a cabeça de um lado para o outro, lançando em volta os cabelos grisalhos, finos e ralos, e roçagando a trança débil que usava. Era uma daquelas poucas pessoas que ainda se vestia como se o país não tivesse saído da era imperial.

– A minha mãe ensinou-me um provérbio sábio quando eu era pequena – continuou Juliette, agora divertida. – Lā gē bō xiāng qiē tī u nǐy.

O velho limitou-se a olhar para ela. Será que ele não compreendia o xangainês dela? Quando esteve no estrangeiro, sempre teve medo de se esquecer de como pronunciar aqueles tons persistentemente monótonos, que não se encontravam em mais nenhum dialeto do país.

– Foi uma piada má? – perguntou Juliette. No dialeto mais comum, repetiu, desta feita com maior hesitação. – Lài háma xiǎng chī tiān é ròu? Sim? Mereço pelos menos um risinho, vá lá.

O homem bateu com o pé no chão, abalado pelo seu esforço para ser levado a sério. Talvez Juliette tivesse escolhido o provérbio errado para fazer piadas. *O sapo feio quer uma dentada de carne de cisne*. Talvez o velho não tivesse sido criado com contos de fadas sobre o Príncipe Sapo e o seu feio meio-irmão. Talvez não gostasse que a piada dela desse a entender que o seu salvador lā-gespu – fosse o que fosse que isso quisesse dizer – era o equivalente de uma criatura proverbial, feia e calculista, que desejava o cisne, o adorado irmão do Príncipe Sapo.

– O lā-gespu é um *homem* – disse ele bruscamente para a cara de Juliette, a sua voz um sibilar estridente. – Um homem de grande poder. Deu-me uma cura. Uma injeção! Eu devia ter morrido quando o meu vizinho caiu em cima de mim a despedaçar a própria garganta. Oh! Tanto sangue! Sangue nos meus olhos e sangue a escorrer-me pelo peito! Mas não morri. Fui salvo. O lā-gespu salvou-me.

Juliette recuou um grande passo, que devia ter dado há cinco minutos, antes do início daquela conversa.

– Hã, isto foi divertido – disse ela –, mas tenho mesmo de me ir embora.

Antes que o velho a conseguisse agarrar, deu um passo para o lado e foi-se embora à pressa.

– Salvação! – gritou ele atrás dela. – Agora só o lā-gespu pode trazer a salvação!

Juliette virou com uma guinada, desaparecendo completamente da vista. Agora que estava numa zona menos apinhada, expirou profundamente e demorou o seu tempo a passar por entre as lojas, lançando olhares por cima do ombro para se certificar de que não estava a ser seguida. Quando teve a certeza de que não havia ninguém no seu rasto, suspirou, cheia de pena, por

deixar Chenghuangmiao e saiu do sortido de lojas muito juntas, voltando a entrar nas ruas da cidade para começar o caminho de regresso a casa. Podia ter chamado um riquexó ou ter mandado parar qualquer um dos Escarlates que vagueavam à porta dos cabarés, para que lhe fossem arranjar um carro. Qualquer outra rapariga da sua idade teria feito isso, especialmente se tivesse um colar tão brilhante como o que ela usava à volta do pescoço, especialmente se os seus passos ecoassem num espaço que se estendia por duas ruas. Os sequestros eram um negócio lucrativo. O tráfico de seres humanos crescia a uma velocidade nunca vista e a economia florescia com crime.

Mas Juliette continuou a andar. Passou por homens em grandes grupos e por homens agachados à frente de bordéis, com olhares lascivos como se aquilo fosse um segundo emprego para eles. Passou por gângsteres a lançar facas à porta dos casinos onde eram guardas, passou por mercadores duvidosos a limpar as armas e a mascarem palitos. Juliette não vacilou. O céu fez-se mais vermelho e os olhos dela, mais brilhantes. Onde quer que fosse, por mais que se embrenhasse na zona vulnerável e mais negra da cidade, desde que ficasse no seu território, *ela* era a governante suprema.

Juliette fez uma pausa, rodando o tornozelo para aliviar o aperto do sapato. Em resposta, cinco gângsteres Escarlate que estavam por perto, à volta de um restaurante, também se imobilizaram, à espera para ver se seriam convocados. Eram assassinos, extorsionistas e forças de violência atrozes, mas corriam rumores de que Juliette Cai era a rapariga que estrangulou e matou o amante americano com um colar de pérolas. Juliette Cai era a herdeira que, no segundo dia do seu regresso a Xangai, se metera numa rixa entre quatro Flores Brancas e dois Escarlates e matou os quatro Flores Brancas com apenas três balas.

Só um dos rumores era verdadeiro.

Juliette sorriu e acenou aos Escarlates. Em resposta, um deles retribuiu o aceno e os outros quatro riram-se nervosamente entre si. Temiam a ira de Lord Cai se alguma coisa lhe acontecesse, mas temiam ainda mais a ira dela, caso fossem testar a veracidade dos rumores.

Era a sua reputação que a mantinha em segurança. Sem isso, ela não era nada.

Queria isso dizer que quando Juliette entrou num beco e foi detida pela súbita pressão do que lhe parecia ser uma arma pressionada contra o fundo das suas costas, soube que não tinha sido um Escarlate a tentar fazê-la parar.

Juliette imobilizou-se. Numa fração de segundo, passou todas as possibilidades em revista: um mercador afrontado que queria retribuição, um estrangeiro ganancioso que queria um resgate, um viciado confuso nas ruas que não a reconheceu, com as contas brilhantes do seu vestido estrangeiro…

Uma voz conhecida disse então, e logo em inglês:

– Não grites por socorro. Continua a andar em frente, segue as minhas instruções e eu não disparo.

O gelo nas suas veias derreteu por um instante e passou a rugir numa explosão furiosa. Será que ele tinha esperado que ela entrasse numa zona isolada, até não haver ninguém por perto para ajudar, achando que ela teria demasiado medo para reagir? Teria pensado que aquilo ia de facto funcionar?

– Realmente já não me conheces – disse Juliette baixinho.

Ou talvez Roma Montagov julgasse que a conhecia demasiado bem. Talvez se achasse um especialista na matéria e tivesse descartado os

rumores que ela espalhava sobre si própria, pensando que de maneira nenhuma ela se teria tornado a assassina que dizia ser.

A primeira vez que ela matou alguém, tinha catorze anos.

Conhecia Roma há apenas um mês, mas jurara a si própria que não daria seguimento àquela guerra, que seria melhor. Depois, uma noite, a caminho de um restaurante, o carro deles foi emboscado pelos Flores Brancas. A mãe tinha-lhe gritado para se baixar, para se esconder atrás do carro com Tyler, para só usar as armas que lhes tinham sido postas nas mãos caso fosse absolutamente necessário. A luta tinha quase terminado. Os Escarlates tinham matado quase todos os Flores Brancas.

Então, o último dos Flores Brancas disparou na direção de Juliette e Tyler. Havia uma fúria de última oportunidade a arder nos seus olhos e, nesse momento, embora não houvesse dúvidas de que se tratava de uma ocasião de absoluta necessidade, Juliette ficou paralisada. Foi Tyler quem disparou. A sua bala cravou-se no estômago do Flor Branca e o homem foi-se, com Juliette, horrorizada, a olhar para o lado, onde os pais observavam.

Não foi alívio que ela viu. Foi confusão. Confusão relativamente às razões para Juliette ter ficado paralisada. Confusão por Tyler ter sido mais capaz. Então, Juliette ergueu a arma e disparou também, terminando o serviço.

Juliette Cai receava mais a reprovação do que uma nódoa na alma. Aquela morte era um dos poucos segredos que escondera de Roma. Agora sabia que devia ter-lhe contado, quanto mais não fosse para lhe provar que era tão nefasta quanto Xangai dizia.

– Anda – exigiu Roma.

Juliette continuou parada. Tal como fora sua intenção, ele interpretou mal a sua inação como sendo medo, pois teve uma leve hesitação e afrouxou muito ligeiramente a pressão na arma.

Ela virou-se. Antes que ele pudesse sequer pestanejar, a mão direita dela desceu com força sobre o punho direito de Roma, torcendo para fora a mão que segurava a arma até os dedos ficarem numa posição que não era natural. Deu uma palmada na arma com a mão esquerda. A arma caiu ao chão. Cerrando os maxilares para se preparar para o impacto, Juliette torceu o pé debaixo do de Roma e deu um impulso contra os tornozelos dele – até ele cair para trás, seguido dela, com uma mão a trancar-lhe o pescoço e a outra a meter-se no bolso do vestido para retirar uma faca fina como uma agulha.

– Muito bem. – Juliette içou-se, respirando pesadamente. Tinha-o estatelado, de costas, e preso, com os joelhos dela em cima das ancas de Roma e a lâmina encostada ao pescoço dele. – Vamos tentar de novo, como pessoas civilizadas.

O pulso de Roma disparou sob as pontas dos dedos dela, e o pescoço dele esforçava-se por se afastar da lâmina. Tinha os olhos dilatados a fitar os de Juliette, ajustando-se às sombras do poente à medida que o beco ia esmorecendo num violeta crepuscular. Estavam tão perto que partilhavam a respiração curta e rápida, apesar de ambos tentarem não parecer incomodados com o esforço da luta.

– Civilizadas? – repetiu Roma. Tinha a voz áspera. – Tens uma faca apontada a mim.

– *Tu* tinhas uma arma apontada a mim.

– Estou no *teu* território… não tinha alternativa.

Juliette franziu o sobrolho e pressionou a faca até aparecer na ponta uma gota de sangue.

– Está bem, para, para. – Roma estremeceu. – Já percebi.

Um pequeno deslize da mão agora e ela cortava-lhe o pescoço ao meio. Quase se sentiu tentada a experimentar. Tudo entre eles parecia familiar de mais, automaticamente íntimo. Ela ansiava por se livrar daquela sensação, por cortá-la como se fosse um tumor maligno.

Roma tinha o mesmo cheiro de antes: a bronze e hortelã e a maciez de um zéfiro suave. Assim tão perto, ela conseguia determinar que tudo e ao mesmo tempo nada tinha mudado.

– Vá – instou Juliette, enrugando o nariz. – Explica-te.

Roma virou os olhos para cima, exaltado. Agia de modo superficial, mas Juliette acompanhava o pulso errático dele a bater sob os seus dedos. Sentia cada salto e estremecimento de medo, ali debruçada com a lâmina dela.

– Preciso de informações – conseguiu dizer Roma.

– Chocante.

Ele ergueu as sobrancelhas.

– Se me soltares, eu explico.

– Prefiro que expliques como estás.

– Oh, Juliette.

Clique.

O eco da patilha de segurança de uma arma a ser premida soou no beco. Surpreendida, Juliette olhou para a esquerda, onde ainda jazia, intocada, a arma que ela despachara. Voltou o olhar para Roma e viu-o sorrir, os belos e maldosos lábios numa expressão trocista.

– O que foi? – perguntou Roma. Parecia quase provocador. – Achavas que só tinha uma?

A pressão fria do metal tocou-lhe na cintura. O gelo atravessou o tecido do vestido e imprimiu a sua forma na pele dela. Relutante e lentamente, Juliette retirou a faca do pescoço de Roma e levantou bem as mãos. Soltou-o do aperto mortal, cada gesto o mais prolongado possível até ela estar de pé, a recuar para se distanciar da pistola.

Em uníssono, sem outra maneira de evitar um impasse, puseram as armas de lado.

– O homem que morreu ontem à noite no teu clube – começou Roma. – Lembras-te dos sapatos desirmanados?

Juliette mordeu a parte interna das bochechas e anuiu.

– Encontrei o par de um deles no rio Huangpu, exatamente onde o resto dos homens morreu na noite do Festival da Lua – prosseguiu Roma. – Acho que ele escapou à primeira carnificina. Mas levou a loucura consigo, levou-a para o clube um dia mais tarde e depois sucumbiu a ela.

– Impossível – disse logo Juliette. – Que espécie de *ciência…*

– Já *passámos* a parte da ciência, Juliette.

Sentindo a indignação a arder-lhe na garganta, Juliette ergueu os ombros até às orelhas e fechou as mãos em punhos. Contemplou a ideia de chamar paranoico a Roma, irracional, mas infelizmente sabia como ele era diligente quando encontrava alguma coisa em que se focar. Se ele achava que aquilo era uma possibilidade, muito provavelmente era mesmo.

– O que é que estás a tentar dizer?

Roma cruzou os braços.

– Estou a tentar dizer que preciso de ter a certeza se se trata realmente do mesmo homem. Tenho de ver o outro sapato no cadáver dele. E se o sapato for o par, então esta loucura… pode ser contagiosa.

Juliette sentiu a negação aderir pesada e densamente aos seus ossos. A vítima tinha morrido no clube *dela,* esguichado sangue nos Escarlates *dela,* tossido cuspo num aglomerado de gente *dela.* Se aquilo era de facto uma doença da mente – uma doença da mente *contagiosa* –, o Gangue Escarlate estava metido num problema sério.

– Pode ter sido um pacto de suicídio – sugeriu ela, sem grande convicção. – Se calhar o homem recuou, mas agiu mais tarde.

Mas Juliette olhara para os olhos do moribundo. A única emoção que neles existia era medo.

Meu Deus. Tinha olhado o moribundo nos olhos. Se aquilo era contagioso, qual era o risco de *ela* o apanhar?

– Tu sentes isso tanto como eu – disse Roma. – Há aqui alguma coisa que não bate certo. Quando isto passar pelos canais oficiais para ser investigado, terão morrido mais pessoas inocentes desta peculiar loucura. Tenho de saber se se está a espalhar.

Roma olhou Juliette de frente quando se calou. Ela retribuiu o olhar, com uma frieza profunda a expandir-se no estômago.

– Como se tu quisesses saber da morte de inocentes – disse ela suavemente, recusando-se a pestanejar, não fossem os seus olhos começar a chorar.

Todos os músculos do maxilar de Roma ficaram tensos.

– Muito bem – disse ele, bruscamente. – A *minha* gente.

Juliette desviou o olhar. Passaram dois demorados momentos. Depois, rodou sobre si mesma e começou a andar.

– Despacha-te – gritou para trás. Iria ajudá-lo apenas daquela vez, e nunca mais. E só porque também ela precisava de conhecer as respostas que ele procurava. – A morgue vai fechar em breve.

Capítulo 8

Caminharam num silêncio tenso, palpável.

Não era que fosse embaraçoso – sinceramente, teria sido preferível que fosse. Era mais que a proximidade dos dois, com Juliette a caminhar à frente e Roma a segui-la três passos atrás para não serem vistos juntos, era horrivelmente familiar e, com franqueza, a última coisa que Juliette queria sentir por Roma Montagov era *nostalgia*.

Juliette ousou um olhar por cima do ombro enquanto percorriam as ruas compridas e sinuosas da Concessão Francesa. Como havia ali tantos estrangeiros a esforçarem-se por conseguir um pedaço da cidade, as ruas da Concessão Francesa refletiam a sua ganância, as suas investidas. As casas de cada setor viravam-se para dentro de uma maneira que – caso fossem vistas do céu – quase parecia circular, aninhando-se sobre si próprias para proteger a vulnerabilidade.

Ali, as ruas eram tão movimentadas como as partes chinesas da cidade, mas era tudo um tanto mais ordenado. Os barbeiros executavam o trabalho no passeio, como habitual, só que de tantos em tantos segundos empurravam muito bem, com os pés, os tufos de cabelos cortados para mais perto das sarjetas. Os vendedores ambulantes vendiam os produtos em volumes moderados, e não com os habituais gritos que Juliette ouvia nas partes ocidentais de Xangai. Não era só as adaptações das pessoas que tornava a Concessão Francesa peculiar – os edifícios pareciam um pouco mais direitos, a água parecia correr um pouco mais límpida, os pássaros pareciam chilrear um pouco mais alto.

Talvez todos eles pressentissem a presença de Roma Montagov e reagissem com um aviso.

E Roma retribuía essa reação, inspecionando as casas com os olhos semicerrados.

Custava vê-lo assim: incauto, curioso.

– Cuidado para não tropeçares – entoou Roma.

Juliette fulminou-o com o olhar, embora ele ainda estivesse a olhar para as casas, depois obrigou os olhos a voltarem-se para o passeio diante dela. Ela devia saber que qualquer tipo de distração da parte de Roma não passava de teatro. Em tempos conhecera-o melhor do que a si própria. Costumava ser capaz de prever todos os seus movimentos… menos da única vez em que isso fora realmente importante.

Roma e Juliette conheceram-se num entardecer como aquele, quatro anos antes, mesmo antes de a cidade implodir com o burburinho da sua nova reputação.

Corria o ano de 1922 e nada era impossível. Os aviões planavam e desciam no céu e os últimos vestígios da Grande Guerra estavam a ser limpos. A humanidade parecia estar numa curva ascendente depois da luta, do ódio e da guerra que em tempos abarrotara tudo, deixando que as boas coisas no fundo subissem devagar. Até a vendeta em Xangai tinha alcançado um tipo indizível de equilíbrio, em que, em vez de lutarem, um Escarlate e um Flor Branca podiam fazer um frio aceno de cabeça se passassem um pelo outro na rua.

Juliette foi recebida por um ambiente de esperança quando pôs o pé fora do barco a vapor, com as pernas bambas depois de um mês no mar. Meados de outubro, o ar ameno mas a ficar fresco, os trabalhadores a gracejar junto do porto a lançar pacotes para dentro dos barcos à espera.

Aos quinze anos, Juliette voltara com sonhos. Ia fazer alguma coisa digna de lembrança, ia ser uma pessoa digna de ser celebrada, ia animar vidas pelas quais valia a pena lutar. Era uma sensação que ela desconhecia quando partiu, aos seis anos, mandada embora com pouco mais do que algumas roupas, uma elaborada caneta de tinta permanente e uma fotografia, para não se esquecer da cara dos pais.

Foi o cúmulo desse sentimento que a levou atrás de Roma Montagov.

Todo o peito de Juliette estremeceu quando ela expirou. Ardiam-lhe os olhos e ela limpou rapidamente a única lágrima que lhe escorrera pela face, os dentes cerrados com força.

– Estamos quase a chegar?

– Relaxa – disse Juliette sem virar a cabeça. Não se atrevia a fazê-lo, não fosse ter os olhos a brilhar à luz débil da chama dos lampiões. – Não te estou a desencaminhar.

Nessa altura, ela não sabia quem ele era, mas Roma sabia quem *ela* era. Haveria de revelar, meses mais tarde, que fizera rolar o berlinde até junto dela de propósito, um teste para ver como ela reagia enquanto esperava no porto. O berlinde parou junto do sapato dela – sapatos americanos, sapatos que não encaixavam bem com o tecido e solas pesadas que batiam no chão à sua volta.

– Isso é meu.

Lembrava-se de levantar bruscamente a cabeça ao pegar no berlinde, a pensar que a voz pertencia a um rude mercador chinês. Em vez disso, olhava para um rosto jovem e pálido, com traços de estrangeiro – um conjunto de linhas afiladas e olhos bem abertos, preocupados. O sotaque com que falava o dialeto regional era ainda melhor do que o dela e o seu

tutor recusara-se a falar outra coisa que não xangainês, não fosse ela esquecê-lo.

Juliette fez rolar o berlinde na palma da mão, fechando os dedos com força à volta dele.

– Agora é *meu.*

Quase tinha graça agora, Roma a surpreender-se por ouvir o russo dela – impecável, ainda que um pouco forçado por falta de prática. Vincou o sobrolho.

– Isso não é justo. – Ele continuou com o dialeto de Xangai.

– Achado não é roubado.

Juliette recusou-se a abandonar o russo.

– Tudo bem – disse Roma, voltando por fim à língua materna para falarem a mesma. – Faz um jogo comigo. Se ganhares, podes ficar com o berlinde. Se eu ganhar, volta para mim.

Juliette perdera e, de muito mau humor, devolveu o berlinde. Mas Roma não tinha começado aquele jogo por brincadeira e não a deixaria escapar assim tão facilmente. Quando ela deu meia-volta para se ir embora, ele estendeu o braço para a mão dela.

– Estou aqui todas as semanas a esta hora – disse ele, com sinceridade. – Podemos jogar outra vez.

Juliette estava a rir quando libertou os dedos da mão dele.

– Espera só e vais ver – disse ela alto, virada para trás. – Vou ganhar-tos todos.

Haveria de descobrir mais tarde que aquele rapaz era Roma Montagov, o filho do maior inimigo da sua família. Mas regressou na mesma, ao

encontro dele, achando-se astuta, achando-se esperta. Durante meses, namoriscaram e fingiram e tocaram com a pontinha do pé na fronteira entre inimigo e amigo, sabendo ambos quem era o outro, mas nenhum o admitindo, tentando ambos ganhar alguma coisa com aquela amizade, mas mostrando-se descuidados, caindo demasiado fundo sem o saberem.

Quando estavam a atirar berlindes no chão irregular, eram apenas Roma e Juliette, não Roma Montagov e Juliette Cai, herdeiros de gangues rivais. Eram miúdos risonhos que tinham encontrado um confidente, um amigo que compreendia a necessidade de serem outra pessoa, ainda que só durante um bocadinho cada dia.

Apaixonaram-se.

Pelo menos Juliette *achava* que sim.

– Juliette!

Juliette arquejou, parando rapidamente. Atordoada como estava, estivera a dois segundos de ir contra um riquexó estacionado.

Roma puxou-a para trás e, instintivamente, ela ergueu os olhos para ele, para a sua certeza e cautela, para os olhos límpidos e frios.

– Larga-me – sibilou Juliette, arrancando o braço da mão dele. – Estamos quase a chegar ao hospital. Continua.

Seguiu em frente, apressada, com um formigueiro no cotovelo, onde ele lhe tocara. Roma foi rápido a segui-la, como era sempre, como sempre soube ser, seguindo no seu encalço de uma maneira que parecia natural ao olhar destreinado, de modo que se alguém olhasse para eles pensaria que era uma coincidência Roma Montagov e Juliette Cai estarem a andar junto um do outro, isto se os olhares indiscretos os reconhecessem, claro.

O grandioso edifício assomava à vista, em frente. Arsenal Road, número 17.

– Chegámos – anunciou Juliette com frieza.

O mesmo hospital para onde tinham levado todos os cadáveres depois da explosão.

– Segue de cabeça baixa.

Só para a desafiar, Roma ergueu os olhos semicerrados para o hospital. Franziu o sobrolho, como se conseguisse sentir a familiaridade daquele lugar através do mero estremecimento da voz de Juliette. Mas claro que não sentia – era impossível. Ela ficou a vê-lo ali especado, perfeitamente à vontade, e sentiu as mãos a arder de fúria. Calculava que ele soubesse exatamente a intensidade com que aquela cidade sentia o peso do que ele fizera. A vendeta nunca tinha sido tão sangrenta como naqueles primeiros meses depois do ataque dele. Imaginava que, caso se tivesse inclinado para cheirar as cartas que Rosalind e Kathleen enviavam através do oceano Pacífico, se tivesse inspirado a tinta que rabiscavam desordenadamente em papel branco e grosso para descrever as mortes, teria sido capaz de cheirar a violência e carnificina que cobria as ruas de vermelho.

Tinha acreditado que Roma estava do mesmo lado que ela. Tinha acreditado que podia forjar o seu próprio mundo, isento de vendeta.

Tudo *mentiras*. A explosão na casa dos criados era o ataque mais grave que os Flores Brancas podiam ter levado a cabo. Teriam sido vistos se tentassem fazer explodir a mansão principal, mas a casa dos criados não era vigiada, não era tida em conta, era secundária.

Tantas vidas de Escarlates a desaparecer num instante. Tinha sido uma declaração de guerra.

E não podia ter sido conseguido sem a ajuda de Roma. A maneira como os homens tinham entrado sub-repticiamente, a maneira como o portão fora deixado aberto – tudo isso eram informações que apenas Roma podia saber, através das semanas a fio passadas com Juliette.

Juliette fora traída e ali estava ela, ainda com a cabeça à roda por causa disso volvidos quatro anos. Ali estava ela, a albergar aquele nó pulsante de ódio que lhe ardia no estômago e fora ficando sempre mais intenso nos anos em que lhe foi roubada a hipótese de confronto, de explicação, e, no entanto, *continuava* a não ter coragem de enterrar a faca no peito de Roma, de se vingar da única maneira que conhecia.

Sou fraca, pensou ela. Mesmo consumida por aquele ódio, isso não bastava para exterminar todos os instintos para abordar Roma, para o manter afastado do perigo.

Talvez a força para o destruir viesse com o tempo. Juliette precisava, pura e simplesmente, de ganhar mais tempo.

– Cabeça *baixa* – instou de novo, empurrando as portas duplas para entrar no átrio do hospital.

– Miss Cai – cumprimentou-a um médico quando Juliette se aproximou da receção. – Em que posso ser útil?

– Seja-me útil assim…

Com uma mão, Juliette imitou o gesto de fechar a boca com um fecho-*éclair*. Com a outra, debruçou-se sobre a mesa e pegou na chave da morgue. O médico abriu muito os olhos, mas desviou-os. Com a chave fria na mão, Juliette continuou a percorrer o hospital, respirando o mais levemente possível. Ali cheirava sempre a putrefação.

Não tardou a que chegassem aos fundos do hospital e Juliette parou em frente da porta da morgue e bufou uma vez. Deu meia-volta para enfrentar Roma, que caminhava a olhar para os pés, como ela ordenara. Apesar do esforço, a encenação de bicho do mato não era convincente. A má postura assentava-lhe mal. Ele tinha nascido com a altivez cosida à coluna vertebral.

– Aqui? – perguntou ele. Parecia hesitante, como se Juliette o estivesse a conduzir a uma armadilha.

Sem falar, Juliette enfiou a chave na fechadura, destrancou a porta e ligou o interruptor, revelando um único cadáver no interior. Jazia numa maca de metal que ocupava metade do espaço do chão. Sob a luz branca azulada, o morto parecia ter já encolhido, estando na maior parte tapado por um lençol.

Roma entrou depois dela e olhou para o espaço minúsculo. Começou a dirigir-se ao cadáver, enquanto arregaçava as mangas. Mas, antes de poder levantar o lençol, fez uma pausa, hesitante.

– Isto é um hospital pequeno e provavelmente mais alguém vai morrer durante a próxima hora – disse Juliette. – Mexe-te, antes que alguém decida transferir este homem para uma funerária.

Roma lançou um olhar a Juliette, mirando a postura de impaciência que ela adotara.

– Tens algum lugar melhor onde ir?

– Tenho – disse Juliette sem hesitar. – Faz o que tens a fazer.

Visivelmente picado, Roma puxou o lençol. Pareceu surpreendido ao ver que o homem estava descalço.

Juliette afastou-se da parede.

– Que caraças.

Avançou e agachou-se junto das prateleiras sob a maca de metal, retirando de lá uma grande caixa de objetos guardados e despejando o conteúdo. Depois de ter atirado para o lado a aliança ligeiramente ensanguentada, o colar muito ensanguentado e o capachinho, Juliette encontrou o par de sapatos desirmanados que ele usara naquele dia. Abriu a mala e tirou de lá o outro, em melhor estado.

– Sim?

Roma tinha os lábios contraídos, o maxilar tenso.

– Sim.

– Podemos então concordar que este homem esteve no local? – perguntou Juliette.

Roma anuiu.

E pronto. Não falaram enquanto Juliette colocava tudo na caixa, com os dedos a trabalhar como que dormentes. Roma tinha uma expressão sombria, os olhos fixos num ponto aleatório na parede. Ela calculou que ele estaria ansioso por sair dali, aumentando a distância entre eles o mais possível, e fingir que o outro não existia – pelo menos até o próximo cadáver dos seus feudos ser atirado por cima das fronteiras territoriais.

Juliette empurrou a caixa para o seu lugar e deu-se conta de que tinha as mãos a tremer. Fechou-as com toda a força quando se endireitou e enfrentou o olhar de Roma.

– Tu primeiro – disse ele, com um gesto para a porta.

Quatro anos. Devia ter sido suficiente. À medida que as estações passavam e o tempo prosseguia, ele devia ter-se tornado um desconhecido.

Devia ter começado a sorrir de maneira diferente, como acontecera com Rosalind, ou a andar de modo diferente, como Kathleen. Devia ter-se tornado mais descarado, como Tyler, ou até ter adotado um ar mais cansado, como a mãe de Juliette. Só que agora ao olhar para ela a única coisa que mudara é que ele estava… mais velho. Olhou para ela e Juliette viu exatamente os mesmos olhos exatamente com a mesma expressão – inescrutáveis, a não ser que a deixasse entrar, inabaláveis, a menos que se deixasse ir.

Roma Montagov não tinha mudado. O Roma que a amara. O Roma que a traíra.

Juliette obrigou-se a relaxar as mãos, com os dedos a doer da tensão com que os apertara. Com o mais leve dos acenos de cabeça na direção de Roma, deixando-o segui-la ao transpor a porta, ela estendeu o braço para a porta e acenou-lhe para que fizesse o mesmo, fechando a morgue atrás de si com uma finalidade pesada e abrindo a boca para um adeus firme e frio a Roma.

Só que ainda nem tivera tempo de falar e foi interrompida por um absoluto pandemónio de fim do mundo dentro do hospital. Ao fundo do corredor, médicos e enfermeiras empurravam macas, gritando uns aos outros a pedir atualizações de alguma situação ou a localização de um quarto livre. Roma e Juliette correram imediatamente em frente, regressando ao átrio do hospital. Já estavam à espera de uma tragédia, mas, de certa forma, o que encontraram foi ainda pior.

O chão estava de um carmim escorregadio. O ar era pesado.

Para todo o lado que olhavam: membros moribundos do Gangue Escarlate, a jorrar sangue da garganta e a guinchar em agonia. Haveria

vinte, trinta, quarenta moribundos ou mortos, imóveis ou a tentar nesse momento cravar os dedos nas próprias veias.

– Oh meu Deus – murmurou Roma. – Começou.

Capítulo 9

– Quando espreitei para o quarto, ele dormia tão profundamente que tive um pouco de medo que tivesse morrido de noite – disse Marshall, abanando o morto com o pé. – Acho que estava a fingir.

Benedikt revirou os olhos e enxotou o pé de Marshall do cadáver.

– Podes dar algum crédito ao Roma?

– Eu acho que o Roma é um mentiroso compulsivo – respondeu Marshall, e encolheu os ombros. – Simplesmente, não quis vir connosco para ver cadáveres.

O dia rompera apenas uma hora antes, mas as ruas já fervilhavam de atividade. O barulho das ondas a bater no passadiço ali perto mal se ouvia no beco, com o burburinho de conversas que vinha do centro da cidade. O brilho do início da manhã rodeava as ruas frias como uma aura. O vapor no porto e o fumo das fábricas era consistentemente bombeado para cima, espesso, fuliginoso e pesado.

– Ah chiu – disse Benedikt. – Estás a distrair-me da dita tarefa de inspecionar cadáveres. – Estava de sobrolho profundamente carregado, ajoelhado junto do cadáver que Marshall empurrara com o pé até à parede.

Uma vez mais, Benedikt e Marshall tinham sido encarregados da tarefa de limpeza, que não só abrangia tratar dos cadáveres sangrentos, como também dos polícias municipais envolvidos, pagando a toda e qualquer força legal que tentasse dedicar-se àqueles gângsteres mortos.

– A distrair-te? – Marshall agachou-se até ficar ao mesmo nível de Benedikt. – Se é assim, deves agradecer-me por aliviar esta morbidez.

– Se me ajudasses, eu agradecia – resmungou Benedikt. – Precisamos destes homens identificados antes do meio-dia. Por este andar, a única coisa

que teremos identificada é o número de cadáveres aqui… – Revirou os olhos quando Marshall olhou em volta e começou a contar. – Seis, Mars.

– Seis – repetiu Marshall. – Seis cadáveres. Contratos de seis dígitos. Seis luas à volta do mundo. – Marshall adorava o som da sua própria voz. Em qualquer circunstância em que houvesse silêncio, tomava para si, como um favor, a tarefa de o preencher.

– Não comeces…

O protesto de Benedikt não foi ouvido.

– *Devo eu compará-lo a uma noite de inverno?* – proclamou Marshall. – *Mais impressionante e mais dura: as brisas de tempestade tremem menos fortes…*

– Viste um desconhecido na rua durante dois segundos – interrompeu Benedikt, com voz monótona. – Por favor, tem calma.

– *Com olhos como beladona fatal, lábios como fruta fresca. Uma sarda na face esquerda como…* – Marshall fez uma pausa, depois pôs-se em pé muito de repente – como esta mancha no chão, de estranha forma.

Benedikt parou logo, de sobrolho franzido. Também ele estava de pé, de olhos semicerrados para o objeto em causa no chão. Era muito mais do que uma mera mancha de forma estranha.

– É outro inseto.

Marshall ergueu uma perna até um tijolo saliente na parede.

– Oh não, *por favor*.

Por entre as fendas no pavimento, um ponto preto pontuava o cimento, vulgar a um mero olhar apressado. Mas tal como um artista podia perceber um movimento acidental do pincel entre uma série de pinceladas

intencionais, no momento em que o olhar de Benedikt pousou no ponto, um arrepio percorreu-lhe a espinha e disse-lhe que a tela do mundo tinha cometido um erro. Aquela criatura não devia estar ali.

– É igual – disse ele, apertando o inseto cautelosamente entre os dedos. – É do mesmo tipo de inseto dos que encontrámos no porto e levámos ao laboratório.

Quando Benedikt pegou naquela singular coisa morta e a mostrou ao amigo teimoso, esperava que Marshall fizesse algum comentário rude ou elaborasse uma canção sobre a fragilidade da vida. Em vez disso, Marshall cerrou as sobrancelhas.

– Lembras-te da *Tsarina*? – perguntou de repente.

Esta mudança abrupta de tema era estranha até para os habituais desvios e histórias intermináveis de Marshall. Mesmo assim, Benedikt fez-lhe a vontade e respondeu:

– Claro que sim.

A *golden retriever* deles tinha morrido no ano anterior. Foi um dia estranho e de luto, tanto em respeito pela companheira de pelo como pela peculiaridade de uma morte que, para variar, não ocorreu com o premir de uma bala nem com salpicos de sangue.

– Lembras-te de quando Lord Montagov a arranjou? – continuou Marshall. – Lembras-te de ela aos saltos pelas ruas, a esfregar o focinho em todos os animais que encontrava, quer fosse um gato, quer fosse um rato selvagem?

Marshall estava a tentar chegar a algum lado, mas Benedikt ainda não era capaz de determinar onde. Nunca haveria de compreender a maneira como

pessoas como Marshall falavam, em círculos e círculos até o seu discurso ser o uróboro que se engole a si próprio.

– Sim, claro – respondeu Benedikt, franzindo o sobrolho. – Apanhou tantas pulgas que elas saltavam tanto para fora como para dentro do pelo…

O uróboro cuspiu finalmente a cauda.

– Faca. – Benedikt fez um gesto a Marshall para que procurasse nos bolsos. – Dá-me a tua faca.

Sem perder um segundo, Marshall libertou uma lâmina e atirou-a. O punho da faca deslizou sem obstáculo na mão de Benedikt, que pôs a arma com o bico para baixo, cortando uma madeixa de cabelo do cadáver o melhor que podia. Quando o cabelo solto caiu ao chão, Benedikt e Marshall debruçaram-se logo para examinar o escalpe do morto.

Só então é que Benedikt quase vomitou dentro da boca do cadáver.

– Isso – disse Marshall em tom neutro – é nojento.

Só se via dois centímetros de pele, dois centímetros de branco acinzentado entre duas leiras de cabelo grosso preto. Mas, nesse espaço, erguia-se uma dúzia de altos do tamanho da unha do dedo mindinho, moradas pontilhadas para os insetos mortos que agora residiam logo abaixo da primeira camada de pele. Benedikt ficou com comichão no couro cabeludo, por causa de um rastejar fantasma ao ver aquilo, exoesqueletos minúsculos, que mal se viam sob a membrana, patinhas e antenas e tóraxes presos e congelados no tempo.

Benedikt apertou a faca com mais força. Maldisse a sua curiosidade e alisou devagar os tufos de cabelo do morto, para que não lhe bloqueasse a visão da pele exposta. Depois, com os dentes cerrados e um tremor bailando no rebordo da língua, empurrou a ponta da lâmina para um dos altos. Não

se ouviu nenhum som de abertura nem de descarga de fluidos, como Benedikt esperava de uma visão tão nojenta. Foi num silêncio tenso, intercalado apenas pela eventual buzina de um carro que seguia a trepidar pela estrada ao lado, que Benedikt usou a faca para cortar a pele fina que cobria um dos insetos mortos.

– Vá lá – disse Benedikt quando um inseto, antes enterrado, ficou semi exposto. – Dá-lhe um puxão.

Marshall olhou para Benedikt como se ele tivesse sugerido que os dois matassem um bebé para o comer.

– Deves estar a brincar.

– Tenho as duas mãos ocupadas, Mars.

– Odeio-te.

Marshall inspirou profundamente. Enfiou cautelosamente dois dedos na fenda. Retirou o inseto morto.

Veio ao mundo com veias, vasos e capilares ligados à sua barriga. Era como se o inseto fosse uma entidade própria e o homem morto tivesse crescido a partir dela, quando, na verdade, as linhas, finas como papel, de rosa e branco, que brotavam do inseto, estavam a ser puxadas do *cérebro* do homem. Benedikt podia ter incorrido em erro.

As veias fremiram quando uma lufada perdida de vento soprou, vinda da margem.

– E esta? – disse Benedikt. – Acho que acabámos de descobrir o que provoca a loucura.

Capítulo 10

Uns dias mais tarde, Juliette estava determinada a encontrar pistas.

– Mantém-te alerta – disse baixinho a Rosalind e Kathleen à porta do edifício atarracado de um átrio de ópio. Do outro lado da rua, havia duas portas com rosas vermelhas coladas – um cartão de visita dos Escarlates, em teoria, mas uma ameaça a alto e bom som, na realidade. Corria o rumor de que os Escarlates tinham começado a usar rosas vermelhas para fazerem troça dos Flores Brancas, que colavam qualquer flor branca nas portas dos edifícios que tomavam em disputas territoriais. Mas o uso da rosa vermelha começara há tanto tempo que Juliette não tinha a certeza da veracidade da afirmação. Uma coisa era certa, ter uma rosa vermelha colada à porta era um último aviso: para pagar, para ceder, para fazer dinheiro ou o que quer que fosse que o Gangue Escarlate tivesse exigido, ou então enfrentar as consequências.

Toda aquela rua estava sob o controlo dos Escarlates, mas todos os territórios tinham as suas áreas problemáticas.

– Fica perto de mim – continuou Juliette, acenando para que as primas avançassem.

No momento em que entraram no antro de ópio e pisaram as tábuas irregulares e húmidas do soalho, as três raparigas pressionaram instintivamente as mãos na linha das ancas ou na faixa da cintura, reconfortadas apenas pela presença das armas ocultas debaixo do sumptuoso tecido dos seus vestidos.

– Podem trabalhar aqui assassinos no ativo.

– Assassinos? – repetiu Kathleen, com a voz esganiçada. – Julguei que vínhamos aqui sacar dinheiro de rendas por pagar ao teu pai.

– E viemos. – Juliette apartou as cortinas de contas, transpondo a divisão para entrar na zona principal do antro, onde os cheiros de histórias distorcidas e vícios forçados flutuavam livremente. Os aromas que lhe chegavam ao nariz lembravam-lhe uma rosa em fogo, perfume misturado com gasolina e incendiado até as cinzas poderem ser usadas como cosméticos espessos e estonteantes. – Mas a rede de informação Escarlate diz-me que isto também é um lugar de socialização para os comunistas.

Fizeram uma pausa no meio do antro. Os vestígios da China antiga eram mais fortes ali, entre a parafernália variada – os cachimbos e as lamparinas –, trazida antes da viragem do século. A decoração também não era mais recente, pois embora os candelabros de teto se parecessem com os que pendiam, dourados e reluzentes, em todos os clubes burlescos de Xangai, as lâmpadas estavam cobertas por uma fina camada de fuligem, de aparência gordurosa.

– Cuidado – avisou Juliette. Mirou os corpos caídos contra as paredes do antro. – Duvido que estas pessoas sejam tão dóceis como parecem.

Alguns séculos antes, quando aquele lugar ainda era propriedade de algum membro da realeza ou general, talvez tivesse sido opulento e exuberante. Agora era um edifício descascado, a que faltavam tábuas do soalho e tinha um teto vergado sob o próprio peso. Os sofás tinham buracos nos lugares onde os clientes alongavam as pernas e os braços estavam gastos nas zonas em que os clientes esfregavam as mãos imundas antes de lançarem umas moedas ao ar e saírem apressadamente – isto se não fossem atraídos primeiro até às salas dos fundos.

Quando Juliette inclinou o pescoço e perscrutou o antro à procura da madame encarregada, ouviu um eco de risinhos vindo dos corredores. Nos instantes que se seguiram, um grupo de mulheres jovens deslizou para o

exterior, cada uma vestida com um hanfu diferente, de cor pálida, que Juliette calculava ser uma tentativa de invocar a nostalgia da China de eras anteriores. Se os menos as saias dos hanfus não estivessem carregadas de sujidade e os ganchos do cabelo não estivessem prestes a cair. Se ao menos os seus risos não fossem tão incrivelmente falsos, mesmo para ouvidos destreinados, os sorrisos vermelhos curvados com vivacidade, mas os olhos mortiços.

Juliette suspirou. Em Xangai, era mais fácil contar os estabelecimentos que *não* se desdobravam em bordel do que os que sim.

– Em que posso ser útil?

Juliette deu meia-volta, procurando a voz que tinha falado alegremente atrás dela. Madame, como se designava a si própria, estava inclinada sobre um dos sofás, com uma lamparina a arder ao seu lado e um cachimbo lançado descuidadamente sobre o seu tronco. Quando Juliette enrugou o nariz, Madame levantou-se, inspecionando Juliette tão atentamente como Juliette inspecionava as manchas pretas nas mãos da mulher mais velha.

– Eu seja… – disse Madame. – Juliette Cai. Não te via desde que tinhas quatro anos.

Juliette ergueu uma sobrancelha.

– Não sabia que nos tínhamos conhecido.

Madame comprimiu os lábios pálidos.

– Não te lembras, claro. Na minha cabeça, serás sempre uma coisa pequenina a dar os seus passinhos pelos jardins, esquecida de tudo o resto no mundo.

– Ã-hã – disse Juliette. Encolheu os ombros, num gesto superficial. – O meu pai não me contou isso.

Madame manteve os olhos constantes nos de Juliette, mas os seus ombros subiram com o mais leve sinal de ofensa.

– Eu e a tua mãe fomos boas amigas durante um tempo… – bufou ela – … até… bem, tenho a certeza de que ouviste dizer que alguém me acusou de ser simpática de mais para os Flores Brancas há uma década. Tudo balelas, claro. Sabes que os detesto tanto como tu.

– Eu não detesto os Flores Brancas – disparou Juliette imediatamente. – Detesto os que fazem mal às pessoas de quem gosto. O mais habitual é serem os Flores Brancas. Há uma diferença.

Madame bufou. A cada tentativa sua de estabelecer uma ligação com Juliette, era rebatida. Juliette podia ficar naquilo o dia todo. Adorava pegar nos pontos fracos das pessoas.

– Pois, mas eles que não te ouçam dizer isso – disse Madame entre dentes. Desviou então a atenção de Juliette, mudou de tática e agarrou Rosalind pelo pulso, dizendo muito baixinho: – Oh, eu conheço-te. Rosalind Lang. E também conheci o teu pai, claro. Que tesouro de crianças. Fiquei tão aborrecida quando vos mandaram para França. Nem imaginam o que o vosso pai gabou a excelência de uma educação ocidental. – Virou os olhos para Kathleen. Passou um instante.

Juliette clareou a garganta.

– O Bàba mandou-nos fazer cobrança – explicou, na esperança de que isso desviasse de novo a atenção de Madame para si. – Deve…

– Mas quem és *tu*? – perguntou Madame, interrompendo Juliette para se dirigir a Kathleen.

Kathleen semicerrou os olhos. Foi com bastante tensão que respondeu:

– Sou a Kathleen.

Madame fingiu estar a vasculhar a memória.

– Oh, Kathleen. Agora me lembro – disparou, estalando os dedos. – Costumavas ser tão malcriada, sempre a deitar-me a língua de fora.

– Eu *era* uma criança, portanto vai ter de me perdoar as minhas diabruras passadas – respondeu secamente Kathleen.

Madame apontou para a testa de Kathleen.

– Também tens a marca de nascença com a constelação de sagitário. Acho que me lembro de…

– Quem? – interrompeu Kathleen. Soou a desafio. – Quem é que também a tinha?

– Bem – disse Madame, agora constrangida. – Havia três de vocês, crianças Lang, certo? Também tinham um irmão.

Juliette cerrou os lábios. Rosalind assobiou por entre os dentes. Mas Kathleen… Kathleen limitou-se a fitar Madame com o mais inexpressivo dos olhares e disse:

– O nosso irmão está morto. Tenho a certeza de que ouviu dizer.

– Sim, bem, lamento – disse Madame, que não parecia lamentar nada. – Eu também perdi um irmão. Às vezes penso…

– Basta – interrompeu Juliette. Aquilo já se alongara o suficiente. – Podemos falar noutro sítio?

Madame cruzou os braços com força e girou sobre os calcanhares. Não pediu às três Escarlates que a seguissem, mas elas fizeram-no na mesma, em passo apressado e encostando-se às paredes quando tinham de passar pelas raparigas de tons pastel que namoriscavam nos corredores estreitos. Madame conduziu-as a um quarto decorado com vários tons de vermelho.

Havia ali outra porta, que dava diretamente para as ruas. Juliette perguntou-se se seria para uma fuga fácil ou para uma entrada fácil.

– Tenho o vosso dinheiro da renda.

Ficaram a ver Madame abrir caminho por entre a roupa espalhada no chão, estendendo o braço para baixo da placa de um colchão a que ela chamava cama para retirar o dinheiro. Sussurrando para si, Madame contou as moedas, cada uma tilintando na sua mão a acompanhar as vigas gementes do teto.

Madame estendeu o braço, oferecendo a Juliette o dinheiro que tinha na mão fechada.

– Na verdade… – Juliette fechou a mão em torno da de Madame e empurrou o dinheiro. – Fique com ele. Há outra coisa que eu prefiro.

A expressão agradável de Madame vacilou. Desviou os olhos para o lado, em direção à porta.

– E o que poderia ser?

Juliette sorriu.

– Informações. Quero que me diga o que sabe sobre os comunistas.

A expressão agradável no rosto de Madame desapareceu completamente.

– Perdão?

– Eu sei que os deixa frequentar este sítio para as reuniões deles.

Juliette inclinou a cabeça de lado, uma vez para Kathleen e outra para Rosalind. As duas irmãs saíram das suas posições ao lado dela e avançaram pela sala num movimento em «V», indo cada uma colocar-se em frente de uma saída.

– Eu sei que uma destas salas dos fundos não alberga uma rapariga e a sua cavalgada de prazer eterno… alberga uma mesa e uma lareira para manter quentinhos os membros do Partido Comunista da China. Portanto, conte-me: o que lhe chegou aos ouvidos sobre o papel deles nesta loucura que varre a cidade?

Madame soltou uma súbita gargalhada. Abriu muito a boca. Juliette viu-lhe o enorme espaço entre os dentes da frente.

– Não faço a mínima ideia do que estás a falar – disse Madame. – Não me meto nos assuntos deles.

Será medo ou lealdade o que a impede de falar?, pensou Juliette.

Madame estava associada aos Escarlates, mas não era gângster, era leal à causa, mas não propriamente disposta a morrer por ela.

– Claro. Que má-educação da minha parte partir desse princípio – disse Juliette. Remexeu no bolso, depois fez um sorriso mais luminoso do que o colar fino, de diamantes, que de lá tirou e que agora oscilava entre os seus dedos. – Aceita um presente para compensar a minha insolência?

Juliette colocou-se atrás de Madame com passinhos rápidos antes que ela pudesse protestar e Madame não se mexeu, pois que mal fazia aceitar um colar de diamantes?

Não era um colar de diamantes.

Madame guinchou quando Juliette apertou o fio do garrote com força e os seus dedos dispararam para se irem debater com a pressão que se enterrava na sua pele. Por essa altura, já o fio estava enrolado à volta do pescoço, com as microlâminas a furar.

– Os que são fiéis ao Gangue Escarlate estão a morrer aos magotes – sibilou Juliette. – Os que sujam as mãos sucumbem, vítimas da loucura,

enquanto pessoas como você continuam de lábios comprimidos, incapazes de decidir se devem sangrar escarlate ou lutar pelos trapos vermelhos dos trabalhadores. – Gotinhas de sangue brotaram na superfície da pele macia de Madame, o suficiente para lhe mancharem as matizes do pescoço. Se Juliette puxasse o fio mais um milímetro, as lâminas penetrariam o suficiente para deixar cicatrizes uma vez saradas. – Qual é o tom do seu sangue, Madame? Escarlate ou vermelho?

– Para, para! – arquejou. – Eu falo! Eu falo!

Juliette afrouxou o fio uma fração minúscula.

– Então *fale.* Que papel têm os comunistas nesta loucura?

– Não reivindicam responsabilidade pela loucura – conseguiu Madame dizer. – Enquanto grupo, mantêm com determinação que isto não é obra política sua. Contudo, em privado, especulam.

– Sobre o quê? – exigiu Juliette saber.

– Acham que um génio no seio do partido maquinou isto. – Os dedos de Madame tentaram agarrar de novo o fio, mas ele era demasiado fino para que ela o conseguisse segurar. A única coisa que conseguiu foi arranhar, as unhas a raspar a pele, como se troçasse das vítimas da loucura. – Dizem à boca pequena que viram os apontamentos de um homem, onde estava tudo planeado.

– Quem?

Como Madame parecesse hesitar, com a língua avançando aos solavancos, Juliette apertou mais o fio, num gesto de ameaça. Junto da porta, Rosalind aclarou a garganta, uma recomendação muda para que Juliette abrandasse e se controlasse, mas ela não vacilou. Disse apenas, com um tom de voz calmo como a maré da manhã:

– Quero um nome.

– Zhang Gutai – disparou Madame. – Secretário-geral dos comunistas.

Juliette soltou imediatamente o fio, trazendo-o de novo para junto de si e sacudindo-o. Tirou um lenço do bolso, limpando a corrente até estar de novo brilhante e prateada. Quando guardou o fio, ofereceu a Madame o lenço com o mesmo sorriso luminoso que reservava para as festas e para encantar homens mais velhos.

Madame estava pálida e a tremer. Não protestou quando Juliette amarrou o lenço em volta do seu pescoço, ajustando cuidadosamente o tecido até absorver a linha de sangue.

– Peço desculpa pelo incómodo – disse Juliette. – Isto vai ficar entre nós, não vai?

Madame anuiu, inexpressiva. Não se mexeu quando Juliette chamou Rosalind e Kathleen para junto de si; e também não protestou quando Juliette atirou para a mesa todo o dinheiro que tinha no bolso, para pagar *a posteriori* todas as informações de Madame.

Juliette saiu da sala com passos firmes, os saltos a fazerem um eco forte quando saiu do antro com as primas. Já começava a esquecer-se da constância do aperto do fio, a sua disposição em fazer mal a Madame em troca do que queria ouvir. Só conseguia pensar no nome que recebera – Zhang Gutai – e em como procederia de seguida.

Kathleen ficou a observá-la durante toda a viagem de regresso no carro. Juliette sentia-o como um barrar de gordura na testa: algo que a incomodava sem lhe fazer mal.

– O que foi? – exigiu Juliette por fim, quando o carro parou para deixar Rosalind sair.

Mal Rosalind bateu com a porta atrás de si, ajeitando a estola de peles sobre os ombros e entrando a pavonear-se no clube para fazer o turno do meio-dia, Juliette deslizou no banco de trás até ficar mesmo em frente a Kathleen, que estava esparramada, em cima dos assentos diante dela.

– Porque é que estás sempre a olhar para mim com essa expressão esquisita?

Kathleen pestanejou.

– Oh. Não me dei conta de que tinhas reparado.

Juliette revirou os olhos, levantando as pernas para que repousassem no coxim macio ao lado de Kathleen. A ignição do carro foi ligada, com o cascalho sob as rodas a ser esmigalhado sonoramente.

– Biăojiĕ, tu subestimas os olhos que tenho – gesticulou à frente de todo o rosto dela – em toda a parte. Causei ofensa?

– Não, claro que não – disse Kathleen rapidamente. Devagarinho, sentou-se direita e gesticulou para as mãos de Juliette, que baixou os olhos. Tinha uma mancha de sangue que não tratara de limpar, no espaço macio entre o polegar e o indicador. – Acho que estava à espera de lhe mostrasses uma pistola, ou assim. Não achei que fosses ameaçá-la de facto.

Kathleen sempre fora a pacifista. Nas cartas que ela e Rosalind enviavam para a América quando Juliette estivera fora – sempre metidas no mesmo envelope –, Juliette conseguia logo ver a diferença entre as duas irmãs. Havia a questão da letra, claro. A letra grande e redonda de Rosalind quando escrevia em inglês ou francês e os seus carateres chineses, largos e espalhados na página, como se cada traço tentasse fugir dos outros. Por outro lado, Kathleen escrevia sempre como se estivesse a ficar sem espaço. Espremia as letras e os traços até se sobreporem, por vezes encurtando o

caráter anterior com o impacto do seguinte. Mas além disso, mesmo que tivessem escrito as cartas na máquina de escrever, Juliette sabia sempre. Rosalind escrevia sobre o estado das coisas como faria qualquer pessoa da cidade. Era inteligente e espirituosa, depois de anos de educação em literatura clássica. A doçura das suas palavras era absorvida pela página quando ela lamentava a ausência de Juliette e lhe dizia que ela ficaria fora de si se tivesse visto Mr. Ping na semana anterior, com as calças rasgadas ao meio. Não era que Kathleen não tivesse lido igualmente muito – só que Kathleen olhava para dentro. Nunca faria um resumo das últimas mortes da vendeta para depois oferecer uma sábia expressão idiomática acerca da natureza cíclica da violência. Elaborava um projeto, passo a passo, para acabar com a brutalidade, para que pudessem viver em paz, depois perguntava-se por que razão não havia ninguém no Gangue Escarlate capaz de fazer aquilo.

Juliette sempre teve uma resposta. Só que nunca teve coragem de a dizer a Kathleen. Era porque não queriam.

– A Madame lida com a ralé dia sim, dia não. – Juliette pousou o queixo na mão. – Achas que se ia assustar por ver uma pistola?

Kathleen suspirou, irritada, e alisou o cabelo.

– Mesmo assim, Juliette, não é…

– Tens estado presente em algumas reuniões de negócios do meu pai, não? – interrompeu Juliette. – Ouvi a Māma dizer que Jiùjiu te levou e à Rosalind durante uns tempos há alguns anos, até vocês ficarem sem estômago para isso.

– Foi a Rosalind que ficou sem estômago – contrapôs Kathleen de modo neutro –, mas sim, o nosso pai levou-nos a algumas negociações.

– *Negociações* – troçou Juliette, recostando-se no assento. A sua voz saiu sarcástica, mas o escárnio não era dirigido a Kathleen. Era dirigido à maneira como o Gangue Escarlate distorcia a sua própria linguagem, como se toda a gente não soubesse já a verdade. Deviam começar a chamar-lhe o que realmente era: extorsão, chantagem.

Uma vez chegadas ao seu destino, o carro abrandou até uma velocidade ociosa à porta dos portões da mansão, com o motor a roncar. Os portões em redor da casa eram novos, tinham sido substituídos imediatamente depois da partida de Juliette. Eram uma perfeita chatice para os homens posicionados em frente sempre que chegavam familiares de cinco em cinco minutos, na esperança de entrarem, e agora os dois de serviço apressaram-se a puxar os pesados pináculos de metal antes que Juliette lhes pudesse gritar por serem lentos.

Mas era esse o preço a pagar pela segurança face ao perigo sempre presente.

– Lembras-te, não lembras? – perguntou Juliette. – Das táticas do meu pai?

Ela vira o bastante naqueles poucos meses desde o seu regresso. Mesmo antes disso, quando Juliette era pequena, algumas das suas primeiras memórias eram de estender os braços para que lhe pegassem ao colo e de sentir o cheiro a sangue que emanava do pai quando ele o fazia.

O Gangue Escarlate não tolerava fraqueza.

– Sim – disse Kathleen.

– Então, se ele consegue – continuou Juliette –, porque é que eu não hei de conseguir?

Kathleen não tinha nada a dizer. Limitou-se a dar um pequeno suspiro e a deixar cair as mãos ao lado do corpo, derrotada.

O carro parou completamente. Já estava uma criada à espera para abrir a porta e, embora Juliette aceitasse a mão que oferecia ajuda, fê-lo por mera cortesia; com o seu vestido de contas, era-lhe fácil sair depressa do carro e descer da sua grande altura. Entretanto, Kathleen, precisou de uns segundos para fazer uma saída digna, pois o confinamento provocado pelo qipao atrasava-lhe os movimentos. Quando os sapatos de Kathleen pisaram por fim o cascalho do caminho de acesso, já Juliette se dirigia à porta principal, inclinando a cabeça para o sol, com o intuito de aquecer o rosto frio.

Tudo haveria de encaixar. Não precisava de se preocupar. Tinha um nome. A primeira coisa que faria no dia seguinte era aparecer no local de trabalho desse tal Zhang Gutai para o confrontar. De uma maneira ou de outra, Juliette ia acabar com aquela loucura disparatada antes que as pessoas sofressem com isso.

Foi então que um som estridente atravessou os jardins.

– Ali, o que se passa contigo?

Juliette deu meia-volta, reagindo depressa ao pânico que ecoava pelos jardins. O seu coração vacilou de terror.

É tarde de mais.

A loucura tinha vindo bater à sua porta.

– Não, não, não – sibilou Juliette, apressando-se para os canteiros de flores.

Ali passara por aquele lugar a caminho de casa, com um cesto cheio de roupa suja encostado à anca. Só que agora o cesto jazia sobre as rosas, com

pilhas de roupa dobrada a esmagá-las sem piedade. E Ali despedaçava a própria garganta.

– Deita-a no chão – berrou Juliette ao jardineiro ali perto, o primeiro a chamar a atenção de Juliette com o seu grito estridente. – Kathleen, vai pedir ajuda!

Juliette agarrou um ombro de Ali. O jardineiro agarrou o outro. Juntos, tentaram ao máximo obrigar a criada a deitar-se, mas quando a cabeça de Ali bateu no solo macio das roseiras, já os seus dedos estavam profundamente enterrados nos músculos e tendões que lhe percorriam o pescoço. Havia um som de rasgo, húmido e horrível – uma sensação de humidade à medida que o sangue jorrava para fora – e depois Juliette viu *osso*, viu claramente cada lomba de branco-marfim perfeitamente encaixada ao longo do vermelho rosado do pescoço de Ali.

Os olhos de Ali fizeram-se vítreos. As mãos afrouxaram, os pedaços de carne despedaçada escorregaram e caíram ao chão.

Juliette tinha vontade de vomitar. O sangue que saía do pescoço de Ali corria sem parar, encharcando o solo até a terra ficar manchada de negro, até a mancha alastrar o bastante para parar a umas meras dezenas de centímetros do lugar onde antes ficara a casa dos criados, onde também a Ama conhecera o seu fim.

É por isto, pensou Juliette, como que anestesiada. *É por isto que não devemos amar mais do que é necessário. A morte acaba por chegar a todos…*

Um grito de terror chegou, vindo da casa.

Kathleen.

Juliette pôs-se em pé de um salto.

– Kathleen! – gritou. – Kathleen, onde estás?

– Juliette, *vem cá!*

Juliette irrompeu pela porta principal e correu até à sala de estar, arrancando arquejos de preocupação às tias confusas que se tinham levantado do sofá, interrompendo os mexericos. Num frenesim, entrou na cozinha a derrapar e foi encontrar Kathleen de pé junto à bancada comprida, com o corpo imobilizado num estado de horror, as mãos encostadas à boca e a reprimir as palavras num esforço para não gritar.

Uma cozinheira contorcia-se no chão, com o sangue já a pingar-lhe dos antebraços. A menos de um metro de distância, por baixo da porta que dava para o corredor principal, outra criada estava em pleno processo de colapso, encostada à ombreira e a golpear-se para resistir à loucura.

– Afasta-te…

A criada colapsou. O primeiro jorro de sangue do seu pescoço foi amplo, sujando os relevos intrincados da porta e fazendo uma pintura abstrata nas paredes bege. Débil, Juliette pensou se alguma vez seriam capazes de limpar aquela mancha, ou se ficaria ali em casa para sempre. Mesmo que pintassem por cima dela ou a esfregassem loucamente da ombreira, a sua presença permaneceria ali, deixando no espaço o fedor do fracasso dos Escarlates em proteger os seus.

A criada imobilizou-se. Pareceu ter sido isso a levar finalmente Kathleen a agir, porque disparou em frente com um arquejo embargado, o cabelo comprido a oscilar e a bater-lhe no rosto com a pressa.

Aquela loucura – podia ser contagiosa.

– Para! – guinchou Juliette.

Kathleen ficou paralisada. O único som que se ouvia no súbito silêncio era o da respiração pesada de Juliette.

Ela virou-se para trás, enfrentando as duas tias que tinham entrado cautelosa e sub-repticiamente na cozinha. As tias taparam a boca num gesto de horror, mas Juliette não lhes deu tempo para ficarem aterrorizadas.

– Vão chamar alguns homens ali da frente para virem limpar isto – disse ela. – Digam-lhes para usarem luvas.

Capítulo 11

Juliette bateu com a porta do porta-bagagens, trancando-o tão vigorosamente que o veículo abanou.

– Pronto – disse ela ao motorista. – Avance.

O motorista fez um aceno de cabeça sombrio pelo espelho retrovisor. O carro começou a afastar-se do caminho de acesso de cascalho, rodando em direção ao portão da frente, com destino ao hospital mais próximo. Os cadáveres no porta-bagagens ficariam então fora das mãos de Juliette. Esperava que o hospital apreciasse a delicadeza dos Escarlates, que envolveram os cadáveres em lençóis grossos.

– Miss Cai.

Juliette virou-se e deparou com um mensageiro que vinha na sua direção.

– Sim?

O mensageiro gesticulou para a casa.

– Os seus pais desceram. Perguntam o que se passa.

– Ah, *agora* desceram – resmungou Juliette.

Não quando ocorreram os gritos no corredor. Nem quando Juliette gritava palavrões para os gângsteres se despacharem com os lençóis de reserva e para as criadas irem buscar água, de modo a que os serviçais pudessem tentar esfregar as manchas das tábuas do soalho.

Teriam de contratar pessoal de limpezas pesadas.

– Vou falar com os meus pais.

Juliette suspirou. Passou pelo mensageiro em passo ocioso, os ombros pesados com a expectativa. Os pais podiam ter estado numa reunião no

andar de cima, mas dezenas de familiares tinham testemunhado as mortes terríveis e, naquela casa, a palavra espalhava-se depressa.

Mas quando Juliette regressou à sala de estar, viu-se obrigada a olhar duas vezes, ao dar-se conta que parecia estar ali a sua família inteira.

– Está a haver uma festa para a qual não fui convidada? – zombou Juliette, parando no limiar. Ainda havia manchas de sangue na cozinha e a sua família estava ali reunida em massa? Será que *queriam* ficar infetados e morrer?

Lord Cai pôs-se em pé, interrompendo qualquer que fosse o parente que estivera a falar naquele ajuntamento.

– Juliette – disse ele, inclinando o queixo para cima, na direção das escadas. Tinha qualquer coisa nas mãos. Umas tiras de papel branco-creme. Papel caro. – Anda.

Era uma clara dispensa para o resto dos habitantes da casa. No entanto, enquanto todos dispersavam, Tyler manteve-se no sofá, com as mãos atrás da cabeça como se tivesse todo o tempo do mundo. Inclinou a cabeça perante o olhar fulminante de Juliette, fingindo-se alheio.

Juliette mordeu a língua. Correu escadas acima, atrás do pai.

– O que fazemos às manchas de sangue? – perguntou quando entraram no escritório.

A mãe já lá estava, sentada do outro lado da secretária do pai, a folhear relatórios.

– Vamos chamar alguém para limpar – respondeu Lady Cai, erguendo os olhos e sacudindo um cisco fantasma de pó da manga do seu qipao. – Estou mais preocupada com as *razões* porque as pessoas estavam a arrancar a garganta nesta casa…

– É a loucura – interrompeu Juliette. – Está aqui e pode ser um contágio viral. Temos de pedir às outras criadas que estiveram em contacto com as vítimas que fiquem nos respetivos quartos durante os próximos dias.

O pai sentou-se no seu grande cadeirão e cruzou as mãos sobre o estômago. A mãe inclinou a cabeça interrogativamente.

– E como é que sabes que se trata de contágio? – perguntou Lord Cai.

Embora Juliette se tenha imobilizado perante a pergunta, dando-se conta tardiamente de que transmitira um pormenor de Roma, o pai não parecia desconfiado. Fizera simplesmente a pergunta, como em qualquer conversa normal. Juliette disse a si própria que se devia acalmar. O pai era o tipo de homem que, se estivesse desconfiado, teria demonstrado esse facto de maneira simples e clara.

– Ouvi nas ruas – respondeu Juliette. – E só pode piorar a partir daqui.

Lady Cai apertou a cana do nariz. Abanou a cabeça, afastando o pensamento. – Três mortos nesta casa continua a não ser relevante face aos milhares que são abalados pela maré política.

Juliette pestanejou.

– Mas, *Māma*…

– Não gostavas de saber porque é que estava toda a gente reunida daquela maneira lá em baixo? – interrompeu Lord Cai.

Empurrou os papéis que tinha em mãos para a secretária, colocando-os num ângulo que permitisse a Juliette vê-los bem. Por essa altura, a conversa tinha mudado; a loucura era na verdade apenas um apêndice da política que tinham em mente.

Muito bem, pensou Juliette. Se ela era a única com as prioridades certas, podia resolver o raio da coisa sozinha.

Juliette pegou no papel mais pequeno, pois o seu próprio nome chamou-lhe imediatamente a atenção.

Miss Cai, adorava vê-la lá. – Paul

– O que é isto? – quis Juliette saber.

– Um convite – explicou Lady Cai – para um baile de máscaras na Concessão Francesa, na próxima semana.

Juliette inclinou-se para ler o papel maior, fazendo ts-ts em voz baixa. Não estava a gostar do aspeto daquilo. Estrangeiros a estender as mãos num convite só podia traduzir-se em exigências e expectativas.

– São os franceses que nos convocam? – perguntou.

– O evento é organizado pelos diversos poderes estrangeiros – respondeu baixinho o pai. Num tom de troça, acrescentou: – Os franceses, britânicos, americanos e todos os outros… querem juntar-se para *celebrar os poderes nativos de Xangai* – disse, citando o texto enquanto Juliette passava os olhos por ele.

A nossa hospitalidade estende-se a todos que estão sob a proteção de Lord Cai, dizia. Aquele grupo estava a convidar todos os membros do Gangue Escarlate.

Lady Cai bufou.

– Se os estrangeiros nos quisessem celebrar, podiam começar por se lembrar de que este país é nosso, não deles.

Juliette virou-se para olhar a mãe, curiosa. As linhas do rosto de Lady Cai desfiguraram-se de reprovação, acentuando as rugas que ela passava todas

as manhãs a cobrir com uma camada de pó fino.

– Contudo – continuou Lord Cai, como se a mulher não tivesse feito um comentário contundente –, são os franceses que se querem encontrar connosco. Há aqui outra carta a espreitar de algum lugar.

Após uns segundos de busca confusa, Juliette levantou a folha de papel maior e encontrou a terceira e derradeira carta, que era do mesmo tamanho da de Paul. Aquela era para o pai, do cônsul-geral de França em Xangai. Tinha apenas duas linhas. Pedia uma reunião durante a festa para discutir a situação em Xangai, fosse o que fosse que isso queria dizer.

– Bem – disse Juliette –, isto significa problemas para nós?

– Pode não ser problemas. – Lord Cai encolheu os ombros. – Teremos de ver.

Juliette semicerrou os olhos. Não gostava da maneira como os seus pais tinham passado para um silêncio prenhe, que esperava por alguma coisa… alguma coisa…

– Espero mesmo que não *me* obriguem a ir ao baile de máscaras – adivinhou Juliette, desdenhosa.

– Não te vou *obrigar* a ir, como um tirano – respondeu o pai. – Mas gostaria muito que fosses comigo.

– Bàba – lamuriou-se Juliette. – Fui a festas suficientes em Nova Iorque para durar nove vidas. Os franceses bem podem dizer que querem discutir o estado das coisas em Xangai, mas nós *sabemos* que são inúteis.

– Juliette – ralhou a mãe.

– O que foi? – retorquiu Juliette, com justeza.

– Não, não, ela tem razão – disse Lord Cai. – Os franceses querem reunir apenas para discutir a milícia Escarlate. Querem saber quantas pessoas tenho sob o meu controlo e querem a minha colaboração perante a possibilidade de uma revolta comunista. Tudo isso é verdade.

O pai inclinou-se então para a frente, de olhos fixos nos dela, e de repente Juliette arrependeu-se da sua lamúria, porque se sentiu como uma criança a levar um raspanete por protestar por ter de ir para a cama cedo.

– Mas vamos precisar de aliados. Precisamos de poder, precisamos de clientes e precisamos do apoio deles. E eu preciso que sejas a minha pequena tradutora quando eles falarem à boca pequena em francês, julgando que não os consigo compreender.

Juliette fez um som de desagrado ao fundo da garganta.

– Muito bem – disse ela. Estendeu o braço para a carta com o convite e enfiou-a no bolso, pois queria examiná-la melhor a seu tempo. – Eu vou, mais ce n’est pas de bon gré!

Avançou para a porta, dispensando-se a si própria. Estava tão perto – já tinha uma mão na maçaneta e o corpo a meio do movimento – quando a mãe a chamou.

– Espera.

Juliette parou.

– Este… Paul – disse Lady Cai. – Porque é que ele quer falar contigo?

Lady Cai dissera o nome como se se tratasse de algum feitiço usado para invocar espíritos. Como se contivesse em si um grande peso, e não fosse apenas uma monótona sílaba de irritação.

– É filho do Walter Dexter – respondeu Juliette, apática. – Continuam a tentar contratar-nos como intermediários para o seu tráfico de droga.

Lady Cai ficou a remoer naquilo por um momento. E depois disse:

– Ele é bonito?

– Bah, por favor. – Juliette avançou. – Ele está a usar-me, Māma. É muito simples. Agora deem-me licença, por favor. Tenho trabalho para… *o que* estás a fazer?

Estas últimas palavras foram dirigidas a Tyler, que estava suficientemente perto da porta para que Juliette lhe tivesse batido no ombro quando a abriu.

– Acalma-te – disse Tyler. – Vou a caminho da casa de banho.

Ambos sabiam que era uma tremenda mentira – do tamanho do monstruoso sorriso de Tyler e comprida como a lista dos seus crimes.

Juliette fechou a porta do escritório do pai atrás de si com um sólido baque. Fitou o primo, à espera, e ele limitou-se a retribuir o olhar. Ainda tinha a face luzidia do corte, que não ganhara completamente crosta.

– Há alguma coisa que me queiras dizer, Tyler? – perguntou Juliette.

– Só uma – respondeu Tyler. Virou os olhos para cima, sabendo que os pais dela ainda conseguiam ouvir a conversa. – Estou muito entusiasmado por ir a esta festa. Le moment où tu n’es plus utile, je serai prêt à prendre ta place.

Juliette ficou rígida. Satisfeito com a reação que incitara, Tyler sorriu de novo e deu alegremente meia-volta, atravessando o corredor com as mãos enfiadas nos bolsos e um assobio baixinho a sair-lhe de entre os lábios.

Quando deixares de ser útil, estarei pronto para ficar com o teu lugar.

– Va te faire foutre – disse Juliette em voz baixa.

Desceu as escadas dois a dois, olhou, furiosa, para os familiares que continuavam a conversar nos sofás e fez fila para a cozinha. Aí, encontrou Kathleen, que continuava a olhar para as manchas nos ladrilhos do chão. Estava também a comer uma maçã, embora ultrapassasse a compreensão de Juliette que a prima conseguisse ter apetite.

– Correu bem? – perguntou Juliette.

– Oh, desisti de tentar limpar as manchas há dez minutos – respondeu Kathleen. – Estou só a inspecionar aquela porque parece um gato.

Juliette pestanejou.

Kathleen deu mais uma dentada na maçã.

– Cedo de mais?

– Cedo de mais – disse Juliette. – Estás ocupada agora? Preciso das tuas ligações comunistas.

– Pela última vez… – Kathleen atirou o caroço da maçã para o caixote do lixo. – Saber quem são os nossos espiões no partido não faz de mim comunista. O que é que eu tenho de procurar?

Juliette pôs as mãos nas ancas.

– A morada do Zhang Gutai.

Kathleen franziu o sobrolho, tentando situar aquele nome.

– Não consegues descobrir onde trabalha? É ele que edita o jornal, não é?

– Também posso ir espreitar ao trabalho dele – confirmou Juliette. – Mas quero alternativas.

«Alternativas» era uma maneira engraçada de pôr as coisas. Juliette queria a morada dele para poder entrar na casa e vasculhar as suas coisas, caso as respostas dele cara a cara fossem insuficientes.

Mas não tinha de esclarecer Kathleen. Kathleen sabia. Fez uma continência fingida, com um trejeito dos lábios.

– Mãos à obra.

*

– *Piolhos*? – repetiu Roma, horrorizado.

– *Do género* de piolhos – enfatizou Lourens, fazendo acompanhar a correção de um suspiro. Apontou para uma faixa de pele que cortara ao cadáver, onde as membranas grossas empolavam com pequenas bolsas de insetos mortos. Benedikt estava ligeiramente verde e Marshall pressionava os lábios com os dedos. – Saltam de hospedeiro em hospedeiro através do cabelo, depois enterram-se no couro cabeludo – continuou Lourens. Carregou num inseto com o dedo.

Ali perto, um dos cientistas empalideceu perante aquela visão, sem conseguir desviar a curiosidade da autópsia pouco convencional que se desenrolava mesmo em cima da mesa de trabalho. Não importava… os Flores Brancas já tinham visto coisas mais estranhas.

– Meu Deus – murmurou Marshall. – Podíamos ter sido infetados.

Benedikt fez um som que denotava ofensa:

– Já estão *mortos* – respondeu, fazendo um gesto com a mão para a frente.

– E no entanto obrigaste-me a tirar um – retorquiu Marshall. Estremeceu, fazendo todo o corpo vibrar com a emoção. – Que revoltante…

Roma tamborilou os dedos na mesa de trabalho. O laboratório carecia de ar fresco propriamente dito e ele quase não pregara olho na noite anterior. A sua cabeça começava a latejar ferozmente.

– Cavalheiros – instigou, tentando redirecionar a atenção de Benedikt e Marshall para Lourens. Não resultou.

– O bem-estar futuro dos Flores Brancas agradece-te.

– Oh, por favor, o que saberão eles do meu heroísmo?

Roma trocou um olhar com Lourens e abanou a cabeça. Não fazia sentido tentar meter-se na conversa quando Benedikt e Marshall ficavam assim. Quando não estavam a maquinar coisas juntos, estavam a picar-se um ao outro. Era quase sempre sobre as coisas mais descabidas, que realmente não precisavam de um debate de uma hora, mas, independentemente disso, os dois amigos de Roma empenhavam-se em debater, até ficarem com a cara vermelha. Roma não sabia se Benedikt e Marshall estavam destinados a matar-se um ao outro ou a beijar-se.

– Seja como for – disse Lourens, e aclarou a garganta quando houve uma leve acalmia na conversa –, com os recursos que aqui temos, podemos estar mais bem equipados do que os hospitais de Xangai. Gostava de tentar perceber como descobrir uma cura, se isso for do seu agrado.

– *Sim* – implorou Roma. – Isso seria fantástico. Obrigado, Lourens…

– Não me agradeça ainda – disse Lourens, com um ts-ts. – Não sou capaz de descobrir a cura para esta estranha infestação sem a vossa ajuda, jovens.

Marshall ergueu uma sobrancelha. Benedikt deu uma cotovelada em Marshall para o impedir de fazer comentários sarcásticos acerca da sua *juventude*.

– O que for preciso – prometeu Roma.

– Vou ter de fazer experiências – disse Lourens. Anuiu para si próprio. – Vão ter de me arranjar uma vítima viva.

– *Viva…*

Desta vez, foi Roma que deu uma cotovelada a Marshall.

– Vamos pôr mãos à obra – disse rapidamente Roma. – Obrigado, Lourens. Sinceramente.

Quando Lourens anuiu, aceitando com relutância aquele agradecimento, Roma afastou-se da mesa de trabalho, gesticulando para que Benedikt e Marshall o seguissem, e partiram os três. Roma ficou bastante impressionado com Marshall por ele conseguir ficar calado até terem transposto as portas da frente. Só quando estavam no passeio, sob as nuvens espessas da cidade, é que Marshall se saiu de repente com isto:

– Que *caraças*, como é que propões que tragamos uma vítima viva?

Roma suspirou, enfiando as mãos bem fundo nos bolsos. Começou a fazer o caminho de regresso à sede dos Flores Brancas, com o primo muito próximo, no seu encalço. Entretanto, Marshall saltou à frente deles, a andar para trás, com um monte de energia por gastar.

– Vais tropeçar numa pedra – avisou Benedikt.

– Estás a fazer-me dores de cabeça – acrescentou Roma.

– Só sabemos quem é vítima desta loucura quando a pessoa sucumbe – continuou Marshall, ignorando-os aos dois. – Quando alguém *está* a sucumbir, como vamos mantê-la viva durante o tempo suficiente para a levarmos para o laboratório?

Roma fechou os olhos por um momento. Quando voltou a abri-los, pareceu-lhe que pesavam uma tonelada.

– Não *sei*.

O latejar da cabeça estava a piorar. Roma quase não contribuiu para a conversa enquanto se dirigiam a casa e, quando surgiu a curva para o edifício principal, ele baixou a cabeça e entrou com um «adeus» dito entre dentes, deixando Benedikt e Marshall a olhar para ele, antes de seguirem para os respetivos aposentos. Os amigos haveriam de lhe perdoar. Roma calava-se quando precisava de pensar, quando a cidade ficava barulhenta de mais e ele mal conseguia ouvir os seus próprios pensamentos.

Roma fechou a porta da frente. A única coisa de que precisava era de um momento de silêncio e depois podia divertir-se a tentar arranjar um plano para Lourens…

– Roma.

Roma ergueu bruscamente a cabeça, o pé perdendo a sustentação no primeiro degrau das escadas. No patamar do segundo piso, o pai olhava para baixo, para ele.

– Sim?

Sem prelúdios, Lord Montagov estendeu simplesmente os braços, com um pedaço de papel preso entre os dedos. Roma achou que o pai iria ao seu encontro, a meio do caminho, enquanto subia as escadas, mas Lorde Montagov ficou onde estava, obrigando Roma a avançar à pressa, para não fazer o pai esperar, e estava quase a arfar quando se aproximou o suficiente para pegar no pedaço de papel.

Tinha um nome e uma morada, escritos numa letra redonda.

– Encontra-o. – Lord Montagov bufou quando Roma ergueu os olhos à procura de uma explicação. – As minhas fontes dizem que a causa desta desagradável loucura pode estar nos comunistas.

Roma apertou os dedos no pedaço de papel.

– O que foi? – exigiu ele saber. – Há anos que os comunistas procuram a nossa ajuda…

– E uma vez que continuamos a recusar… – interrompeu o pai – … estão a mudar de tática. Fazem a sua revolução esmagando o nosso poder antes que possamos contrariar os seus esforços. Fá-los parar.

Poderia haver um motivo tão simples como a política? Matar os gângsteres para não haver oposição. Infetar os trabalhadores para que ficassem suficientemente zangados e desesperados para entrar em qualquer revolução gritada ao seu ouvido. Fácil como uma brisa fluvial.

– Como é que eu vou parar toda uma fação política? – murmurou Roma, simplesmente deliberando em voz alta. – Como é que eu vou…

Sentiu uma forte pancada na cabeça. Roma estremeceu, afastando-se dos nós dos dedos do pai, para evitar um segundo golpe. Já devia saber que não era boa ideia pôr-se a pensar alto com o pai a ouvir.

– Dei-te uma morada, não dei? – disse bruscamente Lord Montagov. – Vai. Vê que verdade existe nesta alegação.

Com estas palavras, o pai deu meia-volta e desapareceu no escritório, batendo a porta. Roma foi deixado para trás, nas escadas, a segurar o pedaço de papel, com a cabeça a latejar ainda mais do que antes.

– Muito bem – murmurou com amargura.

*

Kathleen seguia ao longo da margem, os passos lentos no granito duro. Ali tão para leste, quase havia silêncio, sendo os habituais gritos junto ao Bund substituídos pelo clangor dos armazéns de construção naval e pelas serrações que troavam para concluir o dia de trabalho. *Quase* silêncio, mas

nada de tranquilidade. Não havia nenhum lugar em Xangai que pudesse ser classificado de *tranquilo.*

– É melhor despachares-te – disse a si mesma verificando o relógio de bolso na sua manga. O Sol iria pôr-se em breve e ficava frio no rio Huangpu.

Kathleen percorreu o resto do caminho até ao moinho de algodão, seguindo não pela entrada da frente, mas pela janela das traseiras, diretamente para a sala de descanso dos trabalhadores. Estes não tinham muitas pausas, mas à medida que o fim do seu turno se aproximava, um número maior deles aparecia para uma breve paragem e, quando Kathleen subiu delicadamente pela janela, lançando as pernas para o interior, havia de facto uma mulher lá sentada, a comer arroz de um recipiente.

A mulher quase cuspiu o arroz pelo nariz.

– Perdão, perdão, não queria assustá-la – disse rapidamente Kathleen. – Não se importa de ir chamar o Da Nao? Assuntos importantes dos Escarlates. O patrão não se vai importar.

– Assuntos dos Escarlates? – repetiu a mulher, pousando o recipiente. Usava uma pulseira vermelha, por isso tinha ligação aos Escarlates, contudo, a sua voz soou cética, mesmo assim. Quando a mulher se pôs em pé, fez uma pausa, e olhou de esguelha para Kathleen.

Instintivamente, Kathleen estendeu o braço para tocar no cabelo, para se certificar de que as madeixas da franja se encontravam logo acima das sobrancelhas arqueadas que ela preenchera cuidadosamente. Tinha sempre o cuidado de não mexer de mais na cara – passava demasiado tempo com os cosméticos todas as manhãs, a tratar do rosto até ele ficar suave e o queixo pontiagudo, por isso não queria estragar tudo a meio do dia.

Passou-se um longo momento. Por fim, a mulher anuiu e disse:

– Só um segundo.

Kathleen expirou mal ficou sozinha. Não se dera conta de como estava tensa, de como quase esperara que a mulher dissesse o que pensava, que perguntasse que direito tinha ela de estar ali, a meter o nariz em assuntos dos Escarlates. Mas, afinal de contas, era Kathleen quem usava o qipao de seda e aquela mulher estava com um uniforme de algodão que provavelmente não era substituído há anos. Não se teria atrevido a tanto.

A única pessoa que se atrevia a questionar a sua existência era o pai.

– Não penses nisso – murmurou Kathleen para si própria. – Para de pensar nisso.

Já estava a pensar nisso. Na primeira discussão que tiveram quando o pai chegou a Paris, chamado porque uma das três filhas tinha adoecido.

É gripe, disseram os médicos. *Ela pode não recuperar.*

O temperamento do pai já estava no limite, o seu francês era demasiado básico para compreender os médicos. E quando Kathleen tentou ajudar, puxando-o para o corredor depois de os médicos se terem ido embora, para se assegurar de que o pai compreendia as opções que tinham…

– Eu neste momento nem sequer te consigo ouvir – disse ele, com desprezo. Olhou-a de cima a baixo, mirando-lhe o vestido, e a inspeção abarrotava de reprovação. – Só quando deixares de usar essas…

– Não – interrompeu Kathleen.

O pai recuou. Talvez o mais ofensivo tivesse sido a interrupção. Talvez tivesse sido o tom dela, seguro na sua ordem, sem vacilar.

– O que é que os tutores te têm ensinado? – disse ele bruscamente. – Tu *não* me respondas…

– Senão o quê, Bàba? – disse ela, em tom neutro. – O que vai fazer?

Durante milhares de anos, o pior crime na China era a falta de piedade filial. Ter filhos sem xiàoshùn era um destino pior do que a morte. Traduzia-se em ser-se esquecido no Além, um fantasma errante destinado à fome, quando não surgissem ofertas dos descendentes irreverentes.

Mas tinha sido o pai a mandá-las para ali, fazendo minguar o fio que a China lhes amarrava aos pulsos. Mandara-as para o Ocidente, onde lhes ensinaram ideias diferentes, onde lhes falaram de um Além que nada tinha que ver com queimar notas bancárias. O Ocidente tinha-as corrompido – e de quem era a culpa?

O pai não tinha mais nada a dizer.

– Vai – disse bruscamente. – Volta para o quarto, junta-te às tuas irmãs. Eu falo com os médicos.

Kathleen não protestou. Nesse momento pensou, ao olhar por cima do ombro para o pai ali especado, se ele alguma vez teria amaldiçoado o universo por lhe levar a mulher durante o parto, se se ressentia por tê-la perdido em troca de três desconhecidas. De Kathleen, Rosalind e Celia.

Uma rapariga que foi enfermiça a vida inteira.

Uma rapariga que estava em formação para ser a estrela estonteante de Xangai.

E uma rapariga que só queria ser deixada em paz, para viver como era.

Kathleen fechou o punho com força, os dentes cerrados, obrigando ao regresso das memórias. O pai tê-la-ia obrigado a esconder-se, por sua

vontade. Teria preferido deserdá-la a deixá-la entrar em Xangai de qipao, e Kathleen teria preferido fazer as malas e seguir para a Europa do que continuar a ser o filho pródigo do pai.

Calculava que tivesse sido uma sorte Kathleen Lang – a verdadeira Kathleen – ter morrido de gripe duas semanas depois de ter adoecido, concluídos os seus catorze anos de vida sem verdadeiros amigos, toda a vida distante das duas irmãs. Como se pode fazer o luto de alguém que nunca se conheceu de facto? Eram expressões vazias debaixo de véus negros e olhares frios à urna da cremação. Até o sangue mais espesso do ventre podia ficar fino se tivesse o espaço vazio para sangrar.

– Não te vou chamar Celia – disse-lhe o pai no porto, levantando as malas deles. – Não foi esse o nome que te dei no nascimento. – Lançou-lhe um olhar oblíquo. – Mas vou chamar-te Kathleen. E, tirando Rosalind, não podes contar a ninguém. É para a tua própria segurança. Tens de perceber isso.

Ela percebia. Lutara tanto a vida inteira apenas para lhe chamarem Celia e agora o pai queria dar-lhe um nome diferente e… ela podia aceitar. Os trigémeos Lang estiveram ausentes de Xangai durante tanto tempo que nem uma alma questionou o rosto mudado de Kathleen quando finalmente regressaram. Exceto Juliette – Juliette reparava em tudo, mas a prima depressa anuiu em concordância, passando de Celia a Kathleen com a mesma rapidez com que passara a Celia.

Agora Kathleen respondia a esse nome como se fosse seu, como se fosse o único nome que alguma vez tivesse conhecido, e era um consolo, por mais estranho que fosse.

– Olá.

Kathleen sobressaltou-se com a súbita presença de Da Nao na sala de descanso, levando a mão num ápice ao peito.

– Sente-se bem? – perguntou Da Nao.

– Perfeitamente – murmurou Kathleen. Endireitou os ombros, recuperando a postura profissional. – Preciso de um favor. Ando à procura da morada de casa do Zhang Gutai.

Embora a prima não o soubesse, Juliette conhecia Da Nao – cujo nome se traduzia literalmente como Grande Cérebro. Passava algumas horas a trabalhar no moinho de algodão e algumas como pescador ao longo do Bund, a pescar peixe fresco para o Gangue Escarlate. Tinha andado por ali durante a infância delas e passara pela residência dos Escarlate pelo menos três vezes desde o regresso de Juliette. O Gangue Escarlate gostava do peixe fresco. Mas não precisavam de saber que o seu principal fornecedor era também os seus olhos e ouvidos no seio do partido.

– Zhang Gutai – repetiu Da Nao. – Quer… a morada pessoal do secretário-geral.

– Efetivamente.

Da Nao estava a fazer uma cara que dizia: *Mas para que raio é que queres uma coisa dessas?* Mas não perguntou e Kathleen não disse, de modo que o pescador recolheu o queixo, pensativo, e disse:

– Posso descobrir isso para si. Mas a próxima reunião só é no sábado. Pode ter de esperar até então.

Kathleen anuiu.

– Tudo bem. Obrigada.

Da Nao deixou a sala de descanso sem fanfarra. Missão cumprida, Kathleen começou outra vez a trepar pela janela, só que, desta vez, quando deslizou para o parapeito, a sua mão deparou com um panfleto que lá estava, de rosto para baixo e encardido de sujidade e gordura.

Kathleen virou-o.

O TEMPO DOS GÂNGSTERES ACABOU. É HORA DE SINDICALIZAR.

Ela ergueu as sobrancelhas. Perguntou-se se aquilo seria obra de Da Nao, mas não conseguia imaginar que fosse. Contudo, na parte inferior do panfleto, datilografado numa linha primorosa e desbotada, lia-se *Distribuído em nome do Partido Comunista da China.*

Dir-se-ia que Da Nao não era o único empregado ali com ligações comunistas.

Um ruído repentino, de chapinhar, junto do cais sobressaltou Kathleen, arrancando-a às suas divagações e impelindo-a a saltar do parapeito, de volta ao chão, do lado de fora do moinho de algodão. Quando Kathleen olhou para a água, julgou apanhar um vislumbre de algo brilhante a disparar entre as ondas.

– Que estranho – sussurrou. Apressou-se para casa.

Capítulo 12

Diz-se que Xangai é alta como a filha feia de um imperador, as suas ruas espraiadas de uma maneira que só seria possível aos membros de uma princesa rezingona. Não nasceu assim. Costumava ser linda. Dantes, as pessoas cantarolavam ao vê-la, examinando as linhas do seu corpo e entoando melodias em voz baixa, anuindo e decidindo que era bem talhada para crianças. Depois, a cidade mutilou-se com um sorriso rasgado. Arrastou uma faca ao longo da face e levou a lâmina ao peito e agora tem medo de não arranjar pretendentes, mas apenas de seguir desenfreada, ébria na vulnerabilidade do poder herdado, esgalhado apenas para o lucro e para o festim, para dançar e prostituir.

Agora, pode ser feia, mas é gloriosa.

A noite cai sempre nesta cidade de um *modo* sossegado. Quando as luzes piscam – o zumbido da recém-cobiçada eletricidade que percorre os cabos que ladeiam as ruas como veias negras – é fácil esquecer que o estado natural da noite deve ser o escuro. Pelo contrário, a noite em Xangai é vibração e néon, luzes de gás a tremeluzir, recortadas nas bandeiras triangulares que flutuam na brisa.

Neste clamor, uma dançarina saiu do clube burlesco mais apinhado daquele lado da cidade, sacudindo o cabelo para o libertar das suas fitas. Deixa ficar apenas uma: um rodopio de vermelho, para mostrar a sua aliança ao Gangue Escarlate, para que a deixem em paz enquanto percorre o seu caminho de volta a casa por território Escarlate, para assinalar aos gângsteres que espreitam nos becos à beira do Bund, a limpar os dentes com as suas lâminas aguçadas, que não deve ser incomodada, que está do lado deles.

A dançarina treme enquanto anda, deita o cigarro comprido ao chão e esmaga-o com o sapato. Agora que tem as mãos livres, usa-as para envolver os braços com pele de galinha. Não está à vontade. Ninguém a segue; também não há ninguém à sua frente. No entanto, tem por alguma razão a certeza de que alguém a observa.

Não é um conceito completamente absurdo. Esta cidade não se conhece a si própria; só sente os parasitas que crescem na sua pele quando já é tarde de mais. Esta cidade é uma miscelânea de partes amassadas umas às outras e que funciona como uma passada coletiva, mas encoste-se-lhe uma arma à cabeça e ela ri-se na cara do agressor, interpretando mal a violência da intenção.

Sempre se disse que Xangai é uma filha feia, mas à medida que os anos passam, já não basta caracterizar a cidade meramente como uma entidade. Este lugar vive de idealismo ocidental e trabalho oriental, odeia a sua divisão e é incapaz de funcionar sem ela, com múltiplas facetas e envolvida numa disputa constante. Meia Escarlate, meia Flor Branca; meia podre de rica, meia pobre ralé; meia terra, meia água que corre do Mar da China Oriental. Não há mais nada a não ser água a leste de Xangai. Talvez seja por isso que os russos tenham ido para ali, esses bandos de exilados que fugiram da Revolução Bolchevique, e mesmo antes disso, quando a sua terra já não podia ser a sua terra. Caso alguém decidisse começar a correr, poderia muito bem fazê-lo até se chegar ao limite do mundo.

É isso que esta cidade é. Um ponto de encontro no fim do mundo.

A dançarina principal parou, deixando o silêncio martelar-lhe os ouvidos enquanto se esforça para identificar aquilo que lhe afeta os nervos. Quanto mais escuta, mais o seu campo auditivo se alonga, apanhando o ping-ping-ping-ping de um cano ali perto e as conversas dos trabalhadores noturnos.

O senão é: não se trata de uma *pessoa* a observá-la. Trata-se de alguma *coisa.*

E vem à superfície. Algo com uma fileira de chifres que nascem do lombo curvado, resplandecendo da água como dez adagas agourentas. Alguma coisa que levanta a cabeça e pisca os olhos prateados opacos para ela.

A dançarina foge. Entra em pânico, deslocando-se tão à pressa para se livrar daquela visão horrífica que tropeça mesmo em frente de um navio com as cores erradas.

E o Flor Branca que está a trabalhar, descarregando o navio, avista-a.

– Desculpe! – berra ele. – Está perdida?

Interpretou mal a dançarina, tomando a sua indolência por confusão. Salta da proa do navio e começa a dirigir-se para ela, mas para abruptamente ao ver a fita vermelha.

A expressão do membro dos Flores Brancas passa de simpática a trovejante num ápice. A dançarina faz uma careta tensa, derrotada e lança as mãos ao alto, tentando aligeirar a situação gritando:

– Perdão. Perdão. Não estava a prestar atenção às linhas territoriais!

Mas ele já está a sacar da pistola, apontando com um olho preguiçosamente fechado.

– Malditos Escarlates – resmunga ele. – Acham que se podem pavonear onde lhes apetece, não é?

A dançarina, quase desanimada, procura a sua própria arma: uma pequena arma de fogo amarrada à coxa.

– Espera – diz ela com voz constante. – Não sou tua inimiga… há alguma coisa ali atrás. Está a vir…

Ouve-se um chapinhar. Uma gota de água pousa na pele macia na parte interna do seu joelho, traçando uma linha pela sua perna. Quando a dançarina olha para baixo, vê que o fio de água é completamente preto.

Dá uma guinada para a direita, mergulhando num beco e encostando-se com força a uma curva na parede. Ouvem-se tiros na noite quando o membro dos Flores Brancas interpreta o passo acelerado dela como sendo um ato de guerra, mas, por essa altura, já ela está fora do seu campo de visão, abrigando-se da margem, com o corpo todo a tremer.

E depois *algo* emerge do rio Huangpu.

E os gritos ressoam na noite.

É difícil dizer exatamente o que se está a passar nos portos de Xangai. Enquanto a boca da dançarina se move em preces silenciosas, com as mãos apertadas no peito, os joelhos dobrados até formarem sulcos na sua testa, o membro dos Flores Brancas e todos os outros homens que ainda estão no navio ficam ao alcance do caos. Esgaravatam, gritam e resistem, mas a infestação chega até eles e não há maneira de a deter.

Quando os gritos param, a dançarina sai furtivamente do beco, hesitando para o caso de haver uma calamidade.

Em vez disso, o que encontra é insetos.

Milhares deles: coisas minúsculas e nojentas a rastejar pelo chão. Põem-se uns em cima dos outros e correm por ali de maneira aleatória, mas, em massa, todos seguem numa direção: para a água.

Pela primeira vez, esta cidade pode finalmente recear a arma que tem encostada à têmpora como uma carícia envenenada.

Porque, à beira do rio Huangpu, desenrola-se a segunda vaga de loucura, começando com sete cadáveres jazendo, imóveis, no convés superior de um navio russo.

Capítulo 13

Juliette alisou o tecido do seu qipao, pressionando os vincos que se amontoavam sob o casaco. Reprimiu o seu mal-estar engolindo em seco com força, como se não passasse de um comprimido amargo. Pareceu-lhe fraudulento, de alguma forma, vestir um tipo de roupa que não usava há anos. Parecia-lhe uma mentira – a si própria, à imagem que construíra antes de voltar a pôr os pés na cidade.

Mas se queria passar despercebida no local de trabalho diurno de Zhang Gutai, tinha de se parecer com uma comum rapariga de dezoito anos de classe alta naquelas ruas, com brincos de pérolas a balançar e o cabelo solto, sem gel.

Juliette inspirou fundo, apertou mais as mangas do casaco e entrou, decidida, no edifício.

Zhang Gutai – na qualidade de figura importante de um partido político relativamente novo e frágil – era um homem sigiloso. Mas era também o editor-chefe de um jornal intitulado *Labor Daily* cujo endereço era do conhecimento público.

Embora ela não tivesse esperado encontrar grande coisa, além de um parco complexo de escritórios, quando deambulou por ali em direção aos limites industriais da parte chinesa da cidade, deparou com uma absoluta azáfama de atividade nos escritórios do *Labor Daily:* pessoas a correr de um lado para o outro com resmas de papel e máquinas de escrever nos braços, enquanto gritavam a pedir novidades sobre um lote que tinha avançado para impressão.

Com o nariz franzido, Juliette passou pela receção de queixo bem levantado. Aquelas pessoas eram comunistas, não eram? Afinal de contas,

acreditavam na igualdade. Juliette tinha a certeza de que também acreditariam em deixá-la dar uma vista de olhos até deparar com o gabinete de Zhang Gutai. Não precisava que ninguém lhe fizesse uma visita guiada.

Juliette sorriu no seu íntimo.

O grosso da atividade parecia ir e vir de umas escadas pequenas que desciam até à cave, por isso Juliette foi lá, puxando uma prancheta de uma mesa, num esforço para se mostrar ocupada. Não havia luz natural quando entrou na cave. Passou pelo que podia ser uma porta traseira, depois virou à esquerda e entrou num espaço principal, passando em revista a cena diante de si. O chão e as paredes eram feitos de cimento. A única iluminação provinha de algumas aplicações presas às paredes, o que parecia terrivelmente inconveniente para todas aquelas pessoas ali em baixo à secretária, de olhos semicerrados na semiobscuridade.

Lembrava-lhe como poderiam ter sido os blocos de celas durante a Grande Guerra. Juliette achou que não ficaria nada surpreendida se aquele edifício tivesse sido originalmente um lugar de detenção de prisioneiros, mais tarde convertido.

Continuou a avançar a passo largo, embrenhando-se mais no espaço de escritórios que parecia uma prisão, mirando cada recanto. O som dos seus saltos era forte, mas havia suficiente caos ali em baixo para que, até ao momento, ninguém prestasse grande atenção à sua presença. Redatores apoquentados – tanto velhos como novos – atarefavam-se a rabiscar, a dactilografar à pressa ou a atender telefonemas. Os cabos que transmitiam sinais até àquele nível subterrâneo estavam todos emaranhados numa grande massa nas traseiras do amplo espaço. Enquanto passava os olhos pelas secretárias durante o seu trajeto, à procura de alguma coisa digna de nota, a sua atenção ficou presa numa secretária que parecia desocupada.

Tal visão era bastante peculiar naquela pequena bolha de atividade. Ficou ainda mais intrigada quando inclinou o pescoço para ler o que estava escrito ao cimo das pastas que se encontravam junto do telefone e viu, em chinês, MEMORANDO PARA ZHANG GUTAI.

Gatinhou rapidamente para debaixo da secretária, de prancheta enfiada debaixo do braço, para poder fazer a sua busca nas pastas. Não havia nada digno de nota nos relatórios políticos, mas, quando se pôs de cócoras e olhou para o chão da secretária, encontrou *desenhos.*

Se está toda a gente tão atarefada, porque é que esta *secretária está vazia?*, pensou Juliette. E de quem seria? Seguramente não de Zhang Gutai, que quase de certeza teria o seu próprio espaço. Abanando a cabeça, estendeu o braço para a pilha de desenhos e puxou alguns, decidindo que a cavalo dado não se olha o dente. Mas, quando olhou para o primeiro desenho, começou com suores frios – desde a gola alta do pescoço até à ponta do qipao, que lhe roçagava os tornozelos.

Um dos desenhos era de um par de olhos grandes, como de réptil. Outro era de cinco garras agarrando uma tábua de madeira e escamas que reluziam, apesar de algumas manchas de tinta ao longo da página. Os dedos de Juliette paralisaram, em estupefação enquanto ela interiorizava as imagens: dezenas delas, todas retratando variações da mesma coisa.

– Guài wù – disse Juliette entre dentes. *Monstro.*

Antes que pudesse pensar de mais, agarrou num dos desenhos – um que retratava um borrão de uma criatura em corpo inteiro – e dobrou-o, enfiando o pequeno quadrado de papel no bolso do casaco. Foi juntar-se ao convite para o baile de máscaras que ela lá colocara na véspera e se esquecera de tirar. Com um olhar apressado em volta para se certificar de

que ainda estava com o caminho livre, Juliette pôs-se em pé e limpou o suor das mãos. Dirigiu-se, rapidamente, aos pequenos degraus que saíam da cave, de punhos cerrados.

Juliette fez uma pausa brusca, com o pé a pairar sobre o primeiro degrau. À sua esquerda estava de novo a porta das traseiras.

E estava a *estremecer*.

De súbito, só conseguia pensar no desenho que tinha no bolso. Imaginou um monstro do outro lado da porta, a respirar pesadamente, à espera do momento ideal para se libertar e infligir a devastação a pessoas inocentes.

Juliette avançou para a porta, hesitante. A mão pousou na maçaneta redonda.

– Sim? – chamou, com voz rouca. – Está alguém…

– O que está aí a fazer?

Juliette sobressaltou-se e tirou a mão da maçaneta da porta. A ombreira tinha parado de estremecer. Ela deu meia-volta.

– Oh, eu?

O homem que estava defronte dela usava um chapéu de feltro e tinha um fato de aspeto mais ocidental do que qualquer coisa usada naquele lugar. Tinha ar de ser alguém importante, na linha da posição de Zhang Gutai, e não um mero assistente que atendia telefones.

– Estou aqui para falar com o vosso editor-chefe, por causa de um assunto importante – continuou Juliette. – Perdi-me um pouco.

– A saída é por ali – disse o homem, apontando.

O sorriso de Juliette fez-se frio.

– Assuntos oficiais dos Escarlates – corrigiu ela. – O meu pai, Lord Cai, enviou-me.

Houve um momento de pausa, enquanto o homem digeria aquelas palavras, a desconfiança instalando-se. Juliette tinha aperfeiçoado a arte das manhas desonestas; escondia a sua identidade quando era necessário, depois brandia-a como uma arma quando chegava a altura. Só que o homem também parecia algo divertido, para grande deceção de Juliette. Mesmo assim, anuiu e gesticulou para que ela o seguisse.

Havia mais um piso acima do primeiro e o homem não desperdiçou paciência, apressando-a. Subiu a humilde escada castanha três degraus de cada vez, enquanto Juliette subia devagar, olhando em volta. A escada, com os corrimãos grossos e os painéis compridos e polidos, tinha potencial para ser arrebatadora e luxuosa, isto se os comunistas não estivessem tão empenhados em dar a impressão de estarem ao mesmo nível da gente comum. Tudo naquele edifício podia ter sido glorioso. Mas a questão já não era a glória, pois não?

Juliette inclinou-se sobre o corrimão do segundo piso com um suspiro, a espreitar para o frenesim de papéis e máquinas de escrever, lá em baixo. Quando o homem, mais à frente, gesticulou para Juliette com impaciência, ela fez uma careta e continuou a andar.

O homem dobrou uma esquina e indicou-lhe uma zona de espera espaçosa. Havia duas fileiras de cadeiras, ambas encostadas a paredes opostas e de frente uma para a outra, diante da porta fechada de um gabinete. Juliette entendeu finalmente a boa-disposição do homem. Já havia alguém sentado numa das cadeiras amarelas, com as pernas estendidas.

Roma projetou-se bruscamente para a frente.

– O que estás aqui a fazer? – exigiram os dois, em uníssono.

O homem de chapéu de feltro retirou-se sem fazer barulho. Mal ficou fora do campo de visão deles, Roma saltou do assento e agarrou o braço de Juliette. Ela ficou tão ofendida por ele se atrever a tocar-lhe que, durante um longo instante, não foi capaz de reagir, até Roma a ter levado para um canto da zona de espera, a parede fria nas costas de Juliette.

– Larga-me – sibilou ela, sacudindo o braço do aperto dele.

Roma devia ter conseguido a mesma informação que ela tinha. Queria saber do envolvimento de Zhang Gutai naquela loucura.

Juliette reprimiu uma praga. Se os Flores Brancas tivessem respostas antes dela, tratariam as suas descobertas como tratavam o mercado negro. Fariam tudo ao seu alcance para garantir o monopólio das informações, subornar e matar as fontes até não haver maneira de os Escarlates conseguirem aquilo que eles sabiam. Dessa forma, só os Flores Brancas estavam em segurança, partindo do princípio de que *havia* uma maneira de parar a loucura. Dessa forma, na cidade só se amontoariam cadáveres dos seus inimigos. Nessa altura, as pessoas começariam a mudar as suas lealdades.

Então, os Flores Brancas sairiam vitoriosos. E os Escarlates sofreriam.

– Olha – disse bruscamente Roma. – Tens de sair.

Juliette pestanejou rapidamente, virando a cabeça para trás.

– *Eu* tenho de sair?

– Sim.

Roma estendeu o braço para cima, com uma expressão saturada de escárnio, e deu um piparote a um dos brincos pendurados nas orelhas de

Juliette. A pérola abanou e bateu na pele dela, roçando-lhe o maxilar. Juliette mal conseguiu reprimir o sopro que ameaçava escapar dos seus lábios, mal conseguiu reprimir o fluxo de fogo que queria libertar da garganta.

– Vai brincar às roupinhas para outro lado – prosseguiu Roma. – Eu cheguei primeiro.

– Isto é território *Escarlate.*

– Esta gente é comunista. Não tens qualquer influência sobre eles.

Juliette cerrou os dentes com força. De facto, o Gangue Escarlate não tinha ali qualquer controlo. O seu único consolo era que Roma não parecia muito contente, o que queria dizer que os Flores Brancas também não tinham influência sobre os comunistas. Por enquanto, aquela neutralidade era uma coisa boa. O homem de chapéu de feltro calara-se ao conhecer a identidade de Juliette, precisamente para evitar ofensas adicionais junto do Gangue Escarlate. Mas andar com pezinhos de lã em cima de cascas de ovo não duraria para sempre. O próprio modelo de progresso dos comunistas estava a subverter a Xangai de agora – tal como era para os gângsteres poderem vingar: pecaminosa, lucrativa. Tendo de escolher entre matar todos os capitalistas e matar todos os gângsteres, eles escolheriam ambos.

– A nossa relação com os comunistas não é, como sempre, da tua conta – disse Juliette. – E agora tem a amabilidade de desaparecer da minha vista.

Roma semicerrou os olhos. Tomou a ordem dela como uma ameaça. Talvez tivesse sido essa a intenção dela.

– Eu não vou a lado nenhum.

Meu Deus, que lata. Juliette endireitou-se, atingindo a sua máxima altura. Não estavam assim tão distantes, ela e Roma – ele mal ficava um

centímetro acima de Juliette quando ela usava saltos.

– Não vou repetir – sibilou ela. – Sai da minha vista. *Já*.

Os lábios dele contraíram-se. Ressentido, e moroso, Roma submeteu-se à ameaça. Deu um passo firme para trás, fulminando-a com o olhar enquanto esfregava os olhos com a mão. Se Juliette não o conhecesse, teria pensado que aquele gesto denotava constrangimento. Mas não – era exaustão; as olheiras dele eram quase negras, como se as pestanas inferiores estivessem sujas de fuligem nas pontas.

– Não tens dormido? – deu Juliette por si a perguntar, de repente.

Havia uma correlação direta entre a vontade que ela tinha de ser civilizada e a distância entre eles. Com Roma a vários passos de distância, ela tinha um pouco menos de vontade de cometer homicídio.

A mão de Roma voltou ao seu lugar, junto do corpo.

– Passo a informar – respondeu ele – que estou muito *bem*, obrigadíssimo.

– Não estava a inquirir sobre o teu bem-estar.

– Ah, para com isso, Juliette.

Juliette cruzou os braços, pensativa. Na noite anterior, ouvira as notícias de um súbito surto de mortes entre os Flores Brancas, todos sucumbidos à loucura. Era a maior morte em massa até ao momento. O que significava que Roma não se iria embora só por ela ter feito uns comentários pungentes – ele estava ali naquele momento precisamente porque aquela estranha loucura se arrastara para tão perto da sua casa.

Juliette indicou com o queixo a porta fechada.

– É o gabinete dele?

Roma não teve de pedir esclarecimentos sobre a pergunta. Anuiu.

– O Zhang Gutai só aceita visitas mais tarde. Não tentes fazer nada.

Tipo o quê?, pensou Juliette com maldade. Não podia propriamente expulsar Roma, nem fazer uma cena e ofender os comunistas e por certo recusava-se a ir embora sem antes ter falado com Zhang Gutai. Se queria respostas, era isto ou nada.

Juliette dirigiu-se, decidida, a uma cadeira e sentou-se. Inclinou a cabeça para trás e fitou o teto, determinada a não olhar para mais lado nenhum. Orientando também a mente noutro sentido, levou a mão ao bolso do casaco e tocou com os dedos no desenho que tinha tirado. Não era certo se aqueles esboços assustadores confirmavam problemas especificamente com os comunistas, mas confirmavam *alguma coisa*. Teria de investigar mais, porque julgou reconhecer o cenário como sendo o Bund. Não passava de umas quantas linhas grosseiras, mas, no caso de um lugar tão inconfundível como o Bund, umas quantas linhas grosseiras bastavam.

Entretanto, Roma voltara a instalar-se no lugar na outra fileira de cadeiras, com os dedos a tamborilar ao som do tiquetaque do relógio na parede. Manteve o olhar fixo em Juliette, para grande irritação dela. Ela sentia a inspeção dele como uma coisa física, como se ele estivesse a centímetros de distância, e não na outra ponta da sala. Cada movimento do seu olhar era como se a estivesse a rasgar mecanicamente, pedaço a pedaço, até ter as vísceras de fora para inspeção. Juliette sentia um ardor vindo do peito, que lhe coloria o pescoço com desconforto e se espalhava até ficar com as faces a arder.

Iria esfolar-se com a própria faca. As suas células traíam-na a um nível molecular. Ele estava só a *olhar*, por amor de Deus. Não se podia dizer que

fosse um ataque. Juliette não iria morder o isco. Ficaria ali sentada até Zhang Gutai estar disponível para reunir e depois…

– *O que foi?* – disse Juliette bruscamente, sem conseguir aguentar mais. Baixou os olhos, fornecendo por fim as próprias munições contra o olhar armado de Roma.

Roma fez um som inquisitivo. Comprimiu devagar os lábios e subiu o queixo.

– O que é que te incomodou tanto?

Juliette seguiu a direção do gesto dele. Retirou a mão do bolso.

– Uma vez mais, isso não é da tua conta.

– Se tem que ver com a loucu…

– Porque é que partes desse princípio?

A expressão de Roma era trovejante.

– Posso *acabar* a minha frase?

A porta do gabinete abriu-se, interrompendo-o. Uma assistente apoquentada saiu e disse a Roma para entrar, antes de ela própria se ir embora apressadamente.

Roma bufou e lançou a Juliette um olhar que dizia *isto ainda não acabou*, depois entrou no gabinete.

Juliette estava a ferver durante a espera, os dedos dos pés a tamborilar erraticamente nos painéis duros do chão e os dedos a contorcer-se uns nos outros. Durante dez minutos, perdeu a cabeça imaginando Roma a fazer tudo ao seu alcance para convencer Zhang Gutai a dar-lhe todas as respostas e ignorar Juliette. Roma era um mentiroso chapado – as suas táticas de persuasão não conheciam limites.

No entanto, quando Roma saiu, tornou-se evidente pela sua cabeça descaída que não conseguira aquilo que queria.

– Não sejas tão convencida – murmurou quando Juliette passou por ele.

– A minha cara é esta – sibilou ela, em resposta.

De queixo bem erguido, Juliette entrou no gabinete de Zhang Gutai.

– Ora, deve ser o meu dia de sorte – declarou Mr. Zhang quando ela entrou, pousando a caneta de tinta permanente. Apesar do tom laudatório, falava de sobrolho carregado. – Primeiro, foi o herdeiro dos Flores Brancas, agora a princesa da coroa Escarlate. Em que posso ajudá-la, Miss Cai?

Juliette deixou-se cair num dos dois cadeirões colocados em frente da pesada secretária de mogno de Mr. Zhang. Numa questão de segundos, absorveu tudo o que estava à sua frente: as fotografias a preto-e-branco dos pais idosos, a bandeira com a foice e o martelo pendurada na lateral do armário de arquivo, o festivo calendário vermelho na parede, marcado com reuniões diárias. Com os olhos de volta ao comunista que tinha diante de si, Juliette relaxou e fê-lo ver o que queria que ele visse, soltando uma pequena gargalhada despreocupada, o mais oca possível.

– Sabe como são os boatos nesta cidade, Mr. Zhang – disse ela. Pôs as unhas diante de si, semicerrando os olhos à pequena lasca que lhe maculava o mindinho. – Vêm ter comigo e eu sigo-os. Sabe o que veio agraciar os meus ouvidos no outro dia?

Zhang Gutai parecia algo divertido.

– Conte-me.

– Diz-se – começou Juliette, inclinando-se para a frente – que *você* sabe porque é que a loucura está a varrer Xangai.

Durante um longo momento, Mr. Zhang não disse nada. Depois, pestanejou rapidamente e respondeu:

– Miss Cai, não faço a mínima ideia porque haveria de pensar uma coisa dessas.

– Não? – disse Juliette com leveza. – Não engendrou uma loucura que se espalhasse pela cidade? Nada de planos para provocar suficientes mortes até os gângsteres enfraquecerem e os trabalhadores se assustarem, até as fábricas atingirem as condições ideais para os comunistas arremeterem e incitarem à revolução?

Juliette digeriu a surpresa dele, o espanto por ser confrontado. Roma não lhe devia ter perguntado diretamente sobre a loucura – devia ter abordado a questão com mais rodeios, atravessando as águas para tirar as suas conclusões, em vez de chegar e dizer. Já era de esperar. A abordagem direta era mais o estilo de Juliette.

– Miss Cai – disse Zhang Gutai com ar severo. – Isso é *absurdo*.

Juliette não ia chegar a lado nenhum daquela maneira. Endireitou-se na cadeira e abandonou o sorriso, com as mãos a agarrar os braços do cadeirão. A *flapper* descontraída tinha desaparecido. Em seu lugar, sentava-se a herdeira do gangue mais brutal de Xangai.

– De uma maneira ou de outra, vou descobrir a verdade – disse Juliette. – Por isso, fale agora, se quer piedade. Se não, arranco-lhe a resposta, membro a membro…

– Miss Cai, sinceramente não faço a mínima ideia do que está a falar – interrompeu Mr. Zhang. – Agora, por favor, saia. Isto é um local de trabalho e eu não vou deixar que as suas acusações ridículas tomem o meu tempo.

Juliette considerou as suas opções. As palavras de Zhang Gutai eram convincentes, mas ele estava pouco à vontade. A menos que fosse um excelente ator, não era mentiroso, mas estava sempre a olhar para a porta, a tamborilar os dedos na secretária lisa. *Porquê?* O que sabia ele que ela não sabia? Mesmo que ele não tivesse engendrado a loucura, qual era o seu envolvimento?

Juliette recostou-se no assento, descontraindo de novo a coluna num falso à vontade.

– E se eu tiver perguntas sobre o Partido Comunista? – perguntou ela. – É o secretário-geral, não é?

– É muito bem-vinda às nossas reuniões se desejar informações sobre o partido – respondeu rigidamente Mr. Zhang. – De outro modo, saia, por favor, Miss Cai.

Juliette levantou-se, demorando o seu doce tempo a alongar e a mexer os pontos de tensão no pescoço. Depois, com uma vénia profunda e exagerada, fez um sorriso afetado:

– Obrigada pela cortesia do seu tempo.

E saiu do gabinete.

E agora?, pensou ela, fechando a porta atrás de si com um estalido baixo. Começou a andar. *Se ele não…*

– Uf! – Juliette cambaleou, com a cabeça à roda quando dobrou a esquina e chocou com força contra alguém. No instante em que ergueu os olhos para ver quem diabo estava no seu caminho, só viu vermelho.

Roma agarrou-lhe o pulso antes que a mão dela caísse sobre ele. Segurou-a a meio do movimento, os braços dos dois cruzando-se como se trocassem golpes de espada.

– Cuidado – disse Roma baixinho. A sua voz era demasiado suave para a violência que fervilhava sob a pele de Juliette. Era um truque. Ele estava a tentar desviar a atenção dela para os seus lábios, respiração e calma, em vez do que quer que fosse que se passasse ali com o seu aperto brusco marcando sulcos no pulso dela, e estava a *funcionar*. Só por isso, Juliette queria matá-lo.

Roma fez um sorriso trocista, como se soubesse o que ela estava a pensar.

– Não queres fazer uma cena numa fortaleza comunista, pois não?

Juliette tentou puxar o braço de volta, mas Roma segurou-o com firmeza. Se ele não a soltasse em três segundos, ela sacava da arma. *Um, dois…*

Roma soltou-a.

Juliette esfregou o pulso, sentindo a pulsação acelerada e resmungando alguma coisa em voz baixa. Como Roma ficou simplesmente ali especado, ela exigiu saber:

– Porque é que *ainda* estás aqui?

Roma apontou, com inocência, para as cadeiras.

– Deixei o chapéu.

– Não estavas a usar chapéu.

Mas, efetivamente, na cadeira onde ele estivera antes sentado, havia um chapéu pousado de lado. Com um encolher de ombros, Roma limitou-se a ir buscá-lo. Juliette deu meia-volta e saiu o mais depressa que pôde, apressando-se para fora do edifício.

Só quando estava a meio da rua, a cingir bem o casaco à volta do corpo, parou, a dizer um palavrão.

– É bom que ele não…

Enfiou a mão no bolso do casaco e retirou apenas um papel. Mas, quando o desdobrou, viu que o monstro continuava a olhá-la, as linhas esbatidas de tanto dobrar e desdobrar.

Juliette bufou. Roma levara o convite para o baile de máscaras.

– Palerma – sussurrou.

*

Quando Juliette regressou a casa, encontrou Kathleen já a relaxar num dos sofás da sala de estar. Foi juntar-se à prima, queixando-se para si.

– O que foi? – perguntou Kathleen, distraída, a folhear as páginas da sua revista.

– Muitas coisas – resmungou Juliette. – Descobriste a morada?

Kathleen fez um movimento com a cabeça que lembrava um meio aceno.

– Mais ou menos. Consigo-a dentro de uns dias.

– Não está mal – disse Juliette entre dentes. – Seja como for, até lá tenho o baile de máscaras com que me preocupar.

Começava a sentir uma dor de cabeça. Tentava planear o seu próximo passo, mas era difícil decidir para onde olhar. Tinha de haver uma razão para Madame ter ouvido o que ouviu. Tinha de haver uma razão para os comunistas terem dito o que disseram. E se não passava de um boato, apenas lhe restava pôr a desconfiança de lado depois de esgotados todos os caminhos relacionados com Zhang Gutai.

Juliette animou-se ligeiramente. Levou de novo a mão ao bolso, tocando no desenho. Ainda tinha de esgotar *tudo*.

Ouviu-se então um assobio vindo da porta da frente, que interrompeu a reflexão de Juliette. Ergueu o olhar e deparou com um mensageiro Escarlate

especado no átrio, a gesticular para ela com uma mão e a ajeitar o sapato com a outra.

– Passe-me essa encomenda que está ao seu lado.

Juliette olhou para o lado. Havia, de facto, uma encomenda em cima da mesa redonda, junto do sofá que ela escolhera para se afundar, mas o que achava aquele mensageiro que estava a fazer ao pedir-lhe a *ela* para lhe levar uma coisa que ele podia muito bem ir buscar sozinho…

Fez-se clique. *O qipao*. Os gângsteres Escarlates tinham-se acostumado a associá-la, redutoramente, a brilhos, vestidos de contas e pomada no cabelo com canudos. Mas se ela se vestia com roupas chinesas, deixavam de a ver.

Juliette inspirou e deu-se conta que tinha os pulmões terrivelmente contraídos. Nunca poderia ser as duas coisas? Estaria condenada a escolher entre um país e o outro? Ser uma rapariga americana ou nada?

O mensageiro assobiou outra vez.

– Ei…

Juliette sacou da faca embainhada na coxa, logo acima de onde terminava a racha do qipao, e lançou-a. A lâmina enterrou-se perfeitamente na porta da frente com um baque sonoro e profundo. Tinha uma única gota de sangue da orelha do mensageiro, que tinha cortado.

– Tu não me assobias – disse Juliette com frieza. – Eu é que te assobio. Entendido?

O mensageiro olhou para ela – olhou realmente para ela, desta vez. Levou a mão à orelha. O sangue já tinha parado. Mas tinha os olhos esbugalhados quando anuiu.

Juliette pegou na encomenda e pôs-se em pé. Dirigiu-se ao mensageiro e entregou-lha encantadoramente, como se estivesse a entregar uma lancheira a uma amiga.

– Já que estás aí – disse ela – preciso que me faças uma coisa. Vai ao Bund entrevistar os banqueiros que trabalham ao longo da faixa principal. Pergunta-lhes se viram alguma coisa esquisita por ali.

O mensageiro abriu e fechou a boca.

– Todos?

– To-dos.

– Mas…

– Espera, Juliette – chamou Kathleen, levantando-se também do sofá. – Posso?

Juliette ergueu uma sobrancelha. Kathleen acenou com a mão para o mensageiro indicando-lhe que saísse e o mensageiro aproveitou a oportunidade para fugir, fechando a porta atrás de si, com a faca ainda espetada.

– Queres perder o teu tempo com *isto*? – perguntou Juliette.

– Não é perder o meu tempo, se aquilo de que precisas é informação útil. – Kathleen estendeu o braço para o cabide de braços, junto à porta. – Porque é que andas atrás disso?

– Posso mandar qualquer outro mensageiro – continuou Juliette, franzindo o sobrolho.

Não lhe parecia bem mandar a prima. Uma tarefa específica com objetivos específicos era uma coisa, especialmente quando Kathleen tinha

contactos que beneficiavam a missão. Mandá-la numa busca vã era outra coisa completamente diferente.

– Juliette…

– Eu estava sobretudo a tentar assustar o mensageiro. Está mesmo tudo bem…

Kathleen agarrou o pulso da prima e apertou-lho, não para a magoar, mas com força suficiente para que Juliette soubesse que o assunto era sério.

– Não estou só a fazer isto por bondade – disse ela com firmeza. – Dentro de alguns anos, este gangue vai estar ou nas tuas mãos ou nas de outra pessoa. E conhecendo os outros pretendentes…

Kathleen fez uma pausa. As mentes das duas dirigiram-se às mesmas pessoas: Tyler, primeiro, depois talvez os outros primos que podiam ter hipótese de lutar, apenas caso Tyler desaparecesse misteriosamente. Eram todos terríveis, implacáveis e odiosos, mas também Juliette o era. A minúscula diferença era que Juliette era também cuidadosa, sabendo controlar a quantidade de ódio que deixava que lhe guiasse os atos.

– Também podia ficar nas tuas mãos – disse Juliette com leveza. – Não sabemos o que vai acontecer dentro de alguns anos.

Kathleen revirou os olhos.

– Eu não sou uma Cai, Juliette. – Isso nem sequer é uma possibilidade.

Não havia grande coisa a argumentar contra esse facto. Kathleen vinha do lado da família de Lady Cai. Sendo Lord Cai o rosto do Gangue Escarlate, não era de surpreender que apenas aqueles que partilhassem o seu nome fossem vistos como legítimos. Bastava olhar-se para a facilidade com que os seus primos se fundiam no círculo interno, ao passo que Mr. Lang, irmão de Lady Cai, ainda não ganhara favores nas duas décadas que andava por lá.

– Tens de ser tu – disse Kathleen. O seu tom de voz não dava espaço para discordância. – Todos os que possam vir a querer a tua coroa são perigosos. E tu também és, mas… – tomou um momento para pensar na formulação das suas palavras –, mas, pelo menos, tu nunca trarás por vontade própria perigos para o nosso seio, apenas para afagar o teu orgulho. És a única em quem confio para manter este gangue unido como estrutura sólida como aço, e não uma hierarquia de caprichos grampeados. Se não fores uma boa herdeira… se *caíres*… então, este modo de vida também cai. Deixa-me fazer isto por ti.

Juliette abriu a boca, depois fechou-a. Quando só conseguiu proferir um «Está bem» submisso, a prima bufou.

O feitiço de seriedade quebrou-se. Kathleen enfiou o casaco.

– Então, porque é que precisas de saber o que se passa com os banqueiros do Bund?

Juliette ainda estava a remoer as palavras da prima. Sempre pensou em si própria como herdeira do Gangue Escarlate, mas a questão não era essa, pois não? Ela era herdeira da versão paterna do Gangue Escarlate. E isso seria assim tão bom? Aquele Gangue Escarlate tinha as bainhas a desfiar. Talvez outro diferente pudesse ter vencido a disputa com os Flores Brancas há gerações. Talvez um diferente já tivesse conseguido fazer parar a loucura.

– Boatos de um monstro – respondeu Juliette em voz alta, afastando os seus pensamentos. Havia tantas peças soltas: um monstro, uma loucura, os comunistas; tinha de se concentrar em alinhá-las, não em duvidar de si própria. – Tenho motivos para crer que podem ter presenciado alguma coisa. Não tenho grandes esperanças, mas pelo menos há uma réstia.

Kathleen anuiu.

– Eu reporto o que descobrir.

Com estas palavras, a prima acenou com a mão e fechou a porta atrás de si, com o som a fazer eco na sala de estar. A faca tinha um aspeto bastante cómico, assim como estava. Juliette suspirou e arrancou-a, enfiando-a no vestido enquanto subia as escadas. Os pais iam ficar horrorizados ao descobrir um buraco na porta. Sorriu ao pensar nisso e continuou bastante bem-disposta, até entrar no seu quarto e encontrar um vulto na sua cama.

Juliette quase saltou.

– Oh, Céus, assustaste-me – disse, arquejando passado um momento. As irmãs quase nunca estavam separadamente no seu quarto, por isso não identificou logo Rosalind, especialmente enquanto a prima tinha o rosto inclinado para o raio de sol vespertino que atravessava a janela. – Será que tu e a tua irmã insistem em surpreender-me hoje?

Rosalind parecia um pouco melindrada quando olhou para Juliette.

– Estiveste agora com a Kathleen? Estou há horas à tua espera.

Juliette pestanejou. Não sabia bem o que dizer.

– Desculpa – decidiu dizer, embora o seu pedido fosse confuso e, como consequência, insincero. – Não sabia.

Rosalind abanou a cabeça e murmurou:

– Não importa.

Eis um pormenor que Juliette recordava da infância, antes de qualquer uma delas ter partido para o mundo ocidental. Rosalind guardava rancores como se estivesse numa competição. Era apaixonada e obstinada e tinha nervos de aço, mas, quando se olhava para além das suas lindas palavras,

superficiais e bem escolhidas, percebia-se que também era capaz de ficar a remoer sentimentos muito depois de deixarem de ser relevantes.

– Não me venhas com resmungos – ralhou Juliette.

Tinha de abordar agora a questão, ou ficar com receio de que ela se ampliasse até um futuro longínquo. Conhecia a prima, testemunhara o ódio de Rosalind a crescer lentamente contra as pessoas que a importunavam: contra as tias maternas, que tentaram ocupar o lugar da sua mãe morta; contra o pai, que valorizava mais o fortalecimento do seu guānxì no Gangue Escarlate do que cuidar dos filhos; até mesmo contra as colegas dançarinas no clube burlesco, que tinham inveja do crescente estrelato de Rosalind e a tentavam excluir dos seus círculos.

Às vezes, Juliette perguntava-se como era que Rosalind conseguia lidar com tantas ausências na sua vida. E, perante esse pensamento, sentia-se um pouco mal por não se inteirar mais frequentemente de como estava a prima, embora tivesse estado fora da cidade durante muito tempo. Toda a gente tinha sempre coisas mais importantes para fazer na família Cai. Pelo menos Kathleen pecava pelo otimismo. Rosalind não. Mas um cuidado constante e atenção aos primos não era uma grande prioridade quando havia pessoas a arrancar as gargantas nas ruas lá fora.

– O que se passa? – perguntou Juliette na mesma. Podia pelo menos dispensar-lhe um minuto já que Rosalind estava ali à espera há horas.

Rosalind não respondeu. Por um momento, Juliette quase receou que ela não se tivesse libertado do crescente rancor. Então, de repente, Rosalind deixou cair o rosto entre as mãos.

Havia algo perturbador naquele movimento, que atingiu profundamente Juliette, algo infantil e perdido.

– Insetos – murmurou Rosalind, as palavras abafadas pelas suas mãos.

Instalara-se um frio no quarto. Juliette sentiu os cabelos da nuca eriçarem-se todos, ficando de tal maneira em pé que a sua pele quase se tornou sensível, dolorosa ao toque.

– Tantos – continuou Rosalind. Cada falha na voz da prima provocava um novo arrepio na espinha de Juliette. – Tantos, todos a virem do mar, todos a voltarem para o mar.

Devagar, Juliette conseguiu baixar-se até ficar ajoelhada na alcatifa. Inclinou a cabeça para encontrar o olhar aterrorizado e mortiço da prima.

– Como assim? – perguntou Juliette suavemente. – Que insetos?

Rosalind abanou a cabeça.

– Acho que vi. Vi na água.

Continuava sem responder à pergunta.

– Viste o quê? – tentou Juliette esclarecer uma vez mais.

Como Rosalind continuava calada, Juliette tomou-a nos seus braços, exigindo saber:

– Rosalind, o que viste?

Rosalind inspirou com força. Nesse movimento, foi como se ela sugasse todo o oxigénio do quarto, como se tragasse toda a possibilidade de o que presenciara, fosse o que fosse, pudesse ser explicado de forma casual.

Um segundo pulsar nascia na cabeça de Juliette, uma pressão que crescia por dentro, de *ouvir, defender, preparar.* Sabia, por alguma razão, que aquilo que estava prestes a ouvir ia mudar tudo.

– Rosalind – incitou Juliette uma última vez.

– Olhos prateados – disse finalmente Rosalind com voz embargada, a tremer. Agora que começara a falar, tudo saía aos trambolhões. Ficou com a respiração cada vez mais curta e Juliette apertava-a cada vez com mais força, os dedos presos aos braços da prima. Rosalind parecia quase não reparar. – Tinha olhos prateados. E uma espinha curva. E saliências pontiagudas. E escamas e garras e… eu… eu não sei, Juliette. Não sei o que *aquilo* era. Guài wù, talvez. Um monstro.

Juliette começou a ouvir um rugido. Com um controlo cuidadoso, tirou as mãos da prima e estendeu-as para o casaco, retirando de lá o desenho roubado. Desdobrou a folha muito manuseada, alisando as linhas de tinta esborratadas.

– Rosalind – disse Juliette devagar. – Olha para este desenho.

Rosalind pegou no pedaço de papel. Os seus dedos apertaram-no. Os olhos encheram-se de lágrimas.

– Foi isto que viste? – murmurou Juliette.

Muito devagar, Rosalind anuiu.

Capítulo 14

Se alguém perguntasse a Benedikt Montagov qual era a coisa que ele mais queria na vida, ele tinha uma resposta muito simples: pintar a esfera perfeita.

Se se fizesse a pergunta a qualquer outro dos Flores Brancas, haveria uma variedade de respostas. Fortuna, amor, vingança – tudo isto, e ainda mais, também queria Benedikt. Mas ficavam em segundo plano quando ele estava a pintar, sem pensar em mais nada a não ser no movimento do pulso e no arco do pincel, uma tarefa tão cuidadosa, tão entediante, tão bela.

Era quase obsessiva a intensidade com que ele queria fazer aparecer a esfera perfeita. Era uma daquelas ilusões que tinha desde criança, uma ilusão que parecia ter surgido já completamente formada na sua mente, sem origem aparente, se bem que, a haver uma, teria de ter acontecido tão no início da sua vida que ele, simplesmente, já não se conseguia lembrar. Era tudo irracional, de qualquer modo, a crença de que se ele alcançasse uma coisa impossível, então talvez todos os outros elementos impossíveis da sua vida também encaixassem, independentemente de estarem correlacionados ou não.

Quando Benedikt tinha cinco anos, achou que se fosse capaz de recitar a Bíblia inteira, da primeira à última página, o pai sobreviveria à sua doença. O pai morreu na mesma, e depois a mãe, passados seis meses, com uma bala perdida no peito.

Quando Benedikt tinha oito anos, convenceu-se de que *precisava* de fazer uma corrida do quarto até à porta da frente todas as manhãs, em dez segundos, ou então teria um dia mau. Isto era quando ele ainda vivia na sede central, no quarto ao lado do de Roma, no quarto piso. Esses dias eram

sempre terríveis e duros –, mas ele não sabia em que parte isso era consequência de não conseguir correr suficientemente depressa.

Estava agora com dezanove anos e os hábitos não tinham esmorecido; foram simplesmente selecionados e condensados na mais apertada das bolas, deixando para trás um único desejo, assente sobre uma pirâmide de outros desejos impossíveis.

– Caraças – resmungou Benedikt. – Caraças, *caraças.*

Arrancou a folha de papel da tela e amachucou-a, atirando-a com força contra a parede do estúdio. Sentiu-se pressionado pela futilidade, que latejava nas suas têmporas e lhe invadia os olhos cansados e secos. Em algum lugar profundo nos recessos da sua lógica, sabia que o que queria fazer não era possível. O que era uma esfera? Era um círculo tridimensional, e os círculos não existiam. Todos os pontos do círculo eram equidistantes do centro e, para que isso se verificasse, teriam de ser idênticos. Até onde iria Benedikt para encontrar a perfeição? Às pinceladas? Às partículas? Aos átomos? Se não existia um círculo verdadeiro no seu próprio universo, como haveria ele de pintar um?

Benedikt pousou o pincel e saiu do estúdio a esfregar o cabelo.

Só fez uma pausa no corredor quando uma voz veio a flutuar do quarto adjacente, entediada, amarga e baixa.

– Porque é que estás a dizer palavrões?

Ele e Marshall partilhavam agora o edifício em ruínas que ficava a um quarteirão da morada principal dos Montagov, embora o nome de Benedikt fosse o único nos papéis. Em termos técnicos, Marshall vivia ali ilegalmente, mas Benedikt não se importava. Marshall era completamente imprevisível, mas também era um excelente cozinheiro e melhor do que

qualquer outra pessoa a consertar canos. Talvez fosse a sua prática a unir os próprios ossos partidos. Talvez fossem aqueles anos iniciais, passados a deambular pelas ruas e a ter de se desenrascar sozinho, antes de os Flores Brancas o terem acolhido. Até ao dia de hoje, nenhum Montagov sabia exatamente o que tinha acontecido à família de Marshall. Benedikt sabia apenas uma coisa: estavam todos mortos.

Marshall saiu do seu quarto, com as calças do pijama, comidas pelas traças, pelas ancas. Quando ergueu os braços para os cruzar sobre o peito, a camisa lamacenta subiu revelando um quadriculado de facadas cicatrizadas, na parte inferior do tronco.

Benedikt fitava-o. O seu pulso acelerou perante aquela terrível tomada de consciência e acelerou de novo ao pensar em ser apanhado.

– Tens mais cicatrizes. – Recuperou rapidamente, mal gaguejando, mesmo com o ardor no pescoço. Aquele momento haveria provavelmente de lhe aparecer quando estivesse a tentar adormecer e depois haveria de se encolher de tal modo que ficaria invertido, tornando-se uma película de pele virada do avesso. Aclarando a garganta, Benedikt continuou. – Donde é que estão sempre a vir?

– Esta cidade é perigosa – respondeu Marshall sem responder realmente, alargando o sorriso.

Parecia estar a provocar, a dar lustro à sua bravata, mas Benedikt começou a franzir o sobrolho. Havia sempre cinco mil pensamentos diferentes a borbulhar na cabeça de Benedikt, querendo a sua atenção, e quando um avançava com um volume *particularmente alto*, ele prestava atenção. Enquanto Marshall seguia pelo corredor, desaparecendo na cozinha para ir remexer nos armários, Benedikt continuou fora do estúdio, a refletir.

– Mas não é interessante?

– Ainda estás a falar comigo?

Benedikt revirou os olhos, apressando-se para ir ter com Marshall à cozinha. Marshall estava a tirar as panelas e frigideiras, com um caule de aipo na boca. Benedikt nem sequer queria perguntar porquê. Calculou que Marshall era do tipo que masca aipo por nenhuma razão em particular.

– Com quem havia de estar a falar? – respondeu Benedikt, içando-se para a bancada. – A cidade. *Está* a ficar mais perigosa, não está?

Marshall tirou o aipo da boca e abanou-o na direção de Benedikt. Como este se limitou a olhar, sem vontade de abrir a boca e dar uma dentada, Marshall encolheu os ombros e atirou o aipo para o caixote de lixo.

– Ben, Ben, meu tesouro, eu estava só a brincar. – Marshall acendeu um fósforo para o gás. A chama ganhou vida entre os seus dedos: uma estrela em miniatura, quente, a arder. – Esta cidade sempre foi perigosa. É o coração da falha humana, o pulso de…

– Mas ultimamente – interrompeu Benedikt, inclinando-se sobre a bancada, as mãos a evitar que escorregasse para o granito duro – não tens reparado nas multidões nos cabarés? A frequência com que há homens a saltar para o palco para assediar as jovens dançarinas? Os gritos nas ruas, quando não há riquexós em número suficiente para que cada patrão tenha o seu? Seria de esperar que, com a loucura, o número de frequentadores de clubes mudasse, baixasse cada vez mais. Mas é possível que os estabelecimentos noturnos sejam os únicos lugares que não desleixaram o pagamento de renda ao meu tio.

Por uma vez na vida, Marshall precisou de um instante para responder, sem nada preparado na ponta da língua para quando chegou a sua vez.

Tinha o mais leve sorriso nos lábios, mas era doloroso, como se estivesse em sofrimento.

– Ben – repetiu. Fez uma pausa. Podia ser que estivesse a fazer um esforço para achar as palavras em russo, começou e parou algumas vezes sem qualquer coerência, por isso remeteu à sua língua materna. – Não é que a cidade tenha ficado mais perigosa. É que mudou.

– Mudou? – disse Benedikt, falando também em coreano. Não tivera aquelas aulas todas para nada. Tinha uma pronúncia terrível, mas, pelo menos, era fluente.

– A loucura espalha-se por toda a parte. – Marshall tirou um pé de coentros do saco que estava aos seus pés. Começou a mascar também isso. – Desloca-se como a praga: primeiro, todos os relatos eram da beira-rio, depois espalharam-se para o interior da cidade, para as concessões, e agora cada vez mais mansões da periferia mandam vítimas para a morgue. Pensa nisso. Os que querem proteger-se ficam em casa, trancam as portas, selam as janelas. Os que não querem saber, os que são violentos, os que se deliciam com o que é terrível… – Marshall encolheu os ombros, agitando as mãos enquanto escolhia as palavras certas – … esses *prosperam*. Saem para a rua. A cidade não se tornou mais violenta. É uma questão de a sua gente estar a mudar.

Nem de propósito, o som de vidro a estilhaçar varreu o apartamento, espantando Marshall a ponto de ele estremecer; Benedikt virou-se, simplesmente, de sobrolho franzido. Ambos ficaram à escuta, a ver se seria uma ameaça. Quando ouviram gritos sobre rendas, vindos do beco ao longo do edifício, ficou claro que não tinham de se preocupar.

Benedikt saltou da bancada da cozinha. Arregaçou as mangas ao entrar de novo no corredor, desviando para o quarto de Marshall para ir buscar a peça de roupa que estava mais perto.

– Está bem, vamos – exigiu quando regressou à cozinha.

– Como assim? – exclamou Marshall. – Estou a fazer comida!

– Eu compro-te comida na banca de rua. – Benedikt atirou-lhe o casaco. – Temos uma vítima viva para encontrar hoje.

*

Marshall e Benedikt deambularam por territórios dos Flores Brancas durante horas a fio, sem sorte. Sabiam que os becos eram terreno fértil para a loucura, por isso optaram por seguir exclusivamente por esses caminhos mais estreitos da cidade – percorrendo um labirinto que lhes era muitíssimo familiar. No entanto, não tardou a que compreendessem que não importava o quão cuidadosos e lentos eram, fazendo pausas à entrada dos becos quando ouviam no interior o mais leve roçagar acompanhado de um cheiro inquestionavelmente metálico. Por duas vezes tinham entrado apressadamente com um plano de ataque, mas descobriram que o roçagar era de roedores, que cheiravam um maldito cadáver, já há muito morto.

Se não fosse um cadáver, então era silêncio. Eram becos como retratos estáticos e imperturbáveis, todos a feder dos caldeirões de lixo a transbordar e dos caixotes partidos, porque as pessoas tinham muito medo de se aventurar para longe para ir deitar as suas coisas fora como devia ser.

Benedikt quase sentiu alívio quando recuaram finalmente até uma rua principal, reentrando num mundo onde retalhos e murmúrios de conversas entre vendedores e pessoas às compras passavam por ele enquanto caminhava. *Esta* era a parte real da cidade. Aqueles becos tinham-se

tornado versões assombradas de Xangai: uma zona vulnerável transformada numa casca amortecida.

– Então, foi uma perda de tempo – comentou Marshall. Consultou o relógio de bolso. – Queres contar ao Roma o nosso colossal fracasso, ou conto eu?

Benedikt fez uma careta, soprando ar quente para as mãos rígidas. Ainda não estava frio suficiente para se usar luvas, mas, nesse dia, o frio da tarde era cortante.

– Mas onde é que está o Roma? – perguntou ele. – Era suposto esta tarefa também ser dele.

– É o herdeiro dos Flores Brancas. – Marshall guardou o relógio. – Pode fazer o que lhe der na real gana.

– Tu sabes que isso não é assim.

Marshall ergueu bruscamente as sobrancelhas, que se sumiram na mecha escura de cabelo caída sobre a sua testa. Ficaram os dois em silêncio por um instante, entreolhando-se num raro surto de confusão.

– Quero dizer… – apressou-se Benedikt a corrigir. – Continua a ter de reportar ao pai.

– Oh – disse Marshall, curtamente.

Tinha uma expressão desconhecida, pouco à vontade, que, por sua vez, também deixou Benedikt pouco à vontade. Isso foi para Benedikt como um súbito murro no estômago, uma vontade de agarrar no ar as palavras que tinha acabado de dizer, de as meter outra vez na boca, para que Marshall pudesse voltar à sua disposição habitual, descontraída.

– Oh? – repetiu Benedikt.

Marshall abanou a cabeça, a rir. O som relaxou imediatamente o estômago de Benedikt.

– Por um segundo, achei que querias dizer que ele não era o herdeiro.

Benedikt ergueu os olhos para as nuvens cinzentas.

– Não – disse ele. – Não era isso que eu queria dizer.

Mas, no seu íntimo, ambos o sabiam. Benedikt Montagov e Marshall Seo eram dos poucos Flores Brancas que tinham declarado publicamente a sua aliança a Roma. O resto mantinha-se em silêncio, à espera de ver se Roma sairia vitorioso com o seu direito de nascença, ou se acabaria por ser ultrapassado por quem quer que Lord Montagov decidisse favorecer.

– Queres ir para casa?

Benedikt suspirou e anuiu.

– É melhor.

*

Na rua seguinte, enquanto Benedikt e Marshall se apressavam para sul, Kathleen seguia para norte, entrando e saindo das margens do Bund.

O Bund, pensou, distraída. Que estranha maneira de o traduzir. Em chinês, era wàitān, que devia ter sido emprestado ao inglês para se chamar *margem exterior.* Era isso que era: uma língua de terra que tocava na parte do rio Huangpu mais a jusante. Ao chamar-lhe Bund, tornou-se um cais. Transformou-se num lugar de chegada e partida, com navios a amontoarem-se para terem um vislumbre da vida dentro das margens, de casas comerciais e consulados estrangeiros a zumbir com poder.

Era ali que a riqueza se concentrava, entre os edifícios luxuosos, inspirados nas Belas-Artes e financiados pelo Ocidente, que só produziam

mais riqueza num ciclo autossuficiente. Muitas estruturas ainda não estavam concluídas, deixando a maresia atravessar as traves abertas dos andaimes. O clangor dos construtores a trabalhar intensamente soava frenético, mesmo àquela hora tardia. Não tinham autorização para construir *para cima* ao longo do Bund, que tinha restrições de altura, portanto só podiam construir *bem.*

Mesmo meio construído, tudo ali era bonito. Era como se cada projeto estivesse a competir para ofuscar o anterior. O favorito de Kathleen era o edifício HSBC: uma coisa neoclássica enorme, de seis andares, que albergava a Hongkong and Shanghai Banking Corporation, brilhando tanto por fora como por dentro. Custava a acreditar que uma tal coleção de mármore e monel conseguisse apresentar-se assim: em colunas e treliças e uma única abóbada gritante. Fazia toda a estrutura parecer que pertencia aos templos gregos antigos, e não ao epicentro da era dourada da finança de Xangai.

Era uma pena que as *pessoas* que trabalhavam em edifícios tão acolhedores fossem tão acolhedoras como arroz bolorento.

Kathleen saiu do edifício da HSBC a resmungar, emitindo um demorado rugido baixinho. Estafada até aos ossos, encostou-se a um dos arcos exteriores, levando um minuto a considerar os próximos passos.

Não faço a mínima ideia do que está a dizer era a expressão que mais vezes lhe tinha sido dita nesse dia e Kathleen detestava falhar nas suas tarefas. Mal os banqueiros se deram conta de que Kathleen não estava ali para inquirir sobre o seu crédito bancário, mas para lhes perguntar se tinham visto monstros a caminho do trabalho, fecharam-se imediatamente em copas, revirando os olhos e pedindo-lhe que, por favor, continuasse o seu caminho. Calculava que, entre aquelas paredes de granito e os cofres

grossos e estridentes, as pessoas que passavam ali dia após dia se achavam em segurança da loucura, dos rumores do monstro que a trouxera.

Kathleen via isso. Estava no aceno paciente das mãos, que gesticulavam para o cliente a seguir, na maneira ociosa de descartar as perguntas de Kathleen, como se eles estivessem acima delas. Os ricos e os estrangeiros não acreditavam realmente naquilo. Para eles, aquela *loucura* que varria a cidade não passava de chinesices – que afetava apenas os condenados à pobreza, que tocava apenas nos crentes, cativos da sua tradição. Achavam que o seu mármore brilhante podia isolar do contágio, porque este nada mais era do que histeria de selvagens.

Quando a loucura atravessar estas colunas, pensou Kathleen, *esta gente nem vai saber o que a atingiu.*

E depois, cruelmente, quase pensou: *Ótimo.*

– Você aí! Xiǎo gūniáng!

Kathleen deu meia-volta, de coração animado com a esperança de que algum banqueiro tivesse saído para lhe contar que se lembrava de alguma coisa. Só que, quando se virou, os seus olhos pousaram numa velhota de cabelo grisalho grosso, que se aproximava arrastando os pés, com as duas mãos a agarrar uma mala grande.

– Sim? – perguntou Kathleen.

A velhota parou à frente dela, passando os olhos pelo pendente de jade que ela tinha colado ao pescoço. Kathleen sentiu pele de galinha nos braços. Resistiu ao impulso de tocar no cabelo.

– Ouvi-a perguntar por um monstro? – A mulher inclinou-se para diante, com um tom conspiratório na voz.

Kathleen fez uma careta, livrando-se da pele de galinha com uma pequena expiração.

– Lamento – respondeu. – Também não tenho informações.

– Ah, mas tenho eu – interrompeu a mulher. – Não vai a lado nenhum com estes banqueiros. Mal levantam os olhos dos livros e secretárias. Mas eu estava aqui há três dias. Eu vi.

– A senhora… – Kathleen olhou por cima do ombro e depois inclinou-se para a frente, baixando a voz. – Viu-o aqui? Com os seus olhos?

A mulher fez sinal com a mão para que Kathleen a seguisse, e ela assim fez, olhando para os dois lados antes de atravessarem a rua. Caminharam até à água, junto do cais que se alongava no rio. Quando a velhota parou, pousou a mala e usou os dois braços para gesticular.

– Foi mesmo aqui – disse a mulher. – Eu estava a sair do banco com o meu filho. Um querido… mas completamente bèndàn no que toca às finanças. Bem, enquanto ele foi chamar um riquexó, eu fiquei junto da margem à espera e, daquela rua ali – gesticulou com os braços para uma das ruas que se dirigia ao interior da cidade – uma *coisa.*… veio a correr.

– Uma coisa – repetiu Kathleen. – Refere-se ao monstro?

– Sim… – A mulher interrompeu-se. Tinha começado a história com vigor, com o tipo de energia que se conseguia ao segurar um público extasiado. Agora estava a esmorecer, atingindo de repente a mulher com o que ela tinha realmente visto. – O monstro. Uma coisa horrenda, imperecível.

– Mas tem a certeza? – instou Kathleen. Parte de si queria ir já a correr para casa com aquela informação, contar a Juliette para que a prima pudesse reunir as forças Escarlates e as suas forquilhas. A outra parte, a mais

sensata, sabia que aquilo não bastava. Precisavam de mais. – Tem a certeza de que era o monstro, não uma sombra ou…

– Tenho a certeza – disse a mulher com firmeza. – Tenho a certeza porque um pescador que atracava o barco tentou disparar contra ele quando se moveu por este mesmo cais. – Apontou para a frente, para o cais que se alongava no rio tão largo, atualmente a fervilhar de atividade dos navios atracados. – Tenho a certeza porque as balas limitaram-se a fazer ricochete, batendo no chão como se o que ali se erguia não fosse um *ser,* mas um *deus*. Era um monstro. Tenho a certeza.

– O que aconteceu? – murmurou Kathleen. Um arrepio percorreu-lhe o pescoço e os braços. Não achou que fosse a brisa marítima. Era algo bem mais medonho. – O que aconteceu a seguir?

A mulher pestanejou. Parecia estar a sair de um ligeiro estupor, como se não tivesse reparado bem na intensidade com que se perdeu na memória.

– Bem, o que se passa é o seguinte – respondeu, de sobrolho franzido. – A minha visão, sabe. Não é das melhores. Vi a criatura saltar para dentro de água e depois…

Kathleen inclinou-se para a frente.

– E depois…?

A velhota abanou a cabeça.

– Não sei. Ficou tudo um pouco vago. Julguei ouvir alguma coisa a deslizar. Era como se a escuridão ali – estendeu o braço – se estivesse a mexer. Como se estivessem a ser disparadas coisas pequenas para a escuridão. – Abanou de novo a cabeça, desta vez com maior intensidade. Não pareceu surtir grande efeito, porque a voz da mulher perdera toda a sua energia inicial. – Por essa altura, já o meu filho tinha voltado com o

riquexó. Pedi-lhe que fosse dar uma vista de olhos. Disse-lhe que achava que tinha visto um monstro na água. Ele foi a correr pelo cais para o apanhar.

Kathleen arquejou.

– E… apanhou?

– Não. – A mulher franziu o sobrolho, de olhos postos no rio Huangpu. – Disse que eu estava a dizer disparates. Disse que só viu um homem a nadar para longe. Estava convencido de que um pescador tinha simplesmente caído do seu barco.

Um homem. Como podia haver um homem na água com o monstro lá dentro? Como podia ter sobrevivido?

A menos que…

Com a respiração trémula, a mulher pegou na mala, pareceu pensar duas vezes e estendeu antes a mão para pegar na de Kathleen.

– Reconheço-a, das fileiras do Gangue Escarlate – disse ela baixinho. – Alguma coisa ganha vida dentro das águas que circundam esta cidade. Há alguma coisa a ganhar vida em tantos lugares que não vemos. – Os dedos da velhota apertaram, até Kathleen deixar de sentir a circulação na mão. – Por favor – murmurou a mulher. – Protejam-nos.

Capítulo 15

Dias mais tarde, Juliette quase não pensava em mais nada, a não ser na loucura. Mal reagia quando as pessoas chamavam o seu nome. Só tinha ouvidos para o som dos gritos e, sempre que ressoavam gritos nas ruas, estremecia, desejando – *ansiando* fazer alguma coisa.

Um monstro, pensou Juliette, os seus pensamentos persistentes no ciclo constante, encostada às escadas à espera. *Há um monstro a espalhar loucura nas ruas de Xangai.*

– Pronta para ir? – chamou Lord Cai lá de cima, fazendo uma pausa para endireitar a gola do casaco.

Juliette obrigou-se a voltar ao presente. Revirou a pequena bolsa entre as mãos, a suspirar.

– Pronta, como sempre.

Lord Cai desceu o resto das escadas e parou em frente da filha, com uma expressão carregada. Juliette olhou-se de cima a baixo, tentando determinar a origem do desagrado dele. Estava a usar outra vez os vestidos americanos, este um pouco mais elegante, para a ocasião, com punhados de tule nos ombros, que caíam sobre os braços. Seria o decote muito fundo? Seria, por uma vez na vida, uma normal preocupação de pai, que nada tinha que ver com se ela seria capaz de matar um homem sem vacilar?

– Onde está a tua máscara?

Perto. Aceito.

– Para quê? – Juliette suspirou. – O pai não está a usar uma.

Lord Cai esfregou os olhos. Juliette não sabia dizer se era o seu cansaço geral, da preparação para lidar com os franceses, ou se estava exasperado

com o comportamento infantil dela.

– Sim, porque sou um homem de cinquenta anos – respondeu o pai. – Seria ridículo.

Juliette encolheu os ombros e começou a dirigir-se à porta.

– Foi o pai que disse, não eu.

A noite estava gelada quando saíram para o caminho de acesso e Juliette tremeu ligeiramente, esfregando os braços nus com as mãos. Não importava. Era tarde de mais para ir buscar um casaco. Subiu para o carro com a ajuda do motorista e deslizou no assento, para dar espaço ao pai. A maior parte dos outros membros da família que iam ao baile de máscaras já tinha saído. Juliette não queria ir, em qualquer dos casos, por isso esperou que Lord Cai demorasse o tempo necessário para terminar o seu trabalho. Só declarou ser altura de ir quando o céu ficou rosado e o Sol laranja ardente começou a pincelar o horizonte.

Lord Cai entrou no carro. Quando se instalou no assento, pousou as mãos no colo e olhou para Juliette. A sua expressou assentou de novo num sobrolho franzido. Desta vez, estava a olhar para o colar bem apertado no pescoço dela.

– Isso não é um colar, pois não?

– Não é, Bàba.

– É fio de garrote, não é?

– Efetivamente, Bàba.

– Quantas mais armas escondeste em ti própria?

– Cinco, Bàba.

Lord Cai apertou a cana do nariz e murmurou:

– Wǒde māyā, tenha pena de mim.

Juliette sorriu como se tivesse sido elogiada.

O carro avançou e ribombou com suavidade, seguindo por estradas rurais, mais calmas, e entrando na cidade, a buzinar a cada três segundos para que os trabalhadores e os homens que arrastavam os riquexós saíssem do caminho. Geralmente, Juliette tinha o hábito de não olhar pela janela, não fosse estabelecer contacto visual e algum mendigo se aproximasse. Mas, por alguma razão inexplicável, nessa noite olhou.

Mesmo a tempo de ver uma mulher aos berros no passeio, com um corpo aninhado no regaço.

O corpo era uma barafunda de sangue, as mãos manchadas de vermelho e a garganta em tão mau estado que a cabeça mal se segurava com a força do osso do pescoço. A mulher chorosa embalava a cabeça e colava a face ao rosto branco da morte.

O carro começou a andar outra vez. Juliette virou os olhos para a frente, para a imagem indistinta que passava no para-brisas, e engoliu com força.

Porque é que isto está a acontecer?, pensou desesperada. *Terá esta cidade cometido crimes tão horríveis que chegámos ao ponto de merecer isto?*

A resposta era: sim. Mas não era inteiramente culpa deles. Os chineses tinham feito a cova, apanharam a lenha e acenderam o fósforo, mas foram os estrangeiros que vieram pôr gasolina em todas as superfícies, deixando Xangai enfurecer-se num indomável incêndio florestal de deboche.

– Chegámos – disse o motorista, travando.

Juliette, de maxilar cerrado, saiu do carro. Na Concessão Francesa, tudo tinha um pouquinho de brilho, até a relva sob os seus pés. Aqueles jardins

geralmente tinham portões, mas, nessa noite, tinham sido abertos de par em par, especificamente para aquela cerimónia. Quando Juliette transpôs os portões, foi como se entrasse noutro mundo – longe das ruas sujas e dos becos apertados e apinhados por onde tinham acabado de passar de carro. Ali era folhagens e trepadeiras e intenções duvidosas, pequenos gazebos pacientemente assentes em recantos exóticos e a escuridão a descer, projetando as sombras dos portões altos de ferro fundido, que delimitavam aquele jardim, longamente na relva, ficando mais longas a cada segundo do poente violeta.

Apesar do frio, Juliette suava um pouco quando passou os olhos pela multidão de pessoas dispersas por aqueles jardins delicadamente cuidados. A sua primeira ordem de trabalho era identificar onde cada familiar se colocara. Encontrou facilmente a maior parte, espalhados e a socializar. Talvez ela *tivesse* levado a coisa longe de mais ao trazer tantas armas. Por ter a faca amarrada ao fundo das costas, o vestido ficava muito apertado na cintura e o tecido branco nos joelhos subia a cada passo. Mas Juliette não podia fazer nada. Ao trazer armas, podia enganar-se a si própria ao pensar que, se acontecesse um desastre, ela poderia agir.

Tentou não reconhecer que havia alguns desastres contra os quais não podia lutar com facas. Os estrangeiros que ali estavam certamente não queriam saber. Enquanto Juliette caminhava, ouviu várias gargalhadas acercas dos rumores da loucura, homens britânicos e mulheres francesas a bater os copos em gesto de celebração, por ser tão inteligente manterem-se afastados da histeria local. Agiam como se fosse uma *escolha.*

– Anda, Juliette – instou Lord Cai mais à frente, endireitando as mangas.

Juliette seguiu, obediente, mas os seus olhos continuaram noutro lugar. Sob um delicado pavilhão de mármore, um quarteto tocava música suave, o

som flutuava para uma clareira onde alguns mercadores estrangeiros e as suas mulheres dançavam. Havia um rácio equilibrado de gângsteres Escarlates e estrangeiros – tanto mercadores como oficiais – e alguns iam ao ponto de conversar no crepúsculo esmaecente. Avistou Tyler nesses grupos a conversar com uma francesa. Quando a viu olhar, acenou amigavelmente com a mão. A boca de Juliette tornou-se uma linha de amargura.

Ali perto, os fios de luzes enrolados na cobertura do gazebo ganharam vida com um súbito *vum*. Os jardins ficaram iluminados de ouro, empurrando a escuridão que, de outro modo, teria descido quando o Sol se instalou completamente no mar.

– Juliette – instou Lord Cai de novo.

Juliette abrandara a marcha até um passo de caracol, sem reparar. Retomou o seu passo, rezingona. Tinha notado que a maior parte das pessoas continuava em grupos junto de outros semelhantes a si. As mulheres britânicas que se tinham mudado para ali com os maridos diplomatas riam-se umas com as outras, as luvas rendadas a envolver as sombrinhas de cores pastel. Os oficiais franceses davam palmadinhas nas costas uns dos outros, rindo de qualquer piada sem graça que um dos seus superiores acabara de dizer. Contudo, dispersos em diferentes secções do jardim, três solitários continuavam sem companhia, apesar dos seus melhores esforços para se mostrarem ocupados em assuntos apropriados.

Juliette parou de novo. Inclinou a cabeça para um deles – aquele que examinava atentamente o prato que tinha nas mãos.

– Bàba, aquele rapaz não te parece coreano?

Lord Cai nem sequer seguiu a direção do olhar dela. Pôs as mãos à volta dos ombros dela e impeliu-a na direção que seguiam.

– Foca-te, Juliette.

Era uma ordem irrelevante. Juliette não precisava de foco ao aproximarem-se do cônsul-geral de França porque, quando os homens falavam, ela esbatia-se simplesmente no cenário. Pouco mais era do que um ornamento a decorar aquele lugar. Ligava-se e desligava-se da conversa principal, sem sequer apanhar o nome do cônsul-geral. O seu foco era os dois homens em sentido atrás dele.

– Quer ir comer uma sanduíche a seguir? – murmurou o primeiro homem ao segundo em francês. – Detesto este *catering*. Estão a tentar demasiado agradar àquele país sensaborão para lá da sarjeta.

– Leu-me os pensamentos – respondeu baixinho o segundo. – Olhe para eles. Um bando de camponeses simplórios.

Juliette ficara tensa, mas, com o comentário da sarjeta, tornou-se claro que se referiam aos britânicos, não ao Gangue Escarlate.

– Bebem o chá e dizem que o inventaram – continuou o segundo homem. – Pensa duas vezes, palerma. Os chineses faziam chá antes de vocês terem sequer um rei.

Juliette bufou de repente – a mesquinhez irrelevante da conversa apanhou-a completamente de surpresa –, depois tossiu para mascarar o som. Lord Cai não tinha nada com que se preocupar; levá-la ali tinha sido uma precaução desnecessária. Voltou de novo a atenção para a conversa do pai.

– São desconfiados, senhor – dizia o cônsul-geral. Falava dos homens de negócios franceses, era o palpite de Juliette. – A garde municipale mantém

a Concessão Francesa em segurança por agora, mas se houver algum problema latente, preciso de saber que tenho o apoio do Gangue Escarlate.

Se houvesse uma revolta dos chineses comuns, dos trabalhadores sem soldo que viam no comunismo a principal solução, os franceses precisavam de uma maneira de manter o seu domínio sobre Xangai. Julgavam que conseguiriam obtê-lo com as armas e os recursos do Gangue Escarlate. Não se davam conta de que, se houvesse uma revolução, deixaria de haver pessoas em Xangai com quem fazer os seus negócios.

Mas Lord Cai não dava voz a nada disso. Concordava com facilidade, com a condição de o Gangue Escarlate continuar a ter a jurisdição para executar as suas tarefas na Concessão Francesa. O cônsul-geral de França exclamou, numa tentativa de moldar o seu inglês com americanismos:

– Ora, velho amigo, mas é claro! Essa questão nem se coloca.

E, quando os dois homens deram um aperto de mão, pareceu ficar tudo combinado.

Juliette achou tudo aquilo teatral e ridículo. Considerou um absurdo que o pai tivesse de pedir permissão para continuar os seus negócios em território onde os seus antepassados viveram e morreram a homens que tinham simplesmente atracado ali os seus barcos e decidido que gostavam de ficar agora no comando.

Como se conseguisse detetar a hostilidade dos pensamentos de Juliette, o cônsul-geral de França, virou por fim os olhos para ela.

– E como está a menina, Miss Juliette?

Juliette abriu um sorriso.

– Não devia ter uma palavra a dizer aqui. – Falou antes que o pai a pudesse fazer parar, as palavras saindo com tanta doçura que pareciam de

admiração. – Por mais falhas que tenhamos, por mais que lutemos uns contra os outros, este país continua a não ser para estar sob as ordens de pessoas como o senhor.

A expressão luminosa do cônsul-geral vacilou, mas só ligeiramente, incapaz de determinar se Juliette estaria a ser crítica ou a fazer um comentário inocente. As palavras dela eram bruscas, mas os seus olhos, simpáticos, as mãos apertadas como se estivesse a fazer conversa de circunstância.

– Tenha um bom dia – interrompeu Lord Cai antes que algum francês pudesse formular uma resposta. Conduziu Juliette para longe com firmeza, fazendo-a caminhar rapidamente com o braço nos seus ombros.

– Juliette – sibilou Lord Cai no momento em que ficaram fora do campo de audição. – Nunca pensei que teria de te ensinar isto, mas não podes dizer coisas dessas a pessoas poderosas. Vai ser o teu fim.

Juliette sacudiu os ombros, desembaraçando-se da mão do pai.

– Por certo que não – argumentou. – É poderoso, mas não tem poder para me matar.

– Muito bem – disse Lord Cai com firmeza. – Pode não te matar…

– Então, porque não posso falar livremente?

O pai suspirou. Inspirou e expirou, à procura da resposta.

– Porque lhe fere os sentimentos, Juliette – disse ele por fim.

Juliette cruzou os braços.

– Calamos a injustiça de tudo isto simplesmente porque *lhe fere os sentimentos*?

Lord Cai abanou a cabeça. Agarrou a filha pelo cotovelo e levou-a para mais longe, lançando um olhar demorado por cima do ombro. Quando estavam os dois perto de um gazebo, soltou-a e entrelaçou as mãos à frente do corpo.

– Juliette, nos tempos que correm – disse baixinho e cautelosamente –, as pessoas mais perigosas são os brancos poderosos, que se sentem menosprezados.

Juliette sabia isso. Sabia-o muito melhor do que pessoas como o pai e a mãe, que só tinham visto o que os estrangeiros eram capazes de fazer *depois* de levarem os seus navios para águas chinesas. Já Juliette… os pais tinham-na mandado estudar na América, afinal de contas. Tinha crescido com o olhar pregado no exterior de todos os estabelecimentos antes de entrar, à procura dos sinais de segregação que exigiam que ela se afastasse. Tinha aprendido a sair do caminho sempre que uma senhora branca de saltos altos avançava pelo passeio com as suas pérolas, aprendera a submeter-se e a baixar os olhos caso o marido da senhora branca reparasse no mais leve revirar de olhos por parte de Juliette e lhe gritasse, exigindo saber porque estava naquele país e qual era o seu problema.

Não tinha de fazer nada ofensivo. Era a legitimação que fazia avançar aqueles homens. Era a legitimação que incitava as suas mulheres a levarem um lenço delicado ao nariz e a cheirar, crendo de coração que a tirada era merecida. Achavam-se os donos do mundo – em terra roubada na América, em terra roubada em Xangai.

A todo o lado que iam – *legitimação.*

E Juliette estava tão *cansada.*

– Toda a gente tem os sentimentos feridos – disse ela com amargura. – Enquanto ele aqui está, pode passar por isso uma vez na vida. Não merece ter poder. Não é um direito que lhe assiste.

– Eu sei – disse simplesmente Lord Cai. – Toda a China sabe isso. Mas é assim que o mundo funciona agora. Enquanto ele tiver poder, precisamos dele. Enquanto ele tiver mais armas, tem o poder.

– Não é que *nós* não tenhamos armas – resmungou Juliette, mesmo assim. – Não é que não tenhamos tido um pulso de ferro sobre Xangai durante o último século com as *nossas* armas.

– Em tempos foi suficiente – respondeu Lord Cai. – Agora não é.

Os franceses precisavam *deles*, mas o Gangue Escarlate não *precisava* dos franceses da mesma maneira. O que o pai queria de facto dizer era que precisavam do poder francês – precisavam de ficar do seu lado bom. Se o Grupo Escarlate declarasse guerra e recuperasse a Concessão Francesa como território chinês, seriam destruídos numa questão de horas. A lealdade e a hierarquia do gangue não era nada contra navios de guerra e torpedos. A Guerra do Ópio provara isso mesmo.

Juliette fez um som de repugnância. Ao ver a expressão austera do pai, suspirou e desviou o tema de volta para o que importava.

– Deixe lá. Não ouvi nada de interessante da parte destes homens.

Lord Cai anuiu.

– Isso é bom. Significa menos problemas para nós. Vai divertir-te.

– Certo – disse Juliette. Queria com isso dizer, *vou buscar comida e depois vou-me embora*. Avistara Paul Dexter a transpor os portões. Ele perscrutava a multidão. – Vou esconder-me. – Juliette tossiu. – Perdão, vou *ficar* junto daquela árvore.

Infelizmente, apesar da rapidez com que Juliette se afastou, não foi rápida o suficiente.

– Miss Cai, que agradável surpresa.

Uma vez chegada à mesa da comida, Juliette pousou a bolsa e pegou com afetação numa tarte de ovo. Deu uma dentada e virou-se, enfrentando o equivalente humano do pão bolorento.

– Como tem passado? – perguntou Paul. Apertou as mãos atrás das costas, alisando o tecido azul do fato feito à medida. Também não usava máscara. Os seus olhos verdes pestanejaram livremente para ela, refletindo as luzes douradas acima deles.

Juliette encolheu os ombros.

– Bem.

– Ótimo, ótimo – grasnou Paul. Ela não sabia porque é que ele respondia com tanto entusiasmo à resposta pouco inspirada dela. – Deixe-me que lhe diga que é muito…

– O que quer, Paul? – interrompeu Juliette. – Já lhe disse que não estamos interessados no seu negócio.

Afoito, Paul fez disparar o seu zelo e tomou Juliette pelo cotovelo para a afastar da comida. Ela ainda pensou em disparar contra ele, mas como estava numa festa com centenas de estrangeiros ricos a socializar, decidiu que provavelmente não seria o melhor a fazer. Fez tensão no braço, mas deixou que Paul a levasse.

– Apenas conversar – disse ele. – Levámos o nosso negócio diretamente a outros mercadores. Não se preocupe. Não tenho mais intenções de incomodar o Gangue Escarlate.

Juliette sorriu com doçura. Tinha os dentes cerrados.

– E se é assim, porque se incomoda comigo?

Paul retribuiu o sorriso doce, embora a sua expressão parecesse genuína.

– Talvez eu procure o seu afeto, bela menina.

Nojento. Apostava as poupanças da sua vida em como ele só a achava bonita por ela ser digerível segundo os padrões ocidentais. A sua beleza feminina era um conceito tão efémero como o poder. Se se bronzeasse, engordasse uns quilos e deixasse passar umas décadas, os artistas de rua deixariam de retratar o seu rosto para vender cremes. Tanto os padrões chineses como os ocidentais eram coisas arbitrárias e deploráveis. Mas Juliette continuava a ter de se manter na linha, obrigava-se a segui-los para que as pessoas olhassem para ela. Sem o seu aspeto, a cidade virava-se contra ela. Diria que ela não merecia ser tão competente como era. Entretanto, os homens podiam ser tão bronzeados, gordos e velhos quanto desejassem. Não tinha nenhum efeito naquilo que as pessoas pensavam deles.

Juliette libertou o braço da mão de Paul, dando meia-volta para regressar à comida.

– Não, obrigada. O meu afeto não se conquista com uma energia tão enfadonha.

Era um descartar total. Juliette julgava ter sido deixada em paz quando pegou numa bebida. Mas Paul era insistente. A sua voz surgiu de novo por cima do ombro dela.

– Como está o seu pai?

– Está bem – respondeu Juliette, mal conseguindo reprimir o agravo que queria subir-lhe pelas palavras. Por cortesia social, perguntou-lhe com voz

ligeira. – E como está o seu?

Juliette era a rainha dos socialites. Tinha muita prática. Se assim o desejasse, podia ter transformado o sorriso leve, de cortesia, num sorriso rasgado de megawatts. Mas não achava que pudesse obter nenhumas informações de Paul e associar-se a ele parecia-lhe vão.

Talvez Paul percebesse. Talvez fosse mais inteligente do que Juliette pensava. Talvez ele tivesse de facto detetado o desassossego dos dedos dela a tamborilar e do incessante movimento do seu pescoço inclinado. Por isso, ele fez-se útil.

– Eu e o meu pai começámos a trabalhar para o Larkspur – disse Paul. – Ouviu falar dele?

O Larkspur. Juliette parou de tamborilar os dedos a meio do movimento.

Lā-gespu. Larkspur. Era *isso* que o velho no Chenghuangmiao tentara dizer. Ouvir um grito lunático sobre uma figura misteriosa, afirmar que tinha recebido a cura para a loucura, não era digno de nota. Ouvir a mesma figura misteriosa mencionada duas vezes numa questão de dias era estranho. Focou como deve ser o olhar no britânico de falas mansas que tinha à sua frente, mantendo, por uma vez, o seu olhar constante.

– Ouvi umas coisas, aqui e ali – respondeu Juliette vagamente. Inclinou a cabeça. – O que é que você faz?

– Recados, sobretudo.

Agora Paul estava a ser deliberadamente vago e sabia-o. Juliette observou as linhas do seu sorrisinho, a curva das sobrancelhas franzidas e leu-o, até ao mínimo pormenor. Ele queria atenção pelo seu envolvimento com Larkspur, mas não tinha autorização para dar respostas. Daria uma pista daquilo que sabia, mas não iria oferecer nada só para os boatos.

– Recados? – repetiu Juliette. – Não consigo imaginar que haja muito a fazer.

– Ah, aí é que se engana – disse Paul, empolando o peito. – O Larkspur criou uma vacina para a loucura. Tem mercadores, aos magotes, que a querem e a organização de um negócio dessa escala requer trabalhadores com a dimensão de um exército.

– Deve ter um salário fantástico. – Juliette mirou a corrente de ouro do relógio de bolso, enfiada numa casa de botão.

– O Larkspur senta-se em montes de dinheiro – confirmou Paul.

Será então que este Larkspur está a tirar proveito do medo da loucura?, perguntou-se Juliette. *Ou terá mesmo uma vacina que vale o dinheiro destes mercadores?*

Juliette podia ter dado voz aos seus pensamentos, mas Paul estava com um ar demasiado satisfeito para lhe dar respostas verdadeiras. Perguntou apenas, frontalmente:

– E o Larkspur tem nome?

Paul encolheu os ombros.

– Se tem, não o sei. Se quiser, posso arranjar-lhe um encontro.

Perante isto, Juliette endireitou-se, olhando-o com curiosidade por entre as pestanas enegrecidas, à espera do senão.

– Embora deva dizer – continuou Paul, com ar de quem pedia desculpa – que ainda não estou numa posição muito elevada. A Juliette teria de esperar algum tempo até eu conseguir ascender…

Juliette mal se conseguiu abster de revirar os olhos. Paul continuava a tagarelar, mas ela deixara de o ouvir. Ele estava apenas em busca de poder.

Afinal, não teria grande utilidade.

– Excusez-moi, mademoiselle.

Paul calou-se abruptamente quando uma voz falou atrás de Juliette, dando-lhe uns benditos segundos sem a tagarelice dele. Agradeceu em silêncio ao intruso francês, depois recuou quando deu meia-volta e enfrentou o louro mascarado que estava à sua frente.

Oh raios.

– Voulez-vous danser?

Embora Juliette sentisse uma veia na testa a latejar perigosamente, pulsando ao ritmo da sua raiva, aproveitou a oportunidade para escapar.

– Bien sûr – disse ela, tensa. – À plus tard, Paul.

Juliette agarrou na manga de Roma e arrastou-o dali, com os dedos enrolados com tanta força que ficou com a mão direita dormente. Teria ele achado que ela não o reconheceria, só por estar a usar uma peruca loura e uma máscara?

– Tens algum desejo antes de morrer? – sibilou Juliette, passando para inglês mal Paul deixou de os poder ouvir. Depois, ao reparar em todos os ministros e mercadores britânicos à sua volta, mudou para russo. – Eu devia matar-te neste preciso instante. Que audácia!

– Não te atreverias – respondeu Roma, com um riso rápido e cortante. – Arriscavas deixar que o Gangue Escarlate fosse visto como bruto e violento à frente destes estrangeiros para te livrares de mim? O preço a pagar é muito alto.

– Eu… – Juliette fechou os lábios com força, engolindo fosse o que fosse que estivesse na sua língua.

Tinham feito uma pausa na orla da dança, entre um ajuntamento de casais que crescia consistentemente quando a música mudava. As cordas do quarteto eram tangidas rapidamente – a melodia era mais viva, o ritmo, provocante. Roma tinha razão. Juliette não se atreveria, mas nada estava mais longe da sua mente do que os estrangeiros. Juliette não se atreveria porque, por mais que falasse, continuava sem conseguir separar o ódio que lhe fervia no estômago do súbito fluxo de adrenalina que ganhava vida com a proximidade dele. Se o seu corpo se recusava a esquecer quem Roma fora para ela em tempos, como faria ela para que aqueles membros se rebelassem contra a sua natureza, para que o matassem?

– Um tostão pelos teus pensamentos.

Quando Roma passou de novo ao inglês, Juliette ergueu os olhos. Ficaram fixos nos dele. Sentiu um tremor nas costas das mãos. Por entre tantas saias roçagantes, a quietude entre eles começava a parecer suspeita. Sinceramente, Juliette perguntava-se como é que Roma evitava parecer suspeito onde quer que fosse. Movia-se demasiado bem. Se alguém lhe tivesse dito há quatro anos que ele era um deus com forma humana, ela teria acreditado.

– Duvido que tenhas um tostão – acabou por responder Juliette.

Relutante, avançou um passo e levantou a mão; Roma fez o mesmo. Não precisavam de falar para fazerem o gesto complementar. Sempre souberam como prever o que o outro ia fazer.

– É um facto, mas tenho imensas notas maiores. Ofereces mais pensamentos em troca dessas?

A música ficou mais alta, incitando os casais à volta deles a moverem-se com renovado vigor. Roma e Juliette foram obrigados a andar em círculo à

volta um do outro, de mãos estendidas, mas sem se tocarem, em posição, mas sem firmeza, a precisarem de se mover para se misturarem com os outros, mas sem vontade de estabelecerem contacto, sem vontade de fingirem ser mais do que eram.

– O que estás aqui a fazer, Roma? – perguntou Juliette, tensa. Não tinha energia para embarcar na conversa trivial dele. A uma distância tão curta, mal conseguia manter a respiração regular, mal conseguia esconder o tremor que ameaçava abalar a sua mão estendida.

– Imagino que não estejas a arriscar a vida só por causa de dois passos de dança.

– Não – respondeu ele, com segurança. – Foi o meu pai que me mandou. – Fez-se uma pausa. Só então pareceu que Roma se debatia para proferir as palavras seguintes. – Ele deseja propor que o Gangue Escarlate e os Flores Brancas trabalhem juntos.

Juliette quase se riu na cara dele. Estremecia perante o crescente número de mortos com a loucura, é verdade, e temia outro surto na sua própria casa – desta vez, contra os do seu sangue, aqueles que ela conhecia bem e que lhe eram queridos. Mas ainda não tinha acontecido e não aconteceria se Juliette trabalhasse suficientemente rápido – *sozinha*. Por mais eficiente que fosse para os dois gangues trabalharem juntos, unirem uma cidade dividida, ela não tinha incentivo nenhum para concordar com a proposta de Roma e ele parecia achar o mesmo.

As palavras que saíam da boca dele eram uma coisa, mas a sua expressão era outra. Ele também não sentia o que dissera. Mesmo que trabalhar juntos pudesse fundir os seus territórios, mesmo que trouxesse uma paz momentânea à discórdia, para poderem descobrir o *porquê* de os seus

gângsteres estarem a ser apanhados um a um, isso não bastava. Não era suficiente fazer parar o ódio e o sangue, dissolver a fúria que Juliette acalentava no seu coração há quatro anos.

Além disso, porque haveria logo Lord Montagov de propor uma aliança? Era o mais detestável de todos. Juliette só podia chegar a uma conclusão, a mais provável: era um teste. Se ele mandasse Roma ali e o Gangue Escarlate concordasse, então Lord Montagov conhecia a extensão do seu desespero. Os Flores Brancas não queriam verdadeiramente trabalhar em conjunto. Só queriam saber se o Gangue Escarlate tinha sido muito atingido, para poderem usar a informação e bater ainda com mais força.

– Nunca – sibilou Juliette. – Vai a correr para casa e diz ao teu pai que ele até pode s*ufocar.*

Juliette deu meia-volta e afastou-se daquela semi dança, mas depois a música mudou para uma valsa e Roma agarrou-lhe o braço, puxando-a até a outra mão dela pousar no ombro dele e a dele lhe segurar a cintura. Antes que ela pudesse fazer alguma coisa, ele puxara-a para a posição certa, peito com peito, e estavam a dançar.

Era como se ela estivesse sob a força de uma compulsão. Por um instante, permitiu-se acreditar que tinham outra vez quinze anos e que rodopiavam no telhado onde gostavam de se esconder, movimentando-se ao ritmo do club de *jazz* sob os seus pés. Afinal de contas, as memórias eram criaturas monstruosas: erguiam-se ao mais leve cheiro de comida.

Detestava a maneira reflexiva como se encostava a ele. Detestava que o seu corpo seguisse a condução dele sem resistência. Dantes, eram imparáveis. Quando estavam juntos, nunca tinham uma gota de medo, nem quando se escondiam nas traseiras de um clube barulhento a jogar às cartas,

nem quando faziam sua a missão de entrar sub-repticiamente em todos os parques privados de Xangai, com uma garrafa de alguma coisa que Juliette tivesse roubado da garrafeira enfiada debaixo do braço de Roma, aos risinhos como dois idiotas.

Era tudo demasiado familiar. A sensação de ter a mão de Roma na cintura, a mão dele na dela – aquelas mãos tinham tanta graça, mas ela sabia melhor do que ninguém que o sangue as encharcava completamente. Linhas que aparentemente lembravam escrituras, mas que não passavam de pecado.

– Isto não é adequado – entoou ela.

– Não me dás alternativa – respondeu Roma. A voz dele ficou tensa. – Preciso da tua colaboração.

A música soou bruscamente, depois fez-se rápida e, quando Roma fez Juliette rodopiar para fora, as saias dela tilintando ao ritmo da melodia, a resistência dela passou a atenção. Quando voltou a si, não ficou satisfeita com a condução de Roma. Apesar da posição dos dois, dos movimentos, dos passos, do ângulo das mãos – apesar de tudo na valsa que determinava que ela era a parte subserviente, Juliette começou a ditar para onde se dirigiam.

– Então, porque não danças com o meu pai? – disse ela, inspirando profundamente quando chegou o próximo rodopio. – Ele é a voz deste gangue.

Roma contra-atacava. Segurava com força a mão dela, pressionava os dedos na sua cintura como se quisesse deixar impressões digitais no vestido. Se ela tivesse apenas ouvido a voz dele, não teria percebido a pressão a que ele estava sujeito. A sua voz era fácil e casual.

– Temo que o teu pai me desse um tiro na cara.

– Oh, e não temes que eu faça o mesmo? Parece que a minha reputação *não* me segue.

– Juliette – disse Roma. – Tu tens *poder*.

A música parou abruptamente.

E eles imobilizaram-se também, assim como estavam: olhos nos olhos, coração com coração. À medida que as pessoas à volta deles dispersavam com risos leves, trocando de pares antes que a música recomeçasse, Roma e Juliette deixaram-se simplesmente ficar, arquejando, o peito de ambos a subir e a descer, como se tivessem acabado de estar numa luta corpo-a-corpo, e não a valsar.

Afasta-te, disse Juliette a si própria.

A dor era quase física. Os anos tinham passado lentamente entre eles, transformando-os em monstros de rosto humano, irreconhecíveis face a fotografias antigas. Contudo, por mais que ela quisesse esquecer, era como se não tivesse passado tempo nenhum. Olhou para ele e ainda se lembrava do terrível fosso no estômago quando a explosão detonou, ainda sentia o nó na garganta que assinalava o aparecimento das lágrimas, cada vez pior até ela se ir abaixo na parede exterior da sua casa, contendo o grito apenas com a mão enluvada em seda.

– Tens de considerar isto. – Roma falava baixinho, como se um som forte pudesse perturbar a bolha que se formava à volta deles, pudesse pressionar a estranheza entre eles, a borbulhar até à superfície. – Dou-te a minha palavra em como isto não é uma emboscada. Trata-se de impedir que o caos desça às ruas.

Certa vez, há muito tempo, ao fundo de uma biblioteca enquanto uma tempestade rugia lá fora, Juliette perguntara a Roma:

– Alguma vez pensavas como seria a tua vida se tivesses um apelido diferente?

– Estou sempre a pensar. Tu não?

Juliette ponderara o assunto.

– Só às vezes. Depois penso no que perderia sem ele. O que seria eu se não fosse uma Cai?

Roma erguera-se sobre o cotovelo.

– Podias ser uma Montagov.

– Não sejas ridículo.

– Muito bem. – Roma encostara-se mais, tão perto que ela lhe via o brilho nos olhos escuros e via o seu rosto corar no reflexo do seu olhar. – Ou podíamos eliminar os dois nomes e deixar para trás todo este disparate Cai-Montagov.

Agora ela queria arrancar aquelas memórias, atirá-las como a um escarro à cara de Roma.

Dás a tua palavra. Mas sempre foste um mentiroso.

Juliette abriu a boca e as palavras para mandar Roma embora ficaram a equilibrar-se na ponta da sua língua. Depois, o seu olhar dirigiu-se a um movimento indistinto que se aproximava rapidamente dele e empalideceu, de maxilar cerrado.

Roma ficou em estado de choque ao sentir a arma que Tyler lhe apontou à cabeça.

– Juliette – disse Tyler. No ponto onde as mangas largas da sua camisa de cerimónia enfunavam com o vento ligeiro, as mãos estavam perfeitamente imóveis, sem um tremor no aperto constante da arma. – Afasta-te.

Juliette ponderou a situação. Os olhos dela dispararam, num rápido inventário dos estrangeiros à volta deles, interiorizando os arquejos escandalizados e os olhos esbugalhados e confusos.

Ela precisava de parar aquilo *imediatamente*.

– O que se passa contigo? – descompôs Juliette, fingindo ultraje ao afastar-se.

Tyler franziu o sobrolho.

– O que…

– Guarda a arma e pede desculpa a este simpático cavalheiro francês – continuou. Pôs as mãos nas ancas, como se fosse a tia mal-encarada de Tyler, e não uma rapariga com um batimento cardíaco que ameaçava destroçar-lhe a caixa torácica

A expressão de Tyler passou de furiosa a perplexa e de novo a furiosa. Ele estava a engolir aquilo. Estava a funcionar.

– Tyler – chamou Lord Cai à distância. – Guarda a arma. Já.

– Este é o Roma Montagov – disse bruscamente Tyler. O casal britânico que estava atrás dele arquejou. – Eu sei que é. Percebi pela voz.

– Não nos envergonhes, agindo desta maneira – avisou Juliette baixinho.

Tyler respondeu pressionando o cano da arma com mais força no pescoço de Roma.

– Não vou tolerar a presença de um Montagov no nosso território. O *desrespeito…*

Duas figuras saíram então da sombra, já de armas apontadas a Tyler e arrancando-lhe as palavras da boca. Benedikt Montagov e Marshall Seo nem sequer se deram ao trabalho de usar disfarces. A culpa era do Gangue Escarlate, em não os ter reconhecido. Afinal, Juliette soubera que eles podiam vir. Sabia que Roma lhe roubara o convite, que os Flores Brancas teriam sabido daquela festa, mesmo sem ele. E talvez a culpa também fosse dela. Talvez uma parte traiçoeira de si quisesse que Roma aparecesse para o poder ver. Essa parte de si – a que sonhara com um mundo melhor, que amara sem cautela – devia estar *morta*.

Da mesma forma que os monstros não deviam passar de histórias. Da mesma forma que aquela cidade, com todo o seu brilho e tecnologia e inovação, devia estar a salvo da loucura.

– Parem – disse Juliette, inaudível até para si própria. Aquilo ia terminar num banho de sangue. – Parem…

Um grito ressoou na noite.

Os indícios de confusão começaram de imediato, mas depois a confusão tornou-se pânico e o pânico fez-se caos. Tyler não teve alternativa senão baixar a arma quando a mulher britânica que estava a trinta centímetros dele caiu ao chão. Não teve alternativa a não ser recuar rapidamente e dar amplo espaço quando as mãos da mulher se lançaram sobre o seu delicado pescoço, branco como os lírios, e começaram a despedaçá-lo.

Todos em redor.

Um por um por um por um.

Caíram – Escarlates, mercadores e estrangeiros, sem diferença. Os que não tinham sido infetados tentaram fugir. Alguns conseguiram transpor os

portões. Alguns sucumbiram mal derraparam no pavimento no exterior dos jardins, a loucura a atingi-los tardiamente.

Juliette sentia de novo um aperto nos pulmões. Porque se espalhava com aquela malfadada *rapidez*?

– *Não* – gritou Juliette, acorrendo a um vulto no chão que lhe era familiar. Chegou a Mr. Li mesmo antes de ele conseguir levar as mãos ao pescoço e bateu com o joelho no seu pulso, na esperança de conseguir impedi-lo de agir.

A loucura era forte de mais. Mr. Li puxou o braço de baixo dela e Juliette tombou, os cotovelos escorregando na relva.

– Não, não! – gritou ela, lançando-se em frente e tentando de novo.

Desta vez, as mãos dele entraram em contacto com o pescoço antes que ela pudesse alcançá-lo. Desta vez, antes de ela tentar abraçar o tio preferido e obrigá-lo a parar, alguém a puxou, um aperto rude que levou Juliette de novo ao chão.

Juliette remexeu-se à procura da faca escondida nas costas, sendo o seu primeiro instinto preparar-se para se defender.

Depois, ouviu:

– Juliette, para. Não te estou a atacar.

A mão dela imobilizou-se, um grito embargado na garganta. Um amplo arco de sangue elevou-se na noite, algumas gotas caíram no seu tornozelo, nos pulsos, salpicando-lhe a pele de joias mórbidas, vermelho-vivas. Mr. Li ficou quieto. Tinha o rosto paralisado na sua última expressão – de horror –, tão diferente da de bondade a que Juliette estava habituada.

– Eu podia tê-lo salvo – sussurrou ela.

– Não podias – disse logo Roma, bruscamente. – Só te terias infetado também.

Juliette soltou um pequeno sopro de surpresa. Cerrou os punhos para esconder o tremor. – Como assim?

– Insetos, Juliette – disse Roma. Engoliu em seco quando um surto de gritos ali perto aumentou de volume. – É assim que a loucura se espalha: como piolhos no cabelo.

Durante o segundo mais breve e sem censura, os olhos de Juliette dilataram-se, a rede de factos na sua mente finalmente estabelecendo uma ligação, com uma linha fina a ser traçada de ponto em ponto. Depois riu-se amargamente e levou a mão à cabeça. Bateu com os nós dos dedos no crânio e, um tipo de som duro e *estaladiço* veio do seu cabelo, um som que lhe parecia como se estivesse a bater em cartão. O seu cabelo naturalmente liso precisava de pelo menos um quilo e meio de produto para fazer os canudos, caso contrário eles não ficariam firmes.

– Gostava de os ver tentar.

Roma não disse nada. Cerrou os lábios e olhou para os jardins. Os que estavam vivos tinham optado por se aninhar debaixo de um gazebo, sombrios e inseguros. O pai dela estava separado do resto, com as mãos atrás das costas, apenas a observar.

Não havia nada que ninguém pudesse fazer, exceto ficar ali a ver as últimas vítimas morrer.

– Uma reunião.

Roma virou os olhos para ela, espantado.

– Perdão?

– Uma reunião – repetiu Juliette, como se o problema fosse de natureza auditiva. Limpou o sangue da cara. – É a única coisa que te posso prometer.

Capítulo 16

Juliette demorou o seu tempo a armar-se. Havia algo de reconfortante nesses gestos, algo satisfatório na sensação suave e fria de uma pistola pressionada contra a pele nua: uma a sair do sapato, uma na coxa, uma junto da cintura.

Tinha a certeza de que os outros não concordariam. Mas se Juliette seguisse a corrente, deixava de ser Juliette.

Depois do incidente nos jardins da Concessão Francesa, tinha sido um caos na mansão Cai.

– Ouçam-nos e pronto – disse ela aos pais, com os olhos a arder devido ao avançado da hora. – Não faz mal ouvir…

Um burburinho de desagrado surgiu imediatamente da parte dos familiares reunidos em redor dos sofás – familiares que faziam parte do núcleo duro dos Escarlates e familiares completamente ignorantes sobre o que se passava com o gangue. Em vez de irem dormir, estavam todos a ouvir uma proposta que Juliette apresentava apenas aos pais, e todos reagiram com indignação, revoltados por Juliette pensar sequer em entrar numa sala de reuniões com os Flores Brancas, em paz…

– Calem-se! – gritou Juliette. – Calem-se, calem-se *todos*!

Com exceção dos pais, todos ficaram paralisados e de olhos esbugalhados, espantados como guaxinins apanhados pela luz. Juliette arquejava, ainda com o rosto maculado pelo sangue de Mr. Li. Parecia um pesadelo com vida.

Ótimo, pensou. *Eles que me considerem impiedosa. É melhor do que rotularem-me de fraca.*

– Imaginem – disse Juliette quando conseguiu novamente respirar de forma regular. A sua explosão obrigara a sala de estar a ficar em silêncio. – Imaginem o que os estrangeiros devem pensar de nós. Imaginem o que discutem entre eles, agora que veem os seus oficiais a retirar os cadáveres. Só confirmamos que somos uns selvagens, que este país é um lugar onde a loucura se espalha como doença, levando pessoas aos magotes.

– Talvez isso seja bom – disse Tyler da base das escadas. Estava sentado de forma casual, os cotovelos apoiados num degrau, enquanto o resto do corpo descansava no soalho. – Porque não esperar que esta loucura siga o seu curso? Que mate estrangeiros em número suficiente para que comecem a fazer as malas e ir embora?

– Porque não é assim que funciona – sibilou Juliette. – Sabes o que vai acontecer, em vez disso? Ouvem os doces nadas dos seus missionários. Tomam em mãos a tarefa de ser os nossos salvadores. Põem carros blindados nas nossas ruas e depois o seu governo em Xangai e, antes que demos por isso… – Juliette parou. Passou de xangainês para inglês, tentando ao máximo fazer uma pronúncia britânica. – Graças a Deus que colonizámos os chineses como fizemos. Sabe-se lá como podiam ter-se destruído a si próprios.

Silêncio. Muitos familiares não a perceberam quando passou para o inglês. Não importava. Aqueles que ela precisava de convencer, os pais, entendiam-na bem.

– A maneira como eu vejo as coisas é a seguinte – continuou Juliette, deslizando para o seu sotaque natural, americano. – Se os nossos gângsteres não pararem de morrer, perdemos o controlo. Os trabalhadores dos moinhos de algodão e dos centros de ópio começam a resmungar, a cidade inteira começa a agitar-se com o caos e depois os estrangeiros assumem o poder, se

não chegarem lá primeiro os comunistas. Pelo menos, os Flores Brancas estão ao mesmo nível que nós. Pelo menos, estamos em equilíbrio, pelo menos *temos* metade da cidade, e não *nada.*

– Fala claro – disse Lady Cai. Também ela deslizou para um inglês com pronúncia. – Queres dizer que pôr de lado o conflito com os Flores Brancas é mais aceitável do que o risco de sermos governados por estrangeiros?

– Porque é que não podem simplesmente falar běndì huà? – murmurou com amargura uma tia, queixando-se por já não ser capaz de acompanhar a conversa.

– Só uma reunião – respondeu Juliette depressa, ignorando os resmungos. – Só durante o tempo suficiente para juntarmos os nossos recursos e pormos fim à loucura, de uma vez por todas. Só para que os brancos *não ponham as mãos neste maldito país*.

E apesar da veemência com que acreditara no seu argumento enquanto o proferia, tinha na mesma recebido o choque da sua vida quando os pais *concordaram*. Agora olhava-se ao espelho do toucador; alisou o vestido e devolveu uma madeixa perdida aos seus caracóis, pressionando com força para que se empapasse com o gel.

Tinha as mãos a tremer.

Tremeram enquanto ela descia a escada, enquanto os saltos batiam no caminho de acesso, quando deslizou no banco traseiro do carro, apressando-se para o canto, de modo a que Rosalind e Kathleen pudessem sentar-se depois dela. Continuaram a tremer e tremer e tremer quando encostou a cabeça à janela, fitando as ruas da cidade à medida que o carro era conduzido. Olhou para as pessoas sob uma nova luz, observando os vendedores de rua a vender a sua mercadoria e os barbeiros a fazer o seu

trabalho na lateral das ruas, deixando cair no cimento os tufos de cabelo preto e grosso.

A energia desaparecera de Xangai. Era como se uma mão enorme tivesse descido do céu para arrancar a vida de todos os trabalhadores nas ruas: tirou o volume de som aos vendedores, o vigor aos condutores de riquexó, a conversa animada aos homens que pairavam junto das lojas, com o único intuito de conversarem com os transeuntes.

Pelo menos, até verem o belo carro que seguia pela estrada. Os seus olhos assustados semicerraram-se então. Não ousaram mostrar abertamente a raiva nesse instante, mas ficaram de olhos fixos, e esses olhares falavam monólogos inteiros.

Os gângsteres eram quem governava a cidade. Se a cidade caísse, a culpa era deles. E depois todos os gângsteres morreriam – mortos em revoluções políticas, com loucura ou sem ela, estrangeiros ou não.

Juliette recostou a cabeça no assento, a morder o interior das bochechas com tanta força que o sabor a metal lhe invadiu a língua. A menos que ela conseguisse parar aquilo, o fim seria muito, mas muito amargo.

– É terrível, não é? – murmurou Rosalind, inclinando-se para espreitar pela janela.

– Não será por muito tempo – disse Juliette em resposta, em promessa. – Pelo menos, se eu o conseguir evitar.

As suas mãos pararam de tremer.

*

Alisa Montagova tinha memorizado quase todas as ruas de Xangai. Na sua cabeça, em lugar de dendrites e nervos sinápticos, imaginava viver um

mapa da sua cidade, que se sobrepunha aos lobos temporais e aos pares de amígdalas até ela ser feita exclusivamente dos lugares onde estivera.

Quando Alisa desaparecia dos lugares onde *devia* estar, geralmente estava à escuta da conversa de outrem. Quer em sua casa, quer na cidade inteira, Alisa não era esquisita. Às vezes, conseguia apanhar as mais interessantes vinhetas das vidas à sua volta, pedaços que se juntavam das formas mais inesperadas se ouvisse bastantes, de diversas pessoas.

Aquele dia estava a ser uma desilusão.

Com um suspiro, Alisa saiu do ventilador onde se enfiara, desistindo da discussão entre Mr. Lang e a sua idosa mãe. Havia alguns boatos de instabilidade no seio do Gangue Escarlate, de Lord Cai ser destituído pelo cunhado, mas isso acabou por se revelar um monte de balelas. A única ameaça que Mr. Lang apresentava era entediar os ouvidos da própria mãe, a quem ele estava de visita no seu pequeno apartamento na cidade, sempre a queixar-se da maneira como ela fazia os bolinhos.

– Oh, Céus – disse Alisa para os seus botões.

Espreitou do telhado do terceiro andar onde se encontrava e coçou a cabeça. Uma hora antes, conseguira esgueirar-se até ali subindo para a banca de um vendedor de rua. Só lhe custou um cêntimo (o preço de um pãozinho de legumes), depois o velhote deixou-a trepar pela estrutura para enfiar uma perna no parapeito da janela do segundo andar do prédio.

Desde então, o vendedor já arrumara as suas coisas e levara o carrinho, convenientemente alto, consigo.

Com uma careta, Alisa procurou um parapeito que pudesse encurtar a distância entre o segundo andar e o chão duro, mas não conseguia ver nada de útil daquele lado do prédio. Teria de descobrir outra maneira de descer, e

depressa. O Sol apressava o seu poente e Roma ameaçara tirar-lhe todos os sapatos se ela não fosse à reunião dessa noite, que, para Alisa, era uma ameaça que a abalava até às pontas dos pés, tão facilmente frias.

– Vão fazer-nos um escrutínio até ao último pormenor – dissera Roma. – Vão observar todos os passos do pai. Vão reparar na proeminência de Dimitri. *Não* deixes que reparem que também não estás.

Alisa beliscou então o nariz e deslizou pelo cano da água até ao beco atrás do prédio. Tinham atirado para ali tanto lixo que ela até pela boca teve dificuldade em respirar. Era como se o fedor estivesse a ser absorvido pela língua.

A resmungar, Alisa passou pelo lixo desviando-se, tentando estimar o seu atraso. O Sol já estava muito baixo, quase nem se via na cidade, metido atrás dos prédios, à distância. Ela estava tão preocupada em preocupar-se que quase só ouviu a respiração sibilada até passar perto dela.

Alisa ficou paralisada.

– Sim? – disse ela, passando para o primeiro dialeto chinês em que a língua pousou. – Está aí alguém?

E, em russo, uma voz débil respondeu:

– *Aqui.*

Alisa recuou aos tropeções, apressando-se por entre os sacos de lixo à procura da pessoa que falara. O seu olhar aterrou numa mancha vermelha. Quando abriu caminho para mais perto, o vulto de um homem surgiu por entre o lixo junto da parede.

Jazia numa poça do seu próprio sangue, com a garganta despedaçada.

– Oh não.

Não foi preciso o habitual génio de Alisa para perceber que o homem era vítima da loucura que varria Xangai. Ouvira o irmão falar do assunto à boca pequena, mas ele não lhe contava nada de concreto e nunca discutiria o assunto nos lugares onde ela podia estar à escuta. Talvez o fizesse de propósito.

Alisa não reconheceu a vítima que tinha à sua frente, mas era um membro dos Flores Brancas e, pelo aspeto da sua roupa, devia estar a fazer um turno no porto ali perto. Alisa fez uma pausa, abalada. O irmão avisara-a de que se devia manter muito, mas muito afastada de qualquer pessoa minimamente desequilibrada.

Mas Alisa nunca ouvia. Caiu de joelhos.

– Socorro! – gritou. – Socorro!

Uma súbita erupção de atividade emergiu ao fundo do beco, um burburinho irritado e confuso, vindo de outros Flores Brancas ali perto, que chegavam para ver que algazarra era aquela. Alisa encostou a orelha à boca do moribundo, pois precisava de ouvir se ele ainda respirava, se ainda estava vivo.

Foi mesmo a tempo de ouvir o seu derradeiro e longo suspiro.

Fora-se.

Alisa oscilou para trás, espantada.

Os outros Flores Brancas reuniram-se à volta dela, a irritação transformada em pena mal compreenderam por que razão Alisa gritara. Muitos tiraram o chapéu e levaram-no ao peito. Não ficaram surpreendidos por ver aquela cena à sua frente. Pareciam conformados – mais uma morte, a juntar às centenas que já tinham ocorrido diante dos seus olhos.

– Continua a andar, pequena – disse delicadamente a Alisa o membro dos Flores Brancas que estava mais perto de si.

Alisa pôs-se em pé devagar, deixando os homens a tratar do companheiro caído. De alguma forma, lá conseguiu, atordoada, conduzir-se de novo às ruas, a olhar para o céu alaranjado.

A reunião!

Desatou a correr, praguejando para si enquanto abria o mapa mental à procura da rota mais rápida. Alisa já estava à beira do rio Huangpu, mas o endereço que decorara ficava muito mais para sul, no setor industrial de Nanshi, onde os moinhos de algodão rumorejavam e os edifícios passavam de comerciais a industriais.

Os gangues rivais iriam encontrar-se ali, longe das linhas definidas dos seus territórios, longe das definições completamente estabelecidas do que era Escarlate e do que era Flor Branca. Em Nanshi, só havia fábricas. Mas, no seio dessas, havia tanto donos de fábricas que eram financiados pelos Escarlates como associados dos Flores Brancas, e trabalhadores de cara encardida, a viver sob o governos dos gângsteres, mas ambivalentes quando havia alterações nas chefias.

Alguns desses trabalhadores costumavam prometer aliança a um ou a outro gangue, como os que se empregavam na cidade. Depois, os salários rurais começaram a cair e os donos das fábricas começaram a enriquecer. Depois, vieram os comunistas e começaram a sussurrar-lhes aos ouvidos palavras de revolução e, afinal de contas, só se podia ter uma revolução se se cortasse a cabeça dos que estavam no poder.

Alisa chamou um riquexó e subiu para o assento. O homem que o puxava lançou-lhe um olhar estranho, provavelmente perguntando-se se ela teria

idade suficiente para andar por ali sozinha. Ou talvez julgasse que ela era uma fugitiva, uma daquelas dançarinas russas dos clubes, que fugiam das dívidas. Essas raparigas eram os adereços de palco mais baratos de Xangai – com um ar demasiado ocidental para serem chinesas e a agirem de maneira demasiado oriental para serem exoticamente estrangeiras.

– Continue até os edifícios parecerem que se estão a desmoronar – disse Alisa ao condutor do riquexó.

O riquexó começou a rolar.

Quando Alisa chegou, o Sol estava quase completamente abaixo do horizonte, apenas com um canto a flutuar sobre as ondas ictéricas. Ficou ociosamente diante do edifício que Roma descrevera, confusa e a tremer com os primeiros sinais do frio noturno. O seu olhar rodou da porta fechada do armazém abandonado para dez passos à sua esquerda, onde uma rapariga chinesa olhava para o rio. Ali tão a sul, o Huangpu tinha uma cor diferente. Quase mais enevoado. Talvez fosse por causa do fumo que flutuava no ar à volta deles, algum vindo do moinho de farinha ali perto e algum, do moinho de óleo adjacente. A Estação de Tratamento de Águas francesa também ficava perto. Não havia dúvida de que a rede de contactos estava a fazer a sua parte no entupimento daquela zona. Alisa avançou, hesitando, com a esperança de pedir à rapariga a confirmação de onde se encontravam. A sua estola de pelo eriçava-se na brisa, toda ela com o tom alaranjado do poente.

– Ainda não começou. Não te preocupes.

Alisa pestanejou perante as palavras russas, ficando por um breve momento perplexa. Tudo fez mais sentido quando a rapariga se virou e Alisa lhe reconheceu o rosto.

– Juliette – disse Alisa sem pensar. Engoliu em seco, perguntando-se se levaria uma palmada por usar o nome da herdeira de forma tão casual.

Mas a atenção de Juliette estava no isqueiro que tinha na mão. Estava a brincar com ele, fazendo girar a roda e depois matando a chama mal ela ganhava vida.

– Alisa, não é?

Isso foi uma surpresa. Toda a gente em Xangai sabia da existência de Roma. Conheciam o seu sangue-frio e a sua reputação de herdeiro cuidadoso e calculista dos Flores Brancas. Mas Alisa, que pouco tinha que ver com o que quer que fosse, era um fantasma.

– Como é que sabias?

Juliette levantou por fim os olhos e ergueu uma sobrancelha, como que a responder: *Porque é que não haveria de saber?*

– Tu e o Roma praticamente partilham uma cara – disse ela. – Arrisquei um palpite.

Alisa não sabia o que dizer a isso; nem sabia o que dizer a seguir, em termos gerais. Foi salva por um jovem Flor Branca, que abriu a porta do armazém e espreitou, vendo primeiro Alisa e depois fulminando Juliette com o olhar. A animosidade não era inesperada, embora fosse suposto eles serem simpáticos naquele dia. A mera organização daquela reunião pusera cinco homens no hospital, depois de uma das mensagens levadas a território Escarlate ter sido entregue de modo um pouco violento.

– É melhor entrar, Miss Montagova – disse o rapaz. – O seu irmão está a perguntar por si.

Alisa anuiu, mas o seu olhar curioso estava sempre a voltar a Juliette.

– Não entras?

Juliette sorriu. Havia naquilo uma certa diversão escondida, do tipo com uma causa que toda a gente se perguntaria, mas que nunca ninguém conheceria.

– Só um instante. Vai primeiro.

Alisa apressou-se a entrar.

A melhor maneira de descrever o clima no interior do armazém seria dizer que estava glacial. Lord Cai e Lord Montagov fitavam-se simplesmente, de lados opostos da sala, ambos sentados atrás das respetivas mesas, na sua metade do armazém.

Não havia ali muita gente e, embora o armazém fosse pequeno, o número de participantes era suficientemente baixo para que se tivesse a sensação de que era espaçoso. Alisa contou menos de vinte de cada lado, o que era bom. Os gângsteres tinham-se dispersado em pequenos grupos, fingindo estar a conversar, mas, na realidade, cada lado observava atentamente o outro, à espera da mínima indicação de emboscada. Pelo menos, era improvável que algum dos gângsteres agisse sem instruções de Lord Cai ou de Lord Montagov. Aquela reunião proibira a participação da nata do Gangue Escarlate e dos Flores Brancas, a menos que fizessem parte do núcleo duro. Os que tinham poder eram mais difíceis de controlar. Entretanto, os mensageiros e os tarefeiros que participavam faziam o que lhes diziam e agiam, convenientemente, como escudos humanos, para o caso de as coisas darem para o torto.

Viu Roma a um canto, estoicamente de pé e longe de Benedikt e Marshall. Quando ele avistou Alisa, acenou.

– Já não era sem tempo.

Roma entregou-lhe o casaco que trazia nas mãos para ela. Trouxera-o porque sabia que Alisa se esquecia sempre dos casacos e inevitavelmente acabava a tremer de frio.

– Desculpa – disse ela, vestindo o casaco. – Já aconteceu alguma coisa interessante?

Alisa passou os olhos pela mesa do lado deles. O pai estava sentado, gélido. Ao lado dele, Dimitri recostava-se, com um pé em cima do outro joelho.

Roma abanou a cabeça.

– Porque é que estás tão atrasada?

Alisa engoliu com força.

– Deparei com uma coisa interessante.

Como se a mera referência a ela fosse um chamamento, Juliette entrou pela porta. As cabeças viraram-se na sua direção, mas ela limitou-se a olhar em frente, os olhos sem transparecer qualquer emoção.

A boca de Roma formou uma linha dura.

– Eu não devia ter de te dizer isto – disse ele baixinho –, mas afasta-te dela. A Juliette Cai é perigosa.

Alisa revirou os olhos.

– Com certeza não acreditas naquelas histórias de ela matar os amantes americanos com as próprias mãos…

Roma interrompeu-a com um olhar incisivo. Contudo, a carranca não durou muito tempo, porque a atenção dele se desviava e, fosse o que fosse que tivesse registado, fez com que ficasse todo tenso.

Alisa seguiu o olhar dele, confusa. A expressão de Juliette já não era de cínica diversão. Fez um aceno de cabeça a Roma. Ao reparar na expressão igualmente séria de Roma, Alisa decidiu que definitivamente lhe estava a escapar alguma coisa.

– Alisa.

Voltou bruscamente os olhos, para enfrentar o irmão, que já desviara o seu olhar.

– O que foi?

Roma franziu o sobrolho, depois estendeu os braços e afastou-lhe as mãos da cabeça devagar. Ela nem sequer tinha reparado que a coçava intensamente, puxando madeixas de cabelo louro-platinado das raízes, de modo que se lhe enrolavam nas pontas dos dedos como cordas de joias.

– Desculpa – disse Alisa, apertando as mãos atrás das costas. Um ardor espalhava-se-lhe pela pele. Era possível que estivesse a aquecer de mais com o casaco vestido, mas a linha de pele de galinha na clavícula dizia que não. – Tenho tanto calor.

– O quê, queres que te abane com o leque? – murmurou Roma. Puxou uma cadeira para Alisa, depois pegou numa para si. – Senta-te quieta. Vamos esperar que isto não dê merda.

Alisa anuiu e recostou-se, tentando não se coçar.

*

Quando Juliette entrou na sala, foi o peso da sua arma encostada à coxa que a fez focar-se perante o peso dos olhares postos em si. Fez um aceno de cabeça aos pais, para acusar a sua chegada, depois deslocou o olhar pelo resto da sala. Durante os primeiros segundos, interiorizou cada rosto, fê-lo

corresponder a um nome e depois classificou-os de acordo com a sua perigosidade.

Havia Dimitri Voronin, que ela ouvira dizer ser agressivo e impossível de controlar, mas naquele dia Lord Montagov valorizava a diplomacia – pelo menos, era o que ele dizia –, por isso, Dimitri ia ficar calado. Havia Marshall Seo, a fazer rodar entre os dedos aquilo que parecia ser uma folha de relva, como se fosse uma lâmina a sério. Ao lado dele, Benedikt Montagov estava sentado com uma expressão neutra, parecia uma estátua de pedra a pensar.

E havia, claro está, Roma.

Juliette foi juntar-se a Rosalind e Kathleen, puxou uma cadeira e deixou-se cair nela. Com grande relutância, concluiu que nenhum dos Flores Brancas parecia tão volátil como Tyler, que estava praticamente a tremer no assento, num esforço para ficar calado.

– Isto é para ti – disse Kathleen, ao reparar na chegada de Juliette.

Entregou-lhe um pedaço de papel quadrado. Juliette levantou um canto e leu o breve rabisco de números e nomes de ruas. Kathleen tinha conseguido. Encontrara-se de novo com o seu contacto e conseguira a morada da casa de Zhang Gutai.

– Descobriste alguma coisa no Bund? – perguntou Juliette, guardando a morada.

– Os banqueiros não faziam a mínima ideia – respondeu Kathleen. – Só uma velha tinha informações e ela julgou ver um monstro *no* rio.

Juliette ficou a remoer essa ideia.

– Interessante.

Rosalind pigarreou, inclinando-se para a frente.

– O que é que estamos a murmurar?

– Oh. – Juliette acenou com a mão. – Nada de importante.

Rosalind semicerrou os olhos. Parecia que ia dizer mais alguma coisa, acusar Juliette de ser desdenhosa. Não teria sido imerecido – Juliette estava verdadeiramente a tentar cortar uma expansão desnecessária sobre o assunto, a ficar em silêncio enquanto estivessem num armazém cheio de Flores Brancas. Mas Rosalind percebeu a dica. Mudou de assunto.

– Olhem para o Tyler. Está a dois segundos de fazer uma birra.

Juliette virou-se, com o rosto contraído de desagrado. O tremor dele estava ainda mais intenso.

– Se calhar, devíamos pedir-lhe para ir embora.

– Não. – Kathleen abanou a cabeça, depois levantou-se do lugar. – Eu falo com ele. Pedir-lhe que se vá embora é causar mais problemas.

Antes que Juliette ou Rosalind pudessem protestar, já Kathleen estava a sair, empurrando a cadeira para trás e dirigindo-se a Tyler, sentando-se no lugar ao lado dele. Juliette e Rosalind não conseguiam ouvir o que Kathleen estava a dizer, mas viam que Tyler não estava a ouvir, mesmo quando Kathleen estendeu o braço para o cotovelo dele e lhe deu um forte abanão.

– Ela tem um coração bom de mais – comentou Rosalind.

– Deixa-a estar – respondeu Juliette. – Todos os dias há corações bons que se tornam frios.

Um «chiu» começou a percorrer o armazém. A reunião estava a começar. Pelo canto do olho, Juliette avistou de novo o olhar de Roma. Queria que ele deixasse de olhar para ela. Tudo aquilo era estranho, quer por razões

óbvias, quer por razões que ela não conseguia decifrar precisamente. Ao juntar o Gangue Escarlate e os Flores Brancas, a sensação era de colaboração, mas também de derrota.

Mas não tinham alternativa.

– Bom, espero que estejam todos a ter uma noite agradável.

As palavras de Lord Montagov foram imediatamente seguidas de silêncio. Falou no dialeto de Beijing, a língua chinesa mais comum, a que os mercadores e os homens de negócios estrangeiros aprendiam primeiro, mas tinha sotaque. A geração mais velha não era tão fluente como os seus filhos.

– Vou diretamente ao assunto – disse ele. – Existe loucura nesta cidade e está a matar em igual medida Escarlates e Flores Brancas.

Lord Montagov mostrou-se bastante agradável. Se Juliette não soubesse o que sabia, poderia achá-lo paciente e despreocupado.

– Tenho a certeza de que todos concordarão comigo, então – continuou –, que isto tem de parar. Quer seja uma doença fabricada pelo homem, quer seja uma ocorrência natural, precisamos de respostas. Precisamos de perceber porque é que está a afetar a nossa gente de maneira tão pesada, e depois temos de lhe pôr fim.

Seguiu-se apenas silêncio.

– A sério? – disse uma voz sardónica. Não se dirigia a Lord Montagov, mas ao Gangue Escarlate, que estava em silêncio.

Marshall Seo levantou-se.

– Recusam-se a falar, quando a cidade inteira está a morrer?

– É simplesmente minha convicção – disse Lord Cai firmemente – que, quando alguém anuncia um plano para pôr um fim à loucura, devia apresentar algumas ideias.

– Não foi a sua filha que propôs esta reunião?

Estas palavras vieram de Dimitri Voronin, que encolheu os ombros de uma maneira *blasé*, despreocupada.

– A nossa filha – interrompeu Lady Cai, com um tom de voz trovejante – procurou iniciar um diálogo. Não foi uma promessa nem uma garantia de troca.

– Típico – desdenhou Dimitri.

Este comentário não caiu bem no seio do Gangue Escarlate. Os tarefeiros que circundavam Lord Cai remexeram-se nos assentos, com as mãos a aproximarem-se, centímetro a centímetro, das armas escondidas nas ancas. Lord Cai fez um gesto de impaciência, dizendo a todos para se acalmarem.

– É esta a presente situação – disse Lord Cai. Pousou as mãos na mesa, as palmas estendidas na superfície fria. – Nas presentes circunstâncias, temos pistas e fontes com que trabalhar, caso queiramos investigar esta loucura.

Lord Montagov abriu a boca, mas o pai de Juliette ainda não terminara.

– Quer isso dizer – insistiu Lord Cai – que não *precisamos* da vossa ajuda. Compreendem? Estamos com *esperança* de aprofundar o nosso conhecimento e de acelerar a nossa investigação. É essa a posição do Gangue Escarlate. Agora, os Flores Brancas querem partilhar o seu conhecimento, as suas ideias, e na verdade a sua colaboração, ou terão vindo a esta reunião simplesmente para serem sanguessugas, como fazem há décadas?

Enquanto aquele pingue-pongue se desenrolava, os olhos deslocavam-se da esquerda para a direita; os olhares encontravam-se em todas as direções. Toda a gente estava a ter conversas não faladas, uma pessoa fazia a pergunta ubíqua e a outra fazia o mais minúsculo abanar de cabeça.

Ocorreu então a Juliette que talvez os Flores Brancas não oferecessem mais caminhos de investigação, porque não tinham nada para dar. Mas, para os Flores Brancas, admitirem que não tinham pistas nenhumas seria tão mau como oferecerem todos os seus segredos comerciais. Tirava-lhes poder. Preferiam deixar que o Gangue Escarlate pensasse que eram hostis.

E alguns membros do Gangue Escarlate engoliram.

Quando Marshall Seo bufou perante o insulto, dizendo à boca pequena uma resposta qualquer inaudível, Tyler pôs-se em pé de um salto, incapaz de se conter mais tempo. Em dois, três passadas, tinha atravessado a divisão.

Então, Benedikt ergueu a arma e Tyler ficou paralisado no seu lugar.

A sala susteve coletivamente a respiração, sem ter a certeza do que fazer a seguir, se agora seria uma boa altura para reagir com violência, se o simples ato de erguer uma arma incitaria à retaliação. Juliette tocou na sua própria arma, mas estava mais preocupada em analisar a volta que os acontecimentos estavam a dar, tentando ligá-los através da lógica.

Marshall, com as mãos calejadas, era o único que tinha sido ameaçado, mas Benedikt, com os dedos sujos de tinta, foi o que reagiu.

As mãos de Juliette afastaram-se do coldre que tinha na coxa. Compreendeu. Benedikt erguera a arma para impedir que Marshall o fizesse primeiro. Marshall dispararia, mas Benedikt não.

– Julgámos que esta reunião era para ser pacífica – disse Benedikt baixinho, numa tentativa de desfazer a tensão que tinha diante de si. Não sabia com quem estava a lidar. Tyler não era pessoa com quem se pudesse racionalizar; disparatava e pensava mais tarde em como escapar das consequências.

– Oh, essa é boa – desdenhou Tyler. – Sacar da arma para depois afirmar que se está a falar de paz. *Paz*.

Num ápice, Tyler tinha na mão o seu próprio revólver de ação dupla apontado a Benedikt. Juliette pôs-se em pé num instante, deslocando-se tão depressa que a cadeira caiu, só que Tyler era mais rápido e já estava a pressionar o gatilho.

– Odeio essa palavra como vos odeio a todos, Montagov.

Premiu o gatilho. O som do tiro ressoou no armazém, provocou arquejos em todas as direções.

Mas Benedikt limitou-se a pestanejar, incólume.

Juliette deteve-se, respirando laboriosamente, os olhos esbugalhados viraram-se à procura de Kathleen.

Kathleen piscou o olho a Juliette quando estabeleceram contacto visual. Abriu a mão para lhe mostrar as seis balas que ali tinha.

Não houve danos, mas os danos estavam feitos. As cadeiras eram arrastadas para trás e os gângsteres punham-se em pé de um salto; apontaram-se pistolas e puxaram-se patilhas de segurança; fez-se mira com os canos – firmes, mesmo quando começaram os gritos.

– Se é assim que vai ser – anunciou Lord Montagov por cima do barulho, das acusações e dos palavrões, furioso –, então, o Gangue Escarlate e os Flores Brancas *nunca* haverão de colaborar…

Não concluiu a sua frase.

Um som abafado vinha de um canto do armazém – um arquejar baixinho, repetidas vezes. Num estado de confusão, os gângsteres procuraram a sua origem, atentos a qualquer pista de uma armadilha.

Não esperavam que o barulho viesse de Alisa Montagova, que sibilou uma última vez antes de cair de joelhos, a enterrar os dedos na própria garganta.

Capítulo 17

Roma lançou-se à irmã, arrancando-lhe as mãos do pescoço numa fração de segundo. Antes que ela pudesse sacudi-lo com o frenesim da loucura, já ele a prendera ao chão, torcendo-lhe as mãos atrás das costas e pressionando a cabeça contra o chão duro, de cimento.

– Alisa, sou eu. *Sou eu* – disse Roma, arquejando. Alisa tentou dar um solavanco para a frente. Roma sibilou, inclinando a cabeça para trás. – Para com isso!

Devia saber que não valia a pena tentar convencê-la a não fazer aquilo. A loucura estava muito longe dos caprichos de uma criança desobediente. Já não era apenas a sua irmã – alguma coisa a consumira a partir de dentro.

– Socorro! – gritou Roma por cima do ombro. – Vão buscar ajuda!

Os Flores Brancas em seu redor – todos e qualquer um – hesitaram. No extremo do armazém, o Gangue Escarlate estava a sair, abandonando aquele lugar o mais depressa possível. Afinal de contas, o problema não era deles. Quando Juliette deu mostras de ficar ali, a mãe puxou-a imediatamente pelo cotovelo e disse bruscamente alguma coisa breve, como se a velocidade fosse essencial quando se fugia de um contágio.

Pelo menos, tinham direito a fugir. Porque estavam os Flores Brancas, a recuar?

– Não fiques aí!

Benedikt saiu finalmente do seu estupor e acorreu à cena, a arregaçar as mangas. Ajoelhou-se e prendeu ao chão uma das pernas agitadas de Alisa. Com o rosto a empalidecer, Marshall foi também obrigado a juntar-se a eles, por mero princípio, prendendo a outra perna e estalando os dedos para incitar os mensageiros ali perto.

– Roma – disse Benedikt. – Temos de a levar ao Lourens.

– De maneira *nenhuma*. – Com a sua fervorosa exclamação, Roma quase perdeu a mão nas violentas contorções de Alisa. Tornou a prender-lhe rapidamente os pulsos. – Não vamos levar a Alisa para ser cobaia do Lourens.

– Como é que sabes que não lhe vai fazer bem? – argumentou Benedikt. As suas palavras foram breves e abruptas, consequência do cansaço. – Provavelmente, aquelas coisas estão a comer-lhe o cérebro enquanto falamos. Se não tentámos retirá-las, como sabemos que não conseguimos?

– Ben – interrompeu Marshall. Por uma vez na vida, numa ocasião daquelas, a sua voz em esforço era a mais baixa dos três. – Tentámos retirar uma coisa *morta* de um homem *morto* e tirámos dez toneladas de matéria cerebral. Como podemos arriscar fazer isso?

– Qual é a *alternativa*? – exigiu Benedikt saber.

Marshall soltou a perna de Alisa, deixando a tarefa para ser gerida por Roma e Benedikt, depois apressou-se a ir acocorar-se junto da cabeça dela.

– Há sempre uma alternativa.

Marshall pôs as mãos em torno do pescoço de Alisa e apertou. Roma precisou de todas as células funcionais da sua mente racional para não atacar o amigo, para não o afastar quando Marshall contou para si. Ele sabia exatamente o que Marshall estava a fazer, sabia que era a coisa necessária, mas ardia com a necessidade de a proteger.

Alisa parou de se debater. Marshall soltou-a depressa, retirando as mãos como se tivesse sido escaldado, depois estendeu-as de novo para verificar a pulsação.

Anuiu.

– Ela está bem. Apenas inconsciente.

Com o coração a martelar, Roma dobrou o braço à volta do pescoço de Alisa, pegando na irmã como se ela não tivesse peso – uma boneca de papel. Quando Roma se virou, viu que o armazém estava quase vazio. Mas onde raio estava o seu *pai*?

– Vamos – disse Roma bruscamente, pondo o pensamento de lado para outra altura. – Temos de encontrar o hospital mais próximo antes que ela acorde.

*

– Deixem-me passar!

Roma deu murros na porta, abanando a estrutura com tanta força que o chão sob os seus pés estremeceu de medo. Não importava; as dobradiças mantiveram-se fortes e, do outro lado, pelo fino painel de vidro, o médico abanou a cabeça, dizendo a Roma que desse meia-volta e regressasse à sala de espera, onde tinha sido dito ao resto dos Flores Brancas que aguardassem.

– Deixem-nos tomar agora conta da situação – dissera o médico quando levaram Alisa. Aquele hospital era mais pequeno do que algumas das mansões da Bubbling Well Road, mal tinha o tamanho de uma casa que algum mercador britânico pudesse comprar para a amante. Era lastimável, mas a melhor opção que tinham. Não havia maneira de saber quanto tempo Alisa aguentaria, por isso, não podiam arriscar sair de Nanshi e entrar na zona central da cidade. Ainda que aquele hospital tivesse sido construído para tratar acidentes frequentes dos trabalhadores do moinho de algodão das redondezas. Ainda que Roma estivesse convencido de que os médicos de

olhos cansados não pareciam mais competentes do que o típico vendedor de rua.

– Mantenham-na sob controlo – exigira Roma quando entregou Alisa. – Ela precisa de oxigénio, um tubo de alimentação…

– Temos de a acordar para saber o que se passa – insistiu o médico. – Sabemos o que estamos a fazer.

– Isto não é uma doença comum – explodiu Roma. – Isto é *loucura.*

O médico fez sinal com a mão para chamar as enfermeiras, fez sinal para que pusessem Roma fora dali.

– Não se atreva – avisou Roma. Foi obrigado a recuar um passo, depois dois. – Não… parem. Não se atrevam a fechar-me aqui fora…

Tinham-no fechado lá fora.

Roma bateu então com o punho na porta uma última vez, depois deu meia-volta, a murmurar violentos palavrões. Puxou o cabelo, depois as mangas, puxando tudo o que estivesse imediatamente perto de si, só para manter as mãos ativas, só para afastar os suores e para que a sua raiva se concentrasse num raio tensamente regulado. Era esse o problema de lugares daqueles – estabelecimentos remotos em relação à zona central da cidade e geridos por pessoas com salários lastimosos. Não temiam os gângsteres como deviam.

– Roma!

Roma fechou os olhos com força. Soltou o ar demoradamente, de forma excruciante, depois virou-se para o pai.

– O que significa isto? – exigiu saber Lord Montagov. Tinha chegado com cinco homens atrás de si e agora todos se empilhavam naquela

minúscula secção do hospital, até o ar parecer esgotar-se, até as paredes brancas quase ficarem escorregadias de suor. – Como é que isto aconteceu?

Roma virou o olhar para o teto, fazendo uma contagem decrescente a partir do dez. Reparou em todas as fendas na pintura descascada, na maneira como a deterioração parecia espreitar de cada canto. Aquele hospital parecia tão industrial por fora, tão diferente das instalações financiadas pelos Escarlates, na Concessão Francesa, onde Juliette o levara, mas cada um deles ruía à sua maneira.

– O que estás a fazer aí especado? – continuou Lorde Montagov. Estendeu o braço para dar uma sapatada na cabeça de Roma.

Foi a última gota para Roma perder as estribeiras.

– Porque é que *o pai* demorou tanto tempo a chegar aqui?

Lord Montagov semicerrou os olhos.

– Tem tento…

– A Alisa estava *a morrer* e o pai ficou especado a ver como é que o Gangue Escarlate ia reagir? O que se passa consigo?

Um dos homens de Lord Montagov empurrou Roma no instante em que ele se aproximou demasiado. Talvez fosse algo no seu olhar, alguma coisa na maneira como a fúria lhe incendiava as palavras. Fosse o que fosse, deve ter sido ameaçado, porque, com um aceno de Lorde Montagov, o membro dos Flores Brancas apontou ameaçadoramente uma faca a Roma, para que ele recuasse.

Roma ficou onde estava.

– Força – disse ele.

– Estás a fazer figuras tristes – sibilou o pai.

Lord Montagov alimentava-se do amor dos outros. Aperaltava-se quando estava rodeado e enraivecia-se quando era olhado. O dramatismo de Roma estava a envergonhá-lo, o que dava a Roma um tipo de prazer perverso.

– Se as minhas figuras são tristes, então veja-se livre de mim. – Roma abriu os braços. – Mande antes o Dimitri investigar esta loucura. Ou, melhor ainda, porque é que não toma o pai isso em suas mãos?

Lord Montagov não fez menção de lhe responder. Se estivessem a sós, o pai estaria aos berros, com as mãos a bater na superfície plana mais perto para fazer um barulho forte – qualquer barulho forte, pois, desde que fizesse estremecer Roma, o pai ficaria satisfeito.

Não era obediência que Lord Montagov procurava. Era a confirmação do seu poder.

Naquele momento, Roma estava imprudente o bastante para lhe retirar isso.

– Imagino que esteja muito ocupado. Imagino que o Dimitri tenha coisas mais importantes a fazer, pessoas mais importantes para bajular. Ou talvez seja… – a voz de Roma tornou-se quase um sussurro, como se ele recitasse um poema – por nem o pai nem o Dimitri terem coragem para se aproximarem da loucura. Temem mais por vós do que temem pelos outros.

– Tu…

Um grito aterrador soou do interior das portas trancadas e Roma virou-se imediatamente, sem se importar que os seus movimentos bruscos lhe granjeassem uma faca nas costas. Estava já a meter a mão no bolso do casaco e a sacar da arma, disparando uma vez, duas, três, até o painel de vidro da porta se estilhaçar completamente, abrindo um espaço para ele inserir o braço e destrancar a porta do outro lado.

– Alisa – gritou, escancarando as portas. – *Alisa!*

Entrou a derrapar na sala de urgências, com uma mão a levantar-se para proteger os olhos das luzes fortes fixas nos tetos descaídos. Ninguém se opôs à sua presença. Estavam todos demasiado ocupados a agarrar o corpo de Alisa, que se contorcia, mantendo-a quieta apenas o tempo suficiente para lhe espetarem uma seringa no pescoço. Ficou frouxa numa questão de segundos, com as madeixas ensanguentadas do cabelo louro fino a caírem-lhe sobre os olhos.

– O que lhe fizeram? – exigiu Roma, apressando-se em frente. Afastou-lhe o cabelo para trás, engolindo o nó que tinha na garganta. As pálpebras dela, tão pálidas e transparentes àquela luz que lhe fazia sobressair fortemente as veias azuis-roxas, estremeceram por breves instantes, depois ficaram fechadas.

O médico, o mesmo que o trancara lá fora e o tranquilizara quando à segurança da irmã, aclarou a garganta. Roma olhou para ele, mal conseguindo conter a raiva.

– Demos-lhe uma injeção para a manter em coma. – O médico comprimiu os lábios, depois esfregou vigorosamente a testa, como se estivesse a pensar através de um nevoeiro na sua mente. – Eu… nós… – Aclarou a garganta, depois tentou de novo: – Não sabemos o que se passa com ela. Tem de ficar a dormir até haver uma cura.

Capítulo 18

Roma desceu as escadas. Embora o seu corpo o tivesse levado ali, o tivesse guiado nos movimentos de acenar um agradecimento ao empregado do bar, no levantar da cortina ao fundo do bar, a sua cabeça estava a milhas de distância, ainda a pairar no exterior do quarto de hospital e a observar Alisa no seu coma induzido – os braços e as pernas amarrados à cama para sua segurança.

– Sou invicto!

Ao ouvir o barulho que se erguia pela escada em espiral, a mente de Roma regressou ao seu corpo, e a sua raiva ressurgiu em plena força. De sangue a ferver, saltou os últimos cinco degraus, aterrando nas tábuas com um baque lenhoso e pesado.

Roma aventurou-se mais profundamente naquele subterrâneo raso, percorrendo o espaço sob o bar. A construção daquele lugar custara quase a totalidade dos fundos do seu pai uns anos antes – os pisos eram irregulares devido ao excesso de uso e as luzes no teto baixo tremeluziam, acendendo e apagando aleatoriamente. Cheirava a suor e a urina e havia tantas vozes a gritar umas por cima das outras que aquilo podia ter sido um ponto de encontro para delinquentes. Bastava um olhar – para o ringue de luta no centro do espaço, para os vislumbres de prata nas cordas que seguravam o ringue – para saber que aquela arena subterrânea era um dos investimentos mais estimados de Lord Montagov. Não era de espantar, uma vez que as cobranças das apostas ali em baixo lhe compensavam as perdas numa questão de semanas.

– Vocês os dois não têm nada melhor para fazer do que ficar no meio de tudo isto?

Roma deixou-se cair num assento à mesa de um espectador, a inspecionar as chávenas de cerâmica de Benedikt e Marshall.

– É o que eu tenho estado a dizer – respondeu Benedikt.

– É a última vez. Prometo – disse Marshall. E depois: – *Não, agarra-o pelas pernas!*

A atenção de Marshall tinha sido desviada por um instante para a luta. A multidão em torno da barreira celebrava quando o vencido caiu e o vencedor ergueu os punhos no ar.

– Terrível forma – disse Marshall entre dentes, desviando o olhar.

Descontente, Roma ergueu a chávena de Benedikt e cheirou-a, por cautela. O primo arrancou-lha das mãos.

– Não bebas isso – avisou Benedikt.

– *Vodka?* – perguntou Roma, identificando finalmente o cheiro que emanava debaixo do seu nariz. – Numa chávena de chá? A sério?

– A ideia não foi minha.

Marshall inclinou-se para a frente com um sorriso dissimulado.

– Sim, não culpes o teu priminho. Foi minha.

A mesa deles estremeceu de repente com o impacto de outro homem a cair no ringue e a multidão explodiu em vivas. Uma mulher marcava os pontos com um pau de giz. Em bandos antes de cada luta, os espectadores corriam para ela com dinheiro, a fazer apostas sobre quem ia ganhar.

Roma não ficou completamente surpreendido ao ver Dimitri Voronin a entrar no ringue a seguir. Parecia ser do tipo de correr ali para baixo sempre que tinha tempo livre, mesclando-se com a sujidade que cobria o chão e sentindo-se em casa. Entretanto, Roma estabeleceu para si o objetivo de

evitar aquele lugar. Só voltaria ali se o assunto não pudesse esperar, como acontecia naquele momento.

– Acabei de falar com o meu pai em casa – disse Roma. Colocou a cabeça num certo ângulo para não ter de ver Dimitri bater com os punhos e arreganhar os dentes à multidão. – Ele deixou de se preocupar com a loucura. Acha que é uma coisa que se pode ficar à espera que desapareça. Acha que a Alisa vai simplesmente acordar e sair daquele estado quando se cansar de tentar despedaçar o pescoço.

Era uma meia-verdade. Lord Montagov já não queria investigar a loucura, mas não se tratava de apatia. Era porque Roma lhe tocara num ponto muito sensível. Aquela inação era um castigo. Por lhe ter chamado cobarde, o pai iria mostrar-lhe até que ponto podia sê-lo, e deixaria Alisa definhar.

– É um idiota. – Marshall fez uma pausa. – Sem ofensa.

– Não estou ofendido – murmurou Roma.

Era como se o pai não se desse conta de que não podiam ter um gangue sem gângsteres. Lord Montagov tinha demasiada confiança em si próprio – e a maior parte era imerecida. Provavelmente achava que, se o pior acontecesse, podia confrontar a morte e exigir os seus homens de volta.

– Tenho de fazer alguma coisa. – Roma segurou a cabeça entre as mãos. – Mas estou a desviar quase todos os nossos fundos para o laboratório, para que Lourens tenha mais recursos para trabalhar numa cura…

– Espera aí – disse Marshall. – Porque é que havemos de esperar que o Lourens faça uma cura a partir do zero quando na rua se fala de alguém já ter criado uma vacina? Podemos roubar a vacina, fazer a nossa investigação…

– Não há maneira de saber se a vacina realmente existe – interrompeu Benedikt. – Se estás a falar do Larkspur, parece um perfeito charlatão.

Roma acenou com a cabeça em concordância. Também ouvira os rumores, mas era um disparate – apenas uma maneira de lucrar com o pânico que varria a cidade. Se os médicos formados mal conseguiam compreender os mecanismos daquela loucura, como podia um estrangeiro ter sonhado com a cura?

– Ainda temos de achar a tal vítima viva de que o Lourens precisa – decidiu Roma. – Mas…

O som de ossos a serem esmagados chegou, vindo do ringue, e a mulher gritou para que outro concorrente defrontasse o «divinal Dimitri Voronin». Roma encolheu-se, desejando poder bloquear todo aquele barulho.

Na mesa ao lado deles, um homem levantou-se e começou a correr, empolgado.

– Mas – tentou Roma continuar por cima do alvoroço, e ficou a ver o homem avançar, com uma careta –, não podemos ficar de braços cruzados à espera de uma cura que o Lourens pode ou não descobrir. E, sinceramente, não faço ideia de que mais…

Nesse momento, ouviu-se um frémito vindo da multidão, desta vez não de alegria assassina, mas de ultraje e desilusão. Roma virou-se bruscamente, a praguejar, quando viu por que razão a luta tinha sido interrompida.

Dimitri sacara de uma arma para o seu novo oponente.

Benedikt e Marshall levantaram-se, mas Roma estendeu depressa a mão, dizendo-lhes para se sentarem. Numa apreciação mais atenta, o rival de Dimitri não era russo. Tinha passado despercebido a Roma antes, ao olhar

rapidamente para ele quando saiu a correr, mas a camada de brilhantina no cabelo denunciava-o como americano.

– Vamos lá a ter calma, rapaz. – O americano riu-se, nervoso. A sua pronúncia confirmava a avaliação de Roma. – Julguei que isto fosse uma luta, e não um confronto no Oeste.

Dimitri fez uma careta, sem compreender o que o americano estava a dizer.

– Os mercadores Escarlates que se esgueiram até aqui enfrentam as consequências.

Os olhos do seu oponente abriram-se muito.

– Eu… eu não estou com o Gangue Escarlate.

– Negoceias com o Gangue Escarlate. Já vi a tua cara do lado deles das ruas.

– Mas não sou afiliado – protestou o homem.

– Nesta cidade, ou é um ou outro.

Roma levantou-se. Lançou um olhar acutilante aos dois amigos, avisando-os para que não o seguissem, depois virou-se, de rosto trancado numa expressão dura. O americano continuava a gaguejar no ringue. Dimitri avançou até mais perto com a sua arma. Quando Roma abriu caminho pela multidão e saltou por cima das cordas, Dimitri estava mesmo em frente do americano, de narinas dilatadas de raiva.

Porque é que ele está tão irritado?, pensou Roma genuinamente. Insignificantes como aquele podiam ser facilmente ignorados. Aquele homem não era propriamente um verdadeiro Escarlate. Se era

suficientemente estúpido para entrar num clube de luta dos Flores Brancas, o mais provável era o seu navio só ter entrado em Xangai há uns dias.

Roma saltou para o ringue, os seus passos suaves até se colocar precisamente entre o americano e o cano de Dimitri.

– Basta.

– Sai, Roma – explodiu Dimitri. Empurrou a arma, num gesto de ameaça, até o metal frio se encostar a uma depressão na testa de Roma. – Desaparece… isto não te diz respeito.

– Senão o quê? – respondeu friamente Roma. – Matas-me?

Ali em cima, sob aquelas luzes, rodeado por uma multidão de Flores Brancas, Roma não poderia estar mais seguro. Tinha uma arma encostada à cabeça, mas não sentia medo. Dimitri tinha escolha e, atento aos gritos insatisfeitos que vinham dos espectadores, pareceu dar-se conta de que Roma o tinha encurralado. Para Dimitri, talvez Roma fosse o miúdo irritante da casa, em quem Lord Montagov não confiava. Para as pessoas à sua volta, Roma era o herdeiro dos Flores Brancas – um assassino de Escarlates e enterrado até ao pescoço em cada gota de sangue que derramou em nome da vingança. Quer se gostasse, quer não, Roma continuava a ser um Montagov, e os Montagov tinham poder. Se Roma dizia que aquele americano não era um Escarlate, então não era.

Roma acenou ao americano para que se fosse embora.

Mas, mal o americano saiu do ringue, à pressa para se ir embora, Dimitri fez pontaria e disparou na mesma.

– Não! – rugiu Roma.

A multidão tornou-se uma cacofonia de vivas e vaias horrorizadas, dividida entre os que secretamente tinham esperado que Dimitri derramasse

o sangue por que ansiavam e os que agora avaliavam a situação com cautela, perguntando-se que papel Roma desempenhava ali se não conseguia fazer com que Dimitri o ouvisse.

Roma estivera a ferver em lume brando o dia inteiro. Não conseguia fazer com que os médicos escutassem as suas exigências. Não conseguia convencer o próprio pai a escutar a voz da razão. Era o herdeiro dos Flores Brancas – herdeiro de um império clandestino constituído por assassinos e gângsteres e mercadores endurecidos que tinham fugido de um país devastado pela guerra. Se não era capaz de manter o respeito deles, se não conseguia governá-los e alimentar o seu medo, então que *raio* tinha ele?

Dimitri fez um gesto contra ele e, de repente, Roma viu-se rodeado de vaias por parte das pessoas que devia comandar, sendo olhado como se fosse uma *criança* e não o herdeiro deles. Se tivesse sido Dimitri no hospital, talvez os médicos o tivessem ouvido. Se Dimitri tivesse dito a Lord Montagov que a loucura ameaçava a cidade mais furiosamente do que poderiam ter antecipado, Lord Montagov teria ouvido.

O controlo de Roma escapava-lhe por entre os dedos como areia. Quando cerrou o punho, quase não havia grãos para segurar. Tinha as mãos quase vazias.

Se perdesse o respeito daqueles Flores Brancas que o circundavam, perdia o seu estatuto. Se deixasse de ser Roma Montagov, herdeiro dos Flores Brancas, não poderia proteger aqueles que na verdade queria manter em segurança.

Já tinha falhado a Alisa.

Não queria continuar a falhar.

– Não vamos tolerar o Gangue Escarlate! – Dimitri agitava os punhos para cima e para baixo, com a arma a subir e a descer duramente, enervando os espectadores – Vamos matá-los a *todos*!

Há muito tempo, Roma dissera a Juliette que a raiva dela era como um diamante frio. Era algo que ela podia engolir suavemente, algo a ser colocado em outras pessoas, deslizando na pele delas com brilho e *glamour*, até se aperceberem, tarde de mais, que o diamante as despedaçara. Ele admirara-a por isso. Sobretudo porque a raiva dele era exatamente o oposto: uma incontrolável onda de fogo que não conhecia subtilezas.

E chegara.

Em dois gestos rápidos, Roma lançou-se a Dimitri e desarmou-o, atirando a arma para a multidão.

– Não deste luta justa ao americano – disse Roma. Fez um gesto para que Dimitri se aproximasse. – Por isso, vou deixar que compenses isso.

A multidão gritou em aprovação. Dimitri ficou quieto por um instante, tentando decifrar a motivação de Roma, Depois, vendo os incitamentos, estalou o pescoço e investiu.

Roma recusou-se a deixar que aquilo descambasse nas lutas monstruosas e bestiais por que aqueles lugares eram conhecidos. Mal ergueu o braço para o primeiro bloqueio, manteve-se rápido, de pés ligeiros, cada soco desferido com intenção. O ringue era sacudido pela intensidade dos espectadores e o clube inteiro rugia tão alto que os seus sons produziam um leve eco.

Para os observadores, foi tudo muito rápido.

Para Roma, foi tudo instinto. Passara anos em lutas a fingir com Benedikt e, finalmente, elas contavam para alguma coisa. Roma passou de ofensa a

defesa numa questão de segundos; o seu braço direito subiu para bloquear um soco e o esquerdo avançou ao mesmo tempo, golpeando com solidez o maxilar de Dimitri, de tal forma que este cambaleou para trás, com uma expressão de insanidade nos olhos.

Não importava que Dimitri estivesse furioso. Roma não se cansava. Parecia quase sobrenatural, aquele júbilo que lhe percorria os membros, a necessidade pulsante e absoluta de *vencer* o favorito, de que as pessoas não se esquecessem de quem era o verdadeiro Montagov e quem era a fraude, qual deles merecia a dignidade de ser o herdeiro.

Depois, Dimitri atingiu a face de Roma e ele sentiu uma *ferroada*, muito mais do que esperava.

Roma sibilou, cambaleando três passos para trás para se situar.

Dimitri agitou os braços, rodou os ombros e, sob a luz, um clarão de alguma coisa brilhou entre os seus dedos indicador e médio.

Ele tem uma lâmina entre os dedos, deu-se conta Roma, vagamente. E depois, como se fosse uma informação nova: *Batoteiro.*

– Estás pronto para desistir? – berrou Dimitri. Bateu no peito.

Roma não conseguia desviar o olhar do clarão da lâmina. Não podia parar a luta agora sem fazer má figura. Mas, se continuasse, bastaria um movimento do punho de Dimitri no pescoço de Roma para o matar.

Instalou-se o pânico. Roma começou a descuidar-se. Dimitri deu um pontapé e Roma recebeu o golpe. Teve o vislumbre de um punho na sua visão periférica e, na pressa para escapar, Roma desviou-se com demasiada brusquidão, sem avaliar bem o equilíbrio, e tropeçou. Dimitri atacou de novo. Um clarão de lâmina: abriu-se um rasgão no maxilar de Roma.

A multidão vociferou. Sentia a energia de Roma a esgotar-se. Sentia que ele parecia ter desistido antes do fim da luta.

És um Montagov, ou és um cobarde*?*

Roma ergueu de novo os olhos, endurecendo o maxilar latejante. Porque estava a fazer um jogo tão limpo? Em que espécie de mundo ilusório vivia, onde os Flores Brancas queriam alguém que governasse com honra, e não com sangue, suor e violência?

Roma estendeu o braço e agarrou um punhado de cabelo de Dimitri, que lhe dava pelos ombros. Dimitri não estava à espera. Assim como não estava à espera de que Roma lhe desse uma joelhada no nariz, lhe agarrasse o braço e lho torcesse para trás até lhe apanhar o pescoço e lhe pusesse um pé com força na parte interna dos joelhos.

Dimitri caiu redondo no chão do ringue. A multidão acorreu às cordas, abanando o ringue sem parar.

Agora Roma apanhara-o. Com as mãos posicionadas onde estavam, podia ter partido o pescoço de Dimitri, se assim o desejasse. Podia fazer qualquer coisa e fingir que tinha sido um mero acidente – um deslize do momento.

– Roma Montagov, o nosso vencedor! – anunciou a mulher com o quadro de giz.

Roma inclinou-se para Dimitri, chegando-se o suficiente para que ele não percebesse mal as palavras ditas por cima do rugido da multidão.

– Não te esqueças de quem eu sou.

Com estas palavras, pôs-se em pé e limpou grosseiramente a boca ensanguentada com o braço. Enfiou-se por baixo das cordas e foi aterrar solidamente entre a multidão. Aquele sítio fervilhava de atividade volátil e de emoções. Roma não via a hora de se afastar dali.

– Tu – disse bruscamente. Um homem com um lenço branco no bolso estremunhou, em sentido. – Vai buscar alguém para levar o cadáver do americano daqui para fora.

O homem foi a correr cumprir a sua tarefa. Roma achou o caminho de volta aos amigos e deixou-se cair no assento com o peso de mil anos.

– Que herói – cantarolou Marshall.

– Cala-te – disse Roma. Inspirou profundamente. Uma vez. E outra. Na sua cabeça, via o americano a cair. O corpo imóvel de Alisa. A total falta de emoção no rosto do pai.

– Sentes-te bem? – perguntou Benedikt, preocupado.

– Sinto. Sinto-me bem. – Roma ergueu os olhos fulminantes. – Podemos voltar ao tema de antes? Com a Alisa no estado em que está… – Tinha vislumbres do rosto dela gravados na mente, vívido, cru e já a definhar. – Eu preciso de respostas. Se esta loucura surgiu das más intenções de alguém, tenho de ir atrás dessa pessoa.

– O teu pai não te mandou ir atrás dos comunistas?

Roma anuiu.

– Mas é um beco sem saída. Só batemos em sítios sem saída, onde quer que vamos. – Podíamos implorar informações ao Gangue Escarlate – sugeriu Marshall. – Desta vez, com mais armas…

Benedikt tapou a boca de Marshall com a mão, calando-o antes que ele pudesse elaborar mais um plano sem sentido.

– Roma, não consigo mesmo pensar no que mais há a fazer – admitiu Benedikt. – Acho que a reunião deixou bem claro que os Flores Brancas

não sabem nada. Não sabemos o que fazer, a menos que queiramos esgotar os nossos recursos e pôr um ouvido em cada canto de Xangai.

– Quantos espiões ainda temos no Gangue Escarlate? – perguntou Roma. – Talvez eles consigam descobrir alguma coisa. O Gangue Escarlate praticamente admitiu ter informações, mas não nos contam…

– Duvido que perguntar aos espiões fosse produtivo – interrompeu Benedikt. Ainda tinha a mão na boca de Marshall. Este parecia ter começado a lamber a mão de Benedikt, numa tentativa para ser libertado. Benedikt agia como se não tivesse reparado. – Se o Gangue Escarlate souber mesmo alguma coisa, será discutido no núcleo duro. Deixarem escapar rumores para os gângsteres comuns é um caminho infalível para causar o pânico.

Marshall acabou por se libertar da mão de Benedikt.

– Por amor de Deus, vocês são os dois tolinhos da cabeça – disse ele. – Quem é que, do Gangue Escarlate, está sempre a aparecerem a todo o lado que vocês vão, que parece ter um interesse pessoal em encontrar as respostas necessárias? – Nivelou o seu olhar com o de Roma. – Tens de pedir ajuda à Juliette.

De repente, Roma esticou o dedo, pedindo a Benedikt e a Marshall que fossem pacientes enquanto ele pensava no assunto.

Quando pareceu por fim ter ruminado o suficiente sobre o assunto, disse:

– Passa-me aquele balde ali.

Benedikt pestanejou.

– O quê?

– O balde.

Marshall levantou-se e foi buscar o balde. Mal o trouxe para debaixo do nariz de Roma, o brutal herdeiro dos Flores Brancas enfiou a cabeça dentro dele e vomitou, como resultado de toda a violência que tinha ao seu alcance.

Passado um minuto, Roma emergiu, de estômago vazio.

– Está bem – disse, amargamente. – Vou pedir ajuda apenas à Juliette.

— Estou preocupada. Culpas-me por isso?

Lady Cai passou a escova pelo cabelo de Juliette, franzindo o sobrolho de cada vez que chegava a um nó. Juliette já tinha sem dúvida idade para fazer aquilo sozinha, mas a mãe insistia. Quando Juliette era pequena e tinha o cabelo até à cintura, a mãe costumava ir todas as noites ao quarto dela escovar-lho até os nós desaparecerem, ou, pelo menos, até Lady Cai ficar satisfeita com o estado da cabeça da filha, o que às vezes incluía também os pensamentos dela. Agora que Juliette regressara de vez, a mãe reinstituíra aquela prática. Os pais de Juliette eram pessoas ocupadas. Aquela era a maneira de a sua mãe continuar a ter um papel na vida dela.

– Seja o que for nesta cidade, há sempre demasiadas pessoas envolvidas – continuou Lady Cai. – Demasiadas pessoas com coisas pessoais em jogo. Demasiadas pessoas com tanto a perder. – O seu sobrolho franziu-se mais enquanto ela falava, tanto em concordância com as palavras que lhe saíam da boca como de frustração pela sua tarefa. Juliette agora usava o cabelo pelo queixo – não havia muito para escovar –, mas continuava a ser um esforço penteá-lo através dos resíduos de produto que Juliette punha todos os dias aos montes para fazer os canudos.

– Māma, terá mais com que se preocupar se… – Juliette estremeceu quando a escova passou por uma bola de gel que não tinha saído – … se a loucura se espalhar a todos os cantos desta cidade. Os nossos números em queda são mais motivo de preocupação do que os calos que pisei quando fui meter o nariz nos assuntos dos comunistas.

Números em queda no Gangue Escarlate. Números em queda nos Flores Brancas. A vendeta entre eles não era nada comparada com o facto de os

dois gangues estarem a morrer, mas Juliette parecia ser a única pessoa que acreditava que aquela loucura era suficientemente potente para tirar o tapete debaixo dos pés de todos. Os pais dela eram demasiado orgulhosos. Tinham-se habituado demasiado a situações que podiam controlar, a adversários que conseguiam derrotar. Não viam aquela situação como Juliette via. Não viam Alisa Montagova a tentar despedaçar a garganta de cada vez que fechavam os olhos, como sucedia agora a Juliette.

A menina era tão nova. Como é que ela tinha sido apanhada naquilo?

– Bem. – Lady Cai torceu o nariz. – É inevitável que se pise uns calos. Só que eu preferia mandar homens contigo quando o fazes.

Juliette crispou-se. Pelo menos, agora os pais levavam a loucura a sério. Continuavam a achar que não era necessário intervirem pessoalmente – ou, melhor, não viam como podiam ser de utilidade no que tocava a uma doença que punha as pessoas a abrir a própria garganta – mas queriam saber o suficiente para colocar oficialmente Juliette nessa tarefa, dispensando-a dos seus outros deveres. Já não ia atrás de rendas. Juliette estava numa missão de uma só mulher, em busca da verdade.

– Por favor, não me designe um séquito – disse Juliette, estremecendo. – Eu era capaz de lutar com eles e vencer de olhos fechados.

Lady Cai lançou-lhe um olhar fulminante através do espelho.

– O que foi? – exclamou Juliette.

– A questão não é a luta – respondeu a mãe com firmeza. – É a imagem. É teres a tua gente a proteger-te.

Oh, Céus. Juliette sentiu logo o sermão iminente. Era uma capacidade inata que ela tinha, como há pessoas que pressentem trovoadas através das dores nos ossos.

– Não te esqueças de que o teu pai foi derrotado uma ou duas vezes na vida.

Juliette fechou os olhos, suspirando antes de os abrir de novo. Tinham passado quatro anos e a mãe continuava a contar, deliciada, aquela história, como se ela ensinasse a maior lição alguma vez dada a conhecer à humanidade.

– Quando aquele desprezível Montagov vingou a morte do seu pai matando o teu avô – disse a mãe –, devia ter sido o teu pai a liderar.

Lady Cai puxou a escova para desfazer um nó. Juliette encolheu-se.

– Mas ele ainda era mais novo do que tu és agora, por isso, os homens de negócios retiraram-no e decidiram que um deles teria a última palavra. Descartaram-no por não passar de um rapaz e disseram-lhe que, se ele queria governar sem outra razão a não ser a linhagem, então devia juntar-se à monarquia, e não a um gangue. Mas depois, em…

– …1892 – interrompeu Juliette, apoderando-se da história com dramatismo –, com as pessoas nas ruas de Xangai sem orientação e ao deus-dará, com o Gangue Escarlate e os Flores Brancas igualmente liderados por membros irrelevantes, ao passo que os herdeiros legítimos eram atirados para a retaguarda, estes revoltaram-se por fim…

Juliette calou-se bruscamente ao ver o olhar fatal que a mãe lhe lançava através do espelho. Resmungou um pedido de desculpas, cruzando os braços. Admirava a capacidade que o pai tivera de subir até ao topo, da mesma maneira que reconhecia, de forma desprendida, que Lord Montagov – que também tinha sido destituído quando o *seu* pai morrera – era suficientemente inteligente para ter feito o mesmo. Só que, neste período de tempo, enquanto os dois gangues eram liderados por homens que se

estavam a marimbar para laços e alianças, só queriam saber de eficácia e dinheiro, o conflito estivera no seu nível mais *sossegado*.

– O teu pai – disse Lady Cai bruscamente, puxando uma madeixa de cabelo – reclamou o seu título legítimo quando era mais velho, porque tinha pessoas que acreditavam nele. Apelava à maioria comum, aqueles que agora vês a protegerem-no, os que vês dispostos a dar a vida por ele. É tudo uma questão de orgulho, Juliette. – Lady Cai baixou a cabeça, encostando o rosto ao da filha até ficarem as duas a olhar de frente o espelho. – Ele queria que o Gangue Escarlate fosse uma força da natureza. Queria que a filiação fosse um distintivo que declarasse poder. As pessoas comuns do gangue não viam que houvesse nada mais desejável do que isso e, atrás dele, destituíram os homens de negócios, que não tiveram alternativa a não ser aceitar a sua subserviência.

Juliette ergueu uma sobrancelha.

– Em suma – disse ela –, é um jogo de números.

– Pode-se dizer que sim. – A mãe estalou a língua. – Por isso, não comeces a acreditar que a competência é a única coisa necessária para se ficar no topo. A lealdade também tem o seu papel e é uma coisa volúvel, em constante mudança.

Com isto, Lady Cai pousou a escova, apertou o ombro de Juliette e deu as boas-noites. Vivaz, rápida e abrupta – era assim a sua mãe. Saiu do quarto de Juliette em passo largo e fechou a porta atrás de si, deixando Juliette a matutar naquelas palavras de despedida.

O resto do mundo não o via, mas enquanto Lord Cai era o rosto do gangue Escarlate, Lady Cai trabalhava nos bastidores, examinando todos os papéis que entravam em casa. Foi Lady Cai que convenceu o marido de que

a filha seria muito mais capaz de lhe suceder na liderança do Gangue Escarlate, em vez de um parente do sexo masculino. E assim a coroa fora dada a Juliette e Lord Cai esperava que o gangue se ajoelhasse quando, um dia, Juliette se tornasse a líder – por expectativa, por lealdade de sangue.

Juliette inclinou-se para o espelho, tocando com os dedos nas linhas do rosto.

Era a lealdade que criava o poder? Ou seria a lealdade um mero sintoma, oferecida quando as circunstâncias eram favoráveis e retirada quando mudava a maré?

Ajudava que Lord Cai e Lord Montagov fossem homens. Juliette não era ingénua. Todos os mensageiros, todos os tarefeiros, todos os gângsteres de nível inferior, mas ferozmente leais, eram do sexo masculino. A maior parte do Gangue Escarlate temia e reverenciava Juliette, mas ela ainda não estava ao comando. Como reagiriam quando Juliette tentasse exercer verdadeiro poder sobre eles? Seria obrigada a despojar-se de tudo aquilo que era – deitar fora os vestidos brilhantes e usar fatos para que a ouvissem?

Juliette afastou-se finalmente da cómoda, esfregando os olhos de cansaço. O dia estendera-se durante demasiado tempo, mas sentia o corpo inquieto, e não cansado. Quando se deixou cair em cima das cobertas da cama tinha a camisa de dormir colada à pele. Ouvia o martelar do coração e, quanto mais tempo ali ficava deitada no escuro, mais intenso se tornava o martelar, até sentir o som nos tímpanos.

Espera…

Juliette sentou-se muito direita. Alguém estava a *bater* de forma ritmada nas janelas de vidro da sua varanda, no segundo andar.

– Não – disse Juliette em voz alta, fastidiosamente.

Ouviu-se de novo o bater, lento, intencional.

– Não – repetiu ela.

Mais batidas.

– Ah!

Juliette pôs-se em pé e dirigiu-se, explosiva, ao som, abrindo as cortinas com mais força do que seria necessário. Quando o tecido assentou, deparou com um vulto conhecido, casualmente sentado no parapeito da sua varanda, as pernas a abanar e o corpo iluminado por trás pelo luar do quarto crescente. Engoliu com força.

– A sério? – perguntou autoritária Juliette através das portas de vidro. – Trepaste a minha casa? Não podias simplesmente ter atirado umas pedrinhas?

Roma olhou para os jardins lá em baixo.

– Tu não tens pedrinhas.

Juliette esfregou de novo os olhos, desta vez com força. Talvez se esfregasse com muita força, se viesse a aperceber de que aquilo era um sonho febril e acordasse serenamente sozinha no seu quarto.

Tirou a mão dos olhos. Roma continuava ali.

Tinham mesmo de melhorar a segurança.

– Roma Montagov, isto é inaceitável – declarou com firmeza Juliette. Aquilo trazia demasiadas lembranças, era demasiado melancólico, era *de mais*. – Vai-te embora antes que leves um tiro.

Mesmo com o rosto envolto em sombra, Roma conseguiu exprimir um franzir de sobrancelhas que alcançou Juliette com máximo efeito. Olhou em volta e não viu ninguém nos jardins que os circundavam.

– Quem me vai dar um tiro?

– *Eu* vou dar-te um tiro – disse Juliette bruscamente.

– Não vais, não. Abre a porta, dorogaya.

Juliette deu um salto para trás, horrorizada não com a ordem, mas com o termo afetuoso. Roma não tardou a perceber o seu deslize, os olhos abriram-se muito por uma fração de segundo, mas não se atrapalhou nem retirou o que disse. Limitou-se a fitá-la, à espera, como se não tivesse acabado de ir buscar ao passado dos dois uma relíquia, que ambos tinham estilhaçado.

– As portas ficam fechadas – disse Juliette com frieza. – O que queres?

Roma saltou do corrimão e os seus sapatos aterraram nos ladrilhos da varanda com um som suave. Quando se aproximou do vidro, Juliette reparou num arranhão fundo que lhe maculava o maxilar, e perguntou-se se ele teria aparecido ali a seguir a uma rixa. Isso quase bastou para que ela estendesse o braço para a sua arma e o mandasse a correr dali para fora, mas depois, baixinho, Roma sussurrou:

– Quero salvar a minha irmã.

Algo se soltou no íntimo de Juliette. O seu olhar abrandou por um breve instante.

– Como está Alisa? – perguntou ela.

– Amarram-na no hospital, como a uma doente do asilo psiquiátrico – respondeu Roma. Tinha os olhos focados nas próprias mãos. Estava sempre a virá-las, palmas, costas, palmas, costas, à procura de alguma coisa que não estava lá. – Ela tentou levar as mãos de novo à garganta quando recuperou a consciência, por isso deram-lhe uma injeção qualquer para a

manter a dormir. Vão mantê-la assim até haver maneira de curar esta loucura.

Roma ergueu os olhos. Havia uma loucura, um desespero, nos seus próprios olhos.

– Preciso da tua ajuda, Juliette. Do meu lado, todos os caminhos deram em nada. Não consigo seguir mais nada, não posso ir a lado nenhum, não há ninguém a quem possa chamar. Tu, no entanto… eu sei que sabes *alguma coisa.*

Juliette não respondeu logo. Ficou ali sem se mexer, a debater-se com o aperto no estômago e dando-se conta de que não tinha a certeza se aquele sentimento continuava a ser ódio… ou *medo*. Medo de que, se a loucura continuasse, também ela se viesse a encontrar na posição de Roma, a ver alguém que amava a morrer. Medo de que só de pensar em Roma de uma maneira tão empática, tivesse ultrapassado os limites.

O problema do ódio era que, quando a emoção inicial enfraquece, as reações mantêm-se. Os punhos cerrados e as veias quentes, a visão desfocada e o pulso acelerado. E nesses resquícios, Juliette não conseguia controlar aquilo em que se podiam tornar.

Como o anseio.

– Pedes-me ajuda – disse Juliette baixinho – e, no entanto… quanto sangue existe nas tuas mãos, Roma? Durante o tempo em que estive fora, quanta da minha gente te pediu ajuda, misericórdia, antes de os matares?

Os olhos de Roma estavam completamente negros ao luar.

– Não tenho nada a dizer quanto a isso – respondeu. – A vendeta era a vendeta. Isto é uma coisa completamente nova. Se não nos ajudarmos mutuamente, podemos morrer os dois.

– Sou a que tem informações – avisou Juliette, com um arrepio desconfortável na pele. – Tenta conter-te e não fazer generalizações abrangentes sobre nós os dois.

– Tu tens informações, mas eu tenho a outra metade da cidade – contrapôs Roma. – Se agires sozinha, estamos a falar de metade de Xangai com que não podes trabalhar. Se eu agir sozinho, não posso entrar em território Escarlate. Pensa, Juliette: quando a loucura nos atinge a ambos, não há como saber em que território encontraremos as respostas.

Um ar gélido atravessou o quarto, amargo, frio e correto. Juliette tentou ignorá-lo. Forçou uma gargalhada, que soou dura.

– Tal como estás a provar neste mesmo instante, não creio que a falta de permissão te impeça de andar no meu território.

– Juliette. – Roma pressionou as mãos contra o vidro. O seu olhar suplicante era total e completamente desarmado. – *Por favor,* ela é minha *irmã.*

Meu Deus…

Juliette teve de desviar o olhar. Não conseguia suportar aquilo. O peso que lhe contorcia o coração era imerecido. Qualquer vulnerabilidade que Roma Montagov mostrasse era teatro, uma fachada cuidadosamente construída com que ele iria comprar tempo até surgir uma oportunidade. Ela *sabia* isso.

Mas talvez Juliette nunca aprendesse. Talvez as suas memórias de Roma a conduzissem à ruína, a menos que arrancasse do seu peito todos os resquícios de brandura.

– Pela Alisa – conseguiu Juliette dizer rudemente, voltando por fim o olhar para ele – e por todas as meninas desta cidade que acabam vítimas de

um jogo que nunca pediram para jogar, vou ajudar-te. Mas faz a tua parte, Roma. Eu ajudo-te e tu ajudas-me a encontrar a solução para esta loucura o mais depressa possível.

Roma expirou, respirando alívio e gratidão para o vidro. Ela olhou-o cuidadosamente, viu a tensão abandonar-lhe os ombros e o terror nos seus olhos transformar-se em esperança. Pensou quanto disso seria verdade e quanto seria para benefício dela, para que pensasse que estava a tomar a decisão acertada.

– Combinado.

Aquilo podia ser a ruína dela. Podia destruir tudo. Mas o que agora importava não era Juliette, não era os seus sentimentos – era encontrar uma solução. Se a possibilidade de salvar a sua gente implicasse arriscar a sua reputação junto deles, então era um sacrifício que ela tinha de fazer.

Quem mais o faria? Quem mais, a não ser Juliette?

– Está bem – concedeu Juliette baixinho. Parecia-lhe que não havia volta a dar. – Tenho a morada de casa do Zhang Gutai. O meu próximo passo seria entrar lá e andar a vasculhar, mas – encolheu os ombros, um gesto tão forçadamente casual da sua parte que quase acreditou nele – podemos ir juntos para começar, se quiseres.

– Quero – disse Roma. Se anuísse com mais força, podia cair-lhe a cabeça. – *Sim*.

– Então, amanhã – decidiu Juliette. De repente, as memórias do seu passado juntos, as que tentara tanto *esquecer* durante quatro anos, vieram em catadupa. Não tinha alternativa a não ser envolvê-las, ignorando o aperto cerrado nos pulmões. – Vai ter comigo à estátua.

A estátua – uma pequena pedra que representava uma mulher a chorar – era um artefacto esquecido e escondido num parque sem nome no Colonato Internacional. Quatro anos antes, Roma e Juliette tinham deparado com ela por acaso e passaram uma tarde a tentar descortinar as suas intenções e origem. Juliette insistira que era Níobe, a mulher na mitologia grega que chorou tanto quando os filhos foram chacinados que os deuses a transformaram em pedra. Roma afirmara que se tratava de La Llorona, a Chorona do folclore latino-americano, que chorava pelo filho que matou. Nunca determinaram a resposta.

Se Roma ficou surpreendido ou retraído pela referência à estátua, não o mostrou. Perguntou apenas:

– Quando?

– Ao raiar da aurora.

Foi só com isso que Roma pareceu ligeiramente preocupado.

– Ao raiar da aurora? Isso é ambicioso.

– Quanto mais cedo, melhor – insistiu Juliette. Estremeceu. – Reduz as probabilidades de sermos vistos juntos. Escusado será dizer que ninguém pode saber da nossa colaboração. Seríamos…

– … mortos os dois, se eles soubessem – concluiu Roma. – Eu sei. Então, até ao raiar da aurora.

Juliette viu-o rodar as pernas para trás, por cima do parapeito da varanda, e ficar junto dos elaborados desenhos de metal, como outra peça de escultura. Sob o luar fraco, Roma era um esboço de tristeza a preto-e-branco.

Roma fez uma pausa.

– Boa noite, Juliette.

E depois foi-se embora, a sua sombra ágil movendo-se depressa pela parede exterior e disparando através dos jardins. Com um salto, transpôs o portão, saindo da propriedade do Gangue Escarlate e iniciando o seu caminho de regresso ao seu mundo.

Juliette fechou bem as cortinas, ajustando o tecido até nem uma nesga de prata as atravessar. Só então se permitiu expirar longamente, empurrando o luar para fora do quarto e as suas faces mutáveis para fora do coração.

Capítulo 20

Ao raiar da aurora, era tão cedo que o porto ainda estava silencioso, as ondas a bater no passadiço flutuante. Era tão cedo que o cheiro do vento ainda era doce, não tendo sido maculado pelo fumo das fábricas matinais, ausentes os aromas que se levantavam da comida frita e das sopas aguadas, confecionadas nas bancas empurradas pelas ruas.

Infelizmente, não era suficientemente cedo para evitar uma manifestação nacionalista.

Juliette deteve os seus passos, imobilizando-se debaixo de uma árvore verde oscilante.

– Tā mā de – praguejou em voz baixa. – O que é que…

– Kuomintang – respondeu Roma antes que Juliette pudesse terminar a pergunta.

Juliette lançou-lhe um olhar furioso quando parou ao lado dele. Será que ele achava que ela não era capaz de ver os pequenos sóis nos chapéus deles? Não era propriamente um logótipo obscuro. O partido Kuomintang – e os seus nacionalistas – estava a tornar-se incrivelmente popular.

– Eu *sei* – disse Juliette, revirando os olhos. – Eu ia perguntar o que estão a fazer. Esta é a minha cidade. Não preciso que me ensines nada.

Roma lançou-lhe um olhar de soslaio.

– É mesmo?

Ele nem sequer pôs veneno na sua pergunta, mas aquelas palavras espetaram uma adaga no coração de Juliette. *É mesmo?* Quantas vezes se fizera aquela mesma pergunta em Manhattan? Quantas vezes trepara até ao telhado do edifício para contemplar a linha do horizonte de Nova Iorque,

recusando-se a amar a cidade, porque amar uma implicava perder a outra e perder Xangai significava perder tudo?

– E o que é que isso quer dizer? – perguntou, tensa.

Roma parecia quase divertido com a pergunta. Ele fez um movimento vago na direção dela, indicando o vestido, os sapatos.

– Vá lá, Juliette. Estou aqui há muito mais tempo do que tu. No teu íntimo, és uma rapariga americana.

E as implicações das palavras que ficaram por dizer eram claras: *Faz um favor a todos nós e volta para lá.*

– Ah sim – disse ela entre dentes. Aquela dor aguda no peito contorceu-se mais. – Eu e a minha democracia americana, como é que me estou a dar num clima assim?

Antes que Roma a contradissesse mais, Juliette recomeçou a andar, desviando-se da rota que tinham planeado. Em vez de passar pela manifestação reunida na rua ampla, ela apressou-se a entrar num beco ali perto, mal fazendo uma pausa para que Roma a seguisse. Ele registou a mudança rapidamente. Não tardou a que os dois seguissem o seu caminho por entre sacos do lixo e carrinhos de comida derrubados, a enrugar o nariz aos animais vadios e a fazer caretas às frequentes poças de sangue. Enquanto caminhavam pelas ruas traseiras da cidade, contentavam-se em mergulhar no silêncio, em fingir que o outro não estava presente.

Depois, Roma deu meia-volta, girando tão depressa para enfrentar a cena atrás deles que Juliette partiu imediatamente do princípio de que estavam a ser perseguidos

– O que foi? – disse bruscamente, virando-se também para trás. Agarrou na pistola e apontou selvaticamente, à espera de que alguma coisa saltasse.

– O que foi?

Só Roma continuava sem arma. Limitou-se a perscrutar a rua atrás deles, de sobrancelhas franzidas.

– Julguei ouvir alguma coisa – disse ele.

Esperaram. Um pássaro mergulhou num caixote do lixo. Um cano exterior jorrou água suja para as ruas.

– Não vejo nada – disse Juliette calmamente, guardando a arma.

Roma carregou o sobrolho. Esperou mais um segundo, mas estava tudo tranquilo.

– Enganei-me. Peço desculpa. – Alisou os punhos das mangas. – Continuemos.

Hesitante, Juliette virou-se e continuou a andar. Não estavam longe do endereço que Kathleen lhe dera. Era uma zona da cidade que conheciam.

No entanto, continuou com pele de galinha nos braços.

Ele está só a ser paranoico, tentou Juliette tranquilizar-se. O medo de serem vistos juntos deixava-os aos dois de sobreaviso. Juliette puxou a gola do casaco para lhe esconder o rosto. Roma usava o chapéu bem enterrado sobre a testa, uma boa decisão, porque naquele momento mostrava-se tão desalinhado que qualquer pessoa que o visse na rua podia correr na direção oposta. À luz do dia, os cortes que tinha no rosto sobressaíam na pele pálida. A julgar pelas suas olheiras, Juliette não ficaria admirada se ele não tivesse pregado olho na véspera, provavelmente às voltas na cama, preocupado com Alisa.

Juliette abanou a cabeça. Precisava de acabar com estas suposições. Pelo que sabia, ele até podia ter andado a matar Escarlates.

– É um destes prédios – disse Juliette quando chegaram à rua certa. Ali, as casas estavam delapidadas e apinhadas, com os espaços entre cada prédio quase estreitos de mais para que uma criança conseguisse passar. Aquela zona não ficava longe da Concessão Francesa, no entanto, poder-se-ia desenhar uma linha tangível entre os dois bairros, e era claro em qual dos lados ficaria aquela rua. Havia uma comprida estrutura retangular meia em ruínas debaixo dos pés de Juliette. Talvez em tempos ali tivesse havido um grandioso portão de uma mansão, com carateres dourados gravados para dar as boas-vindas aos que chegavam, mas agora já lá não estava, despedaçado por cenas urbanas e depravação.

– Tens a certeza de que é o sítio certo? – perguntou Roma. – Com certeza, um emprego no jornal paga mais do que o suficiente para uma pessoa se mudar para outro sítio.

– Logo tu, Roma Montagov – disse Juliette –, que devias compreender a importância da imagem.

Uma e a mesma coisa, com as pessoas, entre as pessoas. Os comunistas estavam sempre a apregoar ideais desses. Se o trabalhador comum tinha de sofrer, então Zhang Gutai também tinha – de outro modo, como poderia ter o respeito deles?

Juliette começou a dirigir-se ao prédio que a morada indicava. Depois – a dois passos da entrada principal –, fez uma pausa abrupta. Apontou.

– Olha.

Roma reprimiu a inspiração abrupta. *Insetos*. Uma coleção de carapaças mortas, ali à luz do dia, junto da entrada do prédio. Se aquilo não gritava *culpado*, Juliette não sabia o que o faria.

De pulso acelerado, ela empurrou a porta do prédio. O ferrolho enferrujado soltou-se e a porta abriu-se.

Juliette gesticulou para que Roma andasse mais depressa. Subiram as escadas, com uma careta face às condições acanhadas. As escadas seguiam junto de uma parede, depois continuavam até um corredor paralelo com quatro portas, não muito afastadas umas das outras. Norte, depois sul, norte, depois sul – subiram as escadas, passaram pelas portas nesse piso e depois continuaram pelo lanço de escadas seguinte, prosseguindo num tipo de padrão estonteante. Roma estava mais habituado àquilo; Juliette, não. Há anos que não vivia nos limites da cidade, nem sentiu a mudança de tábuas suspirar sob os seus pés quando toda a estrutura pareceu elevar-se.

– Qual é o apartamento? – perguntou Roma. Fungou ao passar pelo parapeito da janela no patamar do terceiro piso, mirando os vasos de flores empurrados para a berma, a um pequeno encontrão de se despedaçarem no pavimento lá em baixo.

Juliette ergueu apenas o indicador para o céu. Continuaram a subir – para cima, para cima, para cima, até ao topo, alcançando um piso com uma única porta quando as escadas terminavam.

Fizeram uma pausa. Trocaram um olhar.

– Ele não está em casa – assegurou Juliette a Roma antes que ele pudesse perguntar. Dobrou-se sobre um joelho e tirou a adaga fina, como uma agulha, das dobras do vestido. – Verifiquei a agenda dele no gabinete. Reuniões com pessoas importantes durante todo o dia de hoje.

Só que, quando Juliette inseriu a adaga na fechadura, a língua de fora, em concentração, ouviu o som muito distinto, inegável, de passos arrastando-se no interior do apartamento e em direção à porta da frente.

– Juliette! – sibilou Roma, apressando-se.

Juliette endireitou-se muito depressa, enfiando a faca na manga. Estendeu o braço para que Roma parasse e recompôs-se mesmo a tempo de a porta se ter aberto e um homem velho pestanejar para eles com olhos semicerrados e leitosos. Estava seguramente perto dos sessenta anos e tinha um ar estafado, como se não dormisse bem desde o dia em que nasceu.

– Olá – disse o homem, confuso.

Juliette pensou depressa. Podiam salvar a situação. Não estava fora do alcance deles.

– Bom dia. Somos da universidade – exclamou ela, passando a outro dialeto, Wenzhounês, tão prontamente que Roma recuou um milímetro com um sobressalto, incapaz de esconder o seu espanto perante aquela passagem tão rápida. – Sente-se bem nesta bela manhã?

O homem pôs a mão na orelha, com uma careta. Respondeu em xangainês:

– Fala běndì huà, está bem, rapariga? Eu não compreendo.

Wenzhou era uma cidade que ficava a poucos dias de viagem para sul de Xangai, mas o seu dialeto regional era tão incompreensível às pessoas de fora que Juliette nunca o teria aprendido se a Ama não lho tivesse ensinado. A Ama costuma dizer que o som que mais lembrava wenzhounês não era uma língua vizinha, como xangainês, mas o chilrear dos pássaros. Numa cidade não só a fervilhar de estrangeiros, como também de chineses vindos de todos os cantos do país, a maior parte dos civis partilhava uma língua, mas não partilhava a mesma maneira de a falar. Dois mercadores chineses podiam ter uma conversa inteira com cada um a falar o seu dialeto. Não precisavam de encontrar um meio-termo. Só precisavam de compreender.

No entanto, Juliette não esperara que o homem a compreendesse de todo; tinha um único objetivo. Antes que ele pudesse semicerrar os olhos para a olhar com atenção e a reconhecesse como sendo a herdeira do Gangue Escarlate, ela tinha de o levar a pensar que era uma rapariga despreocupada e imigrante.

– As minhas desculpas. – Juliette passou para xangainês, tarefa cumprida. – Como eu dizia, somos da Universidade de Xangai e estamos empolgadíssimos por vê-lo. Esperamos fundar o primeiro sindicato estudantil e precisamos de conselhos. Mr. Zhang está em casa, para falarmos com ele?

O velho endireitou-se e passou as mãos pelo casaco de malha. Juliette esperava que ele os mandasse embora, que lhes dissesse para voltarem noutra altura, para poderem sair dali para fora e assinalarem aquilo como um fracasso temporário. Desde que não levantassem suspeitas, poderiam regressar. Desde que aquele homem não prestasse muita atenção à cara deles e os julgasse estudantes universitários comuns que não valia a pena recordar.

Não esperava que o homem aclarasse a garganta imperiosamente e dissesse:

– Eu sou Mr. Zhang.

Roma e Juliette trocaram um olhar perplexo.

– Hã… não, não é.

A postura do homem descaiu. Expirou e deixou o seu ar presumido.

– Muito bem. Sou Qi Ren, assistente pessoal de Mr. Zhang. Podem entrar.

Juliette pestanejou – primeiro, confusa, com a peculiaridade daquele homem, depois surpreendida, por ele estar a convidá-los a entrar, em vez de

os mandar embora. Enquanto ali ficou especada, sentiu uma cotovelada de Roma, que lhe perguntou porque é que ela não se mexia, quando Mr. Qi deu meia-volta e se afastou arrastando os chinelos rijos.

Aquele não era o plano original de Juliette, mas se havia pessoa adaptável, era ela.

– Anda – murmurou a Roma. Apressaram-se a seguir Mr. Qi.

– Como devo tratá-los? – perguntou Mr. Qi por cima do ombro.

Juliette não hesitou um instante que fosse.

– Zhu Liye. E este é Mr. Montague. Que lindos sofás. – Sentou-se antes que ele pudesse convidá-la.

De sobrolho franzido, Mr. Qi afastou uma série de pastas da mesa ali perto, virando-as de modo que o seu nome de dois carateres e a marca de água do *Labor Daily* ficassem virados para baixo.

– Vai demorar algum tempo?

– Se não houver inconveniente – respondeu Juliette, animada.

Mr. Qi suspirou.

– Vou fazer chá.

Mal Mr. Qi se tinha afastado o suficiente na cozinha adjacente, atarefado em pôr a água a ferver, Roma virou-se para Juliette e sibilou:

– *Montague? A sério?*

– Cala-te – sibilou Juliette em resposta. – Não me ocorreu mais nada e não quis fazer uma pausa suspeita.

– És fluente em russo e *isso* foi o melhor que conseguiste? – perguntou Roma, embasbacado. – O que é um *Montague*? Soa italiano.

– Há comunistas italianos!

– Não em Xangai.

Juliette foi impedida de responder quando Mr. Qi surgiu para perguntar que tipo de chá queriam. Quando regressou à cozinha, satisfeito com as repostas corteses deles, de que qualquer um estava bem, Juliette baixou a cabeça e disse:

– Bem, ainda podemos fazer aquilo que viemos aqui fazer. Tens de o distrair.

– Podes repetir isso? – exigiu Roma. – Vais deixar-*me* aqui a socializar?

– Há algum problema?

– Sim, há um problema. – Roma recostou-se no sofá, as mãos pousadas no colo. – Como é que eu sei que vais partilhar qualquer informação que descubras, se isso não te convier?

Era perfeitamente válido ele desconfiar dela, mas isso não significava que Juliette gostasse da insinuação que iria sabotar aquela operação.

– Para de discutir comigo – respondeu ela. – A habitual descrição das nossas funções é: intimidação e tiros. Se conseguirmos levar isto a bom porto, devíamos considerar-nos cheios de sorte.

– Sinceramente, isso…

– Queres salvar a Alisa ou não?

Roma calou-se. Cerrou os punhos e Juliette não sabia se em reação à referência a Alisa, se para resistir a estender os braços para a estrangular. Mr. Qi voltou logo de seguida, com um bule e três chávenas redondas equilibrados nos braços frágeis. Sem perder tempo, Juliette pôs-se em pé de um salto e perguntou onde era a casa de banho. Mr. Qi apontou

distraidamente para o fundo do corredor, enquanto pousava as chávenas na mesa e Juliette foi-se embora, deixando Roma a fulminá-la com o olhar, ao mesmo tempo que começava a inventar ali mesmo uma história sobre a fundação do sindicato comunista da Universidade de Xangai, que nenhum deles sabia ao certo se existia ou não. O problema agora era dele. Juliette tinha coisas mais importantes em que pensar.

De ouvidos à escuta para se assegurar de que Roma continuava a discorrer sobre a solidariedade socialista, Juliette fez uma pausa ao fundo do corredor delapidado. Havia quatro portas: uma escancarada para a casa de banho, duas entreabertas, que davam para os quartos, e a quarta bem fechada, sem ceder quando Juliette rodou ao de leve a maçaneta. Se Zhang Gutai tinha alguma coisa a esconder, ela estaria atrás daquela porta.

Juliette preparou-se e bateu com a palma da mão na maçaneta com tanta força que a tranca simples estalou. Paralisada por um breve instante, Juliette esperou para ver se Mr. Qi viria a correr. Como não houvesse interrupção no discurso de Roma, ela rodou a maçaneta e esgueirou-se pela porta.

Juliette olhou em redor.

Havia uma bandeira vermelha com uma foice e um martelo amarelos ao longo de uma das paredes. Por baixo dela, uma secretária grande que estava amontoada com pastas e manuais, mas Juliette não perdeu tempo a olhar para eles quando se aproximou. Caiu de joelhos e puxou a gaveta de baixo na lateral da secretária. Imediatamente, a primeira coisa que viu foi o seu próprio rosto e, embora o papel fosse fino e frágil e a impressão torta, com a representação das suas feições completamente erradas e mal calculadas, continuava, sem dúvida, a ser *ela*, debaixo de um cabeçalho onde se lia: RESISTE AO GANGUE ESCARLATE.

– Interessante – sussurrou Juliette –, mas não é aquilo que eu procuro.

Afastou os cartazes para o lado e procurou mais fundo. Só encontrou papéis e mais papéis de propaganda sem qualquer relevância para ela, borrões de tinta escritos tendo em mente a incitação ao terror.

Contudo, na segunda gaveta, descobriu envelopes, todos embelezados com garatujas de ponta grossa de tinta que falavam de poder e riquezas. Juliette passou rapidamente o dedo por eles, pondo de parte convites de políticos do Kuomintang e ameaças veladas por parte de banqueiros e homens de negócios, assim como tudo o que parecesse vagamente ser uma perda de tempo. A sua atenção só foi captada quando deparou com um quadradinho branco, um envelope muito mais pequeno do que os outros. Ao contrário do resto, não tinha o endereço do remetente.

Em seu lugar, tinha uma pequena flor roxa a um canto, ali pressionada por um carimbo de borracha feito por encomenda.

– Um larkspur – murmurou Juliette, reconhecendo a imagem da flor.

Remexeu no envelope para retirar o papel lá de dentro. Era uma mera tira, dactilografada e aparada para caber.

Foi um prazer reunir para falar de negócios

Informe-me se mudar de ideias.

– Larkspur

Durante um longo momento, Juliette só conseguiu fitar aquele bilhete com a pulsação acelerada. O que significava? O que eram todas aquelas *peças,* parte de um *puzzle* maior, separadas umas das outras, mas claramente feitas para serem juntas?

Juliette enfiou novamente o envelope lá dentro e fechou a gaveta com força. Alisou o vestido e, antes que pudesse passar mais tempo e levantasse suspeitas acerca da sua ausência, saiu do gabinete, fechando a porta atrás de si com um leve estalido.

Inspirou profundamente duas vezes. O ritmo cardíaco desacelerou.

– … e, sinceramente, os nossos objetivos estendem-se muito além da revolução – dizia Roma quando ela entrou casualmente na sala. – Há planeamentos a fazer, adversários a eliminar.

– E tudo isso exige recursos muito maiores do que nós, claro – introduziu Juliette, reinstalando-se no sofá. Fez um sorriso tão largo que os caninos deslizaram para cima do lábio inferior. – E então, onde é que íamos?

*

– Zhu Liye.

Juliette ficou bruscamente em sentido, semicerrando os olhos ao mirar Roma. Teve de o fazer porque o sol brilhava com força atrás da cabeça dele, projetando raios que o iluminavam com uma claridade aberta, enquanto seguiam pelo passeio.

– Ainda estás a pensar nos nomes.

– Não, eu… – Roma fez um som que podia ter sido um riso, não fosse a hostilidade. – Agora é que eu percebi. Traduziste Juliette para chinês. Ju-li-ette. Zhu Liye.

Era evidente que Roma tinha estado a matutar naquela charada em particular desde o momento em que deixaram o apartamento de Zhang Gutai. Depois de lhe ter contado rapidamente o que descobriu no gabinete, Juliette ficara satisfeita por caminhar sem conversar enquanto desciam até à

rua. Roma mostrara-se de acordo com o exemplo dado por Juliette, até esse momento.

– Belo trabalho de detetive – entoou Juliette. Saltou do passeio para evitar uma poça, com os saltos a fazerem barulho na rua. Roma seguia-a de perto.

– Eu, na verdade… – Roma inclinou a cabeça de lado. Fê-lo quase como um pássaro: rápido e curioso e destituído de segundos motivos. – Não sei o teu nome chinês.

Juliette semicerrou os olhos.

– E isso importa?

– Estou só a ser cortês.

– Não sejas.

Outro período de acalmia. Desta vez, Roma não teve pressa de o preencher. Desta vez, limitou-se a esperar. Ele sabia que Juliette detestava o silêncio. Detestava-o tão violentamente que, quando ele a seguia como um demónio, quando se intrometia entre ela e fosse quem fosse que estivesse a caminhar, fosse inimigo ou amigo, Juliette esgravatava só para ter uma arma para o contrapor.

Ele ficou em silêncio. E Juliette cedeu.

– Cai Junli – disse ela, num tom de voz monótono. – Muda um pouco a pronúncia e Junli torna-se *Juliette*.

O nome dela não era segredo; estava simplesmente esquecido. Ela não era Juliette, a herdeira vinda do Ocidente – com o vestido de rapariga americana e o nome de rapariga americana. Se as pessoas de Xangai mergulhassem bem fundo nos recessos da sua memória, encontrariam o nome chinês de Juliette a espreitar algures entre a idade do avô delas e a

morada da sua terceira tia preferida. Mas nunca lhes chegaria aos lábios por instinto. O que era em vez disso dito era que anteriormente Juliette abrandara e distorcera num nome completo: *Zhūlìyè*.

– Nunca me contaste – disse Roma. Estava a olhar em frente. – Na altura.

– Houve muitas coisas que não te contei – respondeu Juliette. Da mesma forma fastidiosa, também ela acrescentou: – Antes.

Há quatro anos, a cidade não era a mesma. Muitos homens ainda usavam o cabelo comprido, naquilo a que se chamava uma «fila», uma trança caída pelas costas, com a parte da frente do couro cabeludo rapada. As mulheres usavam a roupa larga, as calças direitas.

Portanto, a qualquer lugar que Juliette ia, levava os seus vestidos vistosos. Desdenhava da roupa feia que as outras raparigas usavam e, quando a mãe ousou tentar que ela aderisse à moda habitual, arrancou as camisas desengraçadas do roupeiro e rasgou-as em pedaços, deixando os farrapos serem levados, em remoinhos pela canalização recém renovada. Deitou fora todos os qipao e pôs de parte todos os lenços de seda que Lady Cai tentou que usasse como meio-termo. Para evitar ser reconhecida quando conspirava com Roma, punha casacos por cima da roupa vistosa, claro, mas estava sempre a pisar o risco da imprudência. Juliette sempre preferiu a ideia de ser apanhada como traidora do que usar a mesma roupa que toda a gente. Preferia ser pária a admitir que o sangue que lhe corria nas veias era um produto do Oriente.

Juliette gostava de pensar que perdera um pouco da arrogância desde então. Da segunda vez que regressara de Nova Iorque, tinha visto o negrume por detrás do *glamour* do Ocidente. Já não era tão fantástico ser uma criança formada por partes ocidentais.

– Foi uma escolha minha.

Roma ficou visivelmente espantado com as palavras dela. Não estava à espera de que ela dissesse mais nada.

– O teu nome? – esclareceu ele.

Juliette acenou com a cabeça. Não olhou para ele, nem sequer pestanejou. Ela disse:

– Os miúdos de Nova Iorque gozavam comigo. Perguntavam-me como me chamava e depois riam-se quando eu lhes dizia, repetindo para mim aquelas sílabas estrangeiras, vezes sem conta, como se dizerem-nas a cantar as tornassem engraçadas.

Nessa altura, tinha cinco anos. A ferida do gozo já estava sarada, coberta por uma pele dura e por calos ásperos, mas continuava a dar a sua ferroada nos dias maus, como fazem as velhas feridas.

– O meu nome era demasiado chinês para o Ocidente – continuou Juliette, com um sorriso amargo nos lábios. Não sabia por que razão o seu rosto se transformara em diversão. Não se sentia nada divertida. – Sabes como é… ou se calhar não sabes. Uma coisa temporária num lugar temporário, mas agora a coisa temporária está enterrada tão fundo que não pode ser eliminada.

Mal *aquelas* palavras saíram, Juliette sentiu uma pontada de náusea na garganta: uma compreensão imediata e visceral de que falara de mais. A tonta Juliette *flapper*, destinada a ajudá-la a sobreviver ao Ocidente, enterrara as garras tão fundo que a verdadeira Juliette não sabia onde acabava a fachada e começava o seu verdadeiro «eu» – se restava sequer alguma coisa do seu verdadeiro «eu», ou se teria alguma vez existido. Todos os seus primos – Rosalind, Kathleen, Tyler – tinham nomes ingleses

para se adaptarem ao fluxo de ocidentais que controlavam Xangai, mas os seus nomes chineses continuavam a existir como parte da sua identidade; os seus familiares continuavam a tratá-los por eles de vez em quando. Juliette era sempre Juliette.

O ar estava peganhento. Caminhavam há tempo suficiente para entrarem na Concessão Francesa, andando ao longo de uma fileira de casas idênticas com paredes ofuscantemente brilhantes e retalhos generosos de vegetação.

Juliette puxou a gola, fazendo uma careta quando Roma abriu e fechou a boca.

– Juliette…

A linha entre inimigo e amigo era horizontal ou vertical? Era uma grande planície para percorrer ou um muro altíssimo – para ser escalado ou pontapeado com toda a força?

– Acabámos por aqui, certo? – perguntou Juliette. – Faz o que quiseres com esta informação. Tenho a certeza de que a ligação entre o Zhang Gutai e o Larkspur te vai dar muito trabalho.

Juliette guinou à esquerda, tomando um atalho por um pátio que a levaria à rua seguinte. Ali, a relva chegava-lhe aos tornozelos. Quando pousou o sapato, pareceu-lhe que o solo a engolia, afundando e amolecendo simplesmente com o seu passo. Era como umas boas-vindas – uma *pressa*, um *atravessar*.

Até Roma lhe apertar o ombro com a mão, fazendo-a parar à força.

– Tu *tens* – Juliette girou, dando-lhe uma palmada na mão – de parar de fazer isso.

– Ainda não acabámos – disse Roma.

– Acabámos, sim.

As sombras da casa mais perto eram pesadas. Roma e Juliette estavam exatamente onde as sombras terminavam, na fronteira entre luz e escuro.

Roma olhou-a de cima a baixo.

– Continuas a achar que é um esquema dos comunistas, não é? – perguntou ele de repente. A sua voz desceu uma oitava, como que dando-se conta de que precisavam de minimizar o volume da discussão enquanto estivessem numa rua daquelas.

À luz da manhã, era difícil lembrar o sabor do perigo. Mas um passo em falso – a pessoa errada a olhar pela janela no momento certo – e ficavam ambos em grandes sarilhos.

– Roma – disse Juliette friamente – acabámos a nossa colaboração.

– Não, *não* acabámos – insistiu Roma. – Porque isto não é uma coisa que possas investigar sozinha. Percebo o que estás a planear só de olhar para ti. Julgas que podes pura e simplesmente introduzir-te nos círculos comunistas com os teus recursos Escarlates…

Juliette aproximou-se um passo. Não sabia se era o brilho ofuscante do sol refletindo-se de uma janela ali perto, ou se estava suficientemente zangada para ver no seu campo visual uma brancura flamejante.

– Tu – disse ela, a ferver de raiva – não sabes *nada.*

– Sei o suficiente para ver aqui um *padrão* com o Larkspur. – Roma estalou os dedos na cara dela. – Sai disso, Juliette! Só estás a ignorar esta pista porque queres abandonar a nossa colaboração e começar a investigar outros comunistas! Não vai servir de nada! Estás no caminho errado e *tu sabes isso.*

As palavras dele tinham uma força física – picadas múltiplas na pele dela. Juliette mal conseguia respirar, quanto mais arranjar energia para falar, para continuar com os sussurros ensaiados daquele jogo de gritos. Odiava-o *tanto*. Odiava que ele tivesse razão. Odiava que incitasse nela aquela reação. E, sobretudo, odiava *ter* de o odiar, porque, se não o fizesse, o ódio haveria de se virar contra ela e não haveria nada a odiar, exceto a sua fraca vontade.

– Não podes fazer isso – disse Juliette. Agora parecia mais triste do que zangada. Odiava *aquilo*. – Não tens o direito de fazer isso.

Se ela se debruçasse, seria capaz de contar os pontinhos de pólen na cana do nariz de Roma. A atmosfera ali era demasiado inebriante, estranha e pastoral. Quanto mais tempo ficavam – alinhados com as paredes branco-pérola, de pé na relva ondulante –, mais Juliette se sentia pronta a descartar uma camada de pele. Porque é que nunca era capaz de… porque estava sempre destinada a acabar ali?

Roma pestanejou. Também ele aligeirou o mau feitio, o sussurro tornou-se suave.

– Fazer o quê?

Ver-me.

Juliette afastou-se. Envolveu a cintura com os braços.

– O que estás a sugerir? – perguntou ela em jeito de resposta. – Por que te agarras tão intensamente ao Larkspur?

– Pensa – disse Roma. Igualou o tom dela, baixo e constante. – Diz-se que o Zhang Gutai é o inventor da loucura. Diz-se que o Larkspur cura a loucura. Como pode *não* haver uma ligação? Como pode *não* se ter passado nada na sua reunião?

Juliette abanou a cabeça.

– Com ou sem ligação, se quisermos tratar disto pela raiz, vamos ao *criador*, não à *cura*…

– Não estou a dizer que o Larkspur tenha as respostas todas – apressou-se Roma a corrigir. – Estou a dizer que o Larkspur nos pode levar a arrancar mais ao Zhang Gutai. Estou a dizer que é outro caminho para a verdade se o Zhang Gutai não falar.

A lógica dele faz algum sentido, pensou Juliette. *Ele não está…* errado.

No entanto, Juliette manteve-se difícil. A mãe contou-lhe uma vez que ela quase nasceu na posição ao contrário – de pés –, porque Juliette sempre recusou o caminho mais fácil.

– Porque insistes em convencer-me? – disse ela. – Porque é que não vais confrontar o Larkspur sozinho e me mandas passear?

Roma baixou os olhos. Os dedos dele dobraram-se para ela; é possível que ele tivesse estado a resistir a tocar-lhe, mas Juliette tirou isso do pensamento mal surgiu. Suavidade e anseio eram sentimentos do passado. Se Roma alguma vez voltasse a percorrer a espinha dela com um dedo terno, seria para lhe contar as vértebras e estimar onde podia enterrar a faca.

– Escuta, Juliette – murmurou ele. – Temos duas metades de uma cidade. Se eu agir sozinho, não tenho acesso ao território Escarlate. Não vou arriscar falhar uma cura para a minha irmã, o mais depressa possível, só por causa da nossa vendeta. Ela já dura há tempo de mais. Não deixarei que leve a Alisa.

Os olhos dele desviaram-se de novo para ela e, nesse olhar, havia tanto tristeza como raiva, derramando-se para fora até circundar o espaço entre eles. Juliette também estava no cerne desse conflito, horrorizada por ter de

contestar aquela loucura com o rapaz que a despedaçara, mas ansiando por aquela cidade, pelo que descera sobre ela.

Roma estendeu a mão. Hesitante.

– Até que a loucura acabe, é tudo o que peço. Entre nós os dois, baixamos as facas, as pistolas e as ameaças durante o tempo que for preciso para impedir que esta cidade caia. Estás disposta a isso?

Ela não devia estar. Mas ele fizera as coisas mesmo bem. Para Roma, salvar Alisa era tudo. Fossem monstros ou curas mágicas de charlatães, a única coisa que ele queria era que ela acordasse outra vez. Para Juliette, era a cidade que vinha primeiro e era a cidade que ela punha em primeiro lugar. Precisava que a sua gente parasse de morrer. Era uma sorte esses dois objetivos aparecerem juntos.

Juliette estendeu a mão, apertando a de Roma. Passou um choque entre eles, uma faísca quente e terrível quando os dois pareceram dar-se conta de que, pela primeira vez em quatro anos, se tratava de um contacto de pele sem malícia. Juliette sentia-se como se tivesse engolido uma brasa a arder.

– Até que a loucura termine – murmurou ela.

Agitaram o braço duas vezes, depois Roma virou as mãos de ambos, de modo a que a sua ficasse em baixo e a de Juliette em cima. Já que não podiam ter nada, podiam ao menos ter aquilo – um segundo, um capricho, uma fantasia –, até Juliette ganhar tino e tirar a mão, devolvendo-a ao seu lugar, ao longo do corpo, de punho cerrado.

– Então, amanhã vamos à caça do Larkspur – decidiu Roma. A sua voz era áspera.

Capítulo 21

Com uma expressão forçadamente neutra, Kathleen entrou subrepticiamente na reunião comunista, colocando um pé à frente do outro e passando pelas pessoas que guardavam a porta.

Era uma coisa em que ela era boa: ver sem ser vista. Kathleen conseguia atingir um equilíbrio entre confiança e timidez, como se fosse um reflexo natural. Tinha aprendido a apanhar os fragmentos com que os outros se construíam, sacando dos atributos e moldando-os numa amálgama sua. Adotara a maneira como Juliette empinava o queixo quando falava, exigindo respeito mesmo quando mostrava o pior de si. Aprendera a imitar a maneira como Rosalind baixava os ombros quando o pai se lançava nos seus sermões intermináveis, fazendo-se assim mais pequena de propósito, para que ele se lembrasse de que ela era recatada e parasse, mesmo que houvesse um impercetível sorriso sarcástico nos seus lábios.

Às vezes, era difícil a Kathleen não esquecer que era a sua própria pessoa, não apenas estilhaços de um espelho, a refletir milhares de personalidades diferentes, as mais adequadas à situação.

– Com licença – disse Kathleen, distraída, e estendeu a mão para passar por dois comunistas que conversavam intensamente. Deram-lhe espaço sem prestar muita atenção, deixando Kathleen continuar a deslocar-se pela sala apinhada. Ela não sabia para onde se dirigia. Só sabia que tinha de continuar a andar até ao início da reunião, caso contrário, iria parecer deslocada.

A reunião teria lugar num grande salão, de teto alto, que se curvava acompanhando a inclinação do telhado. Num outro país, talvez aquilo pudesse ser uma igreja, com os vitrais e as vigas grossas de madeira. Ali,

era meramente usado para casamentos de estrangeiros e eventos organizados pelos ricos.

Era irónico que agora os comunistas arrendassem o espaço.

– Entra, sai – disse Kathleen para si, fazendo eco das palavras de Juliette nessa manhã.

Quando Juliette foi ter com ela e com Rosalind a pedir ajuda, fervilhava com uma energia frenética, com metade do braço já enfiado no casaco.

– Tem de haver uma razão, certo? – perguntou Juliette. – Os comunistas não andariam a falar de um génio no partido que sonhou tudo isto se não tivessem alguma espécie de prova. Se o Zhang Gutai for inocente, então a prova também o deve dizer e apontar noutra direção. Portanto, temos de chegar à prova.

Rosalind já fazia falta noutro sítio, no clube, para uma reunião importante que Lord Cai ia ter com estrangeiros a quem era preciso causar boa impressão, que tinham de ver Xangai em toda a sua glória brilhante e extravagante. Pela expressão contraída no rosto de Rosalind, o mais provável era, assim como assim, ela não estar desejosa de ser enviada aos comunistas. Por outro lado, Kathleen não se importava. Por mais que tentasse desprezar aquele estado de coisas, havia também algo a apreciar quando se estava enterrado até ao pescoço em caos e atividade, em tensões crescentes e explosivas. Fazia-a sentir-se parte de alguma coisa, mesmo que fosse apenas a pulguita presa à chita que corre atrás da presa. Se ela compreendesse a política, compreenderia a sociedade. E se ela compreendesse a sociedade, estaria bem equipada para lhe sobreviver, para manipular o campo de jogo à sua volta até ter oportunidade de viver a sua vida em paz.

Por mais que adorasse a irmã, Kathleen não queria sobreviver da mesma maneira que Rosalind sobrevivia, no meio das luzes e do *jazz*. Não desejava usar um disfarce e pôr pó na cara até ficar pálida como uma folha de papel, como Rosalind fazia todos os dias, com um sorriso amargo nos lábios. Juliette não sabia a sorte que tinha por ter nascido com a sua pele natural, as bochechas brancas e os pulsos macios de porcelana. Era preciso ter-se muita sorte na lotaria genética; bastava um código diferente para se ter uma vida inteira de adaptação forçada.

A única coisa que Kathleen podia fazer para sobreviver era traçar o seu próprio caminho. Não havia alternativa.

– Sou estudante universitária do primeiro ano – murmurou Kathleen, ensaiando a sua resposta, caso alguém lhe perguntasse quem ela era –, a trabalhar como repórter para o jornal universitário. Tenho esperança de aprender mais sobre as empolgantes oportunidades para os trabalhadores de Xangai. Cresci na pobreza. A minha mãe morreu. O meu pai morreu para mim… *ufa*!

Kathleen ficou paralisada. A pessoa em quem ela tropeçou fez uma pequena vénia pedindo desculpa.

– Perdoe-me, por favor. Não estava a ver para onde ia. – O sorriso de Marshall Seo era luminoso e determinado, mesmo com Kathleen a fitá-lo ininterruptamente. Ele não a reconheceu? O que estava ali a fazer?

Provavelmente o mesmo que tu.

– Não há nada para perdoar – respondeu rapidamente Kathleen, inclinando a cabeça.

Virou-se para se ir embora, mas Marshall deu um passo para o lado mais depressa do que o diabo esfrega um olho, colocando-se mesmo no caminho

dela. Kathleen não bateu com o nariz no peito dele por um triz.

– Tanta pressa? – perguntou Marshall. – A reunião só começa daqui a uns minutos.

Decididamente, reconheceu-a.

– Quero arranjar um lugar – respondeu Kathleen. O coração começou a martelar no seu peito. – A acústica da sala é fraca. É melhor estar o mais perto possível do palco.

Pouco importava que nenhum deles usasse as cores dos gangues e estivessem numa reunião liderada por um grupo que os rejeitava a ambos. Estavam de lados opostos: um choque era um choque.

– Oh, mas fica mais um pouco, querida! – insistiu Marshall. – Olha, ali… – Marshall pôs a mão no cotovelo dela. A mão de Kathleen fugiu imediatamente para a cintura, onde os dedos se fecharam em torno da arma que trazia por baixo do seu casaco.

O ar parou.

– Não faças isso – murmurou Marshall, quase com tristeza. – Tu sabes que não deves.

Um choque era um choque – então, porque é que ele não ia atrás dela? Estavam em território dos Flores Brancas. Seria uma fraca decisão da parte dela disparar contra ele, mas *ele* podia disparar contra *ela* – podia matá-la e os Escarlates nada poderiam fazer quanto a isso.

Devagar, Kathleen foi soltando os dedos da arma.

– Tu não sabes o que eu ia fazer.

Marshall sorriu. A expressão surgiu num ápice – séria durante um segundo e contente no seguinte.

– Não sei?

Ela não sabia como responder àquilo. Não sabia de todo como responder àquela conversa – como reagir a um tipo de coquetismo que mais parecia ser um traço da personalidade do que alguma coisa executada com um objetivo em mente. Como responder ao simples facto de que ele não lhe estava a apontar a arma.

Um truque. Os Flores Brancas sabiam jogar a longo prazo.

Marshall continuou ali de pé. Percorreu com o olhar a testa dela, o nariz e o pendente que tinha ao pescoço e, embora Kathleen quisesse instintivamente escapar ao escrutínio, em vez disso, copiou a má postura dos ombros descontraídos dele, quase o desafiando a dizer algo mais.

Ele não disse. Marshall sorriu, como se estivesse simplesmente a divertir-se naquele concurso de não pestanejar.

– Bem, foi uma conversa simpática. – Kathleen recuou um passo. – Mas agora quero ir à procura de um lugar. Adeus.

Ela afastou-se à pressa e a bufar, deixando-se cair na primeira cadeira vazia que encontrou perto da frente. Ela nem sequer se queria sentar. Estava a tentar falar com os comunistas. Porque é que era tão má a concentrar-se na sua tarefa?

Kathleen olhou em volta. À sua esquerda, uma velhota ressonava. À direita, dois jovens universitários – verdadeiros, ao contrário dela, a julgar pelos blocos de apontamentos – tinham a sua atenção intensamente focada na discussão de planos para depois da reunião.

Kathleen inclinou o pescoço, e depois mais um pouco, os dedos a tamborilar nas costas da cadeira freneticamente. Aparecia na sua mente um

relógio a fazer tiquetaque sempre que ela pestanejava, como se o tempo dela ali fosse uma coisa mensurável que em breve se esgotaria.

O olhar de Kathleen ficou preso num grupo de três homens calvos que estavam duas filas mais atrás. Quando ela se esforçou por ouvir e se concentrou, reparou que falavam em xangainês, debitando uma algaraviada acerca do estado da Expedição do Norte, espetando os dedos nos joelhos e as línguas a moverem-se tão depressa que salpicavam cuspo em todas as direções. A maneira como gesticulavam fê-la pensar que não seriam meros participantes casuais. Membros do partido.

Perfeito.

Kathleen abriu caminho, arrastando a cadeira até se poder sentar mesmo ao lado deles.

– Têm um segundo? – começou ela, interrompendo-os. – Sou da universidade. – Kathleen tirou um gravador do bolso e colocou-o à sua frente. Na verdade, estava estragado, tinha sido retirado – estranhamente – de um monte de balas por usar, no arsenal da mansão Cai.

– Temos sempre tempo para os nossos alunos – respondeu um dos homens. Empolou o peito, preparando-se.

Estou a gravar a tua voz, não a tirar-te uma fotografia, pensou Kathleen.

– Gostava de publicar um artigo sobre o secretário-geral do partido – disse ela em voz alta. – Zhang Gutai?

Os olhos dela desviaram-se para o palco. Agora havia pessoas que se reuniam na plataforma, mas falavam entre si, remexendo nos seus apontamentos. Tinha uns minutos até o lugar ficar em silêncio. Não podia levar calmamente aqueles homens a responderem às suas perguntas. Precisava de extrair a informação que queria o mais depressa possível.

– O que é que ele tem?

Kathleen aclarou a garganta.

– A revolução precisa de um líder. Acham que a natureza capaz dele pode ser uma mais-valia?

Silêncio. Por um momento, ela teve medo de se ter precipitado, de ter pisado um ninho de víboras e de as ter assustado, levando-as a retirarem-se para os seus buracos.

Depois os homens começaram a rir à gargalhada.

– A sua natureza capaz? – imitou um deles, com um resfolegar. – Não me faças rir.

Kathleen pestanejou. Esperava que as suas perguntas orientadoras os levassem a pensar que ela sabia mais do que realmente sabia. Parecia ser um palpite justo, que Zhang Gutai fosse capaz, não? Havia pouquíssimos traços de personalidade adequados a um génio que planeara uma epidemia. Em vez disso, o seu tiro no escuro fora parar a uma outra direção.

– Não acham que Mr. Zhang seja capaz? – perguntou ela, com a voz a transbordar de perplexidade.

– Porque é que achas que é? – disparou um dos três homens, retribuindo o genuíno espanto.

No palco, um orador deu uma pancadinha com o dedo no microfone. Um forte *feedback* percorreu todo o edifício, ressoando nos pequenos recantos nas alcovas do teto.

– É um pressuposto justo.

– É?

Kathleen sentiu o início de uma picada no maxilar. Não podia continuar a jogar aquele jogo. Não estava treinada na arte de dizer mentiras.

– Corre o rumor de que ele criou a loucura que varre Xangai.

Os três homens ficaram rígidos. Entretanto, o primeiro orador em palco começou a dar as boas-vindas aos presentes, agradecendo-lhes por terem aparecido e instando os que estavam ao fundo para se aproximarem da frente.

– Afinal, que espécie de artigo estás a escrever?

O sussurro veio a flutuar até Kathleen, vindo do homem sentado mais longe dela. Falava de uma maneira que fazia mexer apenas metade da boca, as palavras saíam pelo espaço entre os seus dentes e pela ranhura dos lábios.

Kathleen sentia as mãos pesadas com o gravador. Cuidadosamente, fechou o punho à volta dele e pô-lo de parte, decidindo que servira o seu propósito.

– Um estudo sobre o poder – disse ela – e a loucura que o acompanha. Um estudo sobre os poderosos e aqueles que têm medo dele. – Sem permitir qualquer equívoco relativamente ao significado das suas palavras, Kathleen murmurou: – A revelação da loucura.

Os aplausos percorreram o salão. Algures ao longe, Kathleen julgou ouvir um breve lamento de sirenes fundindo-se com o ruído, mas, quando os aplausos terminaram, a única coisa que ela conseguia ouvir era o orador seguinte – um verdadeiro bolchevique que tinha vindo de Moscovo – a aclamar os benefícios da sindicalização.

– Não interpretes mal. – O homem que estava mais perto de Kathleen cruzou o seu olhar com o dela por breves instantes, antes de fitar de novo o

palco. Se ele não tivesse feito aquela observação, Kathleen nunca teria achado que ele era comunista. O que fazia este homem diferente dos outros na rua? Em que momento é que o simples interesse pela política se tornava fanatismo, o bastante para se morrer por uma causa? – Se desejas revelar o papel do Zhang Gutai nesta loucura, não é o seu poder que o eleva.

– Então o que é? – perguntou Kathleen.

Nenhum dos homens se apressou a responder. Talvez o discurso do orador em palco fosse demasiado cativante. Talvez tivessem medo, pura e simplesmente.

– Vocês alegam ser arautos da igualdade. – Kathleen bateu com o pé num panfleto deitado ao chão. O texto grande, a negrito, sangrava tinta, ensopado com gotas do chá entornado por alguém. – Estejam à altura da alegação. Permitam-me que exponha o Zhang Gutai como sendo o canalha falso que é. Ninguém precisa de saber que a informação partiu de vocês. Nem sequer sei os vossos nomes. São soldados anónimos da justiça.

Passou um momento. Os homens estavam ansiosos por lhe contar. Ela via isso mesmo no brilhozinho dos seus olhos, no frenesim de adrenalina de quando se achava que se estava a fazer algo de bom ao mundo. O bolchevique que estava no palco fez uma vénia. O salão irrompeu numa onda de aplausos.

Kathleen aguardou.

– Queres escrever um estudo sobre o poder dele? – O homem que estava mais perto dela debruçou-se. – Tens de compreender o seguinte: o Zhang Gutai não é poderoso. *Tem um monstro a fazer o seu serviço*.

Uma corrente de ar frio atravessou o salão. Com os aplausos a esmorecer, a assistência ficou de novo em silêncio.

– O quê?

– Nós vimo-lo – disse o segundo homem com firmeza. – Vimo-lo sair do apartamento dele. Manda-o como a um demónio de trela, matar quem o incomoda.

– O partido inteiro sabe – acrescentou o terceiro homem –, mas ninguém fala contra a desonra enquanto a maré avança na direção que preferimos. Quem ousaria fazê-lo?

Sob as sombras coloridas dos vitrais, todo o público parecia avançar, à espera do orador seguinte enquanto o palco continuava vazio. Kathleen pode ter sido a única pessoa a olhar noutra direção.

Estes homens acham que avistamentos *do monstro provocam a loucura*, percebeu ela. Achavam que o monstro era um assassino que seguia as instruções de Zhang Gutai, matando quem o olhasse. Mas então, qual era o papel dos insetos naquilo tudo? Porque é que Juliette falara entre dentes de criaturas que pareciam pulgas e espalhavam a loucura?

– Isso a mim parece-me poder – observou Kathleen.

– O poder é uma coisa que poucos alcançam. – Um encolher de ombros. – Qualquer um pode ser mestre de um monstro se o seu coração for suficientemente perverso.

De repente, o salão ressoou com o caos, cadeiras a serem empurradas e ruídos estridentes ecoando no espaço. Subitamente, Kathleen lembrou-se de ter ouvido as sirenes ao longe e de as ter descartado, mas, na verdade, *tinham* sido sirenes, trazendo consigo uma execução que não era, de todo, a execução da lei, apenas a maneira como as coisas eram. Era território dos Flores Brancas. Pagavam à garde municipale dali uma grande maquia para manterem os gângsteres no poder, o que incluía irromper nas reuniões dos

comunistas, atacando todas as tentativas do partido de fazer progressos e incitar à revolução para erradicar o governo dos gângsteres.

– Parem imediatamente e mãos ao alto – disse um dos agentes.

A atividade aumentou ainda mais, com as pessoas a saírem pelas portas e a enfiarem-se debaixo das mesas. Kathleen ponderou vagamente fazer o mesmo, mas já havia um agente a dirigir-se a ela, com o intuito de a perseguir.

– Venez avec moi – exigiu o agente. – Ne bougez pas.

Kathleen ficou séria.

– Non, monsieur, j'ai un rendez-vous avec quelqu'un.

O agente sobressaltou-se, surpreendido. Não estava à espera da pronúncia parisiense. Ele próprio não tinha as feições dos franceses brancos que geralmente se viam na Concessão. À semelhança de tantos guardas da garde municipale, era um mero produto do governo francês, vindo de Annam ou de outro país a sul da China que não conseguira tirar os estrangeiros do seu governo.

– Maintenant, s'il vous plaît – disse bruscamente o agente, visivelmente eriçado com a insolência de Kathleen.

À sua volta, os comunistas estavam a ser empurrados para o chão e a serem cercados. Os que não tinham fugido suficientemente depressa seriam processados e colocados numa lista, nomes a serem observados, caso o partido crescesse e precisasse de ser reduzido.

– Ah, deixe-a.

Kathleen virou-se, de sobrolho carregado. Marshall estava a afastar o agente, acenando com a mão adornada com um anel que claramente

pertencia à coleção de relíquias Montagov. O anel brilhava com a luz e a expressão irada do agente suavizou-se. Aclarou a garganta e foi-se embora acossar a vítima mais próxima.

– Porque é que fizeste isso? – perguntou Kathleen. – Porque ofereceste a tua ajuda, se ninguém ta pediu?

Marshall encolheu os ombros. Do nada, parecia ter invocado uma maçã vermelha lustrosa.

– Pisam-nos o suficiente. Quero ajudar. – Deu uma dentada na maçã.

Kathleen puxou o casaco. Se puxasse com mais força, o tecido teria ficado com um vinco permanente.

– O que é que isso quer dizer? – perguntou ela friamente. – A garde municipale está do vosso lado. Nunca passariam por cima de *vocês*.

– Claro que passam. – Marshall sorriu, mas, desta vez, o sorriso não chegou aos seus olhos. – Passam sempre. Mal podem esperar por engraxar os sapatos e bater os pés de forma perentória. Há pessoas como nós a morrer todos os dias.

Kathleen não se mexeu.

Marshall não fez caso do desconforto dela. Prosseguiu, gesticulando por ali com a maçã.

– Tal como aqueles comunistas com quem estavas a falar aproveitariam a primeira oportunidade para tirar o secretário-geral do seu posto.

Kathleen mostrou-se ofendida.

– Estiveste a escutar a minha conversa?

– E se tiver estado?

As detenções pareciam estar a abrandar. Havia um caminho em linha reta desde eles até à porta e depois Kathleen teria liberdade, escapando com a informação recém-adquirida aninhada no peito.

Era uma pena que os Flores Brancas agora tivessem exatamente a mesma informação.

– Mete-te na tua vida – disse bruscamente Kathleen.

Antes que Marshall Seo pudesse roubar mais alguma coisa, ela foi-se embora.

Capítulo 22

A manhã passou a meio-dia com exaustão, os raios de luz cinzentos atravessavam as janelas sujas do clube burlesco. Juliette sacudiu o fumo de cigarro que flutuava debaixo do seu nariz, com uma careta e reprimindo a tosse.

– O radiador está estragado? – gritou Juliette, em voz alta. – Aumentem a temperatura! E vão buscar mais gim!

Ela já estava a usar um casaco comprido com um forro de pelo mais grosso do que os livros de contabilidade do pai, mas sempre que as portas se abriam, uma brisa fria entrava e enregelava ainda mais o dia frio.

– Já acabou a garrafa toda? – observou uma das empregadas de mesa. Trazia um pano na mão e estava a esfregar uma mesa ali perto, com o nariz franzido na direção do copo que estava em frente de Juliette.

Juliette pegou na garrafa vazia, examinou os pormenores delicados e pousou-a de novo, em cima de um panfleto. Encontrara o papel fino nas ruas, antes de entrar. Agora tinha o canto amarrotado por lhe ter mexido tanto.

VACINE-SE, lia-se no panfleto em letras grandes. Ao fundo, havia duas linhas impressas, com um endereço do Colonato Internacional.

– Mais cuidado com as críticas, senão ainda te despeço – respondeu Juliette, exprimindo a ameaça sem grande convicção. Estalou os dedos a uma ajudante da cozinha que ia a passar. – Vá lá! Outra garrafa!

A ajudante da cozinha apressou-se a ir atender o pedido. A clientela no clube burlesco era escassa durante o dia e, para os gângsteres que apareciam a essas horas, não havia nada para fazer a não ser ficar por ali a assistir à reduzida rotina diurna de Rosalind. À noite, empenhavam-se todos os

esforços e Rosalind chutava e dançava o *cha-cha-cha* até à extravagância. As luzes brilhavam na sua máxima capacidade e o barulho bastaria para dar energia aos candelabros, cujo brilho dourado se recortava no teto vermelho nebuloso. Mas, enquanto o Sol estava bem alto lá fora e eram poucos os corpos espalhados à volta das mesas redondas, era como se aquele lugar estivesse em hibernação. Rosalind geralmente trabalhava duas horas durante o dia e era claro que as odiava, a julgar pela sua incapacidade em prestar atenção. Do seu lugar no palco, ergueu uma sobrancelha a Juliette, perguntando-lhe sem palavras por que razão estava a fazer uma cena, e deixou escapar, nesse processo, as primeiras notas da canção seguinte.

– A beber à uma da tarde? – fez notar Rosalind quando foi ter com Juliette, uma hora depois, finalmente terminada a sua atuação.

Tendo já mudado o vestido brilhante de palco, deixou-se cair na cadeira em frente de Juliette com o qipao verde-escuro, fundindo-se com o verde intenso do assento. Só os seus olhos negros se destacavam naquela luz insípida. Tudo o resto se tornou estranho e cinzento.

– Bem, estou *a tentar.*

Juliette serviu com destreza, depois ofereceu a chávena meio cheia a Rosalind.

Ela bebeu um gole. Fez uma careta tão forte que o seu queixo, geralmente afilado, se metamorfoseou em três.

– Isto é *horrível.* – Ela tossiu e limpou a boca. Então, olhou em redor, mirando as mesas vazias. – Tens outra vez um encontro aqui com alguém?

Um mercador, estava Rosalind a sugerir, ou talvez um diplomata estrangeiro, um homem de negócios – pessoas no poder, com quem Juliette devia ser tu cá, tu lá. Mas desde Walter Dexter, que tinha sido mais uma

peste do que outra coisa qualquer, o pai não lhe dera mais ninguém com quem se encontrar. Tinha apenas uma tarefa: descobrir porque estavam a morrer as pessoas de Xangai.

– Sempre que bato à porta do meu pai para perguntar se há alguém importante com quem deva ter umas falinhas-mansas, ele enxota-me como… – Juliette executou uma imitação exagerada da expressão preocupada do pai, agitando a mão rapidamente no ar, como um peixe morto.

Rosalind reprimiu uma gargalhada.

– Então, não tens nenhum sítio melhor onde estar?

– Estou só a passar algum tempo na companhia do teu talento – respondeu Juliette. – Estou tão *entediada* com esta gente comum que não sabe a diferença entre um *dropkick* e um *flat kick*…

Rosalind fez uma careta.

– *Eu* não sei a diferença. Tenho quase a certeza de que inventaste esses termos agora mesmo.

Juliette encolheu os ombros e engoliu o resto da bebida. A resposta que ela dera era verdadeira. Só precisava de ser vista no clube burlesco durante tempo suficiente para não ser suspeito quando viesse o crepúsculo e ela se esgueirasse para ir ao encontro de Roma.

Juliette estremeceu. *Esgueirar-me para ir ter com Roma*. Trazia demasiadas lembranças. Uma ferida há tanto tempo removida e, no entanto, ainda fresca, aberta e dolorosa.

– Estás bem?

Rosalind sobressaltou-se.

– Porque é que não havia de estar?

A aplicação cosmética era boa, mas Juliette também passava muito tempo todas as manhãs em volta dos frascos e boiões. Sem ter de olhar muito atentamente, conseguia perceber que Rosalind pusera muitas camadas de cremes e pó, conseguia identificar exatamente onde a sua pele estava coberta por uma camada de cosméticos, para cobrir as sombras e as olheiras.

– Preocupa-me que não andes a dormir o suficiente – respondeu Juliette.

Um estrondo forte veio da esquerda. A empregada que limpava a mesa tinha derrubado um castiçal.

Rosalind abanou a cabeça – podia ter sido um movimento tanto de desaprovação da empregada como de resposta a Juliette.

– Tenho dormido, só que não durmo bem. Estou sempre a sonhar com aqueles insetos. – Estremeceu e depois inclinou-se para a frente. – Juliette, sinto-me uma inútil, de braços cruzados enquanto a cidade se desmorona. Deve haver alguma coisa que eu possa fazer…

– Relaxa – disse Juliette delicadamente. – Não é uma tarefa para ti.

Rosalind pousou as mãos abertas em cima da mesa. O seu maxilar ficou tenso.

– Eu quero ajudar.

– Ajudas-me se dormires. – Juliette tentou sorrir. – Ajudas-nos dançando com o teu maravilhoso brilhantismo, para que possamos esquecer, nem que seja por minutos, que há pessoas a pilhar lojas e a incendiar as ruas.

Só para que pudessem esquecer que a loucura chegava a todos os recantos da cidade, que aquilo não era uma força que os agentes da polícia ou os

gângsteres ou os poderes colonialistas pudessem contra-atacar.

Rosalind não respondeu durante um longo momento. Depois, para choque de Juliette, perguntou:

– Só sirvo para isso?

Juliette sobressaltou-se.

– Perdão?

– Uma pessoa podia pensar que já nem preciso de ser uma Escarlate – disse Rosalind amargamente. A sua voz estava quase irreconhecível, forjada por um caco de vidro. – Sou apenas uma dançarina.

– *Rosalind.* – Juliette também se inclinou para a frente então, os olhos semicerrados. De onde é que aquilo vinha? – És uma dançarina, sim… mas estás no núcleo duro Escarlate, a par de reuniões e correspondências em que nem sequer o teu pai pode meter o nariz. Como podes duvidar de ser uma Escarlate?

Mas Rosalind tinha um olhar perturbado. A amargura cedera lugar à angústia e a angústia consumiu-lhe o temperamento, até ela se limitar a olhar em frente, derrotada. O avistamento do monstro afetara-a mais do que ela deixava transparecer. Fizera-a mergulhar em noites longas e espirais e agora questionava tudo em que assentava a sua vida, o que era perigoso para uma pessoa como Rosalind, cuja mente já era um eterno lugar, sepulcral.

– É só que, às vezes, parece injusto – disse Rosalind baixinho – que tu possas *estar* nesta família e que tenhas o teu lugar no Gangue Escarlate, mas eu ou sou uma dançarina ou não sou nada.

Juliette pestanejou. Não havia nada a dizer quanto a isso. Nada, a não ser:

– Eu… lamento. – Juliette estendeu o braço e pousou a mão na da prima. – Queres que eu fale com o meu pai…

Rosalind abanou rapidamente a cabeça. Riu-se, nervosa.

– Deixa lá, por favor – disse ela. – Eu sou… não sei. Não sei o que se passa comigo. Preciso de dormir mais. – Pôs-se em pé nesse momento, apertando uma vez a mão de Juliette antes de se ir embora. – Agora tenho de ir para casa descansar, se quero estar pronta para o meu turno hoje à noite. Vens?

Não ia, mas também não queria deixar Rosalind ir, enquanto parecia ainda existir um conflito – um conflito entre elas – que ficara por resolver. Era enervante. Juliette tinha os pelos do pescoço em pé, como se ela e a prima tivessem acabado de discutir, mas não conseguia identificar onde estava a fricção. Talvez fosse imaginação sua. Os olhos de Rosalind estavam agora mais límpidos, injetando vitalidade no seu corpo. Talvez tivesse sido apenas um breve momento de desânimo.

– Vai tu – respondeu finalmente Juliette. – Ainda tenho mais tempo para gastar.

Anuindo, Rosalind sorriu uma vez mais. Saiu pela porta e outra corrente de ar frio entrou, esta sacudindo Juliette tão terrivelmente que ela envolveu todo o pescoço com o casaco, tornando-se uma rapariga engolida por pelo. Agora nem sequer havia um espetáculo para a manter entretida. Não tinha alternativa, a não ser ficar a observar os seus Escarlates.

– Há quanto tempo estás a limpar essa mesa? – chamou Juliette.

E empregada olhou para ela, a suspirar.

– Xiǎojiě, as nódoas são persistentes.

Juliette pôs-se de pé muito depressa, batendo com os saltos. Estendeu o braço para o pano.

A empregada pestanejou.

– Miss Cai, não é adequado sujar as mãos…

– *Passa-mo.*

Ela obedeceu. Juliette amarfanhou-o no punho. Com três movimentos rápidos e violentos – a mão descendo sobre a mesa com tanta força que foi audível –, a superfície ficou lisa, limpa e brilhante.

Juliette devolveu o pano.

– Usa os cotovelos. Não é assim tão difícil.

*

– Pensei numa coisa.

Benedikt ergueu os olhos do caderno de esboços, semicerrando-os para se focar no rosto de Marshall. O dia estava nublado, mas continuava a haver uma luminosidade ofuscante a atravessar as nuvens grossas e a entrar na sala de estar. O resultado era um céu terrivelmente deprimente, sem o conforto de uma chuva pesada, a sério.

– Tenho os ouvidos na parte de cima da cabeça.

Marshall deixou-se cair também no sofá comprido, afastando descuidadamente as pernas de Benedikt. Fingiu não ouvir o som de protesto que Benedikt fez, não se mexendo sequer quando estava quase sentado sobre os pés descalços do amigo.

– Não achas algo peculiar que Lord Montagov nos tenha enviado para tantas missões Escarlates ultimamente? Como é que ele está a receber esta informação?

– Não é peculiar. – Benedikt redirecionou a sua atenção para o movimento do lápis no papel áspero. – Temos espiões no Gangue Escarlate. Sempre tivemos espiões no Gangue Escarlate. Eles certamente também têm espiões nas nossas fileiras.

– Temos espiões, é certo, mas não a este nível – respondeu Marshall.

Tinha sempre um ar tão sombrio quando tentava concentrar-se. Benedikt achava uma certa piada a isso, para ser sincero. Não condizia com Marshall – era como um bobo a usar um fato de três peças.

– O quê? Achas que nos conseguimos infiltrar no núcleo duro deles? – Benedikt abanou a cabeça. – Se assim fosse, nós saberíamos. Podes parar de te mexer tanto?

Marshall não parou de se mexer. Parecia estar a ajustar o assento para se pôr confortável, mas as almofadas do sofá iriam soltar-se e voar dali para fora se ele continuasse com aquilo. Por fim, instalou-se e apoiou o queixo no punho.

– A informação tem sido tão precisa ultimamente – disse Marshall, com uma ponta de reverência na voz. – Tinha a hora do baile de máscaras antes do Roma. Hoje de manhã, mandou-me atrás da Kathleen Lang e sabia a localização exata dela. Como é que o teu tio está a fazer isto?

Benedikt ergueu os olhos do desenho, depois baixou-os de novo, o lápis a desenhar um arco rápido. A linha de um maxilar fundiu-se com a curva de um pescoço. Uma mancha no sombreado tornou-se uma covinha.

– Lord Montagov mandou-te atrás da Kathleen Lang? – perguntou ele.

Marshall recostou-se.

– Bem, não te vai mandar ou ao Roma a uma reunião comunista. Falas a língua, mas a tua cara não passa despercebida como a minha.

Benedikt revirou os olhos.

– Sim eu compreendo isso. Mas porque é que agora andamos a seguir a Kathleen Lang?

Marshall encolheu os ombros.

– Não sei. Deduzo que queiramos a informação que ela obtém. – Semicerrou os olhos para o tempo do outro lado da janela. Passou um instante de silêncio, nada a não ser o som rápido do sombreado com o toco de lápis de Benedikt.

– Será que devemos retomar a nossa procura de uma vítima viva hoje? – perguntou Marshall.

Benedikt deduzia que sim. Estavam a ficar sem tempo. Alisa contava com eles e, se ainda tinham mais caminhos a percorrer para encontrar uma cura, não lhes competia pelo menos tentar?

Com um suspiro, Benedikt atirou o caderno de esboços para a mesa.

– Acho que devemos.

– Podes sempre recomeçar a desenhar depois de fracassarmos e darmos a noite por terminada – prometeu Marshall. Inclinou o pescoço e espreitou para o caderno de esboços. – Mas o meu nariz não é assim tão comprido.

*

Ao pôr do Sol, Juliette saiu sub-repticiamente do clube burlesco com a cabeça para baixo, o queixo enfiado na gola do casaco. Era simultaneamente um esforço para evitar ser vista e ter de se proteger do vento gelado – uma ventania que lhe picava a pele a cada ponto de contacto. Não sabia o que se passava com aquele dia, que trazia consigo o início do inverno de forma tão gélida.

– Pãezinhos, pãezinhos quentes por dois cêntimos! Compre já, coma-os quentes…

– Miss, miss, vendemos peixe barato…

– A sina! Lemos as mãos! Xiăojiĕ, tem ar de quem precisa…

Juliette desviava-se para a esquerda e para a direita no mercado ao ar livre, de olhos postos nos sapatos. Puxou o capuz do casaco para cima até a maior parte do cabelo estar enterrada no pelo e a maior parte do rosto ser engolida pelo cabelo. Não era que fosse perigoso ser reconhecida – tinha dez mil desculpas na manga quanto a onde se dirigia, mas não estava com disposição para elaborar mentiras. A cidade era uma velha amiga. Não precisava de levantar os olhos para saber por onde ir. Por aqui, por ali e por além, não tardou a estar a percorrer a Avenue Edward VII, levantando finalmente a cabeça e fortalecendo as faces contra o frio, à procura de Roma.

A atividade ao longo daquela rua dirigia-se toda num sentido – para o Grande Mundo. Não era justo chamar àquele lugar «arcada», como Juliette gostava de fazer. Era antes um complexo de entretenimento interior, com tudo o que havia neste mundo. Espelhos que distorcem, pessoas a andar na corda e salas de gelados juntavam-se numa cacofonia de atividade que funcionava de maneira a sugar um dia na vida de uma pessoa e todo o dinheiro da sua carteira. A atração central era a ópera chinesa, mas Juliette nunca gostara muito dela. A sua parte preferida era os mágicos, embora não entrasse na arcada há anos e, por esta altura, todos os mágicos que ela conhecera em tempos teriam provavelmente ido embora ou sido substituídos.

Com um suspiro, Juliette passou os olhos pelas populares personagens chinesas sentadas diretamente em cima do Grande Mundo. Pareciam arder, iluminadas por trás pela luz vermelho alaranjada do Sol que desaparecia.

Branco… dourado… dragão… cigarros, traduziu ela, sendo a tarefa mais confusa do que seria necessário. Durante breves instantes, esquecera-se de ler da direita para a esquerda, em vez de da esquerda para a direita, como se habituara nos últimos anos.

– Concentra-te – disse para si mesma.

A atenção errante de Juliette desceu para seguir o fluxo de rostos que entravam e saíam pelas portas do Grande Mundo. Procurou cuidadosamente – perscrutando as massas na noite que caía rapidamente, enquanto seguiam os anúncios barulhentos de todos os vícios disponíveis – até o olhar dela parar em frente de uma loja de vestidos. Encostado a uma tabuleta, Roma tinha as mãos enfiadas bem fundo nos bolsos, o rosto com olheiras.

Juliette caminhou até lá, por uma vez na vida, os sapatos silenciosos na gravilha. Preparava-se para lhe dar um ralhete por estar tão longe do edifício, dificultando a tarefa de ser encontrado. Só que, quando se aproximou, havia alguma coisa na expressão dele que a fez parar ainda antes de começar.

– O que se passa…

– Não olhes para trás – começou Roma –, mas foste seguida.

– Não fui nada.

A negação dela foi rápida e inabalável, embora fosse mais um ato de rebelião da sua parte do que uma verdadeira certeza. Enquanto ela falava, o seu primeiro instinto foi virar-se e provar a Roma que estava errado, mas a razão instruiu-a a conter-se. Manteve-se imóvel, com todos os tendões do

pescoço tesos. Efetivamente, estivera demasiado perdida nos seus pensamentos enquanto traçava o seu caminho, concentrando-se mais em manter o rosto escondido dos que estavam à sua vista do que em procurar alguém escondido na sua visão periférica. Será que teria apanhado alguma coisa?

– Um homem branco parou exatamente quando tu paraste – disse Roma. – Tirou um jornal do bolso e começou a ler no meio da rua. Não sei o que pensas disto, mas, para mim, é muito suspeito.

Juliette começou a remexer no bolso, a praguejar para si mesma.

– Pode não ser uma ameaça – insistiu ela. – Talvez seja um dos teus… a supervisionar as tuas atividades.

– Não é russo – contrapôs Roma imediatamente. – A roupa e o penteado dizem que deve ser britânico e não temos nenhum desses nas nossas fileiras.

Juliette encontrou finalmente aquilo que procurava, tirando o pó facial. Abriu a caixa e posicionou o espelho no interior de maneira a passar em revista as ruas escurecidas atrás de si sem se virar.

– Encontrei-o – informou Juliette. – Lenço amarelo na lapela?

– É esse – respondeu Roma.

Não sabia como é que Roma o distinguira como sendo britânico. Parecia-se com qualquer outro estrangeiro na rua.

Juliette espreitou mais perto do espelho. Alterou ligeiramente o ângulo, ligeiramente…

– Roma – disse ela, levantando a voz. – Ele tem uma arma.

– Todos os estrangeiros desta cidade têm uma arma…

– Está a apontá-la para nós – interrompeu Juliette. – Acabou de a sacar de trás do jornal.

Desceu sobre eles um silêncio tenso, enquanto pensavam desesperadamente nas opções que tinham. À volta deles, Xangai continuava a mover-se, viva, vibrante e inabalável. Mas Roma e Juliette não podiam voltar a misturar-se com a multidão sem serem seguidos até onde quer que fosse que se dirigissem de seguida. Não havia cobertura atrás da qual se escondessem e desaparecessem, não havia nenhum sítio onde pudessem sacar das armas antes que o britânico os visse e disparasse primeiro.

– Desaperta o casaco e abraça-me – disse Roma.

Juliette engasgou-se com a súbita gargalhada que deu. Ficou à espera de ouvir mais, mas ele estava a falar a sério.

– Estás a brincar – disse ela.

– Não estou, não – contrapôs Roma com tom de voz neutro. – Faz isso, para que eu possa disparar contra ele.

O mirone britânico estava a mais de cem passos de distância. Havia dezenas de pessoas a andar de um lado para o outro no espaço entre eles. Como esperava Roma disparar contra ele naquelas condições, enquanto *abraçava* Juliette?

Ela deu um puxão à fita em torno da cintura, abrindo o casaco e levantando o braço no mesmo movimento. Na outra mão, fechou o espelho, deixando de ver o mirone.

– Espero que saibas o que estás a fazer – disse ela. Sentia uma tensão nos pulmões. A pulsação era como um tambor de guerra.

Enlaçou os braços no pescoço de Roma.

Juliette ouviu-o suster a respiração. Uma inspiração rápida, praticamente impercetível se ela não estivesse tão perto. Talvez ele não tivesse considerado o facto de que pedir a Juliette que fosse a sua cobertura implicava ficar perto dela. Certamente não esperara que o queixo de Juliette encontrasse automaticamente o seu lugar na concavidade onde o ombro dele se unia ao pescoço, como dantes acontecia sempre.

Tinham os dois ficado mais altos e com mais espinhos. Porém, Juliette encaixara tão facilmente – demasiado para o gosto dela.

– Aproxima-te mais – instruiu Roma. Ela sentiu o braço dele mover-se, sacar da pistola de trás da cobertura do casaco dela, que enfunava de ambos os lados à brisa.

Juliette lembrou-se de quando Roma lhe jurou que nunca pegaria numa arma. Nunca se sentiu à vontade com armas automáticas, como ela se sentia. Naqueles poucos meses que ela passou em Xangai aos quinze anos, Roma não vivia a mesma vida que ela. Enquanto ele se movimentava confortavelmente como herdeiro dos Flores Brancas, Juliette debatia-se para ser vista, agarrando-se a cada palavra do pai, com medo de ser colocada na obscuridade se falhasse uma única instrução que fosse.

Não temos o luxo da piedade, Juliette. Olha para esta cidade. Olha para a fome que se debate sob a camada de glamour.

A tática pedagógica preferida do pai dela era levá-la ao sótão de casa, para poderem escrutinar juntos da janela mais alta o centro da cidade, no horizonte.

Os impérios podem cair numas meras horas. Este não é diferente. Aqui em Xangai, quem disparar primeiro tem mais hipóteses de sobreviver.

Juliette tinha aprendido a lição. Parecia que Roma aprendera a mesma coisa nos anos em que ela estivera fora.

– Não falhes – murmurou Juliette.

– Eu nunca falho.

Soou um *bang* no espaço entre eles. Juliette virou-se imediatamente para ver o mirone britânico cair no seu lugar, com uma mancha vermelho-viva a crescer no seu peito. Havia um buraco fumegante no casaco de Juliette, mas ela mal reparou. Tinha a cabeça nos gritos que ressoavam à sua volta enquanto procuravam a origem do som, no alvoroço que começara sobre as pedras da calçada.

O ruído dos tiros era comum em Xangai, mas nunca num lugar com tanta gente, nunca num lugar que os estrangeiros gostavam de elogiar junto dos amigos no país de origem. O som dos tiros pertencia aos gângsteres e aos conflitos nas linhas territoriais, nas horas em que o diabo se passeava pelas ruas e o luar emanava do céu. O momento presente devia estar reservado ao calor do poente. Devia ser uma altura em que se fingia que Xangai não estava dividida ao meio.

Contudo, no caos havia três outros lugares de quietude total.

Juliette não tinha sido seguida por um homem. Tinha sido seguida por quatro.

Portanto, *agora* tinham de fugir.

– A arcada – ordenou Juliette. Virou-se para Roma, franzindo a testa perante a lentidão dele. – Vá *lá*. É a primeira vez que tenho de fugir de um crime que cometi.

Roma pestanejou. Tinha os olhos esbugalhados, incrédulos. Parecia não estar inteiramente presente quando mergulharam na multidão, abrindo

caminho por entre a abundância de mãos e cotovelos que surgiam de todas as direções, numa tentativa de encontrar segurança.

– Um crime que *tu* cometeste? – disse Roma, baixinho. Juliette teve de fazer um esforço para o ouvir. – *Eu* é que disparei a arma.

Juliette bufou e deu meia-volta.

– Precisas mesmo dos louros de… – A sua frase morreu-lhe nos lábios. Julgara que Roma a estava a corrigir, reclamando a autoria do crime, mas depois viu a expressão que ele tinha no rosto. Tinha sido uma acusação.

Ele não quisera disparar.

Juliette virou-se rapidamente, a abanar a cabeça como se tivesse visto alguma coisa que não devia. Ali estava ela, a pensar que ele se adaptara finalmente à arma e, no segundo seguinte, surpreendia-a com a sua atuação. Quanto do seu exterior seria uma mera imagem? Até àquele momento, Juliette não considerara que, enquanto Roma era arrastado para rumores da crueldade *dela*, julgando-a transformada noutra pessoa, talvez Juliette tivesse caído na mesma armadilha, engolindo as histórias de gelo e frieza com origem nos próprios Flores Brancas.

Juliette franziu o sobrolho, baixando-se para atravessar o pequeno espaço entre duas sombrinhas abertas. Quando saiu do outro lado, os seus olhos vaguearam de novo até Roma – o maxilar cerrado e o olhar calculista.

Era como se ela nunca soubesse o que era real e o que não era no que tocava a Roma Montagov. Julgava que o conhecia, mas depois não conhecia. Achava que se tinha ajustado depois da traição dele, marcando-o como perverso e sedento de sangue, mas parecia que continuava a não ser isso.

Talvez não houvesse verdade. Talvez nada fosse tão fácil como uma verdade.

– Rápido – disse-lhe Juliette, abanando a cabeça para desanuviar.

Conseguiram entrar no Grande Mundo, fazendo uma pausa à entrada para verificarem os perseguidores. Juliette olhou por cima do ombro e descobriu dois dos três homens que vira antes, cada um a abrir caminho por entre a multidão, de olhos colados nela. Moviam-se de maneira estratégica, sempre atrás de alguém, sempre baixos, perto do chão. Roma puxava o ombro de Juliette para que ela continuasse a andar, mas ela estava à procura do terceiro homem, levando a mão ao tornozelo.

– Onde está ele? – perguntou.

Roma procurou na multidão e, passada uma fração de segundo, apontou para o lado, onde o homem corria, talvez à procura de uma entrada alternativa para o Grande Mundo, para os poder encurralar lá dentro.

Juliette sacou da pistola que tinha na meia. O homem estava a segundos de desaparecer da vista.

Embora Roma não fosse o brutal herdeiro que a cidade julgava, isso não significava que a reputação de Juliette fosse menos verdadeira.

O homem que corria tombou quando a bala de Juliette lhe penetrou o pescoço. Ainda a sua pistola fumegava quando ela deu meia-volta e se embrenhou no edifício.

No interior do Grande Mundo, a maior parte das pessoas não tinha ouvido os tiros, ou julgara simplesmente que fossem parte do som e da atmosfera da arcada. Juliette seguiu, sinuosa, pela multidão, o seu reflexo a passar, disparado, pelo canto do seu olho enquanto tentava ultrapassar a exibição de espelhos que distorcem imagens.

– Como é que vamos despistar os outros dois? – gritou Roma.

– Segue-me – disse Juliette.

Abriram caminho pela parte mais compacta da multidão e irromperam, no centro ao ar livre do Grande Mundo. Desenrolava-se ali um espetáculo operático, mas Juliette estava muito ocupada, a tentar encontrar outra entrada para o edifício do Grande Mundo, mirando freneticamente as escadas externas que iam de um piso ao outro aos ziguezagues. Juliette avançou de novo e passou pelo meio de uma família de cinco, depois foi embater numa mulher com uma gaiola e estremeceu quando a gaiola caiu com estrondo ao chão e o pássaro soltou um grito de morte.

– Juliette – disse Roma lá de trás. – Cuidado.

– Despacha-te – respondeu Juliette bruscamente.

Os cuidados dele estavam a atrasá-los. Juliette captou o vislumbre de um seguidor num espelho da exposição. O outro chocou com um escrivão de cartas de amor exasperado, que se dirigia à saída.

– Onde vamos? – disse Roma, bufando.

Juliette apontou para as largas escadas brancas que assomavam à vista.

– Para cima – disse ela. – Depressa, depressa… não, Roma, *baixa-te!*

No momento em que subiram as escadas, elevando-se acima da multidão, os perseguidores dispararam contra eles. As balas fizeram ricochete no espaço aberto, impelindo Juliette a subir os degraus de três em três.

– Juliette, não gosto disto! – gritou Roma. Os passos dele eram mais pesados do que os dela, precisando de subir quatro de cada vez para se manter ao ritmo dela.

– Também não é a minha ideia de diversão – gritou Juliette em resposta, chegando ao patamar do segundo piso a cambalear e irrompendo de volta ao edifício central, circular. – Continua!

Aquele piso estava ocupado por pessoas, não por atrações: chulos, atores e barbeiros que ofereciam os seus serviços aos que os procuravam.

– Por aqui – disse Juliette, ofegante. Passou disparada pela fila espantada de extratores de cera dos ouvidos e irrompeu por entre duas portas oscilantes. Roma seguiu-a de perto.

– Aqui, aqui.

Juliette agarrou a manga de Roma, puxando-o furiosamente para as filas de vestidos com bainhas rendadas.

– Estamos…? Estamos a esconder-nos? – murmurou Roma.

– Só temporariamente – respondeu Juliette. – Agacha-te.

Agacharam-se por entre as roupas, sustendo a respiração. Um segundo mais tarde, as portas abriram-se e entraram os dois perseguidores que restavam, respirando ruidosamente no silêncio do vestiário.

– Vai ver aquele lado – exigiu um ao outro. Pronúncia britânica. – Não podem ter ido para longe.

Juliette ficou a ver os dois homens afastarem-se, seguindo o seu progresso através dos pés, à espera de que os dois pares de sapatos estivessem separados a uma boa distância.

– Aquele é para ti – murmurou Juliette, apontando para o par de sapatos que se aproximava cada vez mais. – Mata-o.

Roma agarrou-a pelo pulso, num gesto rápido.

– Não – sibilou baixinho. – São dois contra dois. Podem ser poupados sem danos.

Um som metálico ressoou pela sala. Um dos homens tinha tropeçado num cabide.

Juliette afastou o pulso rudemente, depois anuiu, para não gastarem mais tempo a discutir. Apressou-se em frente. Enquanto o homem que ela atribuíra a Roma parava junto dele, provavelmente a perscrutar o ambiente em volta, o outro continuou a andar e, para se manter a par dele, Juliette não teve alternativa a não ser saltar da sua posição de cócoras e mexer-se depressa, desatando a correr por entre os cabides com as costas encurvadas.

Não sabia o que a denunciou. Talvez o seu sapato tivesse chiado ou talvez a sua mão tivesse roçado num cabide que fez barulho no metal, mas, de repente, o homem parou e deu meia-volta, a arma disparando para os cabides, a bala passando junto da orelha de Juliette.

Ouviu-se outro tiro ali perto. Juliette não sabia se tinha sido o outro homem ou Roma. Não sabia o que estava a acontecer, apenas que estava a sair disparada dos cabides e a apontar para o homem, precisando de acertar o tiro no milésimo de segundo antes de ele fazer de novo mira.

O cano da arma dela fumegou. A sua bala cravou-se no ombro direito do homem e a arma dele caiu ao chão.

– Roma – chamou Juliette, ainda de olhos e mira no britânico. – Apanhaste-o?

– Caiu redondo – respondeu Roma. Avançou para mais perto, parando mesmo atrás de Juliette enquanto ela apontava a arma para a frente.

– Quem te enviou? – perguntou ao último perseguidor.

– Não sei – disse o britânico muito depressa. Os seus olhos desviaram-se da porta para o cano da arma dela e de novo para a porta. Estava a vinte passos da saída.

– Como assim, não sabes? – exigiu Roma.

– Outros mercadores espalharam a palavra de que havia dinheiro do Larkspur para quem matasse Juliette Cai ou Roma Montagov – disse o homem a gaguejar. – E nós tentámos. Por favor… vá lá, deixem-me ir. Parecia bom de mais para ser verdade, sabe? Achámos que ia ser difícil encontrar-vos separadamente, mas depois apareceram juntos. Não é que fôssemos realmente ser bem-sucedidos…

O homem interrompeu-se. Pelo esbugalhar dos seus olhos, parecia estar a dar-se conta do que tinha no seu inventário. Ele sabia. Sabia que Roma Montagov e Juliette Cai estavam a trabalhar juntos. Vira o abraço deles. Isso dava-lhe uma informação para levar ao Larkspur; dava-lhe poder.

O homem investiu para a porta. Roma gritou em sinal de aviso – era incompreensível se o seu grito se dirigia ao britânico ou a Juliette – e disparou furiosamente atrás do britânico, com uma mão estendida para lhe agarrar o colarinho e o puxar de novo para a sala como a um cão vadio.

Por essa altura, Juliette já premira o gatilho. O homem caiu ao chão, escorregando da mão de Roma.

Roma fitou o morto. Por um breve momento, Juliette viu choque a macular-lhe os olhos muito abertos, depois ele pestanejou uma vez e afastou-o.

– Não tinhas de o matar.

Juliette avançou. Havia uma mancha de sangue na face pálida de Roma, percorrendo um arco que lhe salientava as maçãs do rosto à luz fraca da

lâmpada.

– Ele ter-nos-ia matado.

– Sabes – Roma desviou os olhos do cadáver – que ele foi arrastado para isto. Não escolheu, como nós.

Em tempos, Roma e Juliette que tinham feito uma lista de regras que, a serem seguidas, teriam feito da cidade uma coisa tolerável. Não tornariam Xangai bondosa, apenas passível de ser resgatada, porque era o melhor que podiam fazer. Os gângsteres só podiam matar outros gângsteres. Os únicos alvos justos eram os que escolhiam a vida que tinham, e isso incluía, deu-se Juliette conta mais tarde, os trabalhadores comuns: as criadas, os motoristas, a *Ama*.

Luta sujo, mas luta com bravura. Não lutes com os que não compreendem o significado de lutar.

A Ama sabia exatamente aquilo que implicava trabalhar para o Gangue Escarlate. *Este* homem viu um brilho no chão e esperou encontrar uma pepita de ouro, mas, em vez disso, perturbou um ninho de vespas. Iriam deixá-lo ali, numa poça do seu próprio sangue, e em breve alguém entraria e o encontraria. O pobre empregado que fizesse a descoberta chamaria a polícia e as forças municipais chegariam com um suspiro cansado, olhando para o homem sem mais emoção do que alguém a observar um campo de trigo morto – desagradado com a perda em geral, para o mundo, mas destituído de qualquer ligação pessoal.

Segundo as antigas regras deles, estes homens que os perseguiam deviam ter sido poupados. Mas Juliette perdera essas regras no instante em que perdeu o antigo Roma. Quando rebentava o conflito, pensava em si mesma,

na sua própria segurança – não na do homem que brandia uma arma junto do rosto dela.

Mas um acordo continuava a ser um acordo.

– Está bem – disse Juliette, abreviando.

– Está bem? – repetiu Roma.

Sem olhar exatamente para ele, Juliette tirou um lenço branco do casaco e entregou-lho.

– Está bem – repetiu ela, como se ele não a tivesse ouvido da primeira vez. – Disseste para os pouparmos e, embora eu tenha concordado, fui na mesma contra isso. Foi um erro meu. Enquanto trabalharmos juntos, ouvimo-nos um ao outro.

Roma levou o lenço ao rosto, devagar. Esfregou a dois centímetros de onde a mancha estava na realidade, limpando coisa nenhuma, a não ser a linha brutal do maxilar. Juliette achou que ele ficaria satisfeito com a sua fraca tentativa de pedido de desculpas, que, pelo menos, faria um aceno de satisfação. Em vez disso, os olhos dele ficaram mais distantes.

– Costumávamos ser muito bons nisso.

Juliette sentiu um buraco no estômago.

– Em quê?

– A trabalharmos juntos. A ouvir. – Tinha parado de limpar a cara. A mão dele ficou simplesmente a pairar no ar, com uma tarefa indeterminada. – Éramos uma equipa, Juliette.

Juliette avançou e arrancou a seda das mãos de Roma. Quase se sentiu insultada por ele ser tão agressivamente mau a limpar uma simples mancha

de sangue; numa esfregadela furiosa, ela sujou o branco da seda com um vermelho profundo e o rosto dele ficou de novo bonito.

– Nada disso – sibilou Juliette – foi *real*.

Havia algo de medonho na distância que encolhia entre eles – como o enrolar de uma mola, cada vez mais comprimida. Quaisquer movimentos repentinos acabariam em desastre.

– Claro – disse Roma. O seu tom de voz era monótono. Tinha os olhos elétricos, como se também ele se estivesse ainda agora a recordar. – Perdoa-me esse descuido em particular.

Um momento tenso passou a quietude: o gradual libertar da mola, de volta à sua posição habitual, Juliette primeiro desviou os olhos, mexeu os pés para não tocar na poça de sangue que aumentava no chão de madeira apodrecida. Era uma cidade envolta em sangue. Era um disparate tentar mudá-la.

– Parece que, enquanto procuramos o Larkspur, o Larkspur assoma diante de nós – observou ela, fazendo um gesto para o morto.

– Quer dizer que estamos na pista certa – disse Roma, com certeza. – Estamos mais perto de salvar a Alisa.

Juliette anuiu. Parecia que, de alguma maneira, o Larkspur sabia que eles estavam a ir ao seu encontro. Mas se achava que uns quantos mercadores bastavam para os assustar, teria uma amarga desilusão.

– Temos de chegar a este local antes que a noite avance.

Ela pegou no panfleto que apregoava a vacinação, dobrando-o de maneira a que o endereço, em baixo, ficasse visível. Usou distraidamente a outra mão para limpar uma sensação de humidade que tinha no pescoço, perguntando-se se também teria sido salpicada com sangue sem reparar.

Roma anuiu.

– Vamos.

Capítulo 23

Em tempos, devia ter havido ali silêncio. Talvez tivesse havido também o ocasional raspar dos cascos dos cavalos, passando por pasto atrás de pasto até os sulcos que forjavam na terra criarem um trilho. Nuns quantos anos rápidos, os trilhos formados ao longo de séculos por passos pesados tinham sido pavimentados. As pedrinhas que antes se achavam imortais foram esmagadas até serem nada; árvores mais velhas do que países inteiros foram derrubadas e destruídas.

E, em seu lugar, cresceu a inveja. Cresceu em carris ferroviários, que ligavam as vilas umas às outras, até deixar de haver limites. Crescia em fios e canos, e complexos habitacionais em cima uns dos outros, sem grande planeamento.

Juliette achava que o Colonato Internacional podia ter ficado com o pior de tudo. Os invasores não podiam eliminar as pessoas que já viviam na área que eles decidiram chamar sua, mas podiam eliminar tudo o resto.

Para onde foram as lanternas?, pensou Juliette, parando na parte lateral da rua e inclinando a cabeça para cima. *O que é Xangai sem as suas lanternas?*

– Chegámos – disse Roma, interrompendo o sonho acordado. – É o endereço que vem nos panfletos.

Apontou para o edifício atrás daquele que Juliette olhava fixamente. Durante um segundo, quando Juliette olhou para o lugar, julgou que os seus olhos lhe estavam a pregar partidas. A noite estava escura, mas havia suficiente luz baixa, alimentada a óleo, vinda das janelas para iluminar várias fileiras de pessoas: uma fila que começava na porta da frente e que era tão comprida que dava três voltas ao edifício.

Investiu em frente.

– Juliette! – sibilou Roma. – Juliette, espera…

Não importa, Roma, queria ela dizer-lhe. Ela sabia o que ele estava a pensar, ou, pelo menos, uma variação disso: tinham de ser cuidadosos. Tinham de evitar ser vistos juntos. Tinham os assassinos do Larkspur no seu encalço, por isso tinham de ver a quem estavam a pisar os calos. *Não importa*, queria ela gritar. Se a gente deles não parasse de morrer, se não conseguissem salvar o que estavam a tentar proteger, já nada neste mundo importava.

Juliette abriu caminho até ao início da fila. Quando um velhote perto da porta a tentou empurrar para trás, ela proferiu o pior palavrão que conseguia dizer em xangainês e ele encolheu-se, como se lhe tivessem sugado a vida das veias.

Juliette sentiu a presença de Roma atrás dela quando parou em frente do homem imponente que guardava a porta. Roma pousou uma mão cautelosa no cotovelo dela, em sinal de aviso. Aquele homem tinha o dobro do tamanho dela. Um olhar da cabeça aos pés, à luz da lamparina, disse-lhe que provavelmente seria alguém contratado, vindo de um país mais a sul do que a China, de lugares onde a fome era o combustível e o desespero, o motor.

O toque no seu cotovelo aumentou. Juliette afastou o braço, lançando a Roma um olhar furioso de aviso, ordenando-lhe que parasse.

Roma nunca estivera tão preocupado com a segurança deles.

Tinha estado em muitas trocas de tiros com o Gangue Escarlate durante os anos em que Juliette estivera fora. Apesar do seu ódio pelo clube de luta dos Flores Brancas, estivera em mais rixas de rua do que gostava de admitir

e conseguira a sua quota-parte de cicatrizes, porque a sua primeira reação a uma lâmina era sempre bloquear, em vez de se mover. Era inevitável; embora odiasse a violência, ela ia ao seu encontro e ele não se dispunha a colaborar nem a ser derrotado.

Mas ele tinha sempre reforços. Tinha vários pares de olhos a trabalhar em todos os ângulos.

Naquele momento, era só ele e Juliette contra uma terceira ameaça sombria que nem era Gangue Escarlate nem Flores Brancas. Eram só os dois contra uma força que os queria mortos, que queria que os atuais poderes de Xangai fossem esmagados até haver só anarquia.

– Deixe-nos passar – exigiu Juliette.

– Só funcionários do Larkspur – disse o guarda, as suas palavras um ribombar muitíssimo profundo. – Caso contrário, terão de esperar pela vossa vez.

Roma espreitou por cima do ombro, a respiração tão rápida como os gestos. Estavam sobretudo circundados por linhas interligadas, mas alguns homens e mulheres não estavam bem direitos. Não estavam *na* linha; situavam-se imediatamente fora dela – mantendo o passo sem se denunciarem como sendo parte do pessoal.

– Juliette – avisou Roma. Passou para russo para evitar ser compreendido por pessoas à escuta. – Há pelo menos cinco outros nesta multidão que foram contratados com o dinheiro sujo do Larkspur. Têm armas. *Vão* reagir se te apresentares como uma ameaça.

– Têm armas? – repetiu Juliette. O russo dela sempre teve uma vibração; não era bem sotaque; o tutor dela era demasiado bom para isso. Era uma

idiossincrasia, uma maneira de pronunciar as vogais que as tornavam unicamente Juliette. – Também eu.

Juliette agitou o punho. Num arco que começava no seu estômago e abria para fora, bateu com as costas da mão no guarda com tanta força que ele caiu como uma pedra, saindo do caminho para deixar que Juliette abrisse a porta com um pontapé e puxasse Roma antes que ele conseguisse inteirar-se do que acontecera.

Ela usou a arma, deu-se ele conta tardiamente. Juliette não conquistara de repente a força de uma lutadora – simplesmente, tinha a pistola agarrada para trás no punho e usara a coronha contra a têmpora do guarda. O guarda nem sequer a vira pegar nela. A destreza da mão dela permanecera completamente fora do radar enquanto o foco dele continuara no rosto de Juliette – na firmeza do maxilar e no sorriso frio.

Juliette recebia o perigo de braços abertos. Parecia que Roma não conseguia fazê-lo, nem quando todo o seu mundo estava em risco, nem com Alisa com os braços e as pernas amarrados. Quase temia aquilo que o empurraria ao limite e esperava que nunca viesse a acontecer, porque ele próprio não o queria ver, se esse momento chegasse.

– Tranca-a – disse Juliette.

Roma regressou à realidade. Olhou para a fina porta de aço e fechou-a, trancando-a. Também olhou cautelosamente para Juliette e, depois, para as quatro paredes dentro das quais se encontravam. Estavam na base de uma escadaria, que subia tão íngreme que Roma não conseguia identificar o que os aguardava no final.

– Temos cinco minutos, no máximo, até eles arrombarem esta coisa frágil – estimou Roma. As batidas na porta, do lado de fora, já estavam a

começar.

– Cinco minutos devem chegar – disse Juliette. Espetou o polegar na direção da porta. – O meu medo é que tenhamos ainda menos do que isso por causa deste barulho.

Subiu os degraus dois a dois, com a pistola na mão a desaparecer da vista.

Embora tivesse os olhos colados a ela durante todo o tempo, Roma não sabia bem para onde fora a arma. O casaco dela tinha um bolso pequeno. O vestido era apenas uma extensão comprida de tecido com uma multiplicidade de contas. *Como é que ela esconde as armas todas?*

No penúltimo degrau, o cheiro a incenso chegou ao nariz de Roma. Supôs não ter ficado completamente surpreendido quando chegou ao patamar e interiorizou a cena. Lembrava-lhe as histórias que Lady Montagova lhe lia quando era pequeno, sobre noites árabes e djinn nos desertos. As cortinas de seda coloridas eram sacudidas pela brisa que a comoção de Roma e Juliette levantava, revelando as ombreiras delapidadas, perigosamente perto das velas que ardiam no chão. Havia tapetes fofos, tanto no chão como nas paredes, entoando calor e emanando um tipo de odor *antigo* que era único. Não havia uma única cadeira à vista, apenas uma imensidade de almofadas e coxins, cada «assento» ocupado pelos muitos que estavam sob a alçada de Larkspur.

Ao centro de tudo, uma mesa baixa estava situada entre uma mulher com uma agulha e um homem com o braço estendido. Estavam também os dois sentados em almofadas.

– Mon Dieu – gritou o homem.

A pistola de Juliette regressara. Estava apontada à mulher com a agulha.

– É o Larkspur? – perguntou ela em inglês.

Roma passou em revista os outros vinte ocupantes da sala. Não conseguia decifrar quem estava ao serviço de Larkspur e quem ali estava para levar a vacina. Metade deles entesou-se, assinalando o seu envolvimento no esquema, mas não pareciam prestes a intervir. Os seus cotovelos tremiam; os pescoços afundavam-se nos ombros. Eram pessoas como Paul Dexter, que agora já tinha visitado também uma ou duas vezes os Flores Brancas. Achavam-se poderosos e prezados, mas, em última análise, eram fracos. Dificilmente ousariam falar do trabalho conjunto de Roma e Juliette, caso não o conseguissem provar.

A mulher não reagiu imediatamente. Retirou a agulha e limpou o bico, depois abriu uma pequena bolsa que tinha ao seu lado. De um lado, uma fileira de cinco frascos vermelhos brilhavam à luz do fogo. Do outro lado, uma fileira de quatro frascos azuis aguardava.

Quanto mais a mulher demorava a responder, mais provável parecia que ela *tinha* de ser o Larkspur e os pronomes masculinos que toda a gente usava eram uma mera suposição.

Até que a mulher ergueu os olhos de repente – os seus olhos pintados com lápis e as pestanas grossas fitaram furiosamente a boca da pistola de Juliette – e disse:

– Não, não sou.

Tinha uma pronúncia invulgar, que se aproximava do francês, mas não o era propriamente. O francês que estava sentado à frente dela encontrava-se completamente paralisado. Talvez achasse que, se não se mexesse, a visão de Juliette não registaria a sua presença.

– O que é que essas injeções têm? – perguntou Juliette.

A sua outra mão, a que não agarrava uma pistola, agitava-se ao lado dela enquanto falava. Durante um longo momento, Roma não compreendeu o que ela estava a fazer, até perceber que ela estava a *apontar* para os frascos. Queria que ele agarrasse um.

– Bem, se eu lhe contasse – disse a mulher –, perdíamos o nosso negócio.

Enquanto Roma se aproximava centímetro a centímetro dos frascos, não havia nada que Juliette desejasse mais do que premir o gatilho. Muito tempo antes, um dos seus tutores dissera-lhe que o seu defeito fatal era ser tão terrivelmente explosiva. Já não se lembrava de que tutor tinha sido – Literatura Chinesa? Francês? Etiqueta? Fosse qual fosse a disciplina, não importava; ela tinha começado a vociferar, indignada com o comentário, e comprovando diretamente que o tutor tinha razão.

Agora ia respirar fundo. *Sorri,* disse a si própria. Antes de se encontrar com qualquer desconhecido em Nova Iorque, seguia a mesma rotina: sorrir, ombros para trás, olhos pesados. Era leve, animada e o epítome de *flapper*, trabalhando dez vezes mais para manter a perceção que desejava só por causa da sua pele.

– Então responda-me a isto – disse Juliette. Um sorriso abriu-se à força no seu rosto, como se ela achasse aquilo impossivelmente divertido, como se a pistola que tinha na mão não estivesse ao nível dos olhos da mulher. – O que é que o Larkspur sabe desta loucura? Porque é que ele haveria de ter a cura, se mais ninguém a tem?

Roma pusera-se de cócoras enquanto Juliette fazia a conversa. Deu uma palmada no pescoço do francês, numa tentativa de o intimidar, dando-lhe instruções em francês para que se levantasse e desandasse da sua vista. Enquanto Roma falava, ia-se aproximando, fingindo-se empolgado por se

avultar sobre o homem. A verdade é que se encostava para poder ter acesso à maior parte possível da mesa, até o seu braço pairar por cima da caixa das injeções e, com um piparote, enfiar um frasco azul na manga.

Entretanto, alheia ao que se passava debaixo do seu nariz, a mulher encolheu os ombros, com uma calma enfurecedora. A sua altivez foi como entornar gasolina na tensão que já se adensava na sala, ficando a uma faísca da explosão.

– Vai ter de perguntar ao próprio Larkspur – respondeu a mulher –, mas, infelizmente, ninguém sabe onde está, nem quem é.

Juliette quase premiu o gatilho naquele momento. Não *queria* a mulher morta; nem gostava de matar pessoas por diversão. Mas, se se pusessem no seu caminho, tinham de ser afastadas. Não era uma morte que ela queria, mas ação. A sua gente caía que nem tordos, vítimas de uma loucura qualquer que ela não conseguia controlar, a sua cidade tremia de medo ao pensar num monstro que ela não podia enfrentar e estava farta de não fazer *nada*.

Qualquer coisa seria melhor do que deixar-se ficar de braços cruzados. Quando Juliette queria explodir de frustração, a única solução era fazer explodir alguma coisa.

Roma endireitou-se, saindo da sua posição de cócoras, e tocou-lhe no cotovelo.

– Já o tenho – disse, baixinho, em russo, e Juliette, de dentes cerrados com tanta força que uma dor amarga disparou de um lado ao outro do seu maxilar, baixou a arma.

Juliette pigarreou.

– Muito bem. Guarde os seus segredos. Tem uma janela de onde possamos saltar?

*

– Já está na hora de ir para casa?

Benedikt revirou os olhos. Passeavam-se pelas ruas, de ouvidos atentos em busca do caos, mas, tirando isso, pouco alertas. Não se podia dizer que não estivessem à espera daquilo. As suas buscas eram sempre vãs. Aqueles que sucumbiam à loucura ou resistiam até ao último segundo ou já estavam mortos.

– Isto foi uma perda de tempo – lamentou-se Marshall. – Uma perda, Ben! Um despeeeee…

Benedikt fez pressão com a mão no rosto de Marshall. Este gesto era tão familiar que ele nem precisava de olhar; estendeu simplesmente a mão enquanto caminhavam lado a lado e agarrou com os dedos o que conseguiu encontrar.

Marshall só aguentou aquilo durante três segundos. Depois disso, começou a espetar o dedo desvairadamente em Benedikt, cacarejando quando Benedikt lhe gritava que parasse, as suas palavras ininteligíveis no esforço para não rir, ao mesmo tempo que lhe doíam as costelas.

Teria rido com satisfação, enchendo a noite de boa disposição, mesmo que a noite não retribuísse nada. Só então ouviu.

Um som muito estranho.

– Mars – arquejou Benedikt. – Espera, estou a falar a sério.

– Ah estás a falar a sério, não estás…

– Estou a sério. *Escuta!*

Marshall parou de repente, dando-se conta de que Benedikt não estava a brincar. Afrouxou devagar o aperto fatal no pulso do outro rapaz. Virou-se, à escuta.

Asfixia – o som era esse.

– Excelente – disse Marshall, arregaçando as mangas. – Finalmente. *Finalmente.*

Investiu em frente, os ombros dobrados como se se lançasse numa batalha com um escudo numa mão e uma lança na outra. Era assim Marshall. Mesmo quando não tinha nada consigo, era capaz de dar ares de alguma coisa.

Benedikt correu atrás do amigo, em bicos dos pés, para tentar ver por cima do ombro de Marshall, tentando localizar a vítima. Foi uma silhueta, o que Benedikt viu em primeiro lugar – inicialmente dobrada ao meio, mais parecendo um animal do que uma pessoa.

Estavam em pleno território dos Flores Brancas, na secção mais oriental da metade oriental da cidade. Benedikt esperara que um dos seus estivesse a morrer. Mas não era um dos Flores Brancas que tossia no beco. Quando o vulto ergueu a cabeça, num movimento de apreensão face às vozes de Benedikt e Marshall, que se aproximavam, fazendo oscilar uma comprida trança de cabelo preto que refletia o prateado do luar, Benedikt avistou ombros de uniforme: a roupa do exército nacionalista.

– Apanha-a – ordenou Benedikt.

A mulher recuou um passo. Ou percebera o russo de Benedikt ou detetara desespero no seu tom de voz.

Não foi muito longe. O pé dela tropeçou e ficou encostada ao muro de tijolo, sem apoio. Caso tivesse tido mais controlo sobre si mesma, teria

dado meia-volta e fugido pela outra extremidade do beco. Mas estava perdida – delirante com os insetos que agiam sobre os seus nervos instruindo-a para que dilacerasse o pescoço.

– Estás a brincar? – sibilou Marshall. – É uma nacionalista. Eles vêm atrás de nós…

Benedikt avançou, levando a mão à arma.

– Não saberão.

Geralmente, era Marshall que tomava as decisões erráticas. Marshall só era sensato quando tentava manter Benedikt afastado de problemas.

– Ben!

Era tarde de mais. Benedikt bateu com a coronha do revólver, com toda a sua força, na cabeça da nacionalista, arqueando os ombros para a frente, de modo a manter a sua própria cabeça afastada. Quando ela caiu ao chão, o pescoço tombado para trás no cimento e as mãos abertas, com os primeiros dois centímetros dos dedos cobertos de sangue, Benedikt içou-a com um grunhido, levando-a pela cintura como a uma boneca de trapos.

Pingava-lhe sangue da testa. Mais anéis de sangue manchavam o espaço à volta do pescoço dela, mas, pelo menos, não havia nenhum vazamento de uma veia principal. Ela continuaria viva até a conseguirem levar ao laboratório.

Isto é uma pessoa, sibilava uma voz nos recantos mais profundos da mente de Benedikt. *Não se pode raptar uma pessoa na rua para experiências.*

Fosse como fosse, ela ia morrer.

E és tu que decides quando?

Caso contrário, morreriam mais pessoas.

Mataste gente de mais para poderes afirmar que te preocupas com a vida humana.

– Ajuda-me – disse Benedikt a Marshall, debatendo-se com o peso morto da mulher.

Marshall fez uma careta.

– Pois, pois – murmurou, aproximando-se um pouco. Um clarão de lâmina na sua mão; depois, a comprida trança da mulher soltou-se, caindo no chão com uma pancada desapaixonada.

– Ajuda a prevenir que sejamos contaminados – explicou Marshall. Agarrou as pernas dela, tomando uma parte do fardo. – Agora vamos. Provavelmente, o Lourens está a fechar.

Capítulo 24

Juliette cerrava o punho.

Aberto, fechado, aberto, fechado. Tinha as mãos absolutamente *em pulgas* por para fazer alguma coisa.

Imploravam sobretudo por agarrar o frasco que Roma enfiara na manga. Juliette não lho pedira – não ultrapassaria assim tanto os limites, deixando-o a pensar que ela desconfiava tanto dele. Mas era um verdadeiro teste de força, manter as mãos sossegadas e não tentar tirar-lho.

– É logo depois desta esquina – assegurou Roma, que ou estava alheio ao tumulto interno de Juliette ou o interpretou mal. – Estamos quase lá.

Falou com ela como se ela fosse um coelho espantado, prestes a saltar. Juliette estava apreensiva, mas lá por se encontrar em território dos Flores Brancas não significava que se deixaria atacar e, quanto mais Roma tentava ser simpático com ela, mais ela franzia o nariz.

– Neste momento, estás mais nervoso do que eu – comentou Juliette.

– Não estou nada – disparou Roma em resposta. – Sou simplesmente uma pessoa cautelosa.

– Não me lembro de olhares por cima do ombro a cada segundo que passava quando foste ao clube burlesco Escarlate.

Na verdade, lembrava-se de ele se mostrar bastante confiante, o que a irritara imensamente.

Roma lançou-lhe um olhar de lado, semicerrando os olhos cansados. Precisava de um momento para conseguir uma resposta para lhe dar e, quando o fez, disse simplesmente entre dentes:

– Os tempos mudaram.

E tinham mudado mesmo. A começar no simples facto de Roma e Juliette estarem a caminhar lado a lado e, no entanto, os braços de Juliette balouçarem casualmente, posicionados longe das armas.

Quando dobraram a esquina, Juliette avistou imediatamente as instalações de investigação que Roma descrevera. Entre a fileira de edifícios, era o único com um tom mais prateado do que castanho, com placas de metal que brilhavam ao luar, ao passo que os outros, feitos de estuque ou madeira, tinham apenas um brilho ténue. Juliette demorou o seu tempo a admirar aquela visão, mas Roma foi a correr rapidamente até à porta, há muito acostumado à aparência daqueles pormenores.

– Financiaste isto? – perguntou Juliette.

Mirou a complicada fechadura que Roma rodava. Os olhos dele estavam focados nos números que giravam velozmente e surgiam por cima do painel, movendo o disco até às centenas, antes de cair de volta ao 51, 50, 49… Embora a parte interna das portas com painéis de vidro estivesse escura, ela discernia um corredor comprido e uma única porta que brilhava com luz.

– *Eu* não – respondeu Roma.

Um pesado suspiro de Juliette.

– Os *Flores Brancas* financiaram isto, desmancha-prazeres?

O trinco deu um estalido. Roma abriu a porta e fez sinal para que Juliette avançasse.

– Com efeito.

Juliette anuiu. Havia uma certa surpresa, um certo reconhecimento e uma levíssima sugestão de aprovação no movimento da sua cabeça. O Gangue Escarlate nunca financiaria uma coisa daquelas. Ela partiu do princípio de

que os Flores Brancas provavelmente testavam ali os seus produtos, assegurando-se de que as drogas que comercializavam eram aquilo que os mercadores diziam que eram, mas com uma tecnologia daquelas, havia infinitas possibilidades nos domínios da investigação e da inovação.

Os chineses continuavam a ser, em grande medida, gente do passado. Davam ênfase a textos e poesia clássicos, em detrimento da ciência, e isso via-se – nas caves lúgubres e apinhadas em que se colocavam os examinadores de drogas Escarlates, nos milhares de poemas dados a Juliette para que os decorasse, antes de lhe ensinarem as bases da seleção natural.

Ela ergueu os olhos para as luzes elétricas, meticulosamente espaçadas, todas elas desligadas nesse momento, no escuro. Mesmo com tudo banhado em sombra, ela captava as linhas imaculadas no teto, as lâmpadas sem dúvida polidas todas as semanas, pontualmente, pelos empregados da limpeza.

– Lourens, deixe-me entrar.

O corredor iluminou-se de repente, mas não com as lâmpadas. A única porta onde se via nesgas de luz tinha sido aberta.

– Zdravstvuyte, zdravstvuyte – gritou Lourens, pondo a cabeça de fora enquanto fazia a saudação. Vacilou ao ver Juliette. – Ei… nǐ hǎo?

A confusão dele era quase enternecedora.

– Não tem de mudar de língua – disse ela em russo, dirigindo-se ao laboratório. No seu íntimo, Juliette percorreu rapidamente as possibilidades da pronúncia dele. – Mas podemos falar holandês, se quiser.

– Oh, não é preciso – disse Lourens. As rugas que tinha junto dos olhos vincaram-se mais, num sinal de divertimento. Nunca se mostrara tão encantado. – Aqui o pobre Roma iria sentir-se terrivelmente posto de parte.

Roma fez uma careta.

– Com licença, *eu…* – Parou. Virou-se para a entrada, dando a impressão de escutar atentamente. – Vem aí alguém?

Com efeito, nesse momento, dois vultos irromperam pela porta, carregando uma forma inclinada: uma mulher inconsciente, de uniforme nacionalista. Benedikt Montagov pestanejou, perplexo, espantado por ver ali Juliette a uns meros metros do primo dele. Marshall Seo limitou-se a bufar, acenando com a mão para que se desviassem e eles pudessem entrar no laboratório. Era fora de horas. As mesas de trabalho tinham sido arrumadas e esvaziadas, limpas e polidas para prepararem uma superfície espaçosa e boa onde pousar a nacionalista. Mal foi deitada em cima da mesa, o corpo dela imobilizou-se, mas o cabelo mexia-se, com partes do couro cabeludo a *contorcer-se*.

Juliette levou a mão à boca. Os olhos dela seguiram os pontos de sangue que maculavam o pescoço da nacionalista, pequenos quartos crescentes que pareciam resultar de unhas afiadas. Aquela mulher estava infetada com a loucura. Mas ainda não estava morta.

– Desculpem entrar de rompante – disse Marshall Seo. Parecia um pouco orgulhoso de mais para o pedido de desculpa ser genuíno. – Estamos a interromper alguma coisa?

Roma pousou o frasco noutra mesa de trabalho. O azul do seu líquido brilhava à luz branca ofuscante.

– Apenas a resposta a se o Larkspur fez mesmo uma vacina verdadeira, mas pode esperar – disse ele. – Lourens, queria fazer testes a uma vítima viva da loucura, certo?

– Com certeza, mas… – Lourens fez um gesto para Juliette. – Há uma senhora na sala.

– A senhora está interessada em vê-lo fazer os seus testes, por favor – disse Juliette.

Com exceção da breve surpresa ao ver a nacionalista pela primeira vez, teria sido impossível ver em Juliette qualquer espécie de choque. Falava como se aquilo fosse uma ocorrência quotidiana.

Lourens soltou a respiração. Limpou a fronte, os seus gestos vagarosos, mesmo quando o mundo à sua volta acelerava perante a aparição da nacionalista moribunda.

– Muito bem, então. Vamos ver se conseguimos descobrir uma cura.

Começou.

Juliette observou, fascinada, o cientista puxar uma caixa e retirar o conteúdo do seu interior, enchendo o laboratório com equipamento e maquinaria mais adequada a um hospital do que a instalações de testagem de drogas. Lourens tirou amostras de sangue e amostras de tecido e – de lábios comprimidos – até tirou folículos do cabelo da nacionalista que estava em cima da mesa, colocando-os ao microscópio e rabiscando apontamentos a uma velocidade recorde. Juliette cruzou os braços e bateu com o pé, ignorando o burburinho entre os três Flores Brancas, do outro lado da sala. Teria ficado com as orelhas a arder, se ouvisse alguma coisa. Não sabia que outro tema poderia cativá-los tanto, poderia instar Roma a gesticular de forma tão selvática enquanto sibilava em tons baixos para os dois amigos.

– Isto é lamentável.

A observação de Lourens chamou rapidamente de volta a atenção dos três ao canto.

– O que encontrou? – perguntou Roma, afastando-se dos amigos.

– O problema é esse – respondeu Lourens. – Nada. Mesmo com equipamento avançado, não vejo nada que os médicos de Xangai não vejam já. Não há nada nos sinais vitais desta mulher que sugira qualquer tipo de infeção.

Juliette franziu o sobrolho, depois encostou-se à mesa atrás de si, permanecendo em silêncio.

Marshall exigiu saber:

– Então, não há maneira de curar a loucura?

– Impossível – contrapôs imediatamente Roma. Pela sua sanidade, tinha de acreditar que existia uma cura. Não podia sequer permitir-se pensar numa investigação condenada, pensar que Alisa nunca mais acordaria.

– Talvez não seja uma questão de não haver cura – acrescentou Benedikt, falando de forma mais neutra. As suas palavras foram todas enunciadas ao nível mais límpido, como se tivesse praticado a frase mentalmente antes de a dizer em voz alta. – Afinal de contas, disse que esta loucura era obra de alguém. Se houver uma cura, não somos nós que a veremos. Se houver uma cura, só quem engendrou esta loucura tem as instruções.

Lourens descalçou as luvas. As máquinas à sua volta zumbiam em diferentes tons, impregnando o laboratório de uma atmosfera quase musical.

– Demasiados fatores – disse Lourens. – Demasiados segredos, demasiada informação que nos falta. Seria absurdo tentar…

– Ainda não tentou nada – disse Juliette.

Todos os olhos da sala – pelo menos, os conscientes – se viraram para a observar. Juliette empinou o queixo.

– Tirou-lhe sangue, olhou-lhe para a pele… é tudo demasiado humano, demasiado corporal. – Juliette encaminhou-se para a nacionalista inconsciente, espreitou para aquela entidade de carne, um recipiente de vida que tinha sido alterado. – Esta loucura não é natural. Porquê tentar engendrar uma cura de maneira natural? Abra-lhe a cabeça ao meio. Tire os insetos.

– Juliette – ralhou Roma. – Isso…

Lourens já estava a pegar num bisturi, encolhendo os ombros sem cerimónia.

– Espere – disse Benedikt. – Da última vez…

A ponta da lâmina enterrou-se no couro cabeludo da nacionalista. Lourens puxou delicadamente uma pequena secção de cabelo para o apartar e criar espaço para extrair um inseto…

A nacionalista fez um espasmo terrível. Toda a mesa se agitou e Juliette não sabia se o movimento fora suficiente para produzir um terrível rangido ou se o que tinha ressoado pela sala foi um arquejo entrecortado dela. Num momento, a mulher que estava em cima da mesa podia ter rivalizado com os mortos. No momento seguinte contorcia-se, a mão agarrada ao peito e as pernas rigidamente esticadas. Continuava de olhos fechados. A única maneira de saberem que ela tinha morrido foi a sua mão ter caído do peito e oscilado da mesa, para a frente e para trás como um pêndulo pesado.

O cabelo dela agitou-se uma vez mais. Desta feita, não foi só os insetos a instalarem-se – estavam a ir-se embora, alguns descendo pelo seu pescoço

em pequenas linhas negras, apressando-se pelo corpo abaixo numa evacuação em massa, de forma tão ordeira que pareciam um fluido escuro.

Outros espalharam-se, saltando sem qualquer aviso para se agarrarem ao que quer que fosse que estivesse mais perto.

Para dois dos insetos, o hospedeiro mais perto era a barba de Lourens.

A aterragem aconteceu em câmara lenta aos olhos de Juliette, mas Roma já se estava a mexer. Quando ela registou o horror das implicações de ver dois pontos pretos a desaparecer nos tufos de branco, já Roma tinha uma faca na mão. Quando ela pensou em dar um grito de aviso, Roma pegou na faca e cortou a barba de Lourens o mais rente que ousou, deixando os pelos brancos cair ao chão.

Esperaram.

As máquinas tinham adormecido. Agora o laboratório estava meramente cheio de respiração pesada.

Esperaram.

Dois insetos surgiram do monte de pelos que estava no chão.

Roma calcou-os com força, esmagando-os sem piedade. Mais uma centena de insetos fora libertada para a noite, saindo disparados pela ranhura da porta do laboratório antes que alguém os pudesse fazer parar, mas, pelo menos, matar dois em milhares era melhor do que não matar nenhum.

Lourens tocou no queixo sem barba. Os seus olhos enrugados abriram-se muito, o que não era habitual.

– Bem – disse Lourens. – Obrigado, Roma. Passemos então à vacina que me trouxeram, sim?

— Então – disse Roma –, devo avisar-te de que não reportes as descobertas feitas nestas instalações?

Estavam agora à espera no primeiro andar, sentados nas cadeiras de metal espalhadas ao longo da parede mais afastada. Em algum momento teriam de se livrar do cadáver que estava à sua frente, mas, por enquanto, ficava ali – o rosto amassado e ansioso, paralisado na morte, enquanto, no segundo andar, Lourens despejava a vacina em pequenos tubos de ensaio, acrescentando vários químicos a alguns e colocando outros nas máquinas roncantes, cantarolando baixinho enquanto trabalhava.

– Como se o teu fraco aviso ajudasse – respondeu Juliette. – Já devias saber isso.

Roma deixou-se escorregar na cadeira, com a cabeça descaída no apoio das costas.

– Será que devia ter-te posto uma venda nos olhos?

Juliette riu-se. Bateu rapidamente com os sapatos, rodando o salto para a esquerda e para a direita, como um limpa para-brisas, enquanto os seus olhos faziam o mesmo, disparando de uma imagem para outra.

– Mesmo que eu quisesse fazer de espia – disse ela –, esta informação seria inútil. – Olhou para uma coisa prateada, especialmente afiada, a descer como um pingente de gelo. Descia de uma máquina que estava pendurada onde o teto do primeiro andar se unia ao corrimão do segundo.

– Inútil? – disse Roma, incrédulo. O seu tom de voz cortante chamou a atenção dos dois amigos, que até então tinham estado a olhar para ontem, sentados em cadeiras ao longo da parede perpendicular.

– Considerada desnecessária – corrigiu Juliette. Não sabia bem porque estava a ter aquela conversa. Não lhes devia propriamente uma explicação, mas, ao mesmo tempo, parecia-lhe que não fazia mal explicar. – O Gangue Escarlate continua na era das ervas tradicionais. Talvez uma ou duas máquinas metálicas. Não estamos minimamente próximos… – Abanou as mãos – … disto.

Os pais dela não quereriam saber daquelas descobertas, se ela voltasse para casa com elas. Se conseguisse sequer a atenção deles por um breve minuto, eles iriam perguntar-lhe porque estivera em instalações dos Flores Brancas e não pensara em deitar-lhes fogo.

Roma cruzou os braços.

– Interessante.

Juliette semicerrou os olhos.

– Então, vais reportar *esta* informação?

– Porque haveria de o fazer? – Roma tinha um tipo matreiro de sorriso nos lábios, que não deixava escapar completamente. – Isso já nós sabíamos.

Juliette bateu com o pé, num ataque de raiva fingida, mas Roma foi demasiado rápido. Afastou os dedos dos pés e a única coisa que Juliette conseguiu foi um choque que lhe subiu pelo tornozelo.

Sentiu o tornozelo a latejar; escapou-se-lhe um sorriso genuíno de diversão. Era um reconhecimento de que tinha sido derrotada naquela pequena matéria, de que voltara a usar os seus truquezinhos e se esquecera de que Roma os conhecia bem.

– Não podes fazer isso… – disse Roma.

– … ou terás de me pisar também – concluiu Juliette.

Os sorrisos esmoreceram logo. Lembraram-se imediatamente dos tempos em que Juliette se ria da superstição de Roma, dos tempos em que ele a obrigava a ficar quieta depois de ela lhe ter pisado o pé e com delicadeza – sempre com tanta delicadeza – lhe pisava também os dedos.

– É inevitável uma discussão se eu não retribuir o gesto – ralhara Roma da primeira vez, perante a confusão de Juliette. – Ei… para de rir!

Ele também se rira. Rira-se porque a ideia de uma discussão os afastar parecia tão absurda quando lutavam contra as forças das duas famílias para estarem juntos.

Veja-se onde estavam agora. Separados por um quilómetro de sangue derramado.

Juliette afastou-se. Mergulharam de novo no silêncio, deixando o som das máquinas, a roncar e a esmorecer à vontade. De vez em quando, Juliette ouvia no exterior um ou outro piado e posicionava a cabeça na direção do som, tentando perceber se era uma coruja ou um cão ou o monstro das ruas de Xangai.

Finalmente, Juliette não conseguia suportar o tédio. Pôs-se em pé e começou a andar pelo laboratório, pegando em coisas ao acaso e pousando-as depois de as inspecionar: os gobelés alinhados no chão, as pequenas colheres de metal reunidas nos cantos, os ficheiros meticulosamente organizados na extremidade das mesas de trabalho…

Uma mão surripiou os ficheiros mesmo debaixo do nariz dela.

– Não são para os teus olhinhos intrometidos, querida – disse Marshall.

Juliette franziu a testa.

– Não estava a ser intrometida – ripostou – e, mesmo que estivesse, tu nem sequer perceberias.

– Ai sim? – Marshall pousou os ficheiros e afastou-os dela. Juliette ressentiu-se. Estava a arriscar o pescoço ao trabalhar com Roma. Arriscaria, naquele mundo, agir com duplicidade?

– Marshall, senta-te – gritou Roma do outro lado da sala.

Benedikt Montagov nem sequer se deu ao trabalho de levantar os olhos dos cadernos de esboços que tirara da mala. Lourens, por outro lado, lançou um olhar preocupado do segundo andar. Se a direção do seu olhar fosse indicativa de alguma coisa, não temia o começo de uma rixa, mas que algum rude disparate danificasse os gobelés de vidro que havia à volta do laboratório.

– Porque é que não vêm comigo para eu vos mostrar algumas das minhas invenções? – tentou Lourens, gritando para o andar de baixo. – Talvez sejam os materiais mais inovadores que Xangai já viu.

Nem Juliette nem Marshall lhe prestaram atenção. Juliette avançou um passo. Marshall imitou-a.

– Estás a insinuar alguma coisa? – perguntou Juliette.

– Não estou só a insinuar. – Marshall agarrou-a pelo pulso e puxou-o para si, depois alcançou a bainha da manga dela, de onde arrancou a lâmina que ela lá escondera. – Estou a acusar. Porque trouxe armas, Miss Cai?

Juliette mostrou-se incrédula. Agarrou o outro pulso de Marshall com a mão que tinha livre e torceu-o.

– Seria mais estranho eu *não* ter trazido armas, seu… *au*!

Ele bateu-lhe.

Com justiça, tinha sido por instinto, um safanão com o cotovelo, reagindo à pressão que ela lhe aplicava no braço – mas Juliette cambaleou para trás,

o queixo a doer devido ao golpe.

Do seu lugar, Roma empertigou-se e gritou:

– Mars!

Mas Juliette já estava a empurrar Marshall para trás, o queixo latejante a dar lugar à raiva e a raiva a intensificar a dor pulsante e traçando o seu caminho até ao lábio. Era assim com a vendeta: uma pequena infração e depois um retorno sem pensar, socos furiosos e golpes rápidos antes que a mente os pudesse registar – não havia razão, só impulso.

Marshall agarrou outra vez o braço de Juliette, desta vez torcendo-o com força, até estar todo dobrado nas costas dela. A luta podia ter terminado aí, mas Marshall ainda tinha a faca dela na mão e o primeiro instinto de Juliette foi ter medo. Com ou sem paz temporária, ela não podia confiar nele. Tinha todos os motivos para dar um pontapé à mesa de trabalho que estava mais perto e se içar, até usar o forte aperto de Marshall no seu braço para rolar por cima do ombro dele, girando sobre ele e indo aterrar com um sólido *pum* com os dois pés. A manobra aplicou suficiente pressão sobre o braço de Marshall para o fazer bater no chão, a cabeça a colidir no linóleo com um grunhido quando ele perdeu o equilíbrio devido ao puxão brutal.

Rapidamente, Juliette mergulhou para apanhar a faca que ele tinha deixado cair. Nesse momento, ela nem sequer sabia se o queria matar. A única coisa que sabia era que, quando lutava, não pensava; só sabia a diferença entre inimigo e amigo. Só sabia que devia continuar a mexer-se, trazer a faca para cima com o mesmo movimento com que a apanhara, erguê-la bem alto até ela captar a luz, momentos antes de descrever o arco que acabaria com ela enterrada no peito de Marshall Seo.

Até Marshall começar *a rir*. Bastou esse som – para a arrancar do seu atordoamento. Fez Juliette parar o que estava a fazer, a faca mais lassa no aperto da sua mão, a tensão nos seus braços a ruir.

Quando Roma e Benedikt acorreram perto o suficiente para pararem com a luta, Juliette já estava a estender uma mão a Marshall, puxando-o de novo para que ficasse em pé.

– Uau. Quanto tempo demoraste a praticar esse movimento? – perguntou Marshall, sacudindo o pó dos ombros. Apoiou o sapato no canto da mesa, como Juliette fizera, e testou o seu peso. – Por um segundo, desafiaste mesmo a gravidade.

– És alto de mais para conseguir, portanto não tentes – respondeu Juliette.

Roma e Benedikt pestanejaram. Não tinham palavras. Os seus rostos diziam tudo.

Marshall levantou a cabeça, dirigindo-se a Lourens.

– Ainda podemos ver as suas invenções?

Lourens abriu a boca e depois fechou-a. A animosidade na sala cedera agora completamente lugar à curiosidade e parecia que o cientista não sabia o que fazer com ela. Sem uma palavra, só pôde deixar as máquinas a roncar e desceu as escadas. Fez-lhes sinal para irem às prateleiras junto dos fundos do primeiro andar, mirando Juliette e Marshall, que o seguiram com avidez, enquanto Roma e Benedikt seguiam com maior hesitação, observando os dois como se receassem que aquela paz fosse apenas parte de uma luta mais demorada.

– Estas pequenas engenhocas não foram feitas com fundos dos Flores Brancas e não têm qualquer relação com os vossos disparates de gângsteres,

por isso não se vá pôr a contar nada ao seu pai, Roma – começou Lourens. Pegou num frasco de sais azuis e abriu-o. – Cheirem.

Juliette debruçou-se.

– Cheira bem.

Lourens sorriu para si mesmo. O movimento era algo engraçado, com a parte central do seu queixo agora sem barba. – Induz convulsões em pássaros. Eu geralmente salpico-o na zona relvada, nas traseiras do edifício.

Passou a um pó cinzento, tirando-o para baixo, para que Marshall o visse. Marshall passou-o a Benedikt, que o passou a Roma, que o devolveu. Estes dois últimos, não tinham olhado para o frasco mais de um segundo.

– Isto cria uma explosão rápida e súbita de ar quando se mistura com água – explicou Lourens quando o frasco regressou às suas mãos. – Geralmente, atiro-o ao rio Huangpu quando vou dar uma volta e os pássaros tentam andar à minha volta. Assusta-os muito bem.

– Começo a ver aqui um padrão – disse Juliette.

Lourens fez uma careta e as suas feições envelhecidas descaíram.

– Pássaros – murmurou ele. – Diabinhos em miniatura.

Juliette tentou não se rir, passando os olhos por mais rótulos na prateleira. O seu holandês era sobretudo oral, de modo que era difícil compreender aquilo que estava escrito em cada frasco. Quando a sua inspeção deparou com um frasco pequeno ao fundo, não sabia ao certo qual foi a causa do seu interesse – se foi por ter DOODSKUS impresso de lado, ou por ser o líquido branco mais opaco que ela alguma vez tinha visto. Lembrava-lhe o branco dos seus olhos: impenetrável, sólido.

– O que é aquele? – perguntou Juliette, apontando.

– Oh, esse é novo. – Lourens praticamente pôs-se em bicos de pés, empolgado quando estendeu o braço para o agarrar.

Com o frasco aninhado na mão, o cientista mexeu-lhe com especial cuidado, abrindo devagar a tampa. Juliette captou o aroma, que cheirava a um jardim de rosas. Era doce e fragrante e lembrava-lhe tempos idos, a correr pelo jardim das traseiras com terra nas mãos.

– É capaz de fazer parar o coração de um organismo – explicou Lourens de forma reverente. – Ainda não o aperfeiçoei, mas a ingestão desta substância deve criar um estado que se assemelha à morte durante três horas. Quando passa… – Estalou os dedos. O som atrasou-se, uma consequência das suas articulações velhas e rígidas. – O organismo acorda, como se nunca tivesse estado morto.

Nesse momento, um forte retinir ecoou pelo laboratório e Lourens exclamou que a máquina tinha terminado, restituindo o frasco à sua posição original e apressando-se escadas acima, de volta à sua mesa de trabalho. Roma e Benedikt foram rápidos a seguir no seu encalço, proclamando as suas hipóteses sobre aquilo que ele iria encontrar. Entretanto, Juliette estendeu a mão para a prateleira. Antes que Lourens pudesse espreitar e ver, a mão dela engoliu o frasco de material branco impenetrável e ela enfiou-o pela manga. Fora suficientemente rápida para evitar o olhar de Lourens, mas não o de Marshall. Juliette olhou-o e desafiou-o a dizer alguma coisa.

Marshall limitou-se a fazer um trejeito com os lábios e virou-se, apressando-se atrás dos outros. Parecia apropriado que ele se sentisse menosprezado quando ela andava a espreitar os relatórios do laboratório deles, mas aquilo divertia-o.

– Vejamos – estava Lourens a dizer quando Juliette finalmente se juntou a eles.

Lourens levantou a tampa de uma máquina e tirou de lá uma tira delgada de papel com linhas pretas que percorriam toda a sua largura. Fazendo um som entre dentes que Juliette não conseguiu interpretar, Lourens passou por ela dirigindo-se a outra máquina, para verificar o ecrã negro daquela e olhar de novo para a tira de papel. Quando terminou, a sua última paragem foi nos livros que tinha em cima da secretária.

– Bem – disse finalmente Lourens, depois de ter percorrido os seus livros e de ter mantido toda a gente a ferver, num completo silêncio, durante cinco minutos.

Parou os dedos ao fundo de uma página amarelada, tamborilando duas vezes numa lista de fórmulas que tinha imprimido manualmente, como se isso significasse alguma coisa.

– Com o nosso ponto de partida limitado, não sou capaz de concluir se se trata de uma verdadeira vacina, como dizem. Não tenho nada que sirva de termo de comparação. – Lourens semicerrou de novo os olhos para a página. – Mas é, de facto, uma mistura com alguma utilidade. A substância primária é um opiáceo, que julgo ter sido introduzido aqui nas ruas com o nome de *lernicrom*.

Juliette ficou gelada. Sentiu um tremor na espinha, uma revelação que desceu diretamente dos Céus para os seus ombros.

– Tā mā de – praguejou baixinho. – Conheço essa droga.

– Bem, começámos ambos a fazer negócio com ela, embora de forma esparsa – disse Roma, que também reconheceu o nome.

– Não, não é isso – disse Juliette, cansada. – *Lernicrom.* É a droga que o Walter Dexter tentou vender por atacado ao Gangue Escarlate. – Fechou os olhos, depois tornou a abri-los. – É o fornecedor do Larkspur.

Capítulo 26

Na noite seguinte, Juliette estava embrenhada nos seus pensamentos.

Todas aquelas vezes em que descartou Walter Dexter, podia antes ter reunido informações. Agora, pareceria suspeito se tentasse voltar às boas-graças dele. Talvez fosse por isso que as pessoas eram avisadas para não fechar as portas, mesmo que a porta fosse dar a um mercador que não prestava para nada.

Juliette espetou os pauzinhos com raiva. Suspeito ou não, ela tinha de voltar ao contacto com Walter Dexter sem causar desconfiança. E ao pensar em como o fazer, independentemente do caminho que seguisse, todas as vias pareciam conduzir ao seu filho, Paul Dexter.

Apetecia-lhe estrangular-se só de pensar nisso.

Talvez não tenha de ir atrás dele, pensou Juliette sem convicção. *Talvez eu ande apenas atrás de fantasmas. Sabe-se lá se ele terá conhecimento de alguma coisa.*

Mas ela tinha de tentar. Tudo naquele bizarro assunto era circunstancial. Lá por Walter Dexter ser fornecedor do Larkspur não significava que soubesse mais alguma coisa do que eles sobre a identidade e a localização dele. Lá por o Larkspur estar a fazer a vacina, isso não queria dizer que os pudesse conduzir a uma cura daquela maldita doença.

Da mesma forma, significava também que o Larkspur *podia* saber, assim como Walter Dexter.

Que raio.

– Onde estás esta noite?

Face aos bruscos chamamentos de Rosalind, Juliette ergueu os olhos da comida, parando apenas por um instante antes que os seus pauzinhos se fechassem inadvertidamente no ar.

– Aqui mesmo – disse ela, franzindo o sobrolho quando Rosalind fez uma cara que dizia não acreditar nela.

– A sério? – Rosalind gesticulou com o queixo sobre a mesa. – Então, porque é que ignoraste Mr. Ping quando te pediu a opinião sobre as greves, hein?

A atenção de Juliette desviou-se para Mr. Ping, membro do núcleo duro do seu pai que gostava de lhe perguntar como iam os estudos sempre que a via. Se bem se lembrava, um dos seus temas prediletos era a astrologia; tinha sempre alguma sugestão a fazer sobre o alinhamento dos signos do Zodíaco ocidentais, e Juliette – mesmo aos quinze anos – tinha sempre de gracejar para contrapor que o destino funcionava através da ciência e das estatísticas. Naquele momento, ele estava de beicinho do outro lado da mesa circular, com ar particularmente ferido. Juliette estremeceu.

– Foi um longo dia.

– Efetivamente – murmurou Kathleen, do outro lado de Rosalind, enquanto massajava a cana do nariz.

A algazarra da sua sala privada era forte o bastante para competir com o resto do restaurante, lá fora. Lord Cai estava no lugar ao lado dela, mas aqueles jantares não eram uma oportunidade para conversas entre pai e filha. O pai estava muito ocupado com outras conversas para lhe dirigir uma palavra que fosse e a mãe tinha a seu cargo a segunda mesa da sala, liderando aí a conversa. Não era ambiente para conversas pessoais. Era horário nobre para que os membros do núcleo duro do Gangue Escarlate se

acotovelassem, vangloriassem e bebessem quase até à morte uns com os outros, para ganharem favoritismo.

Tyler era geralmente uma das pessoas mais barulhentas nas mesas. Nesse dia, contudo, estava a cobrar dinheiro das rendas, como nos últimos dias. Enquanto Juliette fosse responsável pela loucura, Tyler desempenhava os seus papéis de herdeira, e deliciava-se com isso. Juliette ficava rígida sempre que o ouvia aos gritos pela casa, a reunir o seu séquito para poderem sair – e isso estava a acontecer com frequência. Era como se a cada minuto houvesse um novo caloteiro, uma conta a entrar no vermelho. Tyler brandia a sua arma e ameaçava donos de loja e inquilinos até lhes sacar a quantia necessária, até os Escarlates receberem aquilo que lhes era devido. Era hipócrita da parte de Juliette olhar de cima para Tyler por estar a fazer aquilo que tecnicamente era um trabalho seu, ela sabia disso, mas realizar tal tarefa naquele clima deixava-a pouco à vontade. As pessoas não estavam a pagar por insubordinação; simplesmente, não estavam a ter rendimentos suficientes porque todos os clientes estavam a morrer.

Juliette suspirou, a brincar com os pauzinhos. A comida rodava diante deles na mesa giratória de vidro, apresentando patos assados e bolinhos de arroz e *noodles* fritos de forma incessante. Entretanto, Juliette servia-se mecanicamente do centro e colocava a comida no prato, levando-a à boca sem a saborear verdadeiramente. Era uma pena, na verdade. Bastava um olhar para a verdura rica dos legumes, para o brilho do peixe escamado, para a gordura reluzente que saía da carne, para fazer crescer água na boca de qualquer pessoa.

Só que Juliette divagava uma vez mais. Ao dar-se conta de que levava o cinzeiro à boca, em vez da chávena de chá de cerâmica, sacudiu-se para voltar à realidade e apanhou a última sílaba que saía da boca de Rosalind –

não sendo suficiente para saber o que a prima dissera, mas bastava para perceber que tinha sido uma pergunta e que era algo que merecia de Juliette uma resposta, e não um sorriso e um som genérico, inquisitivo.

– O quê, desculpa? – disse Juliette. – Estavas a falar, não estavas? Desculpa, estou péssima…

E estava prestes a ficar mais péssima ainda, porque nunca haveria de saber o que Rosalind tinha perguntado. Nesse momento, o seu pai pigarreava e as duas mesas da sala privada ficaram imediatamente em silêncio. Lord Cai levantou-se, com as mãos atrás das costas rígidas.

– Espero que estejam todos bem – disse o pai. – Há um assunto que tenho de abordar esta noite.

Instintivamente Juliette ficou tensa. Preparou-se.

– Hoje ficou provado, de forma inequívoca, que existe um espião no Gangue Escarlate.

Um silêncio total desceu sobre a sala – não era uma ausência de som, mas uma presença, como um manto pesado e invisível que tivesse sido colocado sobre os ombros de todos. Até os criados pararam – um rapaz que servia chá ficou paralisado a meio do seu movimento.

Juliette limitou-se a pestanejar. Trocou um olhar com Rosalind. Era quase do conhecimento geral que havia espiões no Gangue Escarlate. Como poderia não haver? Os Escarlates por certo tinham pessoas entre as fileiras dos Flores Brancas. Não seria difícil considerar que os Flores Brancas tivessem invadido os seus mensageiros, especialmente tendo em conta a frequência com que os deles ganhavam vantagem sobre o Gangue Escarlate.

Lord Cai continuou.

– Há um espião no Gangue Escarlate que foi convidado para esta sala.

Durante um breve e horrendo segundo, Juliette sentiu uma pontada de medo de que o pai se referisse a *ela*. Poderia ele ter descoberto a sua associação aos Flores Brancas – a Roma Montagov – e interpretado mal?

Impossível, pensou ela, cerrando os punhos debaixo da mesa. Não deixara escapar nenhuma informação. De certeza que devia ter acontecido alguma coisa que prejudicara o seu negócio para provocar uma declaração daquelas por parte do pai.

Tinha razão.

– Hoje, três importantes potenciais clientes saíram das parcerias planeadas connosco. – O pai de Juliette mantinha um ar de exaustão, como se estivesse farto de lutar contra uma clientela nervosa, mas Juliette viu para além do disfarce. O seu olhar saltou do pai para as linhas tensas dos ombros rígidos da mãe, do outro lado da sala. Eles estavam furiosos. Tinham sido traídos.

– Sabiam os nossos preços antes mesmo de serem sequer propostos – continuou Lord Cai. – Preferiram os Flores Brancas.

Sem dúvida, depois de os Flores Brancas os terem abordado com preços inferiores. E como poderia um espião conhecer uma informação tão protegida, a menos que pertencesse ao núcleo duro? Não era obra de um mensageiro com ideias vagas acerca de locais de entrega. Era um assunto do cerne do negócio Escarlate e houvera uma fuga de informação.

– Eu conheço o passado de todos vós – continuou Lord Cai. – Sei que são todos nascidos e criados em Xangai. O vosso sangue corre milhares de anos até aos antepassados que nos unem. Se há aqui um traidor, não foi virado por verdadeira lealdade nem nada desse calibre, mas por uma promessa de dinheiro, ou de glória, ou de falso amor, ou simplesmente pela emoção de

brincar aos espiões. Mas asseguro-vos… – Voltou a instalar-se no seu lugar e estendeu o braço para o bule do chá. Encheu de novo a chávena de cerâmica, com as mãos perfeitamente estáveis, enquanto as folhas subiram até ao rebordo, entornando para a toalha de mesa vermelha até a sujarem, num negrume que lembrava um afloramento de sangue. Juliette temia que, se ele entornasse mais, o chá quente se espalharia pela toalha, queimando-lhe as pernas. – Quando eu descobrir quem é, as consequências à minha mão serão muito maiores do que possam fazer os Flores Brancas face à notificação de que deixará de ser um traidor.

Para alívio de Juliette, Lord Cai pousou por fim o bule, antes que a bebida entornada chegasse ao rebordo da mesa. O pai estava a sorrir, mas os seus olhos, apesar das rugas da idade nos cantos, permaneciam inexpressivos como os de um carrasco. Nesse momento, Lord Cai não optou por palavras verbais para exprimir a sua mensagem. Deixou que a sua expressão falasse por si.

Não havia dúvida de que familiar Juliette herdara o sorriso monstruoso.

– Por favor – disse Lord Cai, quando ninguém se mexeu depois de terminada a ameaça. – Vamos continuar a comer.

Lentamente, os homens poderosos e as suas mulheres, que lhes sussurravam ao ouvido, pegaram de novo nos pauzinhos. Juliette já não conseguia sentar-se direita. Inclinou-se para o pai e murmurou que tinha de ir depressa à casa de banho. Quando Lord Cai anuiu, Juliette levantou-se e dirigiu-se à porta.

Do lado de fora da sala privada do Gangue Escarlate, Juliette encostou-se à parede fria, demorando um segundo a recobrar o fôlego. Viu os outros clientes do restaurante à sua esquerda, onde o volume era um rugido – um

esforço coletivo de diferentes mesas pequenas, cada uma debatendo-se para se fazer ouvir por cima das outras. À direita, havia portas separadas que davam para a cozinha e para as casas de banho. Com um suspiro, Juliette dirigiu-se à casa de banho.

– Acalma-te – disse a si própria, encostando a cabeça à grande pia de metal. Inclinou o pescoço, respirando pesadamente.

O que diria o pai, se soubesse que ela estava a trabalhar com Roma Montagov? Será que veria as coisas como ela via, que abdicar daquele ponto de orgulho poderia ajudar toda a sua gente, se conseguissem parar a loucura? Ou ficaria preso no cerne da traição de Juliette: que ela tivera inúmeras oportunidades de matar Roma, como vingança por todo o sangue que as mãos dele derramaram, mas não o fez?

Juliette empinou o queixo, enfrentando o espelho distorcido de bronze, que tinha à sua frente. Só via uma desconhecida.

Talvez ela estivesse metida num grande aperto. Talvez o caminho certo a seguir fosse sair de qualquer aliança que tivesse com Roma Montagov e ir antes ter com a sua gente, para discernir uma maneira de encurralar Walter Dexter com força bruta e fazê-lo falar…

Um grito chegou-lhe aos ouvidos. Juliette sobressaltou-se, registando que vinha da zona principal do restaurante.

Irrompeu da casa de banho. Numa questão de segundos, acorrera à origem do grito, ofegante enquanto procurava vítimas. Encontrou apenas um homem caído no chão. Os seus olhos pousaram nele no mesmo segundo em que as mãos dele se lançaram ao pescoço.

Mas ninguém avançou para o ajudar. Mesmo quando rasgava a garganta, deitando pedaços de pele fora, ao longo de um pequeno raio, acabando por

se imobilizar na morte, as pessoas no restaurante continuaram a sua vida. Só uma senhora idosa ao fundo acenou a um empregado para ir limpar a cena. Algumas outras pessoas mal vacilaram, agindo como se não tivessem reparado, como se o não reconhecimento da morte a ofendesse o suficiente para que fosse embora.

Havia gente a despedaçar o próprio pescoço e as pessoas daquela cidade tinham ficado tão dessensibilizadas que se contentavam em continuar a jantar, como se fosse uma vulgar terça-feira. E Juliette supunha que fosse. Se aquilo continuasse, seria a norma até toda a cidade entrar em colapso. Era apenas uma questão de tempo até que todos os pequenos estabelecimentos de Xangai se esvaziassem, quer por os seus clientes terem sucumbido à loucura, quer por os outros não desejarem frequentar lugares onde era provável haver infeção. Era uma questão de tempo até os negócios que tinham a assistência dos Escarlates consumirem as poupanças e deixarem de poder pagar a renda, apesar das ameaças de Tyler, até grandes restaurantes daquela dimensão ruírem também. Brotavam rosas vermelhas casa sim, casa não por todo o território Escarlate. Avisos em cima de avisos, mas de que serviam os avisos face à loucura?

– Ei – disse bruscamente Juliette quando o empregado se agachou junto do homem morto. – Não lhe toque. – O tom dela assustou suficientemente o empregado para o fazer recuar aos tropeções. – Ponha uma toalha de mesa em cima do corpo e chame um médico.

Não havia garantias. Precisava da ajuda de Roma para repôr a normalidade na cidade. Mas também precisava de parar de cruzar os braços e dar desculpas.

Precisava de traçar ardilosamente o seu caminho até junto de Paul Dexter.

*

Àquela hora, era difícil encontrar a linha no horizonte onde as águas terminavam e a terra começava, onde o rio Huangpu se fundia na margem, do outro lado. Quando Benedikt se sentava à beira da água, a olhar a noite, era fácil esquecer a mistura em torvelinho de vermelho e dourado, de fumo e risos que existia na cidade atrás dele. Era fácil acreditar que só havia aquilo: uma terra sem forma, salpicada com os mais leves pontinhos de brilho da outra margem.

– Bem me parecia que te ia encontrar aqui.

Benedikt virou-se para a voz, deixando a perna a balouçar na borda do passadiço. A luz que emoldurava Marshall feriu os olhos de Benedikt, que não estavam ajustados àquele brilho, quando olhou para ele.

– Não vou propriamente a mais lado nenhum.

Marshall enfiou as mãos nos bolsos. Naquela noite, estava bem vestido, com um fato ocidental, o que era raro mas não inusitado, pois Lord Montagov mandara-o fazer um recado.

– Sabes qual é a extensão do rio Huangpu? Tu és meticuloso, Ben. Acho que nunca te encontrei duas vezes no mesmo lugar.

Abaixo deles, o rio parecia oscilar, em resposta. Sabia que estavam a falar dele.

– Aconteceu alguma coisa? – perguntou Benedikt.

– Estavas à espera de que acontecesse? – respondeu Marshall, e foi sentar-se ao lado dele.

– Está *sempre* a acontecer alguma coisa.

Marshall pressionou os lábios. Pensou por um segundo.

– Não, não aconteceu nada – disse ele por fim. – Quando deixei o Roma, estava a fazer um rascunho da resposta a uma mensagem da Juliette. Está há três horas naquilo. Acho que vai distender o músculo.

Roma não fazia nada a meio gás. Sempre que visitava o leito de Alisa, ficava lá quase metade do dia, que se danassem as suas outras tarefas. A única razão por que Lord Montagov permitia tal inatividade da sua parte era por saber que Roma acabaria por realizar as suas outras tarefas com total atenção, mal saísse do hospital.

– Antes distender o músculo do que arrancar a própria garganta – murmurou Benedikt. Parou. – Não confio nela.

– Na Juliette?

Benedikt anuiu.

– Claro que não confias – disse Marshall. – Nem devias confiar. Isso não significa que ela não seja útil. Não significa que não possas gostar dela. – Gesticulou para o beco. – Já podemos ir para casa?

Benedikt suspirou, mas já se estava a levantar, sacudindo as mãos.

– Podias ter ido para casa sozinho, Mars.

– Que graça é que isso tem?

Benedikt nunca haveria de compreender a necessidade frequente que Marshall tinha de estar rodeado de pessoas. Marshall era alérgico à solidão – certa vez, tinha mesmo ficado com uma erupção cutânea por ter permanecido sentado no quarto, proibindo-se de sair até fazer o saldo de um livro de contabilidade. Benedikt era o oposto. As pessoas faziam-no sentir-se peganhento. As pessoas faziam-no pensar com duas vezes mais esforço nas palavras e suar quando não as escolhia bem.

– Imagino que não estejas com vontade de parar num casino primeiro? – perguntou Marshall quando começaram a andar, com um sorriso rasgado. – Ouvi dizer que há…

A meio do seu discurso, Marshall imobilizou-se de repente e estendeu um braço para puxar Benedikt para trás. Benedikt precisou de uns segundos para ver porque tinham parado. Precisou de alguns mais para *compreender* verdadeiramente aquilo que estava a ver.

Uma sombra – alongando-se na calçada à frente deles. Ainda iam a meio do beco, muito embrenhados para olhar para além dos edifícios altos do outro lado e determinar o que estava a fazer aquela sombra que assomava. O lampião não estava longe; os contornos projetados eram bruscos e bem definidos, não deixando margem para dúvidas da presença de cornos, membros que se moviam com um cambalear doloroso, uma dimensão incompreensível para qualquer coisa natural.

Chudovishche. Monstro. O mesmo que Xangai inteira andava a ver, a espreitar pelos recantos da cidade.

– Deus do Céu – murmurou Benedikt.

A sombra dirigia-se para eles, para o seu beco.

– Esconde-te!

– Esconder? – sibilou Marshall. – Queres que me encolha por artes mágicas?

Com efeito, o beco era demasiado estreito para oferecer um esconderijo viável. Mas havia uma lona azul larga por cima das caixas de madeira deitadas fora. Sem tempo para dar instruções, Benedikt agarrou na lona e empurrou repentinamente Marshall para baixo, fazendo-lhe «chiu» quando

Marshall estremeceu, e também ele se dobrou para baixo, até ficarem aninhados ao longo das caixas e se esconderem debaixo da fina lona.

Algo pesado passou pelo beco. Soava esforçado, como pés que não se apoiam bem, como narinas finas de mais para deixar passar a respiração, por isso só saía uma pieira.

Depois, ouviu-se na noite um grosseiro chapinhar na água. Caíram gotas na superfície do rio, como se tivesse começado a chover apenas numa secção do céu.

– O que foi aquilo? – sibilou Marshall. – Saltou para a água?

Benedikt agarrou um canto da lona, pondo a cabeça de fora devagarinho. Marshall agarrou-lhe o ombro e tentou fazer o mesmo, até os dois espreitarem para fora do seu esconderijo, de olhos semicerrados no escuro, tentando ver o rio a bater na outra extremidade do beco.

Um vulto flutuava na água. Ao luar, era difícil captar grande coisa, a não ser o brilho daquilo que podia ser a espinha, fileiras de protrusões que se distorciam, mudavam e…

Benedikt disse um palavrão, empurrando Marshall para baixo.

– Esconde-te, esconde-te, *esconde-te*!

Um irromper de movimento emergiu da água – *do* monstro. Pontinhos em miniatura – cuspidos para o ar, mal se viam até aterrarem no passadiço, mal se viam até correrem em frente ao luar, lembrando um tapete a deslocar-se pelo beco.

Marshall levantou o oleado e Benedikt bateu com o pé no seu rebordo, pressionando-o com força no chão, não fossem os insetos atravessá-lo. Ouviu-se um ruído de correr. O som de mil e uma patinhas a roçar na gravilha grossa, dispersando para a cidade.

Silêncio. Passou um longo minuto. O silêncio continuou.

– Acho que se foram embora – sussurrou Benedikt. – Mars?

Marshall fez um som de engasgo.

– Marshall!

Benedikt deslocou-se suficientemente depressa para agitar o ar à sua volta. Colocou as duas mãos nas faces de Marshall, apertando com força para exigir a atenção e a sanidade de Marshall, apertando com força, para o caso de ter de o impedir de se esgaravatar até à morte.

Mas, em vez de sucumbir à loucura, Marshall sorriu. Um instante depois, uma gargalhada divertida escapou dos seus lábios.

– Estou só a brincar, Ben.

Benedikt fitou Marshall.

– Mudak – sibilou, zangado. Quando retirou as mãos, teve de resistir ao impulso de bater em Marshall. – O que se passa contigo? Porque é que brincas com um assunto destes?

Marshall agora parecia confuso, como se não compreendesse a fúria lançada contra si.

– Eles não tinham passado em cima de nós – disse ele, devagar. – Porque é que havias de me levar a sério?

– Porque não? – disse bruscamente Benedikt. – Não se brinca com uma coisa destas, Marshall. Eu não te vou perder!

Marshall pestanejou. Inclinou a cabeça, com curiosidade, da mesma maneira que costumava fazer quando tentava prever o movimento seguinte de Benedikt durante uma luta. Nas lutas a sério, Benedikt sempre fora

melhor a prever os golpes falsos e preguiçosos de Marshall, a seguir o rasto das suposições de Marshall e a agir de modo contrário.

Mas ali, sentados de nariz quase encostado, nunca teria esperado que Marshall estendesse o braço para lhe tocar na face – o toque de um dedo suave como uma pena, como que a testar se Benedikt estaria mesmo ali.

Benedikt afastou-se com um solavanco. Tirou o oleado de cima deles, pondo-se em pé num turbilhão.

– Tenho de contar a Roma o que acabámos de ver – disse ele. – Vemo-nos em casa.

Foi-se embora à pressa, antes que Marshall pudesse segui-lo.

*

Roma enviou finalmente a sua carta de resposta, cinco horas depois de ter começado a escrevê-la. Após tê-la revisto pela décima vez, já nem a certeza absoluta tinha de ter escrito corretamente o próprio nome.

– Será que devia ter incluído o meu patronímico? – perguntou então aos seus botões, passando à página seguinte do seu livro, sem apreender uma única palavra. – É estranho?

Tudo aquilo era demasiado estranho. Quatro anos antes, enviara tantas cartas de amor a Juliette que, quando se sentou para escrever *esta* carta – para concordar que deviam reunir o máximo de informação possível sobre Walter Dexter das suas fontes separadas, antes de se encontrarem no Grande Mundo no dia seguinte – a sua reação imediata ao escrever «Querida Juliette» fora fazer uma comparação entre o cabelo dela e um corvo.

Roma suspirou, pousou o livro sobre o peito e fechou os olhos. Já estava deitado na cama. Achou que, já que ali estava, podia dormir uma sesta até

ser hora de ir meter o nariz nas fábricas dos Flores Brancas. Lá, alguém teria de ter informações sobre as andanças de Walter Dexter.

Mas no instante em que começou a passar pelas brasas, ouviu um pesado bater à porta do seu quarto.

Roma resmungou.

– O que foi?

A porta abriu-se. Benedikt entrou a voar.

– Tens um momento?

– Estás a interromper o meu tempo de qualidade com Eugene Onegin, mas tudo bem. – Roma tirou o livro do peito e pousou-o em cima do cobertor. – Seja como for, é desnecessariamente pretensioso.

– O monstro. Os insetos. São uma e a mesma coisa.

Roma sentou-se muito direito. Exigiu:

– Diz lá isso outra vez.

Benedikt sentou-se à secretária do primo, a ansiedade a libertar-se através do tamborilar rápido dos dedos. Roma, por outro lado, levantara-se depressa e começara a andar de um lado para o outro por todo o quarto. Havia demasiada tensão a acumular-se dentro de si.

– Os insetos vêm *do* monstro – disse Benedikt à pressa. – Nós vimos. Vimo-lo saltar para a água e depois… – Imitou uma explosão. – O desvario agora faz *sentido*. Os que dizem que ver o monstro gera a loucura estão corretos, só que não é da maneira que pensam. O monstro faz os insetos. Os insetos fazem a loucura.

De repente, Roma estava com falta de ar. Não em pânico, mas a compreender. Como se lhe tivessem apresentado uma caixa-presente de

informações, em pequenos pedaços e, se ele não os juntasse depressa, o presente seria levado.

– Isto é colossal – disse Roma, obrigando-se a ir mais devagar. – Se acreditarmos no Lourens, quando diz que estes insetos agem de maneira idêntica uns aos outros, se partirmos do princípio de que todos estão a ser controlados por uma entidade e essa entidade for na verdade o monstro… – Roma parou de andar de um lado para o outro. Quase caiu de joelhos. O monstro era real. *Real*. E não era que, até esse momento, ele não tivesse acreditado nos avistamentos, mas aceitava-os da mesma maneira que aceitava os estrangeiros nas concessões – como um inconveniente, mas não a sua maior ameaça. Os avistamentos estavam fora do seu campo de preocupação, eram secundários à loucura. Mas agora…

– Se matarmos o monstro, matamos todo e qualquer desses insetos peculiares de Xangai. Se matarmos o monstro, paramos a loucura.

Então, os insetos cravados em Alisa morreriam. Ela deixaria de estar sob as garras da loucura. Poder-se-ia levantar de novo. Era tão bom como uma cura.

Benedikt contraiu os lábios.

– Dizes isso como se fosse fácil. Tu não o viste.

Roma fez uma pausa nas suas andanças.

– Bem… o que é que tu viste?

Um silêncio carregado instalou-se no quarto. Benedikt parecia ponderar a sua resposta. Bateu com os nós dos dedos na secretária algumas vezes, depois repetiu o gesto, pelo sim, pelo não. Por fim, deu um abanão minúsculo à cabeça.

– Ouviste as histórias – respondeu tensamente Benedikt. – Não estão muito longe da verdade. Eu não me preocuparia ainda com a sua aparência. Antes que possamos sequer pensar em matá-lo, como o encontramos de novo?

Roma retomou as passadas.

– O Marshall disse que os comunistas o viram sair do apartamento do Zhang Gutai.

Se Roma estivesse a prestar muita atenção, teria visto a expressão do primo alterar-se de repente – não numa careta, nem num ar de desdém, mas num clarão de dor. Era uma sorte que todos os Montagov soubessem como passar para um olhar em branco num piscar de olhos. Quando Roma o olhou, Benedikt retomara uma expressão neutra, para que o primo continuasse.

– Preciso que tu e o Marshall fiquem a vigiar o apartamento do Zhang Gutai – decidiu Roma. O plano ganhava forma à medida que ele falava, cada peça juntando-se momentos depois de a anterior ter feito clique. – Fiquem atentos a qualquer aparência do chudovishche. Confirmem-me se o Zhang Gutai é culpado. Se virem com os vossos olhos um monstro aparecer, saberemos que ele o controla para espalhar a loucura por Xangai. Saberemos então como encontrar o monstro para o matar: encontrando o Zhang Gutai.

Desta vez, Benedikt fez uma careta.

– Queres que eu fique simplesmente a *vigiar*? Isso parece… entediante.

– Eu ficaria preocupado com a tua segurança, se o trabalho fosse empolgante. Quanto mais aborrecido, melhor ficas.

Benedikt abanou a cabeça.

– Já nos entediaste o bastante ao pôr-nos à procura de vítimas vivas da loucura, e olha só onde isso nos levou – disse ele. – Porque é que não podem ser tu e a Juliette a fazer isso? Vocês já estão na investigação. Eu também tenho a minha vida, sabes.

Roma semicerrou os olhos. Benedikt cruzou os braços. *Haverá alguma coisa nesta missão que é pedir de mais?,* pensou Roma. *Que resistência é esta? Não passa de mais uma oportunidade para andar na galhofa com o Marshall, que ele, de qualquer maneira, faz diariamente.*

– Não vou desperdiçar a nossa colaboração com a Juliette a andar atrás do Zhang Gutai – respondeu Roma, mostrando-se ofendido com a ideia.

– Julguei que este monstro era uma preocupação nossa, não o Larkspur.

– Eu *sei* isso – disparou Roma. Estava eriçado, incapaz de reprimir a agudeza do seu tom. A vida de Alisa estava em jogo, não tinha energia para debater essas questões irrisórias. – Mas não podemos ter a certeza se o Zhang Gutai tem mesmo uma ligação ao monstro *até vermos alguma coisa*. Até lá, precisamos de um plano alternativo de respostas ao monstro e à loucura. Até lá, precisamos de chegar ao fundo desta figura do Larkspur, para podermos perceber porque é que ele sabe aquilo que sabe e usá-lo para chegar ao monstro.

Mas Benedikt continuava a insistir em levar a sua avante.

– Não podes ir atrás do Zhang Gutai *depois* de encontrares o Larkspur? Obviamente, estão ligados de alguma maneira, se encontraste correspondências entre os dois.

– Benedikt – disse Roma com firmeza. – Foi apenas uma correspondência da parte do Larkspur. – Abanou a cabeça. O primo estava a passar ao lado

dele. – Olha… tu e o Marshall têm de fazer isto, porque não sabemos quanto tempo pode demorar até o monstro aparecer.

– Não podes pedir a um gângster de um nível inferior que fique de olho nele e pronto?

– Benedikt.

– E, sinceramente, só precisas de uma pessoa nesta tarefa.

– És ou não – interrompeu Roma, com um tom de voz subitamente frio – um Flor Branca?

Isto calou-o. Benedikt pressionou os lábios e disse:

– Claro.

– Então para de discutir as minhas ordens. – Roma pôs as mãos atrás das costas. – É tudo?

Benedikt deixou-se ficar. Fez uma vénia falsa, a boca com um trejeito amargo.

– Sim, primo – disse ele. – Agora deixo-te com os teus deveres de herdeiro. Certifica-te de que não te extenuas de mais.

Uma rajada de vento seguia a sua fuga rápida. O bater da porta fez um eco forte o suficiente para abanar a casa.

Deveres de herdeiro. Que engraçadinho. Benedikt sabia muito bem que Roma podia ser herdeiro ou fantasma. Benedikt podia muito bem ser uma das poucas pessoas que compreendia que Roma não lutava tanto para continuar a ser herdeiro por gostar do poder, mas por ser o único lugar em que podia controlar a segurança do seu pessoal. Se os Céus se rasgassem e oferecessem a Roma uma mansão nos arredores, para onde ele e os seus se

pudessem mudar e viver uma vida na obscuridade, escolheria imediatamente essa vida.

A picada de Benedikt abandonou os ombros de Roma. O primo podia queixar-se o que quisesse e despejar a raiva em Roma, mas era demasiado racional para descartar logo a tarefa. Iria fazê-la e queixar-se como tudo, mas depois calar-se-ia quando fosse importante. Além disso, Benedikt não podia resmungar durante muito tempo. Fosse o que fosse que lhe tivesse embrulhado daquela maneira as entranhas, ia soltar-se em breve e, nessa altura, esqueceria a razão para ter feito aquela cena.

Roma suspirou e voltou a cair na cama.

Sempre soube que sentar-se no topo trazia espinhos e ferrões.

Mas, naquela cidade, destituída de um caminho alternativo, pelo menos aquele era melhor do que não ser herdeiro de todo.

*

Mais tarde, nessa noite, alguém bateu à porta de Kathleen, arrancando-a à sua leitura. Já estava aninhada nos cobertores, meio a considerar fingir que dormia, para não ter de se levantar, pôr o pendente e ir atender, quando a porta se abriu, pura e simplesmente, sozinha.

– Obrigada por esperares pela minha resposta – disse com voz monótona, mirando Rosalind, que entrava.

– Não ias abrir – respondeu a irmã, sabedora.

Kathleen fez uma careta e fechou a revista que estava a ler. Calculava que os mais recentes estilos de sapatos da estação podiam esperar.

– Eu podia estar a dormir.

Rosalind olhou para cima. Apontou para o pequeno candelabro, depois para três candeeiros dourados espalhados pelo quarto.

– Dormes de luz acesa?

– Pff. Talvez.

Com um revirar dos olhos, Rosalind sentou-se aos pés da cama. Durante muito tempo, pareceu ficar a olhar para coisa nenhuma, depois puxou as pernas até ao peito e pousou delicadamente o rosto na superfície plana dos joelhos.

Kathleen franziu o sobrolho.

– Ça va?

– Ça va. – Rosalind suspirou. – Lord Cai assustou-me hoje à noite.

– A mim também. – Era uma grande e poderosa alegação, insistir que um espião traçara o seu caminho até ao núcleo duro dos Escarlates. O círculo era limitado. – Já temos problemas que cheguem com as pessoas a *morrer.* Isto vai criar ainda mais divisão.

Rosalind fez um som – podia ter sido de concordância; podia não ter passado da necessidade de aclarar a garganta. Passaram mais alguns segundos. Depois, ela perguntou:

– Não achas que seja a Juliette, pois não?

Kathleen esbugalhou os olhos.

– Não! – exclamou ela. – Porque é que te passaria sequer uma coisa dessas pela cabeça?

Rosalind comprimiu os lábios.

– Estou só a pensar em voz alta. Tu ouviste os mesmos rumores que eu.

– A Juliette nunca.

O ar estava a ficar um pouco denso. Kathleen não esperara aquilo, não esperara que se seguisse um silêncio cauteloso, quando quisera antes concordância.

– Não se pode confiar sempre de mais.

– Eu não confio *de mais* – disse bruscamente Kathleen, agora eriçada.

– Ah, a sério? – disparou Rosalind em resposta. O volume das vozes estava a aumentar. – Então, que rápida necessidade é esta de defesa? Eu estava só a atirar ao ar a possibilidade e tu reages como se eu te estivesse a arrancar a cabeça…

– Falar é perigoso – interrompeu Kathleen. – Tu sabes isso. Sabes aquilo que umas palavras inconsequentes podem fazer…

– O que é que *importa* o que a conversa pode fazer! É a Juliette!

Kathleen puxou com brusquidão os cobertores, chocada. Tinha um tinido nos ouvidos, como se a crise da irmã tivesse sido uma explosão, em vez de uma exclamação. Embora fossem as duas chegadas a Juliette, a relação de Rosalind com a prima era diferente da sua. Rosalind e Juliette eram demasiado parecidas. Ambas cobiçavam o papel de líder, o direito de terem a última decisão. Quando chocavam, só uma podia ter razão.

Mas… isto não era um choque. Era apenas…

– Credo, desculpa – disse subitamente Rosalind, a voz mais suave. – Eu não… desculpa. Eu adoro a Juliette. Tu sabes que sim. Só que… tenho medo, está bem? E nós não temos a mesma segurança que ela tem. Nada vai impedir Lord Cai de descobrir quem é o traidor e sabes que irá desconfiar primeiro de gente de fora, como nós.

Kathleen ficou rígida.

– Não somos propriamente gente de fora.

– Mas também não somos Cai.

Por mais que Kathleen o detestasse, a irmã tinha razão. Pouco importava que fossem mais chegadas ao núcleo dos Cai do que os outros primos de segundo, terceiro e quarto graus. Desde que o apelido fosse diferente, haveria sempre aquela dúvida na família, sobre se Rosalind e Kathleen pertenciam realmente ali. Vinham do lado de Lady Cai – o lado que tinha sido trazido para aquela casa, não o que nela era criado há gerações.

– Acho que, então, temos de ter cuidado – murmurou Kathleen. – Assegurarmo-nos de que não temos nenhum motivo para sermos acusadas.

Pessoas como Tyler não teriam com que se preocupar. Mesmo que todos fossem parentes da mesma maneira, ele tinha o nome Cai. Qualquer coisa que ele fizesse, qualquer coisa que alcançasse, era algo maravilhoso que se refletia na família, nas gerações de antepassados que os construíra da estaca zero. Tudo aquilo de que Kathleen e Rosalind fossem parte refletia-se antes nos Lang e Kathleen não conhecia absolutamente nada da história da sua família, a não ser a avó, que visitava uma vez por ano.

– Pois – murmurou Rosalind. Suspirou, esfregando a testa. – Está bem. Desculpa ter gritado. – Saltou da cama. – Vai dormir. Bonne nuit.

– Boa noite – respondeu Kathleen. A porta já se fechara.

Quando ela se deitou outra vez e pegou de novo na revista, já não pôde voltar a dar a sua atenção aos sapatos.

Ouviste os mesmos rumores que eu.

– Espera – murmurou Kathleen em voz alta. – *Que* rumores?

Capítulo 27

Juliette estava a uma unha negra de quebrar.

O ar estava gelado nessa tarde, um produto do céu sem nuvens e da brisa marinha. Enquanto caminhava pela calçada sob a delicada sombra das árvores verdes ondulantes, estava rodeada pelos sons da água da fonte a correr e dos pássaros a chilrear – os sons do Colonato Internacional, ainda um pouco atordoado pela loucura da noite anterior, agora a acordar com os raios dourados a acariciar-lhe os contornos.

Devia ter sido tranquilo, calmo. Era uma pena ela estar a passear-se com Paul Dexter, que ainda não lhe dera nenhuma informação substancial para ela trabalhar, apesar das horas que já tinham passado juntos.

– Tenho uma surpresa para si – dizia Paul, estonteado de tanto entusiasmo. – Fiquei encantado por receber uma carta sua, Miss Cai. Estou a gostar muito deste tempo passado na sua companhia.

O prazer é só seu.

Era quase como se ele soubesse o jogo dela. Sempre que ela se referia ao trabalho do pai dele, ele desviava o assunto para falar de como Walter Dexter trabalhava arduamente. Sempre que ela falava do trabalho *dele* com o Larkspur, Paul passava para o clima de Xangai e a terrível dificuldade em arranjar um trabalho de boa reputação. Juliette perguntou-se, por breves instantes, se Paul teria ouvido dizer que ela irrompera por uma casa de vacinação e se agora desconfiaria que ela quisesse derrubar o Larkspur, mas parecia improvável que a informação passasse a alguém tão irrelevante como Paul Dexter. Também se perguntou se ele teria recebido as mesmas instruções do Larkspur que os outros mercadores – relativamente a matar Juliette por um preço –, mas não imaginava como poderia ele planear o ato,

se fosse esse o caso. O mais provável era ele estar a usar tudo o que tinha simplesmente para a ter mais tempo por perto.

– Uma surpresa? – disse Juliette, distraída. – Não devia.

De certeza que Paul sabia que ela estava à procura de *alguma coisa*. Bastava isso para o deixar numa posição de vantagem em relação a ela – dava-lhe o direito de arrastar Juliette por ali, a seu bel-prazer. Mas de modo nenhum saberia especificamente aquilo que ela procurava e Juliette guardava *isso* a sete chaves. Era impossível ter noção de que ela sabia que o pai dele era fornecedor do Larkspur e que andava atrás de qualquer indício de informação que os Dexter tivessem sobre a identidade do Larkspur.

Alguém que estivesse a fornecer ao Larkspur a droga de que ele precisava para as suas vacinas tinha de ter um endereço para trabalhar. Era absurdo pensar que não. De outro modo, como faria Walter Dexter as entregas? Deixando drogas num buraco designado, dentro de um muro de tijolo?

– Ah, mas fiz. – Paul virou-se de repente. Em vez de caminhar ao lado de Juliette, ele estava agora dois passos à sua frente, a andar de costas com a mão esticada, para poder olhar para ela. Juliette obrigou-se a aceitar a mão. – Vai adorar. Está em minha casa.

Juliette empertigou-se. Era muitíssimo desadequado Paul Dexter mostrar-lhe alguma coisa em sua casa, mas era uma excelente oportunidade de maximizar a bisbilhotice. Ele que tentasse fazer alguma coisa desagradável. Ia ficar bastante incapacitado.

– Que emocionante – disse Juliette.

Paul deve ter sentido que a disposição dela melhorava, porque lhe sorriu. De facto, não parou de sorrir enquanto caminhavam; nem deixou de tagarelar, sobre o que achava da cidade, da vida noturna, dos casinos…

– Ouviu falar das greves?

O salto de Juliette enfiou-se com força numa fenda do passeio. Paul esticou depressa o braço, agarrando-a pelo cotovelo para que ela não caísse, mas Juliette não pensou em agradecer-lhe quando ergueu os olhos para a sua expressão bondosa. Limitou-se a pestanejar, e uma pequena e incrédula gargalhada escapou-lhe dos lábios.

– O que é que *você* sabe sobre as greves? – perguntou ela.

– Bastante, Miss Cai – respondeu Paul com confiança. – Agora há dois tipos de comunistas: os que estão a morrer por serem demasiado pobres para merecer a cura do Larkspur e os que estão tão zangados com isso que querem revoltar-se.

Demasiado pobres para merecer… *Mas que disparate…*

– Essas greves estão a decorrer em fábricas financiadas pelos Escarlates – disse Juliette. A voz dela saiu muito tensa e ela tossiu, tentando aligeirar o tom, de modo a que Paul não achasse que estava a agir de forma agressiva. – Vai correr bem. Temos tudo sob controlo.

– Certamente – concordou Paul, mas parecia mais estar a fazer-lhe a vontade, o que era por si só um insulto. – Ah, aqui estamos.

Quando Paul parou do lado de fora de um portão alto e premiu um botão para alertar alguém dentro de casa para que o abrisse, Juliette semicerrou os olhos por entre as grades. A casa estava bem no interior, de modo que ela não viu nada, a não ser colinas e colinas de relvados verdes.

– O seu pai não está em casa? – perguntou Juliette.

– Não. Está numa reunião – respondeu Paul. – Afinal, a renda não se paga sozinha.

O portão abriu-se, ressoando com um firme *clique*. Paul ofereceu-lhe o braço.

– Efetivamente – disse Juliette entre dentes.

A renda *não* se estava a pagar a si própria. Então, quanto é que um mercador estaria a ganhar para ter dinheiro para isto e como poderia ter feito tanto tão depressa? Outras casas ao longo daquela rua eram ocupadas por banqueiros e tenentes e diplomatas bem-sucedidos. Walter Dexter chegara a Xangai suficientemente desesperado para implorar uma audiência com o Gangue Escarlate. Entrara sub-repticiamente no clube burlesco com um fato que tinha um pequeno rasgão na manga. Seguramente, não começara por morar naquela casa. Seguramente, não chegara à cidade já a abarrotar de dinheiro.

No entanto, os indícios que tinha diante si diziam outra coisa.

Passaram pelas estátuas instaladas nos relvados, representações de deusas e fadas amontoadas umas sobre as outras, os rostos desamparados e de pele de mármore a reluzir. A porta da frente, que Paul empurrou para ela entrar, tinha entalhes de ouro, destacando-se das outras entradas e das escadas exteriores que emolduravam a casa.

– É linda – disse Juliette baixinho.

E falava com sinceridade.

Juliette atravessou o átrio e entrou numa sala de estar circular, os sapatos ecoando ruidosamente no chão duro e chamando a atenção das criadas, que dobravam roupa. Ao verem Paul, reuniram as suas coisas e saíram à pressa, trocando olhares cheios de significado. Nenhuma das criadas se deu ao trabalho de fechar as exóticas portas ao lado da sala de estar – portas emolduradas por vasos de flores que davam para um pátio extenso. Estavam

abertas de par em par, deixando uma brisa forte entrar com confiança, enfunando as cortinas brancas de gaze, de uma maneira que lembrava a Juliette coristas a dançar.

Paul correu para as portas e fechou-as. As cortinas aquietaram-se, esvoaçando até um triste parar. Deixou-se ficar ali um segundo mais do que o necessário, fitando o jardim, de olhos a reluzir com a luz brilhante lá de fora. Juliette foi pôr-se ao lado dele, respirando fundo. Ali de pé, se tentasse com força, quase poderia esquecer a aparência das ruas de Xangai. Podia estar noutro lado qualquer. Na Inglaterra rural, ou no Sul da América, talvez. O ar tinha um cheiro doce quanto baste. As vistas eram agradáveis quanto baste.

– É magnífica, não é? – perguntou Paul baixinho. – *Um sol de setembro, perdendo um pouco do seu calor, mas não do seu brilho…*

– Estamos bem longe da cordilheira do Colorado, Mr. Dexter – respondeu Juliette, apanhando a citação.

Paul deu um salto, incapaz de esconder a surpresa. Depois, sorriu e disse:

– Brilhante. Absolutamente brilhante. O seu inglês é extraordinário, para uma mulher chinesa. Não há vestígio de sotaque.

Juliette colocou a mão nas portas. Quando pressionou, sentiu o frio do vidro delicado impregnar-lhe os ossos.

– Tenho sotaque americano – respondeu ela, em tom monótono.

Paul fez um aceno, descartando o comentário.

– Sabe o que eu quero dizer.

Sei?, queria ela dizer. *Seria eu medíocre se soasse como a minha mãe, o meu pai e todos aqueles na cidade que foram obrigados a aprender mais do*

que uma língua, ao contrário de si?

Não disse nada. Paul aproveitou a oportunidade para lhe tocar no cotovelo e a conduzir ao resto da casa, falando com entusiasmo da sua surpresa. Seguiram por corredores compridos, passando por quadros surrealistas pendurados nas paredes branco-pérola. Juliette ia inclinando o pescoço aqui e ali, tentando inspecionar as divisões que vislumbrava, mas estavam a andar depressa de mais para que ela conseguisse ver bem.

Sucede que Juliette não precisava de se ter preocupado em procurar o centro de operações do negócio de Walter Dexter. Paul levou-a diretamente para lá. Chegaram a um amplo escritório – provavelmente a maior divisão de toda a casa –, com chão de madeira suave e estantes altas a forrar as paredes. Ali o ar era diferente: mais turvo, mais húmido, resultante das janelas seladas e das cortinas grossas. Os olhos de Juliette dirigiram-se primeiro à secretária gigantesca, abarcando a coleção de ficheiros e pilhas e mais pilhas de papéis.

– Hobson – gritou Paul. – Hobson!

Apareceu um mordomo atrás deles: chinês, vestido com roupa ocidental. De maneira nenhuma o seu nome verdadeiro seria Hobson. Juliette não teria ficado surpreendida se Paul lhe tivesse atribuído aquele nome por não querer pronunciar o chinês.

– Senhor?

Paul gesticulou, para a área espaçosa em frente da secretária, onde havia um tapete oval cinzento e, em cima dele, quatro cavaletes com quatro telas, tapados por um tecido grosseiro.

– Quer fazer as honras?

Hobson fez uma vénia. Entrou na divisão a passos largos, com as costas direitas e as mãos de luvas brancas entrelaçadas à frente do corpo. Quando puxou o tecido, ele fundiu-se com as suas luvas.

Juliette olhou para as quatro telas.

– Oh… meu…

– Gosta?

Cada tela era uma pintura dela: duas eram estudos das suas feições e as outras duas envolviam cenários, posicionando-a num jardim ou naquilo que podia ter sido o convívio para tomar chá mais solitário do mundo. Juliette não sabia o que era mais horrível, se era Paul achar que se tratava de um presente que ela gostaria de receber, se ele ter gasto o dinheiro sujo do Larkspur, que tanto lhe custara a ganhar, naquilo. Nem sequer sabia o que dizer, talvez com a exceção:

– Não tenho a cana do nariz tão subida.

Paul estremeceu muito ligeiramente.

– O quê?

– O meu nariz é bastante plano – Juliette puxou o cotovelo da mão dele e virou-se para olhar de frente para as janelas com painéis, para ele poder ver o seu perfil. – Sou bonita de frente, eu sei, mas tenho um perfil bastante apagado. Favoreceu-me.

Hobson começou a dobrar o lençol. O som era muito forte no silêncio abrupto que se instalara na divisão. Os lábios de Paul viravam-se devagar para baixo – finalmente, finalmente, pela primeira vez naquele dia, apanhava a atitude de Juliette. Não era o ideal. Ela devia estar a ganhar a confiança dele, não a dar cabo dela, por mais repulsivo que ele fosse. Virou-se depressa para enfrentar de novo Paul, radiante.

– Mas sinto-me tão lisonjeada. Que simpatia da sua parte. Como posso agradecer-lhe um presente destes?

Paul agarrou a alteração da atitude de Juliette. Inclinou a cabeça, mais uma vez agradado, e disse:

– Oh, o prazer é meu. Hobson, embrulhe os quadros e mande alguém levá-los a casa de Miss Cai, sim?

Juliette estava ansiosa por atirar os quadros para o sótão e nunca mais olhar para eles. Ou talvez devesse antes queimar aquelas coisas horrendas. Se Rosalind os visse, haveria sempre de atirar aquilo à cara de Juliette.

– Continuamos então com o nosso passeio?

Juliette sobressaltou-se. Se saíssem agora do escritório de Walter, arranjaria tempo para regressar sem ser vista? A casa estava cheia de criados e ela duvidava que alguém hesitasse em fazer queixa dela se a apanhassem à espreita.

Hobson pigarreou, com a intenção de passar devagarinho por Juliette com uma tela debaixo do braço. Distraída, ainda a contemplar as suas opções, Juliette afastou-se um passo e abriu um caminho, encostando-se à coluna fresca de madeira atrás de si. Estava muito calor naquela parte da casa de Dexter. Um calor que não era natural.

Quando Hobson saiu, veio-lhe a inspiração.

– Todo este entusiasmo – disse de repente Juliette, levando uma mão à testa. – Eu… – Fingiu desfalecer.

Paul acorreu para a segurar. Foi suficientemente rápido para a impedir de cair ao chão, mas, por essa altura, já ela se instalara solidamente numa posição aninhada, com os joelhos dobrados debaixo de si.

– Miss Cai, está…

– É só o calor. Sobe-me à cabeça – assegurou-lhe Juliette ofegante, descartando com a mão a preocupação dele. – Tem bálsamo de tigre? Claro que não… vocês, os britânicos, não fazem ideia dos nossos remédios. Tenho a certeza de que um dos criados da sua casa saberá do que estou a falar. Pode ir buscar-me um pouco?

– Mas é claro, mas é claro – gaguejou Paul muito depressa. Transtornado, soltou-a devagar e saiu à pressa.

Juliette pôs-se imediatamente em pé.

– Estou mesmo a ganhar o hábito de bisbilhotar as secretárias das outras pessoas – murmurou ela para si mesma. Com a contagem decrescente em ação, folheou os ficheiros, os olhos à procura de qualquer referência ao Larkspur. Encontrou dezenas de cartões de visita, dezenas de cartas com informação de contactos, mas não havia nenhuma fatura que mencionasse o Larkspur – nem mesmo nada relacionado com *lernicrome*. De certeza que ainda estava a tentar vender a droga, portanto, onde estava a prova?

Não havia tempo para pensar mais. Ouviam-se passos no corredor.

Praguejando em voz baixa, Juliette arrumou os montes de ficheiros ordenados, depois regressou ao lugar onde tinha caído, apoiando-se sobre os cotovelos. Não ergueu os olhos quando Paul apareceu à sua frente, fingindo estar demasiado tonta para erguer a cabeça mais do que uns centímetros do chão.

– Peço desculpa pela demora – disse Paul, ofegante. – Abordei o Hobson e exigi o tal bálsamo de tigre, mas ele não reagiu à minha pressa. Disse que já tinha colocado um pouco na minha pasta na semana passada, quando me queixei de dor de cabeça. Tive de ir à procura da pasta.

Soaram dois *cliques* na divisão. Juliette espreitou por entre as pestanas enegrecidas e viu Paul a remexer na barafunda que era a sua pasta. Quando enfiou a mão numa das bolsas, resmungando ao ficar com os dedos presos no espaço apertado, Juliette avistou os registos comerciais dentro da pasta, faturas de entregas numa letra tão pequenina que era um milagre os seus olhos conseguirem ler A/C: LARKSPUR.

Juliette mal conseguiu reprimir o seu arquejo. Paul interpretou porventura o som que ela emitiu como sendo de gratidão, porque abriu o frasco e tocou cuidadosamente no bálsamo, besuntando o dedo o suficiente para o levar à têmpora dela.

Pelo menos, conhecia suficientemente o bálsamo para saber onde devia ser aplicado. Tinha os dedos terrivelmente frios.

– Obrigada – disse Juliette. Obrigou os seus olhos a divagar, para que Paul não reparasse onde tinham ficado cativos. – Sinto-me muito melhor. Será que posso beber um copo de água? Irei sentir-me muito melhor quando estiver hidratada.

Paul anuiu avidamente e saiu novamente à pressa, desta vez deixando ficar para trás a pasta aberta.

Juliette sacou dos registos comerciais.

Fatura nº10092A

23 de setembro de 1926

A/C: Larkspur

10 caixas – lernicrom

A assinatura abaixo certifica a responsabilidade em nome do signatário de que assegurará a remanescente passagem do produto ao destinatário pretendido.



Expedidor: Archibald Welch

– Archibald Welch – murmurou Juliette.

Nunca tinha ouvido aquele nome. Mas a fatura que tinha nas mãos deixava bem claro que aquele homem tinha contacto pessoal com o Larkspur, passando por Walter Dexter como intermediário. Muito depressa, revirou as folhas do monte, descobrindo que todas tinham datas diferentes, com diversas quantidades de caixas, mas assinadas de maneira semelhante. Não era o mesmo como descobrir diretamente o endereço do Larkspur, mas estava um passo mais perto.

Juliette voltou a guardar meticulosamente os registos. Paul regressou, com um copo de água na mão.

– Como se sente? – perguntou ele. Deu-lhe o copo e ficou a vê-la beber um gole. – Desanuviou a cabeça?

Juliette pousou o copo com um sorriso.

– Oh – disse ela, recatadamente. – Está tudo a desanuviar agora.

*

– Chegaste tarde a casa.

Juliette atirou o casaco para cima da cama, depois atirou-se a si também, abalando toda a estrutura com o seu peso. Kathleen quase foi sacudida da confortável posição em que estava aos pés da cama. Lançou um olhar malévolo à prima quando a cama se inclinou, mas nenhum olhar furioso de Kathleen alguma vez parecia sincero.

– Vou sair *de novo* dentro de meia hora – gemeu Juliette, lançando o braço para cima dos olhos. Um mero segundo depois, retirou rapidamente o braço, removendo os vários cosméticos da pele e estremeceu, sabendo que borrara o produto aplicado nas pestanas. – Onde está a Rosalind?

Kathleen repousou o queixo na mão.

– Fazia de novo falta no clube.

Juliette franziu o sobrolho.

– Mais estrangeiros?

– Os franceses estão em pulgas com a loucura – respondeu Kathleen – e, se não forem capazes de fazer nada em relação a isso, fingirão que estão a ser úteis pedindo reuniões contínuas para discutir o próximo caminho a seguir.

– Não *existe* próximo caminho – disse Juliette com secura. – Pelo menos da parte deles. A menos que queiram mobilizar os seus exércitos contra um monstro que espreita nas sombras de Xangai.

Kathleen suspirou em resposta. Folheou a sua revista de moda para a página seguinte.

– A propósito, o teu pai apareceu aqui antes, à tua procura.

– Oh? – disse Juliette. – O Bàba queria alguma coisa?

– Disse que estava só a contar cabeças. – Kathleen fez uma careta. – Está nervoso com o espião dos Flores Brancas. Parece estar ponderar expulsar de casa uns parentes distantes.

– Ótimo – disse Juliette entre dentes.

Kathleen revirou os olhos, depois estendeu a mão. Juliette entrelaçou os dedos nos da prima, sentindo-se imediatamente menos carregada, a tensão suavizando no seu corpo.

– Continuas a seguir os comunistas? – perguntou Kathleen.

– Não, nós… – Juliette fez uma pausa, a pulsação acelerada. Corrigiu depressa: – *Eu* estou à espera de mais uma confirmação antes de fazer acusações.

Kathleen anuiu.

– É justo. – Passou mais uma folha da revista com a outra mão. Depois de ter virado três e de Juliette não ter dito mais nada, optando antes por fitar o teto, Kathleen enrugou o nariz. – O que se passa contigo?

– Estou a tentar organizar o meu tempo mentalmente – respondeu Juliette com sarcasmo. Tirou a mão e virou-se, semicerrando os olhos para o pequeno relógio que estava na sua cómoda. – Preciso de um favor.

Kathleen fechou a revista.

– Força.

– Preciso de toda a informação que existe sobre um homem chamado Archibald Welch. Preciso de saber como encontrá-lo.

– E há uma razão para isso? – perguntou Kathleen. Embora tivesse feito a pergunta, já estava a sair da cama, agarrando o casaco ali perto e enfiando-se dentro dele.

– Ele pode ter a verdadeira identidade do Larkspur.

Kathleen levantou a gola do casaco e depois tirou para fora o cabelo que ficara preso.

– Mando um mensageiro com tudo o que eu descobrir. Precisas disso antes da tua reunião?

– Isso seria excelente, sim.

Kathleen fez uma saudação a brincar. Mexeu-se depressa, com o objetivo claro na sua mente, mas, quando chegou à porta, Juliette gritou:

– Espera.

Kathleen deteve-se.

Passou um instante. Juliette sentou-se mais direita, puxando os joelhos para o peito.

– Obrigada – disse ela, com a voz subitamente a tremer. – Por ficares do meu lado. Mesmo quando não concordas. *Mesmo quando tenho as mãos a pingar de sangue.*

Kathleen parecia quase bem-disposta. Voltou para junto da prima e instalou-se numa delicada posição de cócoras diante dela.

– Tenho a sensação de que achas que eu julgo um pouco tudo o que fazes.

Juliette encolheu os ombros. Perguntou, com sinceridade:

– E não julgas?

– Vá lá, Juliette. – Kathleen saiu da sua posição, optando antes por se sentar ao lado da prima. – Lembras-te da amiga da Rosalind? Aquela irritante?

Juliette não sabia bem qual o rumo da conversa, mas procurou na sua memória, passando em revista as poucas amigas que se lembrava de

Rosalind ter tido.

Não lhe ocorreu nada.

– Isso foi antes de irmos todas para o Ocidente ou da primeira vez que eu voltei?

– Da primeira vez que voltaste. A Rosalind já trabalhava no clube burlesco.

Pela expressão bloqueada de Juliette, Kathleen deduziu que ela não se lembrasse.

– O nome dela era uma pedra preciosa qualquer – continuou Kathleen a tentar. – Não me lembro exatamente de qual, mas… Rubi? Safira? Esmeralda?

De repente, fez-se luz. Uma gargalhada reprimida de Juliette, depois Kathleen, mesmo tentando manter os lábios comprimidos, também se riu, se bem que a memória pouca graça tinha.

– Amethyst – disse Juliette. – Era Amethyst.

Amethyst era pelo menos cinco anos mais velha do que todas elas e Rosalind adorava o chão que ela pisava. Era a estrela de pernas compridas no palco, a que treinava Rosalind para se tornar o próximo meteorito estonteante.

Mas Amethyst também fazia Kathleen trepar pelas paredes. Estava sempre a dizer-lhe para comprar aqueles cremes branqueadores, para ajustar o qipao, aproximando-se cada vez mais das insinuações mais ofensivas…

Até que um dia, Kathleen finalmente explodiu.

– Juliette! – lembrava-se de a prima gritar do fundo do clube burlesco. – Juliette!

– O que se passa? – perguntara Juliette entre dentes, deixando a sua mesa e dirigindo-se ao local de onde viera o som do grito de Kathleen.

Acabou por dar por si a entrar no camarim de Rosalind e, embora Rosalind não estivesse ali, Kathleen andava de um lado para o outro, a guardar um vulto estatelado no chão.

– Acho que está morta – gritou Kathleen. – Tentou *agarrar-me*, por isso empurrei-a e ela bateu com a cabeça e…

Juliette fez um gesto com a mão para que a prima parasse de falar. Ajoelhou-se e pousou uma mão no pescoço de Amethyst. Saía um pouco de sangue da têmpora da rapariga, mas o seu pulso batia bem.

– Mas o que é que ela está aqui a fazer? – perguntou Juliette. – Seguiu-te?

Kathleen anuiu.

– Fiquei tão zangada. Estava só a defender-me! Não queria…

– Oh, chiu, ela está bem – disse Juliette, pondo-se em pé. – Preocupa-me mais o teres gritado tão alto para eu vir…

A porta do camarim de Rosalind abriu-se então. Irromperam outras duas bailarinas, com Rosalind logo atrás. Imediatamente, as dançarinas acorreram a Amethyst, no chão, a chorar de preocupação.

– O que aconteceu? – perguntou Rosalind, horrorizada. As duas dançarinas olharam logo para Kathleen. Esta ergueu os olhos para Juliette. E, nesse momento, quando Juliette e Kathleen trocaram um olhar, ambas compreenderam. Uma delas estava sempre a salvo. A outra não.

– Se calhar a Amethyst devia meter-se na vida dela – disse Juliette. – Da próxima vez, bato com mais força.

Uma das dançarinas pestanejou:

– Perdão?

– Será preciso repetir-me? – disse Juliette. – Tirem-na da minha frente. Aliás, tirem-na deste clube. Nunca mais na vida quero ver a cara dela.

Rosalind ficou de queixo caído.

– Juliette…

De nada serviu o quanto Rosalind tentou defender Amethyst. Com um aceno da mão de Juliette, Amethyst foi escoltada em segundos, ainda inconsciente.

– Até hoje – disse agora Juliette –, a Rosalind continua a achar que eu ataquei a Amethyst sem motivo. Nunca tivemos coragem de lhe contar que a amiga era horrível, mesmo depois de ela ter mandado dizer que não voltava para dançar.

– Acho que ninguém tem coragem de voltar ao seu posto de trabalho depois de a herdeira dos Escarlates ter mandado a pessoa embora.

– Oh, *pff*. Ameacei muita gente nesta cidade. Não se vê toda a gente ir a correr para casa a chorar.

Kathleen revirou os olhos, mas a sensação foi de agrado. Estendeu a mão e pousou-a no braço de Juliette.

– Escuta-me, biǎomèi – disse ela baixinho. – Tu e a Rosalind são a única família que tenho. A única família que importa. Portanto, *por favor*, para de me agradecer a cada segundo, como uma maldita ocidental, simplesmente por eu ajudar. Eu nunca te julgarei. Nunca seria capaz. Vou estar sempre do teu lado, aconteça o que acontecer. – Kathleen voltou a verificar as horas, depois pôs-se em pé, a sorrir. – Entendido?

Juliette só podia anuir.

– Mando-te notícias assim que puder.

Com estas palavras, Kathleen levantou-se e saiu, apressando-se para o seu destino antes que o Sol se pusesse completamente. O quarto ficou em silêncio, abrigando apenas o som do tiquetaque dos ponteiros do relógio e a expiração suave e grata de Juliette.

– Obrigada – murmurou Juliette, mesmo assim, para o quarto deserto.

Capítulo 28

Roma escolhera um lugar ao fundo da sala de espetáculos, a uma mesa comprida em que via chegarem, sucessivamente, visitantes ao Grande Mundo. Tragavam as bebidas, batiam com o copo e eram arrastados de volta à assistência do espetáculo que se desenrolava à frente. Eram rápidos e ferozes, decididamente com uma dúzia de drogas diferentes no sistema.

A contrastar, Roma deve ter parecido um chumbo, enquanto bebericava do seu copo e esperava. Tinha o chapéu bem enterrado no rosto, impedindo que os que o rodeavam o vissem bem. Se o reconhecessem, começariam a falar à boca pequena que tinham visto Roma Montagov observar as coristas que dançavam em palco, com vestidos com rachas até aos sovacos, e sabe-se lá como o seu pai reagiria a isso. Ele tinha acautelado Roma contra os perigos do Grande Mundo desde que ele era pequeno, avisando-o de que lugares desses – lugares que fervilhavam de vida, pedaços de entretenimento encaixados uns nos outros com engenho chinês – corrompiam a mente mais depressa do que o ópio. Ali, os visitantes esbanjavam o salário e trocavam a comida pelo olvido. Por mais que o Grande Mundo fosse desdenhado, continuava a ser um indicador de sucesso. Os que trabalhavam nas fábricas em Nanshi não faziam, num dia de trabalho, o suficiente para um mero bilhete de entrada.

Roma suspirou e pousou a bebida. Com o rosto escudado, a única pessoa capaz de o encontrar entre as massas embriagadas e os visitantes aos gritos sabia exatamente como procurá-lo.

– Olá, desconhecido.

Juliette deslizou para o assento diagonal, tirando uma madeixa solta de cabelo do rosto e misturando-a de novo com os caracóis. Não se importava

de ser identificada ali, no Grande Mundo. Só tinha de se preocupar se fosse vista com o herdeiro dos Flores Brancas.

Roma manteve-se de olhos postos no palco. Agora, estavam a instalar a corda esticada. Perguntou-se quantos ossos teriam sido quebrados naquele edifício.

– Toma uma bebida – disse ele, empurrando a caneca quase cheia na direção dela.

– Está envenenada?

Perante isto, Roma virou bruscamente os olhos para ela, horrorizado:

– *Não*.

– Uma oportunidade perdida, Montagov. – Juliette levou a bebida aos lábios enrubescidos. Bebeu um gole. – Para de olhar para mim.

Roma desviou o olhar.

– Encontraste alguma coisa? – perguntou ele.

– Ainda não sei, mas… – Juliette verificou o relógio de bolso; Roma não tinha a certeza de onde ela o tirara, ao ver que o vestido não dava a aparência de ter bolsos. – Talvez tenha alguma coisa daqui a uns minutos. Começa tu.

Roma estava demasiado exausto para responder. Se os gângsteres da cidade estivessem constantemente tão cansados como ele, a vendeta pararia na hora seguinte.

– São uma e a mesma coisa – disse Roma. – O monstro. A loucura. Se encontrarmos o monstro, acabamos com a loucura.

Contou-lhe tudo o que fora visto. Tudo o que deduzira.

– Isso é o mesmo que uma confirmação – exclamou Juliette. Ao reparar no volume da sua voz, olhou em volta e disse sibilando: – Temos de agir…

– Só foi visto a sair do apartamento dele – disse Roma. – Ninguém viu o próprio Zhang Gutai dar-lhe ordens.

– Se o monstro foi visto onde mora o Zhang Gutai, ele *deve* estar a controlá-lo. – Juliette não permitiria argumentos contra isto. Bateu com um dedo na mesa. – Roma, pensa nisso. Pensa em tudo o resto. Esta loucura está sempre a crescer, em vagas e, a cada vaga, é sempre um grupo grande que morre *primeiro,* antes de os insetos dispersarem para a cidade. Os gângsteres junto ao porto. Os Flores Brancas nos navios. Os franceses a jantar. Os homens de negócios ao largo do Bund.

Roma não podia negar isto.

– Parece que são sempre gângsteres ou mercadores os alvos iniciais – disse ele.

– E quem mais haveria de querer estes grupos específicos mortos? – continuou Juliette. – Quem mais acabaria assim com os capitalistas? Se o Zhang Gutai for responsável, se ele tem as respostas que permitem *parar* com tudo isto, então porque haveríamos de perder tempo com outras vias…

– Mas é inútil se ele não falar…

– Vamos *fazê-lo* falar – exclamou Juliette. – Encostamos-lhe o raio de uma faca ao pescoço. Torturamo-lo até obtermos respostas. Ainda não esgotámos os nossos meios com ele…

– Ele é *comunista.* – Estava a ficar cada vez mais difícil não se virar para Juliette enquanto estavam a ter aquela acesa discussão. Havia algo de instintivo no virar-se para ela, como todos os seres vivos desviam a sua

atenção quando há um som forte. – Foi treinado para guardar segredos e levá-los para a campa. Achas que ele tem medo da morte?

O que era uma ameaça, se não se tinha a intenção de a levar até ao fim? Se queriam que ele lhes desse o monstro, lhes desse uma maneira de parar com o caos que ele causava com a loucura, então matar Zhang Gutai não fazia nada a não ser destruir a hipótese de salvação da cidade. Como podiam convincentemente ameaçar matá-lo se não o desejavam mesmo?

– Se ele é o único que nos pode levar até ao monstro – continuou Roma –, não vou arriscar pôr essa informação em perigo. Ele pode preferir matar-se a falar. Não vou arriscar a vida da Alisa nessa aposta.

Juliette apertou os lábios. Não estava contente, dava para Roma ver. E teria continuado a protestar, se não se tivesse aproximado dela nesse momento um Escarlate, que lhe sussurrou ao ouvido.

Roma ficou rígido, desviou os olhos e enfiou o chapéu mais para baixo. Era impossível ouvir o que o Escarlate dizia por cima do ruído na sala ampla, por cima das vaias do público, por cima do tilintar dos copos e do estalido dos foguetes em miniatura que explodiam no palco. Pelo canto do olho, Roma viu o Escarlate entregar uma pasta grande, de cor bege, e um bilhete mais pequeno. Com um aceno de Juliette, o Escarlate foi-se embora, deixando-a a passar os olhos pelo bilhete. Satisfeita, ela estendeu a mão para a pasta, sacudindo os papéis que estavam lá dentro. Se Roma estava a ler corretamente a lombada, dizia: POLÍCIA MUNICIPAL DE XANGAI – FICHEIRO DE DETENÇÃO – ARCHIBALD WELCH.

– Ainda temos alternativas – disse Roma, quando pareceu seguro continuar com a conversa. – O Larkspur pode dizer-nos exatamente o que queremos saber, pode oferecer a cura que procuramos. Se não o fizer, só

então devemos recorrer a torturar o Zhang Gutai para sabermos como deter este monstro. Combinado?

Juliette suspirou.

– Muito bem. Então, é a minha vez de divulgar o que descobri.

Fez deslizar rapidamente a pasta pela superfície plana da mesa em direção a Roma, até ele a deter com a mão.

– Archibald Welch – leu Roma em voz alta, confirmando o que ele julgava ter visto. Uma fotografia de detenção fitava-o: um recorte a preto-e-branco de um homem que olhava em frente com olhos inexpressivos e que tinha uma cicatriz feia a marcar uma linha entre a sobrancelha e o canto do lábio. – Quem é esse?

Juliette levantou-se e gesticulou para que se fossem os dois embora.

– O único expeditor que tem a morada do Larkspur. E se o historial de detenções dele for indicativo de alguma coisa, frequenta o lugar mais perigoso de Xangai todas as quintas-feiras.

Roma ergueu uma sobrancelha.

– Hoje é quinta-feira.

– Precisamente.

*

Apesar dos seus esforços, Benedikt acabou sentado num telhado à frente do apartamento de Zhang Gutai, a entrar na terceira hora de vigilância.

Estava a ficar mais frio. Além disso, pisara acidentalmente uma poça quando ia a subir, portanto, estava a fazer o seu trabalho numa estranha posição meio acocorada, querendo descansar, mas sem querer que a mancha de humidade das calças se espalhasse mais.

Marshall partira-se a rir por Benedikt estar tão ridículo. Benedikt achou que ele nunca ia parar. Mas, pelo menos, as gargalhadas eram preferíveis ao silêncio. Pelo menos, a alegria de Marshall perante a pouca sorte de Benedikt era um sinal de que deviam esquecer a estranheza gerada entre eles no beco.

– Ei – avisou Marshall de repente, arrancando Benedikt do seu torpor. – Vem aí alguém.

Endireitando-se daquela posição ridícula, Benedikt acorreu à beira do telhado. Aí, juntou-se a Marshall, de olhos semicerrados.

– É outro estrangeiro – observou Benedikt, recostando-se com um suspiro. Da localização escolhida, tinham uma visão perfeita para as portas deslizantes que separavam a sala de estar de Zhang Gutai da sua varanda mínima. A varanda propriamente dita mal tinha espaço para dois vasos de flores, mas as portas de vidro eram suficientemente largas para permitir que Benedikt e Marshall tivessem uma perspetiva completa dos estrangeiros que estavam sempre a entrar e a sair. Era um mistério. Zhang Gutai nem sequer estava em casa. Contudo, os estrangeiros continuavam a chegar à porta da frente, eram conduzidos à sala de estar por um homem no limiar da velhice – Qi Ren, o seu assistente, se as informações de Roma estavam corretas – para beber chá durante uns minutos e sair logo de seguida. Os prédios do bairro estavam suficientemente perto uns dos outros para que, quando o vento não soprava com muita força, Benedikt pudesse apurar o ouvido e apanhar pedaços da conversa que decorria na sala de estar.

O inglês de Qi Ren não era fantástico. A cada duas palavras, deslizava para o chinês, depois começava a queixar-se das dores nas costas.

Os estrangeiros – alguns americanos, alguns britânicos – tentavam debater política ou o estado de Xangai, mas, como nenhum conseguia chegar a lado nenhum, não era de espantar que se fossem embora tão depressa.

Porque haveria Zhang Gutai de atribuir ao assistente a tarefa de fazer aquelas reuniões? Todos pareciam querer alguma coisa do Partido Comunista. Qi Ren parecia não querer saber do que estavam a falar. Não estava a tirar notas nem nada disso, para passar a Zhang Gutai.

Agora, o estrangeiro que tinha entrado estava de pé, a preparar-se para se ir embora quando Qi Ren adormeceu a meio de uma frase. Com um revirar de olhos, o branco saiu pela porta, desaparecendo no resto do prédio para descer pelas escadas sinuosas.

– Apanhaste aquilo? – perguntou Marshall.

Benedikt virou-se para ele. Não falou durante um momento. Depois:

– Apanhei o quê?

– Sinceramente, Ben, estás aqui com um ar tão pensativo e eu estou com mais atenção do que tu – disse Marshall, fingindo ralhar com ele. Empinando o queixo na direção do prédio, disse: – Apresentou-se como sendo oficial nomeado da Concessão Francesa. Nomeado pelos Escarlates. Estamos em território dos Flores Brancas. Damos-lhe uma tareia?

Não era uma pergunta séria; não tinham tempo para arranjar sarilhos nas ruas. Mas deu a Benedikt uma ideia para se inteirar exatamente do que tinham testemunhado a tarde inteira.

– Fica aqui – disse a Marshall.

– Espera. Vais mesmo dar-lhe uma tareia? – gritou Marshall atrás dele, de olhos esbugalhados. – Ben!

– Fica aqui e pronto! – respondeu ele por cima do ombro.

Benedikt moveu-se depressa, com medo de perder o francês que falava inglês. Felizmente, quando dobrou a esquina para ficar de frente para o edifício do apartamento de Zhang Gutai, o francês estava mesmo a sair, atarefando-se com os botões do colete.

Benedikt agarrou no homem e puxou-o para o beco ali perto.

– Ei!

– Calado – disse bruscamente Benedikt. – O que estás a fazer em território dos Flores Brancas?

– Ora, eu seja… – sibilou o homem. – Tire as mãos de cima de mim.

Benedikt perguntou-se, por um breve instante, se as pessoas que entravam e saíam do apartamento teriam alguma coisa que ver com o monstro. E se fossem todos guardiães da criatura, a dar relatórios em código a Qi Ren? Mas deu uma olhadela ao francês e descartou a ideia. Homens assim tão bruscos não seriam capazes de elaborar um esquema tão intrincado.

Benedikt sacou de uma arma do cinturão das calças e apontou-a.

– Eu fiz uma pergunta.

– Os meus assuntos com o Zhang Gutai não são da sua conta – respondeu o homem, cortante. Não tinha medo, como devia. Alguma coisa estava a mudar na cidade.

– Está em território dos Flores Brancas. O Zhang Gutai não pode salvá-lo aqui.

O francês riu-se grosseiramente. Era como se nem tivesse reparado na lâmina que tinha encostada ao peito. Para ele, o fato meticulosamente engomado era tão bom como uma armadura.

– Podíamos invadir a cidade inteira, se assim o desejássemos – disse bruscamente. – Podíamos obrigar este país a assinar outro tratado, a entregar esta terra. Só nos contemos porque…

– Ei! – Um polícia soprou o apito do outro lado do beco. – O que se passa aqui?

Benedikt retirou a faca. Fez um sinal com o queixo para o francês.

– Xô.

O francês bufou e foi-se embora, a passos largos. Satisfeito por não haver altercação a requerer a sua intervenção, o polícia também se foi embora. Benedikt permaneceu no beco, cheio de raiva. Aquilo nunca teria acontecido há uns meses. Os oficiais do colonato, os mercadores, os estrangeiros – todos eles só se tornavam poderosos agora porque os gangues estavam a enfraquecer. Porque a loucura lhes estava a levar a sua gente às pazadas, fazendo ruir as suas ligações e esburacar a estrutura.

Eram abutres, todos eles – os britânicos, os franceses e todos os outros recém-chegados. Aos círculos sobre a cidade, à espera da carnificina para poderem enfardar até à saciedade. Os russos tinham chegado ao país e misturaram-se internamente, desejando aprender como as coisas se processavam e fazer melhor. Estes estrangeiros tinham vindo por mar e sorriam abertamente ao crime. Olhavam para os pedaços que se fraturavam lentamente e sabiam que só tinham de esperar que a loucura colhesse as suas vítimas, esperar que as fações políticas dividissem a cidade o suficiente até chegar o momento de atacar. Nem sequer tinham de fazer a sua matança… Só tinham de esperar.

Benedikt abanou a cabeça e saiu à pressa do beco.

*

– Descobriste alguma coisa interessante? – perguntou Marshall quando Benedikt regressou.

Benedikt abanou a cabeça. Sacudiu as calças molhadas e pôs-se de cócoras.

– Viste alguma coisa interessante?

– Bem – observou Marshall –, não houve avistamentos de monstro. Mas, no meu terrível tédio com a tua ausência, reparei… – Apontou para a frente, deixando que Benedikt visse por si mesmo.

– Para o que é que estou a olhar?

Marshall fez um som de impaciência, depois esticou o braço para virar a cabeça de Benedikt, mudando a direção do seu olhar.

– Ali, no canto inferior esquerdo da varanda.

Benedikt assobiou para dentro.

– Estás a ver?

– Estou.

Ali, no canto inferior esquerdo da varanda: uma série de marcas de garras zangadas, a descer pelo pequeno parapeito.

Capítulo 29

– De todos os lugares possíveis – exclamou Roma, inclinando o pescoço para fitar, de olhos semicerrados, o sinal de néon partido, encostado ao telhado –, tinha de ser *este* que o nosso homem gosta de frequentar?

O Sol já se pusera há uma hora, tornando o céu antes de uma névoa vermelha em preto breu. Uma leve neblina descia também, embora Juliette não tivesse a certeza de quando tinha começado. Deu-se simplesmente conta, ao olhar para a nebulosa iteração azul de M NTUA, de que havia pequenos salpicos de água a cair do céu e, quando tocou no rosto, os seus dedos vieram escorregadios de humidade.

– Sinceramente? – disse Juliette. – Eu esperava mais deboche.

– Eu esperava mais tiros – respondeu Roma.

Mantua encaixava perfeitamente entre os territórios do Gangue Escarlate e dos Flores Brancas, era um bordel e bar que fervilhava com a emoção do seu próprio tabu. Era um dos lugares mais perigosos de Xangai, mas de uma maneira estranha e rotunda, era também o lugar mais seguro para Roma e Juliette serem vistos juntos. Em qualquer momento, homens desregrados podiam levantar-se e matar-se uns aos outros, mulheres podiam sacar das pistolas e disparar, empregados de bar podiam esmagar os copos e decidir começar uma guerra. Era daquela injeção de adrenalina, da expectativa, da espera que as pessoas do Mantua iam atrás. Quem acreditaria no burburinho vindo de um lugar *daqueles*?

– Tanto quanto sei, houve aqui pelo menos cinco disputas na semana passada – relatou Roma, de maneira factual. Ainda estavam no exterior. Nenhum deles fizera qualquer menção de entrar. – A polícia municipal tenta

fazer aqui uma rusga quase semana sim, semana não. Porque haveria um britânico de vir aqui com tanta frequência?

– Porque é que *alguém* vem aqui? – perguntou Juliette em resposta. – Ele gosta da excitação.

Custou-lhe o mesmo esforço que caminhar por alcatrão, mas Juliette empurrou a velha porta que rangia e entrou no Mantua, deixando que os seus olhos se ajustassem ao interior escuro e assustador. Embora fosse difícil ver, certas áreas estavam iluminadas por raios de néon, fios que brilhavam com intensidade suficiente para lhe queimar as retinas. Ao olhar em volta, Juliette quase se poderia ter convencido de ter entrado num espaço ilegal de bebidas em Nova Iorque, se não fosse o brilho mais turvo.

Roma fechou bem a porta atrás de si, depois acenou diante do nariz, tentando dispersar a espessa nuvem de fumo que flutuava na sua direção.

– Estás a vê-lo?

Juliette perscrutou as sombras escuras e os pontos brilhantes de néon, semicerrando os olhos para além dos três americanos que estavam na pista de dança a tentar ensinar uma prostituta a dançar o *charleston*. O bar estava apinhado de clientes, uma multidão sempre a mudar de fregueses já embriagados, que atiravam descuidadamente dinheiro de diversos países para o chão encharcado de álcool. Mal um se afastava do bar para subir umas pequenas escadas ali perto, entrelaçado a uma desconhecida e, sem dúvida, a caminho de mais pecados, outro tomava o seu lugar.

Archibald Welch estava sentado no extremo esquerdo do bar, claramente afastado de todos os outros. Enquanto outros se deixavam ficar simplesmente junto dos respetivos assentos fofos de veludo vermelho, Archibald sentava-se com firmeza: uma massa pesada de homem, de cabelo

ruivo e pescoço mais grosso do que a cara. A cicatriz que lhe percorria a face brilhava à luz azul do bar. A fotografia na pasta de detenção não lhe fazia justiça.

– Hã – disse Roma ao identificar o seu alvo. – Acho que não podemos tentar intimidá-lo.

Juliette encolheu os ombros.

– Podemos tentar, mesmo assim.

Avançaram os dois, abrindo caminho entre a multidão do Mantua e pararam um de cada lado de Archibald, instalando-se nos bancos de veludo à esquerda e à direita do homem. Archibald mal se mexeu. Não mostrou dar conta da presença deles, embora fosse bastante claro que Roma e Juliette estavam ali por ele.

Juliette virou-se para ele e sorriu.

– Archibald Welch, creio? – disse ela docemente. – Tratam-no por Archie?

Archibald emborcou a bebida.

– Não.

– A sério? – continuou Juliette a tentar. – Archiboo, então?

Roma revirou os olhos.

– Muito bem, chega – interrompeu ele. – Sabemos do seu negócio com o Larkspur, Mr. Welch, e tenho a certeza de que sabe quem somos. Portanto, a menos que queira que tanto o Gangue Escarlate como os Flores Brancas vão atrás do seu couro, sugiro que comece a falar. *Já.*

Roma tinha decidido jogar duro, por oposição às amabilidades de Juliette, mas parecia que nenhuma das táticas estava a funcionar. Archibald não

dava qualquer indicação de ter processado ou sequer ouvido a ameaça de Roma. Continuou simplesmente a beber.

– Vá lá, nem sequer é informação sobre *si* que precisamos – disse Juliette, deixando que a sua voz adquirisse um tom de lamento. – Só queremos saber como encontrar o Larkspur.

Archibald permaneceu em silêncio. A música *jazz* rugia em fundo e as prostitutas misturavam-se na multidão, à procura dos próximos clientes. Uma delas aproximou-se, com o pulso delicado a agarrar um leque, mas deu quase imediatamente meia-volta, ao sentir a tensão naquele recanto do bar.

Os dedos de Juliette mexiam numa conta do vestido. Estava preparada para instar de novo o homem quando, para sua surpresa, ele pousou o copo e disse:

– Eu conto-vos.

A voz dele era cascalho contra borracha. Era a colisão de um navio contra as rochas costeiras, que o faria afundar com todos os seus homens.

Roma pestanejou.

– A sério?

Juliette desconfiava de que Roma não quisera que aquela reação lhe escapasse. Perante a resposta de Roma, o rosto de Archibald abriu-se num sorriso. Os olhos foram engolidos pelas pálpebras pesadas, consumidos em espirais escuras.

Era a visão mais assustadora que Juliette alguma vez tinha visto.

– Claro – disse Archibald. Fez sinal à empregada do bar, que abandonou o pedido que estava a receber para o atender imediatamente. Ele tinha três

dedos espetados. – Mas vamos tornar isto divertido. Uma pergunta respondida por cada *shot* que beberem.

Roma e Juliette trocaram um olhar de perplexidade. Como poderia isso beneficiar de alguma maneira Archibald Welch? Estaria assim tão desesperado por companheiros de bebida?

– Parece justo – resmungou Roma. Mirou o líquido que tinha sido colocado à sua frente com maior repugnância do que a sua habitual expressão neutra.

Archibald ergueu o copo de *shot* com um sorriso.

– Gānbēi.

– Tchim-tchim – murmurou Juliette, batendo com o seu copo no dele e no de Roma.

O líquido desceu depressa, um fogo a chegar-lhe ao fundo da garganta. Ela estremeceu mais com o sabor do que com o ardor, aquela marca terrivelmente barata contra a qual a sua língua se revoltou imediatamente.

– Meu Deus, que fogo é este? – Juliette tossiu, pousando o copo vazio com um estampido. Roma fez o mesmo, com o cuidado de manter a sua expressão firme.

– Tequila – disse Archibald. Fez um gesto à empregada de bar. – Próxima pergunta?

– *Ei* – protestou Juliette. – Essa não contou.

– Eu *disse* um *shot* por cada pergunta, Miss Cai. Não há exceções.

Pousaram mais três *shots* à frente deles. Este sabia ainda pior. Juliette bem podia estar a beber a gasolina que servia de combustível aos carros dos Escarlates.

– Começamos de maneira simples – disse Roma quando os copos baixaram com um estampido, antes que Juliette pudesse esbanjar outra pergunta. – Quem é o Larkspur?

Archibald encolheu os ombros, fingindo um pedido de desculpas.

– Não sei o seu nome; nem lhe vi o rosto.

Soava a mentira. Ao mesmo tempo, Juliette não podia imaginar que aquele homem tivesse algum motivo para proteger o Larkspur. Não tinha, de todo, de participar naquela conversa se não quisesse dizer nada.

Juliette resistiu ao impulso de esmagar o copo de *shot* entre os dedos.

– Mas interagiu com ele? É uma pessoa real, com um lugar de operações real?

Archibald mostrou estar a considerar a pergunta.

– Acho que há aí duas perguntas à espreita.

Seis copos, dessa vez. Juliette bebeu os dois suavemente, tendo-se preparado nesta ronda. Roma teve de reprimir a tosse.

– Claro que ele é real – respondeu Archibald. – Quem vos enviou até mim… Walter Dexter?

Só para ser mazinha, devia tê-lo obrigado a *ele* a beber por uma resposta àquela pergunta, mas o mais provável era não ter grande importância. O álcool mal parecia afetar Archibald.

– Mais ou menos.

Archibald anuiu, satisfeito quanto baste.

– Faço entregas diretas ao Larkspur. Isso conta como interação, segundo os vossos termos? – Virou o copo, sacudindo as últimas gotas. – Vou buscá-

las ao armazém do Dexter e levo tudo para o último andar da Casa de Chá Long Fa, em Chenghuangmiao. É aí que o Larkspur faz a sua vacina.

Juliette soltou o ar numa expiração rápida. Já estava, então. Tinham a morada dele. Podiam falar diretamente com o Larkspur.

E se isso não funcionasse, então ela não fazia ideia de como salvariam a sua cidade.

– É tudo por esta noite? – perguntou Archibald. Havia algo de provocador na sua voz. Não esperava que aquilo fosse suficiente. Olhava para Juliette como se lhe pudesse ler a mente, conseguia ver os neurónios mexerem-se muito depressa por baixo do seu crânio.

– É tudo – disse Roma, que já arregaçava as mangas, preparando-se para partir.

Mas Juliette abanou a cabeça.

– Não. – Desta vez, *ela* fez sinal à empregada do bar.

Os olhos de Roma esbugalharam-se. Começou a dizer-lhe qualquer coisa só com os lábios, horrorizado, mas ela ignorou-o.

– Tenho mais perguntas.

– *Juliette* – sibilou Roma.

Os *shots* apareceram. Archibald deu uma risada – um grande e pesado som que vinha diretamente do seu estômago e cheirava a fumos –, batendo com a mão na mesa, em sinal de boa-disposição.

– Beba, Mr. Montagov.

Roma olhou para o copo com uma expressão fulminante e bebeu.

– A vacina dele – começou Juliette, quando o ardor na garganta abrandou – é uma coisa real? Deve saber, se faz a entrega. Deve ter visto mais do que

um vulgar mercador.

Estas palavras fizeram Archibald parar. Gargarejou a bebida na garganta, pensando demoradamente. Talvez estivesse a deliberar se devia manter o silêncio em relação àquela pergunta. Mas promessa era promessa; Juliette e Roma já tinham pago pelo seu saber.

– A vacina é simultaneamente legítima e não – respondeu cuidadosamente Archibald. O Larkspur faz uma estirpe no seu laboratório, usando o opiáceo que eu entrego. A outra estirpe é simplesmente uma solução salina tingida.

Roma pestanejou.

– O quê?

Se a loucura não fosse parada, acabaria por se espalhar por todos os cantos de Xangai. Com duas estirpes de vacina, uma que era genuína e outra que não era, o Larkspur controlava quem era imune e quem não era.

O peso daquela revelação atingiu Juliette em cheio no peito.

– O Larkspur está essencialmente a escolher quem vive e quem morre – acusou ela, exaltada.

Archibald encolheu os ombros, nem a confirmar nem a negar o que ela dissera.

– Mas como? – exigiu ela saber. – Como é que ele tem sequer uma vacina verdadeira?

Archibald acenou para a empregada do bar. Juliette emborcou a bebida seguinte antes que ele pudesse instá-la a isso, batendo furiosamente com o copo ao pousá-lo. Roma foi o mais lento dessa vez, fazendo uma careta ao limpar a boca.

– Está a querer saber mais do que eu, menina – respondeu Archibald. – Mas posso dizer-lhe o seguinte: na primeira entrega que fiz, vi o Larkspur trabalhar a partir de um pequeno livro com encadernação de couro. Estava sempre a voltar a ele como referência, como se não estivesse familiarizado com o material que eu deixava aos seus pés. – O brilho descarado nos olhos de Archibald pareceu esmorecer. – Querem saber sobre a vacina verdadeira? O Larkspur estava a trabalhar a partir de um livrinho feito de couro rijo que *só* se encontra em Inglaterra. Estão a perceber?

Roma e Juliette trocaram um olhar.

– Que ele é britânico? – perguntou Juliette.

– Que prefere livros feitos à maneira artesanal? – acrescentou Roma.

Archibald olhou para eles como se aos dois faltassem neurónios.

– Digam-me uma coisa, se um mercador britânico partisse num navio para Xangai quando rebentou a notícia da loucura, estaria aqui agora?

Juliette franziu o sobrolho.

– Depende da velocidade do navio…

– Nem o mais rápido dos navios explicaria o pouco tempo entre o surto de loucura e os rumores da vacina do Larkspur – interrompeu Archibald. – E, no entanto, o seu livro veio da Grã-Bretanha. O que significa que ele tinha a fórmula da vacina antes de a loucura ter sequer rebentado aqui.

Sem aviso, Archibald deu de repente um solavanco para a frente. Durante um assustador momento, no frenesim da sua cadeia de pensamentos, Juliette partiu do princípio de que ele tinha sido alvejado, mas o movimento foi executado apenas para que ele pudesse inclinar-se para a frente e chamar de novo o empregado do bar com a mão.

– Creio que essa resposta requer mais alguns *shots*. Foi boa, não foi?

Juliette tinha a cabeça a andar à roda. Não tinha a certeza se seria por causa da informação ou do álcool.

– O livro – disse ela a Roma. – Vou conseguir o livro…

– Ah, não se dê a esse trabalho – interrompeu Archibald. – Nunca mais o vi. Vi, contudo, o soalho chamuscado. Acha mesmo que, uma vez memorizado o método, ele arriscaria que pessoas como vocês lho roubassem?

Era uma boa pergunta. Juliette comprimiu os lábios, mas Archibald limitou-se a sorrir perante aquela expressão e puxou os dois *shots* que tinha à frente para mais perto. Juliette pegou num sem grande hesitação. Afinal de contas, era o último hurra! Tinham conseguido aquilo que procuravam.

– Juliette Cai – disse Archibald, estendendo o segundo copo –, foi uma excelente companheira de copos. Mr. Montagov precisa de se aplicar um pouco mais.

– Selvagem – murmurou Roma.

Com cuidado, certificando-se de que a mão não tremia, Juliette também pegou no segundo copo e levantou-o. Roma imitou-a logo, e então o último *shot* de veneno desceu, fazendo os seus estragos. Sem perder tempo, Archibald pôs-se em pé mal terminou, batendo com uma mão pesada no ombro esquerdo de Juliette e outra no ombro direito de Roma, num gesto de camaradagem.

– Foi um prazer, miúdos. Mas o relógio marca que já passa das onze e as minhas fontes dizem-me que é hora de ir.

Apressou-se a ir embora, fundiu-se na multidão pulsante e esmoreceu com o néon. Um agente do caos absoluto. Juliette mal conhecia o homem e

respeitava-o por princípio.

Fechou os olhos com força, abanando a cabeça e obrigando-se a focar a visão. Estava bem. Conseguia gerir aquilo.

– Roma? – instou.

Roma inclinou-se de lado e caiu no chão.

– Roma!

Juliette saiu à pressa da cadeira e ajoelhou-se ao lado dele, suficientemente tonta para ver a dobrar, mas não o bastante para se desequilibrar. Deu-lhe uma pequena chapada.

– Deixa-me aqui – disse ele com um gemido.

– Como é que ficaste tão mal? – perguntou Juliette, incrédula. – Julguei que eras russo.

– Sou russo, mas não sou alcoólico – disse Roma entre dentes. Fechou os olhos com força, depois abriu-os bastante, pestanejando para o teto com uma expressão atónita. – Porque é que estou no chão?

– Vamos embora – ordenou Juliette. Puxou-o pelo braço, tentando pô-lo de novo em pé.

Com um grunhido, Roma acedeu. Ou tentou fazê-lo – à primeira tentativa, só conseguiu sentar-se. Juliette deu-lhe outro puxão e ele pôs-se de novo em pé, embora algo cambaleante.

– Vamos embora? – repetiu Roma.

De repente, as sirenes encheram o espaço, um gemido lancinante a rasgar o bramido da música *jazz*. Ouviram-se gritos e depois houve uma debandada de pessoas a correr em todas as direções, numa agitação tal que Juliette já não conseguia compreender onde ficava a saída. Lá fora, uma voz

nos altifalantes exigia que todos os clientes do Mantua saíssem de mãos no ar. No interior, as pessoas destravavam a patilha de segurança das armas.

– Afinal, já não vamos embora – corrigiu ela. – A menos que queiramos levar um tiro da polícia municipal. Para cima é o caminho. Vá lá.

Ela agarrou-o pela manga e arrastou-o até à pequena escada em que antes reparara, ao canto do estabelecimento. Enquanto todos os fregueses do Mantua corriam, empurravam e se atropelavam uns aos outros dirigindo-se à saída, as raparigas de roupas vistosas foram antes para as escadas, levantando-se e desaparecendo da vista.

– Cuidado, cuidado – avisou Juliette quando Roma tropeçou no primeiro degrau.

Estavam os dois ofegantes quando chegaram ao cimo das escadas, tentando ficar imóveis enquanto o mundo girava. No segundo piso, o corredor era tão estreito que Juliette não conseguia estender os dois braços. A alcatifa era incrivelmente fofa e metade do seu salto afundou-se nos fios. O brilho do néon que emanava das paredes lá em baixo estava ausente ali. Aquele nível era iluminado por ocasionais lâmpadas opacas ao longo do teto, que clareavam apenas o suficiente para ver onde iam e para projetar sombras compridas e dançantes no papel de parede a descascar.

Juliette abriu a primeira porta que encontrou. Dois ganidos distintos de surpresa soaram quando a luz penetrou no quarto minúsculo. Juliette semicerrou os olhos e viu um homem de calças em baixo.

– Saia – exigiu ela.

– Este quarto é *meu* – protestou a mulher que estava na cama.

Sob os seus pés, ouviu-se uma pesada pancada, seguida de tiros.

– Oh, perdão, deixe-me reformular – disse Juliette. Agora estava a ficar muito difícil manter-se séria. Pela mais absurda das razões, tinha o riso a borbulhar na sua garganta. – Fora. Daqui!

O homem reconheceu-a primeiro. Provavelmente, era um Escarlate, a julgar pela velocidade com que puxou as calças para cima e saiu dali apressadamente, anuindo para Juliette à saída. A mulher era um caso mais vagaroso, saindo a resmungar de uma cama que ocupava metade do quarto. Havia uma janela por cima da cama, mas era pequena de mais para se empurrar um gato por ela, quanto mais uma pessoa.

– Mais depressa – disse bruscamente Juliette. Ouvia passos tempestuosos pelas escadas acima.

A mulher passou por eles e saiu, lançando um olhar furioso para trás. Juliette puxou Roma para o quarto vago, batendo com a porta.

– Acho que ela não gostou muito de ti – disse Roma.

– Não me interessa que gostem de mim – respondeu Juliette. – Enfia-te debaixo dos cobertores.

Roma estremeceu visivelmente. Os gritos ressoaram até ao segundo piso.

– Tem de ser? Sabes o que as pessoas fazem debaixo destes…

– Já! – sibilou Juliette. Levou a mão ao vestido e remexeu a bolsa do dinheiro, retirando uma quantia aceitável. Era bastante difícil, dado já não conseguir ler os números.

– Está bem, está bem – disse Roma. Justamente quando ele se metia dentro da cama e puxava o cobertor por cima do corpo, umas pancadas de fazer estremecer a terra soaram na porta.

Juliette estava pronta.

Abriu uma nesga da porta, não o suficiente para o agente irromper pelo quarto dentro, mas quanto baste para ele poder ver bem a cara dela, o vestido americano. Geralmente, só era preciso isso para que a reconhecessem e ela esperou – esperou por aquele milésimo de segundo em que se dá reconhecimento.

Deu-se.

– Este quarto está vazio – instruiu ela, como se estivesse a pôr o agente em hipnose.

Ele era chinês, não britânico, o que era uma sorte para Juliette, porque queria dizer que era mais provável temer o Gangue Escarlate. Juliette passou-lhe o dinheiro que tinha nas mãos e o agente inclinou a cabeça, virando para ela o brasão do Colonato Internacional, no boné militar azul-escuro.

– Entendido – disse ele. Pegou no dinheiro e pôs-se a caminho, marcando o quarto como tendo sido examinado e deixando Juliette a fechar a porta e a encostar-se a ela com o coração a martelar.

– Já é seguro? – perguntou Roma do interior dos cobertores, a voz abafada.

Com um suspiro, Juliette foi na sua direção e levantou os cobertores. Roma pestanejou, surpreendido, os olhos maiores do que frigideiras, o cabelo espetado em todos os sentidos.

Juliette começou a rir.

O riso elevou-se do calor no seu estômago, espalhando-se por todo o peito quando caiu em cima da cama com os braços à volta da cintura. Não sabia o que tinha tanta graça. Nem Roma, quando se sentou direito.

– Isto é… culpa… tua – conseguiu Juliette dizer aos soluços.

– Culpa minha? – disse Roma, incrédulo.

– Sim – conseguiu dizer Juliette. – Se soubesses lidar com o álcool, teríamos saído quando Archibald Welch saiu.

– Por favor – disse Roma. – Se eu não tivesse caído, caías tu.

– Mentiras.

– Ai sim? – desafiou Roma. Deu um forte empurrão ao ombro dela.

O corpo inteiro de Juliette, instável, cambaleou para trás, para a cama, a cabeça a girar desenfreadamente.

– Tu…

Ela atirou-se a ele com as duas mãos, embora não soubesse bem qual era a sua intenção. Talvez fosse estrangulá-lo, ou arrancar-lhe os olhos, ou ir atrás da arma que ele tinha no bolso, mas Roma era mais rápido, mesmo no seu estado inebriado. Agarrou-a pelos pulsos e empurrou-a, até ela estar novamente de costas e Roma pairar sobre ela, todo convencido.

– Estavas a dizer? – perguntou Roma. Não se afastou depois de ter provado a sua supremacia. Permaneceu ali, as mãos a segurar os pulsos dela acima da cabeça, o corpo pairando acima do dela, os olhos estranhos, escuros e em fogo.

Alguma coisa mudara na expressão de Roma. Juliette inspirou bruscamente, uma respiração pequena e rápida. Podia ter passado despercebido se Roma não estivesse tão perto. Ele reparou.

Reparava sempre.

– Porque te encolhes? – perguntou Roma. A sua voz baixou até ser um leve murmúrio, impiedoso. – Tens medo de mim?

Uma fúria ardente percorreu as veias imóveis de Juliette. Uma pergunta tão insolente despertou de novo os seus sentidos entorpecidos, varrendo a dormência do álcool.

– Eu *nunca* tive medo de ti.

Juliette inverteu a posição dos corpos com um empurrão destro. Amarga, rancorosa e ofendida, enganchou as pernas à volta dele e contorceu as ancas até ser Roma a ficar deitado de costas, e assomou sobre ele, ajoelhada nos lençóis. Embora ela tentasse prender-lhe os ombros para baixo, como ele lhe fizera, foi uma tentativa a meio gás, estonteante. Roma limitou-se a olhar para a ira que transparecia nos seus modos e respondeu da mesma maneira.

Sentou-se depressa, soltando o aperto. Mas não agiu mais. Ficaram como estavam – demasiado perto, demasiado entrelaçados. Ela estava encavalitada no colo dele; ele encontrava-se a meros centímetros de distância.

Uma das mãos dele pousou no tornozelo dela. A mão dela desceu sobre o seu pescoço.

– Talvez não tenhas medo de mim – disse Roma, as palavras mal audíveis. – Mas… – As suas mãos moviam-se cada vez mais para cima, roçando-lhe a perna, o joelho, a coxa. A mão de Juliette afundou-se mais abaixo, até agarrar o espaço debaixo da gola suave da camisa branca dele – … sempre temeste a fraqueza.

Juliette ergueu bruscamente o olhar. Os olhos dos dois encontraram-se, turvos e ébrios, alerta e desafiantes, tudo isso ao mesmo tempo, mais soltos que alguma vez tinham estado e mais alerta do que nunca, de alguma forma – de alguma forma.

– E isto é fraqueza? – perguntou ela.

Ela não sabia quem respirava com mais esforço – se ela ou Roma. Estavam a um arquejo de distância, desafiando o outro para dar o primeiro passo, desafiando o outro a ceder ao que nenhum queria admitir desejar, o que nenhum queria admitir ser o que estava a acontecer, o que nenhum queria admitir ser uma mera repetição da história.

Ambos cederam logo.

O beijo de Roma era exatamente como ela se lembrava. Encheu-a de tanta adrenalina e exuberância que ela podia rebentar. Fazia-a sentir-se demasiado etérea no seu próprio corpo, como se pudesse sair da sua própria pele.

O álcool sabia pessimamente no copo, mas os seus resquícios eram completamente doces na língua de Roma. Os dentes dele roçaram o lábio inferior de Juliette e ela arqueou-se contra ele, as mãos percorrendo-lhe os ombros, descendo sobre os músculos duros ao longo do corpo, pela camisa acima e contra o calor ardente da sua pele nua.

O sangue dela rugia-lhe nos ouvidos. Sentiu os lábios dele passarem da sua boca para o maxilar e depois para a clavícula, queimando em toda a parte que tocavam. Juliette não conseguia pensar, não conseguia falar – tinha a cabeça a andar à roda e o seu mundo a andar à roda e a única coisa que queria naquele momento era continuar a andar à roda, à roda, à roda. Queria sair do seu caminho. Queria perder o controlo para sempre.

Quatro anos antes, eram inocentes, jovens e bons. O seu amor fora doce, algo para proteger, mais simples do que a própria vida. Agora eram monstruosos; agora pressionavam-se um contra o outro e emanavam o mesmo perfume estonteante do bordel onde estavam escondidos, ébrios

com mais do que apenas tequilha barata. A fome e o desejo alimentavam todos os seus gestos. Juliette atirou-se desenfreadamente aos botões de Roma e puxou-lhe a camisa para lha despir, agarrando as cicatrizes e as feridas antigas que lhe percorriam as costas.

– Tréguas – murmurou Juliette nos lábios dele. Tinham de parar. Ela não conseguia parar. – Estás a torturar-me.

– Não estamos em guerra – respondeu suavemente Roma. – Porquê pedir tréguas?

Juliette abanou a cabeça. Fechou os olhos, deixou que a sensação dos lábios dele roçando o seu maxilar a percorresse.

– Não estamos?

Estamos.

Essa perceção atingiu Juliette como um balde de água fria, infiltrando-se nos seus ossos com uma espécie de frio encontrada dois metros debaixo de terra. Enterrou o rosto na cova do pescoço de Roma, obrigando-se a não quebrantar, a não chorar. Roma sentiu a mudança antes de Juliette se ter dado conta dela e os seus braços abraçaram-na.

– O que estás a fazer, Roma Montagov? – murmurou Juliette, a sua voz um mero arquejo. – O que me estás a fazer?

Não bastava ter brincado com o coração dela uma vez? Não a partira ao meio certa vez para depois a deixar aos lobos?

Roma não disse nada. Juliette não conseguia interpretar nada nele, nem sequer quando levantou a cabeça e o olhou com olhos esbugalhados e a pestanejar.

Juliette afastou-se de repente, pondo-se em pé. Só então Roma reagiu. Só então estendeu o braço e lhe agarrou o pulso, a sussurrar.

– Juliette.

– O que foi? – sibilou ela, em resposta. – O que foi, Roma? Queres explicar o que isto é, entre nós, quando deixaste dolorosamente claro há quatro anos a posição do teu coração? Será que te devo apontar uma arma até não teres alternativa senão admitir que estás, uma vez mais, a *brincar* comigo…

– Não estou.

Juliette estendeu a mão para o vestido e sacou a arma que se escondia nas suas pregas. Com a sua mão livre, puxou a patilha de segurança e pressionou o cano até à parte de baixo do maxilar dele – a parte macia onde a boca dela estivera há uns meros minutos – e a única coisa que Roma fez foi levantar o queixo, para que a arma se cravasse mais fundo, até a boca da arma ser apenas mais uma pressão de um beijo na pele dele.

– Não consigo compreender – disse ela num sussurro. – Destróis-me e depois beijas-me. Dás-me motivos para te odiar e depois dás-me motivo para te amar. Isto é uma mentira ou a verdade? É um estratagema ou o teu coração a abrir-se para mim?

A pulsação dele era tão forte que Juliette a sentia, sentia-a trovejar, mesmo estando sobre ele com a mão tão perto do seu pescoço. Um raio de luar mudara de posição e atravessava a pequena janela, percorrendo agora o corpo de Roma: os ombros e os braços nus, firmes nos dois lados do corpo, mas sem fazer qualquer movimento que impedisse Juliette de ameaçar a sua vida.

Ela podia premir o gatilho. Podia poupar-se à agonia da esperança.

– Nunca assim é tão simples, não há uma única verdade – respondeu Roma roucamente. – Nunca há.

– Isso não é resposta.

– É a única que te posso dar. – Roma estendeu o braço e fechou os dedos à volta do cano da arma, devagar. – E é a única coisa que suportarias ouvir. Falas comigo como se eu ainda fosse a pessoa que deixaste ficar para trás, que te traiu há quatro anos, mas não sou. E *tu* também não és a Juliette que eu amei.

Era Juliette quem segurava a arma, mas de repente sentiu que *ela* tinha sido alvejada. O Mantua estava agora em silêncio, a rusga terminara e a polícia municipal fora embora. Mais abaixo, a única coisa que se movia era o brilho refletido do sinal de néon do edifício, que ondulava nas poças rasas de chuva.

– Porquê? – disse ela, a voz rouca. A pergunta que devia ter feito há quatro anos. A pergunta que carregava consigo durante todos aqueles anos, um peso agrilhoado ao seu coração. – Porque é que lançaste aquele ataque à minha gente?

Roma fechou os olhos. Era como se ele esperasse a chegada da bala.

– Porque – murmurou – não tive alternativa.

Juliette retirou a arma. Antes que Roma pudesse dizer mais alguma coisa, ela foi-se embora a correr.

Capítulo 30

Juliette enterrou as mãos bem fundo no solo rico. Pressionou e misturou, fechando os dedos à volta de pedaços de húmus que revestiam o jardim.

Estava a trabalhar nos canteiros de flores em frente de sua casa desde o nascer do dia, acalmando a dor de cabeça latejante com o sol e os sons da natureza. No entanto, a julgar pela expressão franzida do seu rosto, não estava a resultar. Quando ela jardinava em criança, limpando a terra dos canteiros com punhados de pétalas mortas fechados nos punhos, isso significava que estava de mau humor e que tentava gerir a sua agressividade sem disparar a pistola. Era praticamente uma lenda urbana dos Escarlates: quem falar com Juliette enquanto ela tiver uma planta na mão, arrisca-se às consequências.

Ninguém cuidava dos jardins desde que Ali sangrara neles até à morte.

Juliette expirou profundamente. Desembrulhou um pequeno jacinto roxo, colocando-o meticulosamente no buraco que escavara. Antes que a flor bolbosa se pudesse desalinhar e tombar, Juliette empurrou a terra de novo para o buraco.

Oxalá pudesse encher-se daquele modo. Oxalá pudesse pressionar montinhos de solo rico nos buracos do coração, ocupando o espaço até as flores poderem ganhar raiz e desabrocharem rosas. Talvez então deixasse de ouvir a voz de Roma na sua cabeça, incessantemente, ocupando todos os milímetros dos seus pensamentos.

Juliette tinha os joelhos cheios de pequenos arranhões cicatrizados. Caíra a quatrocentos metros do Mantua e lá ficara com as palmas das mãos a roçar na gravilha, o vestido impregnando-se de lama e água da chuva. Sentira a dor aguda o resto da caminhada para casa, mas essa dor era agora

boa. A frescura da terra debaixo de si, o sol da manhã a incidir no seu rosto, as arestas afiadas das pedrinhas e dos galhos que se enterravam na sua pele – lembrava-lhe que ela não estava desfasada do próprio espaço e a flutuar na direção das nuvens.

É tudo o que te posso dar.

Nada daquilo fazia sentido. Se Roma Montagov não a odiara durante todos aqueles anos, então porquê fingir que sim? Se ele a *tinha* odiado durante todos aqueles anos, então porquê dizer aquelas coisas agora – porquê fingir, com tamanha agonia nas palavras, que a traição dele o magoara tanto como a ela?

Não tive alternativa.

Juliette soltou um grito repentino, esmagando o punho na terra. Duas criadas que trabalhavam ali perto sobressaltaram-se e foram-se embora à pressa, mas Juliette não lhes prestou atenção. Por favor, ela já *fizera* isto quatro anos antes. Há muito que desenhara mentalmente duas colunas: as ações de Roma e as palavras de Roma, completamente incapaz de as ligar, de compreender *porquê* – porquê – ele a traíra, quando lhe dizia que a amava. Agora ainda não conseguia compreendê-lo, não conseguia fazer alinhar a maneira como ele se abria para ela com o ódio que afirmava possuir, não conseguia compreender a tristeza no seu olhar quando dizia que ela era uma nova Juliette, fria, que ele não suportava enfrentar.

Nunca é assim tão simples, não há uma única verdade. Nunca há.

Juliette pegou na pá que estava atrás de si, com a raiva que lhe corria nas veias num crescendo tempestuoso. Plantar flores era uma brincadeira de crianças. Pôs-se em pé a cambalear e levantou a pá, esmagando com força o que passara horas a embelezar. Vezes e vezes sem conta, a pá mergulhou

nos canteiros de flores até elas ficarem todas despedaçadas, pétalas aguçadas sujando o solo negro. Alguém chamou o nome dela ao longe e essa mera convocação incendiou-a ainda mais, ao ponto de ela se virar e escolher um novo alvo: uma árvore delgada com o dobro da altura dela.

Juliette avançou intempestivamente para o tronco. Levantou a pá e deu uma pancada e outra e outra…

– Juliette!

A pá parou a meio do movimento. Quando Juliette deu meia-volta, deparou com a mão delicada de Rosalind e as suas unhas bem arranjadas a agarrarem com força a pá, impedindo-a de desferir mais um golpe na árvore.

– O que se passa contigo? – sibilou Rosalind. – Porque é que perdeste as estribeiras?

– Deixa-me estar – respondeu bruscamente Juliette.

Puxou a pá das mãos da prima e apressou-se a entrar em casa, deixando um trilho de terra e os materiais de jardinagem no átrio, pouco preocupada com a sujidade que deixava atrás de si enquanto seguia para o quarto. Aí encontrou o seu casaco largueirão mais desengraçado e vestiu-o, escondendo o vestido e a cara, tapando todos os elementos que denunciavam a sua estatura. Quase por hábito, puxou também o capuz para a frente para cobrir o cabelo, mas foi desnecessário; não tinha feito os canudos, que eram a sua imagem de marca. Em vez disso, roçavam-lhe o pescoço madeixas de cabelo negro solto. Juliette tocou numa delas, acima da orelha, e puxou-a, como se quisesse verificar se era verdadeira.

Saiu de casa com passadas largas, caminhando a olhar em frente, verificando apenas uma vez o que a rodeava. Ainda estava a ser seguida?

Pouco lhe importava, agora que o bater do seu coração era como um grito de guerra nos seus ouvidos, agora que não conseguia parar de cerrar os punhos, num esforço desesperado por distrair os dedos a tremer.

Juliette sempre se orgulhara das suas prioridades. Sabia ver o que era importante, da mesma maneira que os exploradores sabiam ver a Estrela Polar. A sua cidade, o seu gangue, a sua família. A sua família, o seu gangue, a sua cidade.

Mas poderia um explorador continuar a encontrar a Estrela Polar quando todo o mundo estava de pernas para o ar?

Uma bota esfarrapada à frente da outra, assim caminhava Juliette. A certa altura, estava a passar pelo Bund, seguindo sinuosamente por entre os veículos motorizados, que entravam e saíam perigosamente dos lugares de estacionamento e se fundiam nas ruas meticulosamente pressionadas, como um fecho-*éclair*.

Juliette perguntou-se vagamente como seria deixar de andar em frente para vaguear antes para o lado, diretamente para os desembarcadouros e rio adentro. Podia apenas continuar e cair dentro da água, tornando-se apenas mais um caixa de bens perdidos, mais uma marca avulsa nos catálogos, mais uma estatística de rendimentos perdidos.

Juliette saiu do Bund, saiu do Colonato Internacional e entrou por fim em território dos Flores Brancas.

Empurrou o capuz mais para cima. O gesto não foi justificado – era-lhe muito mais fácil misturar-se ali nas ruas onde reinavam os Montagov do que para Roma deslizar para território dela. Sem as cores Escarlates enroladas à volta dos pulsos ou presas ao cabelo, sem nenhum dos seus

identificadores, para qualquer Flor Branca que patrulhasse a zona, ela seria apenas mais uma chinesa que vivia ali perto.

– *Oi!*

Juliette estremeceu, baixando a cabeça diante da pessoa em quem bateu com o ombro acidentalmente, antes que ela lhe conseguisse ver bem o rosto.

– Desculpe! – disse ela para trás. Mesmo antes de se apressar para dobrar a esquina, ela julgou captar um vislumbre de louro por cima de uns olhos que a fitavam com curiosidade.

*

– Aconteceu uma coisa muito estranha – anunciou Benedikt.

Deixou-se cair no assento aberto, desenrolando o cachecol que trazia ao pescoço e pousando-o na pequena mesa de canto. Marshall acenou com a cabeça, um gesto para que Benedikt continuasse, mas Roma agiu como se nem sequer tivesse ouvido o primo. Olhava para o outro lado do restaurante com um olhar vazio e – para preocupação de Benedikt – estava com ar de quem não dormia há dias. Desde que Alisa tinha sido infetada com a loucura, a exaustão no rosto de Roma ficara cada vez mais profunda, mas algo na sua expressão agora era… diferente. Parecia que não só o corpo dele atingira um ponto de rutura, como a mente também, ultrapassando a vacilar o ponto de retorno e sentando-se agora, indolente, à espera de que alguma coisa a trouxesse de volta a um estado de cognição.

Benedikt perguntou-se se Roma teria sequer ido para casa na noite anterior, uma vez que o primo usava a mesma camisa branca amarrotada da véspera. Pensou se devia perguntar o que se passava, ou se seria melhor fingir que estava tudo bem e não tratar o primo de maneira diferente.

Com medo das respostas na primeira hipótese, escolheu a última.

– Acho que acabei de ver a Juliette Cai.

O joelho de Roma fez um movimento e chocou com a parte inferior da mesa com tanta força que o prato que estava à frente de Marshall quase caiu.

– Então, cuidado – ralhou Marshall. Colocou as mãos protetoramente em redor da fatia do bolo de mel. – Lá por a tua comida ainda não ter chegado, não significa que devas dar cabo da dos outros.

Roma ignorou Marshall.

– Como assim? – exigiu ele a Benedikt. – Tens a certeza de que era ela?

– Acalma-te – respondeu Benedikt. – Ela estava na sua vida.

Roma já estava a saltar da cadeira. Quando Benedikt registou o que estava a acontecer naquele súbito alvoroço de movimento, já Roma se tinha ido embora há muito, as portas do restaurante a oscilar continuamente.

– O que… foi aquilo? – perguntou Benedikt, atónito.

Marshall encolheu os ombros. Enfiou uma grande colherada de bolo na boca. – Queres bolo?

*

Entretanto, Juliette embrenhara-se profundamente em território dos Flores Brancas, usando apenas a base da sua memória, retrocedendo e voltando de novo a rotas de que julgava lembrar-se. Por fim, as ruas começaram a parecer-se com as imagens que ela tinha na cabeça. Acabou por encontrar um beco que lhe era muito familiar e baixou a cabeça para passar por uma série de cordas da roupa baixas, franzindo o nariz perante o cheiro a humidade que estava no ar.

– Nojento – resmungou Juliette, limpando as gotas de água da roupa suja que lhe caíram atrás, no pescoço. Quando fez uma pausa, com a intenção de sacudir a água, avistou uma figura alta e imponente que entrava pela outra ponta do beco.

Todos os músculos dos seus ombros ficaram rígidos. Depressa, Juliette obrigou-se a cerrar os punhos com força, para continuar a avançar a um passo insuspeito. Retroceder nesse momento e sair a correr do beco iria marcá-la imediatamente como culpada, uma instrusa em terreno inimigo.

Felizmente, Dimitri Voronin pareceu não a reconhecer ao passar por ela. Ia ocupado a falar com os seus botões, alisando o tecido dos punhos da camisa.

Desapareceu do beco. Juliette também saiu do outro lado, suspirando de alívio. Examinou os complexos de apartamentos que tinha diante de si, estabelecendo uma correspondência entre a sua memória e a vista modificada. Já ali estivera, mas passara tanto tempo que as cores das paredes eram diferentes e os azulejos tinham descolorado…

– Perdeste a cabeça?

Juliette arquejou, mal se inteirando da voz de Roma até ele lhe enlaçar a cintura com o braço e a arrastar para o lado, içando-a para o beco, junto do prédio. Quando Juliette se debateu para voltar a pôr os pés no chão, mal conseguiu impedir-se de pisar os pés de Roma.

– Eu consigo *andar,* obrigada – sibilou.

– Parecias estar a passar docemente o tempo à vista de todas as janelas da minha casa! – sibilou Roma em resposta. – Eles *matam-te,* Juliette. Achas que somos uma brincadeira?

– O que é que te parece? – disparou Juliette. – Todos os meus familiares mortos diriam que não!

Ficaram os dois em silêncio.

– O que estás aqui a fazer? – perguntou Roma baixinho. O seu olhar focava-se num ponto acima do ombro dela, recusando-se a estabelecer contacto visual direto. Mas Juliette enfrentava-o. Não conseguia não olhar. Fitava-o e queria disparar tudo o que desejava dizer, tudo o que desejava ouvir, tudo de que desejava ver-se livre. Tudo – tudo – estava comprimido: os pulmões, a pele, os dentes. Era grande de mais para o seu corpo, destinada a explodir em pedaços e tornar-se um segmento do mundo natural que crescia nas fendas do cimento.

– Estou aqui – conseguiu Juliette dizer –, porque estou farta de fugir e de permanecer na minha ignorância. Quero a verdade.

– Eu já te disse…

– Não podes *fazer* isto. – Juliette começara a berrar. Não fora sua intenção, mas estava a berrar; quatro anos de silêncio escapavam de uma só vez. – Não mereço saber? Não mereço pelo menos a módica informação do que raio te passou pela cabeça quando decidiste dizer ao teu pai exatamente como fazer uma emboscada à minha…

Juliette parou a meio da frase, as sobrancelhas tão erguidas que desapareceram na sua franja. Havia uma lâmina junto do seu coração. *Roma* segurava uma lâmina junto do peito dela, o braço estendido e comprido.

Passou um instante. Juliette esperou para ver o que ele fazia.

Mas Roma limitou-se a abanar a cabeça. De repente ela *sentia-o* como o seu antigo «eu». Como o rapaz que a beijara pela primeira vez no telhado de um clube de *jazz*. Como o rapaz que não acreditava na violência, que

jurou que governaria a sua metade da cidade um dia com justiça e equilíbrio.

– Nem sequer tens medo – murmurou Roma, com a voz embargada – e sabes porquê? Porque *sabes* que não sou capaz de empurrar esta adaga; sempre soubeste e, mesmo que tenhas duvidado da minha piedade quando regressaste, depressa descobriste a verdade, não foi?

A ponta da lâmina era gelada, mesmo através do vestido, quase reconfortante contra os calores que lhe emanavam do corpo.

– Se sabes que não vou ter medo – perguntou Juliette –, porque é que seguras a lâmina?

– Porque *isto* – Roma fechou os olhos. Lágrimas. As lágrimas caíam-lhe pelo rosto. – É por isto que a minha traição foi tão terrível. Porque tu me julgavas incapaz de te fazer mal, no entanto fi-lo.

Afastou-se então, retirando a ponta da lâmina do coração dela e deixando o ar frio correr para ocupar o espaço. Sem aviso, Roma virou-se e atirou a faca; ficou enterrada até ao cabo, toda a lâmina embutida na parede em frente. Juliette observou tudo, apática, como se fosse um espetro a flutuar bem alto. Parecia-lhe que estivera à espera daquilo. Roma tinha razão. Ela não podia ter medo, mesmo que a sua vida estivesse nas mãos dele. Afinal, tinha sido ela a passear a sua vida até território dos Flores Brancas, colocando-a em mãos expectantes.

– Então porquê? – perguntou Juliette. As suas palavras saíram com aspereza. – Porque o fizeste?

– Foi uma cedência. – Roma esfregou a cara com força. Desviou os olhos para a abertura do beco, atento a ameaças, a confirmar que não eram

interrompidos e não estavam a ser observados. – O meu pai queria que eu te matasse e pronto, mas eu recusei.

Juliette lembrou-se da flor branca que jazia no caminho da sua casa, no bilhete escrito por Lord Montagov. Estava saturado de gozo.

– Porque não?

Uma gargalhada dura. Roma abanou a cabeça.

– É preciso perguntares? Eu amava-te.

Juliette mordeu a língua. Ali estava aquela palavra de novo. Amor. *Amava.* Ele falava como se tudo o que acontecera entre eles tivesse sido real até correr tudo mal e Juliette não compreendia isso, mal podia aceitá-lo, quando passara tanto tempo a convencer-se de que todo o passado deles era uma mentira, uma mera representação da parte de Roma para realizar o seu derradeiro ato.

Ela *tinha* de se convencer. Como podia ela aguentar pensar que ele a *amava* e, mesmo assim, a destruiu? Como podia aguentar enfrentar a verdade de que também ela o amou, tão profundamente que ainda havia resquícios desse amor e, se não tinha sido um grande plano concebido para enterrar as garras dele na mente dela… então, aquele impulso que agora sentia nas pontas dos dedos só podia ser atribuído à fraqueza do seu coração.

A sua boca foi invadida por um sabor metálico. Com um estremecimento de dor, Juliette afrouxou o maxilar, mas continuou em silêncio, a pele rasgada debaixo da língua a pulsar.

– Podes acreditar no que quiseres – prosseguiu Roma, reparando na expressão do rosto dela. – Mas querias a verdade, por isso aqui está. O meu pai descobriu, Juliette. Um espião qualquer contou-lhe que éramos amantes

e, para limpar o nome Montagov desse insulto, deu-me uma faca – Roma apontou para a faca na parede – para que eu ta enterrasse no coração.

Ela lembrava-se de como Roma temia profundamente o pai, de como temia os feitos de que os Flores Brancas eram capazes. Lembrava-se de como Roma costumava ponderar, dia sim, dia não, em como mudaria as coisas quando os Flores Brancas ficassem na sua mão. E lembrava-se da sua própria simpatia para com essa ambição, essa centelha de esperança que se acendia no seu peito sempre que Roma dizia que o futuro lhes pertencia, que a cidade seria deles um dia, unida, desde que se tivessem um ao outro.

Juliette fitou a faca na parede. Murmurou:

– Mas não o fizeste.

– Não – afirmou Roma. – Disse-lhe que preferia tirar a vida a mim próprio e ele ameaçou-me justamente com isso. Desde que eu nasci que o meu pai está à espera de que eu dê cabo de tudo e, finalmente, isso aconteceu. Disse que podia mandar um atirador furtivo contra ti…

– Não podia – interrompeu Juliette. – Não tem poder…

– Não sabes isso! – A voz de Roma quebrou, desfazendo-se em fragmentos. Afastou-se de novo; falava de frente para a abertura do beco. – E eu também não sabia. O meu pai… Pode não parecer, porque ele não usa isso com frequência, mas tem olhos em toda a parte. Sempre teve olhos em toda a parte. Se decidisse matar-te, como prometido, se quisesse montar a cena para fazer parecer que nos tínhamos matado um ao outro no meio de Xangai elevando a vendeta a uma nova dimensão, podia fazê-lo. Eu não tinha dúvidas disso.

– Podíamos ter lutado contra ele. – Juliette não sabia porque se dava ao trabalho de oferecer soluções a uma situação há muito passada. Nesse

ponto, era instinto, uma maneira de se proteger da possibilidade de Roma ter, porventura, tomado a decisão correta. – Lord Montagov não deixa de ser humano. Podia ter levado com uma bala na cabeça.

Roma soltou outra gargalhada, completa e perfeitamente destituída de humor.

– Eu tinha *quinze anos*, Juliette. Nem sequer me conseguia defender das agressivas palmadas no ombro do Dimitri. Achas que podia disparar uma bala à cabeça do meu pai?

Eu *podia tê-lo feito,* queria Juliette dizer. Mas não sabia se era uma ilusão, se teria mesmo sido capaz, antes que a raiva lhe transformasse a pele, de fogo a rocha endurecida. Nesse tempo, ela acreditara tal como Roma, acreditara que aquela cidade dividida podia ser unida. Acreditava nisso quando se sentavam sob a noite de veludo, a olhar para a névoa de luzes à distância, quando Roma dizia que desafiaria tudo e todos, até as estrelas, para mudar o destino deles naquela cidade.

– Astra inclinant – sussurrava ele ao vento, de coração tão sincero, mesmo quando citava em latim – sed non obligant.

As estrelas guiam-nos, não nos obrigam.

Juliette inspirou superficialmente. Sentiu algo dentro de si desprender-se.

– O que aconteceu? – conseguiu ela dizer. – O que aconteceu para ele mudar de ideias?

Roma começou a arregaçar as mangas. Procurava alguma coisa para fazer com as mãos, alguma coisa para ocupar a energia inquieta, porque não conseguia ficar ali como Juliette – um soldado transformado em pedra.

– O meu pai queria-te morta, porque se sentia insultado. Queria-me morto porque eu ousei rebelar-me. – Uma longa pausa. – Então, fui ter com ele e

dei-lhe um plano melhor. Que causaria maiores perdas aos Escarlates. Que me poria de novo do lado dele. – E Roma olhou finalmente para Juliette, olhos nos olhos por fim. – Iria custar-te mais do que a morte, mas, pelo menos, estarias viva.

– Tu… – Juliette levantou a mão, mas não sabia o que estava a tentar fazer. Acabou antes por apontar um dedo a Roma, como se aquilo não passasse de um ralhete. – Tu…

Não tinhas o direito de fazer essa escolha.

Mas nem sequer conseguia articular as palavras.

Roma estendeu o braço, passou suavemente a mão pela dela que se fechou num punho. As mãos dele estavam firmes. As de Juliette tremiam. Arrependendo-se.

– Não posso lamentar, se estás à espera de um pedido de desculpas – murmurou Roma. – E… acho que tenho pena de não ter mais pena. Mas, tendo de escolher entre a tua vida e a dos teus Escarlates… – Roma soltou-lhe a mão. – Escolhi-te a ti. Estás contente?

Juliette fechou os olhos com força. Já não queria saber que fosse perigoso, que se estivesse a quebrar em pleno território dos Flores Brancas. Pressionou o punho contra a testa, sentindo os bicos dos anéis cravar-se-lhe na pele, e disse:

– De facto, nunca hei de ficar contente.

Ele escolheu-me a mim. Ela julgara-o cruel, achava que ele realizara a maior traição possível quando ela lhe ofereceu amor. Em vez disso, a verdade era que ele tinha ido contra tudo aquilo em que acreditava. Sujara as próprias mãos com a vida de dezenas de inocentes, pusera lâminas no próprio coração só para manter Juliette viva e em segurança, longe das

ameaças do pai. Não usara a informação colhida no tempo passado com ela como ferramenta de poder. Usara-a como ferramenta de fraqueza.

Juliette quase se riu – em delírio, em total incredulidade. Era isto que a cidade fazia aos amantes. Lançava culpas como se fossem uma camada escorregadia de sangue, que se misturava e fundia com tudo o resto, até deixar a sua nódoa. Era por isso que ele não lhe quisera contar. Ele sabia que ela chegaria àquela conclusão – à perceção de que, de uma maneira circular, o sangue da Ama estava agora também nas mãos dela. Se Roma não a tivesse amado verdadeiramente, a vida *dela* teria sido ceifada pela vendeta – uma troca simples e pura.

Ela abriu os olhos e olhou para o céu. O primeiro dia de outubro estava cinzento e tristonho. Ali em baixo, na sombra do beco frio, podia continuar a ser alguém à espreita no escuro, podia estender o braço e limpar a lágrima que pendia do maxilar de Roma e saber que ninguém podia servir de testemunha. Resistiu. Algures ao alto, depois daquelas nuvens baixas e dos ventos rápidos, a Estrela Polar girava, girava acima do mundo indiferente a tudo o resto.

A sua cidade, o seu gangue, a sua família. A sua família, o seu gangue, a sua cidade.

– Muito bem.

Roma pestanejou.

– Perdão?

Juliette tornou a pôr as mãos ao lado do corpo, alisando o vestido. Tentou fazer um sorriso, mas tinha a certeza de que parecia apenas estar em sofrimento.

– Muito bem – repetiu ela. – Não temos tempo para desperdiçar nos nossos dramas pessoais, não é? Mistério resolvido.

Juliette dirigiu-se à faca e puxou-a. Era linda. O cabo tinha um lírio gravado, a lâmina era brilhante, afiada, dourada.

Tinham a cidade sobre os ombros. Não podiam entrar agora em colapso, por mais que Juliette quisesse deitar-se na relva e ficar imóvel durante o milénio seguinte. E, por mais que lhe custasse, olhou por cima do ombro para Roma, olhou-o justamente quando ele voltava a pôr a máscara, quando passava novamente de pesaroso a frio.

Escolheste-me há quatro anos. Ainda me escolherias? Escolherias esta versão de mim – estas arestas afiadas e as mãos muito mais ensanguentadas do que as tuas?

A sua cidade, o seu gangue, a sua família. O melhor a fazer agora seria ir-se embora, afastar-se de tudo o que a distraísse do que importava. Mas não era capaz. Ela… tinha esperança. E a esperança era perigosa. A esperança era o pior mal de todos, a coisa que conseguira vingar na caixa de Pandora, entre o infortúnio, a doença e a tristeza – e o que podia durar ao lado dos outros com aqueles dentes se não tivesse as suas próprias garras medonhas?

– Ainda temos um monstro para apanhar – disse Juliette com firmeza, mesmo sabendo já tanto. – Chenghuangmiao é território dos Flores Brancas. Vamos.

Tinha medo de que Roma dissesse que não. De que ele se fosse embora mesmo que ela não conseguisse. Havia tanta gente em Chenghuangmiao diariamente – chineses e não chineses – que seria impossível manter o Gangue Escarlate fora de lá. Chegados àquele ponto, ela não precisava da

ajuda de Roma para encontrar o Larkspur. Não tinham de continuar a colaborar. Ele sabia-o.

Roma tinha um olhar vazio. A sua postura era relaxada, as costas direitas.

– Vamos – disse ele.

Capítulo 31

Tyler Cai foi o primeiro a receber notícias de sarilhos na cidade. Orgulhava-se de ter sempre o ouvido à escuta, o rosto virado para sussurros que fluíam com o vento, vindos de alguma fonte ardente, olhos postos naqueles que precisavam deles. As pessoas comuns eram criaturas volúveis. Não se podia confiar que vivessem a sua vida de maneira sensata. Precisavam de supervisão, de uma mão gentil e bondosa que os espicaçasse e mexesse os cordelinhos que seguravam os seus destinos, conforme ditasse a necessidade, não fossem os cordelinhos emaranhar-se uns nos outros e as pessoas sufocassem até à morte na sua própria tolice desajeitada.

– Mr. Cai. – As notícias chegaram de um mensageiro chamado Andong, que Tyler protegia especialmente e treinara com a diretriz expressa de ir primeiro ter com ele, antes de qualquer outra pessoa. – É muito mau.

Tyler endireitou-se na secretária, pousando a caneta de caligrafia.

– O que aconteceu?

– Uma greve numa fábrica de Nanshi – disse Andong, ofegante. Entrara a correr, evitando por um triz uma colisão com a ombreira da porta, tal era a sua pressa. – Mortes. Desta vez, há mortes.

– Mortes? – repetiu Tyler, com o sobrolho franzido. – São meros trabalhadores a fazer estardalhaço… como aconteceram as mortes? A loucura atingiu-os ao mesmo tempo?

– Não, são os comunistas – foi a resposta preocupada. – Havia pessoas do sindicato plantadas dentro da fábrica, a instruir os trabalhadores e a contrabandear armas. O capataz está morto. Foi encontrado com um cutelo na cabeça.

Tyler franziu profundamente o sobrolho. Pensou nas manifestações nas ruas, nos partidos políticos que o Gangue Escarlate tentava manter sob controlo. Talvez se tivessem alinhado mal com os nacionalistas. Talvez devessem ter observado os comunistas mais atentamente.

– Qual é o problema deles? – desdenhou Tyler. – Como se atrevem a revoltar-se contra quem lhes dá segurança?

– Eles não veem assim as coisas – respondeu Andong. – Os trabalhadores que não estão a morrer com a loucura estão a morrer de fome. Fazem fila em massa para aquela vacina estúpida e, em vez de culparem este maldito Larkspur por cobrar de mais, veneram-no pela segurança dos seus gobelés mágicos e culpam as fábricas Escarlates por não pagarem o suficiente para que possam comprar comida e a vacina.

Tyler abanou a cabeça. Sibilou:

– Ridículo.

– Contudo, os comunistas prosperam neste clima.

E prosperavam. Estavam a aproveitar ao máximo o caos para virar as pessoas de Xangai contra os seus governantes, para destruir o reinado que os gângsteres tinham construído. Mas não era nada de mais. O Gangue Escarlate continuava a ter a coroa. Se não conseguissem pôr os comunistas na linha, acabariam simplesmente por destruí-los.

– Não é um incidente isolado – avisou Andong quando Tyler permaneceu em silêncio. – Pode ser uma insurreição. Os comunistas estão a planear alguma coisa hoje. As fábricas de toda a Nanshi estão a começar um burburinho de insatisfação. Vai haver mais homicídios antes do final do dia.

Rolem cabeças e fora com os ricos. Os trabalhadores tinham fome suficiente para derrubar os gângsteres e usar o som dos gritos para insular

os espaços entre as costelas.

– Manda avisar as nossa afiliações Escarlates – instruiu Tyler. – Imediatamente.

O mensageiro anuiu. Pareceu fazer menção de seguir na direção de onde viera, mas fez uma pausa antes mesmo de se mexer, aquietando-se.

– Há… mais uma coisa.

– Mais? – disse Tyler. Lançou as mãos para trás da cabeça, balouçando na cadeira.

– *Eu* não vi isto com os meus olhos, mas… – Andong caminhou mais para o interior da sala, depois baixou a cabeça. Instintivamente, a sua voz silenciou-se, como se questões de morte e revolução pudessem ser discutidas num tom de voz normal, mas boatos insignificantes exigissem reverência. – O Cansun disse que viu Miss Juliette em território dos Flores Brancas. Disse que a viu… – A voz de Andong era um fio.

– Desembucha – disse bruscamente Tyler.

– Ele viu-a com o Roma Montagov.

Tyler baixou devagar as mãos.

– Oh?

– Foi um mero vislumbre – continuou Andong. – Mas achou suspeito. Achou que gostaria de saber.

– Efetivamente, gosto de saber. – Tyler pôs-se em pé. – Obrigado, Andong. Se me dás licença, tenho de ir à procura da minha querida prima.

*

Roma e Juliette tinham chegado a um tipo peculiar de paz. Era quase como se já não fossem inimigos, no entanto eram mais frios um com o

outro do que tinham sido no Mantua – muito mais rígidos, mais reservados. Juliette lançou um olhar furtivo a Roma enquanto abriam caminho por Chenghuangmiao, mirando a maneira como ele dobrara as mãos, a maneira como mantinha os cotovelos perto do centro do corpo.

Só se deu conta de que tinham ficado à vontade um com o outro quando ficaram de novo pouco à vontade.

– Não me falha a memória, pois não? – perguntou ela em voz alta, ansiosa por quebrar a tensão. – A Casa de Chá Long Fa *é* o que disse Archibald Welch, certo?

Juliette fez uma pausa para inspecionar as lojas por que passavam e, nesses poucos segundos, três clientes foram contra ela, um a seguir ao outro. Franziu o nariz, quase sibilando uma exclamação antes de se deter. Ser invisível era melhor do que ser reconhecida, calculava ela. Não queria dizer que gostasse, mesmo que fundir-se na multidão enérgica com um casaco desengraçado e de penteado mais desengraçado lhe estivesse a fazer um grande favor.

– Não imagino por que razão me pedirias uma confirmação – respondeu Roma. – Eu estava no chão.

– Não faz mal nenhum esfregar o chão de vez em quando. Demonstra humildade.

Roma não se riu. Ela não esperava que ele o fizesse. Em silêncio, fez um gesto para que prosseguissem, antes que as pessoas que andavam ali às compras os derrubassem e reconhecessem o rosto deles.

– Anda lá, esfrega-chãos.

Juliette avançou, com um passo decidido. Passaram pelos vendedores de cremes e pelos fantoches, caminhando depois por toda a fileira de lojas

xiǎolóngbāo sem pararem uma única vez para inalar o vapor que cheirava a carnes deliciosas. Seguiram sinuosamente à volta de artistas aos berros e dobraram-se sob o arco que conduzia ao centro agitado e fervilhante de Chenghuangmiao e, aí, Roma parou de repente, semicerrando os olhos para olhar em frente.

– Juliette – disse Roma. – É ali.

Ela anuiu, fazendo um gesto para que os dois se apressassem nesse sentido. A Casa de Chá Long Fa ficava perto dos lagos e à esquerda da Ponte Jiuqu, em ziguezague, uma construção de cinco pisos com um telhado extravagante curvado nas arestas douradas. O edifício estava provavelmente de pé desde que a China era governada por imperadores na Cidade Proibida.

Roma e Juliette transpuseram as portas abertas da casa de chá, levantando os pés sobre a secção erguida que emoldurava a entrada. Fizeram uma pausa.

– Para cima? – perguntou Roma, espreitando em volta do rés do chão, vazio com exceção de um banco a um canto.

– Último andar – lembrou Juliette.

Subiram as escadas. Andar após andar, passaram por fregueses e serventes, numa atividade que transbordava pelos limites à medida que os pedidos eram gritados e as contas, atiradas para a frente. Mas, quando Juliette subiu, com passos pesados, a última escada, chegando ao último andar com Roma logo atrás, só encontraram uma porta de madeira alta a bloqueá-los do que estivesse do outro lado.

– É isto?

– Tem de ser – respondeu Roma. Hesitando, estendeu as costas da mão e bateu.

– Entre.

Uma pronúncia britânica. Grave, roncada, como se tivesse uma constipação ou uma infeção nasal.

Roma e Juliette trocaram um olhar. Roma encolheu os ombros e disse só com os lábios: *Pode ser*.

Juliette abriu um pouco a porta. Franziu imediatamente o sobrolho perante o que encontrou: um espaço minúsculo – não mais de dez passos de largura. Ao centro do espaço, havia uma secretária, embora metade dela estivesse coberta por uma enorme cortina branca que chegava ao teto. Com a luz que entrava pela janela, Juliette conseguia discernir uma silhueta atrás da cortina, com os pés em cima da secretária e os braços atrás da cabeça.

– Bem-vindos ao meu gabinete, Miss Cai e Mr. Montagov – disse Larkspur. Falava como se tivesse cascalho na garganta. Juliette perguntou-se se seria a sua voz verdadeira, ou se seria fingida. E se fosse fingida… porquê? – Não posso dizer que estava à vossa espera e geralmente só tenho reuniões por marcação, mas entrem, entrem.

Juliette caminhou devagar até à secretária. Mais de perto, espreitou para a parede atrás do Larkspur e deu-se conta de que *não* era uma parede – era meramente uma divisória temporária. Aquela «sala» era tão grande como os andares inferiores. Atrás da divisória, o resto seria seguramente o laboratório que Archibald Welch mencionara.

O Larkspur acha que está a ser tão sorrateiro, pensou Juliette, olhando para a linha onde a divisória tocava no teto. *Devia aprender a fazer um melhor trabalho de pintura.*

– Venham, sentem-se – berrou Larkspur.

Através da cortina, os contornos do seu braço mostravam-no a gesticular para os assentos à sua frente. Contudo, a silhueta do braço dividiu-se no instante em que se aproximou da cortina.

Juliette semicerrou os olhos. Procurou uma segunda fonte de luz refratada atrás da cortina que criasse aquele efeito e encontrou a resposta na parede, onde um espelho estava meio-virado para o teto, em vez de para quem olhava. Proporcionava a ilusão de decoração, mas bastava um olhar para onde o espelho apontava e a descoberta de outro espelho para revelar a verdade.

Não conseguiam ver o Larkspur, mas ele seguramente via-os.

– Não lhe vamos tomar muito tempo – assegurou Roma.

Foi o primeiro a sentar-se. Seguiu-se Juliette, mas ela apenas se empoleirou na beira do assento, pronta para uma retirada rápida.

– Tem que ver com a vacina – disse Juliette, tensa. Não tinha tempo para rodeios. – Como é que a faz?

O Larkspur soltou uma risadinha.

– Miss Cai, como compreenderá, seria muito danoso para o meu negócio se eu lhe contasse. Seria como eu pedir-lhe que me desse a sua lista de clientes.

Juliette bateu com a mão na secretária.

– Estamos a falar da *vida* das pessoas.

– Estamos? – disparou Larkspur. – O que vai fazer com a fórmula da minha vacina? Uma cura preventiva? Estou a tentar gerir um negócio baseado na procura, não um instituto de investigação.

Roma agarrou o cotovelo de Juliette. Estava a dizer-lhe que tivesse calma, que não irritasse o Larkspur antes de obterem o que tinham ido procurar. Mas o toque dele sobressaltou-a e, quando deu um salto, chocada, os seus nervos, já em franja, passaram de tensos a catastróficos.

– Qual é a sua ligação ao Zhang Gutai? – perguntou Roma. – Seguramente terá ouvido os rumores acerca do papel dele como criador da loucura. Está de certeza ciente de que é muito suspeito ter a cura.

O Larkspur limitou-se a rir.

– Por favor – disse Roma por entre dentes cerrados. – Não estamos a acusá-lo de nada. Estamos apenas a juntar nomes, a procurar uma maneira de *remediar* esta confusão…

– Já chegaram aqui na vossa pequena investigação e ainda não conseguiram juntar dois mais dois?

Juliette estava a segundos de se lançar sobre a cortina e bater no Larkspur até as suas respostas crípticas terem alguma clareza.

– Como assim?

– O que lhe parece, Miss Cai?

Juliette saiu disparada da cadeira, tão depressa que esta caiu para trás e se virou.

– Muito bem. Basta.

Estendeu o braço e, num movimento rápido e destro, arrancou a cortina, rasgando com a sua força o tecido das argolas que o seguravam ao teto.

O Larkspur pôs-se em pé de um salto, mas Juliette não viu um rosto. Não podia. Ele usava uma máscara: uma daquelas máscaras baratas da ópera chinesa que todos os vendedores do mercado ao ar livre vendiam a crianças

curiosas, decoradas com olhos grandes salientes e espirais vermelhas e brancas para enfatizar o nariz e a boca. Escondia-lhe todas as feições, mas Juliette estava convicta de que o Larkspur estava bastante satisfeito consigo próprio nesse momento.

E também lhe apontava uma arma.

– Não é a primeira pessoa a fazer isso, Miss Cai – disse Larkspur, quase com empatia –, e matei a última que tentou.

Juliette tinha a arma enfiada no vestido. Quando a alcançasse, teria dado imenso tempo ao Larkspur para disparar.

Mesmo assim, pôs em cena a sua bravata.

– Quem acha que dispara mais depressa? – desdenhou Juliette.

– Acho que, quando alcançar a sua pistola, já vai ter um buraco na cabeça.

Juliette olhou para Roma. Ele tinha o maxilar cerrado com tanta força que ela teve medo de que ficasse com rachas nos molares.

– É apenas uma pergunta – disse baixinho. Perguntou de novo: – Qual é a sua ligação ao Zhang Gutai?

O Larkspur fitou-os, pensativo. Inclinou a cabeça, fez um som e depois gesticulou com a mão livre, para que Roma e Juliette se aproximassem mais. Eles não se mexeram. Em vez disso, o Larkspur aproximou-se de lado da secretária e debruçou-se, como se fosse revelar um segredo enorme e extraordinário.

– Querem saber qual é a minha ligação ao Zhang Gutai? – murmurou guturalmente. – O Zhang Gutai está a transformar-*se* num monstro. Eu faço a vacina usando as informações que *ele* me dá.

*

– Porquê? – exigiu Juliette saber, enquanto se apressavam escadas abaixo. – Porque haveria de nos contar isto? Porque haveria o Zhang Gutai de lhe dar a fórmula para uma vacina?

O mundo movia-se demasiado depressa. A pulsação de Juliette martelava a uma velocidade alucinante. A sua respiração era rápida de mais, mesmo quando chegaram ao rés do chão e pararam para fazerem um ponto da situação, para reunir os pensamentos, dando-se conta de que agora tinham todas as peças do *puzzle* de que precisavam para acabar com a maldita loucura que despedaçava Xangai.

Não tinham?

– Não faz sentido nenhum – disparou Juliette. – Ele deve saber que o nosso objetivo é matar o monstro. Deve saber que vamos atrás do Zhang Gutai agora que sabemos isto, Porque haveria de abrir mão de tal informação? Sem o monstro, fica sem negócio.

– Não sei, Juliette – respondeu Roma. – Também não consigo pensar em nenhuma resposta viável. Mas…

– *Fora os gângsteres!*

O grito chamou imediatamente a atenção de Roma e o horror de Juliette, espantando tanto os dois que se agarraram um ao outro. Viera da ponte Jiuqu, de um velho desvairado que gritou até um gângster Escarlate ali perto o ameaçar com uma tareia. Aquela visão, contudo, não foi aceite com indiferença, como habitualmente. Em vez disso, perante a intrusão do Escarlate de falas duras, as pessoas começaram a falar entre elas à boca pequena, lançando rumores e especulações ao vento. Juliette captou fragmentos de murmúrios: de trabalhadores em greve e revoltas fabris.

Soltou depressa a mão da de Roma, afastando-se um passo. Roma não se mexeu.

– Porque haveria ele de dizer uma coisa daquelas? – murmurou Juliette, ainda de olhos postos na cena. Por que razão aquele velho se sentia encorajado a desejar a morte aos gângsteres?

– A julgar pelo relatório que vi esta manhã, é uma questão de sarilhos vindos dos comunistas – respondeu Roma. – Greves armadas em Nanshi.

– Nanshi – repetiu Juliette, sabendo que a área lhe era familiar por alguma razão particular. – Isso é…

Roma anuiu.

– Onde está a Alisa, metida num hospital mesmo ao lado das fábricas – concluiu. – Se calhar, estamos a ficar sem tempo. Os trabalhadores irão irromper pelo prédio se tiver lugar uma insurreição.

Se os trabalhadores se revoltassem das suas tarefas, instruídos para gerar o caos, procurariam fazer mal a todos os gângsteres, a todos os capitalistas, a todos os capatazes de elevada patente e donos de fábricas à vista, crianças ou não, conscientes ou não – incluindo a pequena Alisa Montagova.

– Matamo-lo – decidiu Juliette. – Hoje.

Matar o monstro, parar a loucura. Acordar Alisa e salvá-la do caos que crescia em seu redor.

– Ainda continuará no gabinete – disse Roma. – Como queremos fazer isto?

Juliette verificou o relógio de bolso. Mordeu o lábio, a puxar com força pela cabeça. Não havia tempo para consultar os pais. Fosse como fosse, duvidava que eles dessem o seu aval. Iriam querer refletir sobre as coisas,

elaborar planos. Não podia pedir reforços Escarlates oficiais. Faria aquilo segundo os seus próprios termos.

– Reúne os teus reforços mais próximos, as tuas armas. Encontramo-nos nos escritórios do *Labor Daily* dentro de uma hora.

Roma anuiu. O seu olhar procurou o rosto dela, varrendo-a desde a testa até aos olhos e à boca, como se estivesse à espera de que ela dissesse outra coisa. Como ela não o fizesse, confuso relativamente àquilo de que estava à espera, Roma não se explicou. Limitou-se a anuir de novo e a dizer:

– Até lá.

*

Tyler saiu do lugar onde estivera à espreita, pressionando o corpo contra a parede exterior da Casa de Chá Long Fa. Afastou-se no momento certo para evitar ser visto por Roma Montagov, que se apressava para o seio da multidão e desaparecia.

Dando uma última passa no cigarro, Tyler apertou a ponta para o apagar, deixando-o depois cair ao chão, sem querer saber das novas queimaduras nos dedos.

Tyler vira-os. Não conseguira ouvir a conversa deles, mas tinha-os visto juntos – a trabalhar juntos, a estender o braço um para o outro.

– Tā mā de, Juliette – murmurou ele. – *Traidora.*

Capítulo 32

– Mensagem para si, Miss Lang.

Kathleen virou-se, passando de uma ponta da cama meticulosamente feita de Juliette para a outra. Era o pior pesadelo das criadas. Havia imensas cadeiras para ela ocupar na casa, mas sempre que Juliette saía do quarto, Kathleen vinha tomar posse da cama.

Para falar com justiça, era uma cama ridiculamente confortável.

– Para mim? – perguntou Kathleen, fazendo sinal ao mensageiro para que entrasse. Não era costume. Não havia muitas pessoas a contactá-la.

– Diz Lang Selin e Lang Shalin à frente, mas não consigo encontrar Miss Rosalind – respondeu o mensageiro, proferindo as sílabas dos nomes delas de maneira desajeitada. Quando lhe mostrou a parte da frente do bilhete, ela deu-se conta de que o seu nome chinês, Lang Selin, tinha sido escrito com o equivalente romanizado, em vez dos carateres chineses.

Tinha de ser Juliette. Mais ninguém seria tão críptico assim.

Kathleen ergueu uma sobrancelha, estendendo a mão para o bilhete.

– Obrigada.

O mensageiro saiu. Kathleen desdobrou o pedaço de papel.

> Preciso da tua ajuda. O secretário-geral do Partido Comunista é o monstro. Vai ter comigo
>
> ao prédio onde ele trabalha. Traz armas. Traz silenciadores. Não contes a ninguém.

– Oh, *merde*.

Juliette estava a tentar matar o secretário-geral do Partido Comunista.

Kathleen deitou o bilhete ao chão e saiu disparada da cama, apressando-se para o arsenal, que estava na porta ao lado. Guardavam as armas naquela sala pequena, com os relógios de pé e os sofás deteriorados, numa fileira de armários que, de outro modo, pareciam inconsequentes a um observador casual. Mexia-se depressa, abriu as gavetas e carregou duas pistolas, rodando com força os silenciadores. Verificou a munição, apertou bem todos os componentes soltos e enfiou as duas armas nos bolsos.

Kathleen parou. Os seus ouvidos ficaram subitamente mais alerta, a ouvir o que vinha do outro lado da parede, do quarto de Juliette.

Passos. Quem andava por ali?

Espicaçada, Kathleen ergueu-se sem fazer barulho, mantendo os passos ligeiros ao sair do arsenal e voltar ao quarto de Juliette. Sustendo a respiração, espreitou pela porta e avistou uma figura conhecida. Descontraiu. Era apenas Rosalind, que segurava o bilhete.

– Mas que *raio* é isto? – exigiu saber Rosalind.

Kathleen ficou imediatamente tensa.

– Eu… julguei que as palavras eram bastante claras.

– Não podes estar a falar a sério. – Os olhos de Rosalind desceram até aos bolsos de Kathleen. Detetou a forma das armas, o olhar agora mais perspicaz; penetrante. – Tu não vais, pois não?

Kathleen pestanejou.

– Porque é que não haveria de ir?

Passou-se um momento. Esse momento seria algo que não esqueceria: a primeira vez que Kathleen olhou para Rosalind – olhou a sério – e se deu conta de que não fazia a mínima ideia do que poderia estar a passar pela

cabeça da irmã. E quando Rosalind explodiu, Kathleen sentiu o impacto como um pedaço de escombros a atravessar-lhe as entranhas.

– Isto é *absurdo*! – gritou subitamente Rosalind. – Não temos o direito de matar o secretário-geral, a nosso bel-prazer! A Juliette não te pode arrastar para isto a seu bel-prazer!

– Para, Rosalind – implorou Kathleen, apressando-se a fechar a porta. – Ela não me está a arrastar para nada.

– Então, o que é este bilhete? Uma mera sugestão?

– Isto é *importante*. É uma questão de parar a loucura.

Rosalind apertou os lábios. O volume da sua voz desceu, até não ser alto, mas frio, não zangado, mas acusatório.

– Eu a pensar que eras a pacifista da família.

Pacifista. Kathleen quase se riu em voz alta. De todas as palavras possíveis para a descrever, pacifista não podia estar mais longe da verdade. E tudo por ela não gostar de derramamento de sangue, de repente era uma santa poderosa. Carregaria imediatamente num interruptor para acabar com toda a vida na cidade, se isso significasse que ela teria paz e sossego.

– O erro é teu – disse Kathleen em tom neutro. – É um erro que todos cometem.

Rosalind cruzou os braços. Se agarrasse o bilhete com mais força, faria um buraco nas palavras.

– Imagino que a Juliette seja a única pessoa isenta de ser uma idiota aos teus olhos.

Kathleen quase ficou de queixo caído.

– Estás a *ouvir-te* neste momento? – perguntou ela.

Talvez ela tivesse entrado numa máquina que as levasse de volta ao tempo em que eram crianças de colo petulantes.

Mas Rosalind não queria refletir sobre si mesma. A amargura subira à superfície e agora não conseguia parar de transbordar.

– Olha para a maneira casual como Juliette abordou toda esta loucura – sibilou ela. – Olha como ela trata isto como se fosse mais uma mera tarefa para impressionar os pais…

– Para com isso. – Kathleen fechou as mãos em redor da bainha da camisa, apertando com força o tecido grosso. – Não estiveste por perto na maior parte do tempo.

– Eu *vi* o monstro!

– Isto não é *culpa* da Juliette. Não é culpa dela ter de tratar isto como se fosse o seu trabalho, porque *é*…

– Tu não percebes – sibilou Rosalind, avançado apressadamente. Parou mesmo em frente de Kathleen e apertou-lhe os ombros. – A Juliette nunca enfrentará as consequências de nada do que faz. Nós sim. Sentimos o raio das partes todas da cidade quando ela quebrar…

– *Rosalind* – implorou Kathleen –, tu estás mesmo muito nervosa neste momento. – Tirou as mãos da camisa e estendeu-as à sua frente. Era tanto uma ação para manter Rosalind à distância como para aplacar a irmã, da mesma maneira que aplacaria um animal feroz. – Eu percebo, a sério, mas nós estamos do mesmo lado.

– O nome de família dela é Cai! – exclamou Rosalind. – Como podemos estar do mesmo lado, se eles nunca cairão? São invulneráveis. Nós *não!*

Kathleen não podia continuar a ouvir aquilo. O tempo estava a acabar. As armas que tinha nos bolsos ficavam mais pesadas a cada segundo que

passava. Libertou-se das mãos de Rosalind que a seguravam pelos ombros, sem falar, e virou-se para se ir embora.

Até que Rosalind disse:

– Celia, por favor.

Kathleen ficou paralisada. Deu meia-volta.

– Não faças isso – sibilou. – Há ouvidos por toda a parte nesta casa. Não me ponhas em perigo só para defenderes o teu ponto de vista.

Rosalind desviou os olhos. Soltou a respiração demoradamente, pareceu recompor-se e sussurrou:

– Eu só estou a olhar por ti.

Este não é o momento para olhares por mim!, queria dizer Kathleen com brusquidão. Que parte disto era assim tão difícil de compreender? Abanou a cabeça. Engoliu as palavras, obrigou-se a suavizar o tom.

– É uma questão simples, Rosalind. Vais ajudar, ou não?

Quando os olhos de Rosalind encontraram de novo os seus, Kathleen só viu apatia na expressão da irmã.

– Não.

– Muito bem – disse Kathleen. – Mas, por favor, não me detenhas.

Aquela cidade fervilhava de monstros a cada esquina. Diabos a levassem se ia deixar que a própria irmã a impedisse de abater pelo menos um.

Kathleen saiu do quarto.

Capítulo 33

Juliette estava na esquina do edifício dos escritórios do *Labor Daily*, o corpo escondido nas sombras das paredes exteriores e dos canos protuberantes. Tinha escolhido uma pequena área de relva onde o edifício curvava um pouco para dentro, junto da porta das traseiras enferrujada, que parecia não ser limpa há semanas. Uma planta trepadeira crescia naquele recanto, subindo ao longo das paredes e pendendo mesmo acima da cabeça de Juliette. À distância, ela podia parecer uma estátua, olhando em frente com olhos mortiços. Não podia pestanejar muito. Se o fizesse, podia entrar em colapso ali mesmo, tornar-se gémea da Níobe de mármore que estava no Colonato Internacional, e depois nunca mais se levantaria.

– Juliette… oh *meu Deus.*

Juliette também estava especada ali porque tinha encontrado um cadáver. Uma vítima da loucura: uma mulher mais velha com o pescoço dilacerado. Permanecia ali porque não sabia o que fazer, se seria melhor deixar a vítima em paz ou fazer alguma coisa – ou se matar Zhang Gutai nesse dia bastaria como esse *alguma coisa* que lhe pesava nos ombros.

Juliette virou-se, expirando ao ver a prima. Kathleen tapou a boca, horrorizada, agachando-se sob o trilho de trepadeiras.

– Antes que perguntes – disse Juliette –, encontrei-a assim. Trouxeste um silenciador?

– Está mesmo aqui – disse Kathleen. Passou uma das pistolas que trazia no bolso a Juliette, com o olhar ainda preso à mulher caída contra a parede.

– Onde está a Rosalind? – perguntou Juliette. Pôs-se em bicos dos pés para olhar por cima do ombro de Kathleen, como se Rosalind estivesse apenas a andar um pouco devagar.

– Não pôde vir – respondeu Kathleen. Desviou o olhar para longe da vítima morta. – O clube burlesco precisa dela. Era demasiado suspeito ir-se embora.

Juliette anuiu. Teria preferido ter outro par de olhos e de mãos de confiança, mas não havia nada a fazer.

– Agora, podes contar-me o que se passa? – exigiu saber Kathleen.

– Exatamente o que dizia o meu bilhete – respondeu Juliette. – A loucura acaba hoje.

– Mas… – Kathleen coçou a parte interna do cotovelo, desenhando linhas raivosas na pele. – Juliette, com certeza não estás à espera que nós as duas irrompamos naquilo que é essencialmente um forte comunista. Isto pode ser um local de trabalho, mas não duvido que algumas pessoas tenham armas.

Juliette fez uma careta.

– Quanto a isso… – Avistou três figuras que se aproximavam pelo passeio. Levantou a mão, captando a atenção de Roma. – Não entres em pânico. Eu explico mais tarde.

Kathleen virou-se. Como sempre, quando alguém dizia para não se entrar em pânico, a primeira coisa que a pessoa fazia era entrar em pânico. Recuou bruscamente uns passos quando Marshall Seo sorriu para ela e acenou. Benedikt Montagov estendeu o braço e puxou a mão do outro rapaz para baixo.

Os Flores Brancas baixaram-se sob as trepadeiras e Roma atirou alguma coisa rapidamente na direção de Juliette: alguma coisa macia e meio quadrada, amarfanhada numa massa de tecido, de forma a poder voar até à mão dela. Um lenço grande. O súbito projétil fez com que fosse mais fácil a Juliette fingir que o seu arquejo reprimido fosse de surpresa por ter de

apanhar o lenço e não por Roma se ter aproximado, quase roçando o ombro dela.

– Para tapares a cara – explicou ele. Tinha outro nas suas mãos, com a mesma finalidade. – Dado sermos os carrascos… *oh*.

Benedikt e Marshall ficaram alerta, os dois rígidos na expectativa de uma ameaça. Mas não havia ameaça, pelo menos ali. Roma avistara apenas a mulher.

– Como é que ela veio aqui parar? – disse Benedikt entre dentes.

– Deve ter sido funcionária do jornal – respondeu Marshall, apontando o polegar para as paredes brilhantes do prédio dos escritórios. – É melhor ter cuidado. Pode vir aí um surto.

Roma fez um som de repugnância ao fundo da garganta, mas não acrescentou mais nada.

Talvez fosse um bocado sádico da parte de Juliette, levá-los todos a encontrarem-se ali, a um metro do cadáver. Mas precisavam de ver aquilo antes de entrar. Tinham de se lembrar exatamente do que estava em jogo.

Uma vida de culpa por inúmeros inocentes. Uma vida de culpa para salvar a cidade.

Talvez fosse uma escolha que devia ter sido feita quatro anos antes. Se ao menos Juliette tivesse tido mais culpas na sua alma. Teria feito a sua morte valer a pena.

Para, ralhou a si própria. O seu pulso soava-lhe nos ouvidos como uma sinfonia. Receava que os outros a ouvissem. Perguntou-se se de cada vez que abria a boca o som viajaria do seu peito e através da garganta, traçando assim o seu caminho até ao mundo exterior.

Juliette ultrapassou os seus nervos. Já conquistara adversários muito mais ferozes do que um batimento cardíaco sonoro.

Agora ou nunca.

Juliette aclarou a garganta.

– Vamos proceder da seguinte forma – começou ela. – Precisamos de alguém na retaguarda. O gabinete do Zhang Gutai tem uma janela de onde ele pode saltar.

Roma fez um aceno de cabeça a Benedikt e Marshall. Sem uma palavra, apressaram-se até aos fundos do prédio.

– Kathleen.

Kathleen ficou atenta.

– Preciso que provoques algum tipo de evacuação no primeiro andar. Confusão suficiente para que ninguém nos impeça de nos aproximarmos do segundo piso e de entrarmos no gabinete do Zhang Gutai.

Kathleen sacou da pistola, segurando-a com as duas mãos. Uma expiração lenta. Um aceno de cabeça.

– Fiquem à espera de ouvir o meu sinal – disse ela. – Espero que saibas o que estás a fazer, Juliette. – Kathleen baixou-se para sair debaixo das trepadeiras.

Meu Deus, também eu espero.

– Quanto a nós… – Juliette virou-se para Roma. Amarrou o lenço à volta da parte inferior do rosto. – Prontos?

– Prontos.

Um disparo estrondoso fez eco no exterior do prédio. Mais três estalidos seguiram-se numa sucessão próxima. Vidro a estilhaçar. Gritos de confusão.

– Vamos.

Apressaram-se até às portas da frente, fundindo-se sem avisar na confusão. Kathleen não estava em parte nenhuma, mas isso significava apenas que fora rápida a sair dali. Deixara para trás um cenário de espanto generalizado, mas não de pânico – as pessoas estavam demasiado preocupadas a murmurar o que deviam fazer para repararem em Roma e Juliette a subir as escadas à pressa. Aquilo era mais uma simples missão de assassínio do que um confronto direto. Quanto mais depressa conseguissem entrar e sair, melhor.

Infelizmente, também havia gente no segundo andar: dois homens à porta do gabinete de Zhang Gutai. Talvez lhes tivesse sido pedido que o guardassem. Talvez Zhang Gutai soubesse que o seu assassínio estava iminente.

– Não – sibilou Roma antes que Juliette pudesse avançar. – Não podemos matá-los.

– Qual é o assunto? – gritou ociosamente um dos homens que estavam junto à porta.

– Eles estão *no caminho* – sibilou Juliette para Roma.

Os dois homens junto da porta estavam a ficar mais alerta. Se os panos que tapavam a cara de Roma e Juliette não fossem suficientes para levantar suspeitas, por certo que as pistolas que tinham nas mãos o eram. Os homens avançaram depressa.

– Perna – mediou Roma.

– Estômago.

– *Juliette.*

– Está bem!

Juliette fez pontaria e surgiram buracos nas coxas dos homens. Impiedosa. Eles gritaram, caíram ao chão e ela investiu. Quando golpeou com a mão a porta do gabinete, ela caiu para trás com força suficiente para amolgar a parede.

– Cuidado!

Roma puxou-a rudemente para o lado, dizendo uma oração em voz baixa. Uma bala vermelho-ardente cravou-se na ombreira da porta onde teria estado a cabeça de Juliette.

Zhang Gutai estava de pé atrás da secretária, a fazer de novo pontaria com a arma. A sua mão não era firme. Tinha gotas de suor a cair-lhe do rosto, os olhos dilatados. Apanhado por fim.

– O que é que eu vos fiz? – exigiu saber Zhang Gutai. Reconheceu-os. Claro que sim. Era preciso mais do que um leve lenço para disfarçar Juliette Cai. – Qual é o problema que vos traz aqui?

– Tenho um problema com a sua loucura – respondeu Juliette, tempestuosa.

– Não sei do que está a falar! – berrou Zhang Gutai. – Não tenho nada que ver com…

Juliette disparou. Zhang Gutai baixou os olhos e olhou para a mancha de sangue que desabrochava na sua camisa branca.

– Não – murmurou. A arma caiu do seu pulso fraco. Em vez de tentar apanhá-la de novo, deixou cair as mãos em cima da secretária. Fechou-as em volta de uma fotografia emoldurada de uma senhora idosa. A mãe. – Não… vocês não estão em desacordo comigo.

– O Larkspur contou-nos tudo – disse Roma, tenso. Tinha os olhos postos na fotografia que Zhang Gutai tinha nas mãos. – Lamentamos que tenha de ser assim. Mas tem.

– O Larkspur? – Zhang Gutai resfolegou. A perda de sangue fê-lo cair ao chão. Vacilou, mal se agarrando a uma réstia de vida para continuar sentado. – Esse… charlatão? O que é que... *ele* tem a… dizer…

Juliette disparou de novo e o comunista caiu para a frente. O seu sangue encharcou completamente a fotografia debaixo de si, até a expressão estoica da mãe ficar coberta por um brilho vermelho.

Devagar, Juliette avançou e empurrou o ombro dele com o pé para o fazer virar-se de costas. Os seus olhos já estavam vidrados. Juliette virou-se, metendo a pistola no bolso. O momento parecia precisar de maior cerimónia, talvez um ar solene, mas a única coisa presente naquela sala era o fedor frio do sangue e Juliette queria afastar-se dele o mais depressa possível.

Seria uma cruel assassina desde que estivesse a fazer alguma coisa bem. Pouco mais a interessava.

– Vem aí alguém – avisou Roma. Tinha a cabeça inclinada para a porta, à escuta do som de passos a subir as escadas. – Sai pela janela.

Juliette fez o que lhe mandavam. Pôs uma perna de fora do painel de vidro e berrou um aviso para Marshall e Benedikt, que ficaram espantados por vê-la aparecer, com o pescoço salpicado de vermelho. Ficaram ainda mais espantados quando ela disse:

– Marshall Seo, apanha-me.

E atirou-se, deixando a Marshall uma fração de segundo para abrir rapidamente os braços. Juliette aterrou com um movimento meticuloso e

elegante.

– Obrigada.

Soou um alarme no interior do edifício. À primeira nota aguda, Roma saiu rapidamente pela janela até estar pendurado do parapeito pelos dedos. Quando se soltou, conseguiu aterrar na relva com um firme *plop*.

– Conseguiram? – perguntou imediatamente Benedikt. – O monstro está morto?

Quando Roma estava prestes a anuir, Kathleen irrompeu dobrando a esquina, a respiração ofegante.

– Porque é que não o mataram? – exigiu ela saber. – Eu vi que chegaram ao segundo andar!

Juliette pestanejou. Sob o sol ofuscante, as suas mãos continuavam sujas, com a prova do seu crime.

– Como assim? – perguntou. – Eu matei-o.

Kathleen fez um movimento brusco para trás. Praguejou em voz baixa.

– Então não funcionou – murmurou. – A loucura. *Escuta.*

Um grito breve e agudo. Um coro de guinchos lancinantes. Tiros, em rápida sucessão.

– Não – disse Juliette entre dentes. – Impossível.

Correu em frente. Alguém gritou, chamando-a, e alguém fez menção de lhe agarrar o cotovelo, mas Juliette sacudiu-os, contornando o prédio e regressando à cena do seu crime. Não foi preciso empurrar as portas da frente, nem sequer chegar até elas. Pelos painéis de vidro, viu três trabalhadores no interior a dilacerar o pescoço, caindo em perfeita sincronia.

– Não – disse Juliette para si, horrorizada. – Não, não, *não*… – Deu um pontapé à parede mais próxima. O seu sapato deixou uma marca de terra no branco imaculado.

Não tinha funcionado.

– Vamos, Juliette! – Kathleen agarrou-lhe o pulso e puxou-a, de novo para a parte lateral do prédio, imediatamente antes de as portas se abrirem e aqueles que ainda não estavam infetados poderem fugir para um lugar seguro.

A prima devia querer que as duas saíssem dali, mas Juliette não era capaz. Pelo canto do olho, ela conseguia ver que os Flores Brancas olhavam para ela, observavam a maneira como reagia, mas, mesmo assim, ela não conseguia manter as suas forças. Tinha as pernas bambas. Cedeu à fadiga sem resistência e mergulhou na relva fresca, enterrando os dedos na terra a esgaravatar, até o solo fresco se contorcer nas suas unhas.

– Ei!

Apitos da polícia. Alguém devia ter informado a polícia ao ouvir os tiros. Ou um trabalhador no interior teria ligado para a esquadra mais perto, pedindo ajuda. No entanto, quando os homens de uniforme apareceram, não foi uma surpresa terem-se antes focado nos cinco gângsteres que espreitavam junto do edifício e avançarem para eles.

Num dia daqueles, em que a revolução se agitava por toda a cidade, a polícia ansiava por fazer detenções.

– Vão – murmurou Roma a Benedikt e Marshall. – Embrenhem-se nos becos até os perderem. Encontramo-nos de novo no telhado do Dragão de Jade.

O Dragão de Jade era um restaurante que ficava a menos de dois quarteirões dali, sem dúvida o prédio mais alto da rua e constantemente apinhado de clientes. O caos total dos grandes restaurantes significava que os gângsteres conseguiam muitas vezes entrar e sair furtivamente das escadas altas sempre que lhes apetecia, subindo aos telhados para os usar como miradouros. Benedikt e Marshall dispararam para ocidente.

– Juliette, *vamos* – disse Kathleen, mas Juliette recusou.

– Vai tu também, Kathleen – entoou Juliette. – Segue o mesmo plano.

– Então e tu…

– Podem prender-te, mas não me podem prender a mim. Não se atreveriam.

Kathleen chupou a parte interna das bochechas, mirando cautelosamente Juliette e depois Roma, que continuava ali, de braços cruzados.

– Cuidado – murmurou, antes que os três polícias se aproximassem e ela disparasse dali para fora, num piscar de olhos.

– Sob a jurisdição de…

– Zarpem – interrompeu Roma em russo.

Os polícias não o entenderam. Não precisavam. Bastava ouvirem o russo e olharem para a sua roupa para se darem conta de que se tratava do herdeiro dos Flores Brancas. Depois cerraram os maxilares, trocando olhares tensos. Foram de seguida obrigados a retroceder sem mais uma palavra, apressando-se na direção em que Benedikt e Marshall tinham fugido, na esperança de não terem perdido a possibilidade de fazer detenções.

– Juliette – disse Roma quando os polícias desapareceram. – Tens de te levantar.

Ela não conseguia. Não o faria. Ultrapassara a raiva e a fúria e deslocava-se antes para o entorpecimento. Alimentara o fogo no seu peito durante tanto tempo que não reparara na intensidade com que ardia, mas agora as chamas estavam extintas e ela deu-se conta de que não havia nada lá, exceto um espaço chamuscado, oco, onde devia ter o coração.

– Porquê? – perguntou. – O Larkspur enganou-nos. Enganou-nos para que lhe fizéssemos o trabalho sujo.

Com um suspiro, Roma agachou-se. Pôs-se ao nível dela.

– Juliette…

– O Zhang Gutai nunca foi culpado, mas eu *executei-o* – continuou Juliette, mal ouvindo Roma. – E o que é que conseguimos? Apenas mais derramamento de sangue…

– Não te atrevas – disse Roma. – Não te deixes ir abaixo agora, dorogaya.

Juliette levantou bruscamente a cabeça. Tinha o ar embargado na garganta, a contorcer-lhe o esófago com amargura. O que achava ele que estava a *fazer*? Ela já estava caída. Ele até podia dar-lhe uns pontapés para se certificar de que estava morta.

– Eu matei-o – disse Juliette a Roma, como se ele não tivesse reparado – a sangue frio. Não me estava a fazer mal. Implorou pela vida.

– Corremos um risco calculado para salvar a vida de milhões de pessoas. Disparaste pela Alisa. Pela mínima hipótese de salvar uma vida inocente. Recompõe-te. *Já.*

Juliette inspirou. Inspirou e inspirou. Quantas mais vezes podia fazer isto? Quantos mais monstros falsos seriam derrubados com uma violência que não era exigida no caminho até ao verdadeiro? De que forma era ela *diferente* dos assassinos à espreita naquela cidade – aqueles que ela tentava fazer parar?

Só se deu conta de que estava a chorar quando as lágrimas caíram na sua mão. Só se deu conta de que as lágrimas lhe escorriam pelo rosto, mais rápidas do que o ritmo do seu coração veloz quando a postura rígida de Roma ficou mais suave e os seus olhos duros se mostraram preocupados.

Estendeu o braço para ela.

– Não faças isso – conseguiu Juliette dizer, a respiração irregular, a mão erguendo-se para afastar os nós dos dedos dele. – Eu não… preciso da tua pena.

Devagar, Roma baixou-se até ao chão até também ele estar de joelhos.

– Não é a minha pena que tens – disse ele. – Fizeste a escolha certa, Juliette. Andamos atrás do monstro para o impedir de trazer devastação à nossa cidade.

Juliette estendeu as mãos cheias de sangue. – Mas isto… isto *é* uma monstruosidade.

Roma estendeu de novo o braço para ela. Desta vez, Juliette não o impediu. Desta vez, ele passou suavemente os polegares pelas faces dela para lhe secar as lágrimas e ela debruçou-se para ele, a cabeça repousando no seu peito e os braços a envolvê-la: familiares, alheios, *à medida*.

– Um monstro – disse ele para o cabelo dela – não chora.

– Tu choraste? – perguntou Juliette, mal se ouvindo. Não precisava de esclarecer o que queria dizer. Viram-no ambos mentalmente: a explosão, os

danos, o sangue e as vidas e o vermelho tão ardente.

– Chorei – disse Roma igualmente baixinho. – Chorei durante meses, *anos,* nos portões do cemitério. No entanto, não me arrependo de te ter escolhido. Por mais cruel que te julgues, o teu coração bate pelo teu povo. Foi por isso que o mataste. Foi por isso que arriscaste. Não por seres implacável. Mas porque tens *esperança.*

Juliette ergueu os olhos. Se Roma se virasse, ainda que minimamente, ficariam de nariz colado um ao outro.

– Lamento ter sido colocado numa posição em que tive de escolher – continuou Roma. As suas palavras eram fracas, sussurradas ao mundo enquanto as ruas se enchiam de sirenes, o prédio ao lado deles fervilhava de caos e os polícias em todos os cantos da rua gritavam para estabelecer a ordem.

Mas Juliette ouviu-o na perfeição.

– Detesto que a vendeta me tenha conduzido a mão, mas não posso… fiz o que tinha de fazer e pode ser que me aches monstruoso por isso. A vendeta continua a ceifar, a fazer mal e a matar, mas eu não conseguia deixar de te amar mesmo quando achei que te odiava.

Amar. Amava.

Odiava. Amar.

Juliette afastou-se, mas apenas para olhar Roma nos olhos, com a pulsação a bater em, crescendo. O olhar dele encontrou o dela, constante, inabalável.

Nesse momento, a única coisa em que Juliette conseguia pensar era: *Por favor, por favor, por favor.*

Por favor não me destruas outra vez.

– Portanto – continuou Roma –, tu já não me enganas. Continuas a ser a mesma rapariga indomável que eu daria a vida para salvar. Escolhi acreditar em ti… Agora fazes tu a tua escolha. Continuas a lutar, ou vais-te abaixo?

Ela tinha passado a vida inteira a fazer as duas coisas. Mal conseguia dizer a diferença entre os momentos em que lutava e os momentos em que mal se aguentava, pedaços soltos a avançar aos tropeções, passo a passo. Talvez as duas coisas fossem apenas uma.

– Responde-me primeiro a uma coisa – reagiu ela com um sussurro.

Roma pareceu preparar-se. Ele sabia. Sabia o que ela lhe ia perguntar.

– Ainda me amas?

Roma fechou os olhos. Passou um segundo demorado. Era como se Juliette tivesse dito algo desadequado, como se tivesse encontrado uma fenda e tivesse calculado mal o salto, caindo por uma fissura escura e interminável…

– Não me ouves quando eu falo? – respondeu ele a tremer, o lábio a contorcer-se. – Eu amo-te. Eu sempre te amei.

Juliette julgara que tinha o coração vazio, mas agora possuía uma concha de ouro. E pareceu-lhe então certo que o seu coração continuasse, afinal de contas, funcional, porque agora rebentava, e rebentava…

– Roma Montagov – disse ela ferozmente.

Roma pareceu sobressaltar-se com o tom de voz dela. Os seus olhos dilataram, roçando a preocupação.

– O que foi?

– Vou beijar-te.

E, na relva atrás do reduto comunista, invadido por polícias de todos os colonatos, sob os cabos de telefone entrecruzados e os vitrais ensanguentados, Juliette procurou Roma. Tomou-lhe o rosto entre as mãos e avançou para ir ao encontro dos seus lábios, beijando-o com toda a intensidade dos anos perdidos. Roma retribuiu, com o braço a cingir-lhe a cintura e abraçando-a – abraçando-a como se ela fosse preciosa, uma fada arrancada ao vento.

– Perdoa-me – murmurou ele quando se afastaram. – Perdoa-me, Juliette.

Ela estava cansada de ódio e sangue e vingança. Só queria aquilo.

Juliette envolveu-o com os braços e pressionou o queixo contra o ombro dele, segurando-o o mais perto que ousava. Era um reatar de uma relação, uma chegada a casa. Era a sua mente a sussurrar: *Ah, aqui estamos de novo – finalmente.*

– Eu perdoo-te – disse ela baixinho. – E, quando isto tiver acabado, quando o monstro estiver morto e a cidade for de novo nossa, vamos ter uma conversa como deve ser.

Roma conseguiu soltar uma gargalhada e deu-lhe um beijo no pescoço.

– Tudo bem. Por mim, tudo bem.

– Por enquanto. – Juliette soltou-o e estendeu a mão. – Acho que temos um monstro para procurar.

Capítulo 34

Começa a cair uma chuva miudinha sobre a cidade. As pessoas que estão na rua vão a correr procurar abrigo, apressando-se a tirar as bancas bāozi do passeio. Dizem rispidamente às crianças que se despachem, que entrem antes que o céu se abata sobre eles… e antes que o rugido do som ecoe desde o sul.

Já toda a gente ouviu os rumores. Há planos de que uma revolta comunista ganhe vida hoje em Nanshi. A princípio, planearam uma insurreição lenta, uma fábrica a seguir à outra, seguindo o exemplo umas das outras num efeito dominó preciso. Agora, apressam-se. Ouviram falar do homicídio do seu secretário-geral. Temem que haja um assassino a perseguir o partido. Gritam vingança e prometem insurgir-se imediatamente juntamente com os trabalhadores da cidade, antes que algum segmento possa ser cortado.

A chuva cai levemente. Em cima de um telhado, cinco jovens gângsteres estão num dos poucos pontos serenos da cidade, sem se deixarem incomodar pelo tempo cinzento. Estão sentados, espalhados pelos blocos de cimento – dois deles lado a lado, em igual estado de concentração, dois perto um do outro e uma olhando a cidade, de rosto virado para o vento, deixando que as gotas de água lhe encharquem o cabelo.

Estão profundamente infelizes. Os seus esforços para salvar uma adorada menina loura no hospital podem ter antes acelerado a sua partida. Se rebentar de facto o caos, então em breve se seguirá a morte.

Só podem rezar para que o boato não passe disso mesmo. Só podem agarrar-se à crença de que os murmúrios na cidade mudam mais depressa do que a doença e esperar que, por uma vez, isso seja verdade.

O vento sopra. Um pássaro grita.

– Se calhar, devíamos fugir. Em algum momento, a loucura vai espalhar-se a todos os cantos da cidade.

– Para onde iríamos?

– Começaram a chamar à América *a terra dos sonhos.*

Um bufar de desdém ergue-se até às nuvens. É um som que existe em incongruência com o resto da ansiedade que varre as artérias da cidade. É o único som que resume a terra em questão, de alguma forma simultaneamente encantador e terrível, desdenhoso e opressivo. *A terra dos sonhos*. Onde homens e mulheres de capuz branco vagueiam pelas ruas para matar gente negra. Onde leis escritas proíbem os chineses de pôr o pé em terra firme. Onde crianças imigrantes são separadas das mães imigrantes em Ellis Island e nunca mais são vistas.

Até a terra dos sonhos tem de acordar de vez em quando. E embora possa haver beleza por baixo da podridão do seu cerne, embora seja grande, aberta e abundante, escondendo aqueles que querem ser escondidos e iluminando os que querem ser lembrados, é um outro lugar.

– É aqui o nosso lugar, Roma. O nosso lugar será sempre aqui.

A voz estremece, mesmo com a segurança dessas palavras. Estão a enganar-se. Estes herdeiros julgam-se reis e rainhas, sentados num trono de ouro sobranceiro a um império rico e cintilante.

Não são. São criminosos – criminosos no topo de um império de ladrões e senhores da droga e chulos, prontos a herdar uma coisa despedaçada, terrível e derrotada, que os olha com tristeza.

Xangai sabe. Sempre soube.

Aquele lugar está prestes a ruir.

*

– Estamos a perder o nosso tempo, aqui escondidos – disse Marshall. Estava sentado, com uma pesada impaciência, constantemente a arrastar-se para a frente ou a passar a ponta do sapato pelas linhas do cimento.

– O que é que querias que fizéssemos? – perguntou Juliette, inclinando a cabeça para trás. Resistiu a encostar-se a Roma, quanto mais não fosse porque seria horripilante do ponto de vista de Kathleen. – Se o Larkspur tem algum papel nisto, já mudou de sítio desde a nossa última visita e eliminou todos os vestígios da sua existência física. Se o Larkspur não tem papel nenhum nisto e nos mentiu acerca da culpa de Zhang Gutai apenas para que o matássemos, então já está. – Juliette abriu as mãos. – Beco sem saída.

– Impossível – disse Kathleen entre dentes. – Numa cidade tão grande, como é possível que mais ninguém saiba de nada?

– A questão não é se alguém sabe alguma coisa – disse Benedikt. – É o tempo que nos resta. Não podemos tirar a Alisa das máquinas no hospital sem pôr em risco a sua vida. Também não a podemos deixar lá enquanto a fábrica ao lado se revolta.

– Podem demorar ainda semanas a revoltar-se – disse Marshall. – O número de pessoas nas reuniões deles continua a ser baixo. A sua força ainda não é muito poderosa.

Roma abanou a cabeça. O movimento fez abanar todo o seu corpo.

– A força deles não é poderosa – disse ele –, mas todos os outros são fracos. Esta loucura levou demasiadas pessoas. Se não em corpo, então em espírito. Os que ainda estão vivos não continuam leais.

– É uma questão de tempo – disse Kathleen, concordando.

Benedikt suspirou ferozmente.

– Nada disto faz *sentido.*

Marshall disse-lhe alguma coisa baixinho e ele sibilou algo em resposta. Ao reparar que a conversa se dividira e Kathleen estava perdida nos seus pensamentos, Juliette inclinou a cabeça para Roma, fazendo estalar a língua para lhe chamar a atenção.

– Vamos arranjar uma maneira – disse Juliette quando Roma baixou os olhos. – Ela não está perdida.

– Por enquanto – respondeu ele, a voz baixa. – Mas vão matá-la. Vão cortar-lhe a garganta enquanto dorme. Vai morrer como morreu a minha mãe.

Juliette pestanejou. Endireitou-se para o enfrentar diretamente.

– A tua mãe morreu de doença.

Caiu uma gota de chuva na face de Roma. Ele limpou-a, com um movimento que parecia exatamente igual a limpar uma lágrima. Quando os seus olhos se encontraram, não havia confusão da parte de Roma, nem perplexidade quanto às razões para Juliette achar que era assim. Havia apenas uma… tristeza suave, tolhida.

– Não foi? – instou Juliette. Por alguma razão, a parte interna dos seus pulsos começou a suar. – Como é que a doença pode ter cortado a garganta à tua mãe?

Roma abanou a cabeça. Disse gentilmente, como se se tratasse de uma carícia.

– Foi um alvo dos Escarlates, dorogaya.

De repente, Juliette deixou de conseguir respirar. Tinha a visão invadida por terríveis pontos violeta. Foi preciso todo o seu esforço para permanecer quieta – para não se mostrar exteriormente afetada.

– Mas a vendeta é a vendeta. Não penses muito nisso. Não fiques presa a isso. A culpa não é tua.

– Julguei que tinha sido de doença – mal conseguiu Juliette dizer. – Eles disseram que foi uma doença.

Lady Montagova morreu duas semanas depois de Juliette ter abandonado Xangai. Duas semanas depois do ataque à casa dos Escarlates, que lhe matou os criados.

Oh meu Deus. Oh meu Deus oh meu Deus oh meu Deus.…

– Os Flores Brancas só disseram isso para não ficarem malvistos – disse Roma. – Foi encontrada com uma rosa vermelha que lhe colocaram na mão.

– Espera!

A súbita exclamação partiu de Benedikt e Juliette foi sacudida por um tremor, que atraiu um olhar estranho de Roma. Ele pousou uma mão tranquilizadora nas costas dela, todos os gestos do passado dos dois relembrados sem necessidade de uma reapresentação formal.

Mas Juliette mal registou isso. Tinha a cabeça a mil.

Tens de lhe contar. Ele tem de saber.

Ele nunca me vai perdoar.

Juliette abanou depressa a cabeça, desanuviando os pensamentos. Era um assunto para tratar depois. Não servia de nada pensar naquilo agora.

– O que te disse o Larkspur? – exigiu agora Benedikt saber. – Conta-me palavra por palavra.

– Benedikt, já te dissemos antes…

– Outra vez – disse ele bruscamente. – Há algo muito familiar nisto tudo.

Roma e Juliette trocaram um olhar de admiração.

– Ele disse – respondeu Roma: – *O Zhang Gutai está a transformar-se em monstro. Eu faço a vacina usando as informações que ele me dá.*

A mão de Benedikt agarrou de repente o ombro de Marshall.

– Antes disso?

– É um bocado irrelevante – respondeu Juliette, franzindo o nariz.

– Se já me contaste, *conta-me de novo.*

– Ele perguntou: *Querem saber qual é a minha ligação ao Zhang Gutai?* – respondeu Roma. – O que foi, Benedikt?

O sobrolho franzido de Benedikt ficou cada vez mais vincado. Kathleen avançou sub-repticiamente, como se já não bastasse os cinco dispersarem pelo pequeno telhado – tinham de se chegar cada vez mais uns aos outros para fazer um círculo que impedisse que as informações que partilhavam escapassem.

– Quando estávamos a vigiar o apartamento do Zhang Gutai – disse Benedikt devagar –, vimos aparecerem estrangeiros atrás de estrangeiros para falar com o assistente pessoal dele. Tentavam falar de política, mas saíam passados poucos minutos.

Uma gota grossa de chuva caiu-lhe na testa.

– Estás a falar do francês de quem foste atrás? – perguntou Marshall.

Benedikt anuiu.

– Tentei ameaçá-lo para que me contasse o que estava a fazer lá – disse ele –, mas ele insistiu que o que tinha a tratar com o Zhang Gutai não era da

minha conta. Na altura, não achei muito estranho, mas… – Benedikt franziu o sobrolho. – Porque é que ele falaria tão especificamente dos seus assuntos com o Zhang Gutai se era com o assistente dele que se estava a encontrar?

Os factos começaram também a alinhar-se na cabeça de Juliette, um a um. *Talvez o Larkspur tivesse uma impressão falsa.*

– O assistente pessoal do Zhang Gutai – disse Juliette. – Será que é também seu assistente no *Labor Daily?*

– É, sim – respondeu Kathleen de forma confiante. – O Qi Ren é a pessoa que toma notas nas reuniões dos comunistas. Também deve ser o transcritor dele no trabalho.

A secretária vazia com o memorando para Zhang Gutai. Os desenhos do monstro. A porta dos fundos a abanar, como se alguém tivesse *acabado* de sair da secretária, sentindo o ataque da transformação, apressando-se a sair para ninguém ver…

Lembrou-se da tentativa de Qi Ren se apresentar como Zhang Gutai quando ela e Roma apareceram à porta dele. Lembrou-se dos seus modos fáceis, como se estivesse habituado a fazer aquilo, como se o seu trabalho principal fosse fazer as reuniões com que Zhang Gutai não queria perder tempo. Como se estivesse acostumado a representar o seu superior, agindo em nome dele junto dos estrangeiros que não o conheciam e apareciam a bater à porta para as reuniões.

– Talvez o Larkspur não tenha mentido – disse Juliette baixinho. – Talvez ele *estivesse convencido* de que dizia a verdade quando afirmou que o Zhang Gutai era o monstro.

O que significava que Zhang Gutai nunca fora o monstro de Xangai.

Qi Ren é que era.

Inesperadamente, o prédio em que se encontravam foi abalado por um movimento forte. Os cinco levantaram-se bruscamente, preparando-se para o ataque. Não surgiu nada imediatamente. Mas, quando os gritos começaram, vindos das ruas lá em baixo, e a sensação de calor soprou para a chuva, deram-se conta de que se passava algo muito, mas muito mau.

A perspetiva privilegiada que tinham no telhado permitiu que a visão deles se estendesse duas ou três ruas em cada direção. Para oeste, um fogo rugia no pátio de uma esquadra da polícia. Tinha havido uma explosão – fora esse o impacto que sentiram. Abalara todos os prédios instáveis da vizinhança, perturbando uma fina camada de pó e sujidade, que descia flutuando até aos passeios.

E, naquele pó, os *trabalhadores* invadiam a esquadra da polícia como uma colónia de formigas, todos com um tecido vermelho amarrado ao braço direito, luminosos como faróis.

Não se tratava do uniforme de bom corte dos exércitos estrangeiros. Tratava-se dos trapos do povo, em sublevação popular.

– Está a começar *aqui* – murmurou Juliette, incrédula. – Os protestos estão a começar na própria cidade.

Era genial. Haveria demasiado caos para se poder parar rapidamente os protestos urbanos. O caos da cidade iria galvanizar os que se encontravam nos subúrbios, iria incitá-los a revoltar-se com uma urgência inabalável e com uma feroz destruição.

Está a começar.

– O hospital – arquejou Roma. – Benedikt. Marshall. Vão para o hospital. Protejam a Alisa.

Protegê-la até conseguirem matar o monstro.

– Vai para casa – ordenou, entretanto, Juliette a Kathleen. – Reúne todos os mensageiros. Eles que avisem os donos das fábricas para fugirem imediatamente.

Por certo teriam já sido avisados para se acautelarem de uma revolta, avisados de reuniões em massa onde se gritava o fim do governo dos gângsteres. Mas ninguém poderia saber que começaria com uma tal intensidade. Não esperariam tamanho vigor. Pagariam com a cabeça pelos seus erros de cálculo.

Kathleen, Benedikt e Marshall saíram à pressa, sem desperdiçar tempo. Só Roma e Juliette foram deixados durante mais um instante no telhado, rodeados de fogo e tumulto.

– Mais uma vez – prometeu Juliette. – Desta vez, vamos fazer bem as coisas.

Capítulo 35

Roma e Juliette subiram com estrondo as escadas até ao apartamento de Zhang Gutai, onde Qi Ren estaria à espera. A dado momento, Juliette reparou que ainda tinha sangue nos dedos. Isso criava impressões das mãos nos corrimãos que agarrava enquanto subiam lanços e mais lanços de escadas, sem uma pausa.

Uma vez chegados ao andar superior, Juliette parou mesmo à porta de Zhang Gutai.

– Como é que fazemos isto? – perguntou.

– Assim.

Roma deu um pontapé que derrubou a porta.

O apartamento de Zhang Gutai estava uma confusão. Quando Roma e Juliette entraram cautelosamente, os seus sapatos afundaram-se em água, o que arrancou um arquejo a Juliette e um palavrão a Roma. As tábuas de madeira dura estavam inundadas por uma fonte de água corrente que parecia vir da cozinha. A água subiu-lhes até aos tornozelos e subia mais a cada segundo. Se não fosse a borda alta da soleira da porta, teriam inundado o resto do prédio quando abriram a porta do apartamento.

Alguma coisa não estava bem com Juliette. Deixou-se cair até uma posição de cócoras e mergulhou uma mão na água, franzindo a testa quando o frio se lhe estranhava nos dedos. A água remoinhou, dançou, saltou. Lembrava-lhe o Huangpu, a maneira como a corrente se deslocava sempre numa dúzia de direções diferentes, levando consigo o que flutuasse na sua maré, levando todos os mortos caídos à sua beira. O confronto de gângsteres no porto. Os russos no seu navio.

As primeiras vítimas de cada onda de loucura…, pensou de repente Juliette, *estavam todas à beira do rio Huangpu?*

– Juliette – chamou Roma baixinho, pedindo a sua atenção. – Parece que houve uma luta.

Juliette levantou-se de novo, sacudindo a água da mão. Mais para dentro do apartamento, havia papéis espalhados por toda a parte: panfletos finos de propaganda e folhas mais grossas de contabilidade – números e letras e carateres, derramando-se conjuntamente na água. Enquanto se deslocava pelo espaço, espreitou para cima da bancada da cozinha e encontrou panelas e frigideiras viradas ao contrário, não só a flutuar no lava-louça a transbordar, mas *amolgadas* em cima das mesas, como se alguém tivesse pegado na caçarola e tivesse batido com ela repetidamente em alguma coisa.

– Onde está ele? – murmurou Juliette.

O estado do apartamento só contribuiu para piorar a sua confusão. Porque haveria um velho, o assistente de um comunista, de se transformar em monstro? Porquê inundar o chão e amolgar todo o equipamento da cozinha?

– Ele não está aqui – disse Roma. Tinha os olhos pregados em alguma coisa por cima do ombro dela. – Mas está outra pessoa.

Juliette olhou para onde Roma apontava e viu o vulto caído a um canto da sala. Ela e Roma tinham-se sentado ali uma vez, quando Qi Ren lhes serviu chá. Agora, as cadeiras estavam viradas ao contrário, o rádio estava despedaçado em cima do tapete, onde outro jovem desmaiara. Tinha as pernas abertas debaixo de água numa estranha forma de V, com as costas encostadas à parede. O pescoço inclinava-se tão acentuadamente para a

frente que só se via a parte de cima da cabeça – cabelo louro-escuro, empastado de sangue.

Juliette esbugalhou os olhos.

– Meu Deus, é o Paul Dexter.

– Paul Dexter? – repetiu Roma. – O que está ele a fazer aqui?

– Isso gostava eu de saber – disse Juliette entre dentes. Avançou à pressa, mergulhando os joelhos na água rasa antes de sacudir vigorosamente o ombro de Paul. Tinha um golpe fundo na testa e o que pareciam ser quatro marcas de garras no pescoço, maculando-lhe a pele pálida com arranhões vermelhos.

Juliette abanou-o com mais força.

– Paul. Paul, acorde.

Devagar, Paul mexeu as pálpebras. À terceira vez que Juliette chamou o seu nome, os olhos de Paul abriram-se finalmente e focaram-se nela. Franziu a testa.

– Miss Cai? – disse Paul com voz áspera. – O que está aqui a fazer?

– Responda primeiro – disse Juliette com sarcasmo.

Paul tossiu. Soou como uma pieira, parecia não lhe restar pinga de líquido na garganta.

– Foi o Larkspur que me enviou – disse ele devagar. Olhou em volta, dando palmadinhas no espaço em redor de si e pareceu descontrair quando encontrou a pasta, que estava a flutuar na água.

– O que está a fazer no chão? – perguntou Roma.

Paul ficou subitamente tenso, como se a sua memória voltasse, pedaço a pedaço, desencadeada pela pergunta. Estremecendo, tratou de ajustar a sua

posição encostando-se mais à parede, até estar bem sentado para voltar a colocar a pasta no colo.

– O monstro… – Paul expirou. – Atacou-me.

– Atacou-o *aqui*? – exigiu saber Juliette. Pôs-se em pé e girou em círculo, esguichando água enquanto perscrutava a sala de jantar. – Onde está ele agora?

– Eu… eu não sei – respondeu Paul. Baixou os olhos enquanto abria a pasta e verificava o seu conteúdo. Meteu alguma coisa ao bolso. – Que diabo, ainda poderá estar aqui. Pode ajudar-me a levantar, Miss Cai?

Com um olhar por cima do ombro, observando os níveis da água a subir e ainda a achar *algo* de estranho nesse facto, Juliette estendeu o braço, reprimindo uma resposta arrogante perante a inutilidade de Paul Dexter.

Foi culpa dela tê-lo subestimado. Quando a mão dele agarrou a dela e ele se pôs em pé, estava também a tirar a ponta de uma seringa com a outra mão. Juliette esticou o braço, no seu esforço para o levantar… e depois Paul enterrou-lhe uma agulha nas veias expostas da parte interna do cotovelo.

Juliette arquejou: a agulha brilhou. Antes que pudesse afastar o braço, já Paul enterrava a seringa e o líquido azul foi injetado na circulação sanguínea.

Tarde de mais, Juliette atirou-se para trás, agarrada ao cotovelo.

Roma conseguiu apanhá-la antes que ela caísse à água com o choque.

– Ele magoou-te? – exigiu saber Roma.

– Não – respondeu Juliette. Retirou devagar a mão da parte interna do cotovelo, descobrindo uma picada vermelha. – Ele *vacinou-me.*

Paul endireitou-se então completamente, deixando cair na água a seringa usada e o seu fingimento.

– Estou só a tentar ajudá-la, Juliette – disse ele. – Não quero que morra. Eu amo-a.

Juliette soltou uma gargalhada singular.

– Não, não ama mesmo – disse, com voz áspera. – Isso não é amor.

O rosto de Paul ficou tempestuoso. Apontou com um dedo para Roma, que continuava a ter os braços à volta de Juliette.

– E isso é amor, manchado com o sangue de todos os vossos mortos?

Juliette sentiu o ar preso na garganta. Não foi o insulto de Paul – ela mal ouvira as palavras dele. Foi o longo som surdo e ameaçador da sua voz e a súbita compreensão de onde a ouvira antes.

– Quer falar dos meus mortos? – disse Juliette, a ferver de raiva. – Vamos falar, *Larkspur*.

Roma inspirou bruscamente. Paul limitou-se a sorrir. Não tentou negá-lo. Em vez disso, inclinou a cabeça de uma maneira distorcida e querubínica e disse:

– Tenho querido contar-lhe, Juliette. Tenho de admitir, quando imaginei que esta informação viesse a lume, que a veria mais impressionada do que parece estar neste momento.

– Impressionada? – repetiu Juliette. Estaria talvez a uns três decibéis de guinchar. – Que parte disto é *impressionante* para si?

– A parte em que tenho a cidade inteira a dançar nos cordelinhos de fantoches? – Paul estendeu o braço para o bolso do casaco e Juliette preparou-se, as mãos centímetro a centímetro mais perto da pistola, mas ele

estava apenas a retirar mais um frasco azul, que segurou depois à luz. Cristais pequeninos foram refratados para as paredes bege, marcas de lápis-lazúli dançando aos pares. – A parte em que desencadeio a solução para o sofrimento do meu pai? Diga-me, Juliette, não é o desejo dos filhos que os pais vivam o mais felizes possível?

Juliette ergueu a pistola. A expressão de Roma registou um medo hesitante e, embora Juliette estivesse perfeitamente ciente de que era perigoso provocar Paul antes de saberem que mais ele tinha escondido na manga, ela tinha demasiada raiva dentro de si para conseguir manter a moderação segundo os padrões de Paul.

– Todos os gângsteres e mercadores que foram alvos ao longo do rio – disse Juliette. – Julguei que tivessem sido os comunistas. Julguei que eram eles a eliminar as suas ameaças capitalistas. – Riu-se com amargura. – Mas foi *você*. Foi você a preparar o mercado para o seu negócio florescer. Foi você a preparar as ameaças para que o Larkspur não pudesse ser questionado.

Paul fez um sorriso radiante, uma fileira luminosa de dentes brancos.

– É brilhante, não é? E pensar que tudo começou quando descobri um bicharoco minúsculo em Inglaterra.

– Imbecil – sibilou Juliette. – Como se atreve…

– Começou por ser um *favor* a esta cidade – interrompeu Paul, os olhos ensombrecendo. Começava a ficar ofendido com a raiva de Juliette. Nunca tinha visto aquele lado irado dela. – Não leu os jornais? Não ouviu o que se dizia? Toda a gente falava de como os investimentos capitalistas na cidade seriam ameaçados se entrasse em Xangai uma política legítima, e os comunistas procuravam ser os concorrentes mais prováveis. Eu ia ajudar. A

minha intenção era matar os comunistas. Por certo não poderá discordar disso.

Juliette discordava imensamente. Mas não era o momento de dar voz a esse argumento.

– Queria infetar primeiro o Zhang Gutai. – Era o palpite dela. Lançou um olhar à sala de estar, às cadeiras viradas, aperfeiçoando a sua inspeção. Em vez de ter apenas uma seringa caída junto aos pés, viu duas. De onde tinha vindo aquela segunda? Mais importante do que isso, qual fora o seu uso? – Não se deu conta de que estava a falar com o assistente dele.

– Mas isso não tinha importância, pois não? – Paul avançou um passo; Roma e Juliette recuaram um. – Julguei que o primeiro inseto haveria de saltar de um hospedeiro para o outro e matar os comunistas individualmente. Imagine a minha *surpresa* quando o velho se transforma em *monstro*! Imagine a minha surpresa quando ele se torna a mãe hospedeira e liberta *milhares* de insetos replicantes capazes de levar toda a gente da cidade à *loucura*!

Na sua raiva, o braço de Juliette começou a tremer. Roma colocou uma mão no cotovelo dela, mas isso não a persuadiu a baixar a arma.

– A água – murmurou Juliette, meio pergunta, meio resposta que ela já sabia.

Arrastou um pé, perturbando o líquido que subia à volta deles. Já lhe chegava a meio da barriga da perna. Paul tivera intenção de matar os comunistas, mas o seu plano evoluiu quando o monstro só aparecia ao longo do rio Huangpu. O rio era o coração palpitante da cidade; uma infeção nele começada implicava que a loucura varresse os gângsteres que trabalhavam no porto, e os mercadores que faziam reuniões.

Nem sequer eram verdadeiros *alvos*. Acontecia simplesmente que eram os gângsteres e os mercadores que passavam mais tempo à beira do rio Huangpu e era lá que o monstro ia libertar os insetos.

E, a cada onda, o negócio de Walter Dexter florescia subitamente, mais uma vez. De repente, o Larkspur aparecia com uma vacina que rendia mais dinheiro do que um vulgar mercador poderia ter imaginado. Uma vacina que os trabalhadores não tinham dinheiro para comprar, mas compravam na mesma. Uma vacina que os outros mercadores *podiam* comprar, mas recebiam uma solução salina que lhes oferecia uma falsa segurança e depois a morte, caindo como tordos, para abrir o mercado e deixar Walter Dexter brilhar.

– Água – repetiu Paul. – Que sorte para a cidade acima do mar.

Juliette não aguentava mais aquilo. Desativou a patilha de segurança da pistola.

– Você enoja-me.

Paul avançou mais um passo.

– O meu pai desistiu de tudo para vir em busca de uma fortuna neste país.

– Oh, então o seu pai conheceu a *pobreza* durante uns tempos – desdenhou Juliette. – Valeu a pena? Será que a sua noção de sucesso como mercador vale a vida do meu povo?

Paul suspirou e contorceu as mãos, como se, por fim, sentisse alguma culpa.

– Se assim o desejar – disse ele, como se lhe fizesse um gesto grandioso com a bondade do seu coração –, posso produzir a vacina em massa para o Gangue Escarlate…

– Você não entende – interrompeu Juliette. – Não quero a sua vacina. Quero o fim da loucura. Quero o monstro morto.

Paul ficou muito quieto e a sobrancelha erguida num gesto de esperança baixou. Tornou-se quem sempre tinha sido, retirada a máscara.

– Queixar-se-ia se a loucura estivesse a matar apenas Flores Brancas? – perguntou Paul friamente.

– Sim – cuspiu Juliette com toda a veemência.

– Por causa dele, não é? – Paul apontou o queixo para Roma. Dez mil alfinetadas de ódio passaram nesse movimento. – Bem, peço desculpa, Juliette, mas não pode matar o Qi Ren. Não vou permitir.

– Não me pode impedir – disse Juliette. – Homens mais aptos tentaram fazê-lo e falharam. Então, onde está ele, Paul?

Paul sorriu. Esse sorriso era a condenação da cidade, plantando rancor no seu interior. E Juliette – Juliette sentia-se possuída pelo seu terror, tinha pele de galinha em cada centímetro de pele, um estremecimento percorria-a dos pés à cabeça.

A água que estava no corredor agitava-se calmamente. Alguém vinha a sair dos quartos.

Roma e Juliette deram meia-volta. Uma inspiração trémula encheu o quarto. Uma expiração arquejante.

Uma criatura saiu para a luz do dia, a tremer devido ao seu próprio esforço. Qi Ren estava ali algures. Juliette via-o na postura cansada de ombros descaídos do monstro e no constante semicerrar dos olhos, como se a visão do velho tivesse sido transferida para aquela nova forma. Mas a parecença acabava aí. Pois os olhos do monstro tinham-se tornado completamente opacos, com um brilho de prata, viscosos com a mesma

textura das algas. Da cabeça aos pés, era feito de músculo fibroso, verde-azulado, com escamas ao longo do peito e círculos de ventosas ao longo dos braços.

Com um lastimoso sibilar saído dos seus lábios frouxos e cinzentos, o monstro emitiu um ruído que podia ter sido de dor. Pressionava uma mão membranosa contra o estômago e dobrou-se ao meio, arquejando. As protuberâncias triangulares cravadas ao longo da espinha foram vigorosamente sacudidas. Segundos mais tarde, desapareceram todas, retraindo-se para *dentro* do monstro e deixando buracos em forma de losangos.

Juliette sentiu Roma agarrar-lhe a mão. Deu-lhe um puxão forte, tentando arrastá-la para trás.

– Não – disse Juliette, com uma voz que mal se ouvia. – Não, só os liberta no rio. Nunca libertou insetos fora do rio.

Certo?

Paul bufou. Tinha percebido a hesitação dela.

– O que se passa é o seguinte, Juliette – Paul endireitou os punhos da camisa –, é muito irritante que o Qi Ren tenha de se transformar de novo mal os insetos saem. Por isso, mexi numas coisinhas. Fiz umas… alterações, por assim dizer.

A segunda seringa.

Um inseto caiu da espinha do monstro. Depois outro.

Saíram devagar, como o rasto de uma única gota de água, descendo subrepticiamente uma encosta de asfalto seco.

– Saiam à vontade! – ordenou Paul.

Abriu as portas deslizantes da pequena varanda, deixando entrar uma rajada de vento e uma explosão de som e, sem perder um instante sequer, o monstro investiu para a varanda, irrompendo com tanta ferocidade que arrancou um pedaço da parede de reboco e estilhaçou todas as plantas envasadas colocadas lá fora.

E quando ficou a pairar no rebordo da varanda, em posição de salto, os insetos começaram a *jorrar*.

– Não! – berrou Juliette, atirando-se para a frente.

Era tarde de mais. O monstro saltou da varanda e foi embater na rua, lá em baixo, com insetos a jorrar incessantemente, aterrando no chão e dispersando. Uma infeção daquelas seria colossal. Se o monstro corresse pela cidade fora, se corresse por entre a multidão – os *motins* –, àquela hora do dia, as mortes seriam devastadoras.

Juliette fez pontaria com a arma e disparou – uma vez e outra e outra, na esperança de matar o monstro ou, pelo *menos*, de o fazer abrandar –, mas as balas ressaltavam do lombo dele como se ela tivesse disparado contra aço. O monstro começou a mover-se, começou a deslocar-se pela rua, com uma velocidade que aumentava de forma constante.

– Não vale a pena, Juliette.

Com um grito, Juliette deu meia-volta e disparou para dentro do apartamento. A sua mira falhou; Paul desviou-se e saiu bruscamente do caminho. A bala dela raspou-lhe simplesmente o braço, mas ele estremeceu, encostando-se à parede com os dedos a pressionar a ferida.

– Como é que o fazemos parar? – exigiu saber Roma. Atravessou a largura do quarto em duas passadas, agarrou Paul pelo colarinho e deu-lhe um safanão. – *Como* é que o fazemos parar?

– Não podem – disse Paul com voz áspera, a sorrir. – Não podem fazer parar o monstro. E não me podem fazer parar a *mim*.

Num repente, agarrou também o braço de Roma, que torceu até ele o largar com uma inspiração de espanto. Paul baixou-se e, embora Juliette tenha feito novamente pontaria, numa tentativa de disparar, ele foi rápido de mais.

Três balas cravaram-se na parede numa linha direita. Paul Dexter apanhou a pasta da água, apertou-a contra o peito e fugiu pela porta do apartamento.

– Raios, raios – murmurou Roma. – Vou atrás dele.

– Não! – Juliette perscrutou novamente a vista da varanda, a respiração acelerada. – O monstro… está a ir para oriente. Acho que está a voltar para o rio Huangpu.

Se o monstro ia para o rio, tinha de atravessar primeiro toda a Concessão Francesa. Juliette mal conseguia engolir, com o nó que tinha na garganta, uma amargura que se acumulava atrás do nariz, dos olhos.

O monstro tinha de passar por todas as lojas abertas, por todas as crianças pequenas que comiam os pãezinhos de feijão-encarnado nos degraus das lojas. Tinha de se imiscuir no centro da cidade, nos aglomerados de estudantes que saíam das salas de aulas para se manifestarem, nos velhotes que davam os seus passeios regulares à tarde.

Juliette agarrou a cortina da varanda, arrancando-a do varão.

– Vai, Roma – exclamou. – Chega ao rio antes dele. Tira de lá as pessoas.

– E tu?

Juliette enrolou a cortina até fazer uma corda sólida, até ser uma faixa de tecido com grossura suficiente para sustentar o seu peso. Os motins que rasgavam a cidade estavam em movimento, dispersos por diferentes áreas independentemente de qual o país a que pertenciam os passeios em que caminhavam. Só saberiam que o monstro estava a chegar quando os insetos já estivessem bem embrenhados na sua cabeça.

– Preciso de avisar toda a gente na rota dele para que saiam da rua – disse Juliette entre dentes. Foi para a varanda, os sapatos esmagando os cacos dos vasos de plantas. Olhou por cima do ombro. – Encontramo-nos no Bund.

Roma anuiu. Parecia querer dizer mais alguma coisa, mas o tempo era fundamental, de modo que se decidiu simplesmente por um olhar que Juliette sentiu como um suave abraço. Depois, deu meia-volta e saiu a correr do apartamento.

Juliette cerrou os dentes.

– Muito bem – disse ela. – Vamos lá fazer isto.

Os seus olhos pousaram no cano que percorria a parede exterior, mesmo junto à beira da varanda. Içou-se sobre o parapeito e encostou-se à parede para se equilibrar, o olhar disparando para a rua de poucos em poucos segundos para não perder de vista o monstro, que seguia para leste. Dentro de uns meros segundos, desapareceria na rua comprida. Ela tinha de se apressar.

– Não rasgues, por favor – rezou ela, puxando uma ponta da cortina entre o cano e a parede. – Por favor, por favor, por favor… – Puxou a outra ponta e, com as duas pontas da cortina enroladas à volta do cano, prendeu o tecido como se estivesse a dar o nó numa gravata.

Juliette saltou da varanda. A queda foi rápida e atribulada; quando aterrou na rua, a cortina quase se desfizera ao meio com a fricção, mas não importava: desatou a correr, a pistola apontada para o céu.

– Entrem, entrem! – gritou ela. Disparou e o som fez sobressaltar os que não estavam suficientemente perto para a ouvir gritar. Quando correu para alcançar o monstro, já o caos fervilhava no seu rasto, deixando insetos a correr pelas bancas de ruas e pessoas a dilacerar o pescoço. Outros – os que ainda não tinham sido infetados – ficavam simplesmente especados, sem poderem acreditar na visão que passara por eles à luz do dia.

– Vão! – gritou Juliette. – Mexam-se!

Os que tinham ficado paralisados foram arrancados ao seu estupor e correram para o interior.

Juliette continuou a gritar, movendo-se sem pausas, com os pulmões a queimar, tanto de cansaço como de gritar tão alto. Persistiu sempre em frente, e no entanto por mais depressa que Juliette corresse, não conseguia alcançar o monstro pesadão.

Num estado de terror absoluto, ficou a vê-lo entrar na parte chinesa da cidade. Viu-o investir através das multidões que ali congregavam, viu-o penetrar com tanta ligeireza nos aglomerados de manifestantes que nenhum deles se apercebeu do que estava a acontecer até os primeiros infetados pelos insetos começarem a cair. Os manifestantes deixaram depois de agitar os punhos. Olharam em redor, repararam que Juliette se aproximava da periferia deles com os braços a agitarem-se freneticamente e, se ainda não fosse tarde de mais, dispersaram por fim, abrigando-se.

Aquela cidade era maior do que um mundo. Por mais alto que Juliette gritasse, as pessoas que se encontravam uma rua mais à frente continuavam

alheias ao pânico até os insetos começarem a correr, enterrando-se na cabeça delas. Por mais que ela gritasse, as multidões que içavam os seus panos vermelhos só se preocupavam em ouvir quando o monstro lhes barrava o caminho e as suas mãos disparavam para o pescoço. Caíam – um por um por um. Lutavam pelo seu direito à vida, mas a cidade nem sequer lhes prometera o direito à *sobrevivência.*

Havia *tantos*. Tantas malditas multidões nas ruas.

– Por favor! – gritou Juliette. Atravessou por breves instantes para a outra rua, quase deslizando nos carris do elétrico. – Vão para dentro! Não é o momento certo!

Os manifestantes não lhe prestaram atenção. Os gângsteres ricos haveriam sempre de lhes dizer que não era o momento certo – porque haveria de ser diferente agora? Por que razão deveriam ouvir?

Juliette não podia culpá-los por isso. No entanto, aquilo traduzia-se em morte. Traduzia-se em passeios apinhados de cadáveres, uns em cima dos outros, pintando toda a cidade de vermelho.

O monstro estava a desaparecer rapidamente na outra rua. Se os manifestantes olhassem, se dessem uns passos e olhassem, veriam o trilho de destruição, veriam os corpos a contorcer-se, os corpos frenéticos, os corpos que se apressavam passando por cima de outros corpos caídos.

Juliette cerrou os punhos, apertando a arma com força. Reprimiu as lágrimas enlouquecedoras que lhe ameaçavam os olhos e pigarreou, afastando a rouquidão à força. Depois disparou mais uma vez para o ar e correu de novo atrás do monstro.

Parecia ser uma causa perdida.

Mas, independentemente de tudo o resto, tinha de continuar a tentar.

*

Roma furtara um carro.

Com justiça, não teve de facto alternativa. E quando o herdeiro dos Flores Brancas se dirigia para uma pessoa com a pistola em punho, a exigir-lhe que saísse do carro, não importava nada a posição importante que ela tinha no Conselho Administrativo Municipal – saía do carro e pronto.

– Mais depressa – disse ele ao condutor. – Estou a falar a sério, o mais depressa que conseguir ir…

– Quer que passemos por cima das pessoas? – perguntou o condutor. – É isso que quer dizer?

Roma estendeu o braço. Premiu a buzina e não tirou a mão. Os aglomerados de manifestantes por que passavam foram obrigados a dispersar, para não serem atropelados.

– *Guie!*

Avançaram através da Concessão, tomando o caminho mais direto possível. Era difícil estimar quanto tempo estava a passar, qual a sua velocidade em comparação com a do monstro. Ele não sabia se Juliette estava a conseguir acompanhar.

Mas o caos estava a começar.

Do lado de fora do vidro do carro, se não fossem grupos de trabalhadores zangados com trapos vermelhos à volta dos braços, eram pessoas comuns a tentar obter uma refeição antes que toda a cidade fosse virada do avesso pelos comunistas. Contudo, para todo o lado que Roma olhava, as pessoas moviam-se depressa, corriam para os seus entes queridos e diziam-lhes para se despacharem, apressando as crianças até cantos e espreitando por cima

dos ombros, a sentir uma ameaça no ar. Uma ameaça que anunciava uma catástrofe iminente.

– Aqui, aqui – disse Roma depressa. – Mesmo até ao limite do Bund. Venham para a via.

O carro parou em frente a um banco estrangeiro e Roma saiu aos tropeções, perscrutando a cena diante de si à procura de sinais do monstro. Ainda não estava ali. Nem os manifestantes.

Ótimo.

Roma apontou a pistola ao céu. Disparou três vezes.

– Evacuar! – gritou ele quando os trabalhadores à beira da água ergueram os olhos, quando os pescadores puxaram as linhas, quando os homens que mordiam palitos ao leme dos navios olharam para ele. – Evacuar *já*, se querem viver. Vão para norte!

– Então, vá lá, já chega de gritaria! – Um Flor Branca debruçou-se sobre a amurada do navio. – O que podia…

Roma fez pontaria com a arma, com o estômago às voltas. Disparou e, quando a bala se cravou no ombro do membro dos Flores Brancas, ele só foi capaz de cuspir o palito, ficando de queixo caído para Roma. Roma nunca falhava o alvo.

– Foi de propósito – disse ele friamente. – Vai ao hospital. Todos os outros… *mexam-se*, senão também vos obrigo a irem para o hospital mais perto.

Eles apressaram-se. Oxalá fossem mais rápidos. Oxalá não fosse preciso a ameaça de violência para que o fizessem.

Um grito ecoou pelo Bund.

Roma andou às voltas, erguendo imediatamente a arma.

– Entrem nos prédios! – rugiu.

Todas as senhoras que passeavam pelo Bund, estrangeiras de sombrinha, olharam para ele de olhos esbugalhados e cheios de medo, mas não hesitaram. Os gritos eram um sinal de ameaça real. Os modos de Roma eram uma confirmação de que algo vinha aí. As multidões dirigiram-se para o interior, para longe da água, e Roma procurou desesperadamente a partir do lugar onde se encontrava: os olhos perscrutavam as múltiplas ruas que iam dar ao Bund, à espera da aparição do monstro.

– *Mexam-se! Mexam-se!*

Juliette. Reconheceria a voz dela em qualquer parte. E vinha da estrada distante.

Roma correu, saindo disparado para a estrada e fazendo sinal aos carros para voltarem para trás. Pouco importava que apitassem e quase passassem por cima dele. Agitou a arma e os que estavam à frente tentaram imediatamente retroceder com um forte rugido dos motores, criando um obstáculo quando os carros atrás tentaram seguir furtivamente em frente.

Satisfeito com o engarrafamento, Roma voltou a sua atenção noutro sentido. Havia apenas uma estrada entre a água e a abertura da rua que intersetava – uma estrada e um cais comprido, dependendo para que lado o monstro queria correr, dependendo se mergulharia nas águas rasas onde os barcos dos pescadores estavam atracados ou se seguiria até ao fim do cais. Roma andou para trás, detendo-se no início do cais. Ao fundo da rua, uma massa indistinta em movimento apareceu, disparada pelos carris do elétrico, dispersando pontinhos pretos por onde passava.

O monstro.

– Muito bem – murmurou ele. Levantou a arma. Fez pontaria. Embora as balas não lhe penetrassem a parte traseira, a da frente continuava macia, à maneira dos humanos. – Já chega.

Roma premiu o gatilho.

A arma deu um solavanco para trás… mas não saiu nada.

Já não tinha balas.

– Raios!

Roma atirou a arma e levou a mão ao bolso do casaco à procura da sobressalente. Um clarão de movimento ao seu lado. Antes que conseguisse retirar fosse o que fosse, Roma virou-se mesmo a tempo de ver Paul Dexter de pistola em riste.

Por puro instinto, Roma baixou-se depressa, evitando por um triz uma bala na cabeça. Pressionou as mãos no chão duro, olhando em redor, para o espaço envolvente.

– Desista – sibilou Paul. Numa mão tinha a arma e, na outra, a pasta.

Roma não lhe fez a vontade. Baixou-se para agarrar o objeto que estava mais perto – uma caixa de madeira – e atirou-o, fazendo pontaria ao rosto. Com um gemido, Paul foi obrigado a largar a pasta, e quase largou a pistola. Quando recuperou, já Roma alcançara o casaco, de onde tirou uma segunda arma.

O dedo de Roma pairava sobre o gatilho. Teria disparado contra Paul, ali mesmo, não tivesse o chão começado a tremer. Se o mundo à volta dele não tivesse de repente sido invadido por um dilúvio de pontinhos fatais que corriam para ele em massa.

– Não – murmurou Roma.

O monstro tinha chegado.

*

– Mexa-se! Mexa-se!

Juliette, muito ofegante, empurrou a mulher para baixo, salvando-a por um triz do arco de insetos que corriam junto do seu carro de comida. Um grupo de pessoas que nem a três passos de distância estava ruiu em uníssono. A mulher lamuriou-se, de olhos esbugalhados.

– Fique aqui – disse bruscamente Juliette. – Baixe-se, olhe para o chão e *mexa-se* quando vir os insetos, entendido?

A mulher anuiu, com um movimento espasmódico. Juliette ergueu-se com rapidez, procurando de novo o monstro. Estavam perto do rio Huangpu, acercando-se da derradeira destruição que assinalava o fim de uma provação sangrenta e abominável – ou, pelo menos, do que Juliette esperava que fosse o fim. O Bund estava mesmo à sua frente, na próxima interseção.

– *Não.* – O olhar de Juliette pousou em dois vultos que estavam mesmo à beira da água, agarrados um ao outro.

Os seus olhos seguiram o monstro, o trilho de insetos que seguia na direção de qualquer vítima que pudesse encontrar.

– Roma! – gritou ela. – Roma, baixa-te!

Roma deu meia-volta, de olhos esbugalhados. Agiu de imediato, afastando-se do monstro que entrava com estrépito no cais e evitando um aglomerado de insetos que caía no chão e seguia ao longo dos pés de Paul, antes de dispersar. Paul não precisava de se mexer. Estava imune.

Juliette calculou que fosse essa a razão por que não estava nada preocupado quando um chapinhar fortíssimo ecoou pelo Bund quase em silêncio.

Não devia ter pedido a Roma que chegasse ao rio em primeiro lugar. Devia ter trocado de papel com ele.

– Roma, foge! – gritou ela, correndo o mais depressa que conseguia. – Vai…

Uma erupção. Quando Juliette chegou finalmente ao cais, a água fervilhava de pontinhos pretos, elevando-se três metros no ar antes de descer sobre o porto. Os insetos espalharam-se em todas as direções, descobrindo todos os recantos onde se enterrar, cada superfície a que se agarrar. Não havia tempo para se protegerem. Choveram sobre eles – sobre Paul, Juliette e Roma.

Juliette nunca na vida sentira tanto nojo. Centenas de patas corriam em cima de si, enterrando-se nas linhas da sua roupa e dando dentadas nos poros enquanto testavam onde podiam fixar-se. Nunca sentira uma comichão assim; nunca experimentara tal repugnância que lhe provocava vontade de vomitar.

Mas os insetos, mesmo ao pousarem sobre ela, deslizavam para fora do seu corpo numa questão de segundos.

Os insetos choviam vindos da água, depois deslizavam pelos braços que Juliette e Paul tinham erguido, pois a vacina corria, azul, nas suas veias, impedindo o ataque.

O resto da erupção atingiu o solo. O ar desanuviou-se. Os insetos correram para o passeio.

Arquejando, Juliette baixou os braços.

– *Roma* – gritou.

Capítulo 36

Roma levou as mãos ao pescoço.

Capítulo 37

A loucura não teria chegado tão depressa a vítimas comuns, que recebiam apenas um inseto para encetar a infeção. Com o tempo, um tornava-se dez e dez, cem, até se terem multiplicado o bastante no interior da vítima para tomarem o controlo. Mas Roma… Roma estava a recebê-los todos de uma vez e, de uma só vez, dominaram-lhe os nervos, levando-o a esgaravatar à procura de sangue.

Juliette sacudiu furiosamente os poucos insetos teimosos dos braços e firmou o seu punho na pistola. Só havia uma maneira de o salvar, de pôr um ponto final naquilo. Correu até ao fim do cais e procurou o monstro, sem pensar em mais nada a não ser em *encontrar* aquela maldita coisa e…

Devia ter prestado mais atenção ao perigo atrás de si.

Bateu com a cabeça nas tábuas de madeira do cais.

– Não a posso mesmo deixar fazer isso, Juliette – grunhiu Paul. – Porque é que nós não…?

Antes que Juliette se conseguisse situar, antes que conseguisse sequer levantar-se e fazer de novo mira, Paul deu-lhe um forte pontapé no estômago. Juliette caiu do cais principal, todo o seu corpo batendo na plataforma mais pequena em baixo, que flutuava na água. Sentiu um chocalhar nos pulmões. Com muito esforço, tentou erguer a arma, tentou não ser dominada pelas tonturas que sentia, mas depois Paul saltou e aterrou com os pés ao lado dela e deu-lhe um pontapé na arma, arrancando-lha das mãos, sem grandes dificuldades.

– Desculpe, Juliette.

Agarrou um punhado de cabelo de Juliette e enfiou-lhe a cabeça dentro de água.

Juliette quase arquejou, só que abrir a boca traduzir-se-ia em engolir a água suja do rio, de modo que ficou de lábios bem comprimidos. Debateu-se para se libertar do aperto de Paul e obrigou-se a manter os olhos abertos mesmo quando a água remoinhou com o negrume horrendo dos insetos que nadavam. O aperto de Paul era muito mais forte do que a sua constituição franzina deixaria transparecer. Os dedos na cabeça dela eram uma garra de aço.

– Isto é pelo melhor. – Juliette mal o conseguia ouvir, embora ele estivesse ajoelhado ao lado dela. Tinha as orelhas bloqueadas com água, com insetos impiedosos. – Não lhe quero fazer mal, mas não me dá alternativa. Eu tentei *salvá-la,* Juliette. Tentei mesmo.

Juliette esperneou e pontapeou, cada vez com mais força, e em vão. Devia ter disparado contra Paul quando teve oportunidade. Ele estava não só a tentar matá-la agora, como tentava matá-la *devagar*, para que ela morresse sabendo que Roma estivera numa posição em que podia ter sido salvo. Para que morresse sabendo que tinha falhado. Roma era forte, mas não podia ficar para sempre no controlo.

Talvez ele tivesse sucumbido, enterrando os dedos no pescoço. Talvez já estivesse morto.

Os esforços dela eram inúteis. O frasquinho azul de Paul salvara-a de uma morte de loucura. Agora, ele tinha decidido que ela devia ser descartada na mesma, numa sepultura de água.

O frasco azul, lembrou-se de repente Juliette. Paul tinha outro no bolso do casaco. Se lá tinha um frasco azul, haveria alguma hipótese de ter também outra seringa?

Juliette estendeu a mão, tateando às cegas à procura do rebordo do casaco de Paul. Era quase risível, a facilidade com que o encontrou – a facilidade com que a mão se enterrou na abertura larga do bolso.

Frenética, com o derradeiro arquejo de ar nos pulmões, Juliette sacou da seringa e espetou a agulha no pulso de Paul.

Com um rugido, Paul afrouxou o seu aperto, as mãos fletindo-se de dor. Juliette pôs-se rapidamente numa posição sentada, ofegante, mal fazendo uma pausa para se recompor, mal fazendo uma pausa para olhar para o cais e gritar ao ver Roma debater-se com as próprias mãos, que se lhe enterravam cada vez mais na garganta. Pôs-se atabalhoadamente de joelhos, investiu contra Paul antes que ele pudesse manter o punho cerrado sobre a arma e puxou-o pela cintura, empurrando os dois para dentro de água.

O rio atingiu-a com um choque, mas agora era Juliette quem tinha o controlo. Era ela que tinha o ascendente sobre Paul enquanto se afundavam mais, com um braço ainda à volta da cintura dele e o outro a agarrar-lhe com firmeza o pulso e, à medida que a espuma em torno deles se desfazia, que os olhos de Paul se abriam bruscamente para encontrar Juliette assomando à sua frente como uma semideusa vingadora, ela arrancou-lhe a arma da mão.

Não, disse ele só com os lábios. Havia uma expressão de horror absoluto no seu rosto. *Juliette.*

Ela deu-lhe um pontapé no peito; ele caiu para trás. Juliette agarrou a arma com as duas mãos, apontou à testa dele e, a uns meros centímetros de distância, premiu o gatilho.

A água abafou a maior parte do som. A água não abafou o sangue.

Paul Dexter encontrou a morte com três olhos abertos – o terceiro, uma ferida chorosa de bala. A água fez-se vermelha e Juliette emergiu, a tossir, à superfície, o olhar esgazeado enquanto procurava a sua próxima missão.

Encontrou imediatamente o monstro, pois ele já regressara ao cais principal.

Contudo, já não era bem um monstro. Estava a transformar-se de novo, mas o processo ainda incompleto. O rosto voltara, mas a parte inferior do corpo continuava estranha, mudada e verde e, quando o velho se ajoelhou ali, era como se já tivesse desistido.

Juliette levantou-se na plataforma mais pequena. Depois, de pistola na mão, voltou atabalhoadamente ao cais.

– Qi Ren – chamou.

O relutante monstro de Xangai virou-se para a olhar. O velho também tinha uma expressão de terror a macular-lhe as feições cansadas, mas de um tipo diferente da que paralisara Paul nos seus derradeiros momentos. Esta era uma expressão de horror perante si mesmo – por tudo o que fora levado a fazer e por tudo de que se queria livrar. Fez um aceno com a cabeça para ela. Juliette ergueu a pistola. Tinha as mãos a tremer.

– Desculpe – disse ela.

Uma vez mais, premiu o gatilho.

A bala atingiu-lhe o coração. O som produzido foi forte, como um estampido no fim do mundo.

Mas o suspiro de Qi Ren foi suave. Levou a mão cautelosamente ao peito, como se a bala não passasse de um cumprimento sentido. Um riacho vermelho escorreu-lhe pelos dedos e caiu no cais, tingindo o espaço à sua volta de uma cor intensa.

Juliette aproximou-se uns centímetros. Qi Ren imobilizara-se, mas não tombara. Alguma coisa se passava dentro dele. Alguma coisa *se movia*.

Surgiu um inchaço no pulso esquerdo dele. Juliette viu-o migrar das veias no antebraço do velho para o espaço rígido entre o pescoço e o ombro. De repente, a maçã de Adão tinha o tamanho de uma maçã a sério, empurrando a pele fina, cheia de capilares.

A garganta de Qi Ren rasgou-se ao meio. Sem mais nem menos, como se uma faca a tivesse cortado, as abas de pele abriram-se e detonaram uma confusão de sangue vermelho-negro. Qi Ren caiu imediatamente. Um inseto do tamanho do punho de Juliette saiu-lhe do pescoço, voou para fora, soltando-se das veias e dos tendões de que se alimentara.

Com um guincho, Juliette disparou a pistola – uma vez, duas, três. A sua mente estava em pânico, em sobrecarga, os seus reflexos mais básicos violentamente abalados. Duas das suas balas perderam-se; uma delas roçou o inseto, fazendo-o mergulhar de cabeça no cais. Por um instante, o seu corpo plano e circular correu pela superfície de tábuas de madeira à procura de alguma coisa – qualquer coisa – a que se agarrar, com dezenas de patinhas minúsculas, que lembravam pelos microscópicos a moverem-se para se juntarem a um corpo. Depois, o inseto imobilizou-se e, quando por fim deixou de se contorcer, o mesmo aconteceu aos demais insetos na água.

Ela sentiu a mudança. Era como se uma mortalha de morte se tivesse erguido da cidade.

– Acabou – murmurou Juliette. – Acabou mesmo.

Virou-se devagar. Procurou vida no outro extremo do cais.

– Roma?

Teve medo de que ele não respondesse, de deparar apenas com silêncio. Teve medo de não o encontrar, de todo, de que tivesse sido há muito levado pelas águas que corriam, vermelhas, pela cidade.

Mas depois os olhos dela pousaram no lugar onde ele se encontrava enroscado como uma bola, encostado a um carro estacionado no meio da estrada muito larga. Devagar, ele baixou as mãos do pescoço com o sangue a escorrer.

Ela correu para ele, deitando fora a pistola. Mal conseguia respirar, mesmo quando as suas mãos pousaram nos ombros dele, agarrando-o com força para se certificar de que ele era real, que o que tinha diante de si era a verdade, não uma alucinação de uma mente exausta.

– Eu estou bem – assegurou Roma, de voz vacilante.

Ele quase chegara lá. Tinha dez buracos no pescoço, fundos o suficiente para exporem o interior vermelho.

Mas estava vivo.

Juliette puxou-o ferozmente para si, num forte abraço.

– O monstro está morto – murmurou.

Então, porque se sentia tão vazia? Porque lhe parecia que os papéis que desempenhavam ainda não estavam terminados?

– O Paul fez-te mal? – perguntou Roma.

Afastou-se e percorreu-a com o olhar à procura de ferimentos, como se as suas próprias mãos não estivessem ainda a escorrer sangue.

Juliette abanou a cabeça e Roma suspirou de alívio. Olhou para a água, onde o corpo de Paul flutuava nas ondas cinzento-esverdeadas.

– Ele achava que te amava.

– Não era amor – murmurou Juliette.

Roma depositou um beijo na têmpora dela, fechando os olhos perante a humidade que impregnava o cabelo dela.

– Vamos – disse ele. – Vamos acordar a Alisa.

Capítulo 38

Um a um, os insetos abandonaram Alisa Montagova.

Contorciam-se e guinchavam arreganhando os dentes microscópicos uns aos outros, à medida que a mãe hospedeira sangrava. Quando o coração que os alimentava parou de bater, também eles foram obrigados a sofrer os espasmos da morte, desprendendo-se dos tecidos a que tinham estado presos, soltando os maxilares do nervo escolhido. Nos seus últimos momentos, começaram a emergir. Ao passo que o seu único objetivo anterior fora enterrar-se profundamente, os insetos tentavam agora desesperadamente sair, debatendo-se num emaranhado de cabelo louro escorrido, antes de morrerem e caírem no tecido branco da roupa da cama de hospital.

Alisa acordou com um arquejo. Endireitou-se bruscamente e o seu peito subiu, à procura de ar fresco – tossindo continuamente até o tubo que a alimentava lhe sair da garganta. Erguera-se o suficiente para espalhar a dúzia de corpos artrópodes deixados na fronha da almofada, que já murchavam, mortos. Não se atreveu a mexer-se mais do que isso. Inalou bruscamente e, desta vez, prendeu o ar nos pulmões, os olhos quase cruzados na sua tentativa de olhar para o cano da arma que tinha apontada à testa.

– Tudo bem, Alisa – resfolegou alguém a um canto do quarto.

Alisa desviou os olhos para a voz. Isso contribuiu mais para aumentar o seu pânico do que para o aliviar. Viu Benedikt, o primo, de mãos ao alto, com duas armas apontadas a ele, e Marshall Seo numa situação idêntica à porta.

– Bem-vinda de regresso ao mundo, Alisa Montagova – disse Tyler Cai. Pressionou a boca da arma na pele dela. – Lamento que tenha de ser assim.

*

As ruas da cidade continuavam a ser uma parada tumultuosa de comoção, enquanto Roma e Juliette abriam caminho. Para todo o lado que Juliette olhava, via os cadáveres dos que tinham estado no caminho de destruição do monstro. Viu o caos político – manifestantes, ainda determinados a fazerem-se ouvir, mesmo com os colegas de trabalho jazendo mortos nas sarjetas. Na sua pressa, ela perdera a conta a quantas vezes quase colidira com um manifestante, a quantas vezes quase foi atingida pelas tochas flamejantes ou pelos cartazes mordazes soprados pelo vento.

Mas quando Roma e Juliette correram para os limites de Nanshi, havia silêncio.

– Virámos no sítio errado? – murmurou Juliette.

– Não – disse Roma. – Está certo.

As fábricas altas estavam calmas de uma maneira silenciosa e suave. As estradas estavam desertas de condutores de riquexó, de vendedores e até dos mais leves sons de crianças a correr desvairadas.

Aquilo já era de esperar – mas, sem o ramerrame normal, eles esperavam um pandemónio, não *silêncio.*

– Os motins ainda não começaram aqui?

– Julgo que, se não começaram, isso seja uma vantagem para nós – disse Juliette, hesitando. – Onde fica o hospital?

Roma apontou. Correram. Cada passo pesado dos saltos de Juliette disparava choques para as suas pernas, até ela se apressar pelos degraus do

hospital acima, com a barriga das pernas a latejar e os dentes a bater. A ansiedade que lhe perpassava os membros não tinha outro lugar para onde ir.

– Sim? – chamou Roma, abrindo as portas duplas. Não havia ninguém na área da receção. Nem enfermeiros, nem médicos.

– Escuta, Roma – murmurou Juliette.

Imobilizaram-se sob a pintura estalada de um arco que dava para um corredor estreito. O ranger de um sapato. Um murmúrio baixo.

Um grito zangado.

– *Sai* de cima de mim…

– É o Marshall – arquejou Roma. Desatou a correr. – Marshall!

– Espera, Roma – disse Juliette bruscamente. – Roma!

Foi a correr atrás dele, de mãos na pistola e dedo curvo à volta do gatilho. Mas, quando chegou, de arma estendida e apontada, era tarde de mais para ter a vantagem. Roma já entrara no quarto, a derrapar, direito a uma emboscada, e foi obrigado a pôr as mãos ao alto quando três Escarlates lhe apontaram as armas.

– Olhem só para isto. – Tyler fez um estalido com a língua. Alisa choramingou. – De repente, chegam aqui todos os peixes graúdos.

– Tyler – sibilou Juliette.

Tyler abanou a cabeça antes que ela pudesse dizer mais alguma coisa. Cada movimento seu era um momento lento de fúria cuidadosamente contida – exceto o braço, firme como sempre enquanto mantinha a sua arma apontada a Alisa.

– Diz-me, tángjiě. Quem é o teu alvo, neste momento?

Juliette não sabia. Erguera a arma por erguer, para ter alguma coisa para fazer caso os acontecimentos pecassem por excesso, mas calculava que isso já acontecera há muito tempo. Devagar, Juliette baixou a arma, com as mãos a tremer.

Os Escarlates que estavam no quarto ergueram os olhos para ela, desdenhosos. Ela compreendeu. Tyler tinha descoberto a verdade da sua aliança com os Flores Brancas e viera acionar a sua vingança. Virara os Escarlates contra ela, pintara um quadro da sua traição. Os olhos deles movimentavam-se entre ela e Roma e, nesse momento, com uma espantosa clareza, Juliette deu-se conta do seu erro. A culpa era dela, por ter acreditado. Por ter esperança.

Um amor como o deles nunca sobreviveria numa cidade dividida pelo ódio.

Aquilo seria a morte de todos eles.

A menos que Juliette os pudesse salvar.

Respira. Ela não era apenas a herdeira vinda do Ocidente, uma caricatura no ponto para os rumores deles, no ponto para ser pintada como alguém que muda facilmente de opinião, que pode ser facilmente manipulada, que tem o coração aberto para que se possa mexer nele à vontade.

Sorri. Ela era um monstro por direito próprio.

– O que é que julgas que estás a fazer? – perguntou Juliette. A voz dela saiu constante, a roçar a monotonia.

– Estou a redimir a tua falta de juízo. Tu traíste-nos, Juliette. Fizeste-nos recuar quilómetros neste conflito. – Tyler abanou a cabeça. – Vou remediar isso. Não te preocupes.

O dedo dele premiu mais o gatilho.

– *Para* – disse bruscamente Juliette. – És um idiota chapado. Achas que te traí? Achas que nos estás a fazer um favor ao matar todos os Montagov? É uma *armadilha*, Tyler. A única coisa que vais conseguir com a morte deles é uma desforra contra a nossa família.

Tyler ruiu-se asperamente.

– Não tentes sair desta com disparates…

– Eu digo a *verdade*.…

– Mas sempre foste uma mentirosa.

Um súbito tiro atravessou então o quarto, arrancando um grito de espanto da garganta de Juliette. Só que não saiu da arma de Tyler. Saiu da pistola que Marshall conseguiu tirar ao Escarlate mais perto de si, e que virou contra o seu dono. O Escarlate caiu ao chão. Marshall lançou-se para a frente – na esperança de salvar Alisa, na esperança de que um tiro frenético lhe tirasse Tyler do caminho.

Depois, Tyler sacou da pistola e disparou primeiro. Marshall afundou-se no chão. Levou as mãos às costelas, onde florescia uma mancha vermelha.

– Mars! – rugiu Benedikt.

– Não te atrevas – sibilou imediatamente um Escarlate. Pressionou a arma com força na têmpora de Benedikt que não se mexeu, incapaz de avançar um único passo para Marshall, não fosse ser também baleado. Os Escarlates haveriam de arranjar um motivo qualquer para disparar. Juliette sabia que sim.

– Vocês são todos doidos – conseguiu dizer Marshall do chão. Estremeceu. O sangue começara a correr por entre os seus dedos, pingando

continuamente para o chão, sujando tudo. – Estão todos amaldiçoados. Tanto os Montagov como os Cai. Há uma praga nas duas malditas casas.

Tyler ergueu de novo a arma.

– Para – exigiu Juliette. – Para.

Outro tiro. Desta vez, de Roma. Desviara-se de um dos homens e, conseguira disparar uma vez até o controlarem de novo. A sua bala apenas raspou o ombro de Tyler, fazendo-o recuar um passo, a sibilar de dor.

– PARA!

O quarto imobilizou-se. Armas sobre armas sobre armas. Era assim que seria sempre.

– Estão a ouvir aquilo? – sibilou Juliette. Esticou um dedo junto do ouvido, exigindo que os homens que estavam no quarto *ouvissem*. Um só rugido. Um único som de passos enraivecidos e de cânticos, vindos de longe e aproximando-se sempre.

– Quando aqui chegarem – disse Juliette a ferver de raiva – vão matar-nos a todos. Flores Brancas ou Gangue Escarlate, não importa. Têm armas e catanas e o que temos nós? *Dinheiro?*

Virou-se de lado. O gângster Escarlate contra quem Marshall disparara estava morto no chão. Tinha a bala no pescoço. Os seus olhos estavam vidrados, fitando o teto. Nem sequer sabia o nome dele.

Também o tronco de Marshall pingava vermelho. Tyler não deixaria os Flores Brancas saírem a tempo para salvar Marshall. Tyler não era muito bondoso. Precisava de registar pelo menos um sacrifício, para ser aplacado. Um sacrifício tinha de ser feito para que os Flores Brancas escapassem. Para que Alisa vivesse.

De garganta apertada, Juliette enfiou a mão no bolso. Oxalá tivesse qualquer coisa na manga que desbloqueasse a situação, mas não tinha nada. Havia apenas a vendeta.

– Temos de sair, antes que seja tarde de mais.

– Não tens honra? – sibilou Tyler.

– Honra? – disse Juliette com azedume. A sua voz soava terrível no silêncio ressoante do quarto de hospital. – O que interessa a honra, se vamos estar *mortos* se aqui ficarmos mais tempo?

– Não vou ser o primeiro a sair deste quarto, Juliette – disse Tyler friamente. – Não quero levar um tiro pelas costas…

– Então saem eles primeiro – propôs Juliette, endireitando os ombros. – Lex talionis, Tyler. Olho por olho. É assim que funciona a vendeta. – Apontou um dedo a Marshall. Obrigou-se a não o deixar tremer. – Põe de parte o teu plano de vingança delirante. Só o matamos a *ele*, pelos Escarlates perdidos. Os outros partem em liberdade.

– Não – disseram bruscamente Roma e Benedikt em uníssono.

Juliette tinha o estômago gelado quando olhou Roma nos olhos.

– Não estás propriamente em posição de negociar neste momento.

– Não vai funcionar, Juliette – disse Roma com firmeza. – Se o Tyler quer uma luta justa, então vamos ter uma luta justa. Não mintas para que possamos sair daqui.

Será que ele não percebia que ela o estava a salvar? Não percebia que lá fora estava em curso uma sublevação armada, com multidões que procuravam matar todos quantos reconhecessem como fazendo parte da elite? Não se dava conta de que cortar os laços entre eles era a única

maneira de poderem todos sair dali vivos, de que se Tyler tivesse a mínima suspeita de que Juliette era amante de Roma Montagov, este já estava meio enterrado?

Ele não se dá conta, murmurou uma vozinha. *Ele fica por ti. Não te vai deixar ficar para trás. Uma segunda vez. Preferia morrer.*

Juliette calculava que era a sua vez de partir. O amante e o mentiroso, o mentiroso e o amante. Trocavam de papel entre eles como se fosse um jogo.

– Eu digo a verdade – repetiu Juliette. Cada palavra era uma lâmina que cortava através da língua dela, que cortava duas vezes mais fundo do que o mal que ela punha nas suas palavras. – Acorda. Todo este jogo entre nós foi uma extração de informações.

– Juliette, não digas essas…

– Mybergh Road – interrompeu Juliette.

Roma parou. Simplesmente… parou. Reconheceu a morada. Era a casa segura da sua mãe. A que ninguém conhecia.

A vendeta é a vendeta. Não lhe dês muita importância. Não fiques presa a ela. A culpa não é tua.

Ah, mas era. *Era.*

Lady Montagova morrera duas semanas depois de Juliette ter deixado Xangai. Duas semanas depois do ataque à casa Escarlate que lhes matou todos os criados.

Porque, depois do ataque, Juliette perdera a paciência com os dois Escarlates que a escoltavam até ao barco que ia para Nova Iorque. Os pais dela estavam demasiado ocupados para a acompanhar. Os Escarlates consideravam-se acima da tarefa; um mandara-a calar bruscamente, dizendo

que ela não passava de uma criança que não sabia nada da cidade, que não fazia falta ali.

Porque, nesse dia, Juliette batera o pé numa birra de raiva infantil e, para dar provas de si própria, contara aos dois Escarlates tudo o que sabia sobre os Flores Brancas, de um só fôlego, incluindo a localização da casa segura de Lady Montagova. Conseguira o endereço por acaso, certa tarde ociosa em que fora ao território dos Flores Brancas surpreender Roma e ouviu-o falar com o pai.

Os Escarlates não lhe perguntaram como é que ela tinha aquela informação. Descartaram-na. Ela julgou que não a tinham levado a sério. Sentiu-se indisposta mal embarcou, mas disse a si mesma que Roma a traíra *primeiro.* Que o Gangue Escarlate podia fazer o que quisesse com a informação que lhes dera e que seria bem feito.

Nunca podia ter imaginado que eles fossem atrás da mãe dele.

– Eu sabia – disse Juliette. – Sempre soube. A morte da tua mãe é obra minha.

Na sua cama, Alisa tinha começado a tremer. Olhava Juliette de olhos esbugalhados.

– Não. – Roma mal conseguiu proferir a palavra. – Não foi.

Lá fora, os sons dos protestos dos trabalhadores ressoavam numa proximidade brutal. O metal atingiu o outro lado das paredes do hospital num estado de frenesim e histeria.

Roma estava a ter dificuldades em respirar. De repente, não conseguia ver com clareza, só via borrões de cores, vagos fragmentos de formas, o mais leve brilho de uma pessoa que abriu a boca e disparou:

– Fui criada no ódio, Roma. Nunca poderia ser tua amante, apenas a tua assassina.

Juliette Cai avançou, diretamente de frente para Marshall. Ajoelhou-se e de forma impiedosa, tirou-lhe a mão da ferida, inspecionando-o como se não passasse de um bocado de lixo atirado para os pés dela.

– Olho por olho – disse Juliette.

Atingiu Marshall com força no rosto. Ele foi atirado, deslizando pelo chão, o corpo embatendo no chão duro e frio, os dois braços enrolados à volta da cabeça, uma mão à frente do rosto, como se quisesse proteger-se. Sangue. Tanto sangue debaixo dele.

Juliette pôs as duas mãos à volta da arma. Rodou a pistola, segurando-a bem. E depois:

– Vida por vida.

Pum.

– Não! – rugiu Benedikt.

A cabeça de Marshall caiu para trás. Ele ficou imóvel.

Imóvel.

Roma não conseguia respirar.

– Marshall, levanta-te – gritou Benedikt. – Levanta-te!

Juliette fez um movimento ondulante e superficial para os Escarlates que tinham Benedikt cativo.

– Libertem-no – disse ela. – Ele que veja com os seus olhos.

E os Escarlates ouviram. Afrouxaram as armas apenas o suficiente para que Benedikt se pudesse mexer, mas não a ponto de não o poderem matar se

ele atacasse de repente. Juliette erguera-se de novo até ficar de pé. Estava de volta acima de Tyler e ali ficaria, enquanto fosse terrível.

Benedikt caminhou até Marshall. Com um ar absoluta e completamente esvaziado de tudo, tudo – pousou a mão no pescoço de Marshall e ali a deixou, à espera.

Um barulho horrível foi emitido pelo primo. Roma haveria de ouvir esse som na sua cabeça para sempre.

– Acorda – exigiu rudemente Benedikt. Sacudiu os ombros de Marshall, mas ele não reagia. Era apenas um cadáver, frouxo como uma marionete. – Acorda!

Não acordava.

Juliette não reagiu à cena diante dos seus olhos. Olhava para o cadáver e para o enlutado como se não significassem nada para ela – e Roma calculava que não significavam mesmo.

– Vão – disse-lhe Juliette. Apontou a arma a Alisa. – Vão, antes que os matemos a todos.

Roma não tinha alternativa. Cambaleou até junto de Alisa e estendeu-lhe a mão, para ela a agarrar.

E os Flores Brancas retiraram-se.

*

Juliette ficou a vê-los sair. Essa imagem ficou marcada na sua cabeça, no alívio que lhe percorreu as veias e sabia a algo doce na sua língua. Era aquilo que a monstruosidade alcançava. Talvez Paul Dexter tivesse razão, afinal. Talvez houvesse alguma coisa no terror e nas mentiras.

Uma cacofonia de vozes irrompeu no hospital. Fez eco nos corredores compridos, gritando aos trabalhadores que dispersassem e saqueassem aquele lugar, produzindo o máximo de destruição possível.

– Eu trato dele – disse Juliette, acenando com a cabeça para o cadáver junto do qual estava ajoelhada. – Vai, Tyler. Leva os teus homens. Há uma porta dos fundos.

Durante um longo momento, parecia que Tyler não iria aceder. Depois, quando o estrépito do metal sobre metal ressoou pelo hospital, anuiu e fez sinal aos homens para que o seguissem.

Só Juliette ficou, pousando a mão num corpo que arrefecia.

Só Juliette ficou, vivendo com o peso dos seus pecados.

Epílogo

– A greve dos trabalhadores foi um fracasso – disse a criada –, mas já era de esperar.

Juliette cerrou os dentes, colocando a comida que reunira na cozinha dentro do cesto que fora buscar. O céu escurecera e ela há muito lavara as mãos sujas com o sangue dos acontecimentos desse dia. Quando regressou a casa, a sua família nem sequer sabia onde ela tinha ido – nem sabia que ela não fora apanhada nos motins que dizimaram Nanshi por uma unha negra.

Os motins não duraram muito depois de Juliette ter saído de lá. Mal as forças policiais chegaram, ajudadas pelos gângsteres em massa, não foi nada uma luta justa. Os trabalhadores voltariam aos seus trabalhos fabris na manhã seguinte. Os que tinham assassinado os seus patrões teriam uma pena de prisão.

E pronto.

Juliette tinha a sensação de que os comunistas não seriam detidos assim tão facilmente. Aquilo era apenas o começo das suas revoltas.

– Seja como for – disse a criada cautelosamente. – Os seus pais perguntam se vai estar presente no jantar. Também procuram Miss Kathleen e Miss Rosalind.

Juliette abanou a cabeça.

– Tenho coisas a fazer. Volto dentro de uma hora. Diz aos meus pais, está bem?

A criada anuiu.

– E as suas primas?

– A Kathleen foi fazer uma tarefa. Ela também está dispensada.

Talvez Juliette o tenha dito num tom de voz que revelava confusão, ou talvez as próprias palavras bastassem para incitar curiosidade. A criada inclinou a cabeça, reparou no nome singular e perguntou:

– Então e Miss Rosalind?

Juliette abanou a cabeça com um encolher de ombros.

– A Kathleen disse que não queria que a Rosalind fosse com ela, por isso a Rosalind continua no seu quarto. Talvez queiras ir perguntar-lhe.

– Muito bem. – A criada acenou com a cabeça e apressou-se a realizar a sua tarefa.

Com um suspiro, Juliette fechou bem o cesto e também se foi embora.

*

Kathleen franziu o nariz, avaliando o estado do Bund. Tinha sido avisada sobre o cadáver, sobre os insetos que flutuavam na água e os buracos de balas nos lugares mais bizarros, mas vê-lo com os seus próprios olhos era outra história. Que *barafunda.*

Kathleen rodou devagar, fazendo uma careta quando calcou os insetos que jaziam mortos no passeio.

– Ela disse que devia estar onde está o morto – disse Kathleen, acenando com o braço para orientar o grupo de homens Escarlates que Juliette nomeara para a ajudarem. – Procurem.

A tarefa deles? Juliette queria um inseto do tamanho de um punho, que disse estar no cais ao longo do rio Huangpu. Para a ciência, afirmara Juliette. Kathleen perguntou-se se, na verdade, a prima não quereria ter algo

de concreto à sua frente, algo que confirmasse que aquela loucura terminara e que Juliette fizera o que tinha de fazer e valera a pena.

– Será que devemos hã… tirar primeiro o corpo?

Kathleen fez uma careta. Espreitou para o cais, para Qi Ren, para o seu vulto caído, agora completamente humano e bem morto.

– Deixa-o estar por agora – disse Kathleen baixinho. – Comecem a procurar.

Os homens anuíram. Kathleen ajudou, andando em bicos de pés pelo cais, a chutar alguns dos insetos mais pequenos para dentro de água. Os insetos ficaram a flutuar. Todos os seus pequenos corpos mortos e carapaças amontoavam-se no rio, levados em grupos e parecendo óleo em cima de sopa fria.

– Miss Kathleen – chamou um dos homens. – Tem a certeza de que é este cais?

Um inseto gigantesco não seria difícil de identificar. Mas não estava em parte nenhuma.

– Ela disse que estava junto do corpo – respondeu Kathleen. – Não vejo mais nenhum corpo em nenhum cais.

– Talvez Miss Juliette estivesse enganada? – tentou outro Escarlate.

– Como poderia enganar-se na recuperação de um inseto gigantesco? – murmurou Kathleen, perplexa. Ainda assim, de nada servia procurarem mais se não estava ali. Talvez tivesse sido pisado com tanta força que agora não passava de pontinhos de pó, invisíveis aos seus olhos perscrutadores.

Kathleen suspirou.

– Deixem lá – disse ela. Apontou para o cadáver. – Tiram-no daqui?

Os homens apressaram-se a cumprir. Deixada a sós, Kathleen fez um último inventário da cena, mirando as manchas de sangue onde começava o cais. Quase lhe passou despercebido, mas, debaixo de uma caixa de madeira virada ao contrário, avistou uma pasta em cima de mais um pequeno amontoado de insetos mortos.

– Vamos lá dar-te uma olhadela – murmurou Kathleen, e puxou a pasta. Sem pensar, abriu-a com um estalido, mas fê-lo no sentido errado, fazendo a tampa cair no sentido oposto e espalhando todo o seu conteúdo. Os objetos bateram no chão com um baque, arrancando um grito de preocupação aos Escarlates ali perto.

– Não se preocupem! – disse Kathleen rapidamente. Pôs-se de cócoras e apressou-se a limpar a confusão. – Sou desastrada.

Remexeu nos papéis, agarrando-os antes que pudessem ser levados pelo vento. Mas antes que pudesse voltar a enfiá-los na pasta, o seu olhar ficou preso na carta que estava em cima, assinalada como CÓPIA, indicando que o papel era um recibo de alguma coisa que Paul enviara. No canto superior, o endereço do destinatário era a Concessão Francesa.

Kathleen examinou a curta mensagem.

E, de repente, num estado de perfeito e abjeto horror, deixou cair de novo tudo o que tinha nos braços.

*

De cesto a balouçar no braço, Juliette bateu à porta da casa segura dos Escarlates, olhando por cima do ombro. Tinha a certeza de não ter sido seguida – verificara a cada três passos a caminho dali –, mas, mesmo assim, virou-se, para despistar qualquer hipótese.

Ouviram-se passos arrastados no interior do apartamento. O som era forte, o movimento dirigia-se imediatamente na direção de Juliette devido ao tamanho minúsculo do apartamento e ao teto baixo e atarracado.

– Despacha-te – disse Juliette, batendo de novo à porta. – Não tenho o dia todo.

A porta abriu-se. Marshall Seo ergueu uma sobrancelha.

– Não?

– Sou uma pessoa ocupada – disse Juliette com firmeza. Fez um gesto para que ele recuasse para poder entrar e fechar a porta atrás de si.

Era uma casa segura raramente usada, tão raramente – dada a sua localização nas partes mais pobres da cidade – que não tinha água corrente, nem outras comodidades além da cama. Tinha, contudo, um ferrolho na porta e uma conveniente janela para saltar, caso surgisse ocasião para isso. Proporcionava um lugar onde ninguém iria espreitar.

– Trouxeste-me água? – perguntou Marshall. – Tenho estado cheio de sede, Juliette…

Juliette tirou o recipiente de água e atirou-o para a mesa, produzindo um chocalhar desagradável, desafiando Marshall a dizer mais alguma coisa. Ele sorriu.

– Também trouxe comida – disse Juliette. – Porque não quero que morras de fome.

Marshall espreitou para o cesto, inspecionando os saquinhos.

– Só laranjas? Prefiro maçãs.

Juliette suspirou.

– Para morto – disse ela entre dentes –, és bastante irritante.

– Por falar nisso… – divagou Marshall, deixando-se cair numa cadeira de madeira junto da parede. Cruzou os braços no peito, estremecendo de forma impercetível quando ela lhe tocou na ferida fresca. – Quando posso ressuscitar?

Tinha sido um jogo da parte de Juliette. Uma questão de oportunidade, uma questão de confiança – em Marshall, que ele soubesse o que ela estava a tentar que ele fizesse, e em Lourens, em acreditar que o sérum que ela roubara funcionaria mesmo como ele disse. Tinha sido uma questão de enquadrar a destreza da sua mão quando sacou do frasco do bolso, quando puxou a mão de Marshall para longe do ferimento da bala e lho entregou sem a tampa. Uma questão de lhe bater, para que pudesse cair com os braços sobre a cara, sem que fosse visto a bebê-lo. Uma questão de tirar as balas da pistola, de modo a disparar apenas com o som, impedindo o cano de empurrar uma segunda bala para Marshall.

E depois foi uma questão de pura sorte. De Juliette ir a correr para o gabinete principal e encontrar lá uma médica que não tinha sido evacuada, que estava a arrumar o arquivo sem se preocupar com os trabalhadores que invadiam os corredores. De Juliette convencer a médica a operar Marshall, apesar de ele não ter pulsação, levantando o seu corpo para a sala de operações mesmo antes de os manifestantes os verem no corredor adjacente e de acorrentar aquelas portas até os trabalhadores se cansarem e abandonarem a ala do hospital. A bala que Tyler disparara saiu depressa – estava cravada superficialmente junto às costelas de Marshall – e a médica coseu-o. Juliette prometera dinheiro para a manter de boca fechada, mas a médica franzira o nariz, pois nem sequer sabia quem era Juliette.

– Dá-me tempo – disse Juliette baixinho. – Fica deitado até eu pensar o que vou fazer ao Tyler. Até ele acreditar completamente que eu estava só a

enganar o Roma.

Marshall semicerrou então os olhos.

– Até que ponto *foi* um engano?

Juliette desviou o olhar.

– Será mesmo a melhor altura para defenderes o teu companheiro de armas?

– Sou um homem morto, querida. Que mal faz responderes a essa pergunta?

Que mal fazia? Apenas à sua dignidade.

– Nada disso, Marshall Seo – disse Juliette. Limpou rapidamente o olho. – Não tinha de te salvar. Podia ter-te dado um tiro na cabeça.

– Mas salvaste-me – disse Marshall. – Porque o amas.

Juliette fez um som gutural que exprimia frustração.

– Não digas isso. Não fales tão alto.

Marshall fez um gesto em redor, como que a perguntar: *Quem está a ouvir?* Ninguém. Ninguém estava a ouvir. Ninguém ouviria aquela confissão de Juliette, além de um homem morto que andava e não a podia levar a lado nenhum.

– E ama-lo o suficiente para fazeres com que te odeie.

– Ele *deve* odiar-me – respondeu Juliette, cansada. – Matei-lhe a mãe.

– Pessoalmente? – perguntou Marshall, que sabia a resposta.

– Não. – Juliette olhou para as mãos. Tinha um arranhão de lado no pulso. Não fazia ideia de como ali tinha ido parar. – Mas dei-lhes a localização dela com maldade. Foi o mesmo que segurar a faca.

Marshall olhou em frente, para ela, sem falar durante um longo momento. Havia pena no seu olhar, mas Juliette percebeu que não se importava. A pena de Marshall Seo não a irritava. Sentia-a um pouco cálida, um pouco bondosa.

– Antes que me deixes outra vez com a mesma pressa de antes – disse Marshall depois de uma pausa –, enquanto eu ainda sangrava para as ligaduras, tenho um pedido a fazer.

Podia ser imaginação sua, mas Juliette achou que a voz dele enfraquecera um pouco. Franziu o sobrolho.

– Diz.

O olhar de Marshall Seo desviou-se.

– Benedikt.

– Não podes – respondeu Juliette imediatamente, sabendo de que pedido se tratava, mesmo sem ele elaborar mais. Afinal, não tinha sido imaginação sua. – Basta mais uma pessoa saber este segredo para tornar isto cem vezes mais perigoso.

Juliette imaginava Tyler a descobrir que Marshall estava vivo. Imaginou-o numa cruzada para descobrir o seu paradeiro, fazendo mal a todos os que pudessem saber a localização dele. Imaginava que Benedikt não gostaria muito dela, mas não deixaria Tyler fazer-lhe mal.

– Se calhar, vou ter de me esconder durante meses – disse Marshall com os braços na zona central do corpo. – Vai ter de acreditar que estou morto durante *meses*.

Juliette sentiu um aperto no peito.

– Lamento – sussurrou ela. – Mas peço-te como favor pessoal, o Benedikt Montagov tem de acreditar. Tem mesmo.

As tábuas do soalho rangeram. Os blocos das paredes e do teto chiaram, deslocando-se com o uivo do vento lá fora. Passou-se uma pequena eternidade, com Juliette de respiração sustida até Marshall anuir por fim, de lábios comprimidos.

– Não vai demorar muito – garantiu-lhe Juliette, empurrando o cesto de comida para a frente. – Prometo.

Marshall anuiu de novo, desta vez como reconhecimento da promessa dela. Quando ela o deixou, fechando a porta atrás de si com um estalido discreto, Marshall fitava, pensativo, a janela, semicerrando os olhos para olhar por uma fenda no vidro debilmente entaipado.

Juliette regressou às ruas, ao fervilhar de atividade e da barulhenta anarquia. O céu estava escuro e o dia fora longo, mas o centro da cidade já regressara à agitação habitual, aos vendedores que vendiam os seus produtos e aos mercadores que berravam os seus preços, como se não tivesse havido monstro nenhum em pé de guerra há umas horas.

E aos gângsteres. Gângsteres, a espreitar em cada canto, de olhos postos em Juliette quando ela passava.

– Miss Cai! Miss Cai!

De sobrolho franzido, Juliette fez uma pausa e virou-se, deparando com um mensageiro que corria para ela. Pareceu-lhe vagamente familiar ao aproximar-se, mas só quando lhe entregou um bilhete com a caligrafia de Kathleen o reconheceu como um dos homens que ela mandara ao Bund.

– Encontraram o que eu pedi? – perguntou Juliette.

– Não havia nenhum inseto gigantesco – relatou o mensageiro. – Mas Miss Kathleen pediu que lhe entregasse isto o mais depressa possível.

De sobrolho carregado, Juliette pegou no bilhete e abriu-o. Não era um bilhete *de* Kathleen, mas aquilo que parecia ser a cópia de uma carta, assinalada como tendo sido enviada a Paul Dexter e endereçada a um lugar que Juliette não reconheceu imediatamente, identificado apenas como estando no seio da Concessão Francesa.

Juliette leu a única linha rabiscada, semicerrando os olhos para decifrar a caligrafia alongada e espichada, que encaixava perfeitamente em Paul Dexter.

Quase desejou que assim não fosse.

Na eventualidade da minha morte, por favor, liberte-os a todos.

O suor frio que lhe perpassou o corpo foi imediato. Toda ela ficou possuída por um terror que lhe chegava aos ossos, deixando-a completamente entorpecida.

– O que é isto? – exigiu saber Juliette. – Mas que *raio* é isto?

O mensageiro pestanejou para ela, atónito.

– Miss Kathleen só disse para eu lhe entregar…

Juliette entregou-lhe de novo o bilhete. O mensageiro não reagiu suficientemente depressa para o apanhar, antes que o pedaço de papel caísse ao chão, aterrando no cascalho, como uma borboleta a pousar suavemente. Foi imediatamente esmagado sob o pé de Juliette quando ela avançou um passo, quando inspirou bruscamente e procurou desesperadamente à sua volta tentando pensar, pensar, pensar…

– Não – murmurou ela roucamente. – Não, ele não pode ter…

Os sinos ao longo da rua começaram a tinir, sete vezes, assinalando a hora.

E, à distância, um coro de gritos rasgou a cidade.

CONTINUA…

Agradecimentos

Quando eu era uma leitora adolescente, quase nunca lia a secção de agradecimentos, a menos que fosse para procurar o nome de alguma pessoa famosa e sei que muitos de vocês também são assim. Portanto, antes de começar, quero apenas declarar que Não Sou Como Os Outros Agradecimentos, com o que quero dizer que sou *exatamente* como os outros agradecimentos, só que mais odiosos, de modo que tu, que estás prestes a fechar o livro, provavelmente devias ler-me.

O meu obrigada a Laura Crockett, pois acreditaste neste livro, e em mim. Espero que saibas que, depois de todas as nossas trocas de *emails*, por mais mundanas que sejam, sou obrigada a fitar alegremente o vazio durante uns minutos, para lidar com o apreço que tenho por ti. Viste o meu conceito louco de Romeu e Julieta a matarem um monstro na Xangai dos anos vinte, governada por gângsteres, tiraste-o do teu monte e defendeste-o com um brilhantismo tal que me senti segura em todos os passos do caminho. Tenho tanta, mas tanta sorte em ter-te do meu lado. Obrigada também a Uwe Stender, por financiares a magia que é a Triada US, e obrigada a Brent Taylor e a toda a equipa da agência, pelo seu trabalho maravilhoso.

O meu agradecimento a Tricia Lin, pelo génio editorial que me envolve completamente. Desde o momento em que falámos ao telefone, soube que vias exatamente o que eu queria que este livro fosse e a tua visão e orientação transformaram-no, de um botãozinho engraçado num arbusto de rosas em flor. Não podia estar mais grata. Agradeço também a Sarah McCabe, por me aceitares com tanto cuidado e entusiasmo. Obrigada a Mara Anastase a todos na Simon Pulse, pela paixão e trabalho árduo: Chriscynethia Floyd, Sarah Creech, Katherine Devendorf, Elizabeth Mims, Sara Berko, Lauren Hoffman, Caitlin Sweeny, Alissa Nigro, Anna Jarzab,

Emily Ritter, Annika Voss, Savannah Breckenridge, Christina Pecorale e o resto da equipa de vendas da Simon & Schuster, Michele Leo e a sua equipa de escolar/biblioteca, Nicole Russo, Cassie Malmo, Jenny Lu e Ian Reilly. O meu obrigada a Billelis, pela linda capa, tive literalmente de me deitar depois de a ver pela primeira vez. E o maior dos agradecimentos a Deborah Oliveira e Tessera Editorial pela leitura atenta e pelas notas.

Obrigada a Māma e Bàba, por me apoiarem incondicionalmente. Em todos os passos da vida, sempre me impeliram a ser o melhor que sou capaz e me deram o melhor que podiam. Foram as vossas histórias à mesa de jantar, as vinhetas aleatórias nas grandes viagens de carro e a própria maneira como me criaram que semeou o meu amor pela cidade sobre o mar. Estou contente por ter sido feita com os vossos genes. E sim, arrependo-me *mesmo* de ter desistido das aulas de chinês, há dez anos. Obrigada por não me esfregarem isso na cara assim tanto e obrigada por me traduzirem os documentos históricos que vos envio, por procurarem coisas que não consigo encontrar em *websites* em inglês e por se certificarem de que o meu pinyin não está terrivelmente fora de tom. Obrigada também àqueles com quem partilho os genes, Eugene e Oriana, que têm de acompanhar os meus estranhos pedidos no grupo WeChat da família.

Obrigada a Hawa Lee, a minha melhor amiga. Desde os nossos tempos como alunas irritantes do sétimo ano, a cantar Selena Gomez ao fundo da sala de aula, até agora, sempre foste a mulher mais fixe e eu adoro-te até ao fim dos tempos. Tu leste a primeiríssima versão deste livro e disseste que as minhas palavras se desenrolam na tua cabeça como um filme: aqueceu-me o coração então e aquece-mo agora. Obrigada a Aniket Chawla, também minha melhor amiga. Enquanto escrevo estas palavras, estás finalmente a ler este livro, depois de teres mandado os meus rascunhos anteriores para o

spam, mas eu perdoo-te porque és uma alma bondosa, que tentou ensinar-me matemática no décimo primeiro ano e também te adoro até ao fim dos tempos. Obrigada a Sherry Zhang, a quem carinhosamente chamo Sherry Berry, por me ofereceres os conselhos mais sábios nos meus momentos de maior pânico. Foste literalmente uma santa quando eu andava de um lado para o outro no nosso quarto de hotel minúsculo em Wellington, a tentar perceber o que fazer com a minha carreira. Também vou sempre torcer por ti. Obrigada a Emily Ting, um raio de luz, por te entusiasmares com a minha escrita desde o início (ou seja, do nono ano na disciplina de Ciências), mesmo quando eu era uma convencida.

Os meus agradecimentos a Mr. Randal, por ser um professor de Inglês espantoso e ter tanta paixão a ensinar Shakespeare. Devo completamente o meu amor pela língua a essas aulas do décimo segundo e décimo terceiro anos, a analisar metáforas, simbolismo e imagética, e espero que todos os seus futuros alunos se deem conta da sorte que têm por tê-lo como professor. Obrigada também a Ms. Black e a Ms. Parkinson, por serem tão encorajadoras a apoiar o meu pequeno clube NaNoWriMo e também por serem maravilhosas no departamento de Inglês.

Obrigada à professora Chi-ming Yang, por concordar em supervisionar o meu projeto de investigação paralelo a este livro, ouvindo as minhas ideias intermináveis acerca da classificação literária «Jovens Adultos» e me ajudar a concentrar num estudo produtivo. Obrigada também à professora Josephine Park por ser a melhor quando todos os meus obstáculos de estudante começaram a aparecer e por me orientar através de tudo de maneira tão paciente.

Obrigada a João Campos por leres o confuso primeiro rascunho deste livro com entusiasmo e pelas notas e espantosas sugestões, que tanto

melhoraram estas personagens. E também por seres o melhor a dar abraços. Obrigada a Ryan Foo, por teres sempre a melhor opinião deste livro e me alegrares. Obrigada por me prometeres que serás meu advogado de defesa se eu um dia matar um homem. Estou a contar contigo. Obrigada a Andrew Noh, por me dares chá metafórico e por me entreteres quando eu estava a morrer com o processo de edição deste livro, e por verificares o meu francês. Obrigada a Kushal Modi, também por verificares o meu francês e assegurares que não me expresso como uma aluna do quinto ano, assim como por me fazeres companhia sempre que me enfio no meu quarto a escrever. E, claro está, obrigada a Jackie Sussman, por sempre me ouvires a ter ideias sobre intrigas e por aturares a fita adesiva no nosso quarto com redes de personagens e não te sobressaltares de medo sempre que exclamo em voz alta que resolvi alguma coisa. Obrigada a Rebecca Jiang e a Ennie Gantulga, por serem fantásticas amigas e companheiras de casa e por fazerem do nosso apartamento um lugar de risos. Obrigada a Anastasia Shabalov pelas notas brilhantes que fizeste a um rascunho antigo deste livro, pelas nossas longas conversas sobre o mundo editorial e também por verificares o meu russo para termos a certeza de que ninguém estava aqui a chamar ratazana a outro.

Obrigada aos meus primeiros leitores, também conhecidos como os amigos que fiz na internet. A Rachel Kellis – uma das minhas pessoas preferidas de sempre. As nossas conversas vão do comentário tão hilariante que literalmente não consigo respirar até observações sérias sobre a nossa escrita, passando por fazer a revisão dos *emails* uma da outra, em busca do tom certo e do número adequado de pontos de exclamação, e eu aprecio-as – e a ti – até aos confins da Terra. A Daisy Hsu – foste a minha primeira amiga da internet, o que é uma loucura, porque na verdade temos amigos

em comum na vida real. É por causa das tuas sugestões de génio que deixei de ser branda com este livro e enfrentei a angústia. A Tori Bovalino – rainha das histórias sombrias e a minha pessoa preferida para me queixar de livros maus. Gosto muito da nossa amargura e posso sempre contar que fiques tão embasbacada como eu por causa de… decisões muito peculiares feitas na internet. A Eunice Kim – a pessoa mais simpática do mundo e mestre a ajudar-me a resumir coisas. Sabes que sou a maior fã da tua seleção de GIF. Lamento ter magoado os teus bolinhos de canela… não lamento? A Miranda Sun – minha companheira Gen Z descontente. Não sei como é que temos sempre tantas opiniões acerca de tudo, mas, por este andar, já escrevemos, sem dúvida, o equivalente a pelo menos dez romances nas nossas mensagens diretas, com os nossos comentários provocatórios. Brindo a mais um milhão de romances de mensagens diretas, cheias de comentários provocatórios. A Tashie Bhuiyan – com quem estou sempre a guinchar. Nem acredito que ficámos amigas por eu ter visto alguém que parecia o Gansey e ter começado a mandar-te atualizações em tempo real, mas isso é bastante representativo de nós. Não sei o que faria se não te tivesse para mandar todos os meus «mas que raio é isto»? A Alina Khawaja – estou siderada com o poder dos teus *memes* e pela força da tua coleção de *memes*. A página de *memes* deste livro é gerida unilateralmente pela tua força de vontade. E quando a força de vontade falha, haverá sempre a força da sede. A Molly Chang – a minha parada entusiasta de uma mulher só e a pessoa que me está sempre a incentivar a dar voz à minha Juliette interior (com o que espero que queiras dizer que eu devia ser mais dura com o mundo, não que devia ir à procura de uma luta de punhos). A Grace Li – por dizeres coisas tão simpáticas sobre o livro e por me inspirares com a dor bela que as tuas palavras provocam. A Zoulfa Katouh – rainha das imagens

de reação mais engraçadas que eu já vi, rainha a fazer as pessoas chorarem e rainha de tudo, na verdade. A Meryn Lobb – podias, literalmente, dar-me uma chapada na cara (e metaforicamente, com os teus comentários), que eu iria agradecer-te.

Obrigada às pessoas encantadoras do mundo editorial que são amáveis para comigo pela simples razão de serem amáveis. Obrigada a Tasha Suri por responder às inúmeras questões dos meus *emails*. Obrigada a Morgan Al-Moor por leres este livro e fazeres de mim a esteta mais fixe que já vi na vida. Obrigada a Faridah Àbíké-Íyímídé, por seres uma pessoa maravilhosa em geral e por montares o programa de orientação Avengers of Colour, que tanto me encheu de alegria. Obrigada a todos os membros do grupo Roaring Twenties Debut, a mais encantadora das comunidades. Um brinde a nós ultrapassarmos um dos mais difíceis anos de estreia, pessoal.

Obrigada aos bloggers que se entusiasmavam por mim quando a única coisa que havia disponível publicamente sobre este livro era uma frase publicitária *online*. Obrigada a todas as pessoas que eu adoro no Twitter que me enviaram *emojis* de olhos cheios de entusiasmo. Obrigada aos que fizeram tudo por tudo para me incluir. Obrigada a CW e todos os amigos de The Quiet Pond, Shealea, Danielle Cueco, Lily de Sprinkles of Dreams, Noémie de Tempest of Books, Karina de Afire Pages, Tiffany de Read by Tiffany, Laura de Green Tea and Paperbacks, Kate de Your Tita Kate, Fadwa de Word Wonders e tantos, tantos mais de que sei que devo estar a esquecer-me. E, porque posso fazê-lo, agradeço ao álbum *Hopeless Fountain Kingdom* de Halsey, que tocou em modo *repeat* enquanto eu escrevia o rascunho deste livro.

Obrigada aos meus *primeiríssimos* leitores, que leram este livro (e, tecnicamente, a sequela!) quando era tudo um grande manuscrito colocado

online em partes. Está quase irreconhecível agora, com exceção dos nomes das personagens, mas os vossos comentários foram essenciais para o moldar naquilo que é hoje. A Kelly Ge – foste a primeira pessoa a ouvir falar do conceito deste livro enquanto ideia e encorajaste-me a avançar. A Paige Kubenka – os teus comentários regulares fizeram-me continuar e significaram tudo para mim. A Gabrielle, Kamilia, Clairene, Hala, Aubry, Ejay, Tanvi – não sei os vossos apelidos e não sei se têm conhecimento de que a história que leram foi publicada, mas, se estão aí, e por acaso pegarem de novo neste livro, obrigada. A razão para eu ter continuado a escrever durante todos estes anos foi saber que havia alguém que dava importância às minhas palavras. Enquanto eu crescia, e independentemente da fragilidade do meu ofício quando comecei, nunca duvidei do valor das minhas histórias, porque tinha leitores que falavam daquilo que tinham gostado. Desde que eu tenha os meus leitores, nunca posso deixar de ser escritora. Sem os meus leitores, não sou, de todo, escritora.

Portanto, obrigada a *ti*, leitor. Obrigada por escolheres este livro.

Nota da Autora

Xangai nos anos vinte do século passado era um lugar vibrante e dividido e, embora muito tenha sido inventado em *Prazeres Violentos*, o ambiente é o mais fiel à História que eu consegui captar. Foi um tempo de tumultos políticos e dissidência, nacionalistas contra comunistas, e toda a cidade se encontrava numa corda esticada e a momentos de romper. Embora não houvesse uma vendeta, Xangai estava mesmo dividida: entre os estrangeiros, que ganharam controlo através de termos de tratados injustos, na sequência da derrota da China nas Guerras do Ópio; os franceses controlavam a Concessão Francesa, os britânicos, japoneses e americanos estavam no Colonato Internacional; e todas as injustiças que Juliette menciona são retiradas diretamente de livros de História. Os estrangeiros construíram parques e exigiram que os chineses ficassem fora deles. Despejavam fundos na cidade e, embora a China nunca fosse formalmente uma colónia, era precisamente isso que se passava em Xangai: uma colonização segmento a segmento.

Portanto, Xangai foi crescendo sem lei neste clima e sim – era mesmo governada por gângsteres! Como cada território estrangeiro era governado por um país diferente, havia diversas leis a vigorar nas diversas partes de Xangai. Acrescente-se as regras de extraterritorialidade para cidadãos não chineses – ou seja, os cidadãos estrangeiros não podiam ser perseguidos pela lei chinesa, mas apenas pela lei do seu país de origem – e era quase impossível governar Xangai como uma cidade. Embora o Gangue Escarlate não tenha existido, os Escarlates baseiam-se no bem real Gangue Verde (青帮; Qīng Bāng), que se dizia estar envolvido em todos os crimes que ocorriam na cidade. Eram oficiosamente uma força governamental e um dos maiores gângsteres – pense-se em alguém com o estatuto de Lord Cai –

também trabalhava como detetive na polícia da Concessão Francesa. Os Flores Brancas também não existiram, mas, nessa década, a população russa de Xangai crescera o suficiente para constituir uma enorme fatia da população. Xangai era um porto franco, de modo que os que fugiam da guerra civil russa podiam entrar facilmente na cidade, sem precisar de vistos nem de licenças de trabalho. Eram tratados pessimamente pelos europeus ocidentais e faziam trabalhos menores, como recolher o lixo, ou trabalhos mal pagos, como dançar em clubes. Na minha recriação, há uma razão para o Gangue Escarlate e os Flores Brancas estarem em pé de igualdade, agarrando-se ao que sobrava da cidade enquanto os estrangeiros a devoravam em grandes tragos casuais.

Escusado será dizer que as personagens que aparecem em *Esses Prazeres Violentos* são elementos da minha imaginação. Os nacionalistas e os gângsteres verdadeiros colaboravam muitas vezes, é verdade, mas todos os nomes e personalidades específicos foram inventados. Havia, de facto, um secretário-geral do Partido Comunista, mas Zhang Gutai não foi uma pessoa real. Dito isto, devido à guerra civil posterior, existem grandes falhas nos registos no que toca a quem tinha a posição de secretário-geral e diversos outros papéis, portanto, quem sabe o que *realmente* se passava na altura? Por vezes, nem sequer a história real tem certezas: as memórias perderam-se, as provas foram destruídas, os livros de registo foram intencionalmente eliminados.

Uma coisa *é* certa: não havia um monstro a espalhar uma epidemia contagiosa em Xangai que levava as pessoas a dilacerar o pescoço. No entanto, havia fome e desvalorização salarial e condições laborais terríveis e, na História real, isso bastou para incitar centenas de greves, envolvendo centenas de milhares de trabalhadores só em 1926. Se eu tivesse aderido a

uma cronologia histórica verdadeira e as incluísse a todas e não apenas aquela que se desenrola mesmo no final do livro, haveria interrupções a cada capítulo. No mundo de *Esses Prazeres Violentos*, foi as pessoas a caírem mortas por causa da loucura aquilo que intensificou a raiva e incitou a revolta. Na verdade? Mesmo sem um monstro tumultuoso, foi suficientemente mau que os sindicatos se sublevassem contra estrangeiros e gângsteres, em igual medida, numa tentativa de mudar o modo de vida dos trabalhadores. Quanto a como foi que tudo se desenrolou a partir de então, deixo o resto para a nota da autora no final da sequela…